

AS FÔRCAS FÍSICAS DA MENTE

TOMO 1

**OSCAR G.
QUEVEDO**

**EDIÇÕES
LOYOLA**

Telergia
Luzes do "além"
Pancadas
misteriosas
Ectoplasma
Movimento de
objetos
Fantasmas
Transfiguração
Materialização

Copyright de
EDIÇÕES LOYOLA

Seminário Concórdia
Biblioteca

Sist. _____
Reg. _____
Proc _____
Data _____

Ca pa
GUILHERME VALPETERIS

Direitos reservados

EDIÇÕES LOYOLA
Rua Vergueiro, 165 — Caixa Postal, 12.958 — Tel.: 31-1648 — São Paulo

Impresso no Brasil

ÍNDICE DO TOMO I

PRÓLOGO 7

INTRODUÇÃO

Classificação e localização do tema 11

Primeira Parte

FENÔMENOS DE TELERGIA

1. TELERGIA

O homem e seu complexo energético 21

2. FOTOGÊNESE

Luzes do além? 63

3. TIPTOLOGIA — I

Golpes ou pancadas sem causa aparente 85

4. TIPTOLOGIA — II

O inconsciente golpeia à distância 111

5. PSEUDOTELECINESIA?

Pode a mente movimentar objetos? 131

6. TELEKINESIA — I

Ciência comprova: a mente movimenta objetos 145

7. TELEKINESIA — II
Em plena luz o poder da mente movimenta objetos 177
8. TELEKINESIA — III
Análise interna da Telekinesia 197

Segunda Parte

FENÔMENOS DE ECTOPLASMIA

9. ECTOPLASMIA
Exteriorização do plasma humano 229
10. ECTO-COLO PLASMIA
Podem-se produzir instantaneamente membros humanos .. 263

(Continua no Tomo II)

Prólogo

Êste livro, em dois tomos, “As Fôrças Físicas da Mente”, é continuação de “A Face Oculta da Mente”. Constitui o segundo e terceiro volumes da coleção em que, através das Edições Loyola, trataremos, de maneira sistemática, todos os fenômenos e temas parapsicológicos.

O teor da coleção equidista tanto da rigorosa metodologia científica como da pura divulgação. Evitamos no texto os detalhes demasiado minuciosos, que afastariam algumas pessoas de cultura média. Para as pessoas que queiram s? aprofundar nos temas tratados, colocam-se abundantes notas bibliográficas. Igualmente só nas notas damos a descrição detalhada dos aparelhos utilizados nas experiências que citamos.

Servindo-nos de livros que têm tradução portuguesa, introduzimos, às vezes, algumas pequenas modificações para acompanhar melhor o original, ou para corrigir traduções menos claras. Quando nós mesmos traduzimos para o português, seguindo uma tradução estrangeira mais conhecida, francês por exemplo, vez por outra nos desviamos um pouco da tradução que usamos, se assim o aconselha o original inglês, italiano, alemão...

Os fenômenos parapsicológicos com freqüência estão intimamente entrelaçados uns com os outros. E o mesmo podemos dizer dos diversos aspectos de um mesmo fenômeno. <) leitor entenderá que nem sempre se podem evitar alusões a fenômenos ou aspectos que só mais adiante, ou em outros volumes, deveremos expor.

TOMO I

Introdução

CLASSIFICAÇÃO E FOCALIZAÇÃO DO TEMA

*Revisão necessária. — A futura investigação.
— Mais importante fora do Espiritismo. — O conceito de médium.*

No volume anterior dividíamos os fenômenos parapsicológicos em fenômenos *de efeitos psíquicos* (telepatia, clarividência. .,) *de efeitos físicos* (casas assombradas, levitações . . .) e *de efeitos mistos* (faquirismo, curandcirismo...).

Mantemos a nomenclatura por ser mais clara, e por não estar oficializada a que foi proposta na Conferência de Parapsicologia celebrada na Universidade de Gotinga (Alemanha) em 1960. Segundo esta nomenclatura a Parapsicologia estudaria os fenômenos *parapsíquicos* (efeitos psíquicos), *parafísicos* (efeitos físicos) e *parabiológicos* (efeitos mistos).

Muitos anos antes, o Congresso Internacional de Investigações Psíquicas, celebrado no ano de 1923, em Varsóvia, após afirmar expressamente que não desconhecia os efeitos mistos, classificava os efeitos "puros" em *parapsicológicos* (efeitos psíquicos) e *parapsíquicos físicos* (efeitos físicos). Mas também esta nomenclatura não triunfou entre os especialistas.

E outras nomenclaturas são mais particulares ainda.

Nestes dois tomos tratamos somente de alguns fenômenos de efeitos físicos. Dizemos alguns: é impossível estudá-los to-

1. Cfr. "A Face Oculta da Mente", Cap. 4.

dos em tão curto espaço. Começamos aqui pelos fenômenos mais clássicos: os fisiológicos e entre eles os mais básicos, fundamento que são de outros fenômenos mais complexos.

Raridade e importância — Os fenômenos de efeitos físicos são muito mais raros do que os fenômenos de efeitos psíquicos. Somente um pequeno número de dotados é capaz de produzi-los. E mesmo entre as pessoas que manifestam fenômenos de efeitos físicos é muito comum tratar-se apenas de fenômenos mais simples como a tiptologia (golpes ou pancadas sobre a mesa ou paredes sem contato ou com contato insuficiente), a fotogênese (luzes errantes...) ou em último caso, bem mais raro, a telecinesia (movimentos de objetos sem contato). Nestes mesmos fenômenos mais simples, raramente conseguem essas pessoas algum grau mais notável.

Esta mesma raridade, os tornou mais desconhecidos ainda e mais discutidos do que os fenômenos de efeitos psíquicos. Mas são, em, geral, mais espetaculares, mais maravilhosos. E pela sua mesma natureza, mais interessantes e com maiores implicações, talvez, para outros ramos da ciência, não só para a fisiologia, medicina, psicologia, psiquiatria, como também para a antropologia, sociologia e até para a Religião.

A força causadora — Para explicar os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos todos os especialistas antigos e modernos estão de acordo em que os "dotados"⁷⁷ exteriorizam uma força.

As divergências surgem quando se trata de estabelecer a natureza geral e particular dessa força. Para uns trata-se de uma força material. Para outros de uma força espiritual.

Justamente no exclusivismo está o erro. Queremos provar que existem as duas forças: umas vezes há exteriorização de uma força material, outras vezes exteriorização de uma força espiritual.

No primeiro caso, temos os fenômenos que classificamos, seguindo a classificação já estabelecida em "A Face Oculta da Mente", como *extraordinário-normais*, materiais, sensoriais.

No segundo caso, trata-se de fenômenos *paranormais*, extra-sensoriais, imateriais.

Deveremos provar contra os que defendem só a exteriorização de uma força espiritual, que existe também exterioriza-

ção de uma força material nos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos. Só de alguns destes fenômenos E. N. (extraordinário-normais) trataremos neste livro.

Contra os que defendem unicamente a exteriorização de uma força material, provaremos (em outro livro) que existe também em certos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, exteriorização (atuação fora do corpo do dotado) de uma força espiritual; e discutiremos se todo o fenômeno ou só parte dele, se explica por essa força espiritual.

Isto quanto à natureza geral da força. No que se refere à natureza particular da força espiritual os seus defensores facilmente podem pôr-se de acordo; é uma manifestação da classicamente chamada alma humana.²

No que se refere à natureza particular da força material, há uma grande divergência: energia elétrica, magnética, nervosa, vital, etc., etc. Nós exporemos as diversas teorias, sobretudo no capítulo primeiro, tratando de tirar a limpo o que parece mais admissível no estado atual da ciência.

Revisão necessária — Todos os fenômenos parapsicológicos têm sido muito discutidos. Tem havido afirmações e negações demasiado gerais, sem suficiente aprofundamento do problema. Mesmo entre os conhecedores que, como tais, admitem os fenômenos parapsicológicos de um modo geral, encontram-se posições as mais extremas de aceitação ou rejeição com respeito aos fenômenos de efeitos físicos.

É praxe escreverem os autores sobre toda a parapsicologia, todos os fenômenos, todas as causas, teorias, técnicas, implicações, etc. em um só volume ou em poucos livrinhos pequenos; ou pelo contrário restringirem-se aos estudos de uma só determinada escola.

2. Fora do campo mais diretamente científico-experimental, há muitas tendências: tais fenômenos parapsicológicos não seriam uma manifestação da alma humana, a alma dos homens vivos, mas manifestações de outros seres espirituais como as almas dos mortos, demônios, anjos ou do mesmo Deus...

Em outros volumes estudaremos estes temas intimamente relacionados: com a Parapsicologia, e rejeitaremos detidamente tais explicações, só admitindo excepcionalmente alguma intervenção perceptível de Deus no nosso mundo natural; isto é, fenômenos por poder divino, não por influência demoníaca, ou dos mortos, etc.

A atuação dos anjos e demônios é meramente na ordem sobrenatural, e não da graça, não no mundo natural.

Desta forma as afirmações ou negações são necessariamente incompletas.

É necessário recolher todo o material, o da escola norte-americana e o da russa; da França, da Alemanha, da Itália. .. o antigo e o moderno. .. Depois comparar, classificar, analisar, distinguir...

Para tanto, deveremos necessariamente dedicar bastante tempo e espaço aos fenômenos de efeitos físicos, tão discutidos, a fim de darmos suficientes dados que nos possibilitem comparar, distinguir e concluir nas discussões.

Hoje, à luz dos conhecimentos modernos, já é possível uma análise e avaliação justa das experiências e observações dos antigos. O tempo se encarregou de desgastar as teorias fracas e a distância nos permite uma visão de conjunto.

A futura investigação — Modernamente, pouco se fez na pesquisa de fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, exceção feita para os últimos anos. A “Sociedade de Investigações Psíquicas” de Londres, alegou que era necessário primeiramente investigar os efeitos psíquicos, os fenômenos de conhecimento, mais freqüentes e mais facilmente analisáveis em laboratórios. Outros alegaram que já passou a época dos grandes dotados para efeitos físicos.

Em todo caso, hoje já está suficientemente desvendado o mistério dos fenômenos parapsicológicos de efeitos psíquicos. É necessário abordar os de efeitos físicos.

No Brasil, devido à difusão extraordinária do espiritismo, que ocasiona comentários e discussões contínuas sobre estes fatos, talvez os dotados para fenômenos de efeitos físicos sejam mais numerosos. Havia falta total aqui de investigação científica, com desperdício, talvez, de excelentes oportunidades de experimentação.

Para a investigação científica dos fenômenos parapsicológicos, especialmente dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, as Faculdades Anchieta, de São Paulo, estão montando um amplo e modelar Instituto de Parapsicologia.

Uma das finalidades desta coleção e especialmente dos volumes que dedicamos ao estudo dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos é a de recolher e sistematizar os tra-

balhos dos investigadores antigos. O conhecimento “estado da questão”, do que já se fez e do que falta por servir de base e orientação às pesquisas modernas.

Não falaremos, a não ser excepcionalmente, das experiências e observações contemporâneas, recém-começadas. Memoravelmente, nem de nossas experiências pessoais. Incluiremos num livro dedicado às revisões modernas.

Fraudes sempre? — Provavelmente, as freqüentes fraudes foram o principal motivo de muitos “conhecimentos” terem sido rejeitados os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos.

A fraude foi sempre um “handicap” a superar a investigação parapsicológica. E especialmente na investigação dos fenômenos físicos da parapsicologia. Poderíamos até dizer que quase todo o método, a principal técnica e o preparo especializado para a investigação dos fenômenos físicos, é aquele que melhor evita a fraude.

Por isso ao estudarmos os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, necessariamente temos de insistir, pois do que noutros temas, no estudo das fraudes.

Mas, do fato de que existam muita fraudes não se pode concluir, sem mais, que os fenômenos físicos da parapsicologia sejam sempre fraudulentos. Como do fato que algumas vezes existam fenômenos parapsicológicos, não se pode deduzir que nunca sejam fraudulentos.

Nova revisão — É preciso revisar as posições tomadas; as que afirmam e as que negam. Veremos que no meio científico a verdade, ao menos em alguns tipos de fenômenos, embora devamos rejeitar totalmente outros fenômenos, justamente após a recopilação e análise de quanto até hoje tem observado e investigado a respeito. Fica para o futuro a determinação científica do verdadeiro e do falso como tais.

Tratando-se de uma revisão sistemática, o leitor médio, nem sempre poderá ser máximo, para o livro, especialmente nos primeiros capítulos. A menos que, porém, um “crescendo” de interesse.

Fora do espiritismo — Na revisão das observações e experiências até hoje realizadas, escolhemos as melhores por

sábios conhecidos, fora das sessões de espiritismo. Não citamos, a não ser esporadicamente, as experiências que se realizam nas sessões de espiritismo, e que amplamente se descrevem nas revistas e jornais espíritas. São sessões menos controladas. Trata-se de uma cerimônia “religiosa”. O ambiente, a formação dos assistentes, o “espírito-guia”, etc., impedem uma verdadeira observação científica. Repetimos as palavras de Richet, que aliás refletem o parecer geral dos investigadores: “Seria alongar desmesuradamente o capítulo da Metapsíquica objetiva (isto é, dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos) referir todas as experiências consignadas nos jornais espíritas. Nelas há raps, levantamento de mesas com contato ligeiro ou sem contato, deslocamento de objetos diversos... Notemos somente que as condições de controle eram manifestamente piores que as dos casos que acabo de relatar”.³

Fora do espiritismo, em toda classe de ambientes, como demonologia, bruxaria, hagiografia, aissuismo, faquirismo, yoguismo, etc., ou em casos sem classificação definida, os fenômenos parapsicológicos são mais frequentes do que dentro das sessões com meaiuns espíritas.

Os espíritas resolvem a dificuldade dizendo que os fenômenos que se dão fora do espiritismo são realizados por médiums inconscientes, instrumentos inconscientes dos espíritos dos mortos. Na realidade, é tudo o contrário; também os chamados médiums são dotados, isto é, pessoas que manifestam faculdades parapsicológicas, que nada tem a ver com o além, como nada tinham a ver com o além as chamadas pitonisas, faquires, bruxos, endemoninhados, etc.

A palavra “médium” — Às vezes, traduzimos a palavra médium pela palavra “dotado”, ou “ectoplasta”, dado o significado que ainda hoje, na América Latina principalmente, se atribui à palavra “médium”. Em outros países tecnicamente, a palavra médium não sugere nenhuma comunicação com o além. Quando nós mesmos empregamos a palavra médium, evidentemente não aprovamos a significação de intermediário ou instrumento pelo qual os mortos se comunicariam com os vivos.

3. Richet, Charles: “Traité de Métafsy chique”, 2.^a edição, Paris, Alcan. 1923. pág. 551.

O próprio Camilo Flammarion, que fôra colaborador de Allan Kardec e um dos mais destacados pioneiros do espiritismo, quando já começava a convencer-se de que os fenômenos parapsicológicos nada tem a ver com os espíritos dos mortos, protestava contra o emprego da palavra ‘médium’ e propunha a palavra “dinamógeno”. Para mais precisão, eis as suas próprias palavras: “Em matéria de espiritismo o campo está franqueado a todas as hipóteses explicativas. Nota-se que as comunicações ditadas pelas mesas estão em relação com o estado de alma, com as idéias, opiniões, crenças, conhecimentos, etc. dos próprios experimentadores. Serão então um como reflexo desse conjunto”.

“Prejulgando o que estava por demonstrar, a palavra ‘médium’ é inteiramente descabida, considerando a pessoa dotada dessas faculdades como intermediária dos espíritos e dos homens... A rotação de mesas, o seu levantamento, o desvio de um móvel, o agitar de uma cortina, a audição de rumores são causados por força emanada daquela pessoa ou do conjunto dos assistentes. Nós não podemos, a rigor, dizer que haja sempre um espírito em tudo isso, para satisfazer nossas fantasias. E a hipótese (espírita) é tanto menos necessária, quanto os pretensos espíritos nada nos ensinam”.

“Na maior parte das vezes, o que atua, certamente é a nossa força psíquica. A pessoa que exerce a principal influência nessas manifestações deveria chamar-se ‘dinamógeno’, pois que engendra força. Êste parecc-me o vocábulo mais apropriado, de vez que exprime o que se constata em todas as observações”.⁴

Mas a palavra “dinamógeno” não se difundiu entre os especialistas.

Alguns autores reservam a palavra “médium” para designar unicamente as pessoas que manifestam os fenômenos físicos da parapsicologia, empregando outra palavra, como “sensitivo”, por exemplo, para designar as pessoas que manifestam fenômenos psíquicos.⁵

4. Flammarion, Nicolas Camille: “Les forces naturelles Incornus”, IM ris, Flammarion, 1921, pág. 591.

5. Cfr., por exemplo, toda a nomenclatura proposta por Cazzamali, l’Vr<linando: “La Metapsichica, nuova disciplina scientifica”, em “Meta-psichica”, n.º 1, 1954, págs. 2-27.

1.2
P A R T E

Fenômenos
de T elergia

le e r g ia

O HOMEM E SEU COMPLEXO ENERGÉTICO

*Um mago c seu "fluido curadôr.— A fôrça
nêurica radiante. — Fluidos psíquicos. — Imanta-
ções fantásticas. — Aparelhos insatisfatórios.*

Para explicar os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, muito se tem falado de fluidos que emanariam do corpo humano. Robert Amadou mostrou que esta idéia tem origem em lendas e mitos da mais remota antiguidade.¹ O tema despertou a partir do século XVIII inúmeros debates que se acirraram na época da Metapsíquica.²

No fundo do conjunto das provas e objeções d'este tema secular encontramos hoje uma base firme, inicial, para ar-quitetar uma explicação parcial dos fenômenos físicos da Parapsicologia.

1. Amadou, Robert: "Esquisse d'une Histoire Philosophique du Fluide", em "Revue Métapsyehique", 1953, n.º 21, págs. 5 e ss.

2. O Instituto Metapsiquico Internacional de Paris se fêz eco em 1953 desta discussão, com numerosos artigos, em geral contra os "fluidos". < -onsultar-se-ão, com intêresse; embora nós, neste trabalho, defendamos a. tese afirmativa. Além do artigo de Robert Amadou, citado na nota :interior, cfr.: Warcollier, René: "Le Fluide", em "Revue Métapsychi- qüio", ibidem n.º 21, págs. 15 e ss.; Tenaille J.: "Le fluide, métaphore ou réalité objective?", ibidem, págs. 34 e ss.; e outra série de artigos de di- versos autores que se publicam à continuação' no mesmo número.

A melhor prova da existência destes “fluidos” encontramos na comprovação e análise dos mesmos fenômenos ao longo de todo o livro.

Magnetismo animal — Não obstante, antes dessa prova indireta, exporemos algumas experiências e observações que comprovaram diretamente esse “fluido”, que, em geral, chamaremos desde já telergia.³

O Dr. Franz Anton Mesmer passa por ser o inventor da teoria do magnetismo animal, também chamado mesmerismo:

“Assim como existe atração recíproca entre todos os astros, há igualmente de cada parte da terra para o todo, e ao contrário, como também de todas as partes entre si. Esta ação recíproca exerce-se por meio de correntes que saem e entram nos corpos, sendo tanto mais intensa a influência quanto maior for a analogia entre os corpos. Portanto, nada age mais eficazmente sobre o homem do que o mesmo homem”.⁴

O agente dessa influência seria um fluido universalmente difundido, análogo (não idêntico) ao magnetismo físico. Assim pensava Mesmer, influenciado pelos seus estudos astronômicos em Viena. Mesmer, porém, teve conhecimento de que um jesuíta, o Padre Maximiliano Hell, curava doenças, especialmente do estômago e dos dentes, friccionando os pacientes suavemente com um imã. Mesmer começou então a pensar que o fluido universal poderia ser dirigido sobre o corpo de outra pessoa, influenciando-a e intensificando suas propriedades e, por fim, curando-a.

Mais tarde, soube que outro sacerdote, o Padre I. I. Gassner, curava seus pacientes somente pelo tato. Influenciado

3. Algumas páginas desta comprovação da telergia são necessariamente um tanto áridas. Os leitores que preferiram uma informação somente superficial poderão inclusive, pular este capítulo, lendo unicamente o resumo final, passando logo após ao estudo dos fenômenos.

4. Mesmer, Franz Anton: “Les aphorismes de M. Mesmer dictés à l’assemblée de ses élèves”, 3.^a ed., Paris, Caullet de Veauemorel, 1785. Nós nos servimos da edição espanhola, tradução e prólogo de Edmundo Gonzalez Blanco: “Los fundamentos del magnetismo animal. Aforismos de Mesmer y Comentarios del dr. Caullet Deveauemorel”, Buenos Aires, Kier, 1954.

por este fato, Mesmer modificou pouco a pouco suas teorias, chegando a defender propriedades específicas no fluido humano: o magnetismo animal. Segundo Mesmer, este magnetismo animal é, logicamente, diferente do magnetismo físico, embora tenha uma semelhança com ele e possam ambos reforçarem-se mutuamente.⁵

As idéias de Mesmer tiveram a mais ampla e rápida divulgação.⁶ As controvérsias começaram também imediatamente.

A pedido do rei da França foram nomeadas, em 1784, duas comissões. A primeira constava de quatro médicos escolhidos pela Faculdade de Medicina de Paris e de cinco cientistas nomeados por colihidos entre seus membros pela Academia de Ciências de Paris. Entre estes, estavam os famosos sábios Franklin e Laplace. A segunda comissão foi nomeada pela Academia de Medicina, “Société Royale de Médecine”. Ambas apresentaram parecer negativo,⁷ expressado em frases taxativas pelo seu relator, o Dr. Bailly: “Os membros da comissão... concluíram unânimemente... que nada há que prove a existência do fluido magnético animal e que este fluido... não existe”.

De fato não houve tal unanimidade. Um dos comissionados, o Dr. Jussieu, recusou-se a subscrever o relatório e publicou o seu próprio, concluindo que, às vezes, alguma coisa “passa do homem ao seu semelhante e produz uma ação sensível”.⁸

E o parecer das comissões esteve muito longe de convencer a todos. Passados sessenta anos, a Academia, em 1831, retrata, para, em 1837, retratar-se da retratação.

5. Veja-se também, D’Eslon: “Observations sur le magnétisme animal”. Paris, Didot, 1780.

6. Bizouard (“Des rapports de rhomjme avec le demon” tomo VI, 1811) registra a imensidão de obras que, desde o começo do século XIX, foram publicadas sobre o magnetismo: “Em um só catálogo, reuni-se quarenta publicações. As revelações de Davis estão contidas em uma obra de oitocentas páginas. Esta, em 1802, alcançava sua primeira edição. Em 1853, uma dúzia de revistas e jornais se dedicaram a este estudo.”

7. Bailly: “Rapport des commissaires de la Faculté de médecine et de l’Académie des Sciences”, Paris, 1781. “Rapport des commissaires de l’Académie royale de médecine”, Paris, 1784.

8. Jussieu, Laurent de: “Rapport de l’un des commissaires”, Paris, 1781.

O que diz a ciência — As polêmicas tão acirradas no fim do século XVIII e primeira metade do século XIX,⁹ davam a impressão de que terminariam com uma posição quase unânime dos cientistas da segunda metade do século XIX, contra o mesmerismo, substituindo-o pelo hipnotismo. Mas, a questão dos “fluidos” ou magnetismo animal, modificada ou sob outros nomes, de novo entrou nas publicações dos metapsíquicos e dos parapsicólogos contemporâneos. Uma análise imparcial logo descobre dois erros. O erro dos mesmeristas, além de querer precisar prematuramente em que consistia essa força, foi o de querer reduzir todos os efeitos de suas experiências ao chamado magnetismo animal.

O erro dos contraditares foi o de não admitir nenhuma manifestação do magnetismo animal ou alguma força mais ou menos equivalente, explicando tudo pela sugestão, imaginação, cansaço, reflexos. ..

Para uns, sempre, para outros, nunca. Posições extremas que ainda hoje encontramos. As observações realizadas, porém, não autorizavam posições tão radicais.

As exceções DA regra — O Dr. Durand de Gros, apoiado depois por Boirac, foi o primeiro a sistematizar admiravelmente a distinção entre hipnotismo e mesmerismo.¹⁰ Podem realizar-se os fenômenos dos antigos mesmeristas sem “fluidos”; hoje isto é evidente.¹¹ Mas isto não quer dizer que

9. Binet, Alfred e Fere, C. (“Le magnetismo animal”, Paris, Alcan, 1887. Tradução inglesa: “Animal Magnetism”, New-York, D. Appleton & Co., 1888), apresentam uma excelente história crítica do magnetismo pessoal.

10. Durand de Gros, Dr. Philips: “Cours théorique et pratique de braidismo, ou hipnotismo nerveux considéré dans ses rapports” avec la psychologie, la pathologie, et ses applications à la médecine, à la chirurgie, à la médecine légale et à l’éducation”, Paris, Baillière, 1860. “Electrodynamisme vital, ou les relations physiologiques de l’esprit et de la matière démontrées par des expériences entièrement nouvelles et par l’histoire raisonnée du système nerveux”, Paris, Baillière, 1855.

11. A propósito da questão dos fluidos, veja-se o trabalho do doutor Pascal, na “Revue Métapsychique”, 1936. n.º 5, págs. 375 ss. Sobre a discussão entre hipnotismo e magnetismo, veja-se Paul Chauchard: “Hypnose et suggestion”, Paris P.U.F., 1951. E também o artigo de Laugler e Cardet em “Je sais tout”, Paris, fevereiro de 1938, págs. 467 ss.

não se possa exteriorizar um “fluido” humano. Escrevia Durand de Gros: “A sugestão (ou hipnotismo) e o mesmerismo são dois agentes distintos, igualmente reais, independentes um do outro, que se podem suprir e imitar mutuamente, como podem também se combinar para a produção de efeitos comuns”.

Hoje, se confirmam as exceções que Jussieu admitia quando se negava a assinar o parecer negativo da comissão de 1784. O “magnetismo, ao menos em manifestação “apreciável”, pertence ao campo parapsicológico: manifestações à margem do normal, não são frequentes; dão-se unicamente em pessoas “dotadas”, ou em circunstâncias especiais.

Isto já fora vislumbrado por Braid. Parecia que o famoso médico de Manchester daria um golpe mortal à teoria do mesmerismo, mas viu-se obrigado ele próprio a reconhecer que, em casos excepcionais, surgiam fenômenos maravilhosos que não podiam ser enquadrados na sua teoria do hipnotismo. Pertencem, como o mesmerismo mesmo ou “fluido” especial, à Parapsicologia: “Durante longo tempo eu acreditei na identidade dos fenômenos produzidos pelo meu sistema operativo (hipnotismo) e os dos provocados pelos partidários do mesmerismo. Agora, porém, após demoradas experiências realizadas propositadamente para definir essa identidade, creio em duas que existe certa analogia. . . Mas noto igualmente, a falta de analogias, profundíssimas diferenças... Parece que se deve considerar o hipnotismo e o magnetismo como dois agentes distintos”.¹²

O “fluido curador” — Os mesmeristas aplicavam seus Unidos com fins terapêuticos. Sem deixar de reconhecer, mais uma vez, que geralmente tais curas nada têm a ver

12. Braid James: “The power of the mind over the body, an experimental mental enquiry into the nature and cause of the phenomena attributed by baron Reichenbach and others to a new imponderable”, London, Churchill, 1846.

Braid, James: “Neurhypnology, or the rationale of nervous sleep connected with animal magnetism”. Londres e Edimbourg, Churchill, 1843. Tradução francesa de Simon, Jules: “Neurhypnologie. Traité de l’hypnotisme nerveux ou Hypnotisme”. com um apêndice resumindo os trabalhos de Braid até a sua morte (1860) e com um prefácio de Brown-Séquier, Paris, Delahaye, 1883. A esta obra corresponde a de Waite, “Braid on Hypnotism”, London, George Redway, 1899.

com. o fluido, não é menos verdade que, como se observou recentemente, os estudos científicos realizados pelos parapsicólogos com os curandeiros têm demonstrado que algumas pessoas dotadas manifestavam o “fluido curador” de modo notável. Em outro livro, deveremos falar amplamente das curas parapsicológicas. Agora só umas breves indicações.

Ângelo Achille, chamado “o Mago de Nápoles”, foi estudado em 1947 por uma comissão de parapsicólogos da “Società Italiana di Metapsichica”, de Roma. Além de constatar incontestavelmente, alguns movimentos de objetos, à distância (telecinesia), curas e alguns outros fenômenos parapsicológicos, o professor Maurogordato com* provou que Achille, quando da realização dos fenômenos, manifestava um potencial elétrico de duzentos milivolts (nas demais pessoas este potencial oscila entre 24 e 40) do que procedia, ao menos em parte, o seu “poder magnético”.^d

São freqüentes casos semelhantes dentro, claro está, da raridade dos fenômenos parapsicológicos. Outras vezes, o magnetismo dos curandeiros se deduz indiretamente.

Assim, por exemplo, no caso da Sra. Tommasini. Em 1939, os parapsicólogos doutores Boschi e Ruata, apresentaram-lhe pessoas colhidas dentre os próprios clientes, doentes de artrismo, paralisias, úlceras duodenais, neurites óticas, comprovando várias curas. Comprovaram que eram devidas ao “magnetismo” emitido pela Sra. Tommasini. Em alguns casos ficou excluída qualquer outra hipótese que não fosse este “magnetismo”. A sugestão, pensaram, poderia ser negligenciada em casos como a cura de um bebê pós-poliomielítico. Ela aplicava a mão sobre a parte afetada dos doentes, durante uns minutos, até vinte. A senhora Tommasini, educada e sincera, sem conhecimentos nenhuns de medicina, dizia sentir como que um esvaziamento de seu organismo. Experimentava um decréscimo de força, agitação nervosa, dores difusas. A emissão de “fluido curador” fazia uma curva ascendente e logo descendente, a julgar pelos efeitos na Sra. Tommasini e no paciente.

O caso da senhora Tommasini é típico em certa classe de curandeiros. Alguns magnetizadores ou mesmeristas especialmente dotados, talvez se devam classificar neste mesmo contexto parapsicológico.

13. “Noticiário de Metapsichica” na revista “Società Italiana di Metapsichica”, 1947-1948, n.º 9, págs. 11 ss.

O Dr. Esdaille foi um dos mais importantes cirurgiões dos chamados mesmeristas. É claro que geralmente tratava-se de hipnotismo e não de mesmerismo. O ambiente aliás em que exercia sua profissão, ajudava muito à sugestão... Calcutá era, naquele tempo, um outro mundo. Seus indígenas eram pessoas simples, abertas a toda classe de credices e mistérios, impressionados pelo prestígio do cirurgião europeu.

Numa ocasião, porém, aparece o magnetismo: os ajudantes de Esdaille se esforçaram, em vão, por colocar em sono hipnótico um paciente. O Dr. Esdaille se aproxima subrepticamente, por trás, e, sem ser percebido pelo paciente, logo o “magnetiza”, colocando-o em profundo sono. Noutra ocasião, um menino de doze anos não quer deixar-se hipnotizar. Para que não se distraísse, os ajudantes do Dr. Esdaille vendaram-lhe os olhos. Inútilmente tentaram hipnotizá-lo. Sem ser percebido pelo menino, Esdaille faz os passes “magnéticos”, colocando o menino em transe tão profundo, que puderam fazer, sem anestesia, uma difícil e prolongada operação cirúrgica no braço, recolocando os ossos de uma fratura complicada. A criança só acordou três horas mais tarde.^{13 14}

Êstes fenômenos, como veremos ao falarmos do “curandeirismo”, não são próprios do hipnotismo. Podem surgir também no hipnotismo, mas são fenômenos parapsicológicos. () que aqui nos interessa, é que Esdaille, como tantas outras pessoas semelhantes, parece ser um dotado capaz de liberar certas forças parapsicológicas e, concretamente, o chamado “magnetismo animal”.

Grandes cientistas, independentemente dos mesmeristas, tinham ter comprovado e descoberto o fluido humano de certos curandeiros. Por exemplo, os efeitos “desta propriedade têm sido observados nos enfermos, em 1846, por Arago e em 1858 pelo Dr. Pineaud. Em 1868, Bailly, sustentava, numa tese, a existência de uma “força nêurica radiante”.¹⁵

II Esdaille, J.: “Mesmerism in India and its Practical Applications in Surgery and Medicine”, Londres, 1846. Veja-se também: Esdaille, J.: “Mental and Mesmeric Clairvoyance”, Londres, Hyppolite Bailliére, 1852.

IV Resumo das experiências e observações desses doutores citados nos livros muitos feitos por Regnaud. Jules: “Phénomènes Odiques et Inconnus”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1905, n.º 17*1 ss. Na mesma Revista ver outro bom resumo de ordem geral:

1. • • it • i, sienson: “Sur les Radiations Humaine”, ibidem, 1906, págs.

Em 1880, o Dr. Baréty servindo-se de uma jovem histérica, acreditava ter pôsto em evidência a existência de “uma força particular do corpo humano conhecida vulgarmente sob o nome de magnetismo animal”¹⁶ e que êle, seguindo Bailly, que já citamos, chama “fôrça nêurica radiante”, na volumosa obra que publicou após sete anos de investigação.¹⁷

Êstes fluidos eram próprios de algumas pessoas em particular. Outras não o manifestaram. Trata-se de fenômenos parapsicológicos observados somente nos dotados.

Sintomas de desgaste físico — O “esvaziamento” orgânico do mesmerista tem sido notado. E’ evidente que tal “esvaziamento”, ao menos em grandíssima proporção, não passa de uma auto-sugestão, contra a qual advertem aos principiantes, todos os bons manuais de hipnotismo. Mas, há casos e casos. Alguns dotados, ignorantes inclusive das idéias mesméricas, até adversários do mesmerismo, têm experimentado maior ou menor “esvaziamento” próprio.

Eis uma descrição a modo de exemplo: “Não posso deixar do advertir os efeitos que o ato de magnetizar realiza em mim, como magnetizador. Sinto após cada manipulação algo prolongada, uma diminuição de minhas fôrças, uma debilidade que me molesta os joelhos ao caminhar depois de magnetizar. A côr de meu rosto passa a amarelo-pálido, perco o apetite, a digestão se dificulta, não sinto nenhum desejo sexual... custa-me pensar... Estes fatos não guardam nenhuma relação com o esforço muscular que realizo durante as manipulações, pois é escasso. Pressupõem, necessariamente, perda do meu fluido vital”.¹⁸

Êste fato tantas vêzes afirmado pelos curandeiros, era já advertido por Mesmer de outro ponto de vista: “Um cor-

16. Esse 6 o título da Memória que apresentou à Sociedade de Biologia, em 1881.

17. As propriedades, porém, que Baréty atribui à “fôrça nêurica” têm uma base menos firme: atravessaria um muro de oitenta centímetros, anestesiaria uma pessoa quando emitida pelos olhos e pontas dos dedos e, ao contrário, provocaria hiperestesia quando emitida pela bôea, no hálito, etc. Prescindamos dessas propriedades discutíveis: são freqüentemente erros de interpretação, o “fluido”, como tal, é que parece bem demonstrado por Baréty.

18. Gmelin: “Über den tierischen Magnetismus”, Zübingen, Heerbrandt, 1787.

po em situação de harmonia é insensível ao magnetismo;... pelo contrário, um corpo que tenha perdido a harmonia (doente), embora, de ordinário, não fôsse sensível ao magnetismo é-o agora.. . Curada a doença, o magnetismo perde seu influxo. A receptividade do magnetismo aumenta com as doenças”.¹⁹

O “ANTROPOFLUX” de Cazzamalli — O Dr. Ferdinando Cazzamalli, professor de Psiquiatria na Universidade de Módena, após comprovar os efeitos curativos do que êle chama “antropoflux” (fluido do homem) e que designa com a sigla “R” (fluido humano Radiante) fez inúmeras experiências de grande complexidade técnica, para descobrir êsses “fluidos”. Os resultados foram apresentados ao Congresso Internacional de Psiquiatria realizado em Paris em 1927.

Posteriormente, após novas verificações, apresentou os resultados ao “Quinto Congresso Internacional de Ciências Psíquicas”, celebrado em Oslo em agosto-setembro de 1935.

À medida que se realizavam as experiências, o doutor Cazzamalli foi fazendo abundantes publicações.²⁰

O antropoflux ou “R” só se percebia em pessoas que manifestavam poderes parapsicológicos. Com o emprêgo de complexos osciladores a triodo, por ondas ultracurtas, reguladores de oscilações sob comprimento de onda de quase um

39. Mosmcr, Franz Anton: “Los fundamentos. . .” o. c., pág. 89, aforismos CCX-CCXII.

20. Cazzamalli, F.: “Radio-onde cerebrali”, em “Róvue Métapsychique”, 1925, n.º 4; 1927, n.º 3 e N.º 4. “I Primi radio-cerebro-gramfii”, na revista “Radio”, Gênova, 1928. “Fenomeni elettro-magnetici radianti dal cervello umano in intensa attività psicosensoriale, rivelabili da compresso oscillatore a triodo per onde ultracorte”, no “Giornale di Psichiatria e di Neuropatologia”, 1933, fase. X.” Di un fenomeno cerebro-psichico (riflesso cerebropsicoradiante) come mezzo di esplorazione psicobiofisica”, no “Giornale di Psichiatria e di Neuropatologia”, 1935, I. “Di un nuovo apparato radio-elettrico rivelatore dei fenomeni elettro-magnetici radianti del cervello umano”, Milano, S.E.R.I.E., 1941, (e na revista “A Energia Elétrica”, vol. XVIII, 1941, fase. I). “Studi e ricerche di Metapsichica”, Società Italiana di Metapsichica, Roma, 1942, págs. 91 ss. “Metapsichica, Neurobiologia e método sperimentale, dalla metapsichica alla psicobiofisica”, em “Problemi di Metapsichica”, “Società Italiana di Metapsichica”, Roma, 1947. “La Metapsichica nuova disciplina scientifica”, em “Metapsichica”, 1954, fase. I.

metro, frequência de trezentos mil quilohertz, Cazzamalli demonstrou que os cérebros dos dotados, quando realizam alguns fenômenos parapsicológicos, irradiam oscilações registráveis com aparelhos fotográficos especiais, originando característicos cerebrogramas. A natureza desse “antropoflux” é impossível de precisar no estado atual da ciência, mas segundo Cazzamalli possui analogias com as ondas eletromagnéticas atenuadas de longitude variada.

As críticas apresentadas contra as experiências de Cazzamalli são só pequenas modificações das já apresentadas pelos adversários dos “fluidos”.²¹

Assim, por exemplo, o Padre Gemelli, diretor do laboratório de Psicologia Experimental da Universidade Católica de Milão, objeta: “Nenhum laboratório de fisiologia ou de psicologia tem confirmado os registros feitos por Cazzamalli”.²²

Esta foi sempre uma dificuldade na investigação parapsicológica. E’ evidente que os resultados parapsicológicos não se obtém com todas as pessoas. São fenômenos parapsicológicos, á margem do normal, só se obtém com pessoas dotadas e nem sempre. Os laboratórios de investigação não-parapsicológica facilmente negam os fatos que não se dão com todas as pessoas, ou raramente. Aliás, não querem (e não sabem, porque não é essa sua especialidade) experimentar fenômenos parapsicológicos com dotados. Frequentemente esses fenômenos foram, aprioristicamente, desprezados nos centros culturais; salvo muito recentemente, quando, por fim, a Parapsicologia se impôs.

Outros objetam dizendo que talvez as radiações observadas por Cazzamalli não sejam especificamente cerebrais; poderiam

21. O próprio Cazzamalli participou num estudo histórico-crítico da questão geral dos “fluidos”: Cazzamalli, Barbisio, Armani, Ascoli, Cerioli: “Le radiazioni umane”, em “Metapsichica”, 1949, fase. I.

22. Gemelli, Agostinho: “La Metapsichica, i fenomeni elettro-magnetici radianti del cervello umano ed il Prof. Ferdinando Cazzamalli”, em “Archivio di Psic., Neurol., Psichiatria e psicoterapia”, 1942, junho, págs. 250 ss. Veja-se também Gemelli, P.: “Radioestesia e raddomanzia, fonti di illusioni e sintomi di disorientamento intellettuale”, em “Vita e pensiero”, ano XXVII, fase. 11, nov. 1941; no qual criticava as idéias e as experiências de Cazzamalli. Este respondeu em “Studi e ricerche di metapsichica”, Società Italiana di Metapsichica, Roma, 1942, págs. 11 e ss. com o artigo “Di una coda radioestetica e della raddomanzia”.

provir de excitações de natureza vasomotora. . .²³ Pode-se responder que não se está a insistir no estado atual das investigações quanto à natureza do “antropoflux” e sim na existência mesma do “antropoflux”, energia certamente misteriosa, complexa, desconcertante. E poder-se-ia perguntar ainda aos objetantes: por que se dá exclusivamente nos dotados e precisamente durante a manifestação das suas faculdades parapsicológicas?

Estas distinções entre o comum e o extraordinário, entre o “fluido” como tal e a sua natureza devem ser feitas em toda a polémica dos “fluidos” desde os tempos de Mesmer.²⁴

O magnetismo humano. É um fato — Em 1929,* o sábio alemão Dr. Hans Berger, descobria que o cérebro em estado de repouso, emite oscilações elétricas regulares, de muito baixa tensão (uns cem milionésimos de volt) e de muito baixa frequência (de hertz). Mas essas ondas regulares se substituem por outras irregulares, quando o cérebro entra em maior atividade, devido a qualquer fenômeno psicológico, como a atenção, reflexão...

Posteriormente, o Dr. Grey Walter acoplaria elétrodos ao crânio do paciente, para registrar, por meio de um oscilógrafo, sobre um cilindro em rotação, a atividade elétrica cerebral. Um dia, um paciente apresentava um traçado cerebral irregular, cinco ciclos por segundo, em vez de dez. Na sala de cirurgia, o doutor Walter, com seu ajudante o Dr. Adrian, patenteava a causa da anomalia: um tumor cerebral.

Era o primeiro diagnóstico obtido pela encefalografia, hoje tão conhecida.

23. Ver, por exemplo: Servadio, E. e Tosi, A.: “Sul problema delle radiazioni umane”, em “Luce e Ombra”, 1934, n.º 2, págs. 99 ss.

24. Outra distinção que talvez poderíamos fazer é: entre o que se diz e como se diz. Em todo ambiente de polémica (e a secular polémica dos “fluidos” foi particularmente acirrada) as expressões nem sempre são as que se haveria de esperar de um debate científico, passando facilmente ao ataque pessoal, que tem muito pouco de científico. Muito diplomaticamente o dá a entender o Sumo Pontífice, na carta em que agradecia ao atacado Cazzamalli a oferta das suas obras: “Que a luz da ciência não menos que a concórdia entre os estudiosos, tragam também neste ramo do saber humano novos incrementos”, em “Metapsichica” 1952, Janeiro-Março, pág. 38.

Além do diagnóstico de doenças, milhares de encefalogramas evidenciam também que às várias atividades psíquicas (pensamentos, imagens, desejos, etc.), correspondem mutações no traçado eletro-encefalográfico. Tem-se podido, assim, catalogar encefalogramas correspondentes a tipo de atividade psíquica nobre ou inconfessável, tranquila ou agitada, triste ou alegre... As ondas elétricas cerebrais variam segundo o tipo de pensamento, como também de acôrdo com a sua intensidade. Ao eletro-encefalograma se acrescentaria, posteriormente, o eletrocardiograma, para registrar a atividade elétrica do coração.

Mais ainda: segundo observações posteriores dos fisiólogos, todo órgão de um ser vivo (músculo, glândula, nervo...) pode ser considerado como uma "máquina elétrica". Assim, por exemplo, os doutores Barron e Matthews, em 1936, constatavam a existência de diferentes tipos de correntes elétricas nas extremidades dos músculos e do sistema nervoso, concluindo que os nervos não são só condutores de eletricidade, mas também produtores. Toda célula contém cargas elétricas positivas e negativas. Sabe-se também que a carga negativa do núcleo é maior do que a do citoplasma, que a carga do núcleo em repouso é diferente da carga elétrica durante o processo de escissão etc.

Os movimentos, tôdas as ações musculares e nervosas, são comandadas eletricamente. As idéias e emoções são acompanhadas de atividade elétrica cerebral e do coração. A saúde física e mental depende também, como se vê, em grande proporção, das nossas idéias e emoções, seja pelo influxo que estas exercem sobre todo o organismo, diretamente ou através de influências hormonais, seja pelo grau de equilíbrio das funções cerebrais ou pelo grau de harmonia entre o cérebro e demais setores e funções do organismo.

A produção de correntes elétricas no organismo humano, como acabamos de ver, é um fato indubitavelmente provado há mais de trinta anos. Ora, é também um fato incontestavelmente provado na física, que toda corrente elétrica produz um campo magnético. Desta maneira, não se fornece de fato, uma base lógica ainda que inicial, para a reabilitação do magnetismo animal, tão em voga em épocas passadas, ao menos

quando se trata de "dotados"? O psiquismo humano, assim como é acompanhado pelo próprio organismo e nêle influi, não poderia influir também sobre a matéria externa, orgânica ou não, através dessa atividade eletromagnética, ao menos em se tratando de "dotados"?

Graus de magnetismo — Em 1956, se não me engano, noticiou-se que na Suíça quiseram medir em laboratório o magnetismo humano, pela possível influência que teria nos relógios e outros aparelhos de precisão. Comprovou-se, como já se sabia, que no organismo humano e principalmente no cérebro e no coração, produzem-se correntes elétricas, e conseqüentemente, campos magnéticos de uma intensidade muito pequena 0,0002 graus.

E' evidente que o magnetismo é mínimo no homem normal. Mas isto não quer dizer que em circunstâncias parapsicológicas, ou em alguns dotados, não se manifeste um "magnetismo" (ou força análoga) bem superior.

Como explicar que, em determinadas pessoas, os relógios nunca ou quase nunca trabalham com regularidade, apesar de todos os consertos e revisões?

Um indivíduo, estudado pelo Dr. Ginelin, não manifestava magnetismo apreciável em estado normal, mas quando sentia dores de cabeça, era capaz até de reter na fronte uma moeda contra a lei da gravidade, em qualquer posição e apesar de quaisquer movimentos.²⁵

O Dr. Klein fala de uma senhora que, em estado sonambúlico, na hipnose, retinha, aderido à fronte, o relógio de bolso do experimentador, apesar de movimentos, mesmo violentos.²⁶

Muitos casos semelhantes poder-se-iam; citar, dispersos na literatura especializada.

Atrair agulhas ou pregos ou limalha de ferro ou quaisquer outros objetos menos pesados do que uma moeda ou um relógio é fenômeno relativamente freqüente. Inclusive veremos

25. Citado por Perty: "Die Mystischen Erseheiming", vol. I, l.º 271.

26. "Archives Für Tier Magnetismus", vol. V. Janeiro, pág. 149.

...este, ja / 'Jj por exemplo, ao falarmos da fotogênese (produ-
de luz / * ? Ois a Alergia, além de! em forma "magnética",
apresenta-se

Entre os dotados o caso foi observado com mais freqüência: o
dotado Slade, de quem mais adiante deveremos falar
famosíssimo a agulha imantada, aproximando-lhe a mão.
amplamente, -ficientemente comprovado, primeiro em 1877, em Berlim,
o 5to j f0,1 Sl* Brescauer; posterior mente, pelos doutôres Fechner e
pelo doutor enfim pelo Dr Zollner*

Erdmann, e
Nisifio, por exemplo, duas bússolas, uma grande e outra
Numa oc a m f_c Qij(a)j as em globos de vidro. As mãos de Slade,
pequena, for^s doutôres Zollner e Weber, repousavam sôbre a mesa,
mantidas pel^a de 30 cen tí metros das bússolas. Slade, porém, sob
a uma distar sua von tade, fez oscilar as bússolas. A pequena oscilou
o influxo de ^ entrar em rotação. A grande, oscilou mais lentamente,
vivamente, at/ imprecisa<?^8
e de man^cn

Slade e A emissão magnética — O Dr. Gibier, para citar mais
um exemplo ^ escreve: "No gênero de fenômenos aos quais con-
sagramos est/ artigo, podemos classificar o fato seguinte, que obser-

----- ^ feito f amos no Brasil alguns casos de pessoas que
27. Tm s no seu corpo. O fenômeno é muito simples. Pode, às
tinham iigullij, ra^ ^ de agulhas dever-se à atração telérgica. Geralmcn-
vêzes, a pene ^ raU^e histórico: as mesmas pessoas inconsciente, ou ao
te, porém, é -nsável mente enfiar as agulhas.

menos, irresp^a amo, sa "menina das agulhas" de Jaboticabal (São
Maria JcT^ comprovei quando lá estive foi pêga em flagrante nesta
Paulo), comüj, t p_e i_0 odontólogo do grupo escolar onde estuda,
fraude pela ^ re t_0 ra é Professora Aidê Verri Martineli; o nome do odon-
O nome da D ^ êncio Garcia Camacho. O grupo escolar leva o nome
tólogo, Dr. A., inclusive a própria menina das agulhas confessou a
"Coronel Va^ ao odontólogo que ela roubava as agulhas,
uma colega e n_ C_ temos demonstrado inúmeras vêzes em público com

Pessoalm ^ mutório que com um pouco de sugestão é facilimo enfiar
senhoritas do j or e scm i f_ C_ã, apesar de que nós "desinfetamos" as
agulhas scm ^ soj_ a ^ o sapato: c as voluntárias não são dotadas...
agulhas com ^ perstição popular a afirmação de que as agulhas enfiadas

TÊ pura s^ a 0 cora Bão. B sempre cm direção contrária, chegando a
caminham P» s m_ itas vêzes pela própria defesa natural do organismo,
serem expelid ser expeiúja^ especialmente se batem em osso, com faci-
Não podendo naturalmente um quisto completamente inofensivo.

Udade se az t_ e p_ ranszendente Physik und die sogenalmt
28. Zollner, 3 vols. Leipzig, Stachmann, 1878-1879, págs. 11 ss. Nova
Phüosopme ^ por zi_hner: "Vierte Dimension und Okkultismus", Lei-
edição revista, 1923.
pzig Mutzo

vamos com tôda a espécie de precauções: depois de haver passado
a mão por cima de uma agulha imantada, fechada em uma caixa
de tampa de vidro, do tamanho de um relógio, sem fazê-la sair da
imobilidade, Slade moveu uma segunda vez a mão direita, do mes-
mo modo; a agulha agitou-se violentamente e deu muitas voltas sôbre
seu eixo, enquanto o médium pronunciava estas palavras em inglês:
"Quereis prestar-me o favor de fazer girar esta agulha?"

As palavras do médium mostram o desejo, tècnicamente
chamado psicobulia, de realizar o fenômeno, dramatizando como
se fôsse uma petição aos espíritos dos mortos, a quem Slade,
no seu desconhecimento de Parapsicologia, atribuía tudo quan-
to sua próprias forças inconscientes realizavam.

Contra a hipótese de que o fenômeno tivesse sido realizado
pelo médium fraudulentamente, servindo-se das pernas, dado
que as mãos estavam à vista, explica Gibier: "Tínhamos as
pernas debaixo da mesa, ao nível do ponto onde se achava a
bússola, c os olhos fixos nas pernas de Slade". Qualquer apa-
relho pré viamente instalado deve ser também excluído: "O
quarto onde se fazia a experiência estava situado na sobreloja
e justamente por cima do vestibulo: aí não vimos nenhuma
instalação de máquina elétrica. Sabemos, além disso, que os
apostos situados acima daquele em que se fazia a experiên-
cia não estão alugados pelo médium. Enfim, Slade não espera-
va que lhe iríamos pedir essa prova naquele dia. A mesma
experiência foi tentada outras duas vêzes, mas sem sucesso", 29
o que mostra mais uma vez que não se trata de qualquer fluido
normal, mas de um efeito parapsicológico e pelo mesmo, in-
controlável, irregular, que depende de pessoas e de circunstâncias
indetermináveis,

Slade, por proposta de Zollner, "imantou" uma agulha de tricô,
que antes, por meio da bússola, se comprovara não estar imantada,
de tal maneira que depois se prendiam nela limalhas de ferro.
Para isso, Slade reteve durante quatro minutos, debaixo da mesa,
uma tabuinha sôbre a qual estava a agulha, mas com as mãos con-

29. Gibier, Paul, "Le spiritisme ou fakirisme Occidental", Paris,
Doin, 1886, 1.ª ed. pag. 242. Tradução portuguesa por Traumer: "O Es-
piritismo ou Faquirismo Ocidental", Rio de Janeiro, Gamier.

troladas por Zollner e Weber. E' interessante constatar que, tendo sido criado um forte Polo Sul, na outra extremidade da agulha, não se percebia Pólo Norte. 30

Constatarem também que, por influência de Slade, se podiam desviar as correntes moleculares, fenômeno no qual repousa a imantação dos corpos segundo a teoria do próprio Weber e de Ampère. 31

Slade era um grande dotado, chegando a realizar alguns dos fenômenos mais notáveis de telecinesia (movimento de objetos sem contato normal) que estudaremos mais adiante. Numa ocasião, Slade tocou com a extremidade do dedo uma cadeira, para "magnetizá-la". Ao levantar o dedo, a cadeira, sem contato, ficou flutuando uns segundos a meio metro de altura do chão, e depois **caiu**. 32

Outro dotado — Outro cerebro dotado parapsicológico, Klouski, de quem também deveremos falar, influenciava com facilidade a bússola em experiências controladas pelo doutor Jokolowski, com rigorosíssimo controle.

Colocavam-se, por exemplo, três bússolas sobre a mesa. Klouski sobe a uma cadeira e passa o pé direito sobre as bússolas. As agulhas se deslocam violentamente seguindo a direção do pé. A agulha da última bússola dá o giro completo do quadrante. A calça de Klouski não tinha nada de especial, como foi verificado conscienciosamente. — O fenômeno se devia ao "magnetismo" do dotado. Parecidos, fenômenos realizava, com as pontas dos dedos da mão. 33

Acho dispensável acumular mais casos...

Os aparelhos — Muitos aparelhos foram construídos para detectar a telergia.

Sendo porém este um tema mais próprio para especialistas, faremos dele exposição mais pormenorizada no Apêndice III. Bastam aqui algumas afirmações gerais.

Vários desses aparelhos, após árduas discussões, foram rejeitados pelos cientistas da época, mas depois de um estudo profundo da questão, à luz dos conhecimentos modernos, parece podermos concluir que os aparelhos tinham algum valor em prol dos "fluidos"; parecem indicar que esses "fluidos"

30. Zollner, T.: "Die transzendente..." o. c., pág. 48.

31. Wissenschaft Abhandlungen", Vol. II, Janeiro, págs. 340 ss.

32. "Annales des Sciences Psychiques", Vol. IV, pág. 196.

33. Revue Métapsychique, 1922, págs. 322 ss.

se manifestam mais ou menos segundo seja mais ou menos dotada a pessoa experimentada, e que esses "fluidos" devem situar-se na mesma linha da telergia bem maior que manifestam os grandes dotados parapsicológicos.

Êsse "algo especial" é que nos interessa. Que todos os homens tenham tipos de irradiações de magnetismo físico comum, eletricidade, calor, umidade, etc. é inegável. Mas o que nos interessa, do ponto de vista da Parapsicologia, é esse "fluido" especial mais notável nos dotados, seja ele diferente dessas emanções comuns, seja constituído por transformações ou aumento dessas emanções comuns, porém dirigidas pelo psiquismo. Não nos interessa agora a natureza do "fluido" mas a sua existência.

Houve inclusive aparelhos, que devemos considerar hoje certamente eficientes para demonstrar a existência do "fluido", sem querermos analisar a sua natureza. Tais aparelhos patentearam, principalmente, que o "fluido" depende da vontade, ao menos inconsciente, do dotado.

Além dos aparelhos, houve outros métodos indiretos de verificar a presença dos fluidos, como seja a influência em terceiros, a "fotografia do fluido", etc., métodos que também veremos no Apêndice III. Esses novos aparelhos, observações e experiências, se estudados a fundo, sem preconceitos, considerados no seu conjunto e à luz dos conhecimentos atuais, eliminam as objeções e demonstram inegavelmente a emissão de telergia por parte dos dotados, prescindindo, claro está, de afirmações colaterais como a polaridade do "fluido", etc.

Os "fluidos" são uma força: telergia.

Existe a força! — Prescindindo agora dos efeitos mecânicos por ela realizados e que estudaremos ao longo do livro, a mesma força como tal foi comprovada, medida, verificada. . .

O Dr. Crawford foi muito discutido; realizou porém, experiências incontestáveis, como veremos.

Com a senhorita Goligher, agindo como médium, Crawford com* provou a força mecânica do "fluido": "Eu havia construído um contato elétrico muito sensível... seria suficiente soprar fortemente

sobre ele para fazer funcionar a campainha">i "Eu passava o aparelho aqui e ali, diante da médium, com o papelão paralelo a seu corpo e perpendicular a qualquer linha de força que dela emanasse". Durante sessões em que a senhorita Goligher realizava telecinesias de uma mesa (movimento à distância, que estudaremos) quando Crawford interpunha o aparelho entre a dotada e a mesa, a campainha tocava e a mesa se imobilizava.△

Um sábio comprova — O cclebérrimo sábio Dr. William Crookes, em condições magníficas de experimentação, trabalhando com D. D. Home, talvez o mais notável dos dotados na história da investigação parapsicológica, comprovou e até tratou de medir a força mecânica exercida pelo fluido em determinadas ocasiões (pois a força pode oscilar muitíssimo, segundo os diversos dotados c ocasiões).

Crookes começara por observar em experiências de "laboratório" (a própria casa do doutor) que pelas pontas dos dedos de Home escapava um, "fluido" de força notável, e que Crookes chamou "fôrça psíquica".

Construía um aparelho especial: uma tábua horizontal se apoiava com uma extremidade sobre a mesa, enquanto a outra ficava suspensa por um dinamômetro de mola.

Apoiando as pontas dos seus dedos sobre a extremidade da tábua que repousava sobre a mesa, Home fazia marcar no dinamômetro um pêso suplementar de 1,5 até 3 quilos. Ora, o contato dos dedos de Home sobre a tábua era sumamente suave. Mais ainda: a pressão caía no ponto de apoio da tábua sobre a mesa. Apoando, entretanto, Crookes todo o pêso do seu próprio corpo sobre aquele mesmo ponto, não conseguia que o dinamômetro marcasse mais de um terço ou meio quilo de pêso suplementar, e isso somente enquanto inclinava o corpo na direção que favorecia mais a pressão sobre o dinamômetro.

34. Um quadro de papelão de 7x8 centímetros, fixo, e afastado de uma prancha por duas delicadas molas de relógio. Qualquer pressão sobre o papelão faria ceder as molas, estabelecendo-se o contato dos dois pólos elétricos, fixos um no papelão e outro na prancha. O contato fecharia o circuito fazendo soar uma campainha nêle incluída.

35. Crawford, William J.: Tradução francesa feita por Sudre, René: "La Mécanique Psychique", Paris, Payot, 1923, da qual se fez a tradução portuguesa: "Mecânica Psíquica", São Paulo, Lake, s. d. (1963) págs. 75 ss.

Era, pois, evidente, que a pressão exercida por Home não era a dos músculos, mas a de alguma fôrça, a "fôrça psíquica", que saía dos dedos e corria para o outro extremo da tábua fazendo a pressão neste outro extremo.

Empregando uma balança comum, Crookes comprovou que Home, com um contato suavíssimo das pontas dos dedos, aumentava de uns quatro quilos aproximadamente (oito libras), o pêso nela registrado.

O contato suavíssimo não podia explicar esse efeito. Home dizia que sentia sair o "fluido" pelas pontas dos dedos.

Após uma objeção do físico Stokes, embora sem importância, Crookes projetou um tipo de experiência crucial e incontestável:

Construiu um aparelho especial para medir a pressão exercida pelo "fluido". As gramas de pressão exercida eram registradas por um oscilógrafo. O "fluido" deveria exercer esta pressão sobre o fundo de um recipiente cheio d'água e, portanto, através deste líquido. A mão de Home não podia chegar ao fundo porque havia um outro recipiente por cima do primeiro. Também este último estava cheio d'água, e era fixo num braço horizontal imóvel. Excluía-se, destarte, toda ação mecânica normal.△

36. Sobre uma mesa firme, descansava a arista ou ponto de apoio de uma balança. Num braço da balança estava um recipiente cheio de água. Dentro, em parte, da água mas sem contato nenhum nem com o fundo nem com as bordas ou as paredes do recipiente, havia uma espécie de "coador" cheio também de água, rigidamente sustentado por uma barra de ferro que vinha de fora do aparelho.

O "coador" ficava, pois, completamente isolado da balança, a não ser pelo contato com a água do recipiente, mas não poderia transmitir nenhuma pressão que se fizesse sobre ele mesmo, porque estava firmemente seguro, sustentado pela barra de ferro. A água, porém, do "coador" e do recipiente tinha passagem livre através dos buracos do "coador".

Home deveria meter a mão na água do "coador" e o "fluido" atravessando a água, exerceria a pressão sobre o fundo do recipiente, transmitindo-se ao braço da balança. Qualquer pressão exercida sobre as bordas ou paredes do "coador" seria completamente inútil.

No extremo de outro braço da balança ia fixado um dispositivo para traçado. Em contato com este dispositivo estava o papel registrador que por um aparelho de relojoaria, se mantinha em movimento durante todo o tempo que durasse a experiência. Neste aparelho ficavam gravadas, em traçado contínuo, todas as oscilações que sofresse o braço da balança. Por meio das correspondentes escalas que estavam no papel

Com um aparelho parecido já antes obtivera notável êxito, com o mesmo Home, o Dr. Hare.³⁷

Com o engenhoso aparelho, Crookes passou a estudar êsse “fluido” em numerosas experiências, altamente demonstrativas. Citamos uma só, como exemplo, realizada na mesma casa do sábio-físico, a plena luz:

“Foi disposto convenientemente o aparelho acima descrito, antes de entrar o senhor Home. Depois êle foi introduzido no local e convidado a colocar os dedos no recipiente. Home levantou e submergiu na água a ponta dos dedos da sua mão direita, enquanto lhe segurávamos a outra mão e os pés (tôda precaução é pouca com os dotados, pois cometem fraudes até inconscientemente). Quando Home disse sentir que de sua mão escapava um poder, uma força ou uma influência, pus em marcha o mecanismo de relojoaria (registrador das oscilações da balança), e quase imediatamente se viu que o braço da balança descia lentamente e permanecia baixo durante 10 segundos. Depois, desceu um pouco mais para voltar depois a subir h sua posição habitual. Voltou logo a descer, subiu de repente, desceu outra vez gradualmente durante 17 segundos, e por último voltou a subir até sua posição normal”. Nas duas descidas máximas, a pressão registrada foi de 250 gramas.

Mais ainda: em novas experiências, sem ter nada entre os dedos e o aparelho, a uma distância de 30 cm e até mesmo de um metro, Home conseguiu fazer vibrar uma membrana de pergaminho esticado dentro de um aro de madeira. Atrás da membrana, um estilete ligado a uma pequena alavanca registrava as vibrações da membrana³⁸

de registro, mediam-se as gramas de pressão (Crookes usava medidas inglesas) e os segundos que iam decorrendo.

Veja-se a descrição do aparelho e desenhos dêlc em Crookes, William: “Experimental Investigations on psychie force”, London, Gillman, 1871, págs. 71 e SR. Tradução por Alidel, J. “Nouvelles Expériences sur la force psychique”, Libr. des Sciences Psychiques, 1897.

37. Cfr. “American Association for the advancement of Science”, número de agosto de 1855.

38. Além do livro citado na nota anterior veja-se de Crookes, William: “Spiritualism and Science”, em “Quartely Journal of Science”, outubro de 1871 e “Recherches sur les phénomènes du spiritualisme”, Paris, Libr. des Sciences Psychiques, 1897, ou ainda, “Psychique Studien”, 1881, págs. 23 ss. com respeito ao aparelho, com a tabuinha e págs. 52 s. com respeito ao aparelho com água. Aliás, nas págs. 41 e ss. se referem experiências semelhantes realizadas também com Home por Bechterew, parapsicólogo russo.

Novas confirmações — Posteriormente, outros experimentadores utilizaram a engenhosa balança de Crookes. O problema estava em encontrar bons dotados. O doutor Alrutz, sobretudo, em 1905, começava uma série de experiências sistemáticas de grande valor comprobativo com o sistema “tábua sobre a mesa”, das primeiras experiências de Crookes. Tomaram-se tôdas as precauções possíveis para evitar qualquer ação muscular diferente da exercida pelo mesmo “fluido” ou “força psíquica”. Quatro anos mais tarde, publicava os resultados dos seus trabalhos, confirmando os de Crookes. O dotado imprimiu no dinamômetro uma pressão adicional de até 100 gramas. Para obter tal resultado precisar-se-ia uma pressão descomunal, se tôda ela fôsse exercida naquele ponto da tábua. Home, porém, só apoiava delicadamente as pontas dos dedos. Prova-se, assim, além da existência do “fluido”, que êste, invisível, “deslizava” sobre a tábua, exercendo pressão mais perto do dinamômetro.³⁹

Fotografado o fenômeno! — No Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, o doutor Osty, então diretor do mesmo, realizou 90 sessões de experimentação desde outubro de 1930 até dezembro de 1931, com o famoso dotado Rudy Schneider.

O principal intuito das experiências, como em outro capítulo veremos, era fotografar os fenômenos de telecinesia (movimento de objetos sem contato normal); mas nelas se demonstrou também, de maneira absolutamente incontestável, a existência do “fluido”, que o doutor Osty chamou “metergia” ou “fator X”.

Rudy Schneider vestia um pijama cujas bordas estavam impregnadas de substância fosforescente, para permitir a perfeita observação de todos os seus movimentos no escuro. Estava sentado numa cadeira simples, a uns dois metros e de costas para os objetos que tentaria movimentar parapsicológicamente. Um dos investigadores sentava-se defronte a Rudy, segurando-lhe as mãos durante tôda a sessão. Os demais controladores sentavam-se detrás e ao lado.

E o mais importante: um aparelho emitia raios infravermelhos que, refletidos por espelhos convenientemente dispostos, cercavam os objetos por tôdas as partes com uma rede invisível.

39. “Annales des Sciences Psychiques”, 1909, págs. 307 ss.

Qualquer substância material que se aproximasse do objeto a ser movimentado, necessariamente deveria absorver, em todo ou em parte, algum feixe desses raios. Se a substância interceptadora fosse suficientemente densa, como para absorver ao menos 30% da emissão infravermelha, provocaria a reação de uma célula fotelétrica na qual incidiam estes raios. A reação da célula fotelétrica deflagraria automaticamente uns aparelhos fotográficos com luz de magnésio, colocados em diferentes ângulos. Se a absorção de raios infra-vermelhos por alguma substância interposta fosse menos de 30%, não se deflagrariam fotografias. Um oscilógrafo acoplado ao circuito que alimentava a célula fotelétrica, registraria sempre êsse grau de absorção. O oscilógrafo marcava também, em segundos, o decorrer do tempo durante toda a experiência.⁴¹

Osty pretendia, por êste meio, fotografar as telecinesias, como dissemos, mas teve de trocar de método. Ê justamente a causa desta modificação que nos interessa aqui:

Cada vez que a “metergia”, saindo de Schneider, avançava, invisível, em direção ao objeto que se tratava de movimentar, provocava a deflagração do magnésio, pois, atravessando a barreira formada pelos feixes de raios infra-vermelhos, absorvia (ou refletia) mais de 30%, chegando o oscilógrafo a registrar absorção por parte da “metergia” de até 75% da radiação. A sessão tinha que ser interrompida, mas as revelações das fotografias mostravam que nenhuma substância visível se encontrava onde os raios tinham sido interceptados.

A “fôrça psíquica” cra, pois, na realidade, algo físico, dado que se chocava com os raios hifravcrmelhos; cra, porém, algo invisível e tênue: um “fluido”.

Osty modificou a aparelhagem: no lugar das câmaras fotográficas colocou uma série de campainhas que tocariam automaticamente nas mesmas condições de funcionamento das câmaras: absorção de, ao menos, 30% de irradiação infraver-

40. Alguns detalhes complementares: o aparelho emissor de raios infravermelhos funcionava por meio de um condutor de corrente alternada de 110 volts. De uma segunda tomada dependem conjuntamente, por bifurcação dos condutores, a célula fotelétrica e a câmara (ou câmaras) fotográfica. No circuito elétrico que passa pela célula fotelétrica está intercalado um acumulador de 4 volts e um interruptor de corrente. Quando a célula fotelétrica registra uma absorção dos raios infravermelhos superior a 30%, reage sobre o interruptor, fechando o circuito das câmaras fotográficas, deflagra-se a luz do magnésio e obtém-se as fotografias num centésimo de segundo.

melha. As fotografias só deflagrariam por contróle manual. Mestas condições, realizou-se uma série de sessões, dentre as quais citamos a de 14 de novembro de 1931, como exemplo do que agora nos interessa.

“Segunda parte; em luz vermelha: toda a segunda parte da sessão se realizou sob fraca luz vermelha, embora fosse suficientemente forte para iluminar todo o espaço ocupado pelos raios infravermelhos e também eram visíveis o dotado e os assistentes. O professor D. maneja o deflagrador manual do magnésio e da fotografia... Começa a sessão... Rudy entra em hiperemnéa..., imediatamente começam a soar as campainhas durante 13 segundos. Os assistentes observam atentamente todo o campo de infravermelho, mas sem poder ver nada. Não obstante, a substância (a “metergia” ou “fluido”) estava aí, absorvendo pelo menos 30% da radiação (limite a partir do qual começam a soar as campainhas)... As campainhas voltam a soar durante 8 segundos”. Depois, enquanto soavam as campainhas, o Dr Osty manda deflagrar as fotografias. Reveladas, confirmam a observação dos assistentes de que a “metergia” não fora visível; mas lá estivera, interceptando os raios infravermelhos e fazendo soar as campainhas.

Efetuaram-se diversas contraprovas com as quais se excluiu a hipótese de distorções ou imperfeições nos aparelhos-⁴¹

Posteriormente, durante a polêmica a que deu lugar a descoberta (?) do Dr. Osty, o fenômeno da absorção (ou refração) dos raios infravermelhos por parte da telergia, foi confirmado na Inglaterra, utilizando-se o mesmo método. Uma série de 27 sessões de experiências, de outubro a dezembro de 1932, foi dirigida por Lord Charles Hope, com a colaboração de investigadores competentes como Lord Rayleigh e C. V. C. Herbert. Em 17 ocasiões registraram-se os mesmos fenômenos que verificara Osty, de absorção ou refração dos raios infravermelhos, pela “substância invisível”.^{40 * 42}

41. Osty, Eugène et Marcei: “Les pouvoirs inconnues de l'esprit sur la matière. Premières étapes d'un recherche”, em “Revue Métapsyrique”, 1931, n.º 6, págs. 393 ss.; 1932, n.º 1, págs. 81 ss.

Cfr. também Osty, Eugène: “La connaissance supranormale de la matière et le Ténergie”, ibidem, 1933, n.º 6, págs. 379 ss.; e Osty, Marcei: “I j c m pouvoirs inconnues de Tesprit sur la matière”, ibidem, 1949, n.º 5, págs. 13 ss.

42. Hope, Lord Charles: “Report of a series of sittings with Rudi Mc lmeider”, em “Proceedings of Society for Psychical Research”, 1933,

O “fluido” e a história — O “fluido”, com maiores ou menores diferenças acidentais, recebeu outros muitos nomes. Já na antiguidade, se conhecia o “fluido”, às vezes por deduções lógicas a partir dos fatos observados, às vezes por certos tipos de observação direta que se assemelhavam, mais ou menos, às experiências modernas. Assim Zoroastro fala do “fogo vivo”, Heráclito do “fogo gerador”, os antigos oculistas do “espírito de vida”.

Mais adiante, Santo Tomás falava da “fôrça vital”. No século dezessete, Maxwell, médico de Carlos II da Inglaterra, escreveu um livro intitulado “Medicina Magnética”, onde expõe as suas teorias e observações sobre os “raios corpóreos dirigidos pela alma” para realizar ações físicas fora do alcance das mãos. Eis exatamente descrita a moderna telecinesia.

Outros nomes mais recentes. Em 1852, Oldfield dá ao “fluido” o nome de “médium espiritual”, constituído pelo “princípio nervoso”. Com ele, explica a maior parte dos efeitos físicos atribuídos ao demônio na época da bruxaria.⁴³

Podemos considerar, como outros tantos nomes, as expressões: “super-atividade do sistema nervoso” do Dr. Collier,⁴⁴ “efeitos da perturbação nervosa”, expressão do doutor Hammond, professor de Doenças Mentais e do Sistema Nervoso no Departamento de Medicina da Universidade de Nova York;⁴⁵ “misteriosos agentes humanos” ou também “relações dinâmicas do homem”, expressões com que o doutor Rogers dá a “explicação natural dos fenômenos designados como manifestações dos espíritos”;⁴⁶ ou ainda o “espiritualismo químico”

págs. 255-330. Cfr. também na mesma revista 1938, págs. 12 ss., onde Lord Rayleigh, um dos especialistas assistentes fis sessões, manifesta sua total convicção.

43. Oldfield, Traverse: “The daimonion, or the spiritual médium its Naturc, illustrated by the History of its Uniform Mysterious Manifestations when iinduly, excited”, Boston, 1852.

44. Collier, Robert H.: “Exalted states of the nervous system in explanation of the mysteries of modern spiritualism, dreams, trance, somnambulism, vital photography” etc. London, 1873.

45. Hammond, Dr. William A.: “Spiritualism and allied causes and conditions of nervous derangements”, London, 1876.

46. Rogers, E. C.: “Philosophy of Mysterious Agents, Human and Mundane, or the Dynamic Laws and relations of Man, embracing the Natural Philosophy of Phenomena styles: Spiritual Manifestations”, Boston, 1853,

com que o Dr. Guppy explicava, não sem certa ironia, os fenômenos físicos de toda ordem, como os chamados telecinesias, escrita direta, voz, música ou desenhos transcendentais (sem contato pessoal) que sua esposa realizava na própria casa.⁴⁷ O Dr. Bray designa o “fluido” com o nome de “fôrça mental” que é “base de todos os fenômenos... do espírito e outras condições anormais da mente”.⁴⁸ Chevallard, professor na Escola Nacional de Belas Artes de Paris, fala em “vibrações fluidicas emitidas pela função mórbida que constitui o estado nervoso do médium”; ou expressões análogas, como “fluido nervoso vibrante”, “neurodinamismo irradiante”, “fluido vital”...⁴⁹

Como veremos mais adiante, o doutor Thury, professor na Academia de Genebra, após inúmeras experiências, atribuiria os fenômenos à “fôrça ectênica” (de extensão, para agir a distância). O Dr. Richardson escreverá depois, no mesmo sentido, sob o título “Teoria de uma Atmosfera Nervosa”.⁵⁰ O doutor D’Assier fala do “fluido nervoso” ou “éter-mesmerico”,⁵¹ para explicar tanto os fenômenos de curas parapsicológicas como os de ação física à distância. Veremos que a famosa vidente de Prevorst usava o nome “espírito dos nervos” ou “princípio de vitalidade nervosa”, substância corpórea por meio da qual “a alma entra em relação... com o mundo”, “por esse intermédio... pode atrair a si materiais atmosféricos que lhe conferem o poder de se fazer ouvir (“voz direta”)... vencer as leis da gravidade, ou de mover objetos inertes” (telecinesias). Além do conceito de fluidos, outros autores empregam o de emanções, radiações, auras, etc.

Prescindindo de pequenas divergências sobre características mal comprovadas, resultantes, em geral, de exageros e

47. Guppy, Samuel: “Mary Jane, or Spiritualism chemically explained; also Essays by and Ideas (perhaps erroneous) of a Child at School”, London, 1863.

48. Bray, Charles: “On force its mental and moral correlates, and on that which is supposed to imderlie all phenomena; with speculations on spiritualism and other annormal conditions of mind”, London, 1867.

49. Chevallard: “Études Expérimentaux sur quelques phénomènes nerveux et solution rationelle du problème spirite”, Paris, 1872.

50. Richardson, Benjamin W., em “Medical Times”, 6 de maio de 1871.

51. Assier Adolphe: “Essai sur la humanité postume et le spiritisme par un positi viste”, Paris, Marescq, 1883.

fanatismos, no fundo de tôdas essas expressões e outras muitíssimas que se poderiam citar, encontra-se um fator comum, real. Tôdas as terminologias designam o mesmo fato.

Crookes chega a dizer, no seu livro sobre a força psíquica, referindo-se em geral ao “fluido nervoso”, em particular à “atmosfera nervosa” do doutor Richardson, e do modo mais destacado à “fôrça ectênica” do professor Thury, que são “evidentemente, termos equivalentes. Se eu tivesse conhecido essa expressão há três meses, tê-la-ia adotado”.

E já antes, por exemplo, o doutor Mahan, primeiro presidente da Universidade de Cleveland, identificava todos os fluidos de que temos falado: “A causa imediata dessas manifestações é idêntica não somente à ‘fôrça ódica’ (nome dado ao ‘fluido’ por Richtenbach) mas ainda à fôrça que engendra os fenômenos do mesmerismo”. A êste fluido atribui todos os fenômenos de efeitos físicos: “possuímos provas positivas e concludentes de que essas manifestações provêm exclusivamente de causas naturais e não de intervenção de espíritos desencarnados”.⁵²

Os fluidos, sob tanta variedade de nomes, na realidade são simplesmente uma fôrça que atua sobre os objetos externos ou pessoas diferentes do “dotado”, salvo os casos em que essa fôrça atua sobre o próprio organismo que a emite. Exceto neste último caso, ou talvez possamos dizer, inclusive nesse último caso, o fluido exerce *umci ação à distância*.

Natureza da telergia — Myers propôs a palavra telergia (tele = longe; ergon = ação, trabalho). Designava “a excitação que devem receber os centros motores e sensoriais da pessoa... de um modo mais ou menos direto, que eu chamaria telérgico, dando assim, um sentido mais preciso à palavra que propusera faz longo tempo, como correlativa da palavra telepática”.⁵³

52. Mahan, A.: “Modern Mysteries explained and exposed”, Boston, Jewett, 1855. As frases citadas estão respectivamente nas págs. 106 e 152.

53. Myers, Frederic: “Human Personality and its Survival of bodily Death”, 2 vols., Londres, Longmans, 1903. Usamos a tradução espanhola de Martinez Alinari, Josefina: “La personalidad humana. Su sobrevivencia y sus manifestaciones supranormales”, Buenos Aires, 3a-ros s. d. (1958). pág. 275.

Pouco depois, ampliaria o próprio Myers o sentido da palavra telergia: “Influência... telérgica..., isto é, capaz de produzir movimentos da matéria, inclusive quando se trata de matéria organizada e de movimentos moleculares”.⁵⁴ Esta modificação foi posteriormente mais ampliada e precisada por Sudre:⁵⁵ * “Nós reunimos sob o nome de telergia os fenômenos... (mais exatamente o mesmo) fluido... (que) realiza mais ou menos visivelmente (ou de todo visível) um trabalho exterior sobre os objetos materiais” (ou em alguns casos, sobre o próprio organismo emissor).

Myers ampliou o alcance da definição por êle mesmo proposta. Sudre a desenvolveu ainda mais. A ampliação que nós introduzimos com os parênteses é ainda mais legítima do ponto de vista etimológico e corresponde melhor ao que se queria designar com a palavra telergia.

Ao estudar a natureza da telergia, não nos deteremos nas teorias sobrenaturalistas (Deus, anjos, demônios...), ou espíritas (almas dos mortos), ou mitológicas (gênios, fadas...), ou “ocultistas” (larvas, elementares...), ou de fluidos universais (magnetismo universal, od universal, matéria astral. . .). De tôdas estas teorias, nos ocuparemos em outro livro, rejeitando-as como causas dos fenômenos parapsicológicos. Aqui, trataremos somente de dar um brevíssimo resumo da teoria científica mais aceitável e aceita sobre a natureza da telergia. E a exposição desta teoria científica constituirá, por si mesma, em grande parte, uma refutação daquelas outras teorias.

A telergia é, como todo fenômeno parapsicológico, um efeito de psicorragia. Quando há uma dissociação dos tecidos, podemos sangrar: hemorragia. Em analogia com êsse nome, quando há uma dissociação psíquica e escapam nossas forças psíquicas, dizemos que há psicorragia. “Um médium... — escrevia Aksakof — seria um indivíduo no qual o estado de desagregação psicológica sobrevém facilmente; no qual, para empregar a expressão do Dr. Janet, o poder de síntese psíquica fica enfraquecido e deixa escapar um número mais ou menos considerável de forças (parapsicológicas)... Se a ciência não tivesse desprezado, desde o começo, os fatos... seus

54. Myers, Frederic: “La personalidad...”, o. c., pág. 282.

55. Sudre, René: “Traité de Parapsychologie”, Paris, Payot, 1926, n.º V\ 275.

estudos sobre a personalidade teriam dado um passo imenso... A ciência não teria tardado (tanto) em ver nesses fenômenos um novo desenvolvimento da desagregação psíquica".⁵⁶

A telergia (como todos os fenômenos que chamamos extraordinário-normais) seria um fenômeno de desagregação e liberação das forças motoras, plásticas, etc. do homem, isto é, das forças físicas, corporais, embora dirigidas pelo psiquismo inconsciente, como veremos. Os fenômenos que chamamos paranormais, extra-sensoriais, seriam fenômenos de desagregação de forças psíquicas, espirituais. (Só por este aspecto se compreende como é perigoso fomentar os fenômenos parapsicológicos porque a manifestação dos fenômenos parapsicológicos de qualquer índole equivale a enfraquecer a síntese psicofísica do homem: são desagregações parciais, são desequilíbrios ao menos momentâneos...).

Análise da energia — Há, porém, muita discussão quando se trata de determinar exatamente o tipo de energia que se libera nos fenômenos telérgicos. Mas é possível encontrar um denominador comum. Para a maior precisão neste ponto, as investigações devem prosseguir.

Muitos investigadores antigos se inclinam a definir a telergia como uma força análoga, não porém idêntica, da eletricidade ou magnetismo, como temos visto ao estudar os "fluidos". Esta teoria, vimos que se manteve entre muitos investigadores modernos.

Já em 1872, para citar um exemplo dentre os primeiros investigadores, Chevallard expunha perfeitamente a atuação telérgica, considerando a telergia como uma força magnética, embora de um magnetismo diferente do magnetismo físico conhecido. E precisamente por esta indeterminação da natureza da telergia, a sua explicação pode ser considerada, talvez, como absolutamente certa, neste aspecto geral: "Os movimentos, chamados espíritas, de um objeto inanimado são um efeito real, porém neurodinâmico, dos pretendidos médiums, que transfor-

56. Aksakof, Alexandre: "Animismus und Spiritismus; vemuch einer Kritischen Prüfung der mediumnistischen Phänomene", 2 vols., 4.^a ed., Leipzig, Mutze, 1901. Usamos a tradução do Dr. C. S. (sic) Chevallard: "Études...", o. c., pág. 54, 62 e 86, respectivamente. "Animismo e Espiritismo", Ensaio de um exame crítico, etc., 2.^a ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1956, pág. 27.

mam o objeto em órgão exterior momentâneo sem terem consciência disso... A idéia da ação... transmite-se pelo fluido nervoso do cérebro ao objeto inanimado... Este executa... a ação, na qualidade de órgão automático, ligado pelo fluido ao ser voluntário, seja a ligação por contato ou a pequena distância. Contudo, o ser não tem consciência de seu ato, porque não o realiza por um esforço muscular... Os fenômenos chamados espíritas não são mais do que manifestações inconscientes de ação magneto-dinâmica do fluido nervoso".⁵⁷

Como expositor da teoria eletromagnética, no seu sentido mais estrito, podemos citar, entre os modernos, a Cazzamalli: "O cérebro, sendo percorrido por correntes elétricas e eletromagnéticas, com efeitos radiantes, adquiriria a possibilidade de pôr-se diretamente em contato com... a realidade física ambiente... Propõe-se, destarte, uma nova (!) hipótese interpretativa dos vários fenômenos de telepsiquia...^{58,59} ou noutras palavras e concretizando mais, dos fenômenos de telergia.

Energia bio-elétrica — Essa natureza elétrica ou magnética da telergia deve ser considerada, como dissemos, analogicamente, não estritamente; as teorias magnéticas ou elétricas estritas foram em geral rejeitadas, e isso já nos primórdios da investigação. A tão debatida polaridade, que deveria ter a telergia se fôsse, na realidade, magnética no seu sentido estrito, foi contestada pelo mesmo comentador dos aforismos de Mesmer:

"Cumpre-me observar que a experiência ensina ser um erro aquilo que, no aforismo citado, diz Mesmer, isto é, que (a telergia) troca de pólo... Porque eu mesmo tenho magnetizado... em oposição às normas do aforismo... e, não obstante, obtive resultados idênticos. Além disso, tenho magnetizado cruzando as mãos... sempre com os mesmos efeitos, o que demonstra a futilidade da observação dos pólos. Conforme as lições de Mesmer, e seus aforismos, eu concluíra que, se os pólos existem na realidade, poder-se-iam deter as crises, magnetizando o doente... por detrás. Mas tinha-me enganado, pois os efeitos continuaram a ser idênticos".*

57. Chevallard: "Études...", o. c., págs. 54, 62 e 86, respectivamente.

58. Schegris G.: "La ricerca scientifica in metapsichica", capítulo no livro de vários autores: "Studi e ricerche di metapsichica", Roma, Soc. Ital. Metaps., 1949, pág. 57.

59. Mesmer, Franz Anton: "Los fundamentos...", o. c. pág. 142.

Os argumentos do doutor Caullet de Veaumorel podem não valer muito, mas são uma inversão perfeita dos empregados por Mesmer, que, portanto, também não provam. Nos casos em que houver polaridade, essa polaridade não será da telergia como tal, mas dependerá da vontade inconsciente que dirige a telergia, como se compreenderá à medida que formos explicando a telergia.

O mesmo Reichcnbach que tanto insistiu, como veremos, na analogia da telergia com a eletricidade ou magnetismo, demonstrou também que “a causa destes fenômenos é uma força natural particular..., que difere de todas as forças conhecidas até hoje; nós a chamamos sob o nome de od”.⁶⁰

Entre outros autores, o professor Hare e o físico Dr. Varley estudaram expressamente o problema concluindo pela diferença evidente entre telergia e eletricidade, donde o primeiro queria deduzir, sem lógica alguma, um argumento em prol da intervenção dos espíritos dos mortos nos fenômenos de telergia.^{60 61 62 *}

Alguna analogia há, em certos casos, mas não identidade de telergia com eletricidade, como bem se expressava Richet, em 1923, ao escrever: “Os fenômenos de telergia... não são certamente fenômenos elétricos. Ou ao menos, para sermos prudentes, se fossem fenômenos elétricos, não tem nenhuma relação com os fenômenos elétricos conhecidos.. . Não obstante, não há direito para negligenciar este fato importante de que, em plena luz, haja movimentos de muitos objetos eletrizáveis produzidos por pessoas que não têm nenhuma qualidade mediúnica”.⁶¹ Mais exato seria dizer, como vimos: produzidos, inclusive, por pessoas não muito dotadas de poderes parapsicológicos.

60. Reichcnbach, Kaii von: “Physikalische-physiologische Untersuchungen Über Die Dynamik des Magnetismus, der Elektrizität der Wärme, des Lichtes, der Krystallization, des Chemismus in ihrem Beziehungen zur Lebenskraft”, Braunschweig, Vieweg, 1845.

61. Hare, Robert: “Experimental investigations of the Spirit manifestations, demonstrating the existence of spirits and their communication with mortals”, Philadelphia, Partridge, 1855, págs. 98-109.

A respeito das conclusões de Varley, Cfr.: “Report on Spiritualism” da Comissão da “Dialectical Society” de Londres editado pela mesma em 1871.

62. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, Paris, Alcan, 1923, pág. 570.

Enfim, a telergia não somente não é eletricidade, mas nem sequer, ou não sempre, condutora de eletricidade.

Muitos afirmam essa condutibilidade.

O russo Yourievitch experimentou com um “dotado” que, aproximando a mão a uns 5 ou 6 centímetros de um eletroscópio Branly, o descarregava completamente. Igualmente comprovou que a telergia emanada do “dotado” fazia condutores os meios gasosos e dielétricos/d

O Dr. Bourg, comprovou que um “dotado” para efeitos físicos, aproximando a mão de um circuito elétrico aberto, conseguia fechá-lo com a telergia emanada da mão num esforço de vontade. O “dotado” conseguia fechar o circuito, inclusive colocando-se a alguma distância dos pólos do circuito. A telergia emanada das suas mãos, para fechar o circuito, foi até fotografada por Du Bourg, que a chamou “tubo de força fluidica”/»⁶⁴

Grunewald contestou a generalização de que sempre a telergia seja condutora da eletricidade.

O “dotado” que Grunewald utilizou nas suas experiências foi selecionado entre cem apresentados. Este conseguia alguns fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos como, por exemplo, golpes sobre uma placa de alumínio colocada a uns metros de distância (fenômeno chamado tiptologia, que estudaremos). A placa estava ligada à agulha de um eletrômetro, carregado com quinhentos volts. Quando o “dotado” produzia o fenômeno tiptológico não se constatava nenhuma perda anormal de corrente no eletrômetro. Em contraprova, verificou-se que bastava aproximar a mão do “dotado” ao eletrômetro, para que este se descarregasse com bastante facilidade.

63. Cfr. O relatório das suas experiências que apresentou Yourievitch e publicado nas atas do Congresso de Copenhague, celebrado em 1921.

64. Du Bourg, De Bozas: “Etude sur le fluide d'un médium à effets physiques”, Etampes, Terrier, 1921.

O aparelho ou “revelador de fluido”, empregado por Du Bourg consistia num circuito aberto, ramificado da instalação urbana de 110 volts, no qual incluía um amperímetro e um reostato. A extremidade de um dos pólos terminava numa “grade” de cobre. A extremidade do outro pólo estava ligada a uma placa também de cobre. A grade e a placa se separavam a maior ou menor distância segundo as exigências da experimentação. O dotado, com a telergia, fechava o circuito entre a grade e a placa, apresentando uma diferença de potencial de 4 volts e o galvanômetro instalado no circuito acusava um desvio de 6/10 ampères.

Mas êste fenômeno só o “dotado” conseguia realizá-lo.

Grunewald deduziu de tudo isto, em primeiro lugar, que a telergia não era condutora (ou não sempre) pelo fato de não descarregar-se o eletrômetro quando a telergia produzia pancadas (tiptologia) sobre a placa eletrificada. Em segundo lugar, deduziu que a telergia podia ionizar o ar, fazendo-o condutor, razão pela qual se descarregava o eletrômetro, quando dêle se aproximava a mão do “dotado”. Talvez não seja necessário invocar a ionização do ar neste último caso, mas fica evidente que a telergia não é condutora, ou não o é sempre.⁶⁵

Outro exemplo dos muitos que se poderiam citar, constituem os “raios rígidos” estudados pelo Dr. Ochorowicz com Stanislaw Tomezyk. Veremos, mais adiante, que punham em oscilação a agulha de uma bússola (fenômeno que, como mil outros realizados por Stanislaw talvez seja meramente mecânico e não magnético), mas “os raios rígidos” com muita dificuldade conseguem fechar um circuito elétrico ou descarregar um corpo eletrificado.⁶⁶

Isto demonstra que os “raios rígidos” são pouco condutores.

Analogia — Examinando a diferença entre a telergia e o magnetismo ou a eletricidade, mas ao mesmo tempo constatando as analogias às vezes apresentadas, alguns investigadores elaboraram a teoria da “bio-eletricidade”.

A natureza da telergia é uma “espécie” de eletricidade que não se submete, porém, às leis físicas comuns que governam a eletricidade; pelo contrário, apresenta as características peculiares da vida: os efeitos dessa “eletricidade especial” dependem da vontade inconsciente dos dotados. Não eletricidade, mas bio-eletricidade.

A telergia (ou energia biótica, como é chamada nesta teoria) produziria seus efeitos de modo *análogo* à eletricidade estática, como se o corpo do “dotado” estivesse carregado de corrente de alta tensão. Em tofo do corpo do dotado, se formaria um campo eletromagnético especial.^{65 66}

65. Grunewald: “L'état actuel des recherches psychiques”, Paris, P.U.F., 1924, págs. 281 ss.; trata-se do informe apresentado ao Congresso Internacional de Varsóvia, em 1923.

66. Cfr. capítulo 8, itens “Raios telérgicos” e seguintes.

A tiptologia seria explicada por descargas rápidas; a paracinesia (movimento com contato das mãos, mas onde o esforço muscular é insuficiente para os efeitos produzidos) e a telecinesia seriam atrações e repulsões “especiais” desta energia bio-elétrica. A fotogênese (luzes, auras,...) seriam descargas continuadas; o “sopro mediúnico” ou “ventos frios” tão comuns quando se produzem efeitos físicos, seriam análogos aos sopros eletrostáticos.

Neste contexto de analogia com a eletricidade, compreender-se-ia melhor o cheiro de ozônio freqüentemente percebido durante os fenômenos, e por que os fenômenos são mais fáceis (ou menos difíceis) numa temperatura ambiente entre 20 e 25 graus centígrados e com ar seco. Tudo análogo às condições que favorecem os fenômenos eletrostáticos.

A bio-eletricidade seria mais facilmente condensada pela madeira e por isso dificilmente há telecinesias de livros, ou mesmo dum papel. As mesas de paracinesias (tão utilizadas para sessões de espiritismo) devem ser de madeira e sem pregos ou quaisquer outros metais.

A cadeia ou corrente que se exige em certas sessões de espiritismo, ocultismo, etc., seria necessária para se obter uma fusão das linhas de força de todos os presentes com as do médium: verdadeira cinérgia. O médium seria como um receptor e transformador da energia bio-elétrica.

O Dr. Maxwell, na sua excelente obra sobre os fenômenos parapsicológicos, é o principal expositor desta teoria,⁶⁷ mas não precisamente o inventor, como se tem afirmado, pois a teoria, com maiores ou menores variantes, é antiga e com bastantes patrocinadores independentes, como pode ser deduzido inclusive do que até aqui temos exposto.

Mas, repetimos mais uma vez, nesta teoria deve ser destacado o prefixo “bio” na palavra bio-elétrico. Ao prefixo “bio” damos um significado amplo: vital, especial, com relativa independência das leis físicas, dirigido pelo psiquismo inconsciente. As objeções apresentadas, ou a maioria delas, teriam cabimento se a telergia fôsse a eletricidade conhecida: mas aqui trata-se meramente de uma analogia com a eletri-

67. Maxwell, Joseph: “Les phénomènes psychiques, Recherches, oh-ürvjiUons, méthodes.” Paris, Alcan, 1905, págs. 152 ss.

cidade; analogia, aliás, que nuns casos existe e noutros não, com a versatilidade própria “de um fenómeno *psico-físico*...

Compreendendo-se bem êsse fator expressado pelo prefixo “bio”, esta teoria pode ser aceita sem que, por isso, se devam rejeitar outras teorias que também podem ser verdadeiras.

Teoria metabiótica — Concretamente, a teoria metabiótica pode ser considerada como idêntica ou melhor, perfeitamente compatível com a teoria bio-elétrica.

A teoria metabiótica sobre a natureza da telergia é também conhecida, com pequenas variantes, sob os nomes de biopsiquismo, czopsiquismo, psicodinamismo, animismo... Alguns dêstes nomes, etimologicamente, estão pessimamente postos, dado que a força não seria propriamente psíquica, espiritual, mas física embora dirigida pelo psiquismo inconsciente. Mas o que nos importa é o conceito que na realidade querem expressar.

O fator comum de todas estas teorias, que compreendemos sob o nome geral de metabióticas, é o seguinte: a telergia é uma exteriorização em determinadas circunstâncias, por parte do dotado, das forças vitais ou psicofísicas, neuro-animadas, psicomusculares, biopsíquicas, ou como queiram chamar as forças do composto humano. Estas forças seriam descargas dos centros nervosos do próprio dotado. Ou também, em menor escala, dos circunstantes, dependendo, porém, da vontade inconsciente do dotado. Êste, inclusive, poderia previamente centralizar em si mesmo, como num foco, forças emanadas dos circunstantes.

Esta teoria foi a defendida por um grande número de investigadores. Por exemplo, William Crookes,⁶⁸ que expõe a explicação da força psíquica para os fenómenos de efeitos físicos, em particular os realizados pelos médiums Fox e Home. Barzini atribui os fenómenos de Eusábia Palladino, a grande médium napolitana, talvez a mais famosa dotada de todos os tempos, à exteriorização da “força nervosa”. Lombroso, que também estudou principalmente Eusábia Palladi-

68. Crookes, William: “Experimental Investigations on psychic force”, London, Gillman, 1871. “Researches on the phenomena of Spiritism”, London, Burns, 1874.

no, adere à mesma explicação. De Vesme fazendo a história de todos os fatos espíritas, propõe também a explicação da “força psíquica”.

Também para explicação geral dos fenómenos de efeitos físicos, defendem com ligeiras variantes a teoria que chamamos metabiótica, Hartmann,^{68 69} Morselli,⁷⁰ Tischner,⁷¹ etc.

Teoria atomística — O professor Mackenzie propõe a teoria atomística para explicar a natureza da telergia. Do mesmo modo que dos corpos radioativos partem raios alfa, bota e gama, também do corpo humano do dotado e dos circunstantes emergiriam, em determinadas circunstâncias, matéria (raios alfa e beta) e energia (raios gama) dirigidos pelo psiquismo inconsciente.⁷²

Com nomes modernos, esta teoria é, na realidade, a mesma teoria anterior. Trata-se unicamente, de forças físicas indeterminadas e várias, emanadas do corpo, e dirigidas pelo psiquismo; às vezes, simples “fluidos”, às vezes mais densas.⁷³

Mackenzie não pretende levar até às últimas consequências nem generalizar a analogia com a radiação atômica. É uma analogia, e a sua explicação, na realidade, adapta-se plenamente à teoria metabiótica ou, mais em geral, ao fundo comum de todas as teorias que estamos expondo sobre a natureza da telergia.

Nosso ponto de vista — A telergia está constituída por forças complexas. Variam essas forças segundo as circunstâncias. O melhor, o que será aceito por todos os investigadores que estudaram a fundo a questão, é simplesmente dizer que a telergia é uma exteriorização e transformação das ener-

69. Hartmann, K. R. Ed. von: “Der Spiritismus”, Berlin, Friedrich, 1885.

70. Morselli, Enrico: “Psicologia...”, o. c.

71. Tischner, Rudolf: “Einführung in den Okkultismus und Spiritismus”, Munich, Bergmann, 1921.

72. Mackenzie, William: “Metapsichica Moderna. Fenomeni mediúmi e problemi dei subconsciente”, Roma, Libreria di Scienze e Lettere, 1923, págs. 270 ss. Com respeito à colaboração dos circunstantes, ver a conferência que pronunciou na inauguração do Congresso de Salerno, em outubro de 1952 e que foi publicada em “Nuovi problemi di Metapsichica”, segunda série, 1953.

73. Veja-se, por exemplo, a explicação proposta por Mackenzie sobre as materializações em “Luce e Ombra”, 1912, n.os 8 e 9.

gias fisiológicas, podendo ser, às vezes uma espécie de energia, outras vezes uma diferente, ou diferentes espécies das variadas forças (ou nomenclaturas) que se podem determinar no nosso organismo: elétricas, magnéticas, caloríficas, musculares, nervosas, vitais, motoras, plásticas, etc.

Balfour foi talvez quem melhor, entre os pioneiros, propôs este conceito geral da natureza da telergia.⁷⁴

A energia é uma só, que se conserva e se transforma segundo os diversos efeitos que realiza. A energia térmica, por exemplo, nos organismos vivos, por sua vez proveniente da energia química da combustão do oxigênio do ar com o carbono dos tecidos, se transforma em energia mecânica, donde procedem os movimentos e em consequência, o trabalho. A mesma energia térmica pode-se transformar em energia luminosa, como vemos nos animais fosforescentes, como o vagalume, pirilampo, lâmpiride, etc., ou em energia elétrica como na arraia, peixe-torpedo, peixe-ciluro, etc.

O conceito da transformação da energia física é hoje uma conquista da ciência e nisso se baseia toda a física moderna. Toda energia mecânica, por exemplo, pode-se transformar em térmica, luminosa, elétrica, química, etc. e vice-versa.

Portanto, os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, extraordinário-normais, sejam quais⁷⁵ forem, não seriam mais do que exteriorizações e transformações diversas da energia do organismo do dotado: a essa energia fisiológica, exteriorizada e transformada para realizar fenômenos parapsicológicos, é que chamamos telergia.

Consequentemente, a teoria da exteriorização e transformação da energia em geral engloba em si e unifica as outras teorias antes expostas. De fato, os autores das outras teorias aderem a esta, implícita ou expressamente.

Assim, por exemplo, Maxwell procurou integrar a teoria elétrica com a metabiótica como sendo uma só teoria.⁷⁶

Mackenzie identificou as teorias bio-elétrica, metabiótica e atômica.⁷⁷

74. Balfour, Stewart: "On the conservation of energy", London, Int. Sc. Kegan, 1873.

75. Maxwell, Joseph: "Les phénomènes. . .", o. c., págs. 152 ss.

76. Mackenzie: William: "Metapsichica.. .", o. c., págs. 270 ss.

Crookes confirma — Muitos dos autores que inventaram terminologias especiais com conceitos também especiais ou indeterminados para designar a telergia, terminam por considerar indiferentes as nomenclaturas, como já vimos, identificando essas forças especiais com a energia orgânica. Assim, Crookes acabou identificando a telergia com a energia orgânica exteriorizada sob os nomes, respectivamente, de "força psíquica" e "força vital": "Creio ter descoberto o que se utiliza para se desenvolver esta força psíquica. Depois de ter sido testemunha do penoso estado de prostração nervosa e corporal em que algumas das sessões deixaram a Home, depois de tê-lo visto num estado quase completo de desfalecimento, estendido no chão, pálido e sem voz, quase não posso duvidar de que a emissão da (que chamo) força psíquica (é a emissão e transformação da energia orgânica e por isso) é acompanhada de esgotamento correspondente da força (que poderíamos chamar) vital". Os parênteses são nossos, interpretando o pensamento de Crookes, evidente em todo o contexto.

Ou talvez, com mais clareza, se expressa noutra ocasião: "O que há de certo, é que um médium possui uma qualquer coisa que um ser comum não possui (ou melhor, não manifesta). Dai um nome a essa qualquer coisa, chamai-a de X, se quiserdes, embora... eu a denomine força psíquica... A teoria da força psíquica nada mais é do que a simples verificação dum fato quase indiscutível atualmente: que, em certas condições, promana do corpo de certas pessoas, dotadas de uma organização nervosa especial, uma força que, sem o contato dos músculos ou do que a êle se ligue, exerce uma ação à distância, produz visivelmente um movimento de corpos sólidos e nêles faz vibrar sons... É razoável concluir que essa força procede dessa organização. .. É razoável concluir que a força produzida para o movimento, além dos limites do corpo, é a mesma que o produz dentro dos seus limites. . . Também é razoável concluir que a inteligência que dirige a força exterior é a mesma que a governa interiormente. E' a esta força que dei o nome de força Psíquica".⁷⁷

77. Crookes. William, na relação que fez dos fenômenos observados por êle de 1870 até 1873, publicada por primeira vez no "Quartely Journal of Science", de Janeiro de 1874.

Colaboração dos assistentes — A telergia poderia completar-se com a colaboração dos assistentes, como temos repetido já várias vezes. Crawford talvez seja o primeiro a descrever como seria essa colaboração dos assistentes: “Pequenas partículas, e inclusive moléculas (ou mais exatamente, energia transformada ou transformável) são emitidas do sistema nervoso (ou em geral, do organismo) dos assistentes, pelos punhos, pelas mãos, pelos dedos ou por outras partes. Essas pequenas partículas (de energia) agora liberadas têm uma enorme quantidade de força latente, que lhes é inerente; uma energia que pode reagir em qualquer sistema nervoso (ou organismo) humano com o qual se ponha em contato. Essa corrente de partículas energéticas flui em torno do grupo, talvez pela periferia de seus corpos. Pelo aumento gradativo produzido pelos assistentes, a corrente alcança o médium num alto grau de tensão, energiza o médium, de quem recebe incremento, atravessa novamente o círculo e assim por diante. Finalmente, quando a tensão é bastante grande, cessa o processo circulatório e as partículas energizadas (a energia) se reúnem ou são ligadas ao sistema-nervoso (ou organismo) do médium, (cujo inconsciente) então dispõe de um reservatório onde a buscar. Enorme quantidade de matéria (melhor: de energia transformada do corpo do médium), pode ser assim destacada temporariamente da sua posição normal, e projetada na sala da sessão.⁷⁸ Os parênteses são nossos.

Esta é, em linhas gerais, a opinião de todos os estudiosos do tema, antigos e modernos. Assim, na época da Metapsíquica dizia, por exemplo, Conan Doyle, referindo-se ao parágrafo de Crawford que acabamos de transcrever: “Tentativa de uma explicação clara do que ocorre numa sessão de fenômenos físicos e é possível que descreva com muita precisão aquilo que realmente ocorre”.⁷⁹

Representando os modernos, René Warcollier escrevia: “Temos visto que o polipsiquismo (isto é: colaboração das forças “psíquicas” de várias pessoas na produção dos fenô-

78. Crawford William: “The reality of psychic phenomena”, London, 1916, pág. 243.

79. Conan Doyle, Arthur: “The History of Spiritualism”, tradução portuguesa de Abreu Filho. Júlio: “História do Espiritismo”. São Paulo. O Pensamento, 1960, pág. 353.

menos) pode existir teoricamente só de três formas... A mais verossímil é a de cargas (de energia, de telergia) provenientes dos assistentes e que se ligam ao médium, que as dirige inconscientemente”.⁸⁰

O que Warcollier chamava “polipsiquismo”, (de polys muitos e psiché = alma), e será esta a nossa nomenclatura por ser mais difundida, fora chamado por Ochorowicz “simbiose psicofisiológica” que indicaria melhor o fenômeno (do grego simbiosis, ou decompondo a palavra: sin = conjuntamente e bios = vida e ação vital).

Os “ventos frios” ou “sopros mediúnicos” compreendem -se melhor sob esta perspectiva: seriam resultado da absorção, por parte do dotado, de energia térmica do ambiente e dos assistentes. A transformação da própria energia do dotado requer absorção de calor. Os mencionados sopros coincidem com a produção dos fenômenos mais espetaculares e difíceis.⁸¹

A telergia É material — A telergia, como se deduz de todo o exposto até agora, é algo material. A sua sutileza, porém, pode ser, em determinadas circunstâncias, muito notável.

Assim, por exemplo, o russo Dr. Yourievitch constatou que a telergia (ou raios “Y”) emanada de certos dotados atravessava as placas metálicas com um poder de penetração superior ao dos raios X mais puros e dos raios gama do radium. A telergia atravessava até chapas de chumbo de três centímetros de espessura, colocadas a um metro de distância do dotado em transe. Placas mais espessas, ou essas mesmas à distância notavelmente maior, não eram atravessadas. Com a interposição dessas placas os efeitos do raio “Y” diminuam.

Isto nos mostra que a telergia tem uma grande sutileza, mas nos mostra também que é material, dado que se lhe podem opor obstáculos materiais.⁸²

80. Warcollier, René: “Polypsychisme et Métapsychique”, capítulo no livro: “La Métapsychique, 1940-1946”, Paris, P.U.F., s. d., (1947). As palavras citadas estão na página 49.

81. Cfr. “Psychische Studien”, ano 51, fascículo II, págs. 71 ss.

82. Os trabalhos de Yourievitch foram apresentados pelo autor no Congresso de Copenhague em 1921 e publicados nas Atas do Congresso. A experimentação, conscienciosa e demorada, começou em 1907.

Outro pesquisador, o Dr. Du Bourg, fez fotografias do que ele chamou, como já dissemos, “tubo de força fluídica”, que emanava da mão de um grande dotado, realizador de fenômenos de efeitos físicos. A fotografia mostra a telergia visível, atravessando uma placa de chumbo de até cinco centímetros de espessura (não, porém, de maior espessura, com este dotado). 83

Ochorowicz, nas experiências que estudaremos no apêndice III de impressões em papéis fotográficos pela telergia emanada de Stanislaw Tomczick, constatou que a telergia atravessava placas de vidro, de gelatina, e o que é mais interessante, de metal, com maior poder de penetração do que os raios X. Assim, por exemplo, a telergia de Stanislaw obteve impressões em placas fotográficas encerradas num chassis de ferro, atravessando ainda (ou esquivando-se de) uma lâmina de chumbo de que estava recoberta a metade do chassis de ferro. A telergia impressionou uma placa através de uma camada de gelatina e de um papel; obteve a impressão de letras (a assinatura do doutor Ochorowicz) e a sombra dos dedos da própria Stanislaw através (ou esquivando-se) de uma peça de ouro e através do papel do envelope em que tudo tinha sido medido etc.

Apesar da sua sutileza, porém, a telergia é material e, portanto, não pode atravessar obstáculos maiores, especialmente se constituídos por volume grande de papéis ou madeira grossa e sua esfera de ação só atinge alguns metros de distância, como foi comprovado.**

Nas experiências, já descritas, do Dr. Alrutz, para anestesiá-las as partes do corpo dos pacientes que um dotado focalizava com as mãos, a telergia (ou “fluido” magnético) emitido atravessava facilmente (ou contornava) uma placa de vidro de cinco centímetros de espessura e, com a mesma facilidade, placas de metal. Mas com o papelão e a lâmina os efeitos anestésicos de telergia ficavam muito diminuídos quando não totalmente anulados. 85

Este fato da resistência oferecida pelo papelão e a lâmina, também observado por outros investigadores além de mostrar certa analogia com o magnetismo ou eletricidade, é mais um fator a patentear que a telergia, apesar de sua sutileza, é força material, pois uma força espiritual seria plenamente independente da natureza dos obstáculos que se lhe opusessem.

83. Bourg, Du: “Études..”, o. c.

84. Ochorowicz, J.: “Les Rayons Rigides et les Rayons Xx”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1910, n.os 4 a 12.

85. Alrutz, S.: “Une nouvelle espèce de rayonnement de Vorganisme humain” em “Archives de neurologie et psychiatrie”, Zurich, 1922.

E’ por isto que classificamos a telergia entre os fenômenos que chamamos extraordinário-normais, isto é, sensoriais, físicos.

Temos insistido um pouco, direta e indiretamente, em fazer observar que a telergia é material porque é justamente por isso que classificamos a maior parte dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos entre os extraordinário-normais. Isto não quer dizer que não admitamos também os fenômenos de efeitos físicos paranormais, da escola norte-americana, os chamados fenômenos psi-kappa. Admitimos os fenômenos psi-kappa e os estudaremos em outro livro, mas não admitimos a generalização de que todos os efeitos físicos da Parapsicologia sejam paranormais. Psi-kappa é responsável por uma minoria dos fenômenos físicos da Parapsicologia.

Numerosas observações e experiências demonstram inegavelmente a emissão de telergia por parte dos dotados.

Embora geralmente invisível a Telergia é uma força física.

Pode ser dirigida pela vontade.

A análise dos fenômenos de efeitos físicos, nos capítulos a seguir, será a melhor confirmação da existência da telergia.

A emissão da telergia é um fenômeno extraordinário-normal de liberação e transformação da energia física corporal.

Fotogênese

LUZES DO ALÉM?

Fogos misteriosos. — O raio od. — Pessoas elétricas. — Cientistas desnorteados.

Introdução — Forma parte da antiga filosofia esotérica a crença de que tôdas as pessoas estão como que revestidas por uma espécie de aura ou por globos de luz de diversas formas e corêes.

A Sociedade Teosófica, em 1875, tratou de adaptar à mentalidade ocidental esta crença de origem oriental.

O espiritismo, como em tantas outras teorias, também nesta deixou-se influenciar pela filosofia oriental ou “ocultista”. Auras, luminosidades, faíscas, pontos luminosos, nebulosidades brilhantes, globos luminosos etc., que aparecem no ar inclusive a vários metros de altura, são freqüentes em certas sessões de quase todos os grandes médiuns.¹ Estas luzes se deslocam no ar mais ou menos rapidamente, mudam

1 . Cfr. para uma idéia geral, por exemplo, Ochorowicz, J. "L'homme lumineux et la photographie de l'invisible", em "Archivum Psychicum", 1909, n.º XIX.

de forma e intensidade, às vezes desaparecem num instante, outras vezes, mais raras, são vistas sendo reabsorvidas pelo médium.

O fenômeno de produção de luzes recebeu diferentes nomenclaturas: telepirótica (do grego: tele = longe e pyr, pyrós = fogo); fotoforia (de fos, fotós = luz e forá, forás = produção, ação de levar); telefania (de tele = longe; fai-no = brilhar ou fazer brilhar), etc. Nós adotaremos o nome de fotogêncse (de fós, fotós = luz e gênesis = produção, geração) que nos parece mais lógico entre os nomes mais usados pelos investigadores.

Sendo a fotogêncse uma crença tão antiga e tão em voga em toda classe de "ocultistas", a Metapsíquica e a Parapsicologia têm ingente trabalho em separar da realidade as inúmeras superstições que adornam o tema. Não trataremos agora diretamente destas superstições ou temas corrlatos, como corpo c mundo astrais; auras de vida, de saúde, de pensamentos e estados psíquicos; pele e espírito; duplo etérico etc.

Erto, o "luminoso" — Falando em fotogênese, é necessário começar pelo cclebérrimo Pasquale Erto, um dos mais famosos médiuns espíritas.

Os primeiros fenômenos luminosos realizados por Erto em sessões "científicas", fora dos locais de espiritismo, datam de fevereiro de 1922. Erto tinha então 27 anos.

Raios luminosos emanavam, mormente da parte anterior do corpo do médium, mas também da cabeça e das mãos e pés. A fotogênese produzia-se na escuridão e às vezes também sob luz vermelha muito débil.²

O Dr. Sanguineti descreve admirado: "Os raios emitidos por Erto variam de cor, de longitude, de forma. No que se refere à cor, geralmente são de um belo azul lunar, ou de um azul elétrico, ou de um vermelho vivo, ou de um vermelho alaranjado ou amarelado. Os matizes são bem pouco numerosos. O comprimento varia desde o de raios curtos, em formas de agulhas, até o de raios de 4, 5,

² Sobre Erto encontrar-se-á toda classe de detalhes e abundante documentação em Mondeail, Gaston Jean: "Le fluide devant la physique révélatrice et la métapsychique objective", Paris, Berguer-Levrault, 1927, págs. 446-507.

6 metros. O médium podia imprimir a êsses raios a direção que se lhe indicasse. Frequentemente eu os fiz dirigir de maneira a iluminar as pessoas que entravam na sala no decorrer da sessão. No que se refere à forma, trata-se ou de raios no estrito sentido da palavra, ou de raios difusos em forma de leque, de triângulo, de cone, cujo ápice está, geralmente, unido ao médium. Temos observado também verdadeiros globos de luz. A luz aparecia então como concentrada e de cor vermelha viva ou alaranjada. Êstes globos são de duração tão curta quanto a dos raios".

A hipótese da fraude, mesmo inconsciente, deve ser sempre a primeira em Parapsicologia.

O Dr. Sanguineti, que foi um dos primeiros a investigar com o famoso médium napolitano, fazia constar que "o próprio Erto exigia que o submetessem ao contróle mais completo, ao exame somático praticado sobre o corpo nu, com exploração do reto, uretra, bôea, nariz, orelhas, cabelos" etc., para garantir que êle não levava, nem sobre si, nem dentro de si, nenhum material que lhe permitisse trugar na fotogêncse.*

Em 1923, Erto é submetido a investigação, sob a direção do dr. Geley, no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, durante seis sessões e, no ano seguinte, durante trinta.^{2*4}

Com Geley, além do exame anatômico, como o que acabamos de descrever, faziam-se radiografias para prevenir os casos em que algum material fraudulento tivesse escapado ao exame anatômico. Depois, ainda se vestia o médium com um maiô especial talhado sob medida. As aberturas dos punhos, do pescoço e das costas eram costuradas de tal maneira que era impossível sua abertura, por pequena que fôsse, sem rasgar. Os pés ficavam dentro do maiô, sem abertura. A cabeça de Erto era envolvida num véu, costurado ao pescoço do maiô e cuja abertura era também costurada. As mãos iam dentro de luvas de box, atadas com complicadíssimos nós e costuradas aos punhos do maiô.

Erto, terminados êsses controêes, só podia entrar na sala das sessões, após os investigadores terem-na vasculhado totalmente e sendo acompanhado pelos doutôres que controlavam as experiências.

² Sanguinetti, Luigi Romolo: "Les Rayons emanantes du Corps dîi Médium P. Erto", em "Revue Métapsychique", 1922, junho, págs. 255 ss.

⁴ Geley, Gustave: "Les cas du médium Erto" em "Revue Métapsychique", 1924, n.º 3, págs. 205 ss.

Entre os observadores incluíram-se quatro ilusionistas, ou mágicos, porque naquela época já se admitia o que depois seria um dogma fundamental para a Parapsicologia: para a observação dos fenômenos parapsicológicos, especialmente os de efeitos físicos, é necessário dominar os segredos dos mágicos.

Apesar de todos esses controles, Erto enganou os investigadores durante dois anos, fazendo fotogênese fraudulenta. Os próprios investigadores, porém, ainda não tinham descoberto a fraude: somente fizeram constar, depois de já realizadas 36 sessões, que os movimentos do médium tinham parecido suspeitos aos mágicos presentes.

Mas, numa sessão realizada no Instituto de Radium, encontrou-se no sifão de uma pia, ao fazer a inspeção da sala após a sessão, um pequeno fragmento de ferro-cérum que não estava lá durante a inspeção feita antes da sessão. O ferro-cérum poderia ter servido para a trueagem das luzes... e isso era tudo. O Instituto Metapsíquico publicou uma nota sobre estas pequenas suspeitas,⁵ mas Erto protestou energicamente.

Dc 16 de abril até 2 de maio de 1924, tem-se uma nova série de cinco sessões, num laboratório da Sorbonne. Tomam parte investigadores escolhidos entre os melhores, especialistas não só dentro do campo da ciência psíquica, mas também no campo dos segredos mágicos, tão importantes neste tipo de investigação. Mauricc Garçon, Paul Hcuzé e Jcan Winchon, nomes famosos em Parapsicologia, eram alguns dos componentes da equipe.

Desta vez, além de todas as outras precauções anteriores, os punhos, os tornozelos e os joelhos de Erto são amarrados aos membros correspondentes de dois controladores colocados de ambos os lados. Graças a este controle, o comportamento do médium pôs os investigadores na pista da fraude: Erto devia usar material furtivamente introduzido na sala das sessões para provocar com ele, as "luzes do além".

E com efeito, em exame atento e microscópico do maiô de Erto, descobriram fragmentos de ferro-cérum, o que se vinha somar à descoberta feita no Instituto de Radium. Posteriormente, descobriram também nas roupas de Erto minúsculas pontas de aço. Com ferro-cérum e pontas de aço, o fenômeno se explicava claramente. Escreve a Comissão: "Ele se munia, antes da sessão, de um pequeno"

5. A nota foi publicada no jornal "Le Matin", de 7 de abril de 1924.

fragmento de ferro-cérum e de um pedacinho de aço. Na escuridão, raspa o ferro-cérum com o aço, produzindo assim, faíscas, dissimulando o barulho com um 'ah!' violento". <>

Erto astutamente exigia que lhe proporcionassem uma toalha ou um guardanapo para se proteger das luzes que, dizia ele, "lhe queimavam a cabeça". Era precisamente com estes panos que o médium dirigia os raios luminosos e imprimia às luminosidades formas diversas de leque, triângulo, cone etc. Por exemplo, as luminosidades esféricas ou em forma de discos, obtinha-as por meio da toalha, envolvendo convenientemente a mão.

A Comissão, e depois dela muitos outros escritores, têm falado da técnica com que se poderiam desfazer os nós das luvas de box com que Erto estava munido para, com as mãos livres, realizar seus truques.

E' verdade que essas técnicas de desfazer e fazer nós são viáveis, e que os mágicos as têm desenvolvido maravilhosamente.⁷ E' possível, e até certo, que Erto as tenha empregado alguma vez, segundo observações concordes dos diversos investigadores.

Porém, precisamente como mágico, penso que Erto alguma vez tenha fraudado sem tirar as luvas. Não é necessário tirá-las, ao menos para os fenômenos das luzes em questão nas sessões de Erto.

O minúsculo material empregado por Erto pode escapar ao exame anatômico, e à observação radiográfica. Para esfregar esses pequenos materiais, não se precisa liberar as mãos das luvas de box, bastando pôr o material em qualquer das inúmeras juntas móveis do corpo, ou sobre qualquer parte, mesmo imóvel, mas atingível por qualquer membro. As luvas, o maiô, o véu no rosto não¹ impedem este tipo de truque. Evidentemente, tudo isto é mais fácil perto da bôea (que tanto pode ajudar, segurando com os dentes e lábios, al ra.vés do véu). O truque é também fácil perto das mãos e

6. O parecer da "Comissão de Inquérito" foi publicado no jornal "L'Inquiéteur" e reproduzido por um dos mais destacados componentes da comissão, Heuzé, Paul: "Où en est la Métapsychique", Paris, édit. Hicr-Villars, 1926, págs. 265 ss.

7. Cfr., por exemplo, Who? (pseudônimo): "La Magia de las cuerdas", vnl. XI da "Biblioteca de Juegos, Preslidigitación e Ilusionismo". I :: mvlMtin, Síntes, 1951.

dos pés. E, em geral, convém que o truque seja realizado na parte anterior do corpo, pois nas costas tudo se complica... E, com efeito, era desses lugares que emanavam as “luzes do além”.

Tipos nr fraude — O uso da bôca já era conhecido: Eusápia Palladino, a mais famosa médium de todos os tempos, fôra acusada de esconder na bocã e manejar ferro-cerium com lábios e dentes.

E posteriormente, na famosa produtora de luzes, Ana Burton, que também se despia antes da sessão e se revestia de roupas especiais, descobriu-se uma vez, após um exame minucioso, que a saliva era fosforescente»

Isso evidentemente delatava o truque empregado. Aliás perigoso, pela alta toxidez do fósforo.

Richet reconhece que a fotogênese se presta facilmente aos truques, o que é evidente, dada a pequenez dos materiais necessários: “Os fenômenos luminosos são relativamente frequentes. Certo, eu não ignoro que se prestem à simulação, ao menos quando se apresentam sob a forma de fogos-fátuos que, como luzinhas, aparecem diante dos assistentes, realizam algumas voltas e desaparecem. Sei que se pode imitar o fenômeno lançando pequenos pedaços de fósforo”.⁸ E também, de outras maneiras, que Richet não cita., como por exemplo, com óleo fosforado, sulfeto de cálcio, ou de estrôncio, ou de bário, após temporária, exposição ao sol.

Cápsulas de borracha cheias de hidrogênio fosforado, facilmente inflamável, quando esfregadas entre os dedos produzem uma espécie de fogos-fátuos, coroas luminosas, faíscas carregadas de “mistério”. E mil outras técnicas das quais os mágicos têm verdadeiras monografias.^{8 9 10 *}

O coronel De Rochas experimentou com a famosíssima médium espírita Valentine. A médium era muito famosa por realizar, entre outros fenômenos, o de desprender misteriosas luminosidades. No

8. Hislop em “Journal of American Society for Psychical Research”, 1912, págs. 190 ss.

9. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, Paris, Alcan, 1923, pág. 623.

10. Cfr., por exemplo, um capítulo inteiro muito sucinto do livro de Rasid, Sir T. (P. M. E.): “Fantasias Mágicas”, Barcelona, Sintet, 1954.

decurso de uma experiência, que se realizava num aposento sem luz, quando “luzes do além” jorravam e circulavam na escuridão, Rochas acendeu subitamente a luz: percebeu-se que Valentine agitava em todos os sentidos seus pés descalços, impregnados de óleos fosforados.*¹

O uso de materiais fosforescentes para trucagem da fotogênese tem seus inconvenientes.

O jornal “Light”, órgão semanal dos espíritas de Londres, publicou no volume XXVI um artigo do famoso “desmascarador de médiuns”, Harry Price, onde descreve uma fotogênese “curiosa”: Um médium teve a infelicidade de quebrar o vidro em que guardava óleo fosforado. Ao contato com o oxigênio do ar, o óleo fosforado se fez luminoso... O vidro estava escondido na parte de trás das calças. Quando o médium se levantou, no assento da cadeira apareceu uma “lua cheia” fosforescente que correspondia exatamente aos fundilhos das calças do médium...

Se o vidro não se tivesse quebrado, esparramando o óleo fosforado, ao ser fechado desapareceria a luminosidade.

Richet se esforça por defender timidamente algumas fotogêneses discutíveis, realizadas por médiuns espíritas, e conclui: “Em todo caso, o estudo fotográfico das emissões luminosas provenientes dos médiuns, seja sob forma de nuvens, de clarões ou de uma vaga névoa, é demais incerto ainda para poder garantir-nos uma conclusão definitiva... A luminosidade... é impossível que não exija novas provas ainda. São necessárias metódicas investigações”.¹²

Richet refere-se à fotogênese provocada por médiuns espíritas em sessões de espiritismo, onde as condições de preparação são necessariamente deficientes, e onde incita a fraude a necessidade de obter os fenômenos e de obtê-los no tempo destinado à sessão.

Os “MISTERIOSOS” — Os “fogos-fátuos” têm dado origem a muitas superstições e lendas. Aparecem às vezes nos

11. Miffhiex Paul: “Les faux médiuns”, em “ficho du Mervedleux”, COC, 1919.

12. Richet, Charles: “Traité...”, o. c., págs. 626 e 629 respectivamente.

pântanos, nos cemitérios, nos depósitos de lixo e em quaisquer outros lugares onde há matérias animais ou vegetais em putrefação.

Nos pântanos, é, preferentemente, o hidrogênio proto-carbono que arde numa chama azulada pouco brilhante, mas nitidamente perceptível na escuridão. Nos cemitérios é o hidrogênio fosforado que se inflama muito facilmente ao contato com o ar.

Estes “fogos-fátuos”, quando movidos por uma ligeira brisa ou atraídos pelas pessoas que passam perto, são estarrecedores para a imaginação popular, que os têm designado com inúmeros nomes, cada qual mais supersticioso: candeias dos mortos, fogos dos Elfos (gênios ou espíritos do ar, da mitologia escandinava), lanterna de monge, alma penada etc...

Os chamados “fogos de San teimo” têm provocado também pânico e lendas na imaginação popular. Podem ser vistos, às vezes, sobre os mastros dos navios, sobre as torres das igrejas, inclusive sobre as copas das árvores, em dias de tempestade. Ao redor das pontas dos pára-raios ou das ventoinhas, tem-se visto algumas vezes em forma de feixe de faíscas.

Devcm-sc, como sc sabe, à acumulação de eletricidade ambiente.

Coitas peças de roupa, mormente as de nylon, acumulam eletricidade estática em alguma quantidade:

Na escuridão, produz-se uma chuva de faíscas, por exemplo, ao despir a poça. Às vezes, essas roupas ficam rígidas ou se movimentam, simulando uma “assombração”, mesmo quando já penduradas nos cabides, por efeito de pequenas descargas elétricas.

Muitas pessoas têm observado, em certas noites, as faíscas que se desprendem ao acariciar um gato...

Antigamente pensaram que era telcrgia o que iluminava as lâmpadas elétricas quando esfregadas pela mão de certas pessoas. A experiência é fácil:

Pega-se com a mão esquerda, pelo “pescoço”, uma lâmpada elétrica de qualquer espécie. Esfrega-se horizontalmente com a mão direita. Em lugares e dias secos, com mãos também bem secas, consegue-se, após um ou dois minutos, que a lâmpada apresente certa luminosidade, que dura algum tempo. Esta luminosidade, depois de desvanecer-se pode até reaparecer uns segundos depois. Quando

o filamento está quebrado, aparecem pequenas faíscas entre os seus pedaços e as paredes da lâmpada e ouvem-se crepitações. Estando o filamento intato, pode-se curvar em direção às paredes da lâmpada ...

Mas tal fenômeno nada tem. a ver com o “magnetismo animal”, como pensavam alguns fluidistas. Trata-se unicamente de um fenômeno elétrico normal. Pode-se conseguir a mesma coisa esfregando com um pano de seda, de lã, de algodão, com uma folha de papel ou de plástico...

Basta, para tudo isso, que o gás da lâmpada esteja bem rarefeito e que o ambiente e os materiais que a esfregam estejam bem secos. Um eletroscópio sensível pode demonstrar, e o tem demonstrado, que nessas experiências a lâmpada se carrega com eletricidade positiva ou negativa, segundo o material usado. Nada de misterioso.¹³

O raio od — O fenômeno da produção de luz enquadra-se melhor na fotogênese parapsicológica quando se produz no homem.

De 1845 até 1868, o célebre químico austríaco, Dr. Reichenbach, publicava suas obras m cujo conteúdo podemos resumir assim: apoiado no testemunho unânime de uma série de hiperestésicos, muito desenvolvidos, que viam “luzes especiais” de diverso^ tamanhos, cores e formas nos ímãs, objetos e pessoas, o Dr. Reichenbach deduziu a existência de uma força “luminosa” especial que ele chamou “od” ou “fluido ódico”.

Os sensitivos de Reichenbach geralmente não foram hipnotizados (ou magnetizados) para as experiências, a fim de evitar, quanto possível, a sugestionabilidade e o influxo inconsciente das idéias do experimentador. Em contra-provas com eletro-ímãs, por exemplo, tomou-se a precaução de que nenhum dos presentes, nem o próprio Reichenbach, soubesse por vias normais se a corrente estava ligada ou desligada.

18. Tocquet, Robert: em ‘Rcvue Méta.psychique’, 1922. Março-Abril; e em “Psychia”, 1932, janeiro.

II. Reichenbach, Karl von: “Physikalische Unctrsuchungen über «I ii • I >ynamik des Magnetismus, der Elektrizität, der Wärme, des Fichtes, «In- Krystallisiert, des Chemismus in ihren Beriehungen zur Lebens- hi:ilV*. P.rauasweig, Vierweg, 1845. “Der Sensitive Mensch und sein Wrli.-illen zun Od’ Stuttgart, Cotta, 1855. * Odisch-magnetische Briefe” : i i111 j-arl, Cotta, 1856. “Aphorismen über Sensitivität und Od”, Vienne, 1.3;111111i11U*1”, 1867.

Desta maneira, se pôde excluir das manifestações dos sensitivos, com grande probabilidade, o influxo da sugestão e de outras causas subjetivas e, concretamente, também, o erro na interpretação dos fenômenos endo-ópticos, que na escuridão completa mais facilmente poderiam ser atribuídos a causas externas.

Enfim, a experimentação, ainda que insuficiente para estabelecer determinados pontos particulares, é de grande força comprobatória nos temas centrais e comuns a todas ou quase todas as experiências, com as suas inúmeras provas e contra-provas. Esses temas centrais e comuns são, em primeiro lugar, a existência e, em segundo lugar, a "luminosidade" da força "od" no seu significado idêntico ao de telergia.

Dissemos "luminosidade", entre outras. Somente os sensitivos, "viram" a telergia, milhares de vezes, na escuridão. Mas, o problema para nós está em saber se os sensitivos de fato viram na escuridão a telergia ou se somente a sentiram, tendo uma conseqüente alucinação visual. As experiências parecem demonstrar que, muitas vezes, também viram a telergia. Mais ainda: parece que muitas vezes somente a viram, dado a distância entre o sensitivo e a pessoa emissora. Parece difícil, a tais distâncias, às vezes de bastantes metros, sentir o contato, temperatura, etc. do "OD", especialmente quando não focalizado na direção dos sensitivos, para daí alucinar-se como se o vissem. É muito mais lógico admitir a objetividade da "visão" dos sensitivos. Reichenbach estudou direta e expressamente, embora não de maneira exaustiva, este problema do que ele chamou "luz óptica".

Vemos que, com estas experiências, se confirmam algumas das velhas experiências de Mesmer, embora devamos prescindir de outros pontos discutíveis.

Mesmer dizia, por exemplo: "Esta mesma pessoa ('um dos doentes que eu tratei e outros que tenho observado cuidadosamente') na escuridão, via... sair... do corpo... um vapor que ela podia designar apenas como de luz. Cada ponta das sobrancelhas, pestanas e cabelos emite uma débil claridade. O pescoço aparece luminoso, algo iluminado o peito... a palma da mão aparece... luminosa" A5

15. Mesmer Franz Anton: "Los fundamentos del magnetismo animal. Aforismos de Mesmer y Comentarios del dr. Caullet de Veumorel". Tradução espanhola e prólogo por González Blanco, Edmundo, Buenos Aires, 1954, págs. 107-119.

Continuam as experiências — Em 1891, o coronel Rochas populariza na França as experiências de Reichenbach e as continua com a colaboração do Dr. Luys no "Hôpital de la Charité" de Paris.^{15 16}

Falamos só do ponto comum das experiências: a existência e a "luminosidade" da telergia humana.

Rochas, ao contrário de Reichenbach, hipnotizava seus sensitivos. Isto poderia favorecer a sugestão provocada inconscientemente pelo experimentador.

Mas Rochas fez uma série de contraprovas para eliminar todos os fatores subjetivos, como a clássica prova do eletro-ímã ativado por relés e minuterias. O eletro-ímã era invertido ou desligado sem que o soubessem nem o sensitivo nem nenhuma das pessoas presentes. A percepção por parte dos sensitivos esteve sempre de acordo com a operação. Substituindo o ferro doce pelo aço, os sensitivos "viam" uma luminosidade constante, como convém.

Enfim há uma infinidade de provas e contra-provas que garantem, com notável valor científico, a objetividade das afirmações sempre unânimes dos sensitivos, também quando se referiam à "luminosidade" da telergia humana.

Na visão do eflúvio luminoso que emanava do corpo humano, (L'astacou-se o sensitivo Albert L., auxiliar do Dr. Luys. Albert via a lúrgia luminosa, mesmo quando experimentava em sala plenamente

16. Rochas, Albert de: "Les Radiations Lumineuses du Corps Humain", em "Annales des Sciences Psychiques", 1911, setembro, págs. 26-31 ss. "Le fluide des magnétiseurs. Précis des expériences du baron de Liebig sur ses propriétés physiques et physiologiques". Paris, M. L'éditeur, 1891. Veja-se também: "L'exteriorisation de la sensibilité", Paris: Cibaconac, 1906, 6.ª ed.; "L'exteriorisation de la motricité", "Recueil de recherches et des observations", Paris, Charconac, 1906, 6.ª ed. e "Les sens non définies" Paris, Manon, 1887.

Evidentemente, também as obras de Rochas foram muito criticadas, com os acertos e erros típicos da tradicional polêmica dos fluidos. Precisamos mais uma vez dos exageros de Rochas, generalizações, teorias: tantos outros temas particulares como, por exemplo, se a telergia é ou não polarizada; se as radiações do pólo norte dos ímãs são vermelhas no pólo sul; se o mesmo ocorre com os pólos I e II negativo de uma pilha e do corpo humano, que seria polarizado, respondendo a metade direita ao pólo norte e a metade esquerda ao pólo sul, etc. Todos estes temas são muito discutíveis e os sensitivos de Rochas divergiam muitas vezes nas suas apre-

iluminada. Os olhos dêste sensitivo tinham algumas particularidades fisiológicas que provavelmente favoreciam a hiperestesia visual. Observados ao oftalmoscópio, “o fundo do olho apresentava um fenómeno de eretismo vascular extrafisiológico e os vasos sanguíneos tinham quase o triplo de volume”.

Rochas comprovou bastante exaustivamente que a telergia era vista geralmente na escuridão, pela retina dos sensitivos, e não somente sentida. Comprovou, portanto, a luminosidade da telergia, embora só os sensitivos a vissem, dado que os emissores eram pessoas normais. Logicamente, se os emissores forem dotados, haverá a fotogênese visível por todos, como neste capítulo queremos provar.

Mais comprovações — O Dr. Kilner, membro do Conselho Real dos Médicos de Londres, que durante quatro anos experimentou pacientemente no Hospital de São Tomás, afirma ter conseguido ver, na escuridão completa, usando vidros especiais, os eflúvios luminosos humanos. Os eflúvios formariam, ao redor do corpo, um ligeiro nevoeiro luminoso de forma oval, que o Dr. Kilner chamou “atmosfera humana”.

O mesmo comprovou, e com a mesma técnica, o dr. O'Donnelly, do Mercy Hospital, de Chicago.^{17 18}

17. Os vidros eram coloridos com substâncias à base de dielyamina em solução alcoólica, que, segundo Kilner, é capaz de exaltar a capacidade retiniana do lado violeta e ultravioleta. O pereipiente, através dum destes vidros, olhava para outra pessoa que se colocava diante de um fundo negro.

18. Kilner, Walter J.: “The human atmosphere or the aura made visible by the aid of chemical screens”, Londres, Rehman, 33i2

Mais uma vez, deve-se prescindir de certos exageros e afirmações “adicionais” dos que não levam suficientemente em conta muitas possibilidades de erro nestes tipos de investigações. Kilner assegura, por exemplo, que a aura consta de três zonas distintas, com forma e tamanho precisos. Afirma que 95% das pessoas poderiam ver os eflúvios luminosos nas condições experimentais por êle empregadas. Considera a aura com o método de observação tão objetivos, que se deveriam empregar para o diagnóstico médico, dado que a “aura” se modificaria de uma maneira precisa de acordo com o estado de saúde, e segundo as diversas doenças, etc. Vê-se nesta, como noutras afirmações “adicionais”, de Kilner e O'Donnelly, um grande influxo sugestivo e o apriorismo das idéias teosóficas e ocultistas.

Na realidade, porém, outros muitos investigadores, em idênticas condições de experimentação, não viram absolutamente nada destes fe-

Podemos, sem dúvida, encontrar mais uma vez, nas pacientes investigações de Kilner, (e de O'Donnelly) um fundo de verdade: ao menos algumas pessoas, os sensitivos, eram capazes de ver os fenómenos fotogénésicos de outras, especialmente se estas pessoas eram também dotadas.¹⁹

Casos discutíveis — “Quase todos os grandes médiuns têm produzido fenómenos luminosos”,²⁰ * mas em geral de modo esporádico e os investigadores não insistiram na sua verificação. Escolheremos os melhores casos.

Foi freqüente a fotogênese com Slainton Moses, às vezes bastante intensa, sob a forma de rápidos lampejos, outras vezes sob a forma de colunas de fumaça fosforescente, ou de luminosidade difusa, ou de pequenos cometas, ou de estréias etc.

Mas, a fotogênese de Stainton Moses nos é conhecida principalmente pelas próprias memórias, sendo êle mesmo, na maior parte dos casos, a única testemunha dos fenómenos. Isto tira talvez todo o valor científico desta fotogênese, pois

itoinenos “adicionais” ou têm demonstrado o papel da sugestão, da ilusão, ou erros de interpretação. Assim, por exemplo, Fontenay, que é irreisamente quem fez públicas as condições exatas das experiências de Kilner, dado que o próprio Kilner não é muito claro neste particular. Fontenay, Guillaume de: “L'aura humaine et les écrans du Dr. Walter Kilner”, em “A.S.P.”. 1912, março, págs. 74 ss.).

Ou Sudre que escreve: “com o vidro tratado com a dielyamina, Gelcy” “temos ficado horas sem nada descobrir. É verdade que nós sentíamos que com um pouco de auto-sugestão conseguiríamos facilmente ver o nevoeiro lá, onde provavelmente não havia nada. Em todo caso, a afirmação de Kilner, no tocante à proporção das pessoas que são capazes de ver espontaneamente a aura, é falsa”. (Sudre, René: “Traité de p-irapsychologie”, Paris, Payot, 1956 pág. 245).

Keichenbach era mais prudente, reservando êste privilégio aos sensíveis.

19. Nesta última consideração, quem sabe se estará a chave para a afirmação de Kilner, de que 95% das pessoas podem ver a aura? Não a fotogênese de uma pessoa normal, isso só os bons médiuns podem ver, mas sim a fotogênese de uma pessoa algo dotada com atividade parapsicológica. Então, 95% das pessoas com vidros apropriados, a poderão ver. E, mesmo sem vidros, todo mundo poderá vê-la. A fotogênese quando amplamente manifestada num dotado excepcional como o Mpmnos neste capítulo.

<> Ricliet Charles: “Traité...” o. c., pág. 624.

é suscetível de mil alucinações, além de apresentar muito perigo de exageros e até abertas falsidades, irresponsáveis na psicologia toda especial dos dotados.

Algumas fotogêneses de Stainton Moses são também testemunhadas pelo senhor e senhora Speer. Que valor podemos dar a estes testemunhos? Não temos motivos para duvidar da boa fé destes observadores, mas as condições de experimentação parecem deficientes. A senhora Speer descreve as fotogêneses que ela considera mais empolgantes:

“Um nevoeiro luminoso vem colocar-se sobre a mesa, toca a cabeça dos assistentes, sensivelmente, choca-se com o teto, vai até o alto da porta, sempre fazendo barulho quando bate em qualquer objeto”.

A fotogênese era mesmo só tclergia densa ou era de fato um objeto fraudulento?

Às vezes, segundo o depoimento da senhora Speer, via-se u'a mão transportando a luz... É isto nova probabilidade de fraude ou tratava-se de u'a mão ectoplasmática? (tclergia condensada em forma de mão, mais ou menos precisa; fenômeno possível que estudaremos).

Entre as fotogêneses apresentadas pelo Dr. Speer, parece que considera melhor a seguinte:

“Pedi que me aproximassem a luz do rosto; consentiu... convidou-me a fechar os olhos. Quando me permitiu abri-los, vi diante de mim, a alguns centímetros apenas do meu rosto, uma luz esplêndida, tendo a forma e o volume de um globo comum para lâmpadas”.²¹

Que julgar destas observações? Não se trataria exatamente de “um globo comum para lâmpadas”? À distância, coberto ou dissimulado o globo com um véu como se fôsse “ectoplasmático”, não estaria bem disfarçado o truque? Mesmo quando se pede para aproximar a luz, acaso se pode obser-

21. Relatório do próprio Dr. Speer em “Proceedings of the Society for Psychical Research”, 1890, págs. 275 ss.

var com os olhos fechados? Só se podem abrir quando a luz está tão perto dos olhos que deslumbra e impede a boa observação do fenômeno...

Experiências convincentes — Eusápia Palladino foi suspeita na sua fotogênese por ter sido descoberto, no local das sessões, “ferro-cerium”, muito apto para fingir o fenômeno.

Porém, noutras ocasiões, em boas condições de experimentação, observadores qualificados, como D'Arsonval e Curie, o descobridor do radium, viram sair da cabeça de Eusápia uma espécie de “zona escura, seguida de uma zona luminosa, semelhante ao espaço negro catódico, durante a descarga de um tubo de Crookes”.^{22 23 24 25}

O Dr. Morselli²³ viu diversos fenômenos de fotogênese nas suas experiências com Eusápia Palladino: “Cintilações indefiníveis” muitas vezes com “contornos esfumados” etc. Morselli conclui: “É impossível, e mesmo absurdo, quando se tem visto uma só vez, compará-las a fosforescências artificiais”.

D. D. Home fazia aparecer luzes em toda classe de formas.²⁴ Umaz vezes uma pequena bola luminosa flutuava no ar, outras vezes, aparecem pequenas luzinhas, como chuva de estrelas ou diminutos fogos de artifício. Numa ocasião, viram-se umas como línguas de fogo repousando ou saindo da cabeça de Home.

Inclusive alguma ou outra vez foi observada uma luz bem mais intensa, pois era visível na sala bem iluminada. Escreve, a propósito William Crookes: “Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliótrópio, colocado em cima de uma mesa, ao nosso lado... e, em algumas ocasiões, percebi uma nuvem semelhante condensar-se sob nossos olhos”.²⁵

Algumas vezes, luzes errantes, fosforescentes, tocaram os corpos dos assistentes, oferecendo a sensação de contato com um corpo sólido.

Notemos que Home nunca foi pego em fraude, e que as condições de controle, nas sessões que realizava, foram frequentemente satisfatórias, como veremos.

22. Courtier, Juics: “Rapport sur les séances d'Eusapia Palladino a l'institut General Psychologique”, Paris, 1909, pág. 559.

23. Morselli, Enrico: “La Psicologia e spiritismo” Torino, 1908.

24. Adare, Visconde de: “Experiences in Spiritualism with D. D. Home”, Londres, Scott, 1869, págs. 13, 38, 52, 60, 65, 76, 83, 88, 89, 114, 124.

25. Crookes, William: “Nouvelles expériences sur la force psychique”, Paris, L. S. P., 1879, pág. 160.

William Crookes, e nisto a sua autoridade é grande, por tratar-se de uma análise pertencente à especialidade do grande físico-químico, afirma a respeito das suas observações das fotogêneses realizadas por Home (e por Catarina Fox): «Tenho apenas necessidade de lembrar aos meus leitores que... tomei tôdas as precauções convenientes para evitar que lançassem mão de óleo fosforado ou de outros meios. Ademais, muitas dessas luzes eram de natureza tal que não pude chegar a imitá-las por meios artificiais; sob as mais rigorosas condições de exame. . . »²⁶

Uma médium menos conhecida, Maria Silbert, quando voltava de umas sessões na S. P. R. (Sociedade de Investigações Psíquicas) de Londres, foi do novo observada na cidade de Gratz, na Alemanha, por um grupo de pesquisadores, entre os quais estava, um brasileiro, Huberto Rohden, então estudante jesuíta na Universidade de Innsbruck.

Faziam parte do grupo de investigadores o insigne cientista jesuíta Padre Aloísio Gatterer, professor de Cosmologia naquela Universidade, o jesuíta português, Padre Raul Machado, colaborador da famosa revista "Brotéria"; o Dr. Michelistsch, professor de Teologia da Universidade de Gratz; o Dr. Udo, professor de Psicologia na mesma Universidade, e autor de várias obras; o Dr. Hohenwartcr, professor de Religião em Klagenfurt; o Dr. Minibeck, filósofo incrédulo e Conselheiro Imperial da Áustria (as experiências foram em 1926); e o Dr. Alier, professor de Química na Universidade de Gratz.

Cada noite, durante uns quinze minutos, na ausência da médium, examinavam a sala das sessões. Em Londres, onde realizou os mesmos fenômenos que vamos descrever, Maria Silbert, após o exame anatômico completo, era vestida com a malha especial, frequentemente exigida na experimentação com dotados para efeitos físicos. Após a médium entrar na sala, fechavam-se as portas e guardavam-se cuidadosamente as chaves, selando-se cautelosamente portas e janelas. As sessões se realizavam à plena luz de uma lâmpada de cem velas. Condições de observação, dentro do possível, muito satisfatórias,

Pois bem, em tôdas as sessões "Maria Silbert, assim que caía em transe, ficava toda luminosa, irradiando uma claridade lunar,

26. Crookes, William: "Nouvelles. . ." o. c., pág. 159.

suave, fosforescente, ligeiramente esverdeada, lembrando a luz dos nossos vagalumes. Das pontas dos dedos, dos cotovelos e dos joelhos saem, de vez em quando, clarões mais fortes, jatos que se apagam no espaço".

Era possível observar-se tudo isto, como dissemos, em plena luz. Porém, "para melhor apreciarmos essa luminosidade, apagamos a luz elétrica, e toda a sala ficava imersa num sugestivo luar, que partia do corpo da médium . . ."

«Nós, universitários, ao invés de adorar a «santa», ou pedir-lhe revelações do além, colocamos, sisuda e prosaicamente, uns pequenos aparelhos dentro da estranha luminosidade emanada do corpo da médium. E os nossos aparelhos acusavam magnetismo animal", isto é, registravam o que chamamos telergia.²⁷

Maria Silbert já fôra estudada sob êste e outros respeitos pelo Dr. Schrenck-Notzing.²⁸

Nas experiências, já citadas, do Dr. Osty, com Rudi Schneider, a telergia, geralmente invisível, numa ocasião pôde ser apreciada visualmente sob a forma dum nevoeiro luminoso. Era perceptível apesar de a escuridão não ser, nem de longe, completa.

A verificação ocular foi logo constatada pelos sons das campainhas quando o "nevoeiro luminoso", avançando mais um pouco, interceptou as linhas de projeção dos raios infravermelhos, absorvendo mais de 30%. Pouco depois, as campainhas já não soavam, mas os registros gráficos automáticos comprovaram, por algum tempo, a presença de alguma telergia, mais tênue, que os investigadores ainda viam: registrava-se, por exemplo, só 15% ou 20% de absorção.

Pessoas faiscantes — Enfim, à margem das observações e experiências dos parapsicólogos (e metapsíquicos), conhecem-se alguns casos espontâneos de fotogênese verdadeiramente notáveis.

Algumas pessoas especiais cobrem-se de clarões elétricos, ou produzem faíscas. Trata-se de pessoas especiais num es-

27. Rohden, Huberto: "Por um ideal", Rio de Janeiro, Freitas Litos, 1962, 2.ª ed., t. I, págs. 55 ss.

28. Schrenck-Notzing, Albert Freiherr, Barão von: "Physikalische Mianômene des Mediumnismus. Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge", Munich, E. Pheinhardt, 1920. Nós utilizamos a tradução francesa de Longaud: "Les phénomènes physiques de la médiumnisme", Paris, Payot, 1925, págs. 128 ss.

tado neurofisiológico especial, isto é: pertencem ao vasto número das pessoas que são chamados “dotados parapsicológicos”.

Por exemplo, uma senhora doente no Sanatório de Arco (Trento, Itália), emitia faíscas quando se lhe esfregava a pele, especialmente quando o tempo estava tempestuoso.²⁹

Liá casos bem mais notáveis, com melhores dados, geralmente doentes, cujo estado orgânico está notavelmente alterado.

A senhora Monaro, tuberculosa no Hospital de Pirano (Pola, Itália) desprendia do tórax um claríssimo relâmpago similar ao da lâmpada de magnésio, que durava três ou quatro segundos. À distância de quase meio metro, o relâmpago iluminava um tubo de Geisler.

Tudo isto foi observado muitas vezes pelos médicos do Hospital, que testemunham esta notável fotogênese.^{29 30}

O Dr. Feré tornou muito famoso, na literatura médica, um caso de fotogênese, por êle observado no Hospital da Salpetrière, durante quatro anos. Depois, no dia 14 de janeiro de 1888, apresentou completa relação do caso à Sociedade de Biologia de Paris.

Trata-se de uma histórica pertencente, aliás, a uma família onde abundavam os neuropatas. Sendo ainda muito jovem, muitas pessoas comprovaram que os cabelos da doente, em certos momentos, desprendiam faíscas visíveis na escuridão, produzindo uma pequena crepitação elétrica.

O fenômeno foi aumentando, com os anos, em intensidade e frequência, até que em 1883, quando a doente tinha quase 24 anos, o fenômeno se fez quase permanente e muito intenso: os cabelos tendiam a se eriçarem, rejeitando-se mutuamente. O pente, ou qualquer outro objeto que os tocasse, produzia sempre faíscas. Quando os vestidos tocavam a pele, em qualquer parte do corpo, produzia-se uma crepitação luminosa e se imantavam de tal maneira que aderiam molestamente ao corpo. As pontas dos dedos atraíam os corpos leves, como agulhas, fragmentos de papel etc.

29. Barrera, E.: “Um mondo misterioso” Bompiani 1946, pág. 124.

30. Dr. Sartori, em “La Ricerca Psicica”, 1943, junho.

A luminosidade e as descargas elétricas, aumentavam com as emoções ou com músicas ou barulhos que excitassem a doente. Os fenômenos só cessavam nos dias muito úmidos e, pelo contrário, eram muito mais intensos no tempo seco.

Um filho desta senhora manifestava também os mesmos fenômenos desde a idade de oito anos.³¹

O dinamarquês Peter Johansen, além de ver na escuridão uma luz azulada, mais ou menos intensa, na parte superior do corpo de algumas pessoas, desprendia também êle próprio essa luz muito mais intensamente; como o faziam, igualmente, dois irmãos seus.

Contra a possível objeção de que essa luminosidade fosse, talvez, subjetiva está o fato de que ela atraía as limalhas de ferro, o que confirma a objetividade da emissão telérgica.

David Marton, empregado de Banco em Londres, e falecido em 1935, foi muito famoso porque também atraía as limalhas de ferro e desviava a agulha magnética ao aproximar a mão. Era chamado o “imã vivo”.³²

À procura da causa — Não nos interessa discutir se estes fenômenos espontâneos que acabamos de citar são devidos exclusivamente à eletricidade estática do ambiente, acumulada no organismo, ou se é a eletricidade interna dessas pessoas, ou ambas as coisas, ou uma transformação de qualquer tipo de energia do organismo ou de fora dele. O certo é que o fenômeno somente se manifesta em grau mais notável em pessoas especiais, com especiais características neurofisiológicas ou psíquicas. Essa força incluímo-la, como já explicamos, no âmbito da telérgia.

Agentes da luminosidade — Há muitos animais fosforescentes: vagalume, pirilampo etc. Os mares tropicais apresentam muitas vezes notável brilho fosforescente, pela presença de milhões de infusórios luminosos. São conhecidos os peixes luminosos nas profundidades dos mares.

Tigualmente, há plantas, em regiões tropicais, que produzem luminosidade.

ii : «<Tvimo-nos de um resumo publicado na “Revue Scientifique”,

ii « v « r « *iro, págs. 156 ss.

iii : Al Cano, Giovanni Battista: “Lo Spiritismo... ciuesto mistero!”,
rj : i | m » ! « « : !, Adriana, 1955, págs. 394 ss.

Influenciados pela analogia com esses casos, alguns investigadores quiseram reduzir todo o assunto da fotogênese parapsicológica ao fósforo existente no organismo humano.

Todo homem tem no seu corpo fósforo suficiente para fabricar mais do moio milhão de fósforos. E' conhecido, em medicina, o fato de que algumas pessoas tenham apresentado, às vèzes, a urina fosforescente; outras pessoas se mostraram luminosas na escuridão pela fosforescência do suor.

A propósito da senhora Monaro, a tuberculosa luminosa do Hospital de Pirano, que antes citávamos, o dr. Protti, da Universidade de Pádua, referia ao jornal "The Times" ³³ que "o poder irradiante do seu sangue é três vèzes superior ao normal". Provavelmente, seu estrito jejum quaresmal produziu nela um excesso de enxôfre. O enxôfre fêz-se luminoso sob a ação das irradiações ultra-violeta. Isto pode explicar sua periódica luminosidade, segundo Protti.

Não negamos a possibilidade c mesmo o fato de que, em algumas ocasiões, a luminosidade se deva ao fósforo ou ao enxôfre existentes no organismo, manifestado, especialmente, em pessoas e circunstâncias mórbidas ou anormais; poderíamos dizer também, em dotados em circunstâncias parapsicológicas. Mas nem toda a fotogênese se explica assim.

Como no caso da telcrgia, muitos quiseram explicar a fotogênese por magnetismo ou eletricidade. Muito freqüentemente se tem percebido o odor do ozônio durante os fenômenos luminosos, o que confirmaria a teoria da natureza elétrica da fotogênese. Aqui, como então, aceitamos para muitos casos a explicação por eletricidade, mas nem tudo se pode reduzir a ela.

Sem mais precisões, a explicação da fotogênese é a telergia, no sentido amplo em que tomamos esta palavra.

Como muito bem diz o Pe. Alfano: "a fotogênese é um fenômeno menos difícil de se interpretar, supondo também para êste fenômeno, a exteriorização de um quid, material ou energético, emitido do corpo do médium".³⁴

33. "The Times", 5 de maio de 1934.

34. Alfano, Giovanni: "Lo Spiritismo...o. c.", pág. 383.

Sendo a fotogênese simplesmente um aspecto sob o qual se apresenta a telergia, é evidente que muitos fenômenos para-psicológicos de efeitos físicos, dado que realizados pela telergia, são acompanhados de fotogênese. Resume, por exemplo, René Sudre: "Ordinariamente, nas sessões de ectoplasma, observam-se nebulosidades mais ou menos móveis e luminosas... Enfim, todos os teleplastas (dotados para efeitos I micos) produzem luminosidades muito brilhantes e móveis « ajo volume varia... »"³⁵

Ação conjunta — Sendo a fotogênese um aspecto da telergia, conseqüentemente também a fotogênese, como vimos na telergia mesma, pode ser produzida em colaboração com <>:: assistentes.

A propósito das experiências de fotogênese com Maria

* • i11x*rt, escreve Rohden muito bem:

"Depois de muito brilhar, empalideciam aos poucos os lindos ■ i;m»rs fosfóreos, e se aproximavam da completa extinção, quando » médium se sentia tão fraca que quase desmaiava. Os ponteiros 'In:, nossos manômetros baixavam então para zero. Bastava, porém, <> mais ligeiro contato com a mão de um dos espectadores, para i"v logo se reanimasse a luz".

" Dava-se, evidentemente, uma transfusão de fluidos magn« Imos (telergia, diríamos nós) de uma bateria mais forte paia. outra menos forte. Era interessante verificar que pre-ma monte os mais fortes c jovens entre nós — o Padre Ma-« liado o cu — servíamos quase sempre de baterias forneccdo-«:; lauto assim que a médium, instintivamente, estendia a m. io paia. um: de nós".³⁶

<> (feito polipsíquico pode explicar alguns casos de foto-
• « n< • :o mais intensa, mas devemos também ter em conta que
i ando intensidade de fotogênese, exige muito menos reser-
v i d< onorgia do que poderia parecer. Num efeito normal
«iM-dqimr, fora do âmbito parapsicológico, há muita dispersão
d- • n<Tgia pelos efeitos concomitantes térmicos, mecânicos,
v iLi ilmiños, etc... Num efeito parapsicológico, os efeitos con-
1 ■"iniano; frqüentemente são mínimos, havendo, por conse-

"■"<1>«. René: "Traité...", o. c., pág. 265.

i:• d«lt'11, Huberto: "Por um ideal...", o. c., t. I, pág. 50.

guinte, maior aproveitamento de energia. Esta portanto, pode jscr relativamente pouca e não obstante ser capaz de produzir uma fotogênese bastante notável. “As luzes muito vivas que aparecem ao redor do dotado, não estando acompanhadas de calor, como a luminosidade dos vagalumes, ou dos peixes fosforescentes, requerem muito pouca energia”, escrevia Sudrep⁷ Inclusive, essas luzes freqüentemente nem sequer iluminam: simplesmente são visíveis com grande brilho som que iluminem os objetos circundantes.

A Fotogênese é uma crença antiquíssima. Pode ser explicada por fraude.

K encontrado na Natureza um fenômeno parecido, por eletricidade estática e outras causas.*

Mas há uma emanção luminosa do homem que às vezes é vista por dotados e, em casos de mais intensidade também pelos observadores comuns.

É um fenômeno de exteriorização de telcrgia, e transformação em luminosidade.

37. Sucle, René: “Trai té...”, o. c., pág. 277.

Triptologiei-I

GOLPES OU PANCADAS SEM CAUSA
APARENTE

Barulhos “inexplicáveis”. — Origem do Espiritismo. — As fundadoras do Espiritismo reconhecem, a fraude. — Mãos invisíveis batem nas paredes. — Nas casas “mal-assombradas”...

Colocação do tema — Entre os problemas parapsicológicos de efeitos físicos, são muito freqüentes as batidas, golpes, percussões, estalos... A nomenclatura ou os sinônimos são incontáveis. Trata-se de ruídos de toda espécie, produzidos nas mais díspares modalidades.

Falando do grande dotado Daniel Dunglas Home, e de uma das “fundadoras” do espiritismo, Katie Fox, escreve William Crookes: “Por diversas vezes, durante as minhas experiências, ouvi pancadas delicadas como produzidas pela ponta de um alfinete, (outras vezes) como uma cascata de sons penetrantes: os de qualquer máquina de indução em plena atividade; detonações no ar, (ou ainda), leves ruídos metálicos, estalidos agudos, como os que se ouvem quando uma máquina trituradora está em atividade; sons que pareciam arranhaduras, gorgeios como os de um pássaro etc.”.

“... Com a senhora Fox, ruidosos sons se fazem escutar, como um triplo choque, e algumas vezes com força bastante para serem ouvidos através de vários aposentos”.

“Ouvi-os assim produzirem-se em uma árvore, num grande quadro de vidro, num arame, numa membrana esticada, num tamborete, sobre a cobertura de uma carruagem e no tablado de um teatro... Ouvi êsses ruídos saírem do assoalho, das paredes, quando a médium tinha as mãos e os pés amarrados, quando estava em pé sobre uma cadeira, quando se achava numa balança suspensa do teto, quando estava encerrada numa gaiola de ferro e quando se sentava numa poltrona em estado letárgico. Ouvi-os sobre uma vitrola, senti-os sobre os meus próprios ombros e sob as minhas mãos. Ouvi-os sobre uma folha de papel, segura entre os meus dedos por uma extremidade de fio passado num canto dessa folha”.¹

Os raps — Intitulamos êste capítulo *tiptologia* (do grego: typto bater, ferir, golpear, c Jogos — palavra), nomenclatura muito empregada pelos especialistas para designar o estudo dos “raps”, plural da palavra inglesa rap (pancada, golpe, batida, que na forma verbal significa bater repetidamente, golpear repetidamente...).

Alguns autores querem distinguir entre o nome “raps”, e qualquer das suas traduções. Alfano, por exemplo, escreve: “os ‘raps’... são ruídos análogos ao crepitar das fagulhas elétricas ou às arranhaduras sobre madeira... Os ‘golpes’ são ruídos secos, breves...”.^{1 2} Um e outro sentido, estão compreendidos na palavra “raps”.

Ao lado da tiptologia, podemos aludir também à tiptomímica (do grego: miméomai = imitar) para designar a imitação de músicas, danças, ritmos etc. por meio dos ‘raps’.

Outros autores empregam, em vez de tiptologia, a palavra ‘torbismo’ (do grego thóribos = ruído confuso, tumulto) que, porém, incluiria no seu conceito não somente a tiptologia propriamente dita, mas também as vozes, músicas, etc. de origem parapsicológica.

São também empregados, menos freqüentemente, grande variedade de nomes: “Echoes”, “noises”, “knockings”, e inclusive, “telegrafia espiritual”. Aliás, o primeiro jornal espírita

1. Crookes, William: “Researches on the phenomena of Spiritualism”, Londres, Burns, 1874, pág. 86. O parágrafo que transcrevemos no texto foi publicado pelo autor com outros estudos, pela primeira vez, no artigo: “Spiritualism and Science”, em “Quarterly Journal of Science”, 1874, janeiro.

2. Alfano, Giovanni Battista: “Lo Spiritismo... questo mistero!”, Nápoles, Adriana, 1955, pág. 55.

do mundo, vindo à luz a 8 de maio de 1852, chamou-se justamente “Spiritual Telegraph”, fundado a expensas do industrial Sr. Partridge e sendo o seu diretor o Rev. Sr. S. B. Britain.³

A importância da tiptologia, do ponto de vista parapsicológico, ao menos no que se refere aos efeitos físicos, já Kichet a destacava: “E’ um fenômeno muito bonito, essencial, muito essencial, que deveria ser estudado com mais atenção do que como o fazem os espíritas, cegos pelo desejo de obter mirabolantes e fantasmagóricos fenômenos. Não obstante, o fenômeno dos raps constitui, quando incontestável, a prova manifesta de que existem forças que agem mecanicamente sobre as coisas, independentemente de nossa ação muscular. Eu pessoalmente considero o fenômeno, apesar de sua singeleza, ou precisamente por sua singeleza, como o mais belo fenômeno da metapsíquica”.⁴

Raps não muito metapsíquicos ... — Evidentemente, como em todo fenômeno, também na tiptologia deve ter-se muito presente a possibilidade de fraude, consciente ou inconsciente.

O grande mágico Houdini refere, num dos seus livros,⁵ um truque singular:

“Imaginal estar numa sessão espírita, todas as pessoas sentadas num círculo... Suponde também que conheceis a sala, cujas portas estão fechadas a chave; que não há aberturas a não ser as janelas da sala de quarto andar; enfim, que não há meio algum aparente de combinação com o médium que dirige a sessão”.

Suponde também, logo ao escurecer-se a sala, que o médium, inicialmente no centro, anuncia que um espírito vai entrar por uma das janelas (de quarto andar). Suponde que ouvis abrir-se uma janela, sentis a corrente de ar exterior e no momento seguinte ouvis o som de pancadas pesadas no teto. Ficareis certamente muito interessados, chegareis mesmo a convencer-vos de que, realmente, é o médium que se comunica com os espíritos dos mortos”.

;; YV. G. Langworthy Taylor: “Katie and the Fox-Taylor Record”, New York, 1933, pág. 71.

1 Kichet, Charles: “Traité de Métapsychique”, Paris, Alcan, 1923,

2 Houdini,

3 Houdini, Harry: “A magician among the spirits”, New York, 1911. 4 N. S. W. York, 1920.

“Eu estive presente a uma sessão na Inglaterra, há alguns anos passados, na qual um espírito se materializava sob as exatas condições que acabo de citar”.

“Entretanto, eu não me deixaria enganar. Não tinha a menor dúvida de que o médium que presidia à sessão, embora pudesse ser uma pessoa respeitável em outros sentidos, como médium era um embusteiro, tão pouco capaz de se comunicar com os espíritos como de mudar a cor dos próprios olhos. Porque o médium fui eu mesmo”.

“Eu dei a sessão para o bem de um grupo de amigos ingleses. . . Nunca me fiz passar como possuidor de poderes ocultos, entretanto a metade daqueles que assistiram à sessão me aceitaram como médium autêntico, até que eu lhes expliquei, um por um, todos os passes de que me servi para enganá-los. O espírito que entrou pela janela e andou no teto, pesava uns 150 quilos, pois eram dois membros de uma equipe acrobática de americanos, meus companheiros”.

“... Escapuliram do grupo..., fizeram um equilíbrio de mãos dadas, ficando um por cima do outro, cabeça com cabeça . . . Depois fecharam a janela e voltaram sorratamente a seus lugares”.

Outro famoso mágico — O famoso metapsíquico Hodgson, entre outras muitas sessões fraudulentas realizadas por ele mesmo ou pelo mágico Davis, para demonstrar como é fácil enganar a qualquer pessoa nestas matérias, dentro do ambiente de uma sessão de espiritismo, descreve uma sessão, com o mágico, onde o mesmo Hodgson servia de cúmplice para uma série de fenômenos “do além”.

Produziu-se a tiptologia simplesmente golpeando o teto da sala com um longo pau. Hodgson publica o relatório palpitante que um espectador fez dessa sessão: estava plenamente convencido de que, desta vez, tinha assistido a uma sessão verdadeiramente importante e acima de qualquer crítica...

O mesmo Hodgson comprovou, em Cambridge, que a mais famosa médium espírita, Eusápia Palladino, produzia os raps golpeando a mesa com a cabeça.⁶

6. Hodgson, Richard, tradução de Mangin, Marcei: “Comment M. Davey a imité par la prestidigitation les prétendus phénomènes spirites”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1893, págs. 235 ss.

Fraudes industrializadas — Têm-se fabricado aparelhos especiais para fraudar a tiptologia.

Por exemplo, pequenas “cigarrras” escondidas entre o pé e o fundo dos sapatos, que funcionam segundo um sistema especial, como descobriu Dickson, em certos médiuns, e posteriormente reproduziu ele mesmo, para demonstrar como era fácil enganar a públicos mesmo seletos?

Nas lojas para mágicos e médiuns, vendem-se diversos aparelhos para trucar a tiptologia.

O “guéridom” espírita: uma lâmina de aço ondulado desliza entre a madeira e o folheado da mesa. Num destes aparelhos basta uma ligeira pressão sobre a superfície da mesa e o aparelho produz uns raps muito sonoros. Noutros aparelhos, mesmo exercendo forte pressão sobre a mesa, o aparelho não funciona, o que desorienta os investigadores novatos, mas funciona perfeitamente exercendo-se pressão sobre um determinado e exato ponto da borda da mesa.

“O martelo dos médiuns americanos”, assim chamado porque os médiuns daquele país foram os primeiros a usá-lo: é um martelinho diminuto fixado aos joelhos sob as calças. Um fio é atado de uma parte ao cabo do martelo e da outra à barriga da perna. Basta uma ligeira flexão da perna e o martelo bate sobre a superfície da mesa.

Chama-se “cri-cri” a um minúsculo aparelho de chumbo, dentro do qual há uma laminazinha de aço ligeiramente convexa. Fazendo-se uma pequena pressão sobre a lâmina e deixando-a escapular-se, produzem-se uns raps “misteriosos”; e mais “misteriosos” ainda se o aparelho estiver envolvido em panos, pois assim não se percebe de onde procede o som.

Um simples pedaço de metal, pendurado por dentro das calças, um fio que se aciona com a mão, a bôea, ou o outro joelho, produz golpes de “além-túmulo” ao bater no chão, numa cadeira etc.

Enfim, são inumeráveis os aparelhos que se têm descoberto nos médiuns fraudulentos (aparelhos que inclusive podem ser inventados inconscientemente).

A possibilidade de fraude em tiptologia é enorme. Maxwell tem constatado grande quantidade de técnicas fraudulentas de tiptologia, em diversos médiuns estudados por ele.

7. Dickson, Adolphe Blind: “Médiuns, fakirs et prestidigitateurs”, Paris: Albin Michel, 1927, págs. 96 s.

Conclui Maxwell: “os raps são muito fáceis de serem emitidos... a mais simples e a mais perfeita (maneira de imitá-los) é fazer deslizar, muito lentamente, com um movimento imperceptível, a ponta de um dedo apoiado sobre a mesa. Os resultados são melhores quando o dedo está bem seco, desengordurado pela terebintina ou pela benzina... Podem-se também imitar com a unha (especialmente se preparada com colóio, como comprovou Dickson).» Podem-se imitar golpes que ressoam sobre o assoalho: os golpes surdos, esfregando jeitosamente, com o pé, o assoalho ou os pés da mesa; os golpes secos, deixando deslizar o sapato com extrema lentidão ao longo dos pés de uma mesa ou de uma cadeira. A fricção bastante lenta dos vestidos ou roupa branca, especialmente dos punhos da camisa, pode fazer crer na existência de raps... (Pode-se também) apoiar com força variável sobre a superfície de mesa: quando esta é fina ou quando está mal ensablada; quando as partes têm jôgo, as variações da pressão da mão determinam estalidos que parecem raps... Conheci um jovem médium que conseguira esconder um pau e simulava com ele raps que percutiam o teto. Conheci outros que davam murros sobre a mesa. Outros que a golpeavam por baixo com o pé. Tudo é possível na escuridão, com certos observadores de confiança...”⁹

Origem no espiritismo — Estas últimas técnicas de fraudar a tiptologia poderão parecer à primeira vista., simples demais para enganar a alguém. Na realidade, os mais singelos truques, em determinadas circunstâncias, podem enganar a qualquer observador, especialmente se não for bom especialista na matéria.

O moderno espiritismo nasceu precisamente com um caso de tiptologia fraudulenta...

A 2 de dezembro de 1847, o pastor metodista John D. Fox, com sua esposa e duas filhas pequenas, mudava-se para uma casinha conhecida sob o nome de “Hydesville” no bairro de Arcádia, do condado de Wayne, no estado de Nova York. Poucos dias depois, a mãe, chamada Margaret começou a ouvir barulhos que ela considerou um tanto estranhos, apesar de procederem do quarto das meninas e precisamente quando elas deviam ainda estar acordadas. Foram as meninas exercitando-se durante bastante tempo na pro-

8. Dickson, Adolphe Blind: *Médiuns...*, o. c., pág. 94.

9. Maxwell Joseph: *“Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, méthodes”*, Paris, Alcan, 1905, págs. 68, 79, 84.

dução dos “barulhos estranhos”, de modo que esses ruídos, inicialmente leves, eram três meses mais tarde, em fevereiro de 1848, perfeitas pancadas secas, idênticas aos hoje tão conhecidos raps.

A 31 de março daquele mesmo ano, 1848, realizava-se a “primeira sessão de espiritismo”. Das meninas, Margaret tinha naquela data, oito anos e meio; e Cathy sete anos de idade.^{8 9 10}

Naquela noite, diante da mãe, a menor das irmãs, Cathy, disse a Margaret: “Pé rachado, faça como eu”, e batendo com os dedos da mão, ou dando palmadas, dizia: “Conta: um, dois, três”. Imediatamente soaram, sem que a mãe pudesse precisar onde, uma, duas, três pancadas. As meninas estavam deitadas na cama de madeira...

A mãe, assustada, apesar da plena tranquilidade e dos risos das meninas, quis experimentar e perguntou aos ruídos que lhe dessem a idade de suas filhinhas menores: ouviram-se logo oito raps; após uma pequena pausa, soaram outros sete raps, e se acrescentaram ainda outros três que correspondiam aos anos de uma irmãzinha que falecera.

A mãe ficou completamente desconcertada e, sendo supersticiosa, logo perguntou: “E’ algum ser vivente que responde tão concretamente às minhas perguntas? Em caso afirmativo, dê duas pancadas”. Não houve resposta.

Perguntou então, e é este o momento exato do nascimento do espiritismo: “Será uma alma?” Imediatamente se ouviram duas pancadas secas, claras.

— “E’ uma alma do inferno?” Duas pancadas.

Com o mesmo sistema, obtida autorização da alma penada para que viessem os vizinhos, continuou a sessão espírita inaugural.

10. Muitos autores afirmam que as meninas tinham então 12 e 11 anos; outros dizem que 15 e 16; outros... Nós preferimos seguir Davenport que recebeu os dados das próprias irmãs Fox. No livro há inclusive uma fotografia autografada das irmãs Fox onde dizem: “As irmãs Fox assinadas aprovam a intenção do senhor Rubem B. Davenport de investigar o verdadeiro relato da origem do espiritismo e da nossa interação com ele e autorizamos o dito senhor a fazer uso dos dados e materiais que lhe pusemos nas mãos. Nova York, 15 de outubro de 1888 (Assinado) Margarida Fox-Kane. Catarina Fox Jencken”.

Sobre toda a história das irmãs Fox, tem-se escrito muito. As principais fontes são: Davenport, Rubem B.: “The death blow to Spiritualism”, New York, C. W. Dillingham, 1888. Capron, E. W.: “Modern Spiritualism, its Facts and Fanaticism”, Boston, 1855. A mesma Leah Fox também chamada Fisch por causa do primeiro marido, escreveu

* sobre o sobrenome do seu segundo marido, Underhill, Leah: “The missing link in modern Spiritualism”, New York, 1885.

Êsses os fatos. Trata-se de raps autênticos, de tiptologia parapsicológica?

Muitos anos mais tarde, as mesmas irmãs Fox explicariam tudo: Catarina e Margarida tinham uma irmã mais velha, dc 31 anos, casada, chamada Leah, ou senhora Fisch, sobrenome do marido. A filha mais velha da senhora Fisch contava então 15 anos e chamava-se Isabel; acompanhava a família Fox desde que esta se mudara para Hydesville.

As três meninas dormiam no mesmo quarto. As Fox, para assustar Isabel, tiveram a idéia de amarrar umas maçãs com um fio muito fino e invisível, na penumbra em que ficava o quarto durante a noite. Com o fio, faziam rolar as maçãs pelo assoalho. Isabel se assustava, mas logo suspeitou das pequenas Fox, que muito riam com seus sustos. No afã de aparentar que elas não tinham participação nos barulhos, começaram a estalar os dedos das mãos, mandando as maçãs repetir o mesmo número de ruídos.

Posteriormente, veio a Catarina a idéia de substituir os barulhos das maçãs com estalos dos dedos dos pés, sobre o espaldar da cama de madeira que lhes servia de caixa de ressonância.

Com o tempo, foram ficando ambas as irmãs Fox verdadeiras especialistas em provocar raps com este sistema. Isabel terminou descobrindo o truque infantil, mas até ali, o que começara como brincadeira de criança, já contagiara a mãe e os vizinhos. Descobrir o engano, começava a ficar pouco recomendável para as cabezinhas infantis, por medo das represálias da mãe e dos vizinhos crédulos e ingênuos.

De volta à casa paterna, Isabel contou à mãe Leah Fisch o que se passara. Leah, fazendo jus ao seu sobrenome (Fox = raposa) decidiu explorar, inclusive com ameaças, a habilidade de Cathy e Margaret e a fama que iam adquirindo. Organizou numerosas sessões de espiritismo, primeiro em Hydesville e depois, trasladando-se com as duas pequenas para sua própria casa, em Rochester, no mesmo estado de Nova York.

Fox se retrata — As exibições públicas, durante quarenta anos, foram tomando cada vez maior desenvolvimento e publicidade, enquanto se acrescentavam aos raps todos os tipos de fenômenos parapsicológicos.

Em 1888, porém, as irmãs Fox, então já ambas viúvas, cansadas e cheias de remorsos, fizeram plenas retratações públicas. Margaret preparou a retratação com uma entrevista a um grande jornal de Nova York.

Disse no curso da entrevista: “Quer saber quais são os pontos da minha próxima exposição? Primeiramente os raps”.

“A senhora Kane fez aqui uma pausa, e o repórter ouviu primeiro uns raps sobre o assoalho, perto de seus pés; depois, debaixo da cadeira em que estava assentado, e ainda debaixo da mesa em que se apoiava. Ela o levou, em seguida, à porta, e ouviu o mesmo barulho do outro lado desta. Em seguida, tendo-se ele sentado sobre o banco do piano, os pés deste último repercutiram mais fortemente e o ‘tap, tap’ ecoou por toda a sua estrutura ôca...”

“O repórter, então, propôs-lhe certas hipóteses sobre o fato, às quais ela respondeu: ‘Sim, sim, atinou com a coisa. E* como diz: a maneira como as juntas dos pés são empregadas, sem levantá-los do chão. A capacidade de fazer isso só pode ser adquirida pela prática iniciada quando se é ainda bem jovem. .. Quando éramos crianças, há muitos anos, nós o descobrimos brincando com minha irmã mais velha foi a primeira a dar a esta descoberta emprego tão infame’...”¹¹

Um mês mais tarde, no mesmo jornal de Nova York, publicava-se a respeito da outra das irmãs Fox, Cathy: “Cathy Fox-Jencken chegou ontem da Inglaterra a bordo do ‘Persian Monarch’. Pretende cooperar com a irmã... na exposição que propõe fazer dos métodos fraudulentos do chamado¹ espiritismo”.¹²

Após as entrevistas aos jornais, veio a retratação e demonstração pública, ao vivo, no grande palco da Academia de Música de Nova York, na noite de 21 de outubro de 1888.³

11. “New York Herald”, 24 de setembro de 1888. Na excelente obra de dr. Boaventura Kloppenburg, O. F. M.: “O Espiritismo no Brasil”. Petrópolis, Vozes, 1960, págs. 426-446 encontram-se fotocópias das páginas dos jornais que publicaram estas e as seguintes retratações, e 11. • i ui: is; fotocópias que Frei Boaventura foi procurar nos Estados

12. “New York Herald”, 10 de outubro de 1888.
i: Cfr. “The World”, 22 de outubro de 1888.

O texto da retratação conserva-se publicado no livro de Davenport, recebida como já dissemos, das próprias irmãs Fox, que, aliás, autorizaram de próprio punho e letra a publicação de todo o caso.

“...A impostura que por tanto tempo mantive, começou na minha tenra meninice. ..”

“ Quando atingi a maturidade, arrependi-me. Tenho vivido anos através do silêncio, timidez, desprezo e amarga adversidade, ocultando, como melhor pude, a consciência da minha culpa. Agora, graças a Deus e à minha consciência despertada, estou enfim, apta para revelar a verdade fatal, a verdade exata dessa hedionda fraude...”¹⁴

A respeito da demonstração de como faziam os raps, comentava, no dia seguinte, um grande matutino novaiorquino:

Foi colocado diante dela um banco de madeira ou mesinha de pés curtos, e com propriedades de uma caixa de ressonância. Tirando o sapato, a senhora Fox-Kane colocou sobre a mesa o pé direito. Toda a platéia prendeu a respiração, sendo recompensada por uma série de secos e fortes raps, aqueles misteriosos sons, que por mais de quarenta anos assustaram e atordoaram milhares de pessoas neste país e na Europa. Uma comissão composta de três médicos, escolhidos dentre a platéia, subiu ao palco e após lhe terem examinado o pé, enquanto batia os raps, concordou sem hesitação que o ruído era produzido pela ação da primeira articulação do dedo grande do pé”.¹⁵

Mas as Fox faziam as fraudes não só com o dedo do pé. Já muitos anos antes da retratação, em fevereiro do 1851, uma comissão de médicos de Búfalo comprovava que as irmãs Fox produziam os raps também com as articulações dos joelhos e dos tornozelos.

Inclusive uma senhora por nome Culver chegou também a imitar perfeitamente os raps com as articulações da parte superior das suas pernas. Tanto com ela, como com as Fox, muitas vezes tinha-se a impressão de o rap provir de certa distância.^{14 15 16}

“Tiptologia” dos joelhos — Os médicos americanos, doutores Flint, Lee e Coventry, que observaram as irmãs Fox e comprovaram, que os raps foram produzidos não só pelo

14. Davenport, Rubem B.: “The death...”, o. c., pág. 74-78.

15. “The World”, 22 de outubro de 1888.

16. Podmore, Frank: “Modern Spiritualism; a history and a criticism”, Londres, Methuen, 1902, vol. I, págs. 184 s.

dedo do pé, mas também pelas articulações dos tornozelos e dos joelhos, receberam ulteriormente confirmações da parapsicóloga Sra. Sidgwick, especialmente no que se refere à articulação dos joelhos.

A Sra. Sidgwick estudou detidamente a mais jovem das Fox, Cathy Fox Jencken. Colocando-se a médium numa posição que tornou impossível a movimentação precisa das articulações, sentando-se por exemplo, com as pernas estendidas e repousando os calcanhares numa almofada macia, Cathy não conseguia produzir nenhum rap.¹⁷

O movimento das articulações é o método que poderíamos chamar clássico e mais técnico para a tiptologia fraudulenta.

“Tiptologia” dos tendões — Em 1859, a Academia de Ciências de Paris dedicava uma sessão ao estudo dos raps. () Dr. Jobert Lamballe comunicava: “Todos hão de ficar impressionados com a singular analogia que pude comprovar entre os fenômenos puramente físicos por mim observados e certas mágicas que abalaram vivamente a curiosidade pública nestes últimos anos...”

“A senhorita X., de quatorze anos... há seis anos está afetada de movimentos involuntários regulares do músculo curto peroneal direito... a moléstia está caracterizada por batidas que são ouvidas atrás do maléolo externo direito e oferecem a regularidade do pulso. .. Pouco tempo depois, o curto peroneal lateral esquerdo foi também atacado de afecção da mesma natureza, mas de menor intensidade..”

“Ao nível do maléolo externo direito era fácil verificar-se, no bordo superior dessa saliência óssea, uma batida regular, acompanhada de uma saliência passageira e de uma elevação das partes moles dessa região, seguida de um ruído seco, consecutivo a cada << ml razão muscular”.

“Esse ruído se ouvia no leito, fora do leito e a uma distância >>;tante considerável do lugar onde repousava a mossa”.

“O ruído assemelhava-se, às vezes, à uma fricção, a uma raspagem. quando as contrações ofereciam menos intensidade... O ruído variável na sua intensidade... desde o ruído estrepitoso, diminuiu ao longe...”

17. Sidgwick, Sra. de Henri: “The Physical Phenomena of Spiritism”, 111. 111. 111”, em “Proceedings of Society for Psychical Research”, t. XIII, págs. 115-116.

«Cessava quando o pé estava estendido. Cessava ainda quando se exercia pressão sobre os músculos ou sobre a bainha dos perônios».

«podem ser produzidos sob a influência da vontade e de exercício demorado...»

«Nesses últimos anos, os jornais franceses e estrangeiros falaram muito de ruídos semelhante às pancadas de martelos, ora sucedendo-se regularmente, ora apresentando um ritmo particular, que se produziam em torno de certas pessoas deitadas na cama» (alusão às irmãs Fox).

«Os charlatães apoderaram-se desses fenômenos singulares cuja realidade é atestada por pessoas dignas de fé. Tentai am relacioná-los com a intervenção de uma causa sobrenatural e serviram-se deles para explorar a credulidade pública...»

«Com a prática, todo homem pode adquirir a faculdade de produzir, à vontade, semelhantes deslocamentos e batidas secas, que se escutam à distância».

Outras «tiptologias» — Em continuação, citam-se as experiências do fisiólogo Dr. Maurício Schiff:

«Fêz êle experiências e ensaios em si mesmo... Bem cedo Schiff conseguia executar ruídos voluntários regulares, harmônicos e pôde, diante de muitas pessoas, uns cinquenta assistentes, imitar o prodígio dos espíritos batedores, com ou sem calçado, em pé ou deitado».

«Enquanto êle executava êsses movimentos, um espectador com a mão colocada sobre o maléolo, podia reconhecer e sentir os saltos do tendão para a frente e para trás».

E diversamente de outros casos observados com Schiff, «o ruído é tanto mais intenso quanto mais estendido e mais fixo estiver o pé».

Naquela mesma sessão da Academia, interveio o Dr. Velpeau:

Disse que êsses raps «se observam também em outras regiões do corpo: os quadris, os ombros, o lado interno do pé... Vi, entre outros casos, uma senhora que, com o auxílio de certos movimentos de rotação da coxa, produzia uma espécie de música bastante alta para ser ouvida de um a outro lado da sala».

«O tendão da longa porção do biceps braquial produ-los facilmente, saindo da sua ranhura quando os freios vibráteis, que o retêm

naturalmente, chegam a afrouxarem-se ou romperem-se. Sucede o mesmo com o músculo posterior da perna ou com o flexor do grosso artelho atrás do maléolo interno...»

«Êles são... possíveis em inúmeras regiões ou na vizinhança de muitos órgãos».

«Ora claros e estrepitosos, ora surdos e obscuros... e outras vezes secos; variam extremamente de intensidade».

O Dr. Jules Cloquet citou o exemplo de «uma môça de dezesseis a dezoito anos que foi apresentada no Hospital Saint Louis...»

«O pai dessa môça intitulava-se pai de um fenômeno... contava tirar proveito de sua filha para entregá-la a exhibições públicas... Mía estava perfeitamente conformada. Por um leve movimento de rotação na região lombar da coluna vertebral, produzia crepitações muito fortes mais ou menos regulares, segundo o ritmo desses movimentos, que imprimia à parte inferior do seu tronco. Tais ruídos... cessavam ao arbítrio da môça...»

Depois o Dr. Robert Lamballe afirmou ainda:

«Os tendões peroniais laterais são tão favoráveis aos ruídos involuntários ou voluntários, que algumas pessoas, por meio de demonstração de exercício, puderam executar músicas melodiosas: La Marseillaise, I <:» Marche Vaborois, La Marche Française, com regularidade perfeita e pela única ação da vontade sobre os músculos peroniais».TM

«Certas pessoas — escreve Maxwell — apoiando o pé de uma maneira e contraindo os músculos dos joelhos ou os peroneos, podem imitar raps como batidas contra o chão. Tem-se assim: esse fato especialmente no que se refere ao tendão do longo músculo lateral. Eu tenho observado um estudante de Medicina, in-

■ «i n r.ivel trucidador e neuropata, que obtinha golpes muito semelhantes
■ ><... mps, apoiando o cotovelo sobre a mesa e fazendo certos movimentos laterais. Eu tenho observado um estudante de Medicina, in-
1111-111»*; com as espáduas. Existem também pessoas que podem fazer
* i 11; u. a vontade, suas articulações».D

«a. w. v; mal-assombradas — O truque clássico foi com-
i" • • "I« I; inbóm nalgumas das chamadas «casas mal-assom-
L. . i. l. i . . »

¹ -ti-iti -i. i • • • >I« Rcndu de TAcadémie des Sciences», sessão de 18 de

¹⁰ iu ' w. ii. Josepli: «Les phénomènes...o. c., págs. 257 ss.

Assim por exemplo, o Dr. Schiff, chamado para atender uma jovem alemã que se dizia possuída por um espírito “batedor” (tiptólogo) acabou por descobrir o segredo: os raps eram produzidos ao nível do tornozelo do pé, onde passava o tendão de um dos músculos da perna. A jovem deslocava esse tendão à vontade (mesmo em fraude inconsciente) e o fazia reincidir com barulho. O mesmo Schiff “exercitou-se nesta manobra, chegando a conseguir o barulho com força assaz considerável”. Os raps surdos, às vezes, pareciam provir de lugares um tanto afastados.²⁰

A polícia é freqüentemente chamada a investigar essas “assombrações”:

O comandante de polícia Tizané, no seu interessante livro sobre as casas mal-assombradas ²¹ transcreve, por exemplo, o processo verbal número sessenta e cinco, de 1º de março de 1930, da Brigada de Polícia de C., em C. du N. a(respeito da casa “mal-assombrada” da viúva S. (sic). Três policiais foram à casa. A viúva queixava-se de que havia lá um espírito “batedor”. Os policiais, após terem revistado minuciosamente a casa, ficaram lá das 20,30 horas até às 24,30 sem ouvir nenhum rap, apesar de a viúva afirmar que os ruídos se produziam todas as noites. Voltaram no dia seguinte. Interrogaram todas as testemunhas, concluindo que sempre que se produziam os raps, estava em casa a menina de 12 anos A. M. S. (sic). Interrogaram a menina. Esta terminou por confessar ser ela mesma quem produzia os raps, raspando com as unhas e batendo sobre a madeira com as articulações dos dedos, quando estava deitada. Deu como desculpa da brincadeira que isto lhe divertia muitíssimo, porque sua mãe e seu avô tinham muito medo dos raps...

Uma criancinha aterrando, com uma fraude singelíssima, não só os parentes, mas até mesmo todos os vizinhos que visitavam a “casa mal-assombrada”.

Ao longo dos séculos — A primeira investigação com intenção científica, digna de menção, sobre os fenômenos parapsicológicos, foi a da Comissão nomeada pela Sociedade Dialética de Londres. A Comissão começou suas pesquisas no início do ano de 1869, apresentando suas conclusões em 1871; como se vê, bastante antes do nascimento da Metapsíquica (1882).

20. Bersot, Ernest: “Mesmer, le magnétisme animal, les tables tournantes et les esprits”, 1884, 5.ª ed., págs. 130 sj.

21. Tizané, E.: “Sur la piste de l'homme inconnu”, Paris, Amiot-Dumont 1951.

A Comissão era composta de membros de diversas profissões e suas conclusões não são muito taxativas. Nessa perspectiva se deve entender o que aí se diz a respeito da tiptologia:

“Sons de caráter muito variado, aparentemente vindos de móveis, do soalho e de paredes de salas, ocorrem *sem serem produzidos por orção muscular* ou dispositivo mecânico. As vibrações acompanhadas de sons, muitas vezes *podem ser percebidos distintamente pelo faio*”.

Sem concluir taxativamente, a Comissão se inclina a aceitar a existência real da tiptologia. É o primeiro veredito da ciência oficial em prol da autenticidade do fenômeno. Seu valor, porém, merece alguns reparos. Em primeiro lugar, os comissionados não alcançaram suas conclusões unanimemente! <>, e assim foi incluído no relatório um extenso depoimento do Sr. Edmunds, discordando da autenticidade dos fatos. A mesma comissão, além de não ter concluído com firmeza, viu-se na obrigação de fazer constar no relatório que a sua investigação não pôde ser exaustiva.

Analisado todo o conjunto das circunstâncias, a Academia não aprovou o relatório da Comissão, tanto que a publicação do relatório foi feita sob a responsabilidade privada dos comissionados e às suas expensas.²²

A publicação, enfim, também não convenceu a opinião pública. O relatório foi muito criticado, até ridicularizado. O comentarista de assuntos científicos de “The Times”, por exemplo, considerou o relatório como sendo “nada mais que uma mixórdia de conclusões inconseqüentes, adornada por uma porção de monstruosidades sem valor, que para infelicidade nossa, jamais se reuniram a fim de serem julgadas”. No “Morning Post” comentava-se: “O relatório que foi publicado não vale nada” e o “Saturday Review” esperava que aquele relatório “desacreditasse um pouco uma das mais inequivocamente degradantes superstições, que jamais circularam «til re gente que raciocina»”.²³

v “Report of Spiritualism of the Committee of London Dialectic Society”, Londres, 1871.

22. Tradido por Conan Doyle, Arthur: “The History of Spiritualism”, 11.ª ed. (U. Abreu Filho, Júlio: “História do Espiritismo”, São Paulo, 1960, pág. 262.

Não negamos que a Comissão não apresentou uma prova científica ou incontestável da tiptologia; parece, entretanto, que não se pode atribuir menos valor à sua afirmação de autenticidade dos fatos, do que à negação dos mesmos pela Academia ou pelos críticos dos jornais, que não investigaram. ..

Físicos se interessam — Posteriormente, outra Comissão científica e séria haveria de estudar exaustivamente Eusapia Palladino. Referimo-nos aos trabalhos realizados no “Institut Général Psychologique” de Paris. Quatro anos de investigação por uma Comissão das mais dignas de confiança: Drs. Pierre Curie, e senhora (prêmios Nobel, descobridores do radium); Henri Bergson (famosíssimo filósofo); Charles Richet (prêmio Nobel de Fisiologia e Medicina); J. Arsênio D’Arsonval (catedrático de Medicina e Física Biológica, prêmio Monlhon e prêmio também da Faculdade de Medicina); Gilberto Ballet (professor da Faculdade de Medicina e Chefe da Clínica Charcot, prêmio da Academia de Medicina e presidente do Congresso de Alienados de Paris em 1901); Eduardo Branly (descobridor do princípio da telegrafia sem fios, prêmio Houlleville e prêmio Osiris, junto com a Sra. Curie); Sérgio Yourievitch (famoso escultor, virtual fundador do “Institut Général Psychologique”), etc.

As conclusões foram aceitas por unanimidade (Pierre Curie não assinou porque perecera em lamentável acidente em 1905).²⁴

Pois bem, a respeito da tiptologia, dizem na conclusão número cinco: “Parece que produz, h distância, vibrações moleculares nos objetos: batidas, golpes, vibrações sonoras”.

Como dissemos, a conclusão foi aceita por unanimidade. Na discussão prévia, alguns ficaram indecisos; por exemplo, Branly dizia: “Eu vi, mas não tenho suficiente confiança em mim mesmo para estar seguro. Minha vista (ouvido) não

24. O importantíssimo relatório, do que muito nos haveremos¹ de servir a vários respeitos, constitui o “Bulletin de l’Institut Général Psychologique”, todo o vol. XIII, 1908; ou em separata sob o título “Documenta sur Eusapia Palladino”, Paris, I. G. P., s. d. (1908), Amadou, Robert, em: “Les grands médiums”, Paris, Denoel, 1957, págs. 65-90, reproduz integralmente as conclusões, isto é, as páginas 516 ss. das publicações originais.

Seminário Consórdia

INSTITUTO

14. 11. 1958

me basta, eu queria um controle mais eficaz e não subjetivo”.²⁵ Posteriormente, interrogado pelo jornalista Paul Heuzé, famoso metapsíquico, Branly novamente manifestava sua posição de nem pró nem contra: “Eu não tenho, como resumo desta experimentação metapsíquica, nem uma certeza científica, nem mesmo alguma convicção pessoal”.²⁶

O medo de terem todos sofrido uma alucinação parecidos, naquelas circunstâncias, só indício do receio de admitir um fenômeno que não se encaixava nos conceitos tradicionais.

Testemunhos preciosos — Entre os defensores incondicionais da realidade da tiptologia, naquelas experiências, conlamos com o Dr. Maxwell, a cuja ampla experiência aludimos antes, profundo conhecedor dos truques dos mágicos e que desmascarou tantos falsos dotados. Maxwell afirma que os fenômenos fraudulentos, “nada têm de semelhante com os que constatou em Eusapia”.²⁷

O Sr. Li. Favre, interpretando o pensamento geral, insiste sobre o fato de que eram experimentadores em geral dotados de grande conhecimento da Metapsíquica, e das condições científicas de experimentação; experimentação esta, por oi lira parte, muito demorada e repetida; enfim, “as circunstâncias exteriores eram tais que se houvesse sido empregado um dos meios de fraude conhecido ou imaginável,... haveria média possibilidade de o havermos descoberto”.²⁸

Além dessas duas Comissões científicas, há muitíssimos oi Mios testemunhos individuais, a respeito da existência real di I tiptologia, em experiências de laboratório ou em casos es- I » < ml âneos.

Citaremos um só testemunho individual, de grande valor, 111 ;id<> dentre os pioneiros da investigação. Crookes escrevia: •■Com pleno conhecimento das numerosas teorias que foram .ipivsrnladas antes, mormente na América, para explicar os

25. “I >uriimcmts..” ou “Bulletin”, oo. cc., pág. 567.

26. ii. ii- ir/é, Paul: “Les morts vivent-ils? Enquête sur l’état pre- * <• mi .i. i i < n> [i < < M psychiques”, Paris, La Renaissance du livre, s. d. (I’ • ■ I I . . | i i ; SIS.

27. « v < i i ; ; < > “Hocuments” ou “Bulletin”, oo. cc., pág. 568.

28. “i’ « Muirrufts.. ou “Bulletin...”, oo. cc., pág. 563.

raps, experimentei-os de tôdas as maneiras que podia imaginar. Não posso mais fugir à convicção de que eram absolutamente reais, e não produzidos por fraude ou meios mecânicos ...”

“Essas centenas de fatos se produziram na minha própria casa, nas ocasiões por mim designadas, e em circunstâncias que excluía absolutamente o emprego e o auxílio cio mais simplified instrumento . . . De cada vez, tive tãda a liberdade possível de observar o fato, no momento em que êle se produzia... Efe (Home) não admite escuridão nas suas sessões. Afirmo que, exceto duas vezes... tudo que testemunhei foi produzido por ele em plena claridade”.^{29 30}

Teremos ocasião de citar, entre milhares, alguns outros casos de tiptologia. O conjunto tem um valor indiscutível. Quantas vezes se aceitam casos na Medicina, na Biologia, na Astronomia, muito menos observados do que a tiptologia.

Eletricidade, umidade — Afastado o truque, admitida a existência real dos “raps”, devemos começar na explicação dos mesmos por certas causas normais, não propriamente parapsicológicas.

Como em outros fenômenos, também na explicação da tiptologia, às vezes, devemos recorrer à eletricidade:

II. do Saussure, filho do cérebro físico, após uma excursão aos Alpes, em 1855, parece ter sido o primeiro a testemunhar um fenômeno elétrico extraordinário: os bastões dos seus guias, com o seu próprio, puseram-se a ronzar ou crepitar, como se se tratasse de uma chaleira cuja água estivesse a ponto de entrar em ebulição. Este fenômeno, que pode ser tomado como tiptologia, sem ser frequente, não é raro em montanhas altas. Saussure perguntando aos guias constatou que alguns dâles o verificavam pela primeira vez, enquanto outros o tinham observado já várias vezes.TM

Nada mais fácil para a imaginação dos nativos do que atribuir êsses raps aos espíritos que moram na montanha...

Existem também umas espécies de rochas que “cantam” sem intervenção da eletricidade. São os chamados fonolitos

29. As frases que citamos são tiradas de diversos lugares do livro e artigo de William Crookes citados na nota 1 deste capítulo.

30. Citado por Neubourg, Cyrille: “Fantômes et maisons hantées”, Collection Bilan du Mystère”, n.º 3, Paris, Grasset, 1957, pág. 31.

que, etimologicamente, significam com precisão “pedras sonoras” (do grego, phoné = som, grito; lithos = pedra). Ao sair o sol, os fonolitos emitem sons. Este fenômeno se explica pelo fato de que a umidade penetrou na massa porosa dessas pedras de origem vulcânica e se evapora sob a ação solar e provoca contrações moleculares, causadoras dessa espécie de raps. Para a imaginação popular, tratar-se-ia de seres de “além-túmulo”...

Na Antiguidade foi muito famoso o fonolito com que construíram a estátua de Menão, em Tebas. A estátua provocava raps a cada pôr de sol.

Os arqueólogos que, no Egito, exploraram as ruínas de Karnak, ouviram raps muito fortes que se repetiam várias vezes. Partiam êles das enormes pedras que se empregaram na construção do templo. Ouvem-se sempre quando nasce o sol, e na mudança das estações e da temperatura.

Quantas pessoas, desconhecedoras das verdadeiras causas dêsses raps, os têm atribuído supersticiosamente aos espíritos dos faraós.

No homem — Mas, referindo-nos só ao homem, a tiptologia é um dos fenômenos menos difíceis de se conseguirem; um dos fenômenos parapsicológicos mais frequentes.

O calor — Tcm-sc aduzido a ação do calor para explicar os raps, quando são produzidos por contato das mãos do dotado e dos assistentes, sobre uma mesa, tamborete ou outros adequados objetos de madeira.

Escreve, por exemplo, Hcredia:

“Em 1887 Lulu Hurts notabilizava-se nos Estados do Sul, dizendo-se possuidora de poderes sobrenaturais, razão pela qual a chamaram ‘maravilha da Geórgia’, seu Estado natal...”

“Todos os que a viam e estudavam ficavam persuadidos de que Lulu tinha um poder sobrenatural extraordinário, única explicação que podiam achar para os maravilhosos fenômenos que ela apresentava ao público”.

“Entre outros, produzia, com clareza e força extraordinárias, os famosíssimos raps, sem se servir de modo algum do já conhecido sistema das Fox, isto é, estalando os dedos grandes dos pés”.

“Na produção do fenômeno, não havia trapaça alguma, e a própria Lulu (como ela o conta nas suas memórias) por muito tempo não pôde dar-se conta de como os produzia,

crendo, ela mesma, serem efeito de um poder oculto que a dominava. Começou a descobrir a causa que produzia êsses ruídos surpreendentes quando, apoiando os pés descalços na madeira do espaldar da sua cama e apertando alternadamente um pé e depois o outro, produziam-se os ruídos. Pouco a pouco foi descobrindo que colocando as mãos e o ante-braço sobre uma mesa de madeira, quando ela se havia aquecido pelo contato, a mesa começava primeiro a ranger; logo a seguir, movendo ela ligeiramente as mãos, ouviam-se pancadas fracas. Conforme o tempo passava, os raps aumentavam de intensidade, até chegar, algumas vezes, a serem estrepitosos 'como se a mesa fôsse batida por um martelo*...'

"Lulu insiste em que todos os raps por contato sobre madeira são produzidos dêste modo, e assegura que, com bastante prática, podem ser obtidos sem dificuldade, coisa que também nós comprovamos. .. Êsses raps obedecem à mente inconsciente do operador. Os movimentos inconscientes das mãos sobre a mesa produzem as pancadas secas" (na forma que o inconsciente pretende).³¹

Telergia e psicobulia — Não se pode negar que o calor ou outras energias físicas comuns, como a umidade, eletricidade estática, etc. podem ser responsáveis por muitos desses raps. Mas, percorrendo algumas das características típicas que os raps apresentam, vemos logo, como quando falávamos dos fluidos, que sem negar a influência das causas físicas comuns, devemos, em muitíssimos casos, reconhecer a presença da telergia e psicobulia: o psiquismo inconsciente transformando e dirigindo as energias físicas.

"Sabe-se que o mais freqüente é produzirem-se os raps quando o dotado toca a mesa e então se podem invocar causas diversas. Mas é necessário lembrar que, ao mesmo tempo que se ouve o ruído, a mesa vibra e se sente nitidamente o tremor da madeira. Quando se aplica o ouvido sobre a mesa, ouvem-se. .. golpes repetidos muito leves, às vezes como o de um tamborilar". E' difícil atribuir tudo isto à simples ação das causas físicas comuns; percebe-se, nas entrelinhas,

31. Heredia S. I., Carlos Maria de: "Los fraudes espiritistas y los fenómenos metapsíquicos", 5.^a ed., Montevideo, Mosca, 1945. Tradução portuguesa: "As fraudes espíritas e os fenômenos metapsíquicos", Petrópolis (R. J.), Vozes, 1958, págs. 318 s.

a ação da telergia, a ação do inconsciente manejando a energia física transformada; especialmente em certos casos, "quando se pode mesmo provocar ruídos ritmados como uma marcha ou uma fanfarra, não obstante a mão do dotado estar imóvel".³²

O "espírito nervoso" — Na explicação da tiptologia por telergia, podemos considerar como precursora ou pioneira a chamada "vidente de Prevorst". Antes de Reichenbach e de Rochas, ela explicava a tiptologia, como em geral a maioria dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, pela telergia, que chamava de "espírito nervoso". Segundo ela, nos homens nervosos, mergulhados num estado magnético profundo (hipnotismo ou transe), o "espírito nervoso" se destacaria dos nervos (telergia) e da alma, podendo-se, por seu intermédio, agir a alguma distância e manifestar-se por pancadas.³³

Casos discutíveis — Inclusive em casos que mais pareceriam advogar uma explicação por calor ou outras causas comuns, não se deixa de entrever que, na realidade, se trata de telergia. Como a clássica descrição de J. Maxwell:

Estudou um dotado que produzia raps em plena luz. "Eu os tenho obtido tão freqüentemente, na mais viva claridade, que me pergunto se a escuridão os favoreceria como a outros fenômenos. O contato das mãos (com a mesa), por outra parte, não é necessário para obter os raps. Eu os tenho obtido muito facilmente, sem contato. Quando se obteve êxito com raps com contato, um dos meios mais seguros para logo obtê-los sem contato é conservar certo tempo as mãos apoiadas sobre a mesa, depois, levantá-las com extrema lentidão, mantendo as palmas voltadas para a superfície da mesa".

Desta maneira, Maxwell obteve, com alguns dotados, muilíssimas sessões de tiptologia nas mais variadas circunstâncias. Mesmo nestes casos, mais a propósito para a teoria calorífica ou análogas, não aparece bastante claro que na rea-

32. Richet, Charles: "Traité...".c., pág. 580.

33. Kerner, J.: "Die Schering von Prevorst; über das innere Leben der Menschen und über das Hereingagen einer Geisterwelt in die unsichtbare Welt", Stuttgart Cotta, 1829, pág. 158; e "Die somnabülen Zische", Stuttgart, Einer, 1852 pág. 21.

lidade se trate da telergia como que impregnando a mesa, condensando-se nela, atuando sobre ela? Isto é tanto mais evidente quanto a “tonalidade dos raps é essencialmente variável. Podem assemelhar-se ao ruído ligeiro que faz um rato, ao ruído de uma serra, ao das unhas raspando a madeira ou rangendo sobre a roupa”.³⁴

Compreendendo-se que os raps, em intensidade e tonalidade, se acomodam à personalidade e aos desejos, conscientes ou inconscientes, simbólicos ou não, dos diversos dotados; mas fica muito difícil de se compreender tudo isto, mesmo nos casos menos empolgantes, se só se tratasse de forças físicas comuns.

Energias dispensáveis — Como na fotogênese, devemos agora indicar que a perda da energia na tiptologia mais sonora ou forte, não é na realidade tão grande como poderia parecer ao considerar-se o estrondo.

A este respeito, raciocina assim René Sudre: “A força psíquica produz, às vezes, efeitos que pareceriam de ordem sobre-humana. Pode-se admitir, então, que a utilização da energia, se faz segundo moldes que não conhecemos, com um rendimento quase máximo. Quando se dá um golpe de martelo sobre um prego, produzem-se três efeitos principais: um efeito mecânico, a introdução do prego; um efeito térmico, seu esquentamento; e um efeito vibratório, que é percebido como ruído. Os dois primeiros absorvem quase toda a energia; ora, provável mente este desperdício de movimento e de calor é muito limitado nos ruídos metapsíquicos (que não alumiariam e não aquecem, como dirá Lombroso) e é por isso que a algazarra horripilante que se ouve nas ‘casas mal-assombradas’, por exemplo, não exigiria mais do que um pequeno desgaste de energia, tanto que pareceria ser realizado por agentes sobrenaturais”.³⁵

Crawford aponta outro motivo que, em alguns casos, poderia ser também aduzido: “Já vimos que os raps variam de intensidade; naturalmente, aqueles que parecem ter a força de um martelo de forja, na realidade não a têm: o assoa-

34. Maxwell, Joseph: “Les phénomènes...”, o. c., págs. 67 ss.

35. Sudre, René: “Traité de Parapsychologie”, Paris, Payot, 1956, pág. 227.

lho fender-se-ia sob o choque. A extremidade da haste, sendo ligeiramente elástica, provoca uma violenta vibração do solo que produz mais ruído do que estrago. Uma vara flexível, batendo sobre um tapete, dá uma idéia do fenômeno”.³⁶

E’ justamente a enormidade do efeito tiptológico, em certas ocasiões, que levou muitos a pensarem na intervenção, de agentes sobrenaturais como demônios, na época da bruxaria; pitões ou gênios, em épocas mais remotas e hoje levou muitos a pensar na intervenção dos espíritos dos mortos. A superstição é geralmente pouco reflexiva. Do contrário, teriam percebido que, se o efeito parece superar a força humana, igualmente superaria a força, dos espíritos dos mortos que possuiriam o médium: se “os desencarnados” são espíritos, nós também somos espíritos encarnados. O morto precisa do médium; nós, não precisamos de nenhum, médium, uma vez que temos nosso próprio corpo, animado pelo nosso próprio espírito. O efeito é, pois, mais simples e mais fácil para o vivo do que para o morto. Quanto maior for o efeito, tanto maior motivo para atribuí-lo aos vivos e não aos mortos. Salvo naqueles casos em que o efeito, abertamente desproporcionado, esteja a reclamar uma força sobre-humana, que só Deus pode dispensar.

Deve ter-se também em conta, como em todo fenômeno parapsicológico, o chamado efeito “polipsíquico”.

Análise interna — O padre Heredia teve a rara oportunidade de fazer uma série de experiências e observações durante mais de seis anos sobre as características da tiptologia. Visibilidade perfeita, controle que exclui a fraude, com três dotados de plena confiança... As experiências provam diretamente que o fenômeno é meramente parapsicológico, sem ter nada a ver com entidades do além, mas também deixam ver, nas entrelinhas, que mesmo os casos mais favoráveis à teoria calorífica ou afins, sugerem na realidade tratar-se de telergia.³⁷

36. Crawford, William: “Mecânica Psíquica”, S. Paulo, Lake, s. d., (1963), pág. 300.

37. Heredia, S. I., Carlos Maria de: “As fraudes...”, o. c., págs. 221-226.

Conclui o padre Heredia: “Os raps por contato... até o presente não se produzem com objetos de metal, mas sim em objetos de madeira, como mesas, cadeiras etc.”

Veremos que, de fato, a telergia pode também atuar sobre os metais, embora com dificuldade. Estas propriedades, já as observamos ao estudar diretamente a telergia. A telergia se acumula ou condensa mais facilmente sobre a estrutura da madeira por ser esta mais fácil para tal fenômeno.

Sudre levado pela frequência dêsse tipo de tiptologia, ex-cogitou um novo nome: “ações mecânicas que se realizam numa escala muito pequena, molecular, podendo ser corpuscular (como no caso de certos raps interiores) e na dissociação da matéria: nós os chamaremos fenômenos de hiloclastia” (do grego *hylé* — madeira; *c klao* = quebrar);*⁸

Continua Heredia: “Consta, pela experiência que, enquanto os raps por contato se produzem quando este é direto, quer dizer, quando as mãos do médium tocam diretamente a madeira da mesa, os mesmos cessam logo que se interpõe, entre as mãos do médium e a mesa, um pano, uma placa de vidro, uma lâmina metálica, etc”.

Por exemplo: “Numa série de duzentas sessões... com o médium W... não se obtiveram raps senão apenas em duas sessões. Os raps foram fracos em geral. Ao interpor-se uma lâmina de cobre entre a mesa e as mãos do médium, desapareceram por completo, tornando a aparecer, embora mais tênues do que antes, quando se tirou a placa e se voltou ao contato direto. Em nenhum caso houve contato entre as mãos dos presentes e as do médium”.

Este último ponto pode explicar a fraqueza do fenômeno por falta de telergia transmitida pelos assistentes. Torna-se isto incompreensível se apenas se tratasse de calor ou outras causas comuns.

Com o dotado R., “os raps obtidos numa mesa de pinho, mesmo nos momentos de maior intensidade, desapareceram ao colocar-se entre as mãos dos operadores (que colaboravam com o médium) e a mesa um tapete de pano verde. Igual resultado se obteve interpondo uma lâmina de vidro. Não se puderam obter raps de nenhuma

38. Sudre, René: “*Traité...ø*, c., pág. 276.

espécie numa mesa com cobertura de mármore e pés de bronze. Igualmente foram inúteis os esforços para obter raps numa levíssima mesa de alumínio”.

“Em duas sessões, tendo um observador introduzido vários pregos na mesa de pinho, sem que disso tivesse notícia nenhum dos circunstantes, o som dos raps diminuiu consideravelmente ao passo que noutra mesa igual, mas sem pregos, eles se produziam com força extraordinária durante a mesma sessão”.

“Em duas sessões, o observador pôs uma cinta de cobre de uma polegada de largura em volta da parte inferior da mesa de pinho, e notou-se uma diminuição notabilíssima na intensidade dos raps, ao passo que continuaram normais em outra mesa semelhante, de pinho, mas sem a cinta de cobre”.

“A intensidade do som produzido pelos raps está em razão inversa da densidade da madeira de que é feita a mesa. Isto é, em menor densidade de madeira, raps mais fortes; e em maior densidade, raps mais fracos”.

! Por exemplo: “O médium R., em dez sessões com circunstâncias análogas, obtivera raps em todas as sessões... Operou-se primeiro sobre uma mesa de pinho, nas condições indicadas, e logo se passou a uma mesa circular de nogueira, ligeiríssimamente envernizada, e sustentada por uma coluna muito sólida, que descansava sobre quatro pés”.

“Enquanto que sobre a mesa de pinho os raps chegaram, em seis sessões, a uma intensidade tão grande como se se batesse na mesa com um martelo, na de nogueira eram pouco audíveis no princípio, chegando, em três sessões, a uma intensidade média”.

“A intensidade dos raps está em razão direta da secura da madeira da mesa. Isto é, quanto mais seca estiver a madeira, com tanto maior intensidade se produzem os raps, diminuindo-se esta intensidade com a umidade, até o ponto de desaparecer por completo quando a madeira está muito úmida”.

Por exemplo: com o médium R. “numa sessão, tendo sido usada durante o dia, na cozinha a mesa de pinho e estando, por causa disto, bastante úmida, não se puderam conseguir raps, ao passo que na outra mesa eles se produziram com intensidade”.

Do dotado S. refere-se o seguinte: “Tendo-se colocado sobre a mesa grande da sala de jantar uma outra mesinha de madeira, de uns 30 cm. de altura, o médium pôs as mãos sobre esta última; começaram então a ouvir-se raps tão fortes, na mesa pequena, que

ela parecia estar a ponto de se fazer em pedaços... Trocada esta mesinha por outra igual, mas prè viamente umedecida na sua parte interior, os raps pareceram muito fracos e logo desapareceram por completo".³⁹

Conclusão — Certas características mencionadas pareceriam concordar com uma teoria explicativa por calor ou causas afins; o conjunto de tôdas as características, porém, concorda melhor com as características da telergia, semelhante ao magnetismo, etc, ainda que com propriedades diferentes e peculiares.

Observa-se, além disso, que os fenômenos dependem das pessoas não só para se produzirem, mas também para variarem em qualidade e em intensidade. Ora, as causas físicas, calor, eletricidade, etc. seriam comuns a todos, com mínimas diferenças. Portanto, parece que se trata de um fenômeno parapsicológico, que só se manifesta no dotado e segundo o grau de "dom" que possui.

O fenômeno aparece e desaparece de repente, segue a mutabilidade típica das condições psicológicas e parapsicológicas; não poderia ser encontrada explicação dessa versatilidade, se o fenômeno se devesse às emanações meramente físicas e normais. Trata-se, pois, de telergia, e não simplesmente de calor, etc.

A Tiptologia engloba os fenômenos telérgicos de percussão como, por exemplo, os barulhos e as picinçadas que ocorrem nas chamadas "casas mal-assombradas".

Por serem objetivos, tais barulhos ou "raps" merecem especial atenção dos estudiosos. Cientistas de todo o mundo estudam o fato e após a eliminação de algumas causas naturais (calor, umidade fraude. . .) constataam sua realidade parapsicológica.

No entanto, a energia (telergia) dispendida pelo homem para provocar, inconscientemente, estes ruídos é mínima, pois não são acompanhados de outros efeitos concomitantes.

39. Cfr. nota 37.

4

Tiptologia - II

O INCONSCIENTE GOLPEIA À DISTÂNCIA

Dedos psicoativos. — A Haste Psíquica. — Luzes flutuantes. — O "sábio" mudo. — Assombrado de Glasgow. — O "espírito" batedor.

Dedos psicoativos — Já vimos que a telergia tem certas analogias com o magnetismo ou a eletricidade. Sob a ação da telergia, as mesas e outros objetos de madeira ficam como que carregados de magnetismo ou eletricidade. A telergia, de modo análogo à eletricidade ou magnetismo, age sob a direção da vontade inconsciente, na estrutura interna da madeira, dando origem a certos tipos de raps. "Constata-se, freqüentemente — escreve Sudre, — que os raps não são superficiais, mas profundos e que eles parecem causar fenômenos dentro da espessura dos móveis ou das paredes. É necessário admitir, pois, uma certa ação intramolecular, limitada. Esta ação se torna mais provável pelo estudo dos fenômenos de ruptura de objetos... Parece... na maior parte dos dotados para efeitos físicos, que elas (as rupturas dos objetos) não correspondem a um esforço de flexão ou de torção, mas a ações estreitamente localizadas e disseminadas em centros distintos".

Um caso recente e bem controlado é o de Price com Stella: uma mesa de um metro, cujas partes estavam tôdas ensambladas, cavilhadas e solidamente coladas, foi quebrada em pequenos pedaços com ruídos violentos, enquanto a pessoa se limitava a apoiar nela os dedos levemente. Um dos assistentes declarou que sentia a força correr sobre a mesa e acumular-se nos pontos onde a fratura se produzia. Price escreve: “Minha impressão pessoal foi que uma sucessão de descargas de raio havia partido a mesa. Foi uma sensação extraordinária. sentir uma forte construção de madeira fender-se dessa maneira: parecia que a mesa se dissolvia sob nossas mãos.”¹

Teoria hyloclástica — Esta teoria hyloclástica, como Sudre a chamou, já era defendida pelos primeiros investigadores.

Segundo* em linhas gerais, a explicação dos demais autores contemporâneos, já em 1872, o professor da Escola Nacional de Sêlas Artes em Paris, Dr. Chevillard explicava com a concepção e terminologia da época, conceitos semelhantes aos que acabamos de expor sobre a ação interna da tclergia nas mesas para a produção dos raps: “As vibrações da mesa. . . não são mais do que vibrações fluidicas emitidas pela função mórbida que constitui o estado nervoso do médium. No estado normal, tôdas as pessoas emitem, fluido nervoso, mas não em tanta quantidade que possam fazer vibrar a superfície de um corpo sólido que se esteja tocando. O médium é, sem dúvida, muito ajudado pela emissão dos assistentes de t>oa-fé, sempre numerosos. Conseqüentemente, tôda a emissão fluídica, mesmo muito fraca, em direção à mesa, reparte-se nela, imediatamente, por causa da temperatura ambiente, prôviamentc estabelecida. A mesa fica verdadeiramente magnetizada pela emissão do médium, e a palavra não tem outro significado senão o de dar a entender que a mesa é coberta ou impregnada de fluido nervoso vibrante ou vital, do médium. A mesa fica, então como um harmônio, que espera a martelada do pensamento (psicobulia, na nossa nomenclatura) daquele que a impregnou. O médium quer uma pancada: no mesmo momento ela se dá...: o pensamento, fixando-se subitamente, engendra um choque cerebral nervoso, que repercute instantaneamente, por intermédio

1. Sudre, René: “Traité de Parapsychologie”, Paris, Payot, 1956, págs. 304 ss.

dos nervos, na superfície vibrante.. Não há em todo ato tiptológico... mais do que condensações ou integrações de vibrações em faíscas invisíveis”.²

NÃO do além! — Posteriormente, Allan Kardec, ao qual, juntamente com seus médiuns, entre muitos erros, devemos algumas verdades, intuições ou percepções psicâmicas, atesta a explicação dos raps por ação telérgica, análoga à ação elétrica, quando afirma: “Quando as pancadas são ouvidas na mesa ou alhures, não é que o espírito esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto. Ele apenas dirige ao ponto donde vem o ruído, um jato de fluido e este produz o efeito de um choque elétrico”.³

Pode-se desculpar ao codificador da doutrina espírita ter ido procurar o diretor do “fluido” no além, esquecendo-se do espírito do próprio dotado. E’ que Kardec era um desconhecido das profundezas do inconsciente.

O que nos interessa agora, é a explicação da tiptologia por fluido, ou tclergia.

A ação tipo elétrica ou magnética da tclergia, que acabamos de defender, não deve ser exclusiva. Há outros tipos de ação da tclergia. Parece que Kardec erra quando diz com exclusivismo: “Não é que esteja a bater com a mão ou com qualquer objeto.. . Apenas... o fluido produz o efeito de um choque elétrico”. Vão mais bem encaminhados os parapsicólogos, quando, sem negar essa ação telérgica interna, reclamam,, para outros casos, uma ação telérgica externa.

Estaria certo Sudre, por exemplo, quando escreve: “No que concerne aos raps... temos visto a insuficiência da teoria de Crawford, que os atribui a atrações ou a percussões sobre a superfície do objeto, por formações ectoplásticas variadas”. Teoria insuficiente; não abarcaria todos os casos: “Constata-se, freqüentemente, que os raps não são superfi-

2. Chevillard: “Études expérimentales sur quelques phénomènes ju>rvi; iux et solution rationnelle du problème spirite”, Paris, 1872.

3. Kardec, Allan: “A gênese. Os milagres e as predições segundo o Espiritismo”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., (1962), 14.ª ed., pág. 286.

ciais, mas profundos”/ Entretanto, noutros casos de raps, trata-se evidentemente de ação percussora ou esfregadora da telergia sobre a superfície dos objetos.

Dois meninos de São Paulo — Alfredo e Roberto são dois simpáticos adolescentes de São Paulo. Quando os conheci, em outubro de 1966, tinham 11 e 13 anos. Fazia já três anos que vinham manifestando notáveis tiptologias. A tiptologia marcava até mesmo, e com perfeição, o ritmo musical. Foram muito boas as condições de observação: examinou-se todo o interior e exterior da casa; em plena luz; diante de muitas pessoas; freqüentemente a tiptologia se realizou sobre o lugar preciso que se lhes pedia, possibilitando aproximar o microfone do gravador etc.

Inclusive, quando se trata de lriccionamento de alguns objetos moles, como no caso do um colchão, via-se perfeitamente que a superfície dêste se afundava, enquanto se ouvia e se registrava no gravador o som da arranhadura.

Achei absolutamente necessário não continuar abusando da saúde daqueles meninos, nem prolongar o inferno em que a família vivia. Resolvi, pois curá-los em vez de fazer mais experiências.

Pois bem, neste caso como noutros muitos que se poderiam citar, a tiptologia é nitidamente percussão externa; nítidas e fortes pancadas sobre a superfície dos objetos.

A haste psíquica — Ao estudarmos a ectoplasmia (por agora basta defini-la como telergia mais concentrada, com certo grau de solidez) devemos analisar o valor das experiências do Dr. Crawford: apesar de a médium Goligher ter cometido algumas fraudes, realizou outras vezes fenômenos autênticos. Em algumas das experiências, vê-se que a percussão, era mesmo realizada por percussão externa. Por exemplo:

“Para descobrir o que produzia um golpe sobre o papel, con-segui um par de argolas... coloquei um pedaço de papel, entre elas, e apertei-as por meio de duas porcas de parafuso... O papel achava-se então esticado como o couro de um tambor. O rap foi perfeitamente aplicado sobre o papel... e o papel sofreu um ligeiro rasgão... como se houvesse sido tocado obliquamente por um corpo oval de pouco mais ou menos seis centímetros quadrados, movendo-se com certa lentidão”.

4. Sudre, René: “Traité...”, o. c., pág. 304.

Mais adiante, Crawford tira as seguintes conclusões:

“Os raps de qualquer natureza provocam uma vibração do solo ou do corpo atingido. As pancadas violentas fazem tremer o assoalho... Os assistentes, às vezes, sentem-se atingidos. Analisei com cuidado a impressão colhida... Produz perfeitamente o efeito de uma vareta com a ponta arredondada e impelida contra o braço, o pé ou qualquer outra parte do corpo... Sente-se a ponta embotada por alguma coisa dura...”

E o tradutor das obras, René Sudre, acrescenta a seguinte nota:

“Na sua terceira série de experiências, mostrou o autor que estas hastes psíquicas não eram sólidas, a não ser sobre uma extensão de cinco centímetros; o resto era intangível. A extremidade assim materializada tinha uma forma variável, mais ou menos semi-circular; a mais fina tinha o diâmetro de um dedo polegar e era dura como ferro. Às vezes, era chata e enrugada ou riscada. Naturalmente, todas essas estruturas eram invisíveis. Crawford obteve alguns raps sobre as solas dos seus sapatos; adquiriam, a pedido, todas as formas... Os mais abafados eram devidos à maior fluidez na estrutura. Os raps ‘metálicos’ eram executados com uma velocidade considerável. A dimensão da haste psíquica variava rapidamente”/ >

Extraímos de Crawford o que mais se refere aos raps: “Minhas conclusões gerais, baseadas nos resultados de minhas experiências e observações... durante mais de dois anos e meio, são as seguintes: todos os fenômenos produzidos são causados por projeções flexíveis, semelhantes a hastes, que saem do corpo do médium. Essas hastes são a causa das manifestações. .. Primeiro: sai diretamente do corpo do médium que da mesma maneira o reabsorve. .. Sexto: todos os movimentos do raio são produzidos no íntimo do corpo do médium. Sétimo: as dimensões do raio variam extremamente, assim como a força e condição de seu terminal livre. Para os raps comuns, certa quantidade de matéria parece concentrar-se próxima à extremidade; para outras manifestações sonoras tais como a reprodução de uma bala que recocheteia, o ruído de uma serra, os arranhões etc. parece haver modificações especiais”.⁵⁶

5. Crawford, William: tradução em português (da tradução francesa de Sudre, René) por Magalhães, Haydée de: “Mecânica psíquica”, São Paulo, Lake, s. d., (1963).

6. Crawford, William: “Mecânica...” o. c., págs. 110 s.

Luzes flutuantes — Que a tiptologia seja muitas vezes a percussão por parte da telergia condensada, sobre a superfície dos objetos, comprova-se também com muita evidência, quando está acompanhada de fotegênese. Resume, por exemplo, Lombroso:

“As luzes em forma de estréias ou globos de sessenta e até setenta centímetros de diâmetro que não aquecem e não iluminam e so elevam lentamente o descem rapidamente... e correspondem, às vezes, aos raps e freqüentemente se dirigem com movimentos intencionais, podem ser projetadas e dirigidas pelo médium...”^{7,8}

Vê-se bem descrita a telergia, luminosa neste caso, causando tiptologia dirigida pela psicobulia do inconsciente do dotado.

Crookes descrevo ainda mais claramente o fenômeno da percussão externa:

“Nas mais rigorosas condições de exame, vi um objeto... luminoso por si mesmo, com pouco mais ou menos o volume e a forma de um ovo de peru, flutuando sem barulho pelo meio da sala... Esse objeto foi visível durante mais de 10 minutos e, antes de desaparecer, bateu na mesa três vezes, com ruído parecido ao de um corpo duro e sólido... Vi centelhas pularem da mesa até o teto e em seguida caírem sobre ela com barulho claramente audível...”

Fenômeno E. N. — Temos classificado a tiptologia entre os fenômenos E. N., isto é, extraordinário-normais, materiais, de energia física, e não entre os efeitos paranormais, imateriais, de Psi-Kappa. A descrição que vimos da causa da tiptologia mostra evidentemente que, salvo raríssimas exceções que estudaremos, a tiptologia é, de fato, fenômeno E. K (extraordinário-normal). Isto pode ser confirmado, também por outros pontos de vista. Por exemplo, a perda de peso do dotado, durante a produção dos raps. Havendo perda de energia

7. Lombroso, César: “Ricerche sui fenomeni ipnotici spiritici”, Torino, XTet, 1900. Tradução portuguesa de Martins de Castro, Almirante: “Hipnotismo e Mediunidade”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., pág. 278.

8. Crookes, WilUam: “Experimental Investigations on psychical force”, London, Gillman, 1871; citamos da trad. de Alidel, J.: “Nouvelles expériences sur la force psychique. Recherches sur les phénomènes du Spiritualisme”, Paris, L. S. P., 1897.

f: dológica, isto é, havendo perda de matéria, compreende-se a perda de peso. Se a tiptologia fôsse um fenômeno P. N., I; i-Kappa, imaterial, como é que haveria perda de peso?

Comprovou, por exemplo, Crawford:

Achando-se o médium sobre a balança e estabelecida a tara exata a mente em 59 quilos, pedi que bat essem no chão. Fizeram-se ouvir uma ou duas pancadas apenas perceptíveis. Sucederam-se, depois a intervalos de alguns segundos. A medida que se tornavam mais imtes, notava-se uma coisa estranha: no momento dos raps, o fiel, às vezes, erguia-se até o limite, ou, ao contrário, caía totalmente”.

“Ao princípio, não compreendi nada do que se passava, I kpois, notei que o peso do médium diminuía, mormente quando os golpes eram mais fortes. Durante as marteladas, o peso permaneceu igual a 55 quilos e 400 gramas, até o fim da experiência, que durou um minuto. A diminuição do peso <ia de 3,60 quilos”.

“Uma segunda experiência produziu o mesmo resultado. Portanto, concluiremos que, primeiro, os golpes não podem ser produzidos, a não ser que o peso do médium diminua; segundo, sua força depende da diminuição de peso e parece proporcional a essa diminuição; terceiro, a perda de peso é temporária, porquanto a tara do médium é regularmente recuperada após a experiência...”

“Parece-me que essa perda representa a matéria do médium temporariamente emprestada e que de alguma forma serve à produção dos golpes...”

Mais adiante, acrescenta: “A rigidez da haste psíquica é dada a partículas de matéria que o médium projeta temporariamente... A haste, com, sua extremidade livre, descansa sobre o solo (ao menos ao bater o golpe, podemos precisar) — o que é, uma parte do corpo do médium apoiada sobre o assoalho, fora da balança sobre a qual se acha sentado: parece o indivíduo perder peso”.⁹

Tudo isto se confirmou em várias experiências, principalmente nas experiências números 72 e 76.

Como se vê, o que Crawford chama de haste psíquica, Crookes chamava força psíquica, é na realidade força física.

9. Crawford, William: “Mecânica...”, o. c., págs. 93. 100 s.

sica. O mesmo Crawford diz expressamente: "Pessoalmente, sou levado a crer que é uma forma de energia química, intimamente ligada ao sistema nervoso. .. Em todo o caso, parece fora de dúvida que essa energia psíquica se acha ligada a partículas de matéria".^{10 11} Isto é, mais uma vez, o que nós chamamos telergia: energia física, dirigida pelo inconsciente.

Aspecto psíquico — Observar-se-á que os casos de tiptologia na sua maioria, se deão nas chamadas "casas mal-assombradas", ou outros casos espontâneos, onde há maior emotividade, idade mais apta nos dotados, e outros fatores coadjuvantes. Nos casos de tiptologia experimental, como no laboratório e mesmo nas sessões de espiritismo, etc. o efeito é em geral, muito inferior.

Efeito de massa — Um dos fatores coadjuvantes é a multidão entusiasmada, ou fanatizada, ávida do maravilhoso.

Sol) ôste prisma, pode-se, talvez, compreender melhor a tiptologia que durante algum tempo se constatou em algumas imagens e espoei almonte nas imediações das relíquias de São Pascoal "Bailão": raps ora suaves e harmoniosos, ora mais fortes, algumas vèzcs até retumbantes e fortíssimos, como "um estourar de bomba".¹¹

Num caso como êsse, parece mais provável atribuir o faio á telergia, e psicobulia inconsciente da multidão entusiasta, ou a algum dos componentes das mesmas, ainda sob o impacto da atrativa e curiosa santidade e simplicidade do monge leigo que, não sabendo manifestar de outra maneira seu amor e fervor perante Cristo Sacramentado, bailava e fazia acrobacias na Igreja. A tiptologia provocada inconscientemente pelos assistentes, seria uma tentativa inconsciente de reprodução das danças e saltos do santo.

Esta interpretação aparece bem mais lógica do que pensar num milagre, isto é, numa intervenção divina (Deus é o único que pode, do além, intervir pcrcepüveimente neste mun-

10. Crawford, William: "Mecâirca..", o. c., pág. 117.

11. R bet, Cônego M. J.: "Ra mysLiqu divine distingué des contrefaçons diaboliques et des analogies immainçs", Paris, Poussielgue, 1903, t. II, pág. 229.

do), para realizar esta tiptologia em honra de São Pascoal • Bailão". Um fenômeno espetacular e muito continuado é maior próprio de um circo, não tem as características do milagre; é fenômeno parapsicológico, humano...¹²

Há casos nos quais o aspecto psíquico exigiria uma profunda análise por um especialista para ser descoberto, pois pode apresentar-se muito simbolizado, com uma intervenção inconsciente (do chamar a atenção, vingança, defesa, compensação. ..) dificilmente compreensível. Mas há outros casos nos quais a parte psíquica ou certos aspectos dela são percebidos com, bastante clareza.

Crookes perguntava: "Uma questão importante reclama a atenção: êsses... ruídos são dirigidos por alguma inteligência? Verifiquei desde o começo das minhas investigações, que o produtor dêsses fenômenos não é uma força cega, mas uma inteligência que os dirige, ou ao menos lhes está assdeitada".¹³

Sem domínio psicobulico — A psicobulia (vontade e direção inconsciente), porém, não tem o pleno domínio sobre a telergia. Diríamos, noutros palavras, que as energias exteriorizadas permanecem ligadas ao médium, mas sua vontade inconsciente não as maneja com a facilidade com que as manejaria se não tivessem sido exteriorizadas. Os motivos, que levaram Crookes a ver inteligência e vontade na tiptologia, são incontáveis, mas também mostram insofismavelmente que essa psicobulia não é plena e livremente manifestada:

"Assim, os raps de que acabo de falar, eram repetidos no número determinado: tornaram-se fortes ou fracos, e ressoavam em diferentes lugares, a meu pedido; por um vocabulário de sinais, prévianamente convencionados, foram respondidas as perguntas e dadas comunicações com maior ou menor exatidão".

12. Em todo caso, quem quereria ver neste e em semelhantes casos da hagiografia católica a intervenção do além e não um fenômeno tipicamente psicológico, deveria, antes, lembrar que êstes casos são em prol da doutrina católica (seria a confirmação da Eucaristia, em honra de um santo canonizado, aprovando ainda a veneração das relíquias) nada tendo a haver com a doutrina espiritual.

13. Crookes, William: "Nouvelles...", o. c.

Tanto é verdade esta dificuldade para a exatidão na resposta, nunca complicada, que Crookes se viu obrigado a acrescentar: "A inteligência que governa este fenómeno, é algumas vezes manifestamente inferior à do médium".

Na realidade, trata-se do próprio inconsciente do médium, tendo-se presente que o inconsciente pode manifestar conhecimentos captados por vias parapsicológicas.

Por tratar-se de psicobulia, geralmente inconsciente, "muitas vezes — o que maravilhava Crookes — está em oposição direta aos desejos" conscientes do dotado. Hoje, a Psicologia tem mostrado à saciedade, que os desejos inconscientes, recalçados ou não, frequentemente são diferentes, até opostos ou complementares aos desejos, critérios, etc.. . . conscientes. Não há, pois, motivos para procurar no além a inteligência diretora.

Inteligência dos raps — A inteligência se pode manifestar em pequena dose por intermédio da tiptologia; poderíamos dizer que a tiptologia só inclui um indício da inteligência. Pela mesma dificuldade que a psicobulia encontra em manejar a telcrgia, compreende-se que são poucos os dotados que manifestam tiptologia inteligente, mesmo levem ente inteligente. Diz Richet a respeito: Os raps "não constituem um fenómeno excepcional. É verdade que para obter raps muito fortes, sem contato o com um sentido preciso, são necessários dotados muito poderosos. Mas mesmo com dotados relativamente débeis e pouco exercitados, se eles tocam um pouco a mesa, quando se escuta com atenção, colocando o ouvido sobre a madeira, ouvem-se frequentemente pequenos raps, ritmados ou não, que lamentável mente não têm muito sentido, isto é, que não podem dar frases coerentes, nem mesmo palavras, quando se soletra o alfabeto. . . Eu (os) tenho obtido. . . com os mais diversos médiuns. E' verdade que, na maioria dos casos, êsses raps não são coerentes. Trata-se de um, tamborilar irregular, desordenado, com o qual é impossível estabelecer qualquer conversa. Para que, pelos raps, possa haver resnistas coerentes, os dotados devem ser excepcionalmente poderosos.. . Os estalidos não inteligentes são obtidos com frequência; os raps inteligentes são extremamente raros".¹⁴

14. Richet, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed.. Paris, Alean, 1923, págs. 592, 584.

O Dr. Myers, apesar de ter sido êle próprio espírito no início da investigação, compreendeu que os espíritas, ou muitos dêles, têm-se deixado ludibriar neste ponto, por médiuns fraudulentos: "Os espíritas dizem que se trata de um fenómeno muito comum,. Por minha parte posso dizer que 1 < oiho participado de centenas de sessões, estando inteiramente (<* atento a tudo o que se refere aos raps; tenho-os ouvido, IVoqüentemcnte, em presença de médiuns pagos. Com frequência ouvi estalidos na mesa, quando experimentava com meus amigos: mas somente com quatro ou cinco dotados, não-profissionais, dignos de tãda confiança, tenho ouvido raps incontestáveis, respondendo a perguntas.. ." ¹⁵

O "sábio" mudo — Além de serem poucos, rlativamcnte, os casos de tiptologia inteligente, a inteligência manifestada é, como já frisamos, escassa. Em todo caso, não supera a inteligência do dotado, sem nenhuma dessas grandes qualidades próprias do talento do inconsciente. Isto mostra que as grandes faculdades do conhecimento inconsciente, Psi-gamma, Ibp, etc., encontram dificuldade em se manifestar por tiptologia. A tiptologia, diríamos de outra maneira, não pode ser incluída entre as boas técnicas de manifestação dos conhecimentos inconscientes, como a radiestesia, psicografia ou sc-Cl ita automática, movimentos da mesa ou do copo, etc. por contato ou mesmo sem contato, e tantas outras boas pragmáticas.

De Maria Silbert, a médium de Gratz, na Alemanha, após pesquisas com ela realizadas por uma comissão de professores e alunos dos cursos superiores da Universidade de Innsbruck, escreve Huberto Rohden, um dos pesquisadores:

"Toda noite, assim que Maria Silbert transpunha o limiar da sala, logo se fazia ouvir um discreto tic-tic dentro da mesa.

Este móvel fora por nós examinado com o máximo rigor... resto, mesmo em caso de substituição por outra mesa qualquer, iam-se os mesmos fenómenos".

"intensificava-se o estranho ruído dentro da mesa. Passava para os objetos da sala, cadeiras, soaço, teto, janelas, portas etc."

15. Myers, Frocleric: "Human Personality and its Survival of bodily death", Londres, Longmans, 1903, t. II, pág. 454.

“A fim de pôr à prova a intelectualidade do invisível agente (Dr. Nell, do século XVII — embora não crêssemos na presença do tal espírito, fazíamos de conta que nêle criamos), batíamos na mesa uma série de golpes rítmicos, pedindo ao professor Nell que os repetisse, e êle os repetia, fielmente, sem omitir um só golpe. Bati o compasso de uma modinha brasileira, e êle repetiu tudo direitinho”.

“O sistema de ditar...: bate certo número de golpes na mesa. Nós acompanhamos as batidas com as letras do alfabeto, a, b, c, d, e escrevemos a letra em que êle pára... Um golpe isolado quer dizer *sim*; dois golpes isolados, *não*”.

“Os ditados vinham só em alemão... Pedimos que ditasse em latim. Respondeu com um redondo *não*”.

“Havia entre nós conhecedores de diversas línguas, vivas e mortas. Pedimos que ditasse em grego, hebraico, em inglês, húngaro, português; e tudo foi recusado com dois golpes secos”.

Como se vê, nem na grande dotada Silbert, a tiptologia podia manifestar sequer a mínima xenoglossia, captada por Hip ou por telepatia. E quando aparece xenoglossia, ainda que pouquíssima, têm erros notáveis e não apresenta inteligência, suficiente para responder a perguntas concretas, ou para usar frases de acordô com as circunstâncias. Só frases feitas:

“Por fim apareceu um ditado em latim: *Si paccm dedcrUis, lux orict...* A última palavra está errada... pois devia ser *orietur*. Chamamos a atenção de Nell (a personificação da médium) para o erro, mas êle protestou afirmando que *lux orict*, era latim correto”.

O Prol. Nell não tinha a mínima idóia de latim!

“Por último veio este ditado latino: *laus Deo in coelo et in aeternam...* Devia ser *in terra* (na terra) ou então *in aeternum* (para sempre)”.

Simple manifestação de duas únicas frases aprendidas quando criança, e isto após muita insistência. Acrescenta Rohden: “Convém saber que a médium tivera uns anos de latim no ginásio”.¹⁶

Inteligência de criança — O professor Barret comprovou muito bem um caso típico: O senhor e a senhora C. tinham alugado, para a temporada de verão, uma casa em Kingstonn, Irlanda, muito perto

16. Rohden, Huberto: “Por um Ideal”, t I, ed. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1962, págs. 56 ss.

da casa em que habitava o próprio Dr. Barret. Algum tempo depois, os senhores C. estavam aterrados pelos raps, às vezes muito violentos, que escutavam com frequência. O Dr. Barret e seus colaboradores, após semanas de investigações exaustivas, tiveram de chegar à conclusão “unânime de que deviam rejeitar qualquer hipótese de fraude, ilusão ou observações mal feitas”.

Descobriram que os raps só se realizavam quando estava presente a filha dos Srs. C., menina de 10 anos, que se chamava Florrie. A menina foi atentamente vigiada. Tendo, ao menos externamente imóveis completamente as mãos e os pés, Florrie conseguia, às vezes, realizar a tiptologia, com um determinado ritmo, sobre o lugar que se lhe indicava. Posterior mente, conseguiu responder inteligentemente, por meio dos raps, às perguntas que lhe faziam. Os raps da resposta, vez por outra, eram raps em grupos numerados. Geralmente um rap com maior ou menor precisão informava que a letra pronunciada convinha para ir formando uma frase ou palavra para a resposta.

Testemunha o Dr. Barret: “Tomei nota de algumas das respostas obtidas: eram tais como as faria a mesma Florrie, isto é, espontâneas e fúteis. A inteligência... correspondia à da menina. Tinha, inclusive, a sua ortografia”.¹⁷

Nada de Hip ou Psi-gamma ou qualquer fenômeno destacável, nada que desse valor de inteligência à tiptologia.

Assombração de Glasgow — Nem mesmo nos casos mais famosos se encontra inteligência algo mais destacada.

A casa “mal-assombrada” de Glasgow (Inglaterra) foi uma das que mereceu maior atenção e estudo. Todas as noites, quando os dotados, umas criancinhas, estavam já na cama, manifestava-se a tiptologia nas imediações delas.

Refere uma testemunha ocular: “Tôda a população de Scotfs Lane, Port Glasgow, impressionou-se grandemente com o tabique de um compartimento ocupado pelo jardineiro Hugo Cardlc e família. Duas semanas havia que os ruídos tinham aparecido e desde que a notícia se espalhou, multidão de curiosos se juntava na rua, até às 10 horas. Escada, ante-sala e todo o compartimento estavam cheios de curiosos, enquanto os policiais circulavam, procurando manter a ordem. Meu primeiro cuidado foi uma inspeção da casa, auxiliado pelo caseiro, Sr. James Fegan”.

17. Barret, William: “On the threshold of the Unseen”, New York, Dutton, 1917, pág. 49 ss.

"Enquanto me detinha no refeitório, onde começava o tabique, entrou o sargento, acompanhado do delegado. Expus-lhe o fim de minha visita e, como também êle desejava descobrir a fraude, prontificou-se a fazer-me companhia. As pancadas começaram às 9 horas, e prosseguiram por mais de uma hora. Os primeiros ruídos assemelhavam-se ao atrito de dois sarrafos não aplainados. Depois, pareciam marteladas no assoalho, embaixo da cama, situada quase no tópo da escada que dava para fora. Eu e o sargento MacDonald munimo-nos de velas para clarear o local onde ressoavam as pancadas. O Sr. Fegan conscrvava-se diante da cama; o Sr. J. F. Anstruther, e outros, permaneciam no quarto, por detrás do prefeito".

"Disseram-nos que as pancadas eram dadas muitas vezes, como respostas afirmativas ou negativas, c nós formulamos perguntas, propondo três pancadas por *sim* e uma por *não*".

"As pancadas eram violentas e rápidas, soando antes que o argiinto completasse a pergunta. No intervalo de uma a outra pergunta, as pancadas prosseguiam como que ritmadas... Assobieei uma canção, as pancadas continuaram mais fortes, acompanhando meu ritmo. Assobieei outra melodia, e desde o segundo verso, fui perfeitamente acompanhado. Formulei várias perguntas cm voz muito baixa, quase murmurada... nem por isso a manifestação se alterou; era nítida, perfeita. Ao soarem 10 horas, na cidade, as badaladas sc reproduziram debaixo da cama e nas paredes. Pedi uma talbadeira, e arranquei uma tábua do assoalho, no local donde pareciam vir as pancadas. Elas mudaram de sede, por instantes, mas continuaram logo. Dir-se-ia que alguém, armado de martelo, estivesse batendo nas bordas cloy buraco por nós aberto no assoalho. Este, a parede, o teto tudo foi minuciosamente inspecionado. As crianças tiveram que sair da cama, as camas foram removidas, revirados os colchões, sacudidas as cobertas. Em suma, tudo se fôz para descobrir a causa do fenómeno. Outras pessoas, entre elas o Intendente e os agentes de polícia, esquadrinharam a ante-sala, o vão inferior da escada e até os porões. Também procuraram imitar o fenómeno batendo um pouco por tôda parte, mas em vão".**1»

Banalidade intelectual — Como sc vc, tôda a inteligência da tiptologia, neste caso famoso, sc limita ao ritmo, imitando badaladas ou canções assobiadas e a três pancadas para dizer "sim" ou uma pancada para dizer "não", cm resposta a perguntas banais que foram consideradas tão sem importância a ponto de não* se ter julgado necessário transcrevê-las ;

18. Flammarion, Camille: "Les maisons hantées", Paris, Flammarion, 1923, tradução portuguesa de Quintão, M. "As casas mal-assombradas", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1952), págs. 88 s.

nem nos dizem se as respostas foram certas. O mesmo Flammarion, ao referir o caso, trata-o de "banalidade vulgaríssima, mas não obstante, indícios de entidade pensante".

De qualquer forma, foi forçoso concluir que as respostas em nenhum caso superavam o que sc poderia esperar normalmente das inteligências infantis, uma vez que os "investigadores" que citamos, estiveram convencidos de se tratar de alguma fraude, provinda das crianças, donde o exame a que submeteram o colchão, cobertores c cama, à procura de algum aparelho que servisse para o truque.

Embora os "investigadores" se esquecessem de observá-los diretamicntc, estamos a supor (talvez!) que os raps não eram provocados pelas articulações das crianças, porquanto pareciam provir, nitidamente, do tabique, das bordas do buraco feito no piso. Tratar-se-ia de raps provocados mesmo por telergia.

Espírito comunicativo — Noutros fenômenos, por exemplo na foioçênose, nota-se com facilidade c frcqüentemente a vineulação ao dotado. E' o mesmo dotado que aparece luminoso. Na tiptologia, porém, se ouvem os raps mais frcqüentemente sôbre os objetos externos. Aparentam ser independentes do dotado. Na realidade, como vimos, procedem do dotado. São causados pela telergia do dotado, ou emprestada dos assistentes c por êle condensada; dirigidos pela psicobulia do dotado, etc.

E' curioso: mesmo cm ambiente espírita, o inconsciente, algumas vêzes, manifesta que a inteligência diretora não é a do espírito de algum morto, mas êle próprio, o inconsciente, a psicobulia do dotado, aprcsntando-sc sob o disfarce de entidade do além.

Escreve o Sr. Harrison editor da famosa revista espírita "The Spiritualist": "... Dirigi-me sôzinho a uma sessão particular em casa do Sr. e Sra. Marshall, a fim de ter uma demorada conversa com John King.í> No começo, estávamos em plena luz, e disseram-nos, por meio de pancadas":

19. Entidade imaginária à qual o inconsciente do dotado atribuía o.s fenômenos; King sob o nome de John ou Katie, etc., foi uma personificação inconsciente de vários médiuns e que chegou a ser famosa, mesmo clássica. Teremos ocasião de estudá-la ao falarmos das prosopopéias, isto é, personificações do inconsciente.

- "Sou vosso bom espírito da família".
- "Então tenha a bondade de me dizer quem é".
- "Sou tu mesmo, sim".

"Voltei-me para a senhora Maishall e perguntei que significava essa comunicação. Ela me disse que não sabia nada disso... Perguntei":

- "Dir-mo-ás de nôvo? num aposento escuro?"

"A resposta foi 'sim'. Entramos num aposento escuro, e ao cabo de um pouco de tempo, vimos produzirem-se corpos luminosos como cometas, de uns 30 centímetros de comprimento, alargados num dos extremos e terminando em fina ponta no outro; esses corpos luminosos fluíam no ar, aqui e ali, seguindo uma trajetória eurvilínea. Um momento depois, uma voz (pneumatofonia: vozes de origem parapsicológica) me disse, muito perto de mim":

- "Sou teu próprio eu espiritual (poderíamos traduzir: teu próprio inconsciente) falei contigo no quarto vizinho..."²⁰

"Espírito batido" — Bem analisados os casos do tiptologia, ovidencia-se que, na realidade, tudo está vinculado ao dotado. Vejamos alguns exemplos, escolhidos ao acaso:

O edifício número oito, da rua Leblon, no distrito XVII de Paris, estava sendo visitado por um "espírito batedor" segundo a expressão superficial dos supersticiosos. Uma barafunda terrível se fez ouvir, pela primeira vez, na noite do dia 17 de novembro do 1953. Provenha do quarto andar. Muitas pessoas saíram dos seus apartamentos, perguntando-se, mutuamente, o que sucedera. Ninguém sabia responder. Nas noites seguintes, no mesmo horário aproximadamente, houve semelhante algazarra.

Foram procurando localizar as causas, mas nada encontraram. Acontece que, de conversa em conversa chegaram a descobrir que, semanas antes, morrera uma senhora "pouco mais ou menos no lugar donde procediam os ruídos". Isto já bastou para que muitos não duvidassem de que o causador dos misteriosos e fortíssimos ruídos era o espírito da defunta...

Mas, por sorte, havia lá alguma pessoa mais crítica... fez chamar o comissário de polícia. E o "espírito da defunta" se assustou com a autoridade: desde então, tudo cessou!²¹

20. Artigo de capa pelo Sr. Harrison em "Spiritualist", 1875, t. I, pág. 120.

21. Caso publicado pelos jornais de Paris entre os dias 1.º a 5 de dezembro de 1953, como, por exemplo, "Le Matin", "Le Pays", "Le Parisien Libéré", etc.

Não queremos dizer, com isso, que aquela notável tiptologia fôsse fraudulenta: talvez o fôsse. Mas, mesmo que fôsse fenômeno parapsicológico autêntico, este também, como a fraude consciente ou inconsciente, depende do dotado. Em certos casos, a presença da polícia, ou do especialista em Parapsicologia, é suficiente para que se iniba o inconsciente do dotado ou fraudador inconsciente, e deixe de manifestar seus fenômenos...

Internado o "espírito" — Outro caso: a 24 de maio de 1933, dia de Pentecostes, por volta da meia-noite, ouviram-se misteriosos raps no edifício número 24 da rua dos Zilleuls, em Boulogne — Villancourt.

Posterior mente, os raps se manifestavam tanto de noite como de dia.

Pensando que talvez fossem barulhos decorrentes de fendas na construção, chamou-se o arquiteto, que não pôde descobrir anormalidade nenhuma.

Pensou-se, então, em alguma brincadeira... mas o comissário de Polícia também nada descobriu, e os raps continuavam a ser ouvidos em diversas ocasiões.

Puseram-se, então, vinte agentes policiais a vigiar a casa, e comprovou-se que os barulhos estavam vinculados à presença de uma menina, chamada Denise. Compreenderam ser cida que, na sua psicorragia, provocava a tiptologia. Enviaram-na ao Hospital, e tudo acabou definitivamente.^{20 21 22}

Neste caso, é muito difícil supor que se tratasse de uma fraude, consciente ou inconsciente, já que os barulhos pareciam proceder de todas as partes e se realizavam mesmo quando a menina estava sendo policiada.

Vê-se também, como verificaremos em muitas outras ocasiões, que se trata, nestes casos, de telergia, de fenômenos E. N., muito mais freqüentes que os fenômenos paranormais, Psi-Kappa, que não requereriam a presença do dotado. Evidentemente, a proximidade só é requerida nos casos materiais, não nos imateriais.

22. Publicado pelos jornais de Paris de junho de 1953, como "Franc-Tireur", "Aurore", "La Presse", "Le Parisien Libéré", etc.

Bênção inteligente — Justamente por se tratar de fenômenos E. N. e não P. N. (salvo raríssimas exceções), um dos modos mais decisivos de acabar com uma “assombração” de determinada casa é afastar o dotado.

Em janeiro de 1956, uma casa “mal-assombrada” de Saint Léprieux, em Jura, tornou-se conhecida em toda a França, pelos jornais. Chamaram o padre do lugar, para benzer a casa. O padre acedeu; mas, homem culto como era, aconselhou que afastassem da casa a menina Inlucite R., na qual ele via o dotado responsável por tudo. A família seguiu o conselho do sacerdote e a “bênção” surtiu efeito: daquele dia em diante desapareceu a assombração...

Tiptologia muscular — A tiptologia é tão estreitamente dependente do dotado que freqüentemente têm-se observado que é acompanhada de movimentos com esforço muscular por parte do médium.

Na conclusão geral dizia Crawford: “Todos os movimentos do raio são produzidos no íntimo do corpo do médium”.

Esta vinculação da tiptologia aos movimentos inconscientes do dotado, levou muitos a pensarem precipitadamente que liavia fraude.

Crawford avisava: “No círculo Goligher acontecem coisas que podem parecer fraudulentas a um observador superficial. Por exemplo, acontece que o corpo do médium, ou partes do seu corpo, executam movimentos espasmódicos quando se produzem violentos raps V í

Um dos investigadores que mais exaustivamente e melhor estudou a tiptologia foi Maxwell, que conclui a favor de “sua estreita conexão com os movimentos musculares dos assistentes” e não só do dotado, em muitos casos. “Todo movimento muscular, mesmo débil, geralmente é seguido de um rap”, o que talvez seria mais exatamente formulado ao inverso: todo rap é precedido de um movimento muscular. Mas “a intensidade do rap não tem parecido proporcional ao”²⁴

2.*». Aliás, não só a tiptologia, mas todo fenômeno de efeito físico? acompanhado freqüentemente de movimentos ou contrações musculares dos dedos, ou dos braços, ou dos joelhos, etc., do dotado. Cfr., por exemplo, Bottazzi, Filippo: “Fenomeni Medianici”, Nápoles, Perrella 1909, págs. 244.

24. Crawford, W. J.: “Mecânica...”, o. c., págs. 111 e 14 respectivamente.

movimento feito”, porque o movimento não corresponde principalmente ao esforço de emissão da telergia; indica, mais particularmente a psicobulia: é muito típico o movimento inconsciente ao menos mínimo, acompanhando todo ato psíquico, especialmente volitivo, de ação. Os raps determinam no médium “uma sensação de ligeira fadiga. Esta sensação é perceptível para os mesmos observadores”. Esta fadiga é resultado do esforço e desgaste para a emissão da telergia causadora dos raps.²⁵

Influências na tiptologia — A tiptologia depende tanto da psicobulia do dotado que nalgumas ocasiões, pode-se até dirigir por sugestões a colocação dos raps ou até provocá-los ou fazê-los cessar, e o dotado, está claro, não sabe conscientemente que ele próprio, inconscientemente, é o responsável por aquela tiptologia que pode até causar-lhe medo, (embora seja muito freqüente que o dotado, por mecanismo inconsciente, fique muito tranquilo perante os acontecimentos...).

Da famosa casa “mal-assombrada” dos subúrbios de Borny, em Metz, muito se ocuparam os jornais em dezembro de 1950. A tiptologia era causada por um menino de 9 anos, Jean C. Tudo acabou quando o comissário de Polícia, senhor Lacombe surpreendeu a mãe de Jean lhe dizendo: “Faze ainda mais uma vez, e te darei a bicicleta”.

A mãe, interessada na “assombração” da casa, servia-se das faculdades parapsicológicas do seu filho, talvez ignorando que a psicorragia se dá a expensas da saúde...

Freqüentemente é o ambiente, uma repreensão, uma revolta, que excita o inconsciente a manifestar, por meio da tiptologia, sua agressividade irresponsável e reprimida.

Uma consulente minha, sem perceber que sua tiptologia era uma manifestação simbólica de sua revolta interna contra a mãe, descrevia assim os fatos: “Na minha casa, quem ouvia as pancadas nos móveis era V., depois, todos (inclusive os visitantes esporádicos) começaram a ouvir. Quando a mãe se levantava da cama, então se produziam as pancadas até no sofá. Quando vim morar com Z. (irmã com a qual se dá muito bem), não havia batidas. Começou

25. Maxwell, Joseph: “Lea phénomènes...”, o. c., págs. 77 s. Mas interessa todo o capítulo, a partir da pág. 67.

a bater, porém, quando a mamãe veio ficar aqui uns dias. Agora isso não me dá sossêgo. Quando penso alguma coisa contra as pessoas que vêm aqui ou que eu encontro, bate mais forte, conforme as pessoas”.

Este mesmo fenômeno, de alguém influir na psicobulia do dotado que produz a tiptologia, tem-se observado muitas vezes. O fenômeno, como dizíamos, pode até ser provocado experimentalmente com nós mesmos o temos provocado em dotados.

Talvez os primeiros a consegui-lo, experimental e abertamente, tenham sido os Drs. Wijk e Bjerre. Hipnotizando Karin, a dotada histórica de uma casa “mal-assombrada”, da Suécia meridional, conseguiram, a fim de estudar mais facilmente o mecanismo da telúrgia e da psicobulia, que os raps aparecessem todos os dias nas horas e inclusive nos lugares e com os caracteres pré-fixados pela sugestão pós-hipnótica.*

A Ação tiptológica se realiza por meio de energia material originada no dotado.

Isto classifica estes fenômenos entre os Extraordinário-Normais.

É escassa a inteligência que pode manifestar o inconsciente por meio da tiptologia, ?nas é característica do próprio dotado.

26. Wijk, Hjahnar: “Karin. Étude expérimentale sur les phénomènes de frappe spontané”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1905, págs. 517 ss.

I 'seudotelecinesia?

PODE A MENTE MOVIMENTAR OBJETOS?

Múltiplos fatos na História. — Fraudes clássicas. — Garrafas que se entrechocam. — “Espírito enjaulado”. — Há um fundo de verdade, que não justifica o ceticismo.

Telecinesia e história — A ação parapsicológica sobre objetos à distância, comandados às vezes até pela vontade consciente, mas geralmente pela inconsciente, é um fenômeno que, desde a mais remota Antiguidade e em todos os povos se atribui a certos dotados.

Na tradição milenar da Índia, o fenômeno é designado sob muitas denominações. Numa classificação antiga, em que o “médico” Caraka resume os poderes do yogi, a pretendida ação da vontade sobre os objetos é designada sob o nome de “arthânân chandatah Kryiyâ”.¹

Sob pequenas variantes acidentais, os comentaristas do Yogasutra,² são unânimes quanto ao nome “vaçitva”, para designar um pretendido poder de dispor, à vontade, das coisas matéria e, assim como uma pretendida não-submissão a outras.

1. “Çârirastâna”, I, 138.

2. “Yogasutra”, III, 15 ou 44 segundo as edições.

Nem se necessita explicar que êste poder, assim formulado, sem restrições, é um manifesto exagêro e não merece sequer ser submetido a análise científica. Inclusive chegam a atribuir a alguns dotados o poder de atingir tôdas as coisas como, por exemplo, a Lua com o dedo, faculdade que designam sob o nome de "Prâpti". Isto é lenda. A única coisa que interessa ao cientista é ver se há alguma parcela de verdade como causa e origem desta lenda.

Investigação ocidental — No início da investigação ocidental contemporânea, a ação parapsicológica sobre os objetos físicos foi designada sob o nome de "teleeinesia", das palavras gregas "tclé" c "kínesis" que, prôpriamente, significariam "movimentar de longe"⁷ mas que, na realidade, designariam de modo geral tôda a ação (não só movimento) sôbre objetos distantes, sem contato normal.

Diz Myers, um dos fundadores da S. P. R. de Londres, com a qual começou, como ó sabido, a investigação científica dos fenômenos parapsicológicos: "Não poderia fazer desprender do organismo uma energia capaz de pôr em movimento objetos ponderáveis que não estão em contato real com minha carne?... Seria teleeinesia. Mediante esta palavra proposta por Alcsakof designa-se o que se têm chamado de fenômenos físicos do espiritismo". Myers publicava estas palavras em 1903.³

Delimita-se o terreno — Como se vê, sob o nome de teleeinesia, compreendiam-se também a tiptologia, a fotogênese, a levitação, os efeitos Psi-kappa, enfim, todos os efeitos físicos da Parapsicologia.

Não obstante, pouco a pouco e de modo mais ou menos imperceptível, à medida que foram aparecendo e se "oficializando" nomes para determinados efeitos particulares, a palavra teleeinesia foi-se restringindo só ao movimento (e por assimilação, também à ruptura) de objetos sem contato nor-

3. Myers, Frederic: "Human Personality and its Survival bodily Death", 2 vols., Londres, Longmans, 1903. Servimo-nos da tradução espanhola do Martínez Alinari, Josefina: "La personalidad humana. Su supervivencia y sus manifestaciones supranormales", Buenos Aires, Saros, s. d., (1958), pág. 283.

mal. Por exemplo, Maxwell distingue entre "paracinesia" ou movimentos com contato insuficiente, produção de movimentos tais, que os contatos observados não são suficientes para os explicar e, por outro lado, "teleeinesia", isto é, "movimentos sem contato".⁴

Mais recentemente, começou-se a distinguir entre teleeinesia e psicocinesia. A significação atribuída a estas palavras não é unânime.⁵ Assim, muitos entendem por "psicocinesia", a ação da vontade sôbre os objetos físicos "em movimento", como dados de jogo quando estão sendo agitados ou lançados, uma gota de água que cai, etc.⁶ Mas, esta restrição nos parece inútil. O mesmo Dr. Rhine, introdutor na Parapsicologia da expressão "psicocinesia", insiste num aspecto bem diferente: "Psi-kappa, ou psicocinesia é a influência direta que exerce o sujeito sôbre um sistema físico sem que intervenha instrumento ou energia física conhecidos ou concebíveis".⁷

Nós, aceitando o conceito principal de "psicocinesia" da escola norte-americana, e tendo presentes outras correntes de investigação parapsicológica e metapsíquica, adotamos e advogamos os nomes e conceitos de "teleeinesia" para designar a ação parapsicológica sôbre os objetos físicos sem contato normal e *por energia física* (tclérgia). *K* um fenômeno E. N. Como, porém, muitas destas ações já possuem seus nomes particulares como fotogênese, tiptologia, levitação etc. referimo-nos com o nome de "teleeinesia" a ações de movimento ou ruptura. Por "psicocinesia" (de psi-clé = alma; kínesis = movimento) entendemos a ação parapsicológica sôbre objetos físicos *por forças pummente psíquicas* ("sem que intervenha..

4. Maxwell, Joseph: "Matapsychical Phenomena", London, Duckworth, 1905; usamos a tradução: "Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, méthodes", Paris, Alcan, 1914, págs. 86 e 195.

5. Aliás também não há uniformidade nos nomes mesmos. Nós estamos a referir só os nomes mais lógicos ou mais em uso, prescindindo de muitos nomes como metadinâmica, teledinâmica e psicodinâmica; ou metacínética, teleocínética e psicocínética, etc.

6. Veja-se, por exemplo, Tocquet, Robert: "Les pouvoirs secrets de l'homme. Le Bilan du paranormal", Paris, Les Productions de Paris, 1963, pág. 28.

7. Rhine, Joseph B. e Pratt, J. G.: "Parapsychology", Springfield, Ch. C. Thomas, 1960. Usamos a tradução espanhola: "Parapsicologia", B. Aires, Troquei, 1965, pág. 219.

energia física conhecida ou concebível”, que escrevia Rhine). É um fenômeno P. N. Agora, só estudamos a “telecinesia”. Da “psicccinesia” trataremos em outro livro.

Fkaude em telecinesia — Como em todo fenômeno parapsicológico, a primeira explicação da telecinesia é a fraude, consciente ou inconscientemente cometida.

Desde os primeiros anos da história, temos notícia de fraudes em telecinesia.

Por exemplo, Hierão de Alexandria conta terem os gregos, que acompanharam Alexandre Magno, ficado impressionados pelos truques que, havia mais de 30 séculos, vinham empregando os sacerdotes egípcios. Os ídolos pareciam caminhar sôzinhos, mas na realidade havia diversos dispositivos truoados, como rodas ocultas, movimentando-se lentamente sôbre um plano inclinado, graças ao escoamento do areia, perfeitamente regulado, para um recipiente inferior. Outros ídolos faziam libações “misteriosas”. Na realidade usavam a ação de sifões ou vasos comunicantes. Abriam a bôea proferindo fortes alaridos, por efeito de ar comprimido etc.^{8*}

Posteriormente, ao longo dos séculos, as telecinesias fraudulentas foram sendo exploradas por áugures, pitonisas, bruxos, endemoninhados.. . Modernamente, a telecinesia fraudulenta foi quase exclusivo patrimônio de alguns médiuns espíritas. Com o alvorecer da investigação científica, cada vez mais foram sendo desmascarados os truques.

Discussão conveniente — Sendo a telecinesia fraudulenta muito usada pelos médiuns, é necessário fazer dela uma exposição relativamente ampla para pôr de sobreaviso os observadores e para restabelecer a verdade. Deixamo-la porém,

8. Hieron de Alexandria: “Autómata” e “Pneumautoinata”, fins do século XI a. C.; tradução e comentários de Koelias, Alfoert de: “La Science des Philosophes” e “L’Art des Tliumaturges dana rAntiquité”. Paris, Masson, 1882.

Os truques de óptica, descritos por Hieron, por exemplo um aparelho para fazer aparecer fantasmas com movimentos como se possuíssem vida, só se conservam em tradução latina por Rose: “Anedocta Gracca”, T. II, Berlim, 1870.

As numerosas obras de Hieron de Alexandria só chegaram até nós em fragmentos e são todos recolhidos, em tradução alemã, por Schimdt, W. (Leipzig, 1899-1901).

i •^{11,1} <> Apêndice I. Aqui, como introdução à telecinesia real • d iremos alguns casos tidos como fraudulentos por alguns i«• rricos, fraudes, porém, que são discutíveis...

Lmubroso, por exemplo, escreve como costumava ser o levantamento de mesas por Eusábia: “Fenômenos observados com luz” niihora não plena... “Para melhor observar o caso em questão, « hminamos pouco a pouco as pessoas da mesa, por haver reconhecido que a presença de muitas não era necessária nem nestes nem em outros fenômenos e, afinal, deixamos uma só pessoa com a i urdium”. Assim se exclui melhor a colaboração para a fraude, inclusive inconsciente, de alguns dos presentes.

“Colocada à esquerda, esta pessoa apoiava os pés sôbre os de Eusábia, e uma das mãos sôbre os seus joelhos; segurava com a nutra, a mão esquerda de Eusábia, cuja direita, sôbre o móvel, à vista de todos, também se elevava durante o levantamento” da mesa. “Como a mesa permanecia no ar alguns segundos, foi possível obter várias fotografias do fenômeno”.

“Pouco antes do levantamento, observou-se que a barra da saia de Eusábia se inflava pelo lado esquerdo até encostar numa das pernas da mesa, e tendo um de nós tentado impedir tal contato, o móvel não pôde elevar-se à mesma altura que das outras vezes; mas permitido novamente o contato, elevou-se. Isso aparece claramente nas fotografias tiradas daquele lado, e também naquela em que a perna da mesa em questão é visível de algum modo na sua extremidade inferior”.

Fraude? Quando “a barra da saia se inflava” era porque utilizava algum instrumento? Seria o próprio joelho ou pé? Ou seria mesmo uma telcrgia mais condensada?

Contra a fraude, poder-se-ia objetar que se trata de “dezesete sessões celebradas por mim em Milão, em 1392, com Aksakof, Richet, Giorgio Finzi, Ermacora, Broferio, Gerosa, Schiaparelli e Duprel”, todos eles sábios bem conhecidos, com bastantes experiências na observação destes fenômenos, descobridores de muitas fraudes... Seriam enganados com uma fraude tão rudimentar? Deve-se ter em conta, aliás, que “se tomaram todas as precauções mais indicadas: examinar a médium, mudar-lhe a roupa...”⁹

9. Lombroso. Cesare: “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Zorino. Un. Zip. Ed. Zorino (Utct), 1909. Citamos da trad. de Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo e Mediunidade”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 123 e 120.

Fraude ou “terceiro braço”? — Uma das fraudes de telecinesia, mais comumente referidas, é que o médium movimentava os objetos com seus próprios pés ou mãos. Não há dúvidas de que esta fraude foi muitas vezes cometida. Mas alguns investigadores (Sir Oliver Lodge e os professores Bottazi, Galeotti, Morselli, etc.) avisam: nem sempre que se vê o pé ou a mão do médium movimentando um objeto, há de se deduzir que houve fraude. Na expressão do doutor Hereward Carrington, no seu livro sobre Eusapia,¹⁰ “pode-se admitir, em certas ocasiões, um terceiro braço, que produz êsses fenômenos, e que se recolhe ao seu próprio corpo, quando os fenômenos já estão realizados”.

Carrington era um grande cético dos efeitos físicos da Parapsicologia: “Jamais vi uma única manifestação de ordem física que pudesse considerar autêntica”. Quando a S. P. R., em 1908, decidiu rever sua posição de 1895, em que considerava fraudulentos todos os fenômenos de Eusapia e decidia não mais estudar esta médium, Carrington foi comissionado para um estudo final desta médium. Formaram parte da Comissão mais dois céuticos declarados: o Dr. W. W. Bagally, membro do Conselho da Sociedade, que durante trinta e cinco anos “em tôdas as suas investigações, sempre tinha encontrado truques e somente truques” e o Dr. Everard Fielding, secretário honorífico da mesma Sociedade, que “jamais tinha visto um fenômeno de efeito físico que lhe parecesse provado de maneira convincente”.

Foi ao longo destas investigações que os três céuticos se convenceram de que Eusapia Palladino era capaz de realizar telecinesias verdadeiras e outros fenômenos de efeitos físicos e foi nessa ocasião que Carrington descobriu a singular teoria dos membros-extras.

“Em outras sucessivas experiências, com o professor Vizioli e De Amicis, em plena luz, tendo pedido a Eusapia que fizesse mover... uma sineta colocada no solo, a um metro de distância dela, estando a médium com pés e mãos atados, nós vimos várias vezes estender-se a sua saia, em um ponto, como se fôsse um terceiro pé que apresentava pequena resistência, qual a do gás dentro de

10. Carrington, Hereward; “Eusapia Palladino and her phenomena”, New York, 1909,

um balão, e êste terceiro braço, diremos, etéreo, sob os nossos olhos, na plena luz, finalmente, de um golpe, se apoderou da sineta e a fêz soar”.u

“Pseudópode” fotografado? — Numa já aludida fotografia, tirada no “Institut Général Psychologique”, durante uma elevação da mesa, que apresentamos como “prova” de fraude no apêndice I, ^a a quem pertence a mão sobre os joelhos de Eusapia?

Vêem-se as duas mãos do Dr. Ochorowicz e as duas mãos do Dr. Dcbiernc.

Do Dr. Youricvitch, vê-se uma das mãos; a outra mão, se supõe sobre a mesa, se levarmos em conta a outra fotografia tirada imediatamente antes. ^B Em todo caso, pela distância e posição, vê-se que a mão em questão não pode ser, evidentemente de Youricvitch.

Do Dr. Branly, distingue-se a mão direita, agarrada pela esquerda de Debiene; a mão esquerda de Branly vê-se claramente sobre a cabeça.

Não se vê nenhuma das mãos de Eusapia, mas pela posição do dedo polegar da mão que estamos analisando, vê-se que esta mão não pode, de nenhuma maneira, ser uma das mãos da médium. Repetimos: a quem pertence a mão que está sobre os joelhos de Eusapia? Tratar-se-ia de u’a mão-extra?

E quem fala de mãos ou pés-extras, fala de aparentes paus, fios, alavancas...

11. Lonibroso, Cesaro: tradução de Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo...”, o. c., pág.s. 134 s.

12. “Bulletin de l’Institut Général Psychologique”, 1908, todo o vol. XIII; ou em separata sob o título “Documents sur Eusapia Palladino”, Paris, I. G. P., s. d. (1908). Será mais fácil para a maioria dos leitores consultar o extrato feito por Amaciou, Robert: “Les grands médiums”, Paris, Denoel, 1907, pág.s. 69 s. e 77 s. (Tradução portuguesa do Alcântara Silveira, Horvanir, editada pelas Edições Loyola, São Paulo, 1966). Outros autores também reproduzem longos extratos deste importante documento. Em outras notas citaremos alguns destes autores segundo o caso o requerer. A Fotografia a que aludimos a reproduz Robert Amadon na pág. 120 (do original francês; a tradução portuguesa não tem fotografias).

13. Ver o original (cfr. nota 12), ou a reprodução, por ex., em Ribeiro, Leonídio e Campos de Murillo: “O Espiritismo no Brasil”, São Paulo, Nacional, 1931, pág. 48.

Pergunta-se: foi sempre fraude, mesmo nesses casos em que se descobriu o médium em flagrante, estabelecendo contato de alguma maneira com os objetos, ou usando “seus” pés ou braços?

Telergia condensada — A propósito do caso Goligher, Schrenck-Notzing defendia que fora a telergia mais condensada que levantou a mesa, dando a impressão de uma perna, de um pau, de uma alavanca... Então, Solovovo ridicularizou a explicação, e foi seguido por muitíssimos escritores: “Essas incríveis teorias são geralmente fabricadas para salvar um ou outro caso... Ignoramos qual o primeiro espírita que lançou a hipótese da mão materializada. Parece-nos provável que isto resultou de uma aventura infeliz: o médium tentou mover um objeto e, como foi vista sua mão, surgiu a hipótese de materialização de mãos. O fio etérico, o fio materializado, o fio fluídico de Ochorowicz e de Richet sobre Staiislawa Tomczyk são ótimos exemplos dessas hipóteses”.^H

À altura, em que estamos neste livro, não expusemos ainda dados¹ suficientes para que o leitor possa decidir sobre o valor dessas chamadas “incríveis” teorias. Isto será possível somente após o estudo dos capítulos 9 e 10, nos quais exporemos as ectoplasmias e as ecto-colo-plasmias. Agora só chamamos a atenção para essas explicações que se podem apresentar em alguns casos discutivelmente tidos por fraudulentos.

Discussões sobre Rudi Schneider — Estudaremos também o caso Rudi Schneider que, dentre os grandes médiuns, foi mais invocado no campo científico, em prol da telccincisa. Contra Schneider também se levantaram vozes.

O professor Karl Przibran reproduz por truque os mesmos fenômenos “telccinéticos” que Rudi apresentara a 25 de janeiro de 1924 sob o controle do Prof. Przibran e do Prof. Stefan Maeyr, no domicílio do major von Baranski.

Pretendia Przibran demonstrar que Rudi Schneider fraudara. Mas não apresentou prova alguma de que esses mesmos métodos foram os empregados por Rudi Schneider e não temos qualquer relação minuciosa destes episódios.

14. Machado Carrion, Filipe: “Estudo crítico das ciências ocultas”, Petrópolis, Vozes, 1943, págs. 118 s,

Noutra ocasião o doutor Hans Rosenbuck introduziu na sala de sessões em que trabalhava Rudi Schneider, um objeto coberto de pintura fresca. Afirmou que o levantaria telccineticamente, e de fato, percebeu-se o objeto levantado no ar, mas a mão do médium tinha alguns sinais de tinta.

Truque? Talvez. Mas devemos advertir que o mero fato de a mão do médium apresentar alguns traços de tinta (e não verdadeiramente manchas, como seria o caso, se o objeto fosse pegado pela mão e esta não se limpasse depois) não implicaria necessariamente fraude, porque como veremos mais adiante, se a telccincisa se realizasse por meio do ectoplasma (telergia condensada), o ectoplasma poderia manchar-se e consequentemente, ao reabsorver-se, deixar sinais no corpo do dotado.

O Dr. W. J. Vinton, que controlou seis sessões de Rudi, das quais quatro no próprio domicílio do médium, em agosto de 1926, concluiu pela fraude e pela cumplicidade da família Schneider. Mas também aqui a acusação não é muito concreta ou fundamentada.

O mesmo devemos dizer da acusação feita por J. Malcolm Bird após umas sessões em outubro de 1927, que tudo se deveria a uma “conspiração fraudulenta”.^{14 15}

A única acusação concreta que se levantou contra Rudi Schneider foi a feita por Harry Price, diretor do “National Laboratory” de Londres. Publicaram-se inclusive duas fotografias nas quais apareceria a fraude.¹⁶ Mas os especialistas receberam com suma desconfiança a “estranha conduta” de Price (expressão do Dr. Osty). As fotografias prestam-se a qualquer interpretação, fraude ou não, e as circunstâncias da publicação dessas fotografias são mais para suspeitar de Price

15. Todos estes testemunhos de fraude, testemunhos gerais demais, assim como outras simples suspeitas, foram recolhidos por Bcsternman, Théodore: “The Mediumship of Rudi Schneider”, em “Proceedings of Society for Psychical Research”, vol. XE, 1932, págs. 428-436.

16. Price, Harry: “An account of some further experiments with Rudi Schneider”, Londres, 1943; e “Confessions of a Ghost hunter”, Londres, Putman, 1936. Neste último livro servimo-nos da tradução italiana de DeirOrp: “A caceia degli spiriti”, Milano, Hoepli, 1937, pág. 166,

do que do próprio médium, sabido como é, aliás, que nesses últimos anos Price empanou com charlatanes a sua anterior e gloriosa carreira de investigador.¹⁷

Fraudes provocam ceticismo — De fato são muitas as fraudes (cfr. Apêndice I).

Perante tantíssimos truques descobertos em provas de telecinesia, a desconfiança lamentavelmente inundou os ânimos de muitos investigadores. Em nome de todos os membros da S. P.R. de Londres, Myers diria, numa espécie de testamento, uma vez que foram as últimas palavras que escreveu para serem publicadas: “A simulação persistente na telecinesia¹⁸ inspirou naturalmente dúvidas acerca da realidade do fenômeno e isto inclusive nos casos em que se tomaram tôdas as precauções contra a simulação e nos quais o caráter das pessoas de experimentação tornava improvável toda suspeita de simulação”.¹⁹

Alguns sábios chegaram a negar completamente a telecinesia não fraudulenta. Lançaram-se desafios curiosos. Talvez o primeiro tenha sido proposto por Babinet na Academia de Ciências de Paris, publicado pela “Revue des Deux Mondes”: “Quem suspender no ar, sem contato algum e à distância, sem outro suporte que a vontade, um corpo pesado mais compacto que o ar, que estiver em repouso... , será proclamado o maior sábio do mundo inteiro.”²⁰ Há já mais de um século... Por enquanto ninguém se apresentou à Academia para conseguir este glorioso título.

Posteriormente, em 1908, o Dr. Le Bon, após desanimar com as experiências de Eusápia, em condições que “não

17. Para a defesa de Rudi Schnicker perante estas acusações veja-se Osty, Eugène, cfm “Revue Métapsychique”, 1932, n.º 2, págs. 105 ss., e Lord Rayleigh; “Presidential Address”, em “Proceedings of Society for Psychical Research”, vol. XLV, 1938, págs. 12 ss.

18. Como já dissemos, Myers chama *telecinesia* a todos os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos. Nós tomamos aqui a palavra no seu sentido fruído restrito; a frase, assim, longe de perder força, ganha em concretismo.

19. Myers, Frederic, tradução de Martínez Alinari, Josefina: “La personalidad...”, o. c., pág. 283.

20. Babinet: “Études et lectures sur les Sciences d’observation”, em “Revue des Deux Mondes”, 1856.

induzem resultado bem claro”, prometeu uma recompensa honrosa do que a proposta por Babinet, mas, muito mais lúbia e oíática: ofereceu um prêmio de quinhentos francos ao médium que, em plena luz, e perante máquinas cinematográficas que registrarão, o fenômeno, conseguisse passar um objeto qualquer, sem contato, de uma mesa a outra, mesmo que as mesas estivessem bem perto. Durante a acirrada polêmica, nas páginas dos grandes jornais parisienses, o príncipe Roland Dojia parte acrescentou mais mil francos à oferta e o Dr. Daricx outros quinhentos.²¹

Resposta inteligente — O famoso ocultista Papus (Dr. Gérard Encausse) reclamava do fato de Le Bon exigir telecinesias em plena luz, sendo que, segundo as próprias investigações de Papus, era necessário “quarenta e cinco vezes mais força para produzir um fenômeno à luz branca, do que para produzir o mesmo fenômeno... à luz vermelha”. A isto respondeu o Dr. Harduin: “Estando o médium numa habitação iluminada pela luz vermelha... levantará uma mesa. A seguir, acendendo a luz e o mesmo médium será então convidado a deslocar um objeto qualquer, pesando 45 vezes menos do que a mesa. Desta maneira, a dimanação de energia permanecerá a mesma e o médium, ganhará sem dar os dois mil francos prometidos. É só tentar”.

Mas, tais desafios, que tantas vezes citam os adversários da telecinesia, na realidade não provam que esta não exista. Só provariam que a telecinesia não pode ser produzida à vontade, com hora marcada, ou que pode haver inibições etc.

Contra-desafios — Aos que querem insistir demais na existência destes desafios, deveria ser lembrado que também existem desafios lançados pelos defensores da telecinesia. Assim, Monterguél, criticando e invertendo o desafio de Le Bon, ofereceu também quinhentos francos ao mágico que conseguisse imitar os “truques” dos dotados, de forma a realizar uma telecinesia, enganando os repórteres comissionados pelo jornal “L’Eclair”.²²

21. Le Bon, Gustave: “Le grand doute”, no jornal “Le Matin”, março, abril e maio de 1908.

22. Montorgueil, Georges, em “L’Eclair”, de Paris, 29 de abril de 1908.

O Dr. Carrington refere num de seus livros²³ que “o mais notável mágico da América”, naquela época, o Sr. Howard Thurston, controlou pessoalmente e com a ajuda do seu assistente, as mãos e pés de Eusapia Palladino numa sessão com boa luz.

Thurston afirmou: “Presenciei pessoalmente levantamentos de mesa realizados pela senhora Palladino... e estou plenamente convencido de que os fenômenos que vi não eram devidos à fraude e não foram executados nem por seus pés, nem por seus joelhos, ou mãos”.

Comprometeu-se a dar mil dólares a uma instituição de caridade se provassem que Eusapia não era capaz de levantar uma mesa a não ser fraudulentamente.

Aprofundamento necessário — Deram poucas provas de espírito científico, aqueles investigadores que abandonaram ou não quiseram entrar por estes temas da Parapsicologia, simplesmente porque há muita fraude. Não investigar porque é muito difícil, é manifestamente uma atitude cômoda, mas pouco científica. E’ ainda menos científica a atitude daqueles que, não satisfeitos com as condições de experimentação ou observação, em alguns casos particulares, não querem aceitar ou desprezam este tipo de investigação. Se as condições não lhes satisfazem, procurem eles outras melhores como fizeram alguns dos modernos parapsicólogos, e determinem melhor como é que se deve investigar.

Objetou-se muito contra os metapsíquicos, como anticientífico, o fato de ter havido entre eles muitas fraudes. Esquece-se porém, que foram alguns dentre eles que descobriram essas fraudes, os primeiros que souberam distinguir entre fraude e fenômeno real e os primeiros a demonstrar que se deviam atribuir ao inconsciente humano fenômenos, fraudulentos ou reais, que durante séculos e séculos, vinham sendo atribuídos aos gnomos ou fadas, pitões ou demônios ou, já pouco antes do início da metapsíquica, aos espíritos dos mortos.

23. Carrington, Hereward: “Eusapia Palladino and her phenomena”, New York, 1909.

Dá-se por sabido que existem muitíssimas pseudolecinesias isto é> muitas fraudes para movimentar objetos à distância.

Mas é possível que algumas fraudes a legadas sempre, na realidade, telecinesias reais, tendo-se confundido o instrumento parapsicológico com um instrumento muito fraudulento.

A existência da fraude, porém, não deve afastar o cientista, dá mais valor à investigação. Compete ao verdadeiro cientista investigar até resolver se tudo e sempre é fraude ou se existe a telecinesia verdadeira.

Telecinesia- I

CIÊNCIA COMPROVA:
A MENTE MOVIMENTA OBJETOS

Indiscutíveis experiências de laboratório. — Mágicos e ilusionistas se convencem. — Mesas e cadeiras que voam, pela força do pensamento. — O passeio de uma campainha. — A "mão nebidosa". — Os sábios aceitam os fatos e a interpretação justa.

Há pouco sugeríamos que algumas das alegadas fraudes são discutíveis. Nem sempre é claro que sejam fraudulentas. Vamos começar por algumas dessas experiências criticadas que nós julgamos, porém, duvidosas, para não dizer que são em abono da telecinesia. Só vamos referir experiências de laboratório.

Entre os dotados para fenômenos de telecinesia, o primeiro a ser investigado cientificamente foi a Srta. Angélique Cottin. Esta menina de 14 anos chamou a atenção porque desde o dia 15 de janeiro de 1846, "assombrou" a casa onde morava em Bouvigny (Orne). Uma mesinha, perto dela, sem causa aparente começou a agitar-se; um pesado cortiço e os mais variados objetos realizavam os mais inverossímeis movimentos...

E vem a discussão: o vigário da aldeia se recusa a administrar-lhe os exorcismos, não acreditando que tais fenôme-

nos se devam ao demônio, como muitos pensavam. Os médicos da cidade vizinha analisam os acontecimentos, dividem-se nas suas opiniões: fato inexplicável para uns; para outros, precisamente por não saberem explicá-lo, ó fraude.

Enviam Angélic a Paris. O Dr. Tanchou declara autênticos os fenômenos sem, contudo, poder apresentar explicação alguma. Um mês mais tarde, influenciado por Arago, diz que duvida da honestidade de Angélic Cottin, embora nem ele nem Arago fossem capazes de apresentar argumento algum concreto para provar a fraude no fenômeno que simplesmente não sabiam explicar.¹

Por fim, a Academia de Ciências nomeia uma Comissão e com este fato implicitamente se dá a entender que o assunto continuava sem solução, ou em outras palavras, que as imputações do fraudei não passavam de meras hipóteses. E a Comissão da Academia de Ciências deixa as coisas como estavam: perante a Comissão, Angélic Cottin não realizou nenhuma telecinesia.

Ante tal fato, a Academia de Ciências concluiu em plenário, com evidente apriorismo, "que as comunicações dirigidas á Academia a respeito da Sr ta. Angélic Cottin devem ser consideradas como nulas"^{7, 2, 3 *}

tó a solução tantas vezes dada ao longo da História: o que não se sabe explicar, se nega "em nome da Ciência"⁷⁷... Na realidade acreditamos que teria sido mais científico não pronunciar-se a respeito...

O Dr. J.-E. de Mirville posteriormente analisaria todos os relatórios, as críticas levantadas contra o parecer da Academia, os argumentos pró e contra, e se manifesta decididamente em prol da telecinesia real no caso Angélic Cottin.⁵

> Primeiras experiências — O famosíssimo médium., o mais importante como realizador de fenômenos parapsicológicos: cos de efeitos físicos, entre todos os que têm sido estudados, sem qualquer dúvida, Daniel Dunglas Home.

1. Figuier, Louis: "Histoire du merveilleux dans les temps modernes", 4 vols. Paris, Hachette, 1861, tomo IV, 172 ss.

2. "Compte rendu de l'Académie des Sciences", sessão de 9 de março de 1846.

3. Mirville, J. E.: "Questions des Esprits", Paris, Dclaroque, 1855, págs. 108 ss.

As primeiras experiências com Home realizaram-se entre 1837 e 1868 dirigidas pelo Visconde Adare, na sua residência particular.

Em plena luz, presenciaram, em muitas ocasiões e nas mais diversas circunstâncias, movimentos de objetos situados nos mais diferentes lugares. A mesa so levanta no ar dezessete vezes; fica uma vez suspensa a quase meio metro, durante bastante tempo, facilitando a observação; outra vez, vai lentamente pousar sobre outra mesa cheia de objetos, sem bater com os pés em nenhum deles, demonstrando grande habilidade; levanta-se outra vez a sessenta centímetros, detém-se e logo prossegue levantando-se a altura de 1,52 metros o to .4

O Visconde Adare não destinava à publicação as relações das experiências; eram unicamente cartas que escreveu a seu pai. Começa por advertir que: "tenho deixado de mencionar todas as precauções que tomei contra as trapaças, conluios e outras operações fraudulentas"⁷⁷.

Além, disso, a» experiências de Home se realizavam em plena luz e ele nunca haveria de ser pego em fraude durante toda a sua vida.

Adare, embora deixe de referir as precauções tomadas contra as fraudes, dá tantos pormenores, que é fácil compreender as condições em que so realizaram as experiências, condições que tornam o truque sumamente difícil. Exigiria tal prodígio de arte mágica, que nenhum mágico seria capaz de imitar. Afirmamos isto, não só como conhecedores das inúmeras fraudes conscientes ou inconscientes dos médiuns, mas também tendo em vista os conhecimentos das técnicas dos mágicos, após muitos anos de estudo e prática de mágicas.

O justo meio termo — Não há dúvidas de que o inconsciente é capaz de fraudes superiores, muito superiores às fraudes realizadas pelo consciente, mas é o caso de se perguntar se o inconsciente seria capaz de realizar fraudulentamente as formidáveis telecinesias que realizava Home com tais circunstâncias. Esta fraude seria mais parapsicológica, mais incompreensível do que a própria telecinesia.

4. Adair*, visconde de: "Experiences in Spiritualism with D. D. Home", s. lugar (Londres), Thomas Scott, s. d. (1869). Reproduzido por Dimravcn, em "Proceedings of Society for Psychical Research", vol. XXXV, 1924, comunicado 93.

Objecções discutíveis — As objecções que se têm levantado contra Home parece que se devem reconhecer como indício de paixão e apriorismo contra a telecinesia. O padre Roure objeta: “Sc todo o mundo falava dêle, poucas pessoas o viram. Robert Houdin em particular, nunca conseguiu encontrá-lo. No local cm que operava, passava primeiro a assistência em revista e excluía quem não lhe agradasse. Depois fazia diminuir a luz no momento decisivo”.⁵

O que se afirma de que poucas pessoas o viram, atuar, é falso: na realidade os fenômenos foram presenciados por muitas pessoas na América, na Inglaterra, na França.

Se o grande mágico Robert Houdin não teve oportunidade de presenciar nenhuma sessão de Home é porque tanto lloitdin como Home viajavam continuamente, solicitados do todas as partes, pelas platéias mais distintas, pelas Cortes, pòla nobreza, ávidas de maravilhas.

Que Home pedisse se apagasse a luz no momento crítico, é também simplesmente falso, como veremos repetidamente.

Cyon é sempre citado pelos adversários de Home. Refere que cm 1853, Home desafiou os sábios ingleses a apresentarem siuis demonstrações e a explicá-las por forças físicas normais. Fn.raday aceitou o julgou que Home não passava de um hábil mágico. Mas Faraday não apresentou provas para dcfojular sua tese.

Hm 1871, Home renova sou desafio em São P(‘tersburgo, e unia comissão de sábios negou-se a aceitar a origem paranornal dos fenômenos. Que argumento concreto, de valor, apresentaram? Grandes sábios em suas especialidades, podem ser grandes ignorantes em mágicas c em Parapsicologia.. Sem apresentarem provas, fora das suas especialidades não tem maior autoridade...

Cyon faz uma acusação mais concreta. Uma tarde na corte de Compiègne, encontrava-se entre os assistentes o general Flcury, que desconfiado, decidiu observar com atenção. Em determinado momento, Fleury “teria percebido, sob a mesa, um sapato, enquanto o pé que lhe correspondia estava no fim da perna do médium estendida

5. Roure, S. I., Lucien: “Le merveilleux spirite”, 7.^a edição, Paris, Beauchesne 1921, (1.^a ed., 1917), pág. 207.

horizontalmente. Uma luva cobria êste pé, e Home se servia dela como de u’a mão de formato particular para simular pressões e toques do além-túmulo”.

Advertido da esperteza, o Imperador Napoleão III fêz despedir Home c mandou que abandonasse a França imediatamente />

Hm, primeiro lugar Cyon parece que está mal informado. A calúnia, indo de boca em boca, desfigurou-se complctamcnte, pois muitos outros autôres, colocam o fato no palácio das “Tuilleries”, em Paris. A acusação original, porém, parece que surgiu não no palácio de Compiègne, nem no das Tiiilleries, mas em Biarritz, na Vila Eugênia, e o descobridor da trapaça, não teria, sido Flcury, mas o general De Gcnlis c o Barão Morio de L/Jsic.

Investigações conscienciosas provaram que tudo isto não passou de uma calúnia. O que se passara na verdade, foi muito diferente.

Numa sessão, u*a mão octoplasmática, uma espécie dc mão-extra, escreveu sôbre uma folha cio papel umas fatídicas palavras de “clstronnmnto e morio” para o Imperador. As palavras impressionaram vivam ente o Imperador e a Imperatriz que também estavam presentes.

Esta foi a causa pela qual o Ministro do Império mandou a Home que saísse imediatamente cio país. Como motivo “político” da expulsão de Home, apresentou-se a calúnia referida.^{6,7}

Imputou-se a Home um truque vulgar demais, sem ter em consideração que Home, salvo em alguma experiência perante cientistas, c a pedido dêstes, realizava suas sessões com luz suficiente. Como poderia, nestas circunstâncias, tocar com os pés descalços os assistentes sem que êstes percebessem imediatamente a fraude?

Em todo caso, tal incidente, tantas vêzes citado, mesmo que fôsse verdadeiro, não podia nunca debilitar a fôrça das outras comprovações das telecinesias de Home...

6. Cyon, IÉlic cio: “Dieu et Science. Essai ele F.sychologie cios Sciences”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1912, págs. 265-279.

7. Solovovo, P. Petrovo: “On the alleged exposure of D. D. Home in France”, em “Journal of Society for Psychical Research”, vol. XV, 1912, págs. 274 ss.

No fim de sua carreira metapsíquica, Home seria estudado meticulosamente pela Sociedade Dialética de Londres, e especialmente pelo grande físico William Crookes.

Interpretação errônea — Ainda após estes vereditos científicos, que reabilitam a Home, e após a morte do grande dotado, haveria de surgir outra calúnia contra êle, repetida muitas vezes pelos adversários dos fenômenos de efeitos físicos. Mas os que citam esta invenção não estão bem informados. Afirmou-se que Home, no leito de morte, teria confessado a Philip Davis que todos os fenômenos por êle realizados eram truques.

Esta imputação é falsa. Lendo atentamente a passagem em que Davis refero a confidência de Home, vê-se claramente o mal entendido. Home disse que “se tinha servido do conceito de espíritos para dar aos fenômenos que se exteriorizavam dêle uma aparência mística que agradava às massas e muito mais às senhoras, mas que êle não tinha acreditado na intervenção dos espíritos nos fenômenos que êle influenciara com seu fluido”.⁸

Com tal frase, hábilmente apresentada, por Davis, dava-se a impressão de que Home consentia na opinião de Davis de que não existiam os espíritos e que todos os fenômenos por êle realizados eram fraudes. Mas Home estava certo ao acreditar na *existência* dos espíritos e na realidade dos fenômenos: Home estava certo em não acreditar na *intervenção* dos espíritos dos mortos nos fenômenos que êle realizava; e Home estava certo também atribuindo os fenômenos ao fluido (telcrgia) que êle exteriorizava e inconscientemente dirigia (psicobulia).

Home já tinha morrido quando Davis publicou sua obra, não podendo defender-se da interpretação errada que se dava às suas palavras.^{8,9}

8. Davis, Philip: “La fin du monde des esprits”, Paris, Libr. Illustrée, s. d., pág. 67.

9. Cfr. um estudo sobre tudo isto em “Luce e Ombra”, 1933, n.º 3, págs. GO as.

Volta Eusápia — De todos os médiuns, talvez seja Eusápia Palladino a que foi mais estudada e pelo maior número de sábios.¹⁰

Eusájva, como veremos no Apêndice I do 2º tomo, foi muitas vezes apanhada em fraude, mas todos os investigadores, sem exceção, acabaram por reconhecer que ela era capaz de realizar telecinesias reais.¹¹

Aliás, as fraudes que foram descobertas em Eusápia eram relativamente simples, no sentido de que ela se servia das mãos ou dos pés, mas nunca usava aparelhos: seriam precisos para fraudar, nas circunstâncias que vamos referir, aparelhos complicadíssimos e conhecimentos mágicos mais “parapricológicos” do que os próprios fenômenos.

ITorovvard CarringLon, sábio de valor, que como “hobby” se dedicara às mágicas o que se gloriava de “ter surpreendido e desmascarado mais truques de médiuns do que nenhum outro homem no mundo e de não ter assistido a nenhum fenômeno de efeitos físicos que não pudesse explicar por fraude consciente ou inconsciente”, convenceu-se completamente, perante Eusápia, da realidade das telecinesias.

Toward Tluirston, considerado o melhor mágico de sua época convenceu-se das telecinesias de Eusápia até o ponto de “estar disposto a dar uma soma de mil dólares a uma Instituição de Caridade se alguém fosse capaz de demonstrar que Eusápia. Dali adiante não era capaz de levantar uma mesa sem o recurso de algum truque ou de alguma desonestidade”.

Rybka, mágico famosíssimo em Polônia, acompanhou as sessões e teve que reconhecer que não havia fraude.¹²

10. Citamos por ordem alfabética alguns dos primeiros sábios que em centenas de sessões estudaram as telecinesias realizadas por Eusápia: Aksakof, Dottazzi, Brofferio, CarringLon, Ourouor, Curic (Pierre o Sra.), Pariex. 1 Varsonval Feilding Finzi, Flannarion, Foa, Gerosa, Gramont Herlitzka, Lodge, Lombroso, Maxwell, Morselli, Myevs, Ochrowski, Pojto, Ilorhas, Richet, Sabatier, Schiaparelli, Sclirnick-Notzing, Ségard Sidgwick (Henry e Sra.), Sicmiradzki*, Venzano, Wattville, etc.

11. A bibliografia sobre Eusápia é enorme. Uma boa lista bibliográfica foi recolhida por Morselli, Enrico: “Psicologia e spiritismo: Impressioni e note critiche sui fenomeni mediunici di Eusápia Palladino”, 2 vols., Torino, Bocca, 1908, Z. T., págs. 134-170.

12. Cfr. “Kurjer Warszawski”, de 16 de dezembro de 1893,

Objecções discutíveis — As objecções que se têm levantado contra Home parece que se devem reconhecer como indício de paixão e apriorismo contra a telecinesia. O padre Roure objeta: “Sc todo o mundo falava dêle, poucas pessoas o viram. Robert Houdin em particular, nunca conseguiu encontrá-lo. No local em que operava, passava primeiro a assistência em revista e excluía quem não lhe agradasse. Depois fazia diminuir a luz no momento decisivo”.^{5*}

O que se afirma de que poucas pessoas o viram, atuar, é falso: na realidade os fenômenos foram presenciados por muitas pessoas na América, na Inglaterra, na França.

Se o grande mágico Robert Houdin não teve oportunidade de presenciar nenhuma sessão de Home ó porque tanto Houdin como Home viajavam com umiamente, solicitados de todas as partes, pelas plaúvas mais distintas, pelas Côrtes, pela nobreza, ávidas de maravilhas.

Que Home pedisse se apagasse a luz no momento crítico, é também simplesmente falso, como veremos repetidamente.

Cyon é sempre citado pelos adversários de Home. Refere que em 1853, Home desafiou os sábios ingleses a presenciarem suas demonstrações e a explicá-las; por forças físicas normais. Faraday aceitou e julgou que Home não passava, de um hábil mágico. Mas Faraday não apresentou provas para defender sua tese.

Em 1371, Home renova seu desafio em São Petersburgo, e uma comissão de sábios negou-se a aceitar a origem paranormal dos fenômenos. Que argumento concreto, de valor, apresentaram? Grandes sábios em suas especialidades, podem ser grandes ignorantes em mágicas e em Parapsicologia. Sem apresentarem provas, fora das suas especialidades não tem maior autoridade..

Cyon faz uma acusação mais concreta. Uma tarde na corte de Compiègne, encontrava-se entre os assistentes o general Fleury, que desconfiado, decidiu observar com atenção. Em determinado momento, Fleury “teria percebido, sob a mesa, um sapato, enquanto o pé que lhe correspondia estava no fim da perna do médium estendida

5. Roure, S. I., Lucien: “Le merveilleux spirite”, 7.^a edição, Paris, Beauchesne 1921, (1.^a ed., 1917), pág. 207.

ii«»rizontalmente. Uma luva cobria este pé, e Home se servia dela « nmo de u’a mão de formato particular para simular pressões e i’M]iK’s do além-túmulo”.

Advertido da esperteza, o Imperador Napoleão III fez despedir Home e mandou que abandonasse a França imediatamente/¹

Em primeiro lugar Cyon parece que está mal informado. A calúnia, indo de bôea cm bôca, desfigurou-se completamente, pois muitos outros autores, colocam o fato no palácio das “■ fuilleries”, em Paris. A acusação original, porém, parece que surgiu não no palácio de Compiègne, nem no das Tuilleries, mas em Biarritz, na Vila Eugênia, e o descobridor da f. :i.paça não teria sido Fleury, mas o general De Genlis e o I :;i rão Morio de L/Iscl.

Investigações conscienciosas provaram que tudo isto não passou de uma calúnia. O que se passara na verdade, foi muito diferente.

Numa sessão, u’a mão ectoplasmática, uma espécie de mão-extra, raercvôu sobre uma íolha do papel umas fatídicas palavras de “desl .onamento o morte” para o Imperador. As palavras impressionaram vivamente o Imperador e a Imperatriz que também estavam presentes.

Esta foi a causa pela qual o Ministro do Império mandou a Home que saísse imediatamente do país. Como motivo “político” da expulsão de Home, apresentou-se a calúnia referida.⁷

Imputou-se a Home um truque vulgar demais, sem ter em consideração que Home, salvo em alguma experiência perante cientistas, e a pedido destes, realizava suas sessões com luz suficiente. Como poderia, nestas circunstâncias, tocar com os pés descalços os assistentes sem que estes percebessem imediatamente a fraude?

Em todo caso, tal incidente, tantas vezes citado, mesmo que fôsse verdadeiro, não podia nunca debilitar a força das outras comprovações das telecinesias de Home...

6. Cyon, [filie de: “Dicu ct Science. Essai de P.sychologie des Sciences”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1912, págs. 265-279.

7. Solovovo, P. Petrovo: “On the alleged exposure of D. D. Home in France”, em “Journal of Society for Psychical Research”, vol. XV, 1912, págs. 274 ss.

No fim de sua carreira metapsíquica, Home seria estudado meticolosamente pela Sociedade Dialética de Londres, e especialmente pelo grande físico William Crookes.

Interpretação errônea — Ainda após êstes vereditos científicos, que reabilitam a Home, e após a morte do grande dotado, haveria de surgir outra calúnia contra êle, repetida muitas vêzes pelos adversários dos fenômenos de efeitos físicos. Mas os que citam, esta invenção não estão bem informados. Afirmou-se que Home, no leito de morte, teria confessado a Philip Davis que todos os fenômenos por êle realizados eram truques.

Esta imputação é falsa.. Lendo atentamente a passagem em que Davis refere a confidência de Home, vê-se claramente o mal entendido. Home disse que “se tinha servido do conceito de espíritos para dar aos fenômenos que se exteriorizavam dêlc uma aparência mística que agradava às massas e muito mais às senhoras, mas que êle não tinha acreditado na intervenção dos espíritos nos fenômenos que êle influenciara com seu fluido”.⁸

Com tal frase, hàbilmente apresentada por Davis, dava-se a impressão de que Home consentia na opinião de Davis de que não existiam os espíritos e que todos os fenômenos por êle realizados eram fraudes. Mas Home estava certo ao acreditar na *existência* dos espíritos e na realidade dos fenômenos; Home estava certo em não acreditar na *intervenção* dos espíritos dos mortos nos fenômenos que êle realizava; e Home estava certo também atribuindo os fenômenos ao fluido (telergia) que êle exteriorizava e inconscientemente dirigia (psicobulia).

Home já tinha morrido quando Davis publicou sua obra, não podendo defender-se da interpretação errada que se dava às suas palavras.^{8,9}

8. Davis, Philip: “La fin du monde des esprits”, Paris, Libr. Illustrée, s. d., pág. 67.

9. Cfr. um estudo sobre tudo isto em “Luce e Ombra”, 1933, n.º 3, págs. CO, ss.

Volta Eusápia — De todos os médiuns, talvez seja Eusápia Paliadino a que foi mais estudada e pelo maior número «i»- sábios.¹⁰

Eusápia, como veremos no Apêndice I do 2º tomo, foi muitas vezes apanhada em fraude, mas todos os investigadores, com exceção, acabaram por reconhecer que ela era capaz de realizar telecinesias reais.¹¹

Aliás, as fraudes que foram descobertas em Eusápia eram muito simples, no sentido de que ela se servia das mãos ou dos pés, mas nunca usava aparelhos: seriam precisos para fraudar, nas circunstâncias que vamos referir, aparelhos complicadíssimos e conhecimentos mágicos mais “parapsicológicos” do que os próprios fenômenos.

Hereward Carrington, sábio de valor, que como “hobby” dedicara às mágicas e que se gloriava de “ter surpreendido e desmascarado mais truques de médiuns do que nenhum outro homem no mundo e de não ter assistido a nenhum fenômeno de efeitos físicos que não pudesse explicar por fraude consciente ou inconsciente”, convenceu-se completamente, perante Eusápia, da realidade das telecinesias.

Howard Thurston, considerado o melhor mágico de sua época convenceu-se das telecinesias de Eusápia até o ponto de “estar disposto a dar uma soma de mil dólares a uma Ins-tituição de Caridade se alguém fosse capaz de demonstrar que Eusápia Paliadino não era capaz de levantar uma mesa sem o recurso de algum truque ou de alguma desonestidade”.

Ryhka, mágico famosíssimo em Polônia, acompanhou as sessões e teve que reconhecer que não havia fraude.¹²

10. Citamos por ordem alfabética alguns dos primeiros sábios que em centenas de sessões estudaram as telecinesias realizadas por Eusápia: Aksakof, Bottazzi, Brofferio, Carrington, Courtier, Curie (Pierre e Marie), Dariex, D'Arsonval, Feilding, Finzi, Flammarion, Foa, Grossi, Herlitzka, Lodge, Lombroso, Maxwell, Morselli, Myers, Ochoa, Porro, Rochas, Richet, Sabatier, Schiaparelli, Schröckner-Notzing, Sigmund Sidgwick (Henry e Sra.), Sigmund Radzki, Venzano, Watterville, etc.

11. A bibliografia sobre Eusápia é enorme. Uma boa lista bibliográfica foi coligida por Morselli, Enrico: “Psicologia e spiritismo: Immediatamente e note critiche sui fenomeni mediunici di Eusapia Paliadino”, 2 vols., Torino, Bocca, 1908, Z. T., págs. 134-170.

12. Cfr. “Kurjer Waszawski”, de 16 de dezembro de 1893,

ou de um desses sapatos metálicos, acender-se-ia automaticamente uma correspondente lâmpada vermelha sobre um painel visível por todos.

Críticas APRIORÍSTICAS — Objeta o doutor Osty: “Evidente que se u’a mão ou pé abandona seu invólucro, a corrente elétrica continua a passar”.¹⁹

TC os Drs. Potrovo-Solovovo e Woolcy apresentaram outras críticas como a possibilidade de se estabelecer o circuito com u’a mão só (mas como burlavam o controle elétrico para retirar uma das mãos?), servindo-se de um instrumento metálico (mas como o introduziam na sala das sessões, como o manejavam?), ou ainda que o dispositivo elétrico poderia apresentar defeitos. . .

Tódas estas objeções, não podemos negar, impedem uma prova definitiva, de que as experiências com Willy sejam incontestáveis, mas também essas objeções não deixam de ser aprinri Tieas. Nunca foram confirmadas e não se esqueça de que, além do circuito elétrico, se tomaram muitas outras precauções. Seria, quase considerar ineptos todos aqueles especialistas neste tipo de investigações. Apesar de não serem especialistas em. mágicas, não se poderiam deixar enganar durante tantos anos em tôdas as demonstrações de telecinesias. Admitimos que se possa ter cometido alguma fraude. Parece-nos, porém, pouco menos do que absurdo pensar que sempre foi fraude. A telecinesia autêntica é, sem dúvida, para qualquer que leia despaixonadamente as atas, a mais justa explicação do caso Willy Schneider.²⁰

Exemplos de telecinesia — Aludiremos, como exemplo, a algumas experiências realizadas no Instituto Psicológico da Universidade de Munieh, em setembro e outubro de 1922.

No quarto das experiências ninguém podia entrar senão no momento das experiências.

O médium, antes da sessão e fora da sala das sessões, era rigorosamente examinado, despido e revestido com um estreito maiô do tricô preto, de uma só peça, e mais uma manta de seda preta o

19). “Revue Mé tapy chique”, 1931, n.º 6, nota 2 fia pág. 404.

20. O principal impugnador da obra de Schrenck-Notzing foi o livro conhecido como a “obra dos três homens”, Gulat-Wellenburg, Kl in el ws troem e Rosenbuch: “Der Okkult-smus in Urkimden”, Berlim, 1925 (Cfr., mormente, o tomo 1.º).

um par de chinelos. O tricô levava umas fitas fosforescentes de 18 a 20 cms. de comprimento e de 1 cm. de largura, colocadas na parte dianteira e sobre ambas as pernas. O mesmo havia nas “mangas” da manta.

Willy Schneider era encerrado numa gaiola feita com um biombo do quatro paredes de gaze preta, coberto por cima também de gaze preta. Dois controladores seguravam-lhe firmemente as mãos e os pés.

Na sessão de 5 de setembro de 1922, às 8,30 horas, participaram o Dr. Frio Becher, professor de Filosofia da Universidade de Munieh e membro da Academia; o doutor em medicina e filosofia Erwin Becher; o assistente do Prol. Becher, e professor particular, Dr. Huber; a especialista em doenças nervosas Dra. Lebrecht; o general Peter, o desenhista Kaiser e o próprio Schrenck-Notzing.

Nesta sessão, além das fitas fosforescentes habituais, colocaram no maiô e na manta oito agulhas fosforescentes.

Uma vitrola, a qual já se tinha dado corda, estava sobre u’a mesa, exatamente a uma distância de um metro e dez centímetros do ombro direito do médium, por fora da gaiola de gaze. Também esta vitrola tom fitas fosforescentes.

Expiessamente diz Schrenck-Notzing que “em breve, os olhos se acostumaram à escuridão, de forma que podiam ver perfeitamente os tremores... de Willy” na escassa luz vermelha que iluminava a sala.

Depois de hora o meia de osfôrço por parte de Willy, ouve-se o barulho dos aparelhos do comando da vitrola e a música inunda a sala com quo ninguém, por vias normais, tivesse tocado no aparelho.

Por dez vezes, com diferenças de tempo escolhidas pelo Prof. Becher, a vitrola entrava em funcionamento e voltava ao silêncio. Os intervalos pedidos pelo Prof. Becher eram, às vezes, mínimos, outras um pouco maiores, sendo o mais amplo de sete segundos.

Quando uma vez Schrenck-Notzing se interpôs por engano entre a vitrola e o médium, ôste encolheu-se bruscamente como se estivesse sentindo uma grande dor.

Parccc claro que Schrenck-Notzing batera contra a teler-gia (on ectoplasma) que o médium exteriorizara para produzir a telecinesia. A êste aspecto voltaremos mais adiante no capítulo da ectoplasma.

Na sessão do dia 9 de setembro de 1922, em análogas circunstâncias, após três quartos de hora de esforço, Willy fez voar pelos ares um balaio que estava sobre um banquinho, a um metro e dez centímetros de distância. O balaio “voou pelos ares como se tivesse

Inúmeras manifestações - f1 . telecinesias são inumeráveis e va-
nadíssimas: mesas e cadeiras se m- imentam e se elevam no ar, os
móveis são arrastados; uma camp^ um tamborim, um bando
uma trombeta, uma guitarra etc .. m'se t(Quando se revolteia in
pelo ar, por cima das cabeças «iosetf adores Se am a0 mesmo
po as notas altas e baixas de um p irano que também ^ desloca dei
xando cair o pano que o cobre 0 ira a maniv ela de uma vitrola,
ouvindo-se a música ao mesmo tem* Mo no que este apare lho se revolve
sobre a mesa, com precisão marav morrvilhosa. Apesar da escuridão, jar i-irir
ras e copos com água vem dô guá rda-louç & aos Jálbos da médium
e dos controladores. Aparelhos vari ados para meciar movinfintos ou
pressões, colocados longe do alcaí ^ médium> fazcm registros
diretos.

Têm-se feito várias objeções contra este conjunto enorme de experimentos. O controle da AMS foi bastante rigoroso, não fomos nós da, experiências dirigidas por especialistas; não de todas as reuniões.

A hipótese de colaboradores ocultos ou de alguma zombaria maldosa feita por algum dos investigadores é, em geral, absurda. Frequentemente, as pesquisas se faziam na própria casa de alguns dos investigadores ou num laboratório do Instituto Geral de Psicologia e da Universidade de Paris, ou no laboratório de J. S. Piaget, etc. Os controladores eram cientistas experientados.

“Retiro” para testes — “A ilha de Ribaucl, onde eu tenho uma pequena vila é uma ilha mediterrânea c c certo ilhotas habitada somente pelo encarregado do farol c sua mulher. Fiz Eusapia vir aqui. Dep* — Fois di c a Po horowicz que vicsse comigo para seguir a pto a experimentação. Expe- * iimcmtamos, de fato, durante 4 0. w * cs meses, cm perfeita intimi- dade, Ochorowicz e eu, tres vez 2. 0. w * S por semana, e constatamos um grande número de vozes, corr y orvTY * toda a evidencia, movimentos de objetos, sem contato”.

Após ter constatado o êxito de nossa experiência, pedi a meus amigos, F. R. Myers, L. J. Lodge e Schrenck-Notzing, assim como ao Sr. e Sra. Stelion-Ack que viessem a ilha de Maud para julgar pessoalmente.

“E eu darei somente ext^A ratos do relato no de Oliver Lodge;”

"Uma cadeira situada perto da janela, a vários pés de distância
 <i.i médium, desloca-se, eleva-se e bate no assoalho. A médium
 «.lava agarrada e ninguém estava perto da cadeira. Ouvi algumas
 nola;; de um acordeão, não longe de nós. Uma vitrola moveu-se
 n<» ar e subiu a uma mesa. Uma chave girou na fechadura da
 i <. ufa e depois foi deixada" sobre a mesa e devolvida à fechadura
 <l.i portaV3

Por tôdas as circunstâncias apontadas, em geral, não se I m m l{* recorrer a aparelhos especiais, tramóia preparada de an-
ci-inão, etc. Eusápia, aliás, foi muitas vêzes examinada e “re-
vi-:l ida de uma túnica negra colada ao corpo, sem bolsos nem
oh jro algum, sem corda alguma ou arame a seu alcance”.¹⁴

Luminosidade suficiente — As sessões com Eusápia se i.iziam na escuridão. Eusápia exigia “meno luce”, sob pretext-
ln de que a luz era inversamente proporcional à importância
• los fenômenos. Mas houve algumas telecinesias cm luz sufi-
ririite para permitir a observação.

Evidentemente têm-se observado também telecinesias, mesmo com Eusápia, em plena luz, mas delas falaremos depois. Agora referimos as experiências que, por se terem realizado n: i. escuridão, foram criticadas no seu conjunto, talvez apressadamente.

Nas atas dos autores citados, encontram-se frequentemente frases como esta:

"Com luz escassa, *mas permitindo aos assistentes distinguir as formas*, quando ninguém, nem sequer Eusápia, tocava a mesa, esta, .". «in oscilações prévias, clevava-so com os quatro pés de uma vez, plcnaimnte horizontal. E isto por três vêzes".

Ou esta outra frase: “Como na escuridão completa o con-
Inile seria muito difícil, colocamos a certa distância uma lâm-
pada cuja luz penetrava por uma porta ou uma janela entre-
ahrnta”.

Ou ainda: "A mesa se levantou do chão duas vezes, a uma altura de 15 a 30 centímetros. Esta experiência era controlada

13. Richet, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Al-
 < :m. 1923 pág. 546.

14. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pág. 543.

com o maior rigor. *Tudo era visível à luz vermelha e eu (Morselli) estou certo de que o fenómeno era autêntico*.* 5

E outras muitas frases equivalentes.

Campainha voadora — Inclusive alguma outra vez, apesar dos protestos de Eusápia, acendeu-se, de repente, uma luz, como, por exemplo, numa experiência dirigida por Lombroso em Nápoles:

“Os pés e as mãos de Eusápia estavam seguros pelo professor Tamburini e por Lombroso. Uma campainha colocada sobre uma mesinha, a mais de um metro de Eusápia, pôs-se a tinar no ar e a voar por cima das cabeças das pessoas sentadas; depois, desceu sobre a mesa para logo ir colocar-se a dois metros de uma cama. *Enquanto a campainha soava, accndcu-sc rcpentinavictc um fósforo e cia foi vista suspensa no ar*”.

Os investigadores citados conheciam perfeitamente os truques empregados por Eusápia o suas habilidades para soltar suas mãos das mãos dos controladores. Foram eles que descobriram essas fraudes... Nas atas, repete-se continuamente a advertência: “As mãos bem agarradas”, “eu estou tocando a mão direita, eu estou tocando a mão esquerda”, “C3-tás bem certo de que seguras a mão e a mesma mão?”

Ou: “uma pequena caixa de música (de 900 gramas) faz soar algumas notas, eleva-se no ar, *enquanto se seguravam muito solidamente as duas mãos, os dois pés, os joelhos e a cabeça de Eusápia*”. “A mesa se levanta 30 centímetros acima do chão, *as mãos de Eusápia não... a tocam; os joelhos de Eusápia, e seus pés, estão controlados...; os pés da mesa estão livres de todo contato com a médium*”. “Ouve-se ranger a chave na fechadura de um cofre colocado longe demais para que Eusápia o possa alcançar e durante *O.ste tempo se vêem e se seguram as mãos, os pés, os joelhos e a cabeça de Eusápia*”.

Outras vezes, as mãos de Eusápia eram atadas cuidadosamente: “fêz-se a escuridão, expressando-se o desejo de que a campainha soasse imediatamente. *Imediatamente a cadeira (onde se colocara*

15. Nesta ocasião, foi tirada uma fotografia muito nítida: a mesa está completamente no ar, em posição perfeitamente horizontal e o ângulo de que se tomou a fotografia, neste caso permite compreender ou ver onde estão as mãos, joelhos, pés de todos os assistentes. Nós não insistiremos nesta fotografia ou outras semelhantes. Pela fotografia, neste caso, não se poderia excluir com absoluta garantia a fraude

i campainha) é virada; soa a campainha, é projetada sobre a mesa (m) acender-se a luz, *constata-se que os nós estavam em perfeito lado*”.

Fraude inconsciente — Aliás, salvo raras exceções, Eusápia avisava o momento em que se ia produzir um deslocamento do objeto sem contato. Não havia surpresa. A atenção dos investigadores se multiplicava incitando-se uns aos outros a tomarem todas as precauções, para evitar qualquer fraude.

Como já dissemos, contra as telccinesias de Eusápia temos insistido muito em que foi várias vezes apanhada em fraude, especialmente na série de experiências realizadas em Cambridge. Deve ter-se em conta, ao julgar as fraudes, que a médium estava em estado de inconsciência, muito apto para sugestão em direção da fraude e é isto que os assistentes esperam. Em Cambridge, especialmente, esta especial iva de fraude por parte dos espectadores poder-se-ia qualificar inclusive de cumplicidade, de incentivo à fraude. Hodi chegou até, em várias ocasiões, a deixar livre a mão de Eusápia intencionalmente. Lógico que o inconsciente da médium e o sério desejo de realizar a telccincsia (psicobulla) vai procurar, ir responsável monte nestas circunstâncias, realizar o fenómeno mais facilmente, com a mão mesmo, como o investigador desejava..

A fraude não tira o valor do conjunto das experiências (jmc estamos analisando. Apesar das fraudes, todos os investigadores, os mesmos que as descobriram tantas vezes, aceitam a realidade da telccincsia. E tenha-se em conta que muitos deles arquitetaram centenas de sessões experimentais, ano após ano, nas suas próprias casas ou laboratórios, modificando as condições de investigação inúmeras vezes, para enfrentar todas as dúvidas..

do que Eusapia tivesse tirado seu pé esquerdo do sapato sem que o percebesse o controlador que tem seu sapato sobre o da médium. A naia de Eusapia é muito comprida e cai sobre o sapato cobrindo-o quase inteiro. Aliás, a mesma posição de Eusapia, com o corpo algo curvado para o lado esquerdo justamente onde sua saia está em contato com o pó da mesa, permitiriam que a médium, com o pé descalço, estivesse levantando a mesa ajudando-se com a pressão das mãos no ângulo correspondente da mesa, na parte superior. Annlisc-se esta fotografia reproduzida por Morselli, Enrico; “Psxologia e spiritisme .”, o. c., vol. i, gravura 2.

A conversão dos céticos — Tenha-se também em conta que muitos dos investigadores eram antes céticos declarados quando não até adversários quase fanáticos deste tipo de fenómeno.

Para citar um exemplo dos mais significativos: os investigadores do "Institut Général Psychologique" de Paris, por meio de seu relator, doutor Courtier, insistem em fazer reticências, pôr dúvidas, inclusive contradições, mas são obrigados, ao cabo de 43 demoradas sessões a concluir: "... Terminando esta exposição... imparcial, perguntamo-nos quais são os resultados deste trabalho, mais considerável, certamente, do que muitos tenham imaginado, continuados durante três anos consecutivos na Secção de Investigações Psíquicas e Fisiológicas deste Instituto".

"Primeiro: os deslocamentos de objetos (adiantamentos ou recuos) e os levantamentos (parciais ou completos) de certos objetos pesados (mesa, mesinhas) na vizinhança de Eusápia, durante as sessões, são provados por registros. Segundo: alguns destes movimentos parecem produzir-se ao simples contato das mãos ou dos vestidos da pessoa investigada, e mesmo sem contato".

WILLY, SUFICIENTEMENTE ESTUDADO ————— EltrC OS dotndOS
considerados duvidosos, mas que realmente são mais a favor da realidade da telecinesia do que da fraude, devem ser destacados também os irmãos Schneider, Willy e o irmão Rudy.

Fracassou completamente nos seus intentos um grupo de curiosos das clássicas pragmáticas de mesas ou copos ou outros instrumentos, para, mediante um simples contato manual, obter comunicações do inconsciente.

Mas o almejado êxito veio imediatamente quando, um dia, tomou parte no grupo um rapaz de quinze anos, Willy Schneider.

Uma tarde, a toalha da mesa voa de maneira inexplicável sob a ação de uma "mão nebulosa". Nos dias seguintes, os fenómenos vão tomando mais vulto, e realizam-se numerosas telecinesias perante uma concorrência cada vez maior.

Toda a cidadezinha de Braunau-Inn, na fronteira austro-alemã, termina por ficar entusiasmada pelos fenómenos que realiza Willy.

Numa sessão que, excepcionalmente, estava se tornando infrutífera, foi requerida a presença do irmão menor, Rudy, de onze anos de idade. Com a presença de Rudy reiniciam-se os fenómenos.¹⁶

Willy foi estudado de 1919 até 1929 pelo psiquiatra alemão Schrenck-Notzing, primeiramente na mesma Braunau e depois no seu próprio laboratório em Munich, assim como no laboratório e com a colaboração dos membros do Instituto Psicológico da Universidade de Munich (Hans Driesch, Oslerreich).¹⁷

Os fenómenos preponderantes eram as telecinesias. Todos aqueles professores da Universidade ficaram completamente convencidos da realidade das telecinesias de Willy Schneider.¹⁸

Em 1923 e em 1924, Willy foi estudado muito demoradamente pelo Dr. Holud, diretor do Hospital Psiquiátrico de Steinhof, Áustria, com a colaboração de vários professores da Universidade de Viena.

As experiências se realizavam no Hospital, na própria casa de Holud e na Universidade. Afirmaram serem indiscutíveis as telecinesias de Willy.

Precauções especiais — Schrenck-Notzing fazia com que, tanto Willy como todos os assistentes metessem as mãos e pés numa espécie de luvas e sapatos de metal. Com o contato destes instrumentos metálicos estabelecia-se um circuito elétrico unindo todas as pessoas presentes. Se, no decorrer de uma sessão, faltasse o contato de uma dessas luvas

16. Osty, Hugène, recolhe a "Autobiographie de Iludi Schneider", em "Revue Métapsychique". 1932, n.º 6, pág.s. 400 ss.

17. Uma sequência expositiva das pesquisas de Schrenck-Notzing constitui o livro "Gesammelten Aufsätze zur Parapsychologie", 1929. Esta obra foi reeditada recentemente por Walter, Gorda: "Gemsfragen der Parapsychologie", Stuttgart, Kohlhornmer, 1962, onde se inclui um catálogo cronológico das publicações de Schrenck-Notzing. No prólogo da 1.ª edição, o conhecido sábio Hans Driesch compara a Parapsicologia com um continente que surge vagarosamente e váguia, aparecendo primeiro as montanhas, como ilhas e uma dessas montanhas foi assegurada por Schrenck-Notzing contra as ondas que insurgiam.

18. Schrenck-Notzing, Baron von, Albert Frehern: "Phyzikalische Phänomene des Mediumnissnis. Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge", München, E. Reinhardt, 1920. Usamos a tradução francesa de Longaud: "Les phénomènes physiques de la médiumnité", Paris, Payot, 1925, pág. 102 ss. "Experimente der Fernberwegung (Telekinese) im psychologischen Institut der Münchner Universität und im Laboratorium der Verfasser", Stuttgart, U. D. Verlag, 1924.

ou de um dêses sapatos metálicos, acender-se-ia automaticamente uma correspondente lâmpada vermelha sobre um painel visível por todos.

Críticas apriorísticas — Objeta o doutor Osty: “Evidentemente que se u*a mão ou pé abandona seu invólucro, a corrente elétrica continua a passar”.¹⁹

E os Drs. Fetrovo-Solovovo e Wooley apresentaram outras críticas como a possibilidade de se estabelecer o circuito com u*a mão só (mas como burlavam o controle elétrico para retirar urna das mãos?), servindo-se de um instrumento metálico (mas como o introduziam na sala das sessões, como o manejavam?), ou ainda que o dispositivo elétrico poderia apresentar defeitos...

Tôdas estas objeções, não podemos negar, impedem uma prova definitiva, de que as experiências com Willy sejam incontestáveis, mas também essas objeções não deixam de ser apriorísticas. Nunca foram confirmadas e não se esqueça de que, além do circuito elétrico, se tomaram muitas outras precauções. Seria quase considerar ineptos todos aqueles especialistas neste tipo de investigações. Apesar de não serem especialistas, em, mágicas, não se poderiam deixar enganar durante tantos anos em tôdas as demonstrações de telecincias. Admitimos que se possa ter cometido alguma fraude. Parccc-nos, porém, pouco menos do que absurdo pensar que sempre foi fraude. A teleeinesia autêntica é, sem dúvida, para qualquer que leia desapaixonadamente as atas, a mais justa explicação do caso Willy Schneider.²⁰

Exemplos de telecinesia — Aludiremos, como exemplo, a algumas experiências realizadas no Instituto Psicológico da Universidade de Munich, em setembro e outubro de 1922.

No quarto das experiências ninguém podia entrar senão no momento das experiências.

O médium, antes da sessão e fora da sala das sessões, era rigorosamente examinado, despido e revestido com um estreito maio de tricô preto, de uma só peça, e mais uma manta de seda preta e

19. “Revuc Métapsychique”, 1931, n.º 6, nota 2 da pág. 404.

20. O principal impugnador da obra do Schrenck-Notzing foi o livro conhecido como a “obra dos três homens”, Gulat-Wellenburg, Klinckowstroem e Rosenbuch: “Der Okkulismus in Urkunden”, Berlim, 1925 (Cfr., mormente, o tomo I.).

mm. nar de chinelos. O tricô levava umas fitas fosforescentes de 18 • • • > ems. de comprimento e de 1 cm. de largura, colocadas na i : * . i * • dianteira e sobre ambas as pernas. O mesmo havia nas “man-ri.” da manta.

Willy Schneider era encerrado numa gaiola feita com um biombo d< «Miatro paredes de gaze preta, coberto por cima também de gaze I i. Dois controladores seguravam-lhe firmemente as mãos e os

Na sessão de 5 de setembro de 1922, às 8,30 horas, participaram o i * i Kric Becher, professor de Filosofia da Universidade de Munich e “« iobro da Academia; o doutor em medicina e filosofia Erwin Becher; “ assistente do Prof. Becher, e professor particular, Dr. Huber; a < n-cialista em doenças nervosas Dra. Lebrecht; o general peter, o discnhista Kaiser e o próprio Schrenck-Notzing.

Nesta sessão, além das fitas fosforescentes habituais, colocaram no maio e na manta oito agulhas fosforescentes.

Uma vitrola, a qual já se tinha dado corda, estava sobre u’a ||u sa, exatamente a uma distância de um metro e dez centímetros ■ I*» ombro direito do médium, por fora da gaiola de gaze. Também «.” til vitrola tem fitas fosforescentes.

Expressamente diz Schrenck-Notzing que “em breve, os olhos se acostumaram à escuridão, do forma que podiam ver perfeitamente ou tremores... de Willy” na escassa luz vermelha que iluminava a “ala.

Depois de hora e meia de esforço por parte de Willy, ouve-se o barulho dos aparelhos de comando da vitrola e a música inunda a sala sem que ninguém, por vias normais, tivesse tocado no aparelho.

Por dez vês, com diferenças de tempo escolhidas pelo Prof. Becher, a vitrola entrava em funcionamento e voltava ao silêncio. < >s intervalos pedidos pelo Prof. Becher eram, às vês, mínimos, outras um pouco maiores, sendo o mais amplo de sete segundos.

Quando uma vez Schrenck-Notzing se interpôs por engano entre a vitrola e o médium, este encolheu-se bruscamente como se estivesse sentindo uma grande dor.

Parece claro que Schrenck-Notzing batera contra a teler-gia (ou ectoplasma) que o médium exteriorizara para produzir a teleeinesia. A este aspecto voltaremos mais adiante no capítulo da ectoplasmia.

Na sessão do dia 9 de setembro de 1922, em análogas circunstâncias, após três quartos de hora de esforço, Willy fez voar pelos ares um balaio que estava sobre um banquinho, a um metro e dez centímetros de distância. O balaio “voou pelos ares como se tivesse

reoebido um golpe e foi cair no chão. O Prof. Huber colocou-o na posição primitiva e êle caiu uma segunda vez. Novamente foi pôsto (pelo experimentador) na mesma posição, sendo em seguida levantado (telecineticamente) devagar até uma altura de dois metros, descendo e subindo no ar durante sete segundos; depois, caindo devagar e muito delicadamente, passou pela abertura, entre dois cortinados, aterrissando do outro lado. Apesar da escuridão, podia-se acompanhar muito bem os movimentos do balaio por causa das fitas luminosas que nélc estavam prêsas”.

Pouco depois o Dr. Huber colocou a vitrola sôbre o fundo do balaio quo, por sua voz, estava sôbre o banquinho. Pediu-sc à força para não fazer movimentos bruscos no conjunto do banquinho, balaio e vitrola para que esta não se danificasse ao cair. Willy continuava com pés e mãos seguros pelo Prof. Becher. Após uns dez minutos de expectativa, começou a vitrola a tocar, e sob o comando do Prof. Becher parava e recomeçava.²¹

Especialista CONFIRMA — Não se podem apresentar objeções contra as experiências dirigidas pelo Dr. Dingwall, um dos melhores investigadores dos fenômenos para-psicológicos, profundo conhecedor da literatura desta especialidade. O doutor Dingwall foi, em 1922 a Munich, e ficou completamente convencido da autenticidade das telecinesias realizadas por Willy.^{21 22}

Mais adiante, em 1924, o doutor E. G. Dingwall relata as experiências realizadas em Londres por uma comissão da S.P.R. estando êle presente. De nôvo fica plenamente convencido do que Willy realiza telecinesias autênticas. A alucinação coletiva ó um recurso absurdo, a fraude é praticamente impossível naquelas condições, afirma Dingwall enêrgicamente e prova com numerosos argumentos.^{23*}

Ê verdade que faltam nestas experiências registros materiais das telecinesias (Willy não permitia se tirassem fotografias). Ê isto suficiente para duvidar do testemunho dos co-

21. Para esta descrição das experiências, temos extraído da seleção que realizou o Professor de Farapsicologia na Universidade de Friburgo, Dr. Bender, Hans: “Parapsychologie, Entwicklung, Ergebnisse, Probleme”, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966, págs. 482 ss.

22. “Journal of Society for Psychical Research”, 1922, outubro, págs. 359-370.

23. “Proceedings of Society for Psychical Research”, n.º XXXVI, 1928, págs. 1-33.

missionados da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, que durante doze sessões estudaram atentamente as telecinesias de Willy?

O caso de Rudy — Mais do que Willy destacou-se seu irmão Rudy. Víamos neste capítulo e no Apêndice I, que as críticas contra Rudy se não sempre, ao menos geralmente, foram infundadas, exageradas e de nenhum modo se devem (stender a toda a produção telecinética do médium.

Aludimos aqui a algumas experiências que devem ser classificadas como “muito provavelmente” em prol da telecinesia, apesar de certas dúvidas arriscadas que se possam levantar.

Sábios concordam — Rudy atuou perante grande número de experimentadores: Eric von Czernin-Dirkenau e os outros membros do “Metapsichologisches Institut” de Viena, Karl Przibran, Stefan Meyer, Lothar Lcukci, Paul Sunner, R. Hoffmann, Eric Dingwall, Harry Price, W. F. Prince, Florizel von Renter, Theodor Bestermann, etc.²⁴

Schrenck-Notzing, na sua obra póstuma²⁵ publica as atas de nada menos do que 84 sessões com Rudy. E’ verdade que, em teoria, o contrôlo à primeira vista muito rigoroso, poderia ser maior, como outros investigadores reclamaram, para evitar toda a suspeita dos mais céticos. Mas isto não implica, de forma alguma, como alguns autores pretendem, Robert Amadou, por exemplo, que houve fraude. E’ uma possibilidade teórica, meramente teórica, de fraude. Em muito piores circunstâncias aceitaríamos o testemunho de pessoas muito menos qualificadas do que o Dr. Schrenck-Notzing e seus colaboradores. Na prática, não temos o direito de duvidar, ao menos no seu conjunto, dessas investigações levadas a cabo com tanto zelo científico e durante tanto tempo.

A grande maioria e, dentro dela, os melhores experimentadores (Dingwall, Price, Sudrc, Prince etc.), ficaram con-

24. Para rrrn resumo destas e de outras investigações sôbre Rudi Schneider, cfr. Besterman, Theodor: “The Mediumship of Rudi Schneider”, em “Proceedings of Society for Psychical Research”, n.º 40, 1932, págs. 428-436.

25. Schrenck-Notzing, A. F.: Die phänomene des Médiuns Rudi Schneider”, Berlim e Leipzig, Walter de Gruyter & Co., 1932.

vencidos da realidade da telecinesia de Rudy. Outros investigadores, Bestermann e os membros da S.P.R.^{26 27 28}, só assistiram a sessões em que não se produziu telecinesia nenhuma; c se insiste muito nisso contra Rudy, mas acreditamos que sem motivo, porque hoje todos os especialistas sabem perfeitamente que as faculdades parapsicológicas, especialmente as de efeitos físicos, são muito irregulares e muito difíceis de serem provocadas à vontade.

Primeiras observações — As primeiras observações de Rudy foram feitas pelo Dr. Harry Price, diretor do “National Laboratory of Psychical Research” quando ainda Price estava imbuído de notável espírito científico, antes de se deixar arrastar à charlatanice pelo seu despeito contra a S. P. R. de Londres.

Km 1925, houve sessões na própria casa materna de Rudy, em Braunau; ²⁶ em março de 1929, em Munich; mais cinco sessões em abril do mesmo ano no próprio laboratório Nacional, em Londres e, por fim, no mesmo laboratório outras vinte e quatro sessões, de novembro de 1929 a janeiro de 1930.

O contrôlo, além de algumas modificações, aperfeiçoando o método das luvas e chinelos metálicos em circuito elétrico para todos os assistentes, já empregado por Schrenck-Notzing, incluía outras precauções ditadas pela vastíssima experiência de Price, entre as quais se devem destacar as fotografias com infra-vermelho.

Price e seus colaboradores ficaram absolutamente certos de que Rudy Schneider produzira telecinesias absolutamente reais. Price conhecia como poucos as possibilidades de fraude, mas a hipótese da fraude devia ser completamente afastada para explicar as telecinesias que ele e seus colaboradores observaram.²⁹

26. Ofr. a revisão das experiências do Dr. Osty, por parte da S. P. R., em “Proceedings of Society for Psychical Research”, 1932-1933, vol. XLI, págs. 255-330.

27. Cfr. capítulo 16 do item “A famosa experiência de Harry Price” até o item “Fatos estarrecedores” inclusive.

28. Price, Harry: “Brilliant phenomena in the home of the Scincidors”. em “Journal of American Society for Psychical Research”, 1926, janeiro.

29. Price Harry: “Rudi Schneider, a scientific examination of his mediumship”, Londres, 1932.

Contra os que confundem *possibilidade* de fraude com o *fato* da fraude, dizia Price numa conferência pronunciada em Paris a 15 de maio de 1930: “Durante tôda minha vida tenho estudado os métodos dos mágicos, sei quais os aparelhos necessários para simular os mais simples fenômenos. Maskelyne, o mágico inglês, que no “Music Hall” fez a paródia dos fenômenos produzidos por Rudy Schneider, tinha necessidade de um gabinete especial, com entradas e saídas dissimuladas (com Rudy, a sala estava herméticamente fechada), precisava de um alçapão e assistentes para fazê-lo funcionar e para lhe passarem o material conveniente. Enfim, eram-lhe necessárias para isto seis pessoas não controladas e ainda um gabinete mecânico etc. Rudy Schneider era imobilizado por duas pessoas e ainda controlado eletricamente. O esforço de Maskelyne para diminuir o valor dessas sessões foi mais do que ridículo, de uma dolorosa imbecilidade. Isto suposto, não me admirarei nada se ele ignora minha oferta de mil libras, caso consiga reproduzir os fenômenos nas mesmas condições por nós estabelecidas para os fenômenos que Rudy Schneider executa diante de nós”.

Não se precisa dizer que Maskelyne fugiu diante do desafio. O senhor Will Goldston, mágico de renome internacional, por sua parte, garantiu que nenhum de seus colegas seria capaz de reproduzir tais fenômenos nas condições em que foram realizados por Rudy.

A Comissão do “National Laboratory of Psychical Research” forneceu a Rudy um documento certificando que eram absolutamente verdadeiros os fenômenos por ele produzidos naquele laboratório.

Além de ventos frios, fazendo inclusive descer a temperatura ambiente, e a tiptologia sobre móveis afastados, o principal das sessões de Rudy eram as telecinesias, como campainhas levantando-se no ar, toques, movimentos, vibrações de uma cítara, deslocamento e elevações de uma mesa etc.

Mais experiências — De outubro de 1930 até dezembro de 1931, Rudy Schneider realiza noventa sessões com o doutor Eugène Osty, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris.³⁰

30. Osty, Eugène e Osty, Marcei: “Les pouvoirs inconnus de L'esprit sur la matière. Premières étapes d'une recherche”, em “Revue Métapsychique”, 1931, n.º 6, págs. 393 ss.; 1932, n.º 1, págs. 1 ss.; e n.º 2, págs. 81 ss.; Osty, Eugène: “La connaissance supranormale de la matière et de l'énergie”, em “Revue Métapsychique”, 1933, n.º 6, págs. 379 ss.

Sobre uma mesa, colocada a uns dois ou três metros de Rudy, colocava-se um objeto. Era este objeto e não outra coisa que se pedia a Rudy tentar movimentar.

Para maior controle, porque a sessão se efetuava com pouca luz vermelha, Rudy, após o exame anatômico, era revestido de um pijama cujas bordas estavam impregnadas de substâncias fosforescentes. Sentava-se numa cadeira, de costas para o objeto, com as mãos agarradas por um controlador que não o soltava durante toda a sessão e que prendia entre os seus os joelhos do médium. O objeto a movimentar estava cercado por uma rede de quatro feixes de raios infravermelhos, cada feixe com 10 cm de seção. Se os raios fossem interceptados ou refletidos em quantidade superior a 2*0%, uma célula iotclétrica do aparelho receptor dos raios faria deflagrar-se fotografias automaticamente, por meio de um relê, ou faria soar campainhas.

As condições de experimentação eram tais que a hipótese de qualquer fraude deveria ser abolida completamente.

Pois bem, na sessão de 23 de fevereiro de 1931, três objetos que estavam sobre a mesa, um lenço, uma harmônica e uma flor, foram deslocados para diversas partes da sala, previamente anunciadas por Rudy Schneider.

Nesta ocasião não se deflagraram fotografias, estando o sistema infravermelho vinculado só às campainhas.

Na sessão, porém, de 23 de maio de 1931 Rudy conseguiu a teleeinesia de uma rosa. Nesta ocasião deflagrou-se uma fotografia, em que se vê o momento do deslocamento da rosa, sem contato nenhum visível.

Já antes do estabelecimento do controle por raios infravermelhos, mas em condições ótimas de observação, observaram-se algumas outras telcinesias, que logo mais havemos de descrever, a respeito do "mecanismo" da teleeinesia.

Objecções insustentáveis — O grande parapsicólogo francês, Robcrt Amadou esboça, contra estas experiências, objeções que, a nosso parecer, de nenhum modo se encaixam na realidade dos fatos.

Assim parece aceitar que Rudy pudesse ter fraudado servindo-se de uma lâmpada. Tendo diante de uma lanterna um disco de ebonite, por exemplo, se dirigirmos a luz sobre o feixe de raios infravermelhos, estes serão interceptados ou desviados. Mas esta objeção não considera o registro feito sobre Rudy: foi despido e depois vestido com pijama especial e

fosforescente que delataria qualquer movimento; nem tem em conta o contato manual contínuo exercido sobre o médium; que a sala estava com suficiente luminosidade para ser perfeitamente visto o médium, os circunstâncias e todos os móveis, o que torna impossível o uso de uma lanterna; que a luz da lanterna seria vista, etc.

Além de tudo isto, a luz de uma lanterna nunca movimentaria objetos, como fazia Rudy...

Ainda a própria telergia emitida por Rudy, como estudaremos, foi vista em, forma de nuvem, movimentando cortinas e mesas, o que nada tem a ver com a luz de uma lâmpada.

Amadou vai ainda mais longe: "Por outra parte, nada nos impede de pensar, supondo excluída toda artimanha, numa verdadeira fraude natural: talvez o médium emitiria um raio infravermelho que caísse diretamente sobre a célula iotclétrica, (Thikou mostrou que as plantas irradiam infravermelhos suficientes para impressionar uma chapa fotográfica). Eis uma hipótese que deve ser lançada antes de toda especulação sobre uma misteriosa substância".³¹

Ora, além desta objeção ficar no mero plano das especulações, acontece não ser verdade que "nada nos impede de pensar nessa fraude natural". Os fatos estão impedindo essa hipótese. Esses raios infravermelhos naturais, se é que existem, movimentariam um lenço, uma harmônica, uma flor, uma rosa, cortinas, mesas?

E se esses raios infravermelhos fossem capazes de realizar essas telecinesias, de se condensarem em, foima de nuvem para serem vistos a olho nu, etc., então, isso mesmo seria o que chamamos telergia, realizadora das telecinesias. ..

Rudy foi estudado também pelo Prof. David Fraser Harris, médico psiquiatra e fisiólogo de grande prestígio em Edimburgo. O Dr. Harris defendeu calorosamente Rudy Schneider da acusação de fraude e confirmou as experiências dos anteriores, não somente em fenômenos de efeitos físicos, o típico do Rudy, mas também de alguns efeitos psíquicos.

31. Amadou, Robcrt: "Les grands médiums", Paris, Denoël, 1957, pág. 182.

A senhorita Goligher — Experiências mais ou menos semelhantes às realizadas por Osty com Rudy Schneider, já foram realizadas por Crawford com a Srta. Goligher: “A Exploração do espaço entre o médium e a mesa impunha-se; infelizmente é uma região onde é muito difícil colocar um instrumento, porquanto corre-se o risco de tocar um ponto vital e romper a linha de comunicação.. e sua ruptura acarreta a interrupção dos fenômenos durante um tempo apreciável...”

“Eu havia construído um contato elétrico muito sensível... ³² Seria suficiente soprar fortemente ali para fazer funcionar a campainha”.

“A mesa movia-se em sacudidelas sobre o solo. Eu passava o aparelho aqui e ali diante da médium, o papelão paralelo ao seu corpo e perpendicular a qualquer linha de força que êle emanasse. A mais ou menos (50 cms. do solo, a campainha tocou e a mesa imobilizou-se...”

“Pedi o levantamento (da mesa) e enquanto êste se realizava, eu deslocava meu aparelho como anteriormente. A campainha se fez ouvir no mesmo lugar e a mesa caiu no mesmo instante”.³³

Houve telecinesias. Descobriu-se a telcrgia que a provocava, de maneira análoga a como a descobriu o Dr. Osty. Pretender “em nome da ciência” que essas telcinesias foram fraude, que não era telcrgia o que registrava o aparelho elétrico mas um pau ou qualquer outro instrumento de fraude,³⁴ seria o cúmulo do apriorismo científico. Estando a mesa levantada no ar, qualquer contato do aparelho com um pau

32. Sobre uma prancha metálica, de 7x8 cms. de superfície, colocou um papelão portador dos pólos elétricos. A prancha e o papelão estavam separados por duas delicadas molas de relógio. Evidentemente, qualquer pressão sobre o papelão, faria ceder as molas, estabelecendo-se o contato elétrico que faria funcionar uma campainha.

33. Crawford, W. I.: “The reality of psychic phenomena”, London, 1916 (2.ª ed., 1918); “Experiments in psychical science”, New York, 1919; “The psychic structures at the Goligher circle. Hints and observations for those investigating the phenomena of Spiritualism”, London, I. Watkins, 1921. Os três livros foram reunidos, traduzidos e prefaciados por Sudre, René: “La Mécanique psychique”, Paris, Payot, 1923. Nós temos copiado da tradução portuguesa, a partir da tradução francesa, de Magalhães. Haydée: “Mecânica psíquica”, São Paulo, Lake, s. d. (1963), págs. 75 s.

34. Cfr. os itens “Fraude ou terceiro braço” e “Telcrgia condensada” do capítulo 5.º.

ou instrumento comum, seria no sentido vertical que não faria soar a campainha. O contato que fez soar a campainha foi estabelecido no sentido horizontal, “perpendicular à linha de força que emanava do médium”; aliás, o contato de qualquer instrumento fraudulento, é muito diferente do contato de “partículas de matérias em movimento” ou como um “fluxo de partículas” que Crawford, pouco mais abaixo afirma que sentiu...

O polonês Guzik — Outro grande médium, que é muitas vezes apresentado como fraudulento,^{32 33 34 35} mas que talvez deva entrar também entre os que, “provavelmente”, ao menos, estão em prol da telecinesia real é o polonês Jean Guzik.

Insiste-se em que, uma vez, numa das sessões realizadas no mês de março de 1925, em Cracóvia, foi descoberto em flagrante truque e a fraude foi fotografada: na realidade, não passou de um intento de fraude. Guzik caiu no clássico estratagema da “substituição de mãos”.³⁶

A fraude em si mesma, e mais claramente, o intento de fraude, por si mesmo não prova que um médium fraude sempre. Todos os dotados são levados irresistivelmente a fraudar quando estão desejosos de realizar um fenômeno parapsicológico que não acaba de surgir. O inconsciente dos dotados está “à flor da pele”; o inconsciente é irresponsável. Algumas fraudes só indicam, em si mesmas, a psicubulia: a vontade de obter o fenômeno.

Insiste-se também na série de sessões que, por iniciativa de Paul Heuzé, organizou um grupo de professores da Sorbonne, em 1923, num laboratório da Faculdade de Ciências. Houve telecinesias, mas constatou-se que elas cessaram “a partir do momento em que o médium teve os punhos e os tornozelos atados aos dos seus vizinhos”. Uma vez descobriram que Guzik afastara o joelho do contato com o controlador, Dr. Laugier.

35. Veja-se, principalmente, Mondeil, Gaston Jean: “Le fbiide humain devant la physique révélatrice et la métapsychique objective”, Paris. Berguer-Levrault, 1927, págs. 277-344. Os demais advogados só fazem repetir as críticas formuladas ou recolhidas por Monde 1.

36. “Revue Métapsychique”, 1925, n.º 4, pág. 265.

Conclusões precipitadas — Por estes argumentos, os investigadores da Sorbonne concluíram: "Os abaixo-assinados, declaram que sua convicção é completa e sem reservas: os fenômenos que lhes têm sido apresentados não põem em jogo nenhum mecanismo misterioso. O médium os produz servindo-se do seu cotovelo para determinados contatos aplicados na região das costas (dos vizinhos); liberando do controle um dos seus joelhos, realiza então com ele deslocamentos, contatos, projeções de objetos".³⁷

Talvez, porém, a conclusão dos professores da Sorbonne seja precipitada. Na realidade eles nunca constataram que nenhuma das telecinesias realizadas diante deles fôsse feita pelo cotovelo ou pelo joelho; só constataram que as telecinesias cessaram a partir do momento em que punhos e tornozelos foram atados.

Quando não são especialistas, precisamente em Parapsicologia, os cientistas que investigam, há perigo de conclusões precipitadas... Em todo caso, não acreditamos que essas experiências possam tirar todo o valor a muitas outras dirigidas por Geley, Richet, Lodgic, Aksakof, a. Sociedade Polonesa de Estudos Psíquicos, Wilhelm Neumann, Osty, etc. embora também não queiramos apresentar ôstes como modelo de investigação. Não são totalmente rigorosas as técnicas, como seria o ideal, mas nem por isso se lhes deve negar todo o valor. Inclusive, as experiências dos inexperientes professores da Sorbonne têm, mais valor a favor da telecinesia do que o têm contra as telecinesias de Guzik.

O "manifesto dos Trinta e Quatro" — O doutor Geley, por exemplo, então diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, dirige, durante dois anos, experiências com Guzik. Trinta sessões em 1922 e cinquenta sessões em 1923.

O controle, sem ser ideal, como dissemos, era bastante bom: Guzik fora despido totalmente e revestido de um pijama sem bolsos. Durante a sessão, seguravam-no pelas mãos, mantendo o dedo mínimo de cada mão de Guzik enganchado pelos correspondentes de cada mão dos dois controladores. Além disso, uma fita atava muito apertadamente os punhos do médium aos punhos dos controladores.

37. Heuzé, Paul: "Ou en est la Métapsychique?", Paris, Gauthiers-Villars, 1926, págs. 203 ss.

As fitas foram seladas para evitar que se desatassem as mãos. E medida os controladores faziam um contato estreito e permanente dos seus corpos com o médium, especialmente dos joelhos e cotovelos. Os demais controladores se atavam também em cadeia, fechada em círculo.

Os investigadores foram selecionados entre os melhores. Passavam de oitenta, dentre os quais trinta e cinco eram especialistas com longos anos de estudo destas matérias, homens de ciência de reconhecidos méritos. Assinaram um documento fumoso que, não fossem os preconceitos, deveria ter sido de l'ui ti vo na questão..³⁸

Nessas condições observaram-se diversas telecinesias. Por exemplo: uma cadeira que estava a dez metros do médium, foi colocada sobre uma mesa; além disso, houve diversos fenômenos de inflamação em forma de chamas de diversas formas e tamanhos; e fenômenos de tiptologia e ectoplasmia.

38. O documento que publicar aqui é conhecido como "Manifesto dos Trinta e Quatro" por um erro tipográfico no pé da primeira publicação. Na realidade aparecem 35 firmas. Citamos algumas bem famosas na especialidade, como Charles Richet, Eugène Osty, Prof. Santoliquido, Oustave Joliot, René Sudre, Sir Oliver Lodge, Camilo Flammarion, etc. Por essas experiências predominavam os médicos, 17 médicos, alguns de tanto renome como o Dr. Ounéo, cirurgião, professor na Faculdade de Medicina de Paris e também conhecido metapsíquico; Dr. Fontoinon, Diretor da Escola de Medicina de Madagascar o ex-interno dos hospitais de Paris; Dr. Humbert, chefe da Seção de Higiene na Diga das Sociedades da Cruz Vermelha; Dr. Dassablière, Chefe de Laboratório na Faculdade de Medicina de Paris; Prof. Declainche, membro do Instituto da França, Inspetor Geral, chefe dos Serviços Sanitários do Ministério da Agricultura; Prof. Vallée, Diretor do Laboratório Nacional de Investigações Sanitárias; além dos próprios Dr. Gustave Geley (Diretor do "Institut Métapsychique International", ex-interno dos hospitais de Paris, 1.º prêmio de tese na Faculdade de Medicina), Prof. Santoliquido (representante da Riga da Cruz Vermelha perante a Sociedade das Nações), Dr. Charles Richet (Membro da Academia de Medicina e do Instituto «In França, Prêmio Nobel em Medicina e Fisiologia»), etc. Havia oito advogados, entre eles Mestre, Prof. da Faculdade de Direito; Marcel Prévost, Membro da Academia Francesa; Sir Oliver Lodge, Membro da Sociedade Real da Inglaterra. Entre os militares havia um capitão, um coronel, e um comandante, Keller, do Estado maior do Marechal Fayolle. Entre os cientistas merece citar-se também A. Gramont, doutor em Ciências e Membro do Instituto de França. Estava presente também um detetive, Bayle, licenciado em Ciências, chefe do Serviço de Identificação Judiciária na Chefatura de Polícia.

Parece fantástico demais pretender que, durante dois anos, foram enganados por fraude sistemática todos esses cientistas de tal categoria.

O “Manifesto dos Trinta e Quatro” garante as telecinesias unânime-mente e com realce: “Entre os fenômenos há alguns que não foram produzidos em todas as sessões positivas, tais como a impressão sobre a terra argilosa, e as manifestações luminosas. Estas últimas estavam acompanhadas de sensações de contato e de ruídos articulados concomitantemente, mas como estes fatos não puderam ser observados por todos, reservamo-los apenas para nós, apesar da sua importância e nos limitaremos a afirmar a realidade de duas categorias de fenômenos (que neste livro reduzimos a uma só): 1) deslocamento, às vezes muito vasto de objetos diversos, sem contato algum do médium... 2) contatos e toques muito freqüentes e muito diversos... feitos sobre os braços, as cabeças, as costas dos controladores...”

“NÓS’ afirmamos... nossa convicção do que os fenômenos obtidos com Jean Guzik não são explicáveis nem por ilusões ou alucinações individuais ou coletivas nem por qualquer fraude”.³⁹

Como exemplo extraímos do “Manifesto dos Trinta e Quatro” uma sessão mais significativa do ponto de vista da telecinesia: “Às 20,30 horas, no grande salão do Instituto Metapsíquico Internacional. Controlador da direita, Dr. Bord; controlador da esquerda Dr. Rehm; presentes Dr. Osty, conde Potocki, Sra. D., Sra. G.”.

“...Os dois controladores, especialmente o Dr. Rehm, percebem contatos e toques diversos, golpes sobre as costas e nas costelas...”

“Sua cadeira (do Dr. Rehm) é violentamente puxada para trás. A mesa se deslocou uns 75 cms. O Dr. Rehm é um homem forte e muito gordo. Tal deslocamento precisa de uma força considerável”.

“Cadeiras e poltronas foram removidas barulhentosamente atrás do círculo dos experimentadores. Uma mesa muito pesada, coberta de mármore e colocada a um metro detrás do médium, foi deslocada 60 cms”.

“Os dois controladores notam antes e durante os fenômenos, uma espécie de ruído de efervescência nas costas do médium e atrás dele (barulho outras vezes notado em outros

39. Geley, Gustave: “L'Ectoplasmie et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles”, Paris, Alcan, 1924, págs. 304 ss.

dotados, correspondendo à emissão da telergia). Eles tiveram nitidamente a impressão de que o médium era o centro emissor das forças em jogo”⁴⁰

Prescindimos do desafio do célebre mágico Dickson, comprometendo-se a realizar os mesmos fenômenos de Guzik.⁴¹ O Dr. Geley julgou que não era necessário chamar de novo a Guzik, já ausente de Paris, e reunir de novo todas aquelas personalidades no campo científico, para atender ao insulto que contra elas lançava o senhor Dickson, talvez como promoção pessoal.

Aliás, é bem sabido que todos os fenômenos parapsicológicos podem ser reproduzidos fraudulentamente e muitas vezes foram fraudulentos.⁴² Devem ser estudadas e comparadas as circunstâncias.

Perante os sábios do I. M. I. de Paris, Guzik demonstrou sua capacidade telecinética; depois, ainda, diante de todos os especialistas reunidos no “Congresso Nacional de Metapsíquica”, que se celebrou em Varsóvia em 1923. O controle foi rigorosíssimo, e todos os assistentes tiveram de aceitar a realidade das telecinesias que Guzik realizava com objetos pesados colocados a uma distância de até 1,50 metros.⁴³

Erto nem sempre fraudou — Pasquale Erto, o famosíssimo médium de Castellamare di Stabia, na Campanha italiana, especialista em fotogênese, foi um habilíssimo trucador.

Alguns de seus truques são um prodígio de arte mágica. Quando afirmamos a fraude de Erto na fotogênese, não entrávamos em considerações sobre se Erto fraudou sempre ou nem sempre, em toda a classe de fenômenos que apresentava.

O Dr. Osty, sucessor de Geley na direção do “Institut Metapsychique International”, e um dos mais hábeis investigadores, qualifica Erto, sem reserva, como falso dotado.⁴⁴

40. Relação da sessão de 18 de abril de 1923, entre as experiências dos “trinta e quatro”.

41. Dickson, Adolphe Blind: “Médiums, fakirs et prestidigitateurs”; Paris, Albin-Michel, 1927, pág. 33.

42. A polêmica entre o Dr. Geley e o mágico Dickson está no jornal “L'Opinion”, de 6 de julho até 6 de agosto de 1923.

43. “Luce e Ombra”, 1923, ns. 5, 6, 9 e 10.

44. Osty, Eugène, em “Revue Métapsychique”, 1926, junho, pág. 449.

Mas, o próprio Dr. Geley, apesar de reconhecer “que os fenômenos luminosos do médium Erto são o fruto de um simples truque mais que habilmente, genialmente realizado”, esforçou-se, no entanto, por reabilitá-lo em alguns outros fenômenos, como por exemplo impressões de mãos e pés sobre chapas fotográficas.⁴⁵

Erto, posteriormente, realizou várias telecinesias; ouviram-se pancadas numa porta (tiptologia), abrindo-se esta depois, “espontaneamente” e alguns outros tipos de fenômenos realizados na “National Laboratory for Psychical Research” de Londres, assim como em sessões realizadas em Gênova, com os doutores Morselli, Masini, Giordano e em sessões ainda mais recentes, realizadas em Roma, com os Drs. Sörgo, Mcrloni, Scrvadio, Weis, Carracoy e Vneziani, em maio de 1932, num gabinete escuro, com luz vermelha suficiente, amarrado, segurado pelos controladores, atentamente vigiado por investigadores que já conheciam todos os seus truques anteriores.

Depois disso Erto nunca mais deu sessões. ⁴⁶

Não seria de estranhar que algumas vezes Erto fizesse algum fenômeno parapsicológico real, se levarmos em conta que até mágicos profissionais alguma vez ficaram surpreendidos por terem realizado sem fraude, nas suas demonstrações públicas, algum fenômeno no qual estavam se preparando para trugar.

Não seria acertado rejeitar todo o conjunto dos fenômenos levados a efeito por Erto, durante tantos anos e diante dos melhores sábios que descobriram as fraudes que ele realizava, mas também aceitaram alguns fenômenos reais.

45. Geley, Gustavo: “Lo eas du médium Erto”, segunda série, em “Revue Métapsychique”, 1924, abril, págs. 274 ss.

46. Mobilio, Scrtimio: “Nel regno delle ombre. Esperimenti spiritici con il médium Pasquale Erto”, Roma, Soc. Ed. Dante Alighieri, e Soc. Albrighi Segati, 1931. Scrvadio, Emilio: “Otto sedute col médium Erto” em “La ricerca psichica”, 1932, págs. 8-12, onde dá um juízo completamente favorável à autenticidade dos fenômenos de telecinesia e inclusive de certos fenômenos de fotogênese, como o caso de uma mesa que foi envolvida por uma língua de fogo. Cfr. também “Luce e Ombra” de 1932, passim.

Experiências isoladas — Casos isolados de telecinesia observados por bons especialistas são relativamente abundantes. Impossível citá-los todos. Só nos detivemos em citar algumas das experiências mais sistemáticas. Como exemplo de telecinesia observada isoladamente, citamos algumas, escolhidas ao acaso em nosso fichário.

Com Rudy Schneider — Experiência isolada de telecinesia, assim a descreve Huberto Rohden:

“Chegamos à Braunau, sobre o rio Inn, cidade natal de Adolf Hitler. Havíamos combinado uma série de sessões com Rudy Schneider...”

Rudy contava 17 anos. Rapaz forte e sadio, estava jogando futebol quando chegamos”.

“Quase paredes-meias com a casa do desastrado Führer... ficava a residência da família de José Schneider...”

“Realizou-se a nossa primeira sessão em Braunau, no primeiro andar da casa Schneider, servindo de local uma sala comprida e estreita. Tomavam parte desta sessão científica, além do Prof. Gatterer, Raul Machado e eu, mais umas dez pessoas de alta intelectualidade, entre outros o célebre cientista Prof. Ramsbacher e esposa, de Zurique. Havia também um padre capuchinho, Frei Columbano...”

“Suspendemos num dos ângulos da sala um par de cortinas pretas, formando assim o célebre gabinete escuro. Do lado de fora das cortinas, com as costas para a parede, sentou-se o médium. Designamos o Pe. Raul Machado para nosso fiscal, por ser homem de nossa inteira confiança. Sentou-se ele de frente de Rudy, cingiu com as mãos os pulsos do médium e cerrou entre suas pernas as do rapaz. Preso assim, tinha que funcionar o médium, excluindo toda e qualquer possibilidade de fraude ou engano”.

“Fechado por nós o semicírculo até a outra parede, ficava o gabinete escuro no ângulo das duas paredes. Diante das cortinas pretas do gabinete, pendia do teto uma lâmpada elétrica, que no início da sessão foi coberta com papel de seda vermelho, enchendo assim toda a salinha de uma meia-luz avermelhada...”

“Rudy tinha medo do estado de transe e contra ele se defendia quanto possível”.

“Finalmente, porém, capitulou... e desceu às misteriosas regiões do subconsciente. Gemendo como um moribundo, atirou-se sobre os joelhos e as mãos do fiscal, e assim deixou-se ficar imóvel, percebendo-se-lhe, como um único sinal de vida, a vagarosa e isocrônica respiração”.

“Depois de um tempo começaram a mover-se lentamente as cortinas pretas, como que tangidas por um vento que soprasse do interior. A noite era de calma absoluta. A sala estava fechada, as janelas, articuladas em vidraças duplas como se usa nos países frios, se achavam devidamente cerradas e, para cúmulo de precaução, prudentemente lacradas para que não se alegasse, mais tarde, a possível interferência de um fator estranho”.

“O movimento das cortinas aumentava progressivamente. Depois de alguns minutos, flutuavam quase horizontalmente na sala, deixando o gabinete completamente aberto e devassado. Tão violento se tornou, por fim, o movimento das cortinas, que bateram no rosto da Sra. Ramsbacher e lhe arrancaram os óculos, que se partiram no chão”.

“Cada um de nós tinha diante de si caderno e lápis e tomava nota de tudo”.⁴⁷

Com o psíquico — Uma experiência foi realizada em presença do conhecido teórico Upton Sinclair. Ele próprio descreve a teleeinesia realizada por um médium profissional que se apresenta sob o pseudônimo de “psíquico”.

“Na nossa casa o psíquico deu uma sessão do que parece ser uma levitação sem contato (teleeinesia)... Nossos amigos que foram testemunhas (médicos, sábios, escritores e suas esposas, num total de 14 pessoas) foram incapazes da mínima suspeita de um método normal, pelo qual se poderia ter realizado aquele fato. Nenhuma das pessoas presentes poderia ter sido cúmplice e o psíquico tinha sido revistado para ver se não escondia algum aparelho”.

“Aquilo so realizava na nossa casa, onde não havia nenhuma possibilidade de fazer preparativos. Seus punhos e seus tornozelos estavam firmemente segurados por pessoas que eu conhecia bem e havia na sala luz suficiente para que eu pudesse ver sua silhueta curvada sobre a cadeira”.

“Nestas condições, uma mesa de 34 libras (uns 17 quilos) elevou-se no ar a uma altura de 4 pés (1,30 m.) e deslocou-se lentamente num percurso de 8 pés (mais ou menos 2,50 m.) por cima de minha cabeça”⁴⁸.

47. Rolidcn, Hubcito: “Por um ideal”, 2 vols., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, T. I., págs. 61 ss.

48. Sinclair, Upton Beall: “Mental Radio, does it work and how?”, que teve várias edições, inclusive simultâneas: Los Angeles, 1929; Londres, Wernec Laurie, 1930; New York, Albert and Charles Bonim, 1930; London, W. Laurie, 1951; nós citamos agora da edição de Pasadena, 1930, pág. 28.

Em outros casos, poderia ser lícito invocar uma sugestão hipnótica por parte do médium sobre os assistentes convencidos de antemão. Mas, parece inadmissível uma tal sugestão ou hipnotização sobre observadores científicos e sérios e mais difícil ainda uma hipnotização coletiva.

Resíduo verdadeiro — Durante os últimos trinta anos, têm-se abandonado as experiências sistemáticas de teleeinesia. As causas são duas. A primeira, foi em geral, desconfiança causada pela enorme quantidade de fraudes que se descobria.

E’ um fato indigno da ciência, se tivesse sido consciente, que muitos tenham abandonado a investigação pela enorme dificuldade de separar a fraude do real. E’ um fato muito lamentável que muitos teóricos da Parapsicologia confundissem a existência da fraude com a possibilidade de os fenômenos serem imitados por fraude, com a inexistência dos fenômenos. Esta lamentável confusão desanimou a muitos experimentadores científicos e afugentou muitos possíveis dotados dos centros universitários. Parece que se está abrindo um pouco o horizonte.

A segunda causa de se ter abandonado a investigação científica da teleeinesia é a falta de bons dotados como Home, Palladino e Schneider... Inclusive, chegou-se a escrever que tinha passado a época dos grandes dotados. Ou que as épocas dos grandes dotados são cíclicas e que agora estaríamos passando por uma época negativa. Ou que o lugar do nascimento dos grandes dotados vai girando de forma que do Oriente chegou à Europa, onde a investigação floresceu há trinta anos, mas que agora se deslocou dos centros de investigação, etc.

Necessário aprofundar mais — Não analisaremos as explicações dadas. Aceitamos os fatos: nos centros de investigação tradicionais, França, Inglaterra, Itália etc., faltam os grandes dotados para efeitos físicos. Na América do Norte resolvem o problema com o estudo das faculdades telecinecas em pessoas normais. Na América Latina, e especialmente no Brasil, fala-se (apenas se fala) que ainda há nestes lugares grandes dotados. Lamentavelmente, não houve nenhum centro de investigação com aparelhagem especializada. Anunciamos, que nas Faculdades Anchieta, de São Paulo, já está estabelecido um Instituto de Parapsicologia, onde, além do en-

sino, se dedicarão grandes atenções à investigação, com abundante biblioteca e os melhores e mais modernos aparelhos e técnicas.

Conclusões — Como conclusão de tôdas essas experimentações que temos classificado como prováveis, não é objetivo afirmar que a investigação científica tenha provado a inexistência da telecinesia ou, noutras palavras, que as chamadas telecinesias sejam sempre fraudes, ilusões, alucinação...

Se fôr desapaixorada e profundamente analisado o conjunto das principais experiências, a existência da telecinesia surge como incontestável. Mas sempre se levantaram algumas críticas, que os "adversários"⁷ avolumam. A demonstração não fez sucesso estrondoso ou, até hoje, ninguém conseguiu apresentar uma análise dos fatos univcrsalmente aceita.

Apesar das inúmeras fraudes, fica ressalvado um sem número de fatos de movimentos de objetos sem contato.

A ação da telergia sôbre os corpos, movimentando-os chama-se tecnicamente Telecinesia.

7

Telecinesia - II

EM PLENA LUZ O PODER DA MENTE
MOVIMENTA OBJETOS

A mente eleva mesas com lastro de 75 quilos. — Cortina "vivificada" embaraça o cientista. — Arvnário "ataca" após uma sessão. — A "menina mal-assombrada".

As telecinesias em plena luz, são mais escassas inclusive entre os casos espontâneos, geralmente mais vistosos. Recolhendo, porém, fatos de uns e outros lugares, poderíamos fazer coleções volumosas. Não faltam casos espontâneos inclusive observados por peritos na investigação parapsicológica ou metapsíquica.

Tal poderia ser, entre outros muitos exemplos, o caso sucedido em Kingstone, Irlanda, com a menina Florrie C., de dez anos, filha dos vizinhos do famoso investigador, Dr. William Barret, um dos fundadores da S. P. R. de Londres.

Esta menina realizava fenômenos assombrosos de telecinesia, inclusive em plena luz. Uma vez, uma pesada mesa da sala de jantar, onde se costumam servir nada menos que doze pessoas, caminhou sem que ninguém a tocasse até ficar bem perto do Dr. Barret, que estava sentado numa cadeira. "Quando a mesa ficou hum sob o meu nariz, elevou-se por várias vêzes e eu me pude convencer, por mim mesmo, tocando e vendo, que ela não se apoiara no chão e que ninguém dirigia seus movimentos..."

E revoltado pela indolência de muitos que continuam a negar o que não estudaram, só porque não o sabem explicar, Barret acrescenta: "Eu não sou tão ingênuo para crer que isto que estou dizendo fará qualquer impressão na opinião pública, mas espero que ao menos encorajará outras testemunhas a nos comunicarem suas observações até que tenhamos forçado nossos adversários a admitir que o fenômeno existe, ou a provar que os experimentadores mentem, enganam ou estão num estado de cegueira e de ausência de espírito, incompatíveis com qualquer estado mental a não ser a mais perfeita idiotice".¹

Mas os casos espontâneos, exceção feita dos que foram observados por especialistas, são considerados por muitos como de menor valor científico. E' por isso que preferimos passar às experiências feitas em plena luz por especialistas.

"Fluido" e telecinesia — Em primeiro lugar: ao estudarmos a questão tão discutida dos fluidos, e aparelhos fluidométricos (cfr. Apêndice III), no fundo aparecerá uma realidade incontestável: que só as pessoas de alguma maneira dotadas podem influenciar pequenos aparelhos. Êsses minúsculos aparelhos eram movimentados com a mesma força (telergia) e do mesmo modo que os grandes dotados movimentam objetos maiores, (como, aliás, expressamente víamos então a propósito de Sladc, de Klouski, de Eusápia Palladino etc.). O fundo de verdade que tem toda a questão do "fluido" confirma, em pequena escala (pequenas telecinesias) o que agora estamos expondo da telecinesia em maior escala. Poderíamos invocar agora, em prol da telecinesia, o que de positivo encontramos no capítulo da telergia. (Ou, também, tudo o que agora digamos nos capítulos da telecinesia, confirma em grau mais perceptível, tudo o que então dizíamos do fluido e da telergia).

1. -Barret, William, Eletcher, R. P.: "On the threshold of the Unseen", New York, Dutton, 1918, págs. 49 ss. De uma refundição posterior: "On the threshold a new of thought", há traduções francesa, espanhola e portuguesa: "Au. seuil de l'invisible", Paris, Payot, 1923; "En el umbral de lo invisible", Madrid, Aguilar, s. d.; e com título mais tendencioso "Nos umbrais do além", Lisboa, 1947.

As primeiras experiências — Para a argumentação direi I, as primeiras experiências sérias e sistemáticas foram as do «Luiior De Gasparin.

I) «vemos julgá-las incontestáveis, no que se refere à existência da telecinesia e paracinesia. (movimento com contato insuficiente). Provam também que não só a telecinesia mas também a paracinesia se devem à telergia (fora dos casos «do-; automatismos motores e os raríssimos casos de psicoci-» n:; i: i).

O conde Agenor de Gasparin após três árduos meses, de «pi-i iências no seu laboratório de Valleyres, Suíça, de setemlim, outubro e novembro, publicou um livro em 1851,² o mesmo ano em que Allan Kardec começou a interessar-se pelos «i iomenos que êle pensara serem devidos às almas dos mortos.

A causa da investigação foi o veredicto da Academia de «'mneia de Paris, onde Chcvrcul, Faraday, Babinet, etc., como i.i vimos, rejeitam o fluido (ou telergia) atribuindo os movimentos das mesas aos movimentos automáticos e inconscientes; das mãos dos assistentes.

Mas Gasparin comprovou, com rigoroso método, em comum com alguns amigos dotados, até chegarem "a uma conclusão < ao invencível" defendida no seu livro com veemência, que as mesas faziam movimentos "de natureza tal que nossos músicos não poderiam imitar", que mesas lastradas com pesos supl< montares, de forma que os operadores pela sua ação musical, não conseguem movimentá-las, se levantam no ar em i» clara e enérgica, precedendo as mãos ou só os dedos, apenas as roçam, ou apesar de uma camada de farinha ml«Tpоста, ou sem contato mecânico sendo tudo diversas maneiras: lações da mesma força inconsciente que nós chamamos T* -Irrgiil

¹¹ () fenômeno das mesas girantes é real, e de natureza I.«M ;i monte física (telergia) que não se pode explicar pela hio mecânica dos nossos músculos nem pela misteriosa ação «i" «-piritos. Tal é minha tese".

< hisparin., Comte Agénor Étienne de: "Des Tables Tournantes; «i" ui n:il urel en général et des esprits", 2 vols., Paris, Dentu, 1854. ii • i i.iliir.-M) inglesa de Robert, E. W.: "A teatrise on tourning tables, ii" iii|M i n.ilural in general, and Spirits", New York, 1857.

“Quando elas se elevam atrás de minha mão, que nem tocam, obedecem a uma força física, a uma ação material determinada por minha vontade”⁷.

Algumas citações mais concretas do modo de se realizarem as experiências:

“A cadeia (dos assistentes segurando-se pelas mãos) formada um pouco acima da superfície da mesa, se faz de forma que permita caminhar no sentido em que o movimento deve ser realizado. As mãos mais próximas do pó da mesa escolhida para se levantar, estão fora da superfície da mesa, e se aproximam e se afastam gradualmente, enquanto que as mãos colocadas na outra extremidade da mesa e que estão avançadas em direção ao mesmo pé, se afastam como puxando. Durante este movimento da cadeia, quando todas as vontades estão fixadas sobre uma mancha particular da madeira e quando as ordens de levantamento são proferidas com força, é que o pé abandona o chão e que a superfície segue as mãos a ponto de se tombar se não a detém”.

“Este não é um resultado isolado. Temo-lo reproduzido umas trinta vezes. Temo-lo executado sucessivamente para cada um dos três pés, a fim de tirar todo pretexto à crítica. Além disso, temos vigiado as mãos com uma atenção escrupulosa. E quem quiser observar como esta vigilância tem sido exercida sobre trinta operações sem surpreender o menor contato, concluirá, acredito, que a realidade do fenômeno está deessivamente acima de toda contestação razoável; mormente se se representa, que, durante os últimos levantamentos, um vigilante ajoelhado, tinha fixo seu olhar sobre a superfície da mesa para se assegurar,!* de que esta não deixava nunca de estar livre”.

Potência suficiente — Citamos agora um resumo das experiências com, peças adicionais:

Tinham colocado sobre a mesinha uma tina cheia de areia, pesando 21 quilos: “os pés se levantaram facilmente quando se deu ordem. Colocou-se, em seguida, sobre a primeira (dentro) uma segunda tina pesando 19 quilos. Foram levantadas uma e outra menos facilmente, mas muito nitidamente. Então, uma terceira tina menor, pesando 13 quilos, foi acrescentada por cima das duas primeiras. Houve levantamentos. Nós preparamos então pedras grandes pesando, em conjunto, 22 quilos e as colocamos sobre a terceira tina. Após muitas e longas hesitações, a mesa levantou sucessivamente e várias

vr/es, cada um dos seus três pés. Levantou-os com uma força, « oiii uma decisão, e uma vivacidade que nos surpreendeu. Mas sua Nolidéz, após tantas provas, não pôde resistir a isto. Curvando-se ::uh o balançamento enérgico desta massa total de 75 quilos, ;par-i tu se tôda de um golpe e sua superfície superior, maciça, fendeu-se <I<* alto a baixo, com grande perigo dos operadores ao lado dos quais dr.sabou a carga inteira”.

“Não me detenho a comentar uma tal experiência; ela n's ponde a tudo”.

A objeção que se levantou contra as experiências do condí* de Gasparin é mil vezes repetida, e parece-me absolutamente apriorística: Louis Figier, assinalando que Gasparin ii.M> conseguiu êxito “em presença, nem perante os magneti- dores que lhe solicitaram para serem testemunhas deste fenômeno” conclui pela intervenção de um amigo muito zeloso que, introduzindo-sc no círculo dcs experimentadores, surpre- • mio a boa-fé de Gasparin e dos demais colaboradores. Como *d:ir seguro acrescenta, que o mesmo que ficou de joelhos nnhui a mesa, para vigiar, não terá sido o autor da fraude?³

O motivo apresentado para supor a fraude não vale, pois indos sabem que as teleeinesias nem sempre se realizam, nem l*< i mite quaisquer pessoas. E’ ultrajante contra Gasparin e “ ii:’. colaboradores que, só pelo fato das teleeinesias não terem ‘dn obtidas à vontade perante outros sábios, se deduza que, quando houve telecinesia, foi por fraude, apesar da extrema vigilância e ceticismo lógico dos próprios experimentadores e ' in durante três meses e 30 experiências bem sucedidas, des- andando as outras muitas ocasiões em que a mesa não se movimentou, mas que servia para descobrir qualquer tenta- i iva do fraude...

A cção científica — Os cientistas tradicionais, num lamen- 1 Tdescuido, não estudaram as demonstrações! de Gaspa- 1111, porque “já estava julgada” a questão dos fluidos...!

As exceções foram poucas. Podemos citar o Dr. Thury, iqi • »l«r.onr de Física na Academia de Genebra que, com ma- 1 * * i.i I eu ida dos amente estudado, revisou imediatamente as ex-

: Kijvuier, Guillaume Louis: “Histoire du merveilleux dans les 1 * 1111; humIc i-jics”, 4 vols. Paris, Hachette, 1860, 1861 e 1873 t. IV págs.

periências de Gasparin, acrescentando outras experiências, por ele próprio arquitetadas. Os dotados foram também escolhidos entre seus amigos e conhecidos, fora de toda suspeita.

Thury descobriu fraudes inconscientes ou irresponsáveis, como não podia deixar de suceder, mas acumulou “ fatos que estabelecem a realidade dos novos fenômenos”, isto é, “movimentos efetuados sem contato” que “não podem ser explicados pela ação mecânica”. A telecinesia explica-se pela telergia que Thury, como vimos, chamava força cctênica, chamaído de estado edênico o transe em que caem os dotados para a realização das toleecinesias.

E' interessante assinalar que já Thury estabeleceu uma série de experiências para demonstrar que a telergia, ou força cctênica, se dirige a um ou outro lado sob a influência da vontade inconsciente (psicobulia) e que se transmite de uma pessoa por vizinhança ou por contato, embora, segundo Thury, certas pessoas sejam obstáculos à telergia. Comprovou também que a mesma força que realiza as telcinesias é a que causa as tiptologias “determinando movimentos interiores na matéria e provocando assim os ruídos”.⁴⁵

Na época áurea dos grandes dotados, os especialistas em Metapsíquica realizaram também experiências de observação em plena luz. Estes casos são de urna força probativa muito grande. Querer tirar-lhes o valor, pelo fato de terem sido realizados por dotados que, noutras ocasiões e na escuridão tinham fraudado ou tentado fraudar, mostra pouco conhecimento da personalidade irregular dos dotados, facilmente vítimas dos seus impulsos inconscientes.

Eusápia age às claras — Citaremos, por exemplo, o caso de Eusápia Palladino, perante uma comissão de sábios, todos especialistas em Metapsíquica, reunidos em Milão, em 1892.⁵

4. Thuri, Marc: "Les tables tournantes considérés au point de vue de la (question de) physique générale (qui s'y rattache)", Genève, J. Kesseman, 1855. Pomos entre parênteses a modificação que com respeito ao título da capa aparece na 1.ª folha interna.

5. Alexandre Aksakof, conselheiro de Estado do Imperador da Rússia; Schiaparelli, diretor do Observatório Astronômico de Milão;

Diz o relatório: "Fenômenos observados com luz... movimentos de objetos à distância, sem contato" e sob estes títulos resumem: "Êsses fenômenos foram observados várias vezes durante as nossas sessões; com frequência uma cadeira, colocada para esse fim perto da mesa, entre a médium e um dos seus vizinhos, começa a movimentar-se; algumas vezes se aproximou da mesa".

"Um exemplo notável se deu na segunda sessão, sempre em plena luz".

"Uma pesada cadeira, (10 quilos), que se achava a um metro da mesa e por trás da médium, aproximou-se do Sr. Schiaparelli, que estava sentado perto da médium; ele se levantou para tornar a colocá-la no lugar; mas apenas se tinha sentado, a cadeira de novo veio colocar-se junto dele..."

Comentando os fatos, diz o relatório dos investigadores: "E' preciso, antes de tudo, afastar a hipótese de um contato..." Eusápia não traz nenhum objeto consigo". As experiências, aliás, não se realizaram em local que pudesse ser preparado pela médium, mas na residência de um dos controladores. o Dr. Finzi, que é também o próprio relator.⁶

Cortina "vivificada" — Lombroso, após referir-se racionalmente às experiências que acabamos de citar, comentaria depois:

Cari Pu Prol, doutor em Filosofia; Angelo Brofferio, Professor de Filosofia; Giuseppe Ge rosa, Professor de Física; G. B. Ermacora e Oigorio Finzi, ambos doutores em Física; Charles Richet, Professor de Medicina e Prêmio Nobel; Cesare Lombroso, Professor de Psiquiatria Penal. Todos homens de grande gabarito científico. Deveríamos insistir na sua especialidade e experiência na investigação psíquica na qual todos eles famosos.

6. Crookes, William: "Experimental Investigations on psychic force", London, Gillman, 1871; "Researches on the phenomena of Spiritualism", London, Biiens, 1874. Ambas as obras foram traduzidas num só volume por Alidel, I.: "Nouvelles expériences sur la force psychique. Recherches sur les phénomènes du spiritualisme", Paris, Leymarie e Libr. des Sciences psychiques, 1872, 1878, 1897 (edição que nós geralmente usamos). Houve posteriormente outra edição, aumentada por Sage, em 1903. Aqui copiamos da tradução portuguesa e extratos que, com título muito descabido, fez D'Argonnel, Oscar: "Fatos espíritos observados por William Crookes e outros sábios", Rio de Janeiro, Federação Espírita Brasileira, s. d. (1957) 5.ª ed., págs. 95 ss. Há também tradução espanhola: "La fuerza psíquica", Barcelona, Maucci, s. d.

"Em Nápoles, no ano 1893, com os egrégios colegas Bianchi, Tamburini, Vizioli e Ascensi, refiz com Eusápia estas experiências, numa câmara propositadamente escolhida em nosso hotel e aí, *em plena luz*, vimos uma grande cortina, que separava nosso aposento de uma alcova vizinha e que distava da médium mais de um metro, vir bruscamente sobre mim, envolver-me e apertar-me as costas e foi com dificuldade incomum que dela me libertei..."

Note-se também, como mais uma vez se faz constar que o objeto estava a curta distância do médium, neste caso a pouco mais de um metro. Esta indicação é freqüentíssima. A tolerância, como algo físico, está vinculada estreitamente às leis da distância. A tolerância é que envolve ou empurra a cortina, provocando dificuldades a Lombroso para libertar-se...

Incubação da psicobulvia — Lombroso continua referindo outra experiência de telecinesia, mas feita na escuridão, e acrescenta:

"*Ligadas as luzes*, quando todos estávamos de partida, viu-se um grande armário, colocado atrás da alcova, a cerca de dois metros de distância de nós, mover-se lentamente em nossa direção, qual um grande paquiderme, que vagarosamente tentasse atacar-nos..."

A psicobulvia, diríamos, "acumulada" durante a sessão, surtiu efeito no fim dela. Este fato é também relativamente freqüente. A psicobulvia precisa, às vezes, algum tempo de "incubação".

Querer supor algum instrumento, algum cúmplice para explicar o movimento do armário seria simplesmente considerar tolos ineptos os investigadores...⁷

Enfim, muitos outros investigadores avisados e inteligentes, entre os quais queremos destacar Vassallo⁸ descrevem

7. Lombroso, Cesare: "Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici", Torino, un. tip. Ed. Torino, 1909. Tradução francesa de Rossisnemx: "Hypnotisme et spiritisme", Paris, Flammarion, 1922. Nós aqui citamos da tradução portuguesa de Martins de Castro, Almerindo: "Hipnotismo e Mediunidade", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., pág. 134.

8. Vassallo, Luigi Arnaldo: "Nel mondo degli invisibili", Roma, Voghera, 1902, págs. 32, 34, 45 e 46.

ótimos fenômenos de telecinesia de objetos pesados, inclusive pesadíssimos, em plena luz, e apesar de estar o médium reditado pelas mãos.

Repetimos: citamos aqui só telecinesias realizadas em plena luz. Não queremos insistir noutras muitas realizadas no escuro, mas que apesar da escuridão foram telecinesias indiscutíveis, sem possibilidade de fraude.

Como quando Lombroso fecha numa caixa um dinamômetro marcando zero. O dinamômetro, dentro da caixa está no escuro, mas fora da caixa a luz é plena e todos estão vendo Eusápia, que não pode fazer truque nenhum. Ao abrir-se a caixa, verifica-se que o dinamômetro assinalava vinte e cinco quilos. E noutra ocasião marcou 110 quilos.⁹

Condições ótimas — Daniel Dunglas Home tinha uma extraordinária fama, realizando, como vimos, muitos fenômenos perante seletíssimas platéias e nas salas palacianas. Mas poucos foram os cientistas que o estudaram até que a Sociedade Dialética de Londres decidiu verificar os fatos que se lhe atribuíam.

A Sociedade Dialética de Londres nomeou uma comissão de trinta de seus membros para estudar os fenômenos realizados por Home. A comissão realizou nada menos do que cinquenta sessões, sob a presidência do Dr. John Lubbock. Condições de experimentação ótimas.

Eis um exemplo de levantamento de mesa: onze membros da comissão colocam-se ao redor de uma mesa, juntamente com Home. Mas, em vez de sentarem-se, para melhor observar exigem de Home, e este concede, que se coloquem de modo especial: colocam as cadeiras suficientemente longe da mesa (a trinta centímetros; doze polegadas); voltam os espaldares das cadeiras para a mesa e se ajoelham sobre os assentos; as mãos sobre os espaldares das cadeiras e os pés para trás; a mesa, as mãos, os pés e tudo o mais perfeitamente à vista. A sala estava bem iluminada.

Nestas condições a mesa se desloca quatro vezes. Depois, mais três vezes, em diferentes direções, a pedido dos assistentes, dentro do espaço compreendido pelas cadeiras.

9. Isto não quer dizer, necessariamente, que a força empregada fôsse de 110 quilos, porque, entre outros motivos, a ação telecinética poder-se-ia aplicar diretamente sobre a agulha registradora...

Os membros da comissão, nnt.es tão céticos na sua maioria, aceitaram a telecinesia: “Existe uma força capaz de movimentar objetos pesados sem contato corporal, força que depende da presença de seres humanos”.¹⁰

Grande cientista conclui: Realidade — Pouco depois tiveram lugar as magníficas experiências de William Crookes. Daniel Dunglas Home foi exaustivamente estudado pelo famoso físico.

Extraímos de um resumo feito pelo mesmo Crookes que deixou pormenores muito precisos para publicá-los num livro à parte: “Os diversos fenômenos que acabo de atestar são tão extraordinários... que mesmo agora, lembro-me dos pormenores que testemunhei. Há luta... entre minha razão... e o testemunho dos meus sentidos, da vista ou tato. Testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes... Supor que uma espécie de loucura ou de ilusão vem dominar, de repente, um grupo de pessoas equilibradas e inteligentes, todas de acordo sobre os menores detalhes e particularidades observadas, 6, creio, mais incrível do que os próprios fatos testados... Tive intenção de consagrar um ou dois meses... alguns meses se tornaram alguns anos... A série de manifestações se produziu na minha casa, em presença de pessoas dignas de fé, e sob as condições de exame mais severas que pude imaginar”.

“As centenas de fatos que me preparo para testemunhar, a fim de serem imitados pelos meios físicos ou mecânicos conhecidos, desafiam a habilidade de um Houdini, de um Bosco, de um Anderson (mágicos famosos), auxiliados por todas as ajudas de engenhosas máquinas e de uma prática de longos anos. Essas centenas de fatos realizaram-se na minha própria casa, nos momentos por mim exigidos, em circunstâncias que excluía completamente o emprego ou ajuda do mais simples instrumento... Compus eu mesmo o grupo, escolhendo entre meus amigos; introduzi todos os céticos que me pareceu... Impus condições escolhidas por mim mesmo com diligência, para evitar toda a possibilidade de fraude...”

10. Dusart, T. (tradutor): “Société Dialectique de Londres: Rapport sur le spiritualisme”, Paris, Leymarie, 1900.

“Tudo o que narro produziu-se à luz; Home... não admite escuridão nas suas sessões... Tudo foi produzido por ele em plena claridade”.

“São muito numerosos os exemplos em que os corpos pesados, «orno mesas, cadeiras e sofás, se põem em movimento, sem contato com o médium”.

“Indicarei resumidamente alguns deles, por mais surpreendentes que sejam”.

“A minha própria cadeira descreveu um círculo parcial, não estando os meus pés em contato com o chão”.

“Sob as vistas de todos os assistentes, uma cadeira veio lentamente de um extremo longínquo da sala. Todas as pessoas presentes confirmaram isto. Em outra ocasião, uma poltrona chegou até o lugar em que nós estávamos sentados, e a pedido meu retrocedeu com lentidão uns três pés” (um metro).

“Durante três sessões consecutivas, uma pequena mesa moveu-se lentamente pelo centro da sala, nas condições que eu tinha preparado expressamente para contestar qualquer objeção...”

“Obtive várias vezes a repetição de uma experiência que a Sociedade Dialética considerava concludente,¹¹ isto é, o movimento de uma pesada mesa, em plena luz, estando os espaldares das cadeiras virados para a mesa, sem tocá-las, e as pessoas ajoelhadas nos assentos, com as mãos à vista. Uma vez, eu ia e voltava para ver como cada qual estava colocado, enquanto se produzia este fenômeno...”

“Em cinco ocasiões diferentes, uma pesada mesa da sala de jantar elevou-se algumas polegadas até um pé e meio acima do chão, em condições tais que tornavam a fraude impossível. Noutra ocasião, enquanto a mesa se elevava acima do assoalho, à plena luz, eu segurava as mãos e os pés do médium. Ainda outra vez a mesa :e elevou do chão não somente sem que a tocassem, mas conforme a todas as exigências que eu tinha previamente preparado em ordem a uma prova fora de dúvidas”.¹²

Num livro posterior, repete uma continuação deste resumo, acrescentando alguns dados:

11. Acabamos de referir esta experiência no item “condições ótimas” deste mesmo capítulo.

12. Crookes, William, em “Quarterly Journal of Science”, 1874, janeiro.

“Uma das coisas mais surpreendentes que tenho visto foi a suspensão de um copo e de uma garrafa cheia de água. A sala estava iluminada muito fortemente por duas chamas de álcool com soda, e as mãos de Home estavam muito longe. Os objetos permaneceram suspensos por cima da mesa; com suas batidas, um contra o outro responderam três vezes *sim* às perguntas. Durante cinco minutos, permaneceram assim suspensos a umas seis ou sete polegadas de altura, indo diante de cada pessoa, respondendo às perguntas”.

“Nós nos asseguramos que Home eslava absolutamente passivo durante este tempo e que nem fios metálicos nem pequenos barbantes eram empregados. Aliás, Home não entrara na sala antes da sessão”.

“Atribuir estes resultados á fraude é absurdo. Isto que eu conto aqui, se passou na minha própria casa, onde era impossível preparar alguma coisa de antemão”.

“O médium não podia, quando eu estava sentado numa outra parte, com várias pessoas que observavam atentamente, fazer, com fraude, soar um acordeão que eu tinha na minha própria mão, com as teclas para baixo, ou fazer flutuar este mesmo acordeão pela sala afora e tocando durante todo o tempo... Fie não podia trazer um aparelho para agitar as cortinas das janelas; fazer um nó num lenço, colocá-lo no outro canto da sala; fazer soar notas, à distância, num piano; levantar uma garrafa e um copo a 30 cm. acima da mesa; fazer empinar-se em uma das suas extremidades, um colar de coral; fazer movimentar-se um leque e ventilar os presentes ou até pôr em movimento um pêndulo pesado numa vitrina solidamente fixada na parede”.¹³

A “menina mal-assombrada” — Em 1926, o grande especialista Harry Price, entre outros, estudou demorada e conscienciosamente o caso da famosa menina Elconora Zugun, chamada na Alemanha a menina “Poltergeist”, ou como diríamos em português, a menina “mal-assombrada”.

Embora vivaz e inteligente, psicologicamente era retardada, procedendo aos treze anos como procederia uma criança **

13. Crookes, William, tradução de Alidel, L.: “Nouvelles... Recherches...”. Nós citamos agora da edição de 1872, págs. 158 ss.

de oito. Com frequência apareciam estigmas “macabros” no seu peito, braços e pernas, assim como inchações no jrosto, desaparecendo tudo com rapidez. Apresentava vários fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos. O principal fenômeno desta menina eram suas telecinesias.

A condessa Wassilko-Serccki, sua protetora, contou 1.050 movimentos de objetos em três meses; 67 telecinesias em um só dia.

Entre as inumeráveis telecinesias observadas por vários especialistas, citaremos como exemplo o primeiro fenômeno observado por Harry Price.

“O local estava inundado de luz. A condessa e a menina estavam sentadas uma ao lado da outra, sendo observadas atentamente por Price. Esperavam alguma telecinesia. Com efeito: um longo corta-papéis de aço, que estava colocado detrás de Price, levanta-se no ar, passa perto da cabeça do investigador, atravessa o quarto e vai bater contra a porta. Pouco mais ou menos meia hora mais tarde, estando os dois sentados num divã, num ângulo da habitação, um pequeno espelho de mão levanta vôo, projetando-se contra a parede que ocultava o leito. Pouco depois, Eleonora Zugun rabis-cava num papel. A uns dois metros dela havia, sobre uma cadeira, uma grande almofada quadrada. Sob o olhar vigilante de Price, a almofada lentamente, muito lentamente, começa a deslizar da cadeira para o chão.

Não havia nenhuma vibração no local. Price, como era sua praxe, examinou exaustivamente o aposento.

Após a realização de cada fenômeno Price constatou que o pulso da menina batia consideravelmente mais depressa e às vezes ela apresentava notáveis palpitações cardíacas.

Posteriormente, Price levaria a menina ao seu laboratório. Em outro livro voltaremos a Zugun para analisar as experiências maravilhosas realizadas no “National Laboratory of Physical Research” de Londres. Elas nos interessam mais a respeito de outro fenômeno de efeitos físicos, o aporte, menos freqüente do que a simples telecinesia. Bastará dizer aqui que Harry Price, chamado “Caçador de Espíritos” pelos inúmeros médiuns que desmascarou, ficou tão convencido das

faculdades parapsicológicas da menina Eleonora Zugun (tudo isto são suas palavras) quanto o está da realidade da própria respiração.¹⁴

A mesa obediente — Não podemos deixar de incluir o testemunho do conhecido parapsicólogo francês Robert Tocquet. Os fenômenos “foram obtidos em excelentes condições de controle; foram produzidos com um jovem dotado com o qual realizamos habitualmente experiências de hipnotismo, e que tínhamos iniciado muito elementarmente nas possibilidades mnêmicas” (parapsicológicas).

“Sobre umas vinte sessões realizadas com este dotado, duas somente foram negativas. As outras se desenvolveram pouco mais ou menos segundo o mesmo esquema e nas condições seguintes: dois experimentadores, um amigo, estudante de farmácia o eu; sala de experiências completamente vazia e nua; no meio, uma pequena mesa de três pés; claridade assegurada por um lampião de petróleo...”

“Nós nos afastamos a dois ou três metros da mesa, sem contato algum... Dirigi-me então à mesa e pedi que esta se elevasse. Após alguns minutos de espera, vimos efetuar-se o movimento, lentamente, quase com dificuldade. Incitei-a a fazê-lo melhor: o levantamento se fez mais amplo e mais rápido”.

“No decorrer de uma sessão, a mesa ficou em contato com o chão apenas com um pé e permaneceu nesta posição durante alguns segundos”. “Quando os movimentos se tornavam claros, eu me aproximava sozinho para observar de perto as circunstâncias do fenômeno. Meu companheiro vigiava o médium, que algumas vezes virava as costas para a mesa”.

“Nós não descobrimos jamais fio ou truque algum, nem surpreendemos movimentos suspeitos por parte do médium, que, aliás, permanecia completamente imóvel durante as sessões. Além do mais, como já se disse, as sessões tinham lugar em plena luz, de forma que o controle era muito fácil”.

“Esta experiência que eu observei sem emoção e que se apresentou a meus olhos com a simplicidade, a nitidez e a

14. Price, Harry: “Leaves from a Psychists Casebook”, Londres, Hurst, 1933, págs. 227-272 e, do mesmo autor, a relação feita na época mesma dos acontecimentos em “Journal of American Society for Psychological Research”, 1926, agosto.

pureza de uma experiência qualquer de física, forneceu-me, formal e definitivamente, a prova absoluta da realidade da Irlocinesia. Nenhuma argumentação de teóricos de gabinete, que jamais experimentaram e portanto jamais viram nem o verdadeiro nem o falso, poderia fazer variar minha opinião a teu respeito. Opinião que é a de um físico, de um parapsicólogo e de um mágico amador que não ignora os inumeráveis truques dos falsos médiuns”.¹⁵

Com Maria Silbert — Já em outras oportunidades aludi

• i dotada Sra. Silbert, de Gratz. Na Alemanha foi considerada, pelos especialistas como uma das mais autênticas dotadas em 1920 e 1930. Por sua causa a cidade de Gratz, foi campo de algumas das suas sessões. Mas algumas das suas sessões • • venceram, até mesmo os mais céticos perante a fenomenologia parapsicológica, que tivessem um mínimo de conhecimento de causa. A “Associação Médica” terminou por se constituir na entidade oficial julgadora do caso. Nomeou, como defensor, o conhecido parapsicólogo Dr. Rudolf Tischner e como “promotor público” o Dr. Benndorf, professor de física da Universidade de Gratz.

Tischner falava com conhecimento de causa. Benndorf argumentava, com o clássico apriorismo, que esses fenômenos eram incompreensíveis... Negava o que não sabia explicar ou não entrava no rol dos conhecimentos pessoais...

Eis um exemplo das telecinesias realizadas pela Sra. Silbert. Foi observada isoladamente pelo próprio Dr. Tischner. Começamos a frisar, como o faz o próprio Dr. Tischner, que “não se me opuseram obstáculos de nenhuma classe para vigiá-la... Estávamos sentados ao redor da mesa da sala de jantar, no cômodo claro de uma casa de bairro, sem cortinados que pudessem atenuar a luz. A janela estava provida somente de cortinas de seda, permitindo a entrada da luz viva de um dia claro de março. A sessão começou às 4 da tarde... A Sra. Silbert não tomou, em momento algum, quaisquer atitudes particulares, nem expressou sequer desejo algum sobre a organização da sessão... Durante a sessão ninguém, exceto • mi, tocou a mesa... Eu me deslocava como queria sem pedir licença a ninguém, sem que ninguém protestasse...”

15. Tocquet, Robert: “Les pouvoirs secrets de l’homme. Le bilan • In paranormal”. Paris, les productions de Paris, 1963, págs. 209 s. (Há uma tradução portuguesa).

“Encontrando-me por acaso na casa do médico habitual da médium, conselheiro áulico Ensbrunner, este foi chamado à casa da médium... que sofria de reumatismo no ombro... Ensbrunner pôs de improviso ver se surgia algum fenômeno, e deste modo se desenvolveu... uma sessão que não tinha sido preparada de maneira alguma...”

“A Sra. Silbert estava sentada, quando entramos, num dos lados largos da mesa e eu me sentei, no início, em frente a ela. Ensbrunner sentou-se a um dos lados estreitos... O Prof. Walter, chamado pelo telefone, sentou-se no outro lado estreito da mesa, e depois, quando chegou, o encarregado do curso, Schindler, sentou-se ao lado da senhora Silbert...”

“A mesa tinha uma gaveta grande onde estavam guardados os talheres da família e pesava, em conjunto, uns 30 quilos...”

Nestas circunstâncias operaram-se bastantes telecinesias que lembram a atuação da “alavanca” agindo sob a mesa nas experiências de Crawford. Descreve-as assim o Dr. Tishmierz:

“Tara dar-me conta dos movimentos, eu mesmo levantei a mesa várias vezes do meu Jaclo e depois deixava-a cair: a queda era muito lenta. Pondo os dedos sobre a mesa, tinha-se a impressão de que tudo se passava como se ela descansasse sobre um colchão pneumático que estivesse a se esvaziar lentamente”.

“Freqüentemente, quando queria levantar a mesa bruscamente, experimentava uma séria resistência. Noutros momentos, pelo contrário,... a mesa balançava-se com a maior facilidade”.

“Quando a mesa estava em posição de balanço, eu a agarrava; sentia, então, freqüentemente um nítido balancear e se não a soltasse, sentia uma resistência elástica”.

“Ao todo, assisti a 30 ou 40 movimentos de balanço...”

“Observou-se com freqüência o deslocamento horizontal da mesa de 5 a 10 cms., movimento que denominei ‘fenômeno de deslizamento’ ... O primeiro movimento se produziu com a rapidez de um disparo. Fêz-nos pensar na atração de um pedaço de ferro por um ímã”.

“Notemos que a Sra. Silbert se encontrava numa posição pouco cômoda para provocar, por seus próprios meios, esse movimento transversal. Teria sido impossível para mim mesmo produzi-lo com essa rapidez”.

“Esse movimento produzia-se, de ordinário, espontânea e subitamente. ... no sentido longitudinal, mas às vezes também um pouco obliquamente...”

“Sabendo, pelas sessões anteriores que este movimento se produzia, de preferência, quando algum dos assistentes se levantava, convidei a um dos senhores a fazê-lo... Esta ação parecia perturbar um campo de forças e o movimento se produzia então”.

“Desta maneira... evitava o efeito de surpresa”. m

E o investigador brasileiro, Huberto Rohden, após algumas experiências, quando da sua estada na Alemanha, resume:

“Os pequenos objetos por nós lançados debaixo da mesa (relógios, canivetes, cigarreiras) depois de algum tempo desapareciam misteriosamente... As mãos e os pés (da médium) estavam rigorosamente controlados. Desapareciam e logo reapareciam, descendo lentamente de cima, suspensos no ar”.

Após estas telecinesias, ainda intervinham as faculdades parapsicológicas de conhecimento: “Maria Silbert tomando o objeto na mão, colocava-o com infalível acerto diante do dono, quando ela normalmente não podia saber quem ele lósse, pois nunca vira o objeto, colocado debaixo da mesa antes da sua chegada à sala”^{16 17}

Um caso recentíssimo — Enfim, não podemos terminar este capítulo das telecinesias observadas em plena luz, sem citar um caso recentíssimo. Quando em 1961 estivemos na Argentina, nosso amigo Dr. Ricardo Musso, catedrático de Parapsicologia na Universidade do Litoral, em Rosário, e Presidente da “Sociedade Argentina de Parapsicologia” confessava que pessoalmente nunca presenciara uma telecinesia que o convencesse. Teve, porém, posteriormente, aquele hábil observador, de grande espírito científico, a oportunidade de observar um notável caso.

16. Tisoler, Rudolf: “Einführung in den Okkultismus und Spiritismus”, München, Bergman, 1923 (1.ª ed. em 1921) tradução francesa de Lamorlette: “Introduction à la Parapsychologie. (Bilan actuel des Sciences occultes)”, Paris, Payot, 1951. Nós usamos a tradução espanhola de Cortada, Nuria: “Introducción al estudio de la Parapsicología. Balance actual de las ciencias ocultas”, Buenos Aires, Oberón, s. d. (1957), págs. 160 ss. Cfr. também “Zeitschrift für Parapsychologie”, 1928, n.º 6, onde até os que por desconhecimento da Parapsicologia são opositores das descobertas parapsicológicas que eles não sabem explicar, reconhecem a importância destas experiências que lhes entraram pelos olhos...

17. Rohden, Huberto: “Por um ideal”, dois tomos, Rio de Janeiro, Freitas Bastos, tomo I, págs. 58 s.

As condições eram ótimas. Um dotado submetia-se ao maior controle que lhe quisessem impor, afirmando que seria capaz de levantar uma mesa no ar sem contato. Não é mister dizer que tal telecinesia não se realiza *h* vontade nem regularmente. Mas aquele dotado, uma vez, só uma vez, de fato conseguira levantar à distância uma mesinha de 11Vb quilos a 50 cm. do chão. A mesa permaneceu no ar o tempo suficiente para que os observadores tomassem quantas precauções quisessem e a examinassem com plena satisfação. A força telccinótica era no momento tão forte, que duas pessoas puderam sentar-se sobre a mesa sem que esta caísse no chão: eram o próprio Dr. Ricardo Musso e o Dr. Butelman, professor de Psicologia Social e História da Psicologia na Universidade Nacional de Buenos Aires, que até então tinha sido cético com respeito aos fenômenos parapsicológicos.

Graus na telergia — No capítulo 1^o c no apêndice III vimos inumeráveis experiências e argumentos para demonstrar e descobrir uma pequena emissão de telergia capaz de movimentar delicados aparelhos. Pela sua delicadeza, essa telergia bem merecia o nome tão freqüentemente dado de “fluidos”. Os fluidos produziam pequenas teleeinesias.

Nestes últimos capítulos vimos teleeinesias de objetos muito maiores. Jostas teleeinesias são também produzidas pela telergia. Dá emissão de mais considerável e mais poderosa telergia, que muito imprópriamente seria chamada fluido.

Fôrça descomunal — O engenheiro polonês Stephan Ossowiecki, homem, de honestidade indiscutida, destacou-se desde sua infância pelas notáveis qualidades de “leitor de pensamentos”, mas não deixou também de dar algumas mostras insofismáveis de telecinesia. Devemos ao menos citá-lo aqui.

Ossowiecki, para realizar as teleeinesias, precisava de certa escuridão, mas para que as demonstrações fossem perfeitamente observáveis, alvitrou-se um meio engenhoso: Ossowiecki metia-se num saco: assim o dotado ficava em alguma escuridão; os objetos a movimentar, porém, ficavam fora, em plena luz, à vista dos investigadores.

As teleeinesias de Ossowiecki foram quase sempre objetos muito pesados que ele, à distância, dentro do saco, fazia deslizar ou derru-

bava. Numa ocasião, atraiu até junto do saco uma estátua de mármore de uma distância de 2 Va metros. Para movimentar esta estátua, precisava-se da força de três homens. ¹⁸

O fato de serem objetos muito pesados os empregados por Ossowiecki, nas suas teleeinesias, excluiu muito melhor qualquer hipótese de fraude.

Uma das objeções mais insistentes contra a Telecinesia era a escassez de luz nas experiências tradicionais, o que impedia a perfeita observação dos fatos.

Após estes fenômenos feitos às claras, os cientistas puderam confirmar a Telecinesia, tanto de pequenos C07U0 de grandes e até enormes objetos.

18. Geley, Gustave: “L'Ectoplasmie et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles”, Paris, Alcan, 1924, pág. 31.

Telecinesia-III

ANÁLISE INTERNA DA TELECINESIA

O poder mental age com dificuldade através do vidro. – O infravermelho se choca com a telergia. – A mente provoca névoas coloridas. – Um pontapé inesperado. – O simbolismo da Tele éme si a.

Não haveria, porque irisar que o nome de “telecinesia” não corresponde estrita mente à realidade. Não se trata de movimento (kínesis) efetuado ao longe (telc), mas na realidade de movimento efetuado com o contato da telergia. Êste contato porém, é um contato para-psicológico. A etimologia refere-se à ausência de contato normal. Só neste sentido a telccinesia é uma ação à distância. Os autores que querem negar a existência da telccinesia, pelo fato de que esta se realizaria com algum modo de contato, desviam o tema para uma estéril discussão de meras nomenclaturas...

Estado da questão — Repetimos, com outras palavras, o que já dizíamos a respeito da nomenclatura sobre telccinesia. Chamamos em geral, telergia, a uma força física (ou psicofísica, dado que é dirigida pela mente inconsciente). Esta telergia, quando visível e tangível, poderá chegar a constituir o que, nos próximos capítulos, descreveremos sob o nome de ectoplasma. Queremos neste capítulo frisar que a força que realiza a telecinesia é uma força física, uma força, por-

tanto, com peso, massa e estrutura, em maior ou menor grau; uma força mais ou menos densa, mais ou menos perceptível, mas sempre material. A telecinesia será, portanto, um fenômeno dos que classificamos como E. N.; em contraposição à psicocinesia, fenômeno paranormal, que se realizaria mediante uma força psíquica, não física, não material.

Hoje, salvo raras exceções, há uma grande confusão nas publicações sobre estes temas. Sob o influxo da chamada Escola Norte-americana, percebe-se um grande exclusivismo a respeito da psicocinesia, fenômeno paranormal; como também nos fenômenos de conhecimento, tendia-se a classificá-los todos dentro da faculdade "Psi-gamma", paranormal, excluindo a hiperestesia direta, a hiperestesia indireta do pensamento, o talento do inconsciente, etc., fenômenos E.N. Em "A Face Oculta da Mente" insistimos em que os fenômenos de conhecimento E.N. são de manifestação mais freqüente do que a faculdade paranormal "Psi-gamma". Agora começamos por demonstrar que os numerosos fenômenos de telecinesia são fenômenos E. N.

E' necessário precisar bem os conceitos. A Escola Norte-americana não estudou os fenômenos E.N., por energia material, física, e engloba tudo erradamente sob os fenômenos P.N., devidos a uma força espiritual. Nem sequer distingue entre telecinesia (E.N.) e psicocinesia (P.N.). Rhine, líder da Escola Norte-americana escreve: "Na época da introdução do termo psicocinesia, propôs-se uma eleição entre ôle e o termo telecinesia, associado principalmente a manifestações físicas vinculadas a poderes mcdnômicos.. . O uso do primeiro termo foi preferido como o mais exato e mais claramente livre de interpretação espírita".¹

Na realidade, pois, Rhine nem suspeitou da explicação extraordinária-normal para movimentos de objetos; tudo seria paranormal.

Insistimos em distinguir entre telecinesia e psicocinesia. Telecinesia é o movimento de objetos por telergia (ou ectoplasmia) i. é., por força parapsicológica física, material, fenô-

1. Rhine, J. B. e Pratt, J. G.: "Parapsychology", Springfield, Charles C. Thomas, 1960. Citamos da tradução espanhola: "Parapsicologia", Buenos Aires, Troquei, 1965, pág. 30.

meno E.N. Psicocinesia é o movimento de objetos pela faculdade chamada Psi-Kappa, força parapsicológica de ordem psíquica, espiritual, fenômeno paranormal.

Agora, pois, começamos por demonstrar que a força que realiza a telecinesia é uma força física. Daí surgirão implicações importantes.

Limites de espaço — Um primeiro argumento que poderíamos aduzir é que as telecinesias se realizam sempre nas proximidades do dotado. Com muita freqüência e nos casos de experiências citadas, encontraremos facilmente várias confirmações; aparecem, nas expressões dos investigadores, frases como: "Movimentava objetos colocados até uma distância de 1,5 metros", "objetos num âmbito de uns dois metros", "os objetos estariam a seu alcance se desatasse os pés ou as mãos", etc.

Com bons dotados, e nos casos espontâneos, onde geralmente as manifestações são mais espetaculares que nos casos experimentais, a distância pode ser maior, mas será mesmo difícil encontrar algum caso bem comprovado em que o objeto movimentado estivesse a mais de uma dezena de metros do dotado. (Excetuamos agora raros casos que analisaremos devidamente ao discutirmos a psicocinesia).

Este fato indica que a força realizadora da telecinesia é física, material, já que é sujeita tão estreitamente às leis da distância. E, conseqüentemente, já deveríamos deduzir que a telecinesia é, quando menos, mais freqüente que a psicocinesia ...

Obstáculos — No apêndice III veremos vários "fluidômetros" que entram em movimento apesar de encerrados dentro de uma campânula de vidro ou de outra substância. Isto demonstra que a telergia pode, em algumas circunstâncias, apresentar-se como uma força muito sutil, com características semelhantes às do imã, etc. Mas, não obstante, a telergia é uma força física que, conseqüentemente, não prescinde completamente dos obstáculos. Tudo indica que a telergia, como o magnetismo, ou qualquer outra força física, é incapaz de influenciar algum objeto que estivesse fechado dentro de uma gaiola de Faraday.

Algumas experiências comparativas demonstram diretamente que a telergia, mesmo quando sob a forma mais sutil, que podemos chamar “fluídica”, atua melhor sem obstáculos do que através destes.

Assim, por exemplo, o comprovou o Dr. Ochorowicz, numa série de experiências com Stanislaw Tomczik. Pedia-se à dotada, quando em transe, que detivesse através da porta de vidro, o pesado pêndulo de um grande relógio de parede. Tomczik, visivelmente concentrada, apoiava a mão sobre o vidro ou, à certa distância, fazia passes no estilo dos magnetizadores. Só após um minuto, pouco mais ou menos, percebeu-se que o pêndulo diminuía as oscilações, mas não se detinha. Diminuindo-se um pouco a luz, som por isso deixar de ser tudo Ixan visível e perfeitamente controlado, a dotada conseguiu, por fim, após um quarto de hora, que o pêndulo se imobilizasse. Stanislaw Tomczik ficava muito fatigada. O mesmo sucedia quando se tratava de fazer o pêndulo entrar do novo em movimento, influenciando-o através da porta de vidro.

Mas, com a porta aberta, em pouquíssimo tempo, e sem fadiga apreciável, só “olhando” (com os olhos fechados) para o pêndulo, Stanislaw conseguia detê-lo ou pô-lo em oscilação. Com a porta aberta, o movimento nem sequer era gradual, mas instantâneo: no primeiro impulso, o pêndulo alcançava sua oscilação máxima.

Se a telecinesia não se realizasse por meio de uma força física, não se compreende porque os obstáculos, como o vidro, haveriam de dificultar sua atuação, embora nem, sempre a impeçam.

Invisível, mas material — A telergia para as teloeincisões pode apresentar-se em diversos graus de densidade. Muitas vezes, e é o mais comum, não é visível. Mas pode-se descobrir a sua presença precisamente pelas suas características materiais.

Nas experiências magníficas, dirigidas pelo Dr. Osty, com o dotado Rudy Schneider, no Instituto Metapsíquico Internacional, vimos que a telergia, quando o médium a dirigia aos objetos a movimentar, absorvia ou refletia os feixes de raios infravermelhos fazendo deflagrar as fotografias automáticas, nas quais, porém, não aparecia nada quando reveladas.

A telergia, dado que interceptava os raios infravermelhos, era material embora invisível. **

2. Ochorowicz, Julien: “Un nouveau phénomène médiumnique”, em “Annales des Sciences Psychiques”. 1909, ns. 1-5.

Foi justamente por isso que tiveram que renunciar, em outras experiências, à fotografia, mas células fotelétricas registram absorção superior a 30% da emissão dos raios, o que fazia soar campainhas. A telergia mostrava também que era algo físico, já que era sensível a radiações ultravioletas e à luz vermelha, usada para iluminar ligeiramente a sala. A luz de magnésio destruía completamente a telergia durante algum tempo. A luz branca não podia ser usada.

Por tudo isto, os fenômenos que classificamos como telecinesias, são completamente contrários às leis ou conceitos da psiecinesia paranorauil.

Densidade verificável — A sutileza “fluídica” que pode alcançar, às vezes, a telergia para realizar seus efeitos telecineéticos, é uma das causas que levaram alguns experimentadores a pensar precipitadamente que não fôsse uma força física, material. Para corrigir este erro são muito elucidativas experiências como as de Ilarry Pricc com Stella C.

As experiências se realizaram sob uma forte luz vermelha, que permitia uma observação perfeita. Stella realizou várias telecinesias, entre elas algumas elevações completas de mesas e principalmente movimentos oscilatórios “como se a mesa estivesse flutuando em água corrente”.

Mas Pricc desejava estudar a força que realizava estas telecinesias. E para isto empregou um aparelho muito engenhoso que designou com o nome de “telecinescópio”.

Tratava-se, em essência, de um contato elétrico para fazer soar uma campainha, mas encerrado dentro de um recipiente hermeticamente fechado. Dentro do recipiente fechado, estavam encerrados também dispositivos especiais para descobrir se alguma força física penetrava no interior. ^

Pois bem, apesar do dispositivo para o contato estar hermeticamente fechado, a campainha soou insistentemente.

O que demonstra a sutileza da telergia, que provocou telecinesias para estabelecer o contato; mas os aparelhos re-

3. Um copo de cobre, com minúsculos buracinhos, tampado com uma lâmina de água gliccro-sabonosa de Plateau. Se de maneira normal se atuasse dentro, a lâmina capilar arrebentaria ao mínimo contato. Não havendo contato, mantém-se cerca de uma hora. Dentro do copo se colocara um globo de vidro. Dentro do globo, um dispositivo para contato elétrico. Para medir a pressão telecineética exercida, o

gistraram que a telergia é mesmo algo físico, porque, além de exercer variadas pressões, provocava pequenos deslocamentos de ar, e projetava delicadas sombras.

Névoa acinzentada — Outras vezes, a telergia que causa as telecinesias se apresenta mais densa, podendo ser visível. Nas atas das experiências do Dr. Osty, por exemplo, podemos, ler o seguinte, com referência à sessão de 15 de outubro de 1930:

“O Dr. Osty e os dois controladores (Dr. Giro e DAthencs) que por sua posição podiam observar... vêem sair... uma névoa espessa acinzentada, de uns trinta centímetros de diâmetro. A névoa... avança devagar até alcançar a borda superior da mesa, que, ao seu contato, se desloca mais de 20 centímetros... O Dr. Osty, inclinado sobre o fenômeno, pôde observar claramente sua evolução. Em particular comprovou que, quando a mesa terminou seu movimento, a massa brumosa tornou-se imediatamente invisível. Seus olhos, por mais atentos que estivessem, não a viram tornar ao seu ponto de partida. Durante este tempo... Rudy Schneider, cuja respiração ruidosa dominava a cena, era visível, tanto pelas bordas fosforescentes (com que pintaram o “pijama” que o fizeram vestir) como pela luz vermelha, enquanto suas mãos e pernas estavam aprisionadas pelos controladores. O lugar em que se desenvolveu o fenômeno estava também sob a vista dos assistentes (num total de seis) sob boa luz vermelha”.

Nesta mesma ocasião, um pouco antes da telecinesia que acabamos de descrever, houve uma outra onde a telergia foi indiretamente visível:

“A iluminação vermelha é bastante forte... A mesa e a metade inferior da cortina são bem visíveis... Rudy diz que se vai produzir um fenômeno sobre a mesa... O Dr. Osty, a pedidos, retira a mesa para 55 cms. da cortina (que serve como pano de fundo). O espaço livre é melhor visto assim”.

dispositivo para o contato é de mola, combinado com um registrador. Há também umas lingüetas móveis, muito sensíveis, combinadas também elas com um registrador, a fim de descobrir e medir qualquer deslocamento de ar que houvesse no interior; e, por fim, um projetor lança, através do globo de vidro, e da lâmina glicero-sabonosa um feixe de raios de luz vermelha que incidem sobre uma tela fosforescente, de maneira que qualquer formação, um tanto densa, que penetrasse até o dispositivo de contato elétrico dentro do copo se perceberia em forma de sombra sobre a tela. O dispositivo para o contato elétrico está em conexão com uma campainha.

Após vinte e cinco minutos de esforço, “as hordas verticais fosforescentes da cortina entram em ligeiro movimento e imediatamente sua parte direita se infla na metade inferior, como se fôsse empurrada por um corpo redondo, por trás”, onde, porém não havia nada nem ninguém. “Continua assim até entrar em contato com a mesa, que se desloca uns quinze centímetros... Rudy interrompe sua hipermeneia”/

Esta dupla e indiscutível telecinesia, da cortina e da mesa, deve orientar na avaliação do movimento da saia de Eusápia, algumas vezes, para movimentar também mesas, e casos semelhantes ...

Resplendor azulado — Noutras engenhosas experiências de Price com Stella C., aparece a telergia num grau possivelmente maior de condensação.

Empregava duas mesas. Uma, exterior, tinha uma rede de arame entre os pés, tapando e contornando os quatro lados. Dentro desta “gaiola”, havia outra mesa menor, fabricada em forma de caixa, em cujo interior se encerraram pequenos instrumentos musicais, como também papel e lápis. A tampa desta mesa-caixa só podia ser aberta de baixo para cima, e quando se abria, a tampa aparecia por cima da mesa-gaiola, através de uma abertura feita nesta última. Impossível usar as pernas porque a rede de arame o impediria. Impossível usar as mãos para abrir a porta da mesa-caixa porque isto só se poderia fazer por cima da mesa-gaiola, de forma que os controladores veriam a fraude com absoluta facilidade, à forte luz vermelha.

Pois hem, a telergia emanada do médium, sob a forma visível de um pequeno resplendor azulado (telergia com fotogênese) abriu a porta da mesa-caixa, fêz soar os instrumentos musicais e escreveu, com o lápis, no papel.

Fôrça evidentemente física, porque, além de realizar efeitos físicos, era visível e inclusive parece que aqui mais densa, precisando mesmo abrir a caixa para passar.⁴⁵

4. Osty, Eugène: “Les pouvoirs inconnus de l'esprit sur la matière”, em “Revue Métapsychique”, 1931, n.º 6.

5. Price, Harry: “Stella C. A record of 13 sittings for thermopsychic and other experiments” em. “Journal of American Society for Psychical Research”, 1924, n.º 5; posteriormente estas experiências foram publicadas num livro sob o título: “Stella C. An account of some original experiments in Psychical Research”, Londres, Hurst, 1925.

Raios telérgicos — Ochorowicz primeiro e depois Schrenck-Notzing, realizaram séries muito interessantes de experiências que nos mostram as características físicas da força, telergia, que realiza as telecincias. Tratava-se de telecincias de objetos pequenos realizados por Stanislaw Tomczik. Neste caso, a telergia é apresentada em forma de fios ou raios invisíveis para os olhos, mas perceptíveis por meios indiretos.

Para garantir melhor que se tratava de fios ou raios formados pela telergia, Ochorowicz e Schrenck-Notzing escolheram de propósito, objetos que, pela sua forma, eram difíceis de serem levantados por meio de fios ou cabelos comuns: ampola cilíndrica de vidro, bússola, colher, caixa de fósforos, pequenos ímãs, bolas de celulose etc.

Stanislaw Tomczik não só movimentava estes objetos, atraindo-os ou repelindo-os, mas os levantara no ar, pondo as mãos de um e de outro lado do objeto, a uma distância de 10 a 20 centímetros. Igualmente movimentara os ponteiros de um relógio, abaixara os pratinhos de uma balança etc.

Obtiveram traços destes raios ou fios sobre objetos previamente empoeirados, especialmente sobre uma placa coberta de fuligem.

Estes traços deixados sobre os objetos confirmam que as telecincias foram realizadas pela telergia como substância material suficientemente densa; segundo a expressão do próprio Ochorowicz, por “raios* rígidos” ou, como corrigiu Schrenck-Notzing, por “eflorescências rígidas”.

As sessões se faziam com luz suficiente, porém não plena o que tornava necessário o uso do magnésio para tirar as fotografias. Quando o magnésio era deflagrado de improviso, Stanislaw Tomczik sofria uma reação nervosa com a qual o fenômeno telecinético era bruscamente interrompido e os objetos levantados caíam imediatamente. Mas, avisada de antemão, Stanislaw suportava a deflagração luminosa. Obtiveram-se assim numerosas fotografias, tomadas simultaneamente por quatro câmaras fotográficas dispostas nos ângulos mais apropriados, que confirmam as telecincias. Mas o fato mais interessante oferecido pelas fotografias é que, nalgumas delas, ao serem bastante ampliadas, aparecem fios ou raios visíveis saindo das pontas dos dedos de Stanislaw.

Dúvidas improcedentes — Poderia parecer que estas fotografias demonstravam o truque. Assim se publicou em certos livros. Mas, se os fatos não se analisassem tão ligeiramente, compreender-se-ia, sem possibilidade de dúvidas que, na realidade, se trata mesmo de telergia.

O controle era rigorosíssimo para qualquer truque desta espécie. Além de uma análise corporal preliminar, Stanislaw Tomczik tinha proibição absoluta durante as sessões de levar as mãos às roupas, à cabeça ou a qualquer parte do corpo, para impedir que se pudesse apoderar de qualquer cabelo ou fio...

Ainda, antes de realizar qualquer telecinesia, exigiam que ela afastasse as mãos do corpo. O fenômeno, aliás, se realizava com uma só mão. Outras vezes, entre as mãos e o objeto, Ochorowicz colocava fogo: durante todo o tempo da telecinesia, os fios ou cabelos estariam suportando o fogo! A telergia suportava perfeitamente a chama, enquanto Stanislaw afirmava que sentia uma sensação muito agradável.

Os fios ou raios telérgicos tinham outras características interessantes que desafiavam toda espécie de truque: os fios eram de uma tal sutileza, que nenhuma substância conhecida os poderia ter formado tão rapidamente e ao mesmo tempo tão resistentes. A própria mão de Ochorowicz foi levantada por um desses fios que ele sentiu ser resistente, sumamente fino, dando, ao contato com a pele, a impressão de um sopro frio.

Outras características — Os raios telérgicos apresentavam certas propriedades análogas às do magnetismo, típicas da telergia.

Assim, por exemplo, era posta em oscilação a agulha imantada encerrada na sua caixinha de bússola. O ponteiro de um desses brinquedos chamados “bússola mágica”, punha-se a girar rapidamente, enquanto as mãos de Stanislaw ficavam imóveis.

Os raios adotavam diversas formas ou características segundo o tipo de telecinesia a realizar: assim, curvavam-se para esquivar-se de obstáculos. Com Schrenck-Notzing, por exemplo, uma bolinha foi deslocada dentro de um copo virado, que a cobria. As eflorescências, dobrando-se, passavam entre a mesa e o copo, antes de se tornarem rígidas. Encerrando a bolinha dentro de um vidro hermeticamente fechado, o movimento não se realizava, o que mostra o grau de densidade que, nestes casos, adquiria a telergia.

Os raios se acomodavam também à forma de um objeto, outras vezes penetravam, como com vida própria, através de fendas feitas na madeira, agrupavam-se em feixes, rígidos ou elásticos, para abraçar e reter objetos, qualquer que fosse sua forma e natureza, mesmo quando os objetos estivessem em movimento, como por exemplo, em experiências de Ochorowicz, dirigindo uma bola de roleta para o número escolhido (a não ser que a velocidade da bola fosse mui-

to grande: neste caso precisar-se-ia de maior força nos raios e a telergia exteriorizada por Tomczik geralmente só era capaz de realizar *pequenas* telecinesias).

Enfim, durante as telecinesias, o Dr. Ochorowicz e seus colaboradores não só tiraram fotografias mas inclusive radiografias dos fios. Não eram fios contínuos, mas pareciam pontilhados. Na sua estrutura, apresentavam estrias como se fossem produzidos por um fluido em movimento rotativo/

Pelo seu lado o doutor Schrenck-Notzing comprovou com enormes ampliações fotográficas que a estrutura dos fios ou eflorescências é sumamente irregular parecendo interrompida em alguns trechos ficando em outros meramente nebulosa. Fêz também a comparação das fotografias ampliadíssimas destes fios telórgicos, com fotografias ao microscópio de fios de linho, crina, sêda, cabelo, etc. A estrutura dos fios ou eflorescências telérgicas é completamntc diferente de todos os outros fios.^{6 7 8}

Telergia faz objetos sólidos •— Poderíamos estender-nos mais, mas achamos que o dito é mais do que suficiente para rejeitar a hipótese da fraude e para confirmar que a força que emana do dotado para as telecinesias, a telergia, pode se condensar até constituir uma espécie de raios, frequentemente invisíveis a olho nu, porém perceptíveis de diversas maneiras.

Enfim, Maxwell, com sua enorme autoridade, apoiou as experiências de Ochorowicz e Schrenck-Notzing afirmando que pessoalmnte pôde comprovar tais “ raios rígidos” ou “eflorescências rígidas” emanando das pontas dos dedos em mais de trezentas pessoas.

Tais emanções, segundo Maxwell são maiores com tempo seco e cálido; decrescem com tempo úmido e frio, ou quando o dotado está fatigado ou debilitado/

6. Ochorowicz, Julien: “Les rayons rigides et les rayons Xx, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1910, ns. de abril até dezembro.

7. Schrenck-Notzing, A. F.: “Phyzicalische Phänomene des Mediumnismus Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge”, Miinchen, E. Reinhardt, 1920; tradução francesa de Longaud: “Les phénomènes physiques de la médiumité”, Paris, Payot, 1925.

8. Maxwell, Joseph: “Metapsychical Phenomena, London, Duckworth, 1905. Tradução francesa: “Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, méthodes”, 3.^a ed., Paris, Alcan, 1920 (há também edições de 1905 e 1914).

Ochorowicz, o conhecido sábio polonês, estudou a Srta. Tomczik de 1909 até 1914. Já antes, em 1909, Tomczik fôra examinada por uma comissão de fisiólogos, engenheiros e professores no Laboratório de Física do Museu da Indústria e da Agricultura, de Varsóvia. Concluíram pela autenticidade dos fatos de telecinesia.

Como exemplo, extraímos das atas da sessão do dia 21 de novembro: “A médium arregaça as mangas até acima dos cotovelos, lava as mãos com sabonete e enxuga-as numa toalha preparada para isto pelos investigadores. Todos os investigadores, um por um, examinam cuidadosamente suas mãos e dedos. Passa-se a lâmina de um canivete entre as unhas e a carne (para extrair qualquer “fio” que aí pudesse estar escondido)... Vendam-se os olhos da médium (que dizia sofrer com a luz) e o Dr. Kallinowski, diretor do Laboratório de Física, o o Dr. Sosnowski, assistente de Fisiologia na Universidade de Varsóvia, agarram-na pelas mãos e a levam até a mesa, que previamente Unha sido examinada e limpada”.

“A partir deste momento, a médium não pode retirar as mãos da mesa, nem tocar-se a si mesma, como a nenhuma outra pessoa e a nenhum dos objetos destinados à experiência”.

“Para iluminar a sala utilizou-se um lampeão de petróleo, colocado à distância de uns dois metros, e um pouco de lado. As condições de luminosidade eram ótimas, porque o corpo da médium não projetava sombra sobre a mesa...”

“Segunda experiência: Consistiu num ensaio de ação mediúnica (parapsicológica) através de uma pantalha transparente. Utilizou-se para este fim um funil de celulóide, cujo tubo foi cortado. O buraco resultante foi tampado com uma rôlha de cortiça”.

“Como objeto a deslocar tomou-se uma bolinha, também de celulóide de quatro centímetros de diâmetro. Esta bola, depois de examinada pelos presentes, foi colocada sobre a mesa pelo Dr. Leski, Diretor do Museu da Indústria, e coberta com o funil..”

“Revisadas de novo as mãos da médium, ela as colocou sobre a mesa, palmas para baixo, aos dois lados do funil. Permaneceram alguns minutos imóveis. Depois a médium as levantou a uma altura de um ou dois centímetros. Algumas dezenas de segundos mais tarde o próprio funil se movimentou, mas em seguida, ficou imóvel, enquanto a bola colocada no seu interior rolou a pedido dos assistentes, na direção do corpo da médium e um pouco para a esquerda e retornou logo para o seu lugar primitivo no meio do funil”.

“A pedido reiterado dos experimentadores, a bola executou ainda uma vez este movimento e bateu contra a parede do funil do lado da médium”.

“Terminada esta experiência, revisaram-se de novo as mãos da médium. Não apresentavam nada de particular...”

“Os fenômenos observados nunca se apresentavam de uma maneira espontânea, mas eram sempre anunciados e esperados, o que nos permitia seguir atentamente seu desenvolvimento... Os objetos ficavam muitas vezes imóveis apesar de vivos movimentos das mãos da médium. E, pelo contrário, se deslocaram quando as mãos se encontravam em imobilidade absoluta ou relativa... Antes das experiências, as mãos da médium estavam, as mais das vezes cálidas; e imediatamente após cada experiência, ficavam frias e úmidas. O seu ritmo cardíaco o respiratório se aceleravam durante os fenômenos”.v

Nos capítulos dedicados à ectoplasma, ficará muito mais claro ainda que a telecinesia é realizada por forças físicas materiais emanadas dos dotados.

Sobre a ação da telergia para realizar as teleeinesias, só diremos que há uma grande variedade, dependendo, em grande parte, do tipo de efeito a realizar e da natureza e forma dos objetos.

Sendo a telergia dirigida pelo psiquismo inconsciente (psicobulia) é o inconsciente que em cada caso, escolherá uma forma ou outra de telergia, uma transformação ou outra de energia.

Às vezes a energia poderá apresentar-se de maneira análoga à eletricidade ou ao magnetismo. Muitos dotados tinham o costume de dar um, passe “magnético” sobre os objetos que queriam movimentar. Evidentemente, este costume pode responder a uma crença subjetiva no “magnetismo”. O dotado, em geral, meramente prático e ignorante, é até mesmo o menos indicado para uma explicação dos fatos. Mas, em outros casos, pode de fato a telergia ser análoga a um “fluido magnético”. As experiências e casos são numerosos e já citamos vários. À guisa de explicação poderíamos trazer

9. Servimo-nos, o que, aliás, é de fácil consulta para os leitores, do resumo realizado por Tocquet, Robert: “Les pouvoirs secrets de l'homme. Le bilan du paranormal”, Paris, des productions de Paris, 1963, págs. 204 ss. Há tradução portuguesa.

aqui a descrição feita por Jaelliot das teleeinesias que diz ter visto realizar um faquir da Índia (tenhamos, porém, em conta que os faquires são especialistas em fraudes).

Primeiramente, o faquir, utilizando como condutor do “magnetismo” uma pena do pavão, fazia descer um dos braços de uma balança enquanto no outro havia um peso de 80 quilos. O faquir tocava com a ponta dos dedos um copo cheio de água impregnado de “magnetismo” e o copo seguia o dedo do faquir em todas as direções, enquanto a água ficava imóvel, como que solidificada. O copo muitas vezes se elevou a umas sete ou oito polegadas acima da mesa. Um lápis, flutuando na água, seguia fielmente todos os movimentos que o faquir fazia por cima dele, com a mão estendida, a uns centímetros de distância. Porém, se o faquir tocava o lápis, ainda que lovamente, este, como que repellido pela força “magnética”, mergulhava até o fundo do recipiente. O faquir lançou ao ar um punhado de variadas penas de pássaros e, quando estas vinham caindo no chão, colocou por baixo a mão estendida; as penas, então, como que repelidas pelo magnetismo do faquir retomaram altura, fixando-se no toldo do terraço por bastante tempo.*»

Outras vezes, a telergia poderá formar espécies de trilhos, tubo, campânula, parede, calço, cobertor, etc., segundo o tipo de trabalho telecinético a realizar.

Por exemplo: numa experiência com Home dirigida pelo Dr. Hallé, havia sobre a mesa um jarro de flores, livros e vários objetos ornamentais. A mesa inclinou-se telecineticamente 45 graus, mas os objetos ficaram imóveis, como cobertos pela telergia.

O mesmo sucedeu noutras experiências, com algumas folhas de papel, lápis, duas velas e um copo de água, sobre a mesa. Esta foi inclinada telecineticamente até uns 30 graus e os objetos ficaram parados.

Noutras experiências, com a mesma inclinação da mesa, deslocava-se a podido um só objeto. Fêz-se, por exemplo, rolar até o chão o lápis, enquanto os demais objetos permaneciam imóveis. Em nova telecinesia, com a qual de novo se adquiriu a mesma inclinação da mesa, pediu-se para deslocar-se o copo. Os outros objetos permaneceram imóveis, mas o copo deslizou até a borda onde é pego por um dos assistentes”.⁷¹

10. Jaelliot, L.: “La fin du monde des esprits”, Paris, 1897, págs. 245, 281, 282 e 295 respectivamente.

11. Home, Daniel-Dunglas: “Incidents of my life”, 2 vols., Londres, Tinsley, 1863. Citemos aqui da tradução francesa: “Révelations sur la vie surnaturelle”, Paris, Dentu, 1864, págs. 222 e 44 respectivamente.

Noutra experiência, perante o príncipe Luís Napoleão, um candelabro, com velas acesas, levantou-se no ar e, ao mesmo tempo, ia-se inclinando até adquirir a posição horizontal; as chamas das velas adotaram também a mesma posição horizontal.¹²

Neste caso a telergia estava agindo como um tubo horizontal para inclinar candelabro e chamas.

Freqüentemente a telergia devido à natureza do objeto a submeter à telccinsia, atuará como ventosa, embora “magnética”, ou por meio de qualquer outra espécie de aderência:

Ochorowicz e depois Schrenck-Notzing, por exemplo, constataram nas experiências pouco antes citadas, que os “raios rígidos” ou “eflorescentes” envolviam os objetos numa espécie de malha, aderindo a ôles firmemente, por mais polida que fôsse a sua superfície.

Muitas vezes também a telergia mais densa para empurrar os objetos, levanta-los, pressioná-los, etc. se apresentará como um alongamento do corpo, uma espécie de pseudópode, sob as mais diversas formas.

Explanaremos mais isto nos capítulos dedicados à ectoplasmia e fenômenos dela dependentes.

Enfim, são muitas as formas e tipos de forças em que se pode apresentar a telergia. Qualquer exclusivismo não condiz com a realidade. A energia física do dotado, sob o comando da psicobulia ou vontade inconsciente, tem uma grande capacidade de transformação e versatilidade na atuação.

Relações de peso — A estreita relação entre o maior peso do objeto e a consequente maior dificuldade em movimentá-lo, é um fato observado por todos os investigadores.

Por exemplo, nas experiências de Crawford, que defenderemos no capítulo 9, a dotada, senhorita Kathleen Goligher fazia freqüentes telecinesias com mesinhas de 4 quilos e 70 gramas, outra de 2 quilos e 850 gramas, uma terceira de 2 quilos e 700 gramas, e por fim um tamborete de 1 quilo e 150 gramas.

A facilidade, rapidez, segurança e altura das telecinesias era inversamente proporcional ao peso das mesas, como comprovou muitas vezes o Dr. Crawford.

12. Hellenbach, em “Verurtheile...” n.º 3, pág. 265.

O Dr. Crawford era muito inclinado a este tipo de verificações por ser professor de mecânica aplicada na Universidade de Belfast. A respeito da altura, por exemplo, escreve:

Com as mesas, “a altura dos levantamentos variava entre 20 e 30 centímetros, mas com o tamborete podíamos chegar a muito mais... A elevação do tamborete foi um dos mais belos fenômenos que tenho visto. Estava tão elevado no ar que eu poderia facilmente passar por baixo, se inclinasse a cabeça”.

Este fato, evidentemente, demonstra que a telergia é uma força física que, logicamente, tem suas limitações e muito estreitas. Tais limitações não seriam explicáveis se a força que realiza as telecinesias fôsse espiritual. Mais um capítulo para compreendermos que as telecinesias são fenômeno E.N. e não P.N.

Sendo fenômeno físico, compreende-se também que as telecinesias nunca sejam de movimento amplo. Maior amplitude do movimento supõe maior trabalho e consequentemente maior desgaste de energia.

Crawford, por exemplo, observou nas suas experiências que as telecinesias com aquela dotada “tinham uma altura crítica, que julgo estar a uns 20 centímetros do chão; o gasto de energia... encontra-se então no seu ponto mínimo... Chega-se a uma altura muito maior, mormente no fim da sessão. Assim, vi uma mesa subir com a superfície até a altura do meu ombro. Mas nos levantamentos mais altos, é bem menor a estabilidade da mesa, que oscila lentamente de um lado e de outro... Parece que agem com dificuldade; a mesa se eleva com movimentos bruscos... e não por elevação gradual. A elevação mais alta que observei foi a do tamborete. A altura máxima das levitações, quanto me foi dado observar, é de um metro e vinte centímetros”.

“Conclusão: parece existir uma altura crítica... O que ultrapassar esta altura exige um esforço visível”.^{13*}

13. Crawford, W. I.: “The reality of psychical science”, New York, 1919; e “The psychic structures at the Goligher circle Hints and observations for those investigating the phenomena of Spiritualism”, London, I. Watkins 1921. Estes três trabalhos, juntos, foram traduzidos e prefaciados por Sudre, René: “La Mécanique psychique”, Paris, Payot, 1923. Nós temos copiado da tradução portuguesa feita, a partir da tradução francesa, por Magalhães, Haydée de: “Mecânica Psíquica”, São Paulo, Lake s. d. (1963), págs. 34, 36, 37 e 44.

Limites de força — E Richet, representando a investigação na época da metapsíquica, conclui: “Aprofundando mais nas características dos movimentos de objetos, vê-se que o mais freqüente, seja com Slade, seja com Home, seja com Eusápia, é parecer serem produzidos por um ser humano e não ultrapassarem o limite das forças de um ser humano médio. Produzem-se facilmente quando o objeto é leve, mas dificilmente quando o objeto é pesado; quando o objeto é muito pesado, absolutamente não se produzem. A força que desloca os objetos é limitada e é aproximadamente da ordem da força do um homem. Enquanto que, se fosse uma força de ordem transcendental, diferente das forças mecânicas conhecidas e de uma outra natureza essencial, não haveria razão para que um peso de mil quilos não fosse levantado tão facilmente como um peso de uma grama”.¹⁴

Sudre escreveu a respeito das grandes telecinesias: “a força misteriosa que produz os movimentos... constata-se ser análoga à de um ser humano. E’ capaz de realizar efeitos delicados, mas dificilmente ultrapassa a força de um homem vigoroso. Não obstante, a literatura tem registrados casos excepcionais, onde a força é maior”.

“Por exemplo, Stainton Moses lê, elevar-se uma pesada mesa do ncuju que dois homens só com dificuldade conseguiram deslocar; Home provocou a elevação de um piano; Oehorowicz o Lebedzinski viram, em pleno dia, um harmônio, que pesava mais de 100 quilos, deslizar sobre um tapete. Schrenck-Notzing viu, com boa luz, levantar-se até 15 centímetros de altura, o lado de um piano que pesava 050 quilos”. Claro que o peso levantado é bem menor, dado que o piano não se elevou inteiramente, mas apenas de um lado.

“.. A força que se exerce seria a força exteriorizada do mesmo dotado, tendo-se em conta que, em determinados casos da tensão nervosa, a força pode superar muito a normal”. Este aproveitamento ao máximo da força física do organismo do dotado e só dele, é uma primeira explicação destes casos raros de telecinesias de objetos pesados.

O mesmo Sudre, como em geral todos os especialistas, aponta uma segunda explicação para outros casos de tele-

14. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a cd., Paris, Alcan, 1923, págs. 570 s. (Há tradução portuguesa).

cinesias grandes ou de objetos pesados: a telergia do dotado com a colaboração de certa quantidade de telergia tomada dos assistentes. Já falamos desta ação “polipsíquica” ou melhor diríamos, “polifísica”. Em geral, é pouca a energia emprestada dos assistentes, não sendo estes grandes dotados (são pouquíssimos os grandes dotados; coincidirem dois seria excessiva “sorte”), mas a pouca força tomada de um dos assistentes é suficiente, somada à grande quantidade de telergia emanada do dotado, para explicar todos os casos. Como conclui Sudre “o importante a constatar é que a força desdobrada permanece numa ordem de dimensão humana. Jamais, por exemplo, se viu entre as manifestações mais violentas, demolir-se um tabique, ou mesmo derrubar-se uma porta”.¹⁵

Conclusões de Crawford — Crawford põe como “conclusões gerais” de suas experiências a respeito: “quando o levantamento da mesa é feito regularmente, o peso acrescentado ao do médium é sensivelmente igual ao da mesa. Portanto... a sede da reação (telecinética) parece ser o médium mesmo”. Quando, porém, há efeito “polipsíquico”, como nestas experiências de Crawford, onde os seis assistentes das sessões (sem contar o próprio Crawford) eram dotados em algum grau, há uma parcela de telergia que emana dos assistentes e pode apoiar-se nêles.

Por exemplo: “tirando-se a média, o acréscimo de peso do médium parece ser 3% menor que o da mesa levantada”. Crawford fez várias experiências, pesando os assistentes também e concluiu: “repeti a experiência várias vezes, até ficar absolutamente seguro do resultado. Por conseguinte, uma pequena parte da reação ocorre sobre todos os membros do círculo ou sobre muitos dentre eles, sem contar o médium”. Mas, “se a mesa é oprimida em sentido vertical, o médium sofre momentaneamente um acréscimo do peso”. Igualmente “o peso do médium aumenta durante os deslizamentos da mesa sobre o assoalho. Julguei, pela alteração do fiel da balança, que o acréscimo era de 1.300 a 1.800 gramas, o que correspondia à força necessária para empurrar o móvel com pouca fricção sobre o assoalho”.¹⁶

15. Sudre, René: “Traité (lc Parapsychologie”, Paris, Payot, 1956, págs. 276 s. (Há tradução portuguesa).

16. Crawford, William, tradução de Magalhães, Haydée de: “Mecânica, ...”, o. c., passim. As palavras citadas estão nas páginas 38, 39, e 40 respectivamente.

Experiências semelhantes são típicas. Foram feitas com Eusápia pelos investigadores do "Institut Général Psychologique";¹⁷ com Stanislaw Tomczik, por Grunewald¹⁸ e, posteriormente por Schrenck-Notzing,^{19 20} etc.

Colaboração dos assistentes — Outro tipo de experiências, muito significativo, para mostrar a dependência que a telecinesia tem da telergia emanada dos dotados e dos assistentes, quando há efeito polipsíquico, é a "ruptura da corrente". Lamentavelmente, este tipo de experiência foi pouco freqüente, ao menos em circunstâncias que ofereçam garantias científicas.

Du Prel escrevia: "Nas sessões espíritas comprovou-se que a... força motora emana do médium e também dos assistentes. De modo geral, o médium só se distingue das demais pessoas pela maior facilidade de emanação dos eflúvios ódicos (telergia) que possui. Nessas sessões, insiste-se muito em que a cadeia formada pelas mãos não se deve romper, porque haveria a interrupção do fenômeno..."

"Assim, por exemplo, os objetos que flutuam no ar caíram no momento em que se rompia a corrente. Isto é uma boa prova de que a força para o levantamento é tirada dos assistentes. Assim sucedeu numa sessão em Auteuil com uma guitarra que flutuava acima do círculo dos assistentes: caiu sobre a cabeça de um deles arranhando (-> quando este, querendo agarrá-la soltou a mão do seu vizinho".TM

Eusápia Palladino explicou, em transe, a Ochorowicz que a telergia dos "raios rígidos", que realizava as telecinesias,

17. Veja-se o relatório sobre Eusápia em "Bulletin de l'Institut Général Psychologique", 1908, dezembro, págs. 441 ss.

18. Grunewald, Fritz: "Physikalischen-mediumstische Untersuchungen", Pfullingen, Baum, 1920. Grunewald construiu uma balança especial: a cadeira do médium estava sobre uma plataforma sustentada por um sistema de molas, de forma que qualquer variação era transmitida por variações de resistências elétricas a um galvanômetro e registrador.

19. Schrenck-Notzing, A. E., tradução de Longaud: "Les phénomènes physiques...", o. c., págs. 121 ss. Devemos advertir, contra Schrenck-Notzing, que a telergia nem sempre atua como um braço só apoiada no dotado, "lei fundamental da telecinesia", como dizia Schrenck-Notzing, pois pode, especialmente para pesos grandes, atuar como uma alavanca, apoiando-se no chão, etc.

20. Du Prel, Barão Cari na revista "Zukunft", n.º de 7 de maio de 1898.

emanava dela sendo robustecida pela telergia emprestada dos assistentes unidos pelas mãos em cadeia. E por isso, dizia, se rompem a cadeia, os raios rígidos se reabsorvem, com sensação dolorosa para a médium e os objetos caem em seguida. Ochorowicz endossou as asserções de Eusápia, após tê-las verificado em experiências sistemáticas.²¹

Exaustão física — Ao mesmo Ochorowicz afirmava Stanislaw Tomczik, durante as experiências a que já nos referimos, que para a produção dos "raios rígidos" ela experimentava uma sensação de entorpecimento e de formigamento na ponta dos dedos. Era como se um fluido escapasse sob pressão, de sua pele, por pequenas aberturas. De fato, Ochorowicz comprovou que Stanislaw, durante a realização das telecinesias, tinha as mãos frias e úmidas; o corpo experimentava calafrios, as pulsações cardíacas subiam até 128 por minuto. A médium queixava-se de fortes dores de cabeça. Após as sessões acusava grande debilidade e tinha necessidade de muito repouso para se restabelecer.

Ochorowicz, atribuirá tudo isto, e é lógico, ao transtorno fisiológico e perda de energia que supõe a emanação telérgica. Morselli comprovou que se dava um enfraquecimento parcial também nos assistentes:

Após uma sessão com Eusápia, os cinco assistentes tinham menos força física, marcando no dinamômetro, em média, seis quilos a menos na mão direita e a considerável soma de 14 quilos a menos na mão esquerda.²²

Morselli notou que, durante esta sessão, tinha-se tornado canhoto por algum tempo. Eusápia, pelo contrário, durante a sessão, parecia ter perdido seu canhotismo.

A farmácia "assombrada" — Os fenômenos espontâneos são freqüentemente muito mais intensos do que os realizados em sessões ou em laboratório: qualquer tentativa de participação da vontade consciente inibe a manifestação destas fa-

21. "Annales des Sciences Psychiques", 1901, pág. 204.

22. Morselli, Enrico: "Psicologia e Spiritismo. Impressioni e note critiche sui fenomeni medianici di Eusapia Palladino", 2 vols., Torino, Bocca, 1908, t. I, pág. 369. Esta obra, resumida, fora publicada pelo autor com o título de "E. Palladino et la réalité des phénomènes médiumniques", em "Annales des Sciences Psychiques", 1907, ns. 4 e 5.

culdas inconscientes. Os fenômenos espontâneos costumam dar origem ao que o povo chama de “casas mal-assombradas”. Nestas, 6 típico o fato de que, uma vez retirada do local determinada pessoa, os fenômenos cessam. Êste fato, mil vêzes comprovado, mostra a vinculação da telecinesia ao dotado. Nesses casos, aliás, o fenômeno não é psicocinesia paranormal, porque a psicocinesia, como fenômeno espiritual, prescindiria da distância. E' justamente a telecinesia, devida à tclrgia, fenômeno físico, que exige ação a curta distância., a presença do dotado do qual emana a fôrça física, realizadora da “assombração”.

Casos para. confirmar o dito são inumeráveis. Completamente ao acaso, tomamos um do nosso fichário:

O senhor G. A., de 58 anos, farmacêutico, declara na Delegacia de G. (sic), na França, que sua farmácia está “assombrada”. Todos os dias, de maneira misteriosa, há deslocamentos de objetos, com freqüentes estragos materiais. Por exemplo: um tubo do fogareiro que estava colocado sobre uma cadeira, cai por terra. E' recolocado na cadeira, e volta a cair. E' recolocado de novo com o maior cuidado c, pouco depois, de novo rola por terra; umas caixas de selos o de pílulas caem de maneira inexplicável e se quebram: dois litros de vidro, um almofariz, uma pequena garrafa caem violentam ente sobre a cabeça da empregaria; um recipiente com dois quilos de naftalina, voa misteriosamente, eai no chão e quebra-se; os vidros colocados nas prateleiras, caem incompreensivelmente: chegaram-se a contar vinte vidros caídos, dos quais doze se quebraram.

Após êstes acontecimentos, o farmacêutico, pensando que esta “brincadeira” de mau gosto c decepçante banalidade sc deveria ao demônio, vai ter com o vigário do lugar. Este lhe dá umas medalhas de São Bento. Não adiantou nada, e na semana seguinte, multidão de objetos caem, voam, causando ao farmacêutico prejuízo de uns 50 recipientes quebrados, eom seu conteúdo esparramado. O homem atribui então a responsabilidade da “brincadeira” aos espíritos dos mortos... Nenhuma prece espírita adiantou também nada.

Até que, por fim, após o inquérito policial, comprova-se que os fatos se realizam sempre em presença da jovem empregada. As circunstâncias são tais que excluem qualquer hipótese de fraude. O farmacêutico despede a empregada. Imediatamente tudo se acalma.*

23. Tizané, E.: “Sur la piste de Thomme inconnu”, Paris, Amiot-Dumont, 1951, Processo verbal n.º 29 de 29 de janeiro de 1930 na “Ger-darmerie” de G.

Casos idênticos, como veremos ao estudarmos as “casas mal-assombradas”, são inúmeros. Essas barafundas cessam ((liando afastada a pessoa que, no seu desequilíbrio psicofísico deixa escapar (psicorragia) suas energias (telergia). Claro os tá que o resultado será o mesmo quando se acalma ou se cura o dotado, cm vez de afastá-lo do local.

PsicoBULIA — A telecinesia, como todos os fenômenos parapsicológicos, além do aspecto meramente físico ou movimento de objetos pela. tclrgia, tem outro aspecto psíquico: o fenômeno é dirigido pela. mente, pelo psiquismo que deixa no fenômeno sinais da sua inteligência, vontade e demais qualidades.

A êste conjunto de qualidades psíquicas do dotado, geralmente inconscientes, que acompanham, ou melhor, dirigem os fenômenos parapsicológicos, chamamos psicobulia (psiché = alma; bule.- vontade e reflexão).

Convém precisar bem a terminologia: em “A Face Oculta da Mente”, empregamos a palavra “telebulia”, cujo significado não se deve confundir com o significado de “psicobulia”.

Sc não etimologicamente, ao menos em sentido real, Psicobulia representa a vontade e, em geral, as qualidades psíquicas do dotado que realiza o fenômeno. Telebulia (tclc = longe) representa a vontade c qualidade psíquicas não do mesmo dotado, mas de outra pessoa (segundo a etimologia: de uma pessoa ausente), cujas idéias ou desejos são captados pelo dotado.

Correlação muscular — Nos casos experimentais, com os dotados cm transe, quando eles não anunciam o que desejam fazer, seus desejos inconscientes se podem deduzir pela atitude fisiológica.

Assim, por exemplo, nas experiências, antes descritas, do Dr. Schrenck-Notzing com Willy Schneider, quando êste queria movimentar um objeto à distância, além do enorme esforço perceptível pelos tremores e respiração ofegante, via-se que todo o seu corpo se esticava como pretendendo chegar, com o ombro direito, até aos comandos da vitrola que estava situada a mais de um metro de distância.²⁴

24. Bender, Hans: “Parapsychologie, Entwicklung, Ergebnisse, Probleme”, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966, pág. 486.

A propósito de *Palladino*, escrevia Richet, resumindo suas próprias experiências e as dos demais investigadores: “Cada movimento de objetos à distância parece provocado por um esforço muscular enérgico de Eusápia. Ela contrai seus braços, seus joelhos, seu corpo. Tudo se passa como se sua contração muscular devesse agir à distância”.²⁵

Lombroso refere experiências nas quais Eusápia acendia e apagava repetidas vezes, à distância, uma lâmpada, sem que se percebesse o barulho do interruptor que estava no bolso do Dr. Morselli e acrescenta: “Não devemos esquecer uma circunstância: o acender-se e o apagar-se da lâmpada correspondiam a pequeno movimento que o dedo indicador de Eusápia fazia na palma de minha mão. Quase sempre encontrávamos estas sincronias entre os fenômenos e os gestos da médiumX”

Inclusive, numa ocasião, em sessão celebrada na Universidade de Nápoles, ao mesmo tempo que um copo era lançado violentamente contra o chão, Eusápia dava um “formidável pontapé” num dos controladores.²⁶

De Goligher, entre as “conclusões gerais baseadas nos resultados... de minhas experiências e observações, durante mais de dois anos e meio” anotava Crawford, que “todos os movimentos do raio (telérgico) são produzidos no íntimo do corpo do médium. Isto afirmava porque observara a estreita ligação que existe entre as telcoinesias e os movimentos musculares, inclusive os mais internos, do médium.”²⁷

E assim poderíamos ir citando muitos outros experimentadores. finte automatismo motor, precedendo e acompanhando as telecinesias, mostra claramonte que estas não só fisicamente (telérgica) mas também psiquicamente (psicobulia) têm sua origem no dotado.

O professor Bottazzi, um dos investigadores de Eusápia Palladino, expressava assim esta mesma conclusão: “Para mim, a razão fundamental que me faz excluir a hipótese cs-

25. Richet, Charles: “Traité...” o. c., pág. 542.

26. Lombroso, Cesare: “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Torino, Utet, 1914 (1.^a ed. 1909). Citamos da tradução de Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo e Mediunidade”, Rio de Janeiro, FEB, s. d., pág. 136.

27. “Annales des Sciences Psychiques”, 1907, pág. 650.

28. Crawford, William, tradução de Magalhães, Haydée de: “Mecânica...”, o. c., págs. 110 s.

pirita genuína, está no fato indiscutível de que os fenômenos mediúnicos se encontram em estreitíssima dependência do organismo fisiológico e do psiquismo do médium^{28 25 26 27 28 29}.

Intervenção da vontade — A psicobulia na telecinesia com frequência aparece muito claramente. O mesmo fato da existência da fraude em dotados autênticos, quando estão em transe, mostra que o fenômeno é originado na vontade inconsciente. Quando o inconsciente não consegue liberar a telérgica suficiente, recorro à fraude. Não se trata, nestes casos, de fraudes de charlatães ou espertalhões feitas conscientemente. Trata-se de fraudes inconscientes e irresponsáveis.

Palladino, Schneider, Home, Goligher etc., muitas vezes, falando durante o transe, anunciavam previamente o fenômeno que queriam realizar. Inclusive, às vezes, intentavam realizar determinados tipos de telecinesia, a pedido. Claro que, nem sempre, depois, conseguiam realizar o que anunciavam ou o que se lhes pedira. E nem todos os dotados conseguem anunciar previamente seus desejos inconscientes.

Nos casos espontâneos onde toda tentativa de indução e direção experimental está ausente, é mais raro que o inconsciente manifeste previamente o que intenta realizar.

E' como nos sonhos: pode-se induzir experimentalmente um determinado sonho. Algumas pessoas podem prever de antemão e anunciar o que sonharão. Mas, geralmente, o inconsciente “se expressa”²⁹ nos sonhos, espontânea e imprevisivelmente.

Mas mesmo nos casos em que a psicobulia não é previamente manifestada, pode ser descoberta pela análise.

O famoso psicólogo C. G. Jung refere no seu livro póstumo “Recordações, Sonhos e Pensamentos”,³⁰ entre outros fatos estranhos, acontecidos na sua casa paterna, o caso de uma mesa grossa que se rachou pelo meio e, pouco depois, um pão se partiu em pedaços espontaneamente, sem nenhum contato normal, durante uma forte crise de irritabilidade de um paciente.

29. Bottazzi, Filippo: “Nelle regioni inesplorate della Biologia umana. Osservazioni e sperimenti su Eusapia Palladino”, Roma, Revista D'Italia, 1907, pág. 130.

30. “Erinnerungen, Träume, Gedanken”.

Um simbolismo de destruição, de agressividade, como esse, é facilmente compreensível. Outras vezes o simbolismo não é tão manifesto, especialmente nos casos experimentais, onde o fenômeno é menos espetacular, em via de regra.

Musset e a campainha — Nos casos espontâneos, geralmente mais espetaculares, as vezes se percebe mais facilmente a psicobulia ou, mais concretamente, a vontade de realizar determinado efeito. Como no caso de Alfredo Musset.

O grande poeta estava gravemente doente. Precisava chamar alguém. Estava tão débil que não podia se levantar. A vontade de tocar a campainha era muito grande. Musset olhava para a campainha aflito... e, do repente, a campainha tocou sozinha. As senhoras Martillet e Glaudet; confirmam ambas o fato. Elas mesmas viram a campainha movimentando-se e ouviram-na tocar. Pouco depois chegou a empregada: ouvira a campainha.³¹

Neste caso, a vontade consciente inundou também o inconsciente. O estado de saúde e mesmo as qualidades psíquicas do poeta facilitaram a psicorrágia ou liberação da telergia que causou a telcincinsia.

Simbolismos : o relógio — Voltando à comparação com as conhecidas manifestações do inconsciente nos sonhos, também nas teleinesias (ou (Mn, todo fenômeno parapsicológico) o inconsciente apresenta seus simbolismos. Nos sonhos tais simbolismos são freqüentemente tão difíceis de interpretar, que o próprio sonhante não consegue entender nada, precisando da ajuda da difícil técnica do analista. Nas telcincinsias também há dificuldade, freqüentemente, na interpretação das simbolizações, embora se deva reconhecer que a dificuldade intrínseca não é tão grande como nos sonhos.

O inconsciente, a psicobulia, não consegue manejar com facilidade a telergia para poder expressar-se com precisão por meio da telecinesia. A dificuldade na interpretação das telecinesias, implica, na realidade, que o estudo da linguagem das

31. Lefèvre: "Musset sensitivo", em "Annales des Sciences Psychiques", 1899, págs. 106 ss.

telecinesias, pela sua raridade, tem sido menos difundido, enquanto que o estudo da linguagem dos sonhos, pela sua freqüência, é hoje universal e conta com muitos anos de experiência.

Os casos espontâneos, fora das sessões experimentais, freqüentemente apresentam maior vistiosidade.

O engenheiro agrônomo, doutor H. Faber, de Bissen (Luxemburgo) refere que seus pais e outras pessoas estavam muito angustiados à cabeceira de um amigo agonizante. De repente, um relógio de parede que havia longos anos estava parado, começou a bater desordenadamente com barulho formidável e ensurdecedor, como se alguém estivesse a malhar uma bigorna. Os assistentes levantaram-se aterrados, interrogando uns aos outros o que poderia ser aquilo... Alguém chamou a atenção para o moribundo que pouco depois exalava o último suspiro.³²

Neste caso, abundante força telérgica é libertada na crise da extrema agonia. A linha gême da psicobulia parece esta: o inconsciente do moribundo quer manifestar que após a luta terrível da morte (fortes pancadas), vai começar a verdadeira vida (relógio funcionando). Ou também: que vai começar uma vida (relógio funcionando) diferente, triunfante, sem as crises da situação atual (fortes pancadas).

C) simbolismo do relógio parado que começa a funcionar ou, pelo contrário, do relógio que deixa de funcionar, é muito freqüente para simbolizar, respectivamente, segundo o aspecto mais sentido, a vida que começa após a morte ou a vida que termina com a morte. Teremos várias ocasiões de citar, a outros respeito, diversos exemplos deste simbolismo.

Simbolismo militar — Nos casos espontâneos, apareceu algumas vezes uma psicobulia inclusive de bastante precisão e inteligência.

A senhora Bousoulade, esposa de um alto funcionário do Ministério da Fazenda da França, refere o seguinte fato, que confirmam todas as demais testemunhas:

32. Flammarion, Camille: "Les maisons hantées", Paris, Ed. Flammarion, 1923; citamos da tradução de Quintão, M.: "As casas mal-assombradas", Rio de Janeiro, FEB, s. d. (1952), pág. 213.

A senhora Boussoulade estava passando as férias de verão numa encantadora e aprazível herdade de Vodable, no Auvergne, em companhia de suas duas filhas e de uma prima, também com seus filhos. O mês de julho e agosto passaram agradavelmente, apesar das notícias que chegavam da guerra que começara, mas sem grandes repercussões em Vodable.

No dia 1º de setembro, fugindo de Paris, que estava em perigo, chegou uma irmã da senhora Boussoulade, em companhia de seu filho de 19 anos. Sete dias depois, terminava o sossêgo encantador daquela casa: estava reunida toda a família às oito e trinta da noite, quando ouviram soar a campainha da escada. "Ninguém tocar no cordel, que estava à nossa vista". No dia seguinte, dia 8 do setembro, à mesma hora, nova chamada. Depois, um quadro caía, diante de todos, sobre a cabeça do rapaz.

No dia 9, de manhã, um sabre que estava numa panóplia, 6 arrancado de sua bainha. Nessa mesma noite, de novo às oito e trinta, soa a campainha e torna a cair o mesmo quadro.

No dia 11, a campainha soa reiteradamente durante meia hora, exacerbando os moradores que colocaram papel dentro dela: o papel é logo arrancado misteriosamente e a campainha continua a tocar. Para ficarem tranqüilos, arrancaram-lhe o badalo, mas então, um quadro agitou-se violentamente na parede, balançando-se.

No dia seguinte, dia 12, todos os quadros da sala estavam deslocados. As sete da noite, um porta-vaso que estava na escada, caiu e rolou até embaixo. Recolocado no lugar, tornou a cair.

Dia 18, as fechaduras de um quarto, como a da porta do corredor de acesso aos outros quartos, estavam fechadas com duas voltas e com a chave do lado de dentro, onde não havia ninguém: tiveram que arrombar as fechaduras para entrar. Naquele mesmo dia, toda a família e mais dois visitantes viram como um quadro se deslocava da parede e caía no centro da sala: gancho e cordel ficaram intatos. U'a mala tombou de cima de um armário. Fecha-se outra porta e desaparece a chave.

Fenômenos parecidos vão-se repetindo e avolumando-se. O quadro que voou, no dia 14, por cima da cabeça da empregada deixou na parede o gancho e o cordel. O rapaz, quando estava para adormecer, no dia 16, vê que seu leito de acaju, muito pesado, vai-se levantando. Aos gritos do jovem, acodem a mãe e sua prima, e presenciam como o leito continua a se levantar até ficar quase vertical. No leito do moço encontravam-se, quase todas as noites, diversos objetos, dentro dos lençóis, como se lá fôssem dormir. Um busto do antigo proprietário foi aí encontrado "cômodamente deitado" com as cobertas aconchegadas até o queixo.

Decidiram voltar a Paris. Naquele dia, nenhuma cadeira ficou de pé, nenhum quadro no seu lugar, os móveis da sala de visitas foram derrubados e voltaram a cair quando os levantaram. Reunidos para o último jantar todos viram como a mesa começou a oscilar, elevou-se e foi colocar-se ao lado da mãe do jovem.

Voltando a Paris, tudo se acalmou por algum tempo. Mas, no dia 17 do mês de dezembro, reúne-se de novo toda a família, inclusive o Sr. Boussoulade, na casa da mãe do rapaz. Fala-se da partida do jovem para o serviço militar no dia seguinte. Imediatamente se renovaram os fenômenos. O jovem retirou-se com sua mãe. Tudo voltou à normalidade. Quando voltou, uma hora depois, a mesa começou a trepidar e os objetos a cair.

No dia seguinte, o jovem partia para a guerra, onde morreria, cinco meses mais tarde. Com sua partida, cessaram as telecinesias na casa dos seus parentes.**

Como se terá observado, a presença do rapaz é necessária para a realização dos fenômenos, embora nos pareça poder atribuir certa colaboração, como efeito polipsíquico, aos demais membros da família. E, inclusive, pode ser que algum fenômeno tenha sido realizado por algum outro membro da família, psiquicamente contagiado pelo jovem, como por um catalizador.

Analisando o caso, certas linhas gerais da psicobulia podem ser facilmente compreendidas. Em primeiro lugar, tudo indica que a psicorrágia (liberação das forças inconscientes, neste caso causadoras das telecinesias) teve origem no medo do jovem, (e de seus parentes mais próximos, talvez contagiando-se mutuamente) de ser chamado para a guerra.

Os símbolos empregados são bastante típicos e se encontram em outros muitos casos. A campainha a chamar é o medo de que venham procurá-lo, é a chamada do Exército para a guerra. O sossêgo da casa de Vodable não era para ele: o leito se levanta como para arrojá-lo fora. Os quadros e outros objetos a cair são símbolo da morte, que o ameaçava na guerra. Talvez o inconsciente estivesse já anunciando o que por precognição conhecia: que de fato morreria na guerra. Inclusive, talvez, não tenha sido casualidade que o primeiro quadro a voar tivesse tombado precisamente sobre a cabeça do jovem.

33. "Revue Métapsychique", 1921, novembro.

Em contraposição a êstes medos, aparece o desejo do jovem de permanecer na tranqüilidade da quinta de Vodable em companhia dos entes queridos. Daí o simbolismo de os objetos, representando o rapaz, deitarem-se e aconchegarem-se na cama.

No último jantar, a mesa foi a procura da mãe do môço, fato que parece significativo: o jovem queria ficar com a mãe.

Êstes símbolos, repetimos, são típicos em outros casos espontâneos, como veremos, por exemplo, no estudo das "casas mal-assombradas", em outro livro.

Nos casos experimentais, não é fácil encontrar psicobulia com simbolismos claros e precisos. Inclusive nestes casos tão brilhantes, quando, em Paris, quiseram fazer perguntas á mesa para que respondesse, indicando *sim* com uma pancada e *não* com duas pancadas, a tentativa de experimentação teve por resultado "respostas ridículas, e incoerentes".

Em "A Face Oculta da Mente" vimos que o inconsciente tem uma admirável inteligência. Às vêzes êle pode manifestar esta inteligência em sonhos, ou por meio de fenômenos do efeitos mistos como as chamadas pragmáticas: (escrita automática, bola, do cristal, radiestesiú), etc.

O inconsciente, porém, encontra muita dificuldade em manifestar sua inteligência por meio de fenômenos do efeitos físicos, que são mais difíceis, mais incontroláveis, mais raros. E esta dificuldade é especial. É notória, nos casos experimentais, mesmo tratando-se dos melhores dotados. Não se pode obrigar o inconsciente a sair de sua espontaneidade para submeter-se a trilhos pré-estabelecidos.

Nos mesmos sonhos onde o inconsciente tem muito maior facilidade de expressão, junto com grandes mostras de inteligência, apresenta, às vêzes, os maiores disparates, ingenuidades e absurdos.

Enfim, são muitos os fatos e circunstâncias que provam a estreita vinculação da telecinesia com o dotado tanto no campo físico (telergia) como no psíquico (psicobulia). Todo êste tratado da telecinesia, acumula bastantes provas positivas dessa dependência. É evidente que a telecinesia é um fenômeno humano, embora inconsciente. As provas negativas,

isto é, os argumentos que demonstram que êstes fenômenos não se devem a nenhum agente diferente do próprio homem ou a nenhuma entidade do além, por razões metodológicas, vamos deixá-los para outro livro. Veremos também que todos temos as faculdades parapsicológicas: são humanas, embora só raramente se manifestem ou só em algumas pessoas.

Deve-se classificar a telecinesia, por força de vários argumentos, entre os fenômenos extraordinário-normais. A gaiola de Faraday constitui obstáculo intransponível à telecinesia.

A psicobulia, ou psiquismo inconsciente, dirige as telecinesias.

Há simbolismos perfeitamente analisáveis.

A telecinesia, como fenômeno físico, está submetida aos limites físicos de espaço e força.

É fenômeno que se deve ao próprio homem.

2.^a
PARTE

Fenômenos
de Ectoplasmia

Ectoplasmia

EXTERIORIZAÇÃO DO PLASMA HUMANO

Figuras informes e vaporosas surgem do médium. – Nos lugares mais abstrusos escondem material fraudulento. – U'a mão completa7itar toca o sÍ7io – Nuvem luminosa rompe galhos. – Dotado move uma caixa "sem contato".

Conhecemos a telergia, que poderíamos defender como uma força psicofísica exteriorizada. Algumas vezes esta força está condensada, como já vimos, apresentando-se até visivelmente. Uma força condensada, dirigida pela psicobulia e dependente dela, teoricamente poderia ser modelada. Ao menos a telergia visível tem sempre diversas formas...

A exteriorização dessa substância e sua formação externa, mais ou menos modelada e modelável, foi descrita de maneira sistemática, pela primeira vez entre os metapsíquicos, por Schrenck-Notzing. Ele a chamou teleplastia.¹ Outros especialistas a designaram pelos nomes análogos de teleplasia, tele-

1. Veja-se, por exemplo, o título mesmo de uma das obras de Schrenck-Notzing, A. F.: "Materializations Phaenomene. Ein Beitrag zur Erforschung der mediunistischen Telcplastic", Múnehen, Reinhardt, 1923.

plasmia, assim como ectoplasia, ectoplastia e ectoplasma. Nós adotaremos o termo ectoplasma porque, designando o fenômeno, é o termo mais freqüentemente usado.

Ectoplasma ou, em concreto, ectoplasma, deriva do grego "ectós" = fora e "plasma" = coisa formada ou modelada. O termo foi criado por Richet: "De início, uma massa confusa, mais ou menos informe... são estas formações difusas que eu chamo ectoplasmas, por que parecem sair do corpo... às vezes se vêem ôstes ectoplasmas organizando-se pouco a pouco..."² Ectoplasma designa o fenômeno; ectoplasma a substância.

Um recorde na fraude — Talvez o mais famoso truca-dor em ectoplasma tenha sido o médium espírita Ladislav Lasslo.

Em 1921, Wilhelm Tordai, alto funcionário do Ministério das Finanças de Budapeste, recebia a visita do jovem Lasslo, que se proclamava grande médium.

Tordai hospedava Lasslo e com ele organiza numerosas sessões de espiritismo.

As precauções para evitar a fraude, foram sempre escrupulosas: Uma comissão vigia Lasslo, sem perdê-lo de vista um segundo, durante as 24 horas que precediam a cada sessão. A mobília das salas das sessões era rigorosamente revistada.

Lasslo era inteiramente despido antes de cada sessão. Uns médicos exploravam seu reto, faziam-lhe lavagens do estômago e lhe administravam vomitórios. Durante a sessão, os controladores tinham as mãos de Lasslo entre as suas. Tiravam-se numerosas fotografias. Era o mesmo Lasslo que exigia o máximo controle. E não obstante, Lasslo era um falsário que trucava conscientemente!

A 21 de dezembro de 1923, houve um incidente perante a comissão nomeada pela entidade que deveria adiantar os fundos para uma "tourné" mundial, a fim de demonstrar suas faculdades "teleplásticas". Lasslo engasgou-se e expeliu da bôca um estranho volume. Um dos observadores o agarrou apesar dos esforços do médium para recuperá-lo. Lasslo teve que confessar tudo. "Confessou, escreve Schrenck-Notzing, que tudo, sem exceção, não era mais do que fraude. O teleplasma era uma faixa alongada de estopa leve. Antes da sessão, dava a um pedaço de estopa, ora a forma de uma cabeça ora a de u'a mão. A estopa estava umedecida em água e ainda

2. Richet, Charles: "Traité de Métapsychique", 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923 pág. 611.

recoberta de óleo, a fim de que pudesse deslizar mais facilmente entre os dedos se era tocada pelos assistentes. Esta estopa, enrolada e reduzida à sua dimensão mínima, deveria ser remetida a Lasslo (por um cúmplice) com a rapidez de um relâmpago, quando entrasse na cabina. Antes que a cabina fosse aberta (ao terminar a sessão), ele a metia na bôca e se desfazia dela".

Na falta de um cúmplice, Lasslo escondia seu material dentro de uma poltrona: "Com efeito, examinando-se depois a casa de Tordai, encontrou-se uma poltrona acolchoada que estivera anteriormente na sala das sessões e que continha, entre o espaldar e o assento, sob o estofamento, uma luva de borracha que... servia para simular mãos teleplásticas".

Noutras sessões Lasslo não contava nem com a poltrona, que se retirava da sala, nem com o cúmplice. Então, "metia a gaze e a estopa necessárias às suas produções (num dedo) de luva de borracha, dessas que usam os massagistas e afundava tão profundamente ôste dedo no intestino grosso que escapava ao exame anal". Outras vezes, como um hábil batedor de carteiras, metia o material no bolso dos mesmos médicos que lhe faziam o exame anatômico.

No momento oportuno, durante a sessão, Lasslo conseguia soltar suas mãos das mãos dos controladores e recuperava seu material, tudo sem que os controladores jamais o percebessem.

"Para simular variações nas dimensões do plasma que era (às vezes) de papel, aproveitava mudanças de luz e as cortinas o ocultavam para rasgar um pedaço e se sentava sobre ele: depois expunha à vista o resto da substância. Chegada a ocasião, engolia a... Quanto ao movimento sinuoso da substância sobre o chão, conseguia-o por meio de fios ou finas hastes..."³

"Ectoplasma" muito material... — "A médium escocesa, Helena Victoria Duncan (nome de solteira: Malfarlane), era considerada pelos espíritos como uma das maiores e melhores provas da intervenção dos espíritos do além, especialmente do espírito chamado Alberto, que seria o seu "espírito-guia".

3. Servimo-nos do resumo feito por Amadou, Robert: "Les grands médiums", Paris, Denoël, 1957, págs. 117-123, salvo alguns detalhes que extraímos diretamente de Schrenck-Notzing, A. F.: "L'imposture du pseudo-medium Ladislav Lasslo", em "Revue Métapsychique", 1924, n.º 2, págs. 105 ss.; e de Mondeil, G.: "Le fluide Humain devant la physique révélatrice et la métapsychique objective", Paris, Berguer, Levraut, 1927, págs. 383-446.

Durante muito tempo foi a médium principal da “Aliança Espírita” de Londres. E a revista espírita “Light” apresentou dela grandes relações elogiosas.

A especialidade de Duncan era a “ectoplasmia”. Levado pela fama alcançada pela médium, o Dr. Harry Price, diretor do “National Laboratory of Psychical Research” interessou-se pelo caso. Foi a infelicidade da médium. Um jornal de Paris, fez esta resenha-resumo da extensa relação apresentada por Price:

“Desde que o espiritismo está em voga, já foram desmascarados numerosos impostores. Poucos, porém, antes de serem desmascarados puderam iludir o público de modo tão sensacional e por tanto tempo... como este, cuja história verdadeiramente curiosa relatamos. Durante meses a médium agora desmascarada pôde ludibriar centenas de pessoas... A médium enganou durante 45 sessões consecutivas (na “Aliança Espírita”) e conseguiu ser homenageada pelos fenômenos que realizava em plena luz...”

“Para desgraça da médium, assistiu um dia a uma sessão, Harry Price. Observador experiente, analisou os fenômenos que consistiam em emissões de ‘ectoplasma’ com o qual se formava até um rosto ou u’a mão. Price ficou com dúvidas. Propôs, então, à médium e a seu ajudante, o espôso, irem ao ‘National Laboratory’ para reproduzir as mesmas manifestações que... lhes valeram grandes aplausos o vantajosos contratos por parte da ‘Aliança Espírita’..”

“...A senhora Duncan... submeteu-se a minucioso exame médico, que nada descobriu. Despida das suas roupas, que foram levadas a outro quarto, vestiu longa blusa preta fornecida pelo laboratório. Quando entrou em transe, produziu durante hora e meia, em plena luz do dia, tôda uma série de fenômenos teleplásticos. Compridos festões brancos saíam-lhe do nariz e da boca, enrolavam-se no corpo, alongavam-se, retraíam-se, mudavam de forma. A substância desenhava o rosto de uma moça, cujo nome era declinado e depois desaparecia pelos condutos por onde surgira. Tiraram-se fotografias”.

“Decidiu-se que, nas sessões seguintes, a médium, após o exame médico, seria amarrada na cadeira. Apesar disto, a senhora Duncan reproduziu com igual facilidade, os mesmos fenômenos ao tempo em que palestrava com a assistência. Em determinado momento, em meio do ectoplasma, apareceu u’a mão informe”.

“O exame das fotografias reforçava as suspeitas de Price... e durante outro transe da senhora Duncan, não vacilou em cortar... com uma tesoura vários pedaços de ectoplasma. Os fragmentos foram examinados por peritos, causando viva surpresa: um deles era, nem mais nem menos, a gaze leve que se empregava nos envoltórios

de manteiga. Outro fragmento era uma mistura de polpa de madeira e clara de ovo. Além disso, a ampliação das fotografias demonstrou que as figuras, surgidas por entre o aparente teleplasma, eram fotografias grosseiramente recortadas e que a mão informe que se vira uma vez era uma luva de borracha, muito fina, dessas usadas pelos cirurgiões”.

“Estava feita a prova da fraude (embora ainda guardassem o segredo) mas a comissão de cientistas não compreendia como a médium, apesar do rigoroso exame a que era submetida antes das sessões, conseguia ocultar essa considerável metragem de gaze, fotografias, pedaços de papel e uma luva de borracha. Recorreu-se, então, à radiografia, que tudo explicou. Os cientistas verificaram, com profunda surpresa que estavam na presença de uma pessoa... dotada de extraordinárias qualidades de regurgitação. Por essa qualidade raríssima de poder expelir em parte e reabsorver, no estômago e no esôfago, sem nenhum espasmo de vômito, as matérias ingeridas, é que a senhora Duncan conseguira ludibriar milhares de pessoas de boa fé...”

“Não duvido, disse Harry Price, depois de contar-me os fatos, que tenhamos descoberto o tipo de fraude mais sensacional já praticado na história do espiritismo”.⁴

A empregada de Duncan declarou a um repórter de um jornal de Londres⁵ que vira muitas vezes a sua senhora preparando em casa, para as sessões, musselinas leves e inclusive “bonequinhos”.

O marido quis defender a médium, dizendo que sua esposa, três horas antes das sessões, perdia o controle de si mesma e engolia aqueles objetos. A “Aliança Espírita” defendeu-a fazendo apêlo a um desdobramento inconsciente da personalidade de Duncan. Acreditamos mesmo nestas fraudes inconscientes e irresponsáveis, aliás sumamente freqüentes, mas que nem por isso deixam de ser fraudes.⁶

4. Artigo de Barnard Laporte no jornal de Paris “Le Matin”, de 7 de março de 1932.

5. “Daily Mail” de 7 de março de 1932.

6. Além dos artigos citados, veja-se Bechofer, R.: “La verità sullo spiritismo”, Milano, Mondadori, 1935, págs. 261 ss., e mormente, claro está, o trabalho do próprio Price, Harry: “Regurgitation and the Duncan

Materiais de fraude — Enfim as técnicas e materiais para trucar o ectoplasma são inumeráveis. Até cordões umbilicais e intestinos de animais têm-se usado, dando a aparência, pelos seus movimentos irregulares e deslisantes, de que se tratava de ectoplasma vivo.

A famosa médium Margary (pseudônimo da senhora Le Roi Goddard Crandon) produzia um "ectoplasma", que ao ser analisado pelos biólogos da Universidade de Harvard, se evidenciou ser o fragmento de pulmão de um animal.

Empregam-se tecidos especiais como sêda, tipo gaze ou musselina, com aparência vaporosa na escuridão. Alguns desses tecidos são tão finos que grande quantidade tem um volume insignificante, podendo ser escondido no ouvido ou até na cavidade de um dente falso. Um tecido especial de "seda" japonesa com 1,3 cm. de volume pode formar um balão de 5 metros de diâmetro.

Já manejamos pessoalmente uma substância que se vende nas lojas (ao menos nas norte-americanas) para truques de espiritismo; uma substância apresentada em drágeas que, metida na boca, desprende, quando se sopra, vapores brancos "misteriosos". Outra substância semelhante, líquida, invisível, quando untada nos dedos, produz néles, ao esfregarem-se, uma espécie de luzes ou chamas ou nuvens brancas e luminosas de notável efeito. Destas substâncias já falava o mágico Dickson nos seus desmascaramentos de médiuns espíritas.⁷

Muitos esconderijos — Fácilmo esconder estes materiais, tão pequenos em volume. As cavidades naturais do organismo têm sido muito usadas, como os ouvidos, até o tímpano, às vezes furado, e o nariz, nas suas cavidades mais profundas, de modo que em tais casos os materiais escapam fã-

Mediumship", número extraordinário em 1931 do "Bulletin of the National Laboratory of Psychical Research"; ou mais bem um livro, com "conclusion" e mais o "appendix H" publicado em separata: "London, Council at the Rooms of the National Laboratory of Psychical Research", 1931. Dedicam-se ao estudo da médium Duncan 117 páginas, com 44 fotografias, e se incluem todos os dados dos artigos citados, além de outros muitos detalhes, inclusive a declaração da própria empregada da médium Duncan, Sra. Mary McGinlay, que confessa ter ido ela mesma a comprar a musselina para sua patroa.

7. Dickson (pseudônimo artístico de Adolphe Blind) : "Médiuns, fakirs et prestidigitateurs", Paris, Albin Michel, 3927, pag. 121.

cilmente ao exame médico, se não é feito com aparelhagem especial. O estômago e o esôfago empregam-no muito certas pessoas que treinam para isso ou já têm qualidades especiais de regurgitação (mericismo, é o nome técnico; do grego "merikismós", que propriamente significa ruminação).

E' completamente falsa e tem levado a muitos enganos a afirmação de Richet, apesar de ser prêmio Nobel em Fisiologia: "Mas o que é a regurgitação ? Como fazer sair do estômago massas de uma substância móvel?.. Não há fisiólogo nem qualquer outra pessoa que admita essa possibilidade extraordinária de se contrair o próprio esôfago ou estômago à vontade".⁸ Contra esta afirmação de impossibilidade, temos muitos fatos e teremos ocasião de expor alguns mais detalhadamente, ao estudarmos os chamados aportes. Veremos casos em que se engole grande quantidade de materiais diversos que são regurgitados na ordem pedida. Líquidos são engulidos, perfumes, por exemplo, e regurgitados na ordem pedida, e sem mistura! O mesmo se faz com animaizinhos vivos, como peixes e até pássaros que são regurgitados, ainda vivos, após muito tempo, etc.

Há quem tenha escondido o material na vagina e até no útero; outros introduziram materiais dentro do ânus, em um cilindro com extremidade cônica, chegando até o colo transverso, por inversão dos movimentos peristálticos que, com muito treino, conseguem realizar, ou por meio de determinadas e hábeis manobras manuais externas. Outros usaram sapatos com sola ou saltos ocos; mesas, cadeiras, poltronas, qualquer objeto especialmente construído para ocultar até enormes quantidades de "ectoplasma" e outros materiais.

Às vezes, as senhoras escondem "ectoplasma" num saquinho de borracha ou plástico tão bem simulado e colado entre os seios ou sobre eles, que passa despercebido à vista. Depois, mesmo tendo as mãos controladas, com pequenas compressões e contorsões, "muito naturais no transe", fazem aparecer o ectoplasma espumante e gelatinoso.

O truque de Nielsen — Os lugares onde escondem gases ou materiais semelhantes para trucar o ectoplasma são os mais diversos.

8. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pag. 682.

Nosso contemporâneo, Ejner Nielsen já em 1922, com a idade de 18 anos, submetia-se a rigorosas investigações. Perante os membros da "Sociedade Norueguesa de Investigações Psíquicas", de Oslo, Nielsen era inteiramente despido, para evitar que levasse qualquer material escondido nas roupas. Logo depois, era vestido com um maiô especial que o recobria todo, inclusive a cabeça, fechando-se pelas costas. Apesar de tudo, diversas fotografias tiradas durante as sessões mostram "ectoplasmas" a sair através do maiô, pela boca e pelas narinas de Nielsen.

Um dia, porém, ao examinar-se o maiô, após a sessão, descobriram-se nêles vestígios inequívocos de fezes, em lugares onde não deveria haver tais manchas... Compreende-se a causa: "Na quinta sessão, o médium, na escuridão, detrás das cortinas, tirou o braço direito da manga direita de sua vestimenta, o que pode ser realizado, como se comprovou, dada a natureza do tecido do maiô. A mão foi assim por dentro até o reto. Foi aí que os dedos se mancharam com material fecal, que deixou seus traços visíveis... Servindo-se de um buraco no maiô, que parece ter sido feito com um dedo, colocou o ectoplasma na posição indicada pela fotografia (isto é, saindo da bôea e narinas). Finalmente, o "teleplasma" foi reconduzido, pelo mesmo buraco, à bôea e à garganta"!).⁹

Sôpr o mágico — Como aumentar o volume do "ectoplásma" fraudulento, de se o, por exemplo, após a sua conversão, o ex-médium espírita espanhol Lozano:

O "ectoplasma" era borracha fina, ou um papel forrado com gaze. Lozano ia soprando, depois de ter regurgitado o "ectoplasma", de modo que este se ia avolumando e se estendendo por cima de todo o corpo do médium. Quando deixava de soprar, pouco a pouco, o "ectoplasma" se contraía de novo. Se Lozano não conseguia engulir-lo novamente, o dirigente da sessão o escamoteava dentro de um lenço, sob o pretexto de limpar o suor e espuma do coitado do médium em transa...^{9 10}

A possibilidade de truques é enorme. A bibliografia, imensa. Bastam agora estas breves alusões.

Reabilitação necessária — Não podemos incluir, entre as ectoplasmas fraudulentas, todo o conjunto das que foram

9. Heuzé, Paul: "L'Ectoplasme", Paris, La Renaissance du Livre, 1922, pág. 174.

10. Lozano, J. H.: "Yo he sido impio", Barcelona, 1892, pág.s. 76 ss. Ugarte e Ercilla, S. J., Eustaquio: "El Espiritismo Moderno", Barcelona, Ramos, 1916, pág. 452.

observadas por Crawford com o Círculo Goligher, apesar das impugnações que contra estas experiências fez D'Albe, causando uma interminável polêmica posterior. Bem analisadas as coisas, devemos aceitar a autenticidade de muitas destas ectoplasmas.

A senhorita Kathcen Goligher, de dezesseis anos quando começaram as experiências, era a médium; embora, em diferentes graus, fossem também um pouco dotados os demais componentes do círculo: pai, três irmãos solteiros (Lily, Ana e Samuel), uma irmã casada e o cunhado, senhor Morrison.

Fazia já três anos que o Círculo vinha "desenvolvendo" suas qualidades em sessões habituais de caráter espírita, quando começou a fazer experiências científicas o doutor W. J. Crawford, doutor em Ciências, professor de Mecânica Aplicada no Instituto Técnico de Belfast.

E. E. Fournier D'Albe, após o suicídio de Crawford, pretendeu verificar as experiências. Constatou diversos fenômenos, mas parece que encontrou também fraudes. E, por causa de algumas fraudes isoladas que, inclusive, até são discutidas por bons autores, como Schrenck-Notzing,¹¹ Barrct,¹² Mackenzie,¹³ Sudre,¹⁴ etc., quis destruir todo o conjunto das experiências próprias e de Crawford: "Durante cinco sessões, eu guardava minha boa fé e meu entusiasmo. Mas viriam os esforços feitos para evitar o controle, as provas de fraude. Por fim, à vista do médium levantando um tamborete com o pé, lançar-me-ia no estupor e no mais amargo desapontamento... Terminei por esclarecer todo o sentido desta história

11. Schrenck-Notzing, Albert Freiherrn, Barão von, em "Light", 29 de julho de 1921.

12. Barrct, William Fletcher R. S.: "Report of Physical Phenomena taking place with Dr. Crawford's médium", em "Proceedings of Society for Psychical Research", 1919, vol. LXXVII, págs. 335 ss. c 1920, vol. XXX, págs. 34 ss.

13. Mackenzie, William: "Metapsichica moderna. Fenomeni medianici e problemi dei subconsciente", Roma, L. S. L., 1923, págs. 209, 218 ss.

14. Sudre, René, prefácio à tradução que fez dos três trabalhos de Crawford publicado sob o título: "La Mécanique Psychique", Paris, Payot, 1923, tradução portuguesa por Magalhães, Haydée de: "Mecânica psíquica", São Paulo, Lake, s. d. (1963).

que começara pelas farsas de uma juvenzinha e que acabaria em tragédia" (alude ao suicídio de Crawford). Assim, D'Albe resume seu opúsculo.¹⁵

Em primeiro lugar, é arbitrário atribuir o suicídio de Crawford a um reconhecimento de que teria sido enganado. Esta imputação, mil vezes repetida, não concorda com a história. Crawford estava muito deprimido pelas condições criadas pela guerra. Estava esgotado pelo trabalho profissional. Acreditamos, isso sim, que a experimentação parapsicológica o tenha também debilitado muitíssimo, mesmo que Crawford não o pensasse. Mas ele nunca reconheceu ter-se enganado na sua obra. Crawford suicidou-se num acesso de febre cerebral. Quatro dias antes do suicídio, escrevia a David Gow, diretor da revista espírita "Light": "Estou muito deprimido mentalmente. . . Não é pelos trabalhos psíquicos que faço com muito gosto. . . Fico-lhe muito grato por afirmar que esta obra não morrerá. Fi-la conscientemente demais, para, nela se encontrarem lacunas e erros materiais".¹⁶ Como se vê, expressamente mantém sua obra, nada de reconhecer enganos. . . E indica a causa do suicídio: depressão mental.

Em segundo lugar, um investigador que, como D'Albe, por surpreender um possível dotado "levantando um tamborete com o pé", se sente "lançado no estupor e no (desapontamento mais amargo", mostra ignorar que todos os dotados podem, fraudar.

No que se refere à Sita. Goligher, ninguém poderá estranhar que poderia ter sido afetada de forma a inibir ou inclusive perder, por períodos mais ou menos prolongados, a manifestação das qualidades parapsicológicas, devido ao suicídio de Crawford, e ao aparecimento de outro experimentador em caráter mais ou menos aberto de juiz ou fiscal.

Era também grande seu cansaço devido ao ambiente de guerra e ao esgotamento de tantas sessões já realizadas por Crawford, durante seis anos, além dos três anos anteriores do sessões espíritas. As experiências terminariam definitivamente quando Goligher exigiu um ano de descanso.

15. Fournier, E. E.: "The Goligher Circle, May to August, 1921", Londres, Watkins, 1921.

16. Carta datada por Crawford em Londres a 26 de julho e publicada na revista "Light" no dia 5 de agosto de 1920.

Ou simplesmente, a presença de D'Albe coincidiu com o aparecimento espontâneo da irregularidade na manifestação das qualidades parapsicológicas, o que é um fato bem conhecido e freqüente nos dotados.

Ninguém que conheça o caráter todo especial dos dotados, especialmente quando tomados de transe ou auto-hipnose, poderá estranhar que, nestas circunstâncias, recorram à fraude, em defesa das suas qualidades.

As objeções concretas de F. D'Albe são poucas e discutíveis: o que originou a atitude de desconfiança de F. D'Albe foi uma fotografia do ectoplasma que parecia apresentar uma estrutura de musselina, e o fato de Goligher se negar, em nome dos "espíritos dos mortos" a permitir novas fotografias da estrutura do ectoplasma.

Não vale a pena discutir agora se o ectoplasma pode apresentar uma estrutura semelhante à da musselina. . . Também não explicaremos, por ora, porque até os verdadeiros dotados recorrem ao subterfúgio de que os "espíritos dos mortos" não permitem novas fotografias, ou impõem outras proibições.

No mais, D'Albe se perde em objeções gerais de pouquíssimo valor: pouca luz junto ao chão "para facilitar as fraudes"; cantamentos "para dissimular os preparativos fraudulentos"; corrente de mãos dadas "para transmitirem-se mensagens secretas", etc.

Tudo isto, se não são suspeitas meramente apriorísticas, são simplesmente dificuldades que todos os experimentadores encontram e que devem ser superadas, dando mérito a esta difícil pesquisa: querer, por isso, debilitar as experiências de Crawford ou de quem quer que seja, se não há outros argumentos concretos, é ridículo. É o experimentador científico que deve procurar métodos de investigação, garantidos, dentro das exigências dos fenômenos, às vezes incômodas e difíceis, em vez de pretender acomodar a manifestação dos fenômenos às exigências do comodismo particular. D'Albe chega, inclusive, a objetar com a asserção inaceitável de que "todos os membros do Círculo Goligher são operários de mãos hábeis".

Em todo caso, não vamos aqui discutir se houve ou não houve fraude perante F. D'Albe. Inclusive pode ter havido

alguma fraude perante Crawford. Mas não se trata disso. A questão é saber se algumas vezes houve ectoplasmas autênticas nas experiências de Crawford. E, certamente, não será o apaixonado livrinho de F. D'Albe, escrito depois de 20 sessões (16 de maio a 29 de agosto de 1921) que possa debilitar as publicações de Crawford, após seis anos (1914-1920) de numerosíssimas experiências, em geral muito bem conduzidas com controle rigoroso e contraprovas bem arquitetadas.

Neste livro, servir-nos-emos muito das experiências de Crawford. O leitor poderá comprovar por si mesmo que estavam bem arquitetadas e que muitos resultados concretos são incontestáveis. Insistiremos freqüentemente nas condições de experimentação, que, em muitos casos concretos, tornam impossível a fraude. Desta forma esperamos remir Crawford dos injustos e apaixonados ataques de que tem sido alvo.

Analogias com o mundo animal — No mundo animal, encontramos algumas analogias, somente analogias, com o ectoplasma.

Assim, por exemplo, algumas aves de rapina, da família das catártidas (como o catartá negro da Venezuela), durante a digestão, emitem pelas narinas um líquido viscoso, esbranquiçado, que se assemelha ao ectoplasma.¹⁷

Há analogia também com as propagações protoplasmáticas das amebas.

Êstes protozoários emitem, do seu corpo celular, pseudópodes; lançam-nos contra suas presas, moldando os sobre elas para englobá-las. E depois, se absorvem de novo no seu corpo.

Ectoplasma e história — Já antes da Mctapsíquica, e inclusive antes do nascimento do espiritismo com seus médiuns e sessões, falava-se do ectoplasma.

Assim, na milenar tradição hindu, vemos que se atribui aos yogis, com o evidente exagero lendário misturado em todas estas tradições, o chamado "prâpti", isto é, o poder de tocar, por exemplo, a lua mediante uma espécie de pseudópode ou excrescência ectoplasmática de fantástica dimensão.

17. Craveri, Michele: "Zoologia", Milano, Treves, v. I, pág. 292.

Mas nesta lenda pode haver um fundo mínimo de verdade: alguns dotados entre os yogis podem ter realizado alguma telecinesia sobre objetos próximos mediante a exteriorização ectoplasmática e daí se originou o exagero tipicamente oriental, de que poderiam atingir distâncias astronômicas.

O Dr. Damon Foster, da Universidade de Harvard, publicou uma série de resumos dos trabalhos do filósofo-alquimista medieval Thomas Vaughan, em que se fala do ectoplasma ao qual davam o nome de "mercúrio", sendo o inconsciente ou psicobulia designado com o nome de "sol". O dotado era designado sob o nome de "lua" e a telcrgia se chamava "fogo". Vaughan descreve o ectoplasma que viu exteriorizar-se do corpo de sua própria esposa.¹⁸

Swedenborg, o pseudomístico iluminado que podemos considerar como precursor do espiritismo, na sua primeira visão, nos fala de "uma espécie de vapor que lhe saía de todos os poros, um vapor de água muito visível que descia até tocar o tapete".¹⁹

Maiores aproximações — O ectoplasma deve ser considerado como um fenômeno de condensação da telcrgia, no sentido amplo em que consideramos a telcrgia.

Num primeiro estágio de condensação, a telcrgia não passa de um fluido ou pequeníssima radiação humana, sempre porém, um verdadeiro fenômeno metafisiológico. Em tal estágio inicial de condensação, só é perceptível, mediante técnicas e aparelhos delicadíssimos, sendo capaz de realizar só pouquíssimo trabalho.

Não era descabido esperar, se é que se pode argumentar "de minore ad maius" (do menos ao mais) que, em maiores dotados, se obteria uma maior condensação de telcrgia: e, com efeito, na fotogênese, estudamos a telcrgia em forma luminosa, e na tiptologia e telecinesia a telcrgia mostrou-se capaz de realizar trabalhos consideráveis. Nestes casos, a telcrgia era visível, às vezes, em forma de nuvem, fios, etc. e mesmo quando invisível, era porém tão densa que

18. "Luce e Ombra", 1923, ns. 1-2, págs. 33 ss.

19. Swedenborg, Emmanuel, traduzido do latim para o francês por Le Boys des Guays, J. F. E., e a partir desta tradução, traduzido para o português por Lima, J. M.: "A verdadeira religião cristã", contendo toda a teologia da "Nova-Igreja", 2 vols., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1964.

absorvia até 75% da radiação de raios infravermelhos,²⁰ projetava sombras, chocava-se com os corpos sólidos que lhe impediam a passagem.

Continuando na argumentação “de minore ad maius”, o ectoplasma só seria um maior grau de condensação, uma maior manifestação nos melhores dotados ou em circunstâncias mais propícias.

O ectoplasma apresenta-se praticamente sempre com alguma finalidade: para realizar telecinesias, como veremos; ou para moldar-se em diversas formas (ecto-colo-plasmia) donde veio o sufixo plasma, como estudaremos no próximo capítulo. E' por isso que agora só poderemos dar uma idéia muito sumária do fenômeno puramente ectoplasmático, do ectoplasma sem outras determinações.

A mulher maravilhosa — Eva CaiTièrre, foi, talvez, a dotada que mais se distinguiu na ectoplasma *pura*. Eva Carrière, durante dois anos (1909-1910) quase só produziu e quase nunca passou da produção pura e simples de ectoplasma, exteriorizando-o do seu corpo.

Foi estudada amplamente pelo doutor Schrenck-Notzing e pela senhora Bisson. Antes de cada sessão, Eva era examinada em todas as partes do seu corpo. Depois, era revestida com um gibão sem costuras. Na cabina, que previamente era minuciosamente examinada, havia suficiente luminosidade produzida por várias lâmpadas de luz vermelha. Além disso, os experimentadores usavam frequentemente lanternas de bolso para focalizar e examinar determinados pormenores. Distribuídos por lugares estratégicos, para focalizar de todos os ângulos, havia oito aparelhos fotográficos, que forneceram abundante número de fotografias do ectoplasma. Depois das sessões, seguia-se o mesmo exame da dotada e da cabina.

Do corpo de Eva Carrière saía uma substância em bastante quantidade, informe, esbranquiçada ou acinzentada. Durante esses dois anos, a moldagem do ectoplasma raríssima vez passou de uma espécie de esboço rudimentar de mãos ou de dedos.

Nestes anos, as moldagens mais aperfeiçoadas são justamente as mais criticáveis ou suscetíveis de fraude, devido ao anseio de Eva por progredir.

20. “Revue Métapsychique”, 1932, n.º 6.

Para excluir a hipótese da regurgitação, quando o ectoplasma informe saía pela boca ou pelas narinas, Eva foi convidada a comer, antes de muitas sessões, bastante quantidade de compota de murta, sem que aparecesse o ectoplasma com a coloração vermelha que lhe teria dado êste fruto (comum na Europa). Frequentement.e, quando o ectoplasma se exteriorizava por outras partes do corpo, como o peito, a barriga e as coxas, Eva era despida durante a sessão para cnstatar-se a exteriorização do ectoplasma sôb e seu corpo nu.¹

Não negamos a possibilidade e mesmo o fato de algumas fraudes, especial mente quando, pela rotina de tantas e tantas sessões, se negligenciou um pouco o controle. Mas parece-nos pouco científica pretender negar que houve sessões perfeitamente controladas com ectoplasmas notáveis. Quase 200 pessoas, entre elas as mais céticas e os melhores especialistas neste tipo de investigações, foram convidados a assistir às sessões, ficando convencidos da autenticidade de muitas ectoplasmas.

O “terckiro bkaço” — Como acabamos de dizer, o ectoplasma se apresenta, geralmente, com alguma finalidade ulterior. Vejamos alguns exemplos de ectoplasma com finalidade telecinética.

Começamos por recolher a referência já feita no capítulo 5 a respeito de mãos ou pés “complementares” que muitas vezes foram vistos movimentando objetos e que, nem sempre, como poderia parecer à primeira vista, seriam fraude.

Assim, por exemplo. Eusábia Palladino: “em outras sucessivas experiências com o professor Vicioli e De Amicis, *em plena luz*, tendo pedido a Eusábia que fizesse mover, pelo seu John (personalidade

21. Schrenck-Notzing, A. F.: "Materializations. ..", o. c.; Bisson, Juliette Alexandra: "Lcs phénomènes dites de matérialisation", Paris, Alcan, 1914. Ambos os autores publicam uma fotografia na qual aparece sôbre o corpo nu da médium um coágulo de ectoplasma, que os autores descrevem ter apresentado movimentos como de réptil. Numa ampliação da mesma fotografia publicada nos mesmos livros, nota-se um fio unindo o ectoplasma à boca da médium. Os investigadores, testemunhas oculares, que publicam as fotografias, dizem que também o fio é ectoplasmático.

Outros autores deduziram desse fato que se tratou de fraude: o “ectoplasma” seria musselina ou gaze, e a atitude da médium seria a de quem movimenta, o “ectoplasma” por meio de um fio comum, com movimentos dos lábios e da cabeça.

fictícia com que se disfarça a psicobulia inconsciente) uma sinêta colocada no solo, a um metro de distância, estando a médium atada de pés e mãos, nós vimos, várias vezes, estender-se a sua saia, cm um ponto, como se fôsse um terceiro pé que apresentava pequena resistência, qual a do gás dentro de um balão e este terceiro braço, diremos etéreo (ectoplasmático), sob nossos olhos, em plena luz, finalmentc, de um golpe, apoderou-se da sinêta e a fêz soar". —

Os pormenores apresentados eliminam a fraude nestes casos várias vezes observados em plena luz. A médium, aliás, estava atada de pés e mãos; os experimentadores tocavam a projeção ectoplasmática, que oferecia resistência como a do gás dent ro de um balão. Tenha-se em conta que, assim como a sala das sessões, Eusápia era, antes e depois das sessões, severamente revistada, não levando consigo nem instrumento nem material algum. O ectoplasma se moldou como uma haste e talvez como uma espécie de mãos a fim de pegar a sinêta. e fazê-la tocar tudo dirigido pela psicobulia inconsciente como expressamente analisaremos.

O ectoplasma, porém, estava encoberto pela saia da dotada.

A haste ectoplasmática — Ectoplasma, ainda mais sólido ao que parece, também moldado em forma de haste, e u'a mão rudimentar, foram observados igualmente, por exemplo, em Willy Schneider. Em 1922-1923, em Munique, foi estudado sob a presidência do Dr. Schrcnok-Notzing, por um grupo de 94 investigadores, entre eles 24 professores universitários, 18 médicos, 19 cientistas, 1 perito em mágicas, etc. Devemos destacar a presença do Dr. Gustavo Gclley, diretor do "Institut Métopsychnique International" e do Dr. Eric J. Dingwall, cético e excelente parapsicólogo. Todos êles ficaram convencidos da autenticidade das manifestações ectoplasmáticas.

A sala estava iluminada com suficiente luz vermelha. Willy estava seguro por dois controladores; além disso seus braços e joelhos estavam munidos de pontos fosforescentes que delatariam qualquer movimento. Willy, durante o transe, ficava na mais absoluta

22. Dombroso, Cesare: *Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici*", Torino, Utet, 1914, tradução por Martins de Castro, Almerindo "Hipnotismo e Mediunidade", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 134 s.

imobilidade, se excetuarmos os tremores e sacudidelas incontestavelmente de mínimo alcance. Unânimemente, os 94 investigadores excluíram tôda e qualquer hipótese de fraude nestas experiências.

Pois bem, para melhor estudar as projeções ectoplasmáticas, Willy Schneider era encerrado numa caixa de gaze, com uma única e estreita abertura, por onde seguravam suas mãos. Fora da caixa de gaze colocavam-se os objetos a movimentar, a um metro ou metro e meio de distância. Nestas condições, saíam da bôea, das costas, do epigástrio de Willy formações ectoplasmáticas que, junto ao corpo do dotado, tinham a forma de cordões, e à medida que iam avançando adquiriam a forma de hastes e, na extremidade, a forma de mãos bastante rudimentares. Estas formações ectoplasmáticas, às vezes, eram visíveis, outras vezes só se percebiam com o tato, apesar da dor intensa que então Willy manifestava com seus gritos. O ectoplasma não atravessava a gaze, mas saía serpenteando e apalpando as mãos dos controladores pela estreita abertura. O ectoplasma realizava pequenas telecinesias, se excetuarmos uma teleinesia um pouco mais pesada: o transporte de uma vitrola de sete quilos c meio de peso.

Nalguniis ocasiões o ectoplasma atravessou a parede de gaze, fazendo soar, após algumas apalpadelas, uma vitrola. Mas, depois da sessão, constatou-se que o ectoplasma rasgara um grande papel de seda prôto que se colocara na parede da caixa deixando um buraco de dois a três milímetros, percebendo-se, além disso, os fios distendidos da gaze. Êste burquinho ficava na linha reta entre um ponto das costas de Willy e a manivela da vitrola. Willy, porém, estivera imóvel.

Colava-se um papel engomado no lugar do pequeno rasgão e, na sessão seguinte, o papel de nôvo aparecia rasgado e o tecido da gaze ligeiramente entreaberto.

Contrôle rigoroso — Contra a objeção fácil e precipitada de que Willy teria obtido aquêlo efeito com o cotovêlo, lembraremos as condições do contrôle. E' difficilimo acreditar que o deslocamento do cotovêlo, até meio metro de distância, e os movimentos para, durante algum tempo, girar a manivela da vitrola não fôsem vistos nem sentidos por nenhum dos assistentes, apesar do controle manual, da luz vermelha, da fosforescência nos braços e pernas; além disso estavam prevenidos expressamente contra a fraude, pois idêntico fenómeno, após a primeira constatação, se obteve em mais três sessões comprobatórias.

Nestas sessões comprobatórias, a projeção ectoplasmática, entre o dotado e a vitrola foi apalpada várias vezes pelos experimentadores. Tôdas as testemunhas qualificadas depuseram que o fenômeno se deveu a uma projeção que partiu do lado direito das costas de Willy, ectoplasma sólido, em forma de fina haste.

E' mesmo ectoplasma — O ectoplasma para a telecinesia aparece muito claro na seguinte relação extraída do testemunho que o Dr. Thomas Mann fez das experiências de 20 de dezembro de 1922 e 24 de janeiro de 1923:

“O tempo transcorre sem nada acontecer. Já passaram quase três horas do começo da sessão... À vista de todos, um lenço que estava sobre uma mesinha, eleva-se com movimento certo e enérgico até dentro do foco de luz relativamente claro e fica lá por dois ou três segundos: realiza vários movimentos e depois cai no chão. O movimento se efetua como se o lenço autonomamente estivesse a flutuar no ar, mas nota-se que dentro dele há alguma coisa, que o lenço envolve. O lenço é mexido por dentro vivamente e por fora notam-se umas saliências, que fazem pensar numa espécie de alças duplas, como asas de vasilhame. O mesmo também sucedeu numa segunda elevação que se realizou logo depois da primeira...”

“A terceira elevação do lenço é para mim a mais significativa, pelo fato de por três vezes e com absoluta clareza terem aparecido em ação partes de um órgão preensivo (espécie de pseudópode ectoplasmático) muito mais estreitas do que u'a mão humana, e apresentando o formato de garras”.

“Os fenômenos se sucedem agora seguidamente: o médium (em transe) pede o afastamento do lenço. Uma vez atendido no seu desejo, aparece ao lado da mesinha, no mesmo local onde se realizara a elevação do lenço, uma figura absolutamente indefinível que não estava entre os objetos que se encontravam no chão. Sem forma definida essa figura tinha talvez meio metro de comprimento e pode de algum modo ser considerada como uma parte de antebraço, com um órgão preensivo, como se fôsse u'a mão fechada. Não se pode deixar de considerar esta figura como o apoio que antes fôra visto levantando o lenço, e que agora se apresenta a descoberto. Dá que pensar o fato de que eu não possa me lembrar com precisão da sua forma, embora eu a tivesse observado atentamente por vários segundos. Chamou-me a atenção o fato de a figura ter uma espécie de fosforescência própria, que, embora fraca, era suficiente para fazer difusos os seus contornos... Essa figura desapareceu quando o lenço parou...”

“Poder-se-ia dizer que as forças (ectoplasma) passeavam pela sala... Redondas manchas claras ou nevoeiros formavam-se diante da lâmpada de luz vermelha, mais freqüentemente na proximidade do médium, na parede ou diante dela; depois desaparecem novamente”.

O Dr. Thomas Mann acrescenta: “Pensar em truque é um absurdo... Não havia ninguém para fazê-lo. Willy não podia, pois os seus pés e mãos estavam seguros e, além do mais, estava imóvel no transe e a mais de metro e meio dos objetos. Quem ou o que levantava o lenço e depois o amassava da parte de dentro? Não o sei, mas eu e os outros estávamos preparados para nada ver, se nada havia para ver”.

“Mais uma vez: não se pode falar aqui de truque em nenhum sentido. Trata-se de um mistério da vida orgânica, cuja realidade fora do normal é para mim evidente...”^{7,23}

Noutras ocasiões, Willy ficava entre os assistentes, à vista e bem controlado. E eram os objetos a movimentar que se colocavam dentro da caixa de gaze. Deram-se as mesmas projeções ectoplasmáticas, visíveis ou tangíveis (com dor), em forma de cordões, hastes e mãos rudimentares, realizando as telecinesias.²¹

Em experiências realizadas no Instituto Psicológico da Universidade de Munique, Schrenck-Notzing, entre o braço de Willy e a vitrola, encerrada na caixa de gaze, interpôs um tubo de madeira com agulha para registrar a passagem do ectoplasma.²⁵ Através deste aparelho, Willy realizou telecinesias, isto é, fez soar a vitrola, enquanto a agulha registrava a passagem da projeção ectoplasmática.

22;. (Tfr. os livros originais citados nas notas anteriores e seguintes; aqui temos seguido principalmente a seleção realizada por Bänder, Hans: “1. *ir;ipsyeliologie, Entwicklung, Ergebnisse, Probleme”, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1966, págs. 499 ss. O trabalho sobre Willy Schneider compreende da pág. 482 até a pág. 501.

24. Schrenck-Notzing, A. F.: “Phyzikalische Phänomene des Mediumnismus. Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge”, München, E. Reinhardt, 1920. Tradução de Longaud: “Les phénomènes physiques de la médiumnité”, Paris, Payot, 1925, págs. 313 ss. A. F. Bastantes detalhes que não se encontram na relação de Schrenck-Notzing os tomamos da testemunha Geley, Gustave: “L'Ectoplasme et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles”, Paris, Alcan, 1924, págs. 417 ss.

25. Era um invólucro horizontal de madeira (invólucro de Curie) cuja secção central, no interior ficava quase fechada por um retângulo

Em forma de nuvem — Nosso conterrâneo, Huberto Rohden, escreve a propósito das experiências com Willy Schneider, que realizou formando parte de um grupo de cientistas da Universidade de Gratz (Alemanha) e que já descrevemos :

“Do interior do gabinete escuro saiu uma grande nuvem branca, semelhante a um nevoeiro, que invadiu o nosso círculo, mas sem ultrapassar a linha dos presentes. Por muito tempo andou essa nuvem no espaço, agitando-se, subindo até o teto, e descendo ao soalho, dilatando-se, contraindo-se, ficando, por vezes, da forma de uma pirâmide e neste estado de forte condensação, se tornava muito branca, quase fosforescente. Mais uns minutos, e a misteriosa nuvem se recolheu para o interior do gabinete”.²⁶

Em forma de alavanca — Nas experiências de Crawford com o Círculo Goligher, o mais típico é justamente a constatação freqüente, por muitos métodos, da existência de uma alavanca ectoplasmática (no original inglês: “catilcvcr” — suporte, viga), saindo do corpo da médium e inclusive com acréscimo dos assistentes, mediante a qual se realizam as telecinesias, “raps”, etc.

A sala das sessões, que muitas vezes era a casa do próprio Dr. Crawford, era iluminada com a luz de um lampião de gás recoberto com um papel vermelho; luz suficiente para distinguir perfeitamente todos os assistentes e seus movimentos.

Após a publicação, por Heuzé²⁷ e Montandon²⁸ de uma fotografia “comprometedora” que não foi publicada por Crawford, vários autores quiseram destruir toda a investigação de Crawford. Na fotografia aparece a “alavanca” com todas as aparências de bastão comum, embora branco, partindo do

cie papelão. Este papelão tinha, no exterior, uma pequena, haste munida de agulha registradora, sobre um quadrante. Qualquer corpo que passasse pelo interior do tubo empurrava o papelão, e a agulha externa media «o deslocamento. Uma das extremidades do tubo dava para a vitrola e na outra extremidade havia uma espécie de manga, pela qual o dotado passava seu braço direito.

26. Rohden, Huberto: “Por um Ideal”, 2 vols., Rio de Janeiro, Freitas Bastos, t. I, pág. 63.

27. Heuzé, Paul: “L'Ectoplasme”, o. c., fig. 6.

28. Montandon, Raoul: “Les radiations humaines”, Paris, Alcan, 1927, fig. 95.

joelho da senhorita Goligher, levantando a mesa por baixo. Não queremos discutir se, neste caso concreto, se trata de um pau comum encoberto com abundante gaze que pende até o chão ou duma formação ectoplasmática rígida apoiada noutra formação ectoplasmática flexível. Não nos interessa a discussão de um só caso isolado. Suponhamos que este caso seja fraude. Explica êle todas as outras fotografias e descrições? A alavanca apresenta mil formas diferentes, desempenha os trabalhos mais diversos. A alavanca se curva, se inclina, dobra-se, serpenteia, dirige-se a um lado ou a outro, estreita-se, alonga-se etc., segundo as exigências do caso.

Quase ao acaso, transcrevemos uma das descrições da alavanca: “Achando-se a médium sentada em sua cadeira, de cada um dos seus tornozelos saía uma haste psíquica (assim a chama Crawford) que descia em direção ao solo, no interior do círculo, apoiando-se aí. Desta haste saía uma outra (várias fotografias mostram as bifurcações e inclusive até 5 divisões da alavanca) que empurrava a cadeira, agarrando-se a um dos pés dianteiros (são várias as fotografias que mostram a haste abraçando objetos ou membros). Fixei então, quatro pequenas rodilhas de metal aos pés da cadeira (da médium)... Tendo colocado um papelão sob a mesa, isto é, no centro do círculo, pedi... a experiência apoiando-se sobre esta superfície, da qual eu segurava uma extremidade. Muito tempo passou e nada aconteceu. Informaram-me, então, que a aura irradiada por minha mão perturbava o fenômeno. Quando calcei as luvas, a cadeira e a médium começaram a recuar lentamente. Enquanto durou o movimento, uma pressão tão forte foi exercida sobre o papelão que não conseguia erguê-lo”.

“Para comprovar, coloquei, em seguida, o papelão em pé (verticalmente) diante da cadeira da médium, tocando (a mesa)... Constatei, que durante o recuo da cadeira, uma forte pressão horizontal era exercida sobre o papelão, e com êle, sobre o pé da mesa. Não me foi possível movê-lo da sua posição. A força não parecia ser aplicada a mais de 5 centímetros do solo”.²⁹

Neste caso, a alavanca era invisível, apesar de suficientemente densa para exercer grande pressão. Crawford teria de ser cego para não ver um pau comum ou qualquer outro instrumento, já que a luz era suficiente.

29. Crawford, William, tradução de Magalhães, Haydée de: “Méthode de la finica.” p. c., págs. 135 s.

As características de transparência ou de invisibilidade que às vezes tinha a alavanca ectoplasmática, foram perfeitamente demonstradas numa fotografia:

"Sábado à noite, 23 de outubro de 1915, na minha casa... O aparelho (fotográfico) foi colocado na extremidade do quarto, em frente à médium, apontando para a mesa... nós havíamos descoberto a objetiva no momento do clarão. A mesa estava no chão... Revelada a chapa tivemos uma surpresa."

"Via-se sair do meio do antebraço do jovem Samuel Goligher, em estado de transe, como também de outro lugar, uma coluna vertical de substância branca, translúcida, de aproximadamente dez centímetros de diâmetro. Eleva-se a trinta centímetros e inclina-se para reunir-se a uma coluna um pouco mais larga, que sobe verticalmente até 1,50 metros acima do solo. Essa coluna aumenta em densidade e brancura. Nota-se perfeitamente, através dela, o desenho do papel que reveste a parede (assim como a mesa, solo etc.). Torna-se opaca na ponta, para descer novamente em ziguezague; volta a ser horizontal e reabsorve-se na altura do peito da médium (parece mais lógico inverter a ordem: a coluna sairia da médium sendo reforçada por emanção do jovem Samuel assim como da Srta. Ana). Suponho que um outro ramo (cujo início se vê na fotografia) se vá juntar ao peito da Srta. Ana Goligher (que o encobre). Enfim, na parte inferior da coluna, deve estar uma bifurcação (iniciada) oculta pelos assistentes".^

Nevoeiro luminoso — O ectoplasma é uma telergia condensada. Dando mais um passo, o ectoplasma, pela sua capacidade não só de se acomodar aos desejos do inconsciente (psicobulia), mas também de moldar-se para reproduzir plásticamente as imagens do inconsciente (ideoplastia) é a base das produções de membros ou figuras mais ou menos rudimentares (ecto-colo-plasmia), que estudaremos no próximo capítulo.

Uma descrição de Crookes, sobre experiências realizadas com D. D. Home, e com Kathy Fox pode servir-nos de transição :

30. Crawford, William, tradução portuguesa: "Mecânica...", o. c., págs. 107-109. A fotografia, péssima na edição brasileira, está bem mais nítida no original inglês, obra póstuma de Crawford: "The Psychic Structure at the Goligher Circle", Londres, J. Watkins, 1921.

"Em plena luz, vi uma nuvem luminosa (isto é: mais luminosa e que a luz circundante) pairar sobre um heliotrópio, colocado sobre a mesa, do nosso lado, quebrar um galho e trazê-lo a uma senhora. E, em algumas ocasiões, percebi uma nuvem semelhante condensar-se sob nossos olhos, tomando uma forma de mão (rudimentar) e transportar pequenos objetos". 3i

Note-se que o fato foi observado várias vezes, ao lado dos controladores, em plena luz, vendo-se o ectoplasma condensar-se gradativamente, primeiro como um nevoeiro e por fim, com maior densidade, em forma de mão. As experiências se realizavam na própria casa de Crookes. Uma fraude, nestas circunstâncias, nos parece muito mais "parapsicológica" do que o próprio fenômeno...

Na época de Crookes, deveria haver bastante dificuldade em compreender como a telergia, um tipo de energia, se podia transformar em ectoplasma: telergia condensada, matéria. E nem diremos que isto seja, hoje, mais fácil de compreender. Mas, a Física moderna (Einstein, Planck, Ostwald, etc.) diminuiu, para não dizer suprimiu, as fronteiras entre energia material e matéria. Hoje, os físicos afirmam que toda matéria libera energia e, por outra parte, reconhecem que a energia material (em contraposição à espiritual, de que não é aqui o caso) tem peso, massa e estrutura, isto é, a energia material (pense-se na telergia) como toda a matéria (pense-se no ectoplasma) está sujeita às leis da gravidade, opõe resistência ao movimento e possui forma que ocupa lugar. Assim se faz bem mais compreensível uma descrição como a que acabamos de transcrever, de Crookes, em que se transforma a telergia em ectoplasma e inclusive em mão rudimentar (ecto-colo-plasmia).

Análise da ectoplasmia — Para uma análise da ectoplasmia em si mesma, precisaríamos já ter exposto todas as suas funções, possibilidades e efeitos. Nos próximos capítulos poderemos acrescentar mais alguns detalhes aos que agora vamos dar.

31. Crookes, William: "Experimental Investigations on psychism", London, Gillman, 1874. "Researches on the phenomena of Spiritism", London, Bums, 1874. Nós usamos a tradução num só volume de Alidel, I.: "Nouvelles expériences sur la force psychique. Reherhott sur les phénomènes du spiritualisme", Paris, Lib. des Sciences, 1897, pág. 160.

Começaremos pela parte mais externa das suas qualidades, para pouco a pouco, quanto possível, passarmos aos seus constituintes internos, neste e nos próximos capítulos.

Qualidades externas: força — O ectoplasma pode manifestar considerável força como, aliás, se deduz de alguns efeitos, já estudados, da telecinesia. Nas experiências do Dr. Crawford, entre outras, comprovou-se que as telecinesias se realizavam por meio do ectoplasma em forma de alavanca ou haste. Crawford provou a força e agilidade desta alavanca ectoplasmática. Eis algumas descrições, a modo de exemplo:

“Presentemente, grande número de pessoas assistiram a esses fenômenos e não há ninguém que não haja ficado bastante impressionado ... O visitante usual é habitualmente convidado a entrar no círculo, a segurar a mesa quando imóvel e a tentar mantê-la quieta. Começa então a luta. Se o visitante for dotado de músculos fortes e firmar todo o seu peso exatamente no centro da mesa, poderá consegui-lo por um instante. Mas logo, mais cedo ou mais tarde, a mesa lhe escapa, salta, inclina-se, vira-se e, se a pressão muscular se relaxa, ergue-se acima do solo. Então, poucas pessoas conseguem fazê-la descer, não obstante os esforços empregados. Após essa luta, a mesa volta tranquilamente ao chão e o visitante é convidado a sentar-se sobre ela. Não se demora muito tempo e, ao cabo de um momento, ergue-se vagarosamente sobre dois pés e o faz escorregar para o chão”.

Ou ao contrário: “O peso da mesa pode ser aumentado a tal ponto (pela pressão do ectoplasma) que um homem vigoroso não a pode erguer... Uma prova usual, imposta aos visitantes, é fazê-los segurar a mesa enquanto se encontra suspensa a uma altura aproximada de 50 centímetros, a fim de impedi-la de voltar ao solo. Não o conseguirão”.

E a respeito destas experiências, Crawford acrescenta: “Como poderia haver trapaça com uma mesa simples, de quatro pés?... E’ impossível obter este resultado com fraude, dadas as condições de nossas sessões”.³²

Nessas descrições, vemos que o ectoplasma pode ser vagaroso ou ágil nos seus movimentos. Isto tem sido muito freqüentemente observado. Igualmente pode aparecer e de-

aparecer lenta e progressivamente ou quase instantaneamente, especialmente quando ferido pela luz ou por contato material, a não ser na ponta, onde parece ser mais resistente. Teremos ocasiões de comprovar tudo isto. A este respeito, o Dr. Selen conclui assim o estudo das ectoplasmas de Carrière:

“A substância é móvel. Às vezes se movimenta com lentidão para o alto e para baixo, por cima do médium; nos ombros, no peito, nos joelhos, com movimentos sinuosos como de cobra. Outras vezes os movimentos são súbitos e rápidos. A substância aparece ou desaparece como um relâmpago e é sumamente sensível...”³³

Pode ser invisível — O ectoplasma, como primeiro passo além da telergia, apesar da sua forma sumamente moldável, muitas vezes conserva a sua invisibilidade. A alavanca de Crawford era muitas vezes invisível, mesmo realizando trabalhos de bastante força, manifestando sua presença não só pelos seus efeitos, mas também sendo percebida por diversos aparelhos. Reduzir estes casos ao truque realizado com um bastão comum e ridículo:

“Não existem sessões sem luz. Esta, em geral, é suficientemente forte quando os olhos já se tiverem acostumados à luz vermelha para que sejam vistos, nitidamente, os assistentes. De preferência, é suave, abastecida por uma chama bastante grande de gás comum. O único inconveniente apresentado é quando um corpo como uma mesa ou outro objeto qualquer, projeta sua sombra sobre uma parte do solo. Quase sempre podemos distinguir claramente as mãos dos assistentes... o observador pode encontrar-se no interior do círculo nesse momento e mover-se por toda a parte, exceto entre a mesa e o médium, que é a única região na sombra”.

Mas, por exemplo, “nas experiências 59 e 60, desloquei livremente os aparelhos (de registro científico) no espaço compreendido entre a médium e a mesa, sem deixar de ver todo esse espaço, assim como a mesa... Mesmo com uma das mesas maiores é possível, às vezes, ver perfeitamente embaixo e constatar a imobilidade dos pés, dos corpos e da corrente das mãos durante o levantamento... Aliás, enquanto a mesa é erguida, é simples pedir-lhes que a elevem à altura da cabeça sem romper a corrente, de forma a estarmos seguros de que não exercem nenhuma influência fraudulenta”³⁴

33. Geley, Gustave: “L'Ectoplasmie et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles. Paris, Alcan, 1924, pág. 232.

34. Crawford, William, tradução: “Mecânica...”, o. e., págs. 26 e 29.

32. Crawford, William, tradução portuguesa: “Mecânica...”, o. c.,

Por conseguinte, neste casos a alavanca é invisível.

E o “bastão comum” ou “o pé da médium” só um cego não os veria nestas condições, mas mesmo se existissem tropeçaria nelês:

“Desloquei livremente os aparelhos no espaço compreendido entre a médium e a mesa”, sem tropeçar...

Pode ser intangível — Mais ainda, o ectoplasma, pode ser, além de invisível, também intangível. Algumas das experiências que já citamos, por exemplo ao estudarmos a telecincisa, ou que ainda teremos ocasião de ver, poderiam servir de confirmação. Mas citaremos mais uma vez Crawford, cujas experiências consideramos importantes a despeito da injusta crítica de que foi vítima:

“Despendi muitas horas no interior do círculo e ao seu redor. Coloquei instrumentos complicados sobre a mesa. Passei muitas vezes meu braço entre esta e a médium, cujos pés e mãos encontrei perfeitamente imóveis durante tôdas as elevações. Enfim, se a Srta. Kathleen quisesse fazer trapaça, por mais que tentasse, não poderia manter a mesa no ar enquanto meus instrumentos funcionavam e eu trabalhava (com êles) entre ela e a mesa”.

Por exemplo, “na experiência 46, coloquei minha mão e parte do braço no prato da balança (sobre a qual se sentava a médium) durante a elevação (da mesa). Nada havia e tanto a elevação como o registro (do peso) não sofreram alteração”.

“Nas experiências 48 e 49, os pés da médium achavam-se perto do prego onde estava enganchado o dinamômetro, sobre o assoalho (para medir a força exercida pela alavanca ectoplasmática). Eu mesmo lá os coloquei e não se moveram. Houve três fenômenos simultâneos durante estas experiências: elevação da mesa, funcionamento da balança e do dinamômetro. Eu estava perto d’este último e minhas mãos moviam-se continuamente diante dos pés da médium, entre êstes e a mesa... Vê-se, nas experiências 34, 35, 36 e 37 que eu movia livremente os braços, as mãos e minhas varetas sob a mesa em elevação, sem encontrar nenhum corpo sólido” etc. 35

A extremidade rígida — À primeira vista, parecem, contraditórias por um lado a intangibilidade que muitas vezes apresenta a haste, e por outro lado o fato de que ela possa dar golpes, movimentar objetos e de que não possa atravessar uma gaze sem rasgá-la...: “a razão de tudo isto, é que

a solidificação da extremidade da haste (é justamente a extremidade que entra em contato com os objetos) realiza-se muito próxima à pele do médium e algumas vezes mesmo sobre sua pele. E’ esta estrutura material (mais condensada) que não pode atravessar a gaze a menos que a haste seja bastante fina e as malhas bastante largas... A extremidade da haste psíquica (ectoplasmática, na nossa nomenclatura) de dimensão comum, não pode atravessar um tecido colocado a mais de cinco centímetros do médium”, mas na saída e para a saída do corpo do médium o ectoplasma ainda não está condensado, assim se explica que, como atravessou os tecidos corporais do próprio dotado, atravessasse também as roupas do jnédium ou outro tecido “se é colocado muito próximo aos seus pés e tornozelos... Ainda mais fácil quando a gaze está mais intimamente em contato com o corpo”.

O corpo vaporoso — Mas à medida que a extremidade ou cabeça da haste vai avançando, o corpo da mesma vai surgindo do dotado. Êste corpo da haste é que se apresenta invisível e até intangível nas experiências de Crawford com a Srta. Golighcr. Chamando matéria “Y” ao ectoplasma condensado, tangível, impenetrável e matéria “X” ao ectoplasma menos denso, intangível, penetrável e invisível, Crawford conclui assim suas explicações: “Eis, de forma imperfeita, em que consistirão a estrutura psíquica (isto é, a haste ectoplasmática): A extremidade livre, que segura a mesa é de matéria “Y” (condensada pouco depois de sair do corpo do dotado); o corpo (da haste) é de matéria “X” (não densa) até sua penetração no médium; a base (vai se condensando) em matéria “Y” à medida que se vai difundindo no interior (do corpo) do médium”.

Após esta descrição, é fácil arquitetar, ao menos hipoteticamente, a explicação de como “o médium jamais sente pressão mecânica sobre alguma parte do corpo. No entanto, suporta toda a reação. Como poderia um órgão rígido (a alavanca ou haste) cuja extensão é de 60 a 90 centímetros sair do corpo do médium e sustentar, no outro extremo, um peso de 15 a 18 quilos sem danificar? Se a ligação tivesse lugar em alguma parte mole, como o estômago, a carne seria, dilacerada por tal pressão”.

35. Crawford, William, tradução: “Mecânica...”, o. c., págs. 27-30.

Crawford apresenta a seguinte hipótese explicativa: "No lugar onde a estrutura penetra no corpo do médium, nenhum esforço (mecânico) é transmitido à sua carix.e, pois é a matéria 'X' (pouco densa) que está em contato com a matéria comum (do corpo do médium)... Esta matéria pode transmitir por si mesma (à matéria *Y') os esforços diretos e comuns, mas não pode transmiti-los à matéria comum. Para isso deve converter-se, primeiramente, em outra espécie de matéria... a matéria 'Y'. A matéria 'X' poderia, por conseguinte, transformar-se em matéria 'Y' como a água em gelo, e transmitir a esta última os esforços recebidos. Por sua vez, a matéria *Y' poderia agir sobre o objetos... (sobre o corpo do médium). O esforço é distribuído dentro do corpo (do dotado) à medida que a matéria 'X' se difunde e se transforma em matéria T".³⁶

Este tipo de ectoplasma é geralmente invisível. E quando visível e fotografável apresenta uma estrutura mais ou menos nebulosa, transparente, etc. Foi este, durante os primeiros tempos de investigação, o tipo de ectoplasma mais frequente.

Posteriormente, Eva Carrière, que tinha também apresentado o tipo de ectoplasma nebuloso, um dia criou um novo tipo de ectoplasma: pastoso ou "argila, psíquica", como o chamaram, embora não deixasse de apresentar também o tipo nebuloso. Este tipo de ectoplasma pastoso foi depois muito imitado pelos dotados em formas que não especialistas chegaram inclusive a considerar erradamente como o único tipo de ectoplasma.

Eis como Gustave Geley descreve o ectoplasma, após o conjunto de experiência próprias e alheias com. Eva Carrière:

"Substância que se exterioriza, emanada do corpo da médium. Apresenta-se amorfa ou polimorfa. A substância Hulota várias formas... Em geral, o seu aparecimento é precedido pela presença do fluido (em realidade já verdadeiro ectoplasma) em forma de ilocos alvacentos e luminosos cujo tamanho vai do de uma ervilha até o de uma moeda de 5 francos, disseminados aqui e ali sobre o vestido preto da médium... A substância se libera de todo o corpo

36. Crawford, William, tradução "Mecânica...", o. c., págs. 145 s., 154 s.

da médium, mas mormente da bôea e dos outros orifícios naturais como também das extremidades dos seios e dos dedos. Apresenta-se sob aspectos variáveis: ora sob o aspecto de uma pasta maleável, sua forma mais típica, verdadeira massa protoplasmática, ora com a aparência de numerosos e delgados fios, ora como cordões de diversas espessuras, como raios estreitos e rígidos, ou então como uma faixa larga e desdobrada, ou como uma membrana, ou como uma fazenda de tecido fino com contornos indefinidos e irregulares. A mais curiosa de todas as aparências é a de uma membrana com reentrâncias e irregularidades de contorno que se estende amplamente; lembra o aspecto de um epíploo".

Visão e tacto — "A quantidade de matéria exteriorizada varia dentro de amplos limites; em alguns casos envolve completamente a médium como um manto. Pode ter três cores diferentes: branco, preto e cinzento. A cor mais frequente é a branca, talvez per ser mais facilmente observável. Algumas vezes aparecem simultaneamente as três cores. A visibilidade da substância varia muito, podendo ir crescendo ou diminuindo pouco a pouco na intensidade da sua visibilidade. Causa impressões variadas ao tato: umas vezes é fria e úmida, outras viscosa e consistente, mais raramente seca e dura. ... 37

Estrutura interna — Quanto à análise interna da substância, todos os intentos sérios têm fracassado. Tal análise parece ser até contraditória, porque isso implicaria conservar um pouco de ectoplasma para o laboratório; mas o ectoplasma é sempre reabsorvido no organismo do dotado. Quantas vezes se pretendeu agarrá-lo tantas êle se tem desvanecido na mão (exceto, claro está, nos casos de fraude, onde se agarrou seda, gaze etc.). Desvaneceu-se entre os dedos cie Crookes, volatilizou-se na mão de Bisson etc.

Energia transformada — Em segundo lugar, o ectoplasma, a julgar pelas suas variadíssimas funções, e segundo o parecer de todos os especialistas, é energia transformada e não propriamente um composto químico.

Schrenck-Notzing, excepcionalmente, conseguiu subtrair da médium Stanislaw Tomczik, uma pequena amostra, um milímetro de ectoplasma. Na análise microscópica dessa pequeníssima amostra,

37. Geley, Gustave: "L'ectoplasmie. . o. c., págs. 230 s.

obteve-se cloreto de sódio, fosfato de cálcio, glóbulos de gordura, muitíssimos leucócitos e células epiteliais. O aspecto externo da amostra assemelhava-se à albumina de o vo.³⁸

Também o doutor Harry Price fez uma análise química muito precisa de umas pequenas partículas de "ectoplasma" com resultados análogos: cloreto de ferro, sulfato de ferro, ácidos gordurosos, células epiteliais.³⁹

Resultados semelhantes obtiveram Lebedzinski, Bisson e alguns outros.

Mas as análises parecem confirmar que não foi analisado propriamente o ectoplasma c sim substâncias e humores orgânicos que se aderiram ao ectoplasma na sua exteriorização. Reabsorvido o ectoplasma, ficam somente esses acréscimos, nas mãos dos experimentadores ou entre os tecidos da roupa dos dotados, sendo confundidos com o ectoplasma...⁴⁰

Após tudo quanto fica dito, não parece necessário insistir em que o ectoplasma emana do dotado e nele, depois, se reabsorve.

O "cordão umbilical" — O ectoplasma pastoso é o que mais frequentemente se torna visível em todo o seu percurso, vendo-se assim sua procedência do corpo do dotado. Com o ectoplasma em forma nebulosa, era mais difícil constatar sua procedência, uma vez que sob esta forma gcralmente se apresentava invisível só se condensando em lugares mais distantes do dotado. Mas mesmo nestes casos tem-se constatado que uma espécie de "cordão umbilical" ectoplasmático (assim foi muitas vezes chamado) unia a parte visível do ectoplasma ao corpo do dotado.

O mesmo fato de que o dotado experimente variações de pêso de acordo com o pêso do objeto que movimenta ou levanta, mostra que, entre o objeto e o dotado há um liame material. Ninguém jamais atribuiria este liame (ou "alavanca") a uma exteriorização da substância do objeto: é uma exteriorização proveniente do dotado.

Neste livro damos bastante a conhecer o famoso médium Franet Kluski. Após suas sessões, constatava-se que, em determinadas par-

38. "Revuc Métapsykinque", 1929, julho-agosto.

39. "Luee c Ombra", 1931, págs. 5 s., 204, 254.

40. Veja-se Servadio, Emilio: "La ricerca psichica", Roma, Cremonese, 1928, pág. 108.

(cs do seu corpo, tinha uma hipersensibilidade tal, que o menor contato o fazia gritar. No dia seguinte, apareciam, freqüentemente, naqueles lugares chagas sanguinolentas e purulentas que, dois ou três dias após, desapareciam sem deixar nenhum traço. Os investigadores deduziram, como é lógico, que esses eram os lugares por onde se exteriorizava a telergia ou ectoplasma.

Outro fato a citar: em muitos casos se tem comprovado que, durante a realização dos fenômenos de efeitos físicos se deve respeitar, como já vimos, a linha dotado-objeto, sinal de que entre eles está o ectoplasma (ou telergia) proveniente do dotado, mesmo que freqüentemente invisível. Atravessando-se esta linha, o fenômeno muitas vezes é interrompido ou dificultado.

Uma frase de Crawford, a respeito das experiências com u Srta. Golighcr sintetiza tôdas estas afirmações, comprovadas muitas vezes por outros experimentadores:

"Um dia, estando a mesa levantada, durante uma suspensão difícil, em cima da balança, coloquei minha mão sob o prato. Como nas experiências anteriores, não senti pressão alguma, mas alguma coisa úmida, fria, untosa, como se o ar, nesse lugar, estivesse impregnado de partículas de uma matéria desagradável. A palavra 'viscoso' traduz melhor a sensação experimentada. Diversas vezes loquei essa mesma substância, nas proximidades da médium, mas aqui ela parecia escapar. O pesquisador, sentindo-a uma vez, sempre a reconhecerá. Foi esta a única vez que a percebi sob a mesa em elevação, entretanto aí deve estar habitualmente (quando a mesa é levantada), posto que não condensada a esse ponto... Em poucas palavras: não é admissível que essa substância não seja temporariamente subtraída do corpo do médium, para lhe ser restituída no lim da sessão E' o princípio fundamental e o suporte da força psíquica. Quando minha mão ali penetrava e se deslocava a mesa não tardava em cair"!

Veja-se, de passagem, como se torna absurda a crítica do que, em todos os casos, se tratava de truque à base de um pau vulgar...

Sensibilidade à distância — Quando o ectoplasma (a não ser na ponta, às vezes) é tocado ou mesmo iluminado, é frquente queixar-se o dotado de violenta dor. Isto evidentemente está a indicar que o ectoplasma é como que uma prolongação do corpo e da sensibilidade do mesmo dotado.

41. Crawford, William, tradução: "Mecânica...", o. c., págs. 78 s.

Assim, por exemplo, o caso do Dr. Willis, que referimos em outro lugar. Vendo uma formação ectoplasmática em forma de mão rudimentar, golpeou-a com uma faca bem amolada. O médium distante deu um grito agudíssimo. Acenderam imediatamente a luz, encontrando-se as mãos do médium completamente incólumes.

Polipsiquismo — E' evidente que também na ectoplasma, como em geral em todo efeito parapsicológico, poderíamos falar amplamente sobre o polipsiquismo. Este aparece mais facilmente, devido às circunstâncias mesmas, nos casos espontâneos, como estudaremos nas chamadas "casas mal-assombradas".

Nos casos experimentais, é raro encontrarem-se entre os assistentes, pessoas suficientemente dotadas ou tão contagiadas para colaborarem de modo um tanto mais perceptível com o dotado que está sendo experimentado. Mas Crawford trabalhou com o chamado "Círculo Goligher", onde todos os sete componentes eram dotados em diversos graus. A colaboração dos membros deste círculo foi comprovada pela balança. Extraímos o que segue das conclusões tiradas de uma das séries de experimentações que, neste caso, foram sois.

"Quando se faz a elevação da mesa, a sede de reação parece ser *principalmcjitc* o próprio médium. Tirando a média dos seis casos, o acréscimo de peso do médium parece ser cerca de 3 "o menor que o da mesa levantada... Os resultados foram registrados sem pressa... Temos muito tempo para fazer uma pesagem exata... O fato de ser o acréscimo do peso do médium um pouco inferior ao da mesa levantada, não é devido... a um erro de observação, mas a outra causa fácil de se adivinhar: a *quase* totalidade da reação tem lugar sobre o médium, mas uma pequena parte, não teria lugar sobre as outras pessoas?... Quis certificar-me... Fiz a experiência com o Sr. Morrison, que estava no círculo, à direita do médium. No fim da sessão, eu o fiz sentar sobre a balança e tendo o médium retomado o seu lugar, foi feita a elevação nas condições habituais com a mesa nº 1 (mesinha comum de 4 pés e quase 5 quilos). O acréscimo de peso foi de 50 gramas... A diferença é mínima... mas comparando esta experiência com a seguinte, a dúvida não é mais permitida: Sendo as condições as mesmas... pedi que pressionassem, de cima para baixo, a mesa em elevação; o fiel da balança que antes estava equilibrado, agora subiu e desceu em perfeita concordância com os movimentos da mesa. Repeti a experiência várias vezes até ficar absolutamente seguro do resultado".

"Por conseguinte, uma pequena parte da reação, ocorre sobre todos os membros do círculo, ou muitos dentre eles, sem contar o médium".⁴²

O polipsiquismo foi também comprovado pelo grau dos efeitos: que os assistentes (membros do Círculo Goligher) colaboram, ó evidente: "os fenômenos não são nem tão prolongados nem tão poderosos quando se fazem experiências com uma pessoa a menos".

"Um sinal característico é o violento abalo espasmódico que faz a volta do círculo 15 segundos antes de uma elevação difícil, mormente quando a força, energia psíquica (alavanca ectoplasmática) se apresenta um pouco falha e parece não haver* onde extrair reservas. Observei o fato em casos numerosos demais para, me enganar".

"No início da sessão, no primeiro quarto de hora, os assistentes recebem abalos intermitentes, que depois cessam completamente ou se repetem de vez em quando. Esse processo parece indicar que do corpo dos assistentes (também) se desprende alguma coisa...."⁴³

A exteriorização e condensação de telergia, mais ou menos moldada e moldável, chama-se ectoplasma.

Tem sido muito freqüentemente trucidado o "ectoplasma", o que não é obstáculo à pesquisa e, por conseguinte, à descoberta de fatos inegáveis de ectoplasma.

O ectoplasma pode exteriorizar-se em qualquer parte do corpo do ectoplasma, ao qual está vinculado estreitamente. Dirigido pela psicobulia, o ectoplasma pode causar telecinesias.

42. Crawford, William, tradução: "Mecânica...", o. c., págs. 38 s.

43. Crawford, William, tradução: "Mecânica...", o. c., págs. 80 s.

Ecto-colo-plasmia

**PODEM-SE PRODUZIR INSTANTÂNEAMENTE
MEMBROS HUMANOS**

*O espírito do além” que já saiu no jornal. —
Desenhos muito pouco “psíquicos”. — Um punho
fechado vou na sala. — Uma terceira mão se ex-
terioriza do dotado.*

Argila psíquica — O ectoplasma, como “argila psíquica”, teoricamente ao menos, poderia ser moldável para representar diversas figuras. Conforme fôssem os tipos de reproduções, o fenômeno seria classificado sob diversos nomes.

Os nomes em uso ou, em outros casos, os que melhor indicariam os diversos tipos de moldagem do ectoplasma, seriam: ecto-colo-plasmia, transfiguração, fantasmogênese e materialização. Queremos distinguir bem.

Distinção de outros fenômenos — Ecto-colo-plasmia é o ectoplasma moldado em formas de membros ou partes de pessoas, animais ou objetos. No conceito de ecto-colo-plasmia, após a exposição do fenômeno veremos que se pode incluir certo rudimentarismo na reprodução. Não se reproduz a parte ou membro “modelo” inteira e perfeitamente (defenderemos que tal fenômeno não existe). O membro ou parte é reproduzido rudimentarmente, imperfeitamente, sem a verda-

deira densidade e configuração da realidade que se trata de reproduzir. Uma vez afirmado êste rudimentarismo, defenderemos o fenômeno como possível.

Fantasmogênese: consiste na reprodução ectoplasmática de um “fantasma” de pessoa, animal ou coisa, inteiros. O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramente subjetiva; o fantasma tem certa consistência material, embora tênue, mais ou menos transparente, com pouquíssimo pêso em comparação com o pêso que teria o “modelo” reproduzido. Defenderemos também êste fenômeno como possível.

A *transfiguração* consiste em uma simples modificação do próprio corpo do dotado. Não é uma pessoa nova que é materializada; seria o próprio dotado revestido de ectoplasma e inclusive corporalmente modificado, representando outra pessoa. Defenderemos êste fenômeno como possível.

A *materialização* seria a reprodução perfeita de um novo ser. O ser materializado, quando se tratasse de um ser vivo, representaria todas ou as principais características do ser vivo: pêso, movimento, até calor, respiração, etc. Nossa posição diante d'êste tão falado fenômeno é que ele não é real.

A maioria dos autores incluem todos êstes conceitos sob a única denominação de ectoplasma (também materialização ou outras palavras análogas). Mas, desta maneira, a palavra estaria a significar fenômenos bastante diferentes, uns reais e outros inexistentes. E além da ecto-colo-plasma, transfiguração, fantasmogênese e materialização haveria de incluir-se no conceito de ectoplasma a simples produção de ectoplasma. Preferimos designar por ectoplasma esta simples produção de ectoplasma; os fenômenos derivados ou atribuídos à ectoplasma, preferimos designá-los com os nomes particulares citados, que nos parecem muito convenientes para uma exposição correta.

Ecto-colo-plasma é mais um neologismo. Transfiguração, fantasmogênese e materialização são termos já antes usados em Parapsicologia, embora com significados nem sempre precisos nem idênticos aos que lhes atribuímos e lhes correspondem pela etimologia e pelo uso mais generalizado entre os poucos teóricos que os distinguiram.

Definição etimológica — Formamos a palavra ecto-colo-plasma simplesmente incluindo na palavra ectoplasma o termo colo, do grego “kólon” que significa membro de pessoa ou animal e, por extensão, parte de um objeto. Ecto-colo-plasma, por conseguinte, etimologicamente significa bem o conceito em vista: a telergia condensada e maleável (plasma), exteriorizada (ecto) para formar um membro ou parte de algum ser (colo).

Como sempre, também em ecto-colo-plasma, a fraude deve ser levada em conta. A fraude, porém, não deve intimidar a investigação, antes pelo contrário: o público espera que os especialistas, decidam antes de mais nada, se tudo é fraude ou não. Deixar a investigação porque é difícil, dadas as muitas fraudes e querer negar todos os casos de ecto-colo-plasma, como muitas vezes se tem feito, é atitude comodista e pouco científica.

O “bôlo psíquico” — Já falamos no capítulo anterior da famosa médium Duncan:

O “ectoplasma” expedido pela bôea moldava-se em forma de rosto de uma jovem ou a mão de um cavaleiro. Ela dizia que a mão era de Albert Stewart (escocês emigrado para a Austrália) e o rosto da menina Peggy Hazeloine, seus espíritos guias. Enganou muitíssimas pessoas, que inclusive reconheciam nas produções de Duncan as feições dos seres queridos já falecidos. Até que Price a desmascarou, demonstrando que os rostos e os membros “ectoplasmáticos” dos mortos eram, na realidade, gaze, polpa de madeira, clara de ovo, fotografia, recortes de revistas ilustradas etc., que Duncan previamente engulia, regurgitava e engulia de novo com notável habilidade e sem o menor espasmo vomitório.¹

A técnica de Duncan, com maiores ou menores modificações pode ser considerada clássica na ecto-colo-plasma fraudulenta.

Experiências com Eusápia — A especialidade de Eusápia Palladino não era precisamente ecto-colo-plasma. Algumas vezes, porém, apareceram mãos e rostos “ectoplasmáti-

1. Além da bibliografia que citamos no capítulo anterior ao estudarmos a médium Duncan, veja-se também: “Luee e Ombra”, 3931, ns. 11 e 12, págs. 541 ss., e “II secolo illustrato”, n.º 33, de 15 de agosto de 1931.

cos". Após os fenômenos que ela realizava na eseundão, "só restava para chegar a uma convicção plena, tentá-los sem perder de vista a médium. Já que a escuridão, ao que parece, facilita muito a sua produção, era necessário deixar em trevas os fenômenos e manter a luz para nós e para a médium".

Mas, com alguma luz para controlar a médium, os fenômenos se tornaram muito menos importantes. Inclusive ridículos. Houve claras suspeitas de fraude da médium, quando não truque evidente. E' o que agora nos interessa.

"Por isso na sessão de seis de outubro, procedeu-se do seguinte modo: parte de uma sala ficou separada por grossa cortina divisória, para ficar às escuras. A médium foi sentar-se numa cadeira, frente à abertura da cortina, com o dorso na parte escura, ficando as mãos, os braços, o rosto e os pés na parte iluminada da sala... O recinto era iluminado por uma lâmpada de gás com vidro vermelho posta em outra mesa. Havia também a luz de uma vela sem vidros vermelhos... Ao pediclo de menos claridade, acendemos então uma lanterna vermelha, protegendo-a, além disso, em parte, com um interceptor do raios luminosos, mas pouco depois retiramo-lo e a lanterna foi posta sobre a mesa, em frente à médium... As mãos desta estiveram sempre seguras pelos seus vizinhos, os Srs. Schiaparelli e Du Prel".

"Então, sobre a cabeça da médium, algo começou a aparecer por várias vezes. Aksakof ergueu-se, pôs a mão na abertura da cortina, acima da cabeça da médium, e logo anunciou que uns dedos o tocavam repetidamente e depois sua mão foi agarrada através da cortina..."

"Todos os presentes introduziram a mão pela dita abertura e receberam o contato das mãos... Schiaparelli... sentiu-se tocado por dedos nus e cálidos... Depois, retomou seu lugar, e então nova mão começou a aparecer na abertura, sem mais se retirar tão subitamente, mas de modo mais distinto".

"Du Prel... introduziu a cabeça pela abertura, por cima da cabeça da médium (não poderia ver nada) e imediatamente sentiu-se tomado fortemente em vários pontos, por muitos dedos. Entre ambas as cabeças, a mão se mostrou. Du Prel retomou seu lugar e Aksakof introduziu um lápis, que foi tomado e agarrado (supomos) pela dita mão, (pois) não caiu. Pouco depois foi atirado através da abertura, sobre a mesa. Uma vez, um punho fechado apareceu sobre a cabeça da médium, abriu-se lentamente e mostrou a mão aberta com os dedos separados".

Trata-se de ecto-colo-plasmia ou é a verdadeira mão de Eusápia que, com sua característica habilidade, se soltou, enganando os controladores? Parece, significativo que o fenômeno se realizava muito perto da médium. Aliás, esta ficava bem protegida da luz, pois "as orlas da abertura da cortina foram fixadas aos ângulos da mesa, e a pedido da médium também presas na sua cabeça com auxílio de alfinetes".

Lombroso, que relata estes fatos, diz várias vezes que seguravam as mãos da médium. Mas esta certeza é difícil com Eusápia.²

E Lombroso se vê obrigado a novo controle: todavia, para maior segurança, na noite de 15, foi aplicada à sua mão esquerda uma fita de borracha que envolvia separadamente os dedos, permitindo a todo momento distinguir qual das mãos cada vizinho tinha em custódia".

Mas com este maior controle os fenômenos diminuiram:

"As aparições logo surgiram, o mesmo se repetindo nas noites de 17 e 18, *embora com intensidade menor*, sob o controle dos professores Litchet e Schiaparelli e por eles solenemente atestado, dado que eles prestaram especial atenção a esta parte".

Lombroso, a seguir, reconhece que tão solene atestado não pode ser tomado como incontestável:

"Tal condição era aqui bastante difícil, porque a médium agitava as mãos continuamente; em lugar de as manter sobre a mesa, à vista de todos, conservava-as abaixadas, sobre os joelhos".

Aliás, a mão que aparecia era perfeita demais para tratar-se de ecto-colo-plasmia e não da própria mão de Eusápia:

"E' impossível contar o número de vezes que esta mão apareceu e foi tocada por todos nós, de forma que nenhuma dúvida seria possível: era uma verdadeira mão humana, viva, que víamos e tocávamos".

Acreditamos mesmo que era uma verdadeira mão humana, viva: a própria mão de Eusápia, mostrando mais uma

2. CIT., 2.º tomo, Apêndice I, itens "O Método da substituição das mãos" e "Mas Eusapia tem mais técnica".

vez a sua habilidade em se esquivar do controle. . . Tratar-se-ia de fraude consciente, embora talvez irresponsável, dado o impulso incontrolável para a fraude, típico no psiquismo dos dotados. Porque talvez Eusápia nem sequer estivesse em transe:

“A médium, que jamais tal presenciara, ergueu a cabeça para ver e logo veio a mão tocar-lhe o rosto”.

Em transe, tal curiosidade não seria a coisa mais lógica (embora possível)..^{3 4 5}

Em outras ocasiões, a fraude apareceu mais evidente. Lombroso o atesta de modo geral:

“Muitos são os truques feitos por Eusápia em estado de transe e fora dele, liberando, por exemplo, uma das mãos, prés a pelos controladores, para... tocar os presentes... Parece ainda que teria aprendido com pelotiqueiros algum truque especial, por exemplo, aquele de simular rostos humanos com o movimento das mãos circundadas com um lenço ajeitado á moda de turbante”.! Na Sicília, encontraram-na numa sessão, tratando de esconder uma certa quantidade de estôpa, com a qual fingia as ecto-colo-plasmias.⁵

Muito truque — Seria interminável enumerar todos os tipos de fraude cxcogitados, consciente ou inconscientemente pelos médiuns para truear a ecto-colo-plasmia. Finíssimos retalhos de sêda, convnientcmntc desenhados, máscaras dobráveis, baTões de borracha pintados, que depois se enchem pouco a pouco, e lcntamente se esvaziam após a “misteriosa” a parição. . .

Quando êstes globos estão pintados com várias côrcs e levam dentro alguma substância fosforada ou qualquer outro preparado químico luminoso, produzem muita impressão no auditório desprevenido; o médium ou um colaborador, servindo-se de um fio, os faz ir e vir, revoando pela sala, voltando ao mesmo lugar dc origem, onde sc “desmaterializam” misteriosamente quando se esvaziam. Se um mé-

3. Lombroso, Cesare: “Ricercc sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Torino, Utet, 1914 (1.^a ed. 1909), trad. dc Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo e Mediuidade”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 130-133.

4. Lombroso, Cesare: “Hipnotismo...”, o. c., págs. 157 e 419.

5. “Giornale de Siciha”, 24 e 25 dc fevereiro de 1927.

dium ou um colaborador é ventríloquo, as “aparições” parecem mesmo vivas... Todos êstes materiais se escondem facilmente na boca, no salto ôco do sapato, etc.

Fraudes incontestáveis — Logicamente, devemos incluir aqui, ao estudarmos as fraudes em ecto-colo-plasmia, todos os casos em que aparecem mãos ou rostos ou qualquer outros membros perfeitos, cálidos, com circulação sangüínea, vivos... E não há dúvida de que são vivos mesmo. Incontestavelmente são fraudes: são membros autênticos do médium ou de algum de seus cúmplices.

Alguma vez, muito rara, fora das sessões realizadas perante sábios, algum médium têm apresentado membros perfeitos na forma, com pelos, poros etc., mas mortos. ..Indubitavelmente são também fraudes: são membros autênticos, decepados de algum morto, pessoa ou animal.

Comprccnder-sc-á a impossibilidade de tais ecto-colo-plasmas perfeitas quando expusermos, neste o nos próximos capítulos, o que o cctoplasma pode realizar. Nunca, nem de corpo inteiro nem só em algum membro, o cctoplasma pode ir além do uma representação. Por outra parte, não pode tratar-se do fenômeno que chamamos “transfiguração” (2^o tomo, capítulos 12 e 13): o médium, indiviso, poderá ir se recobrando com cctoplasma, e modificar sua aparência, mas nunca poderá dividir-se, desprender um membro paia longe do resto do corpo, Iransfigurá-lo. . . A fantasmogênese (2^o tomo, cap. 11) também não pode explicar uma ccto-colo-plasmia perfeita: a fantasmogênese é uma representação mais ou menos translúcida, tênue, inconsistente. As “ecto-colo-plasmias” perfeitas, membros humanos perfeitos, são fenômenos humanos demais, normais em demasia: puro truque.

O truque da “ecto-colo-plasmia” perfeita, nem sempre podê-lo-á descobrir uma pessoa que não conheça mágicas profundamente. Isto dá mérito e valor ao truque, mas não o suprime: é apenas um truque mais perfeito. Já dizia o Dr. Mille, a propósito das “ecto-colo-plasmias” demasiado perfeitos de Eusápia Palladino: “Não sei explicar qual tenha podido ser a ‘mágica’ ou o truque para produzir as mãos que nós sentimos... E não obstante, não se pode, doa a quem ocr, afastar a hipótese de uma ‘mágica’ ou de um truque. Essas mãos eram humanas, demasiado humanas... Não se

exergava nada nesse ângulo sombrio... E' demais, ou melhor, é pouco demais"/ Já sabemos que se tratava da própria mão de Eusápia.^{6 7 8 *}

Com respeito à ⁴⁴ecto-colo-plasmia" perfeita é necessário analisar a fundo experiências muito importantes, ao menos muito famosas. Da análise delas e das discussões a respeito, depende a reta compreensão do que é possível e do que é irreal na ccto-colo-plasmia. E' imprescindível uma revisão c estudo suficientemente pormenorizado. As médiuns Linda Gazzera c Eva Carrière são os "pivots" dêste estudo.

Desenhos e moldes de cêso — O doutor Imoda tornou muito famosa a senhorita Linda Gazzera, após experiências que realizou em Turim, com a colaboração dos Drs. Marzocchi e Audenino (nenhum dêles com experiência nem sequer bons conhecimentos teóricos dêste tipo de investigações). As mãos, rostos, meios corpos com seus vestidos "ectoplasmáticos", que a Srta. Gazzera fazia aparecer, fotografados inúmeras vezes, crarn de uma perfeição e beleza muito notáveis. Dir-se-ia que a médium Linda Gazzera era a passarela para os desfiles de beleza do além.

Excessiva perfeição e beleza para serem ecto-colo-plasmias reais ...

Já é muito suspeito o fato de que foi só um ano depois de tê-lo prometido que apareceram as suas "ecto-colo-plasmias".

Primeiramente, apresentou algumas "ecto-colo-plasmias" de gôso: um busto, u*a mão etc. Apresentadas incompleta e rapidíssimamente, sem tempo para uma observação acurada.

Os inexperientes controladores, mesmo assim, perceberam que eram moldes de gesso. .. Linda Gazzera tinha uma grande habilidade c gôsto para o desenho artístico, como expressamente afirma o Dr. Imoda/ Durante três meses permaneceu sem apresentar nada; mas, depois... de repente começam a aparecer maravilhosas ⁴⁴ecto-colo-plasmias".

6. Milc, Pierre: "Eusapia Palladino à Paris", em "Écho du merveilleux", 1908, pág. 74.

7. Cfr. 2.º tomo, Apêndice I, itens: "O método da substituição das mãos" e "Mas Eusápia tem mais técnica".

8. Imoda, E.: "Fotografia di fantasmie", Torino, Bocca, 1912, pág. 25.

Analisando com a lente de aumento as abundantes fotografias que o Dr. Imoda publicou na sua monografia sôbre a médium, logo se vê que as ⁴⁴ecto-colo-plasmias" não passam de belos desenhos.

Inclusive uma cabeça ectoplasmática de um "espírito do além" 9 é, evidentemente, cópia da cabeça de São João de um quadro de Rubens!!¹⁰

Análise das sombras — A análise das sombras é muito elucidativa para pcrcebr-se que as ⁴⁴ecto-colo-plasmias" de Gazzera são desenhos.

Em muitas fotografias, feitas à luz do magnésio, os traços da médium (nariz, saliências do rosto, vestidos etc) provocam fortes sombras; os traços das "ecto-colo-plasmias", porém, não têm sombras. Por sua parte o material do desenho projeta, como é lógico, forte sombra sôbre a parede.¹¹

Em outro exemplo, a sombra da médium numa determinada fotografia se projeta para a esquerda do observador (observa-se, na fotografia original, a sombra da fita) mas a sombra do "desencarnado" (evidentemente desenhado) está à direita.¹²

Em outras fotografias, o nariz da médium projeta nitidamente a sombra para a direita, enquanto que o nariz do "desencarnado" a projeta para a esquerda! d

O senhor Randone e sua irmã, que colaboravam com o doutor Imoda, fotografaram uma "ecto-colo-plasmia" maravilhosa: o rosto de uma empregada já falecida, chamada Baruzzi. Mas a análise da fotografia explicaria a fraude: apareceram dois retratos: um era recortado, para fingir a aparição da morta; no outro aparecia a mesma figura da morta diante de uma muralha de Civitá Vecchia.

Gazzera tinha recortado, de umas cópias ou retratos, a ^{4 4}ecto-colo-plasmia" da falecida. Só que apareceu também o retrato completo, com paisagem e tudo!

9. Imoda, E.: "Fotografie.. .", o. c., figura da pág. 24.

10. Fontcnay, Guillaune de: "Un fantôme qui avait été peint par Rubens", em "Annales des Sciences Psychiques", 1913, n.º 2, págs. 59 ss.

11. Imoda, E.: "Fotografie...", o. c., fguras das págs. 111, 121, 143, 189, 192, 211.

12. Imoda E.: "Fotografie...", o. c., figura da pág. 227.

13. Imoda, E.: "Fotografie...", o. c., figura da pág. 179.

Figuras recortadas — Quando não se trata de rostos, como para a reprodução de mãos, não é preciso desenhar. Então, logo se percebe que a mão "ectoplasmática" não passa de papelão recortado. Se no corte se desenha um anel, poderemos perceber, especialmente se utilizamos uma lente de aumento, que o tal anel está mal desenhado, é plano e não redondo.¹⁴

Outros médiuns, que não são tão bons desenhistas e não querem recorrer a algum colaborador, servem-se de recortes de revistas ilustradas, fotografias, etc.

Poderíamos dizer que ôste truque é clássico nas falsas ecto-colo-plasmias. Muitos são os médiuns que foram pegos neste tipo de fraude. Alguns chegaram a impressionar pela sua habilidade e fama.

Um exemplo escolhido ao acaso nos traz as médiuns Elizabeth M. e Míry M. que enganaram o Dr. T. G. Hamilton. Acompanhadas de "telecincias" e "vozes do além" apresentaram muitas "ecto-colo-plasmias". Várias pessoas reconheceram os rostos de defuntos famosos... Até que se comprovou que se tratava de figuras recortadas do jornais...¹⁵

Muitos truques para burlar — Mas a médium mais famosa neste ponto foi, indiscutivelmente, Eva Carrière. Uma das mais célebres médiuns que já houve, Marilha Béraud, após ter sido desmascarada em sessões de materialização que realizou na Argélia e que estudaremos no 2º tomo, cap. 14, adotou o nome de Eva Carrière (e ainda adotará mais tarde o nome de Rosa Dupont, como veremos). Foi recomendada em Paris, à investigadora senhora Bisson pelo conhecido escritor espiritista Gabriel Delannoy que, apesar de ter assistido às sessões na Argélia, sempre ocultou, ao público, a verdadeira identidade da chamada Eva Carrière. A senhora Bisson estudou a famosa médium de 1909 até 1918 com a colaboração,

14. Imoda, E.: "Fotografia...", o. c., figura da pág. 205.

15. "Luce e Ombra", 1929, 1930, 1931, passim; e "Psychic Science", 1934, outubro.

16. Bisson, Juliette Alexandre: "Les phénomènes dits de matérialisations — étude expérimentale", Paris, Alcan, 1914. Relação das sessões até junho de 1913.

durante os primeiros quatro anos, do Dr. Schrenck-Notzing¹⁷ e de 1916 até 1918 com a colaboração do Dr. Geley.¹⁸

No capítulo anterior estudamos as ectoplasmias que Eva Carrière realizou durante os dois primeiros anos de sua "carreira" na Europa. São as únicas produções desta médium singular, aproveitáveis e válidas cientificamente. Agora, porém, referimo-nos às suas ecto-colo-plasmias. Eva Carrière quis dar maior precisão, mais arte, menos rudimentarismo às suas produções: quis passar da ectoplasmia pura e simples à ecto-colo-plasmia. E isto foi o que a perdeu.

E' sumamente esclarecedor analisar as fotografias das "ecto-colo-plasmias" de Eva Carrière, tanto as de Geley como as de Notzing e Bisson. As fotografias serviram à Dra. Kennitz para desmascarar os truques, ainda no tempo mesmo do Dr. Schrenck-Notzing.¹⁹

Em primeiro lugar, as fotografias falam alto contra o que se afirma, nas relações, sobre o "máximo rigor de controle":

Várias fotografias mostram que a médium gozava de plena liberdade de movimentos durante a sessão, pois ninguém a segurava, nem as mãos nem os pés, nem estava atada etc. (Noutras fotografias, aparecem controlados os pés e as mãos).

Na figura 31 do livro da senhora Bisson aparece claramente o clássico truque da "substituição das mãos", para escapar ao controle.

E na figura 104 do mesmo livro, vê-se Eva segurando por cima da cabeça, com a mão direita, uma fotografia (sem relêvo, enrugada) envolvida em gaze, como se fôsse um rosto ectoplasmático,

17. Schrenck-Notzing, A. F.: "Physikalische Phänomene des Mediumnismus. Studien zur Erforschung der telekinetischen Vorgänge", München, E. Reinhardt, 1920; tradução de Dongaud: "Les phénomènes physiques de la médiumnité", Paris, Payot, 1925.

18. Geley, Gustave: "L'Ectoplasmie et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles", Paris, Alcan, 1924, págs. 196-212. O doutor Geley tem sido acusado injustamente de ter atribuído a si a autoria das fotografias que se tiraram em seu laboratório na Avenida Suffren. Evidentemente, o diretor das experiências pode empregar frases como "minhas fotografias", referindo-se às fotografias que se tiraram sob sua direção. Na realidade, as fotografias foram tiradas por Lo Cour. Veja-se: "L'Opinion", de 4 de julho de 1924; e Le Cour, Paul: "Manifestations posthumes", Paris, Dervy, 1950, págs. 77-88.

19. Kennitz, Matilde von: "Moderne medium-forschungen", München, 1919.

enquanto que, para enganar os observadores, colocou sobre o joelho direito, um volume de gaze branca, como se fôsse a mão (sobre o joelho esquerdo aparece a mão esquerda). Neste caso, também as mãos não estão sendo seguradas pelos controladores.

O controle, pois, nestas ocasiões consistia na observação direta e fotográfica e a exigir de Eva Carrière que, antes das sessões, despiasse suas roupas sob vigilância e vestisse uma espécie de camisola, sem bolsos nem botões, costurada pelas costas. Não tinha acesso à sala de experiências: só entrava, juntamente com os experimentadores, quando chegava a hora de começar as sessões.

Para algumas sessões, também o rosto de Eva Carrière era coberto com um véu preto de gaze, para impedir a regurgitação, mas a fotografia deixa ver nitidamente que o "ectoplasma" está sendo mordido; o véu aparece empurrado para dentro da boca a fim de permitir que os dentes segurem o "ectoplasma". As mãos da médium estão livres, o que lhe teria permitido com toda facilidade, levar à boca, por fora do véu, o material necessário para o truque, fingindo que o ectoplasma saía através do véu...

Isto supõe que a médium introduzia fraudulentamente seus materiais nas salas de sessões:

Ela, com efeito, se sentava numa poltrona de vime com grandes espaços ociosos. A poltrona estava forrada de fazenda preta, mas nas fotografias (figura 5fi) aparece esta fazenda deslocada para permitir uma abertura no espaço ôco deixado pela estrutura do vime. Aí cabia grande quantidade de "ectoplasma" fraudulento.

Mais ainda: quando não se realizava exploração anatômica profunda da médium, ela poderia esconder abundante material dentro de seu próprio corpo; poderia retirar por debaixo da saia os materiais escondidos...

Além disso usava um dedo artificial ôco, fácil de esconder e que, ao que tudo indica, se escondia de fato na vagina e no reto. Êsse dedo aparece nas fotografias reproduzidas nas figuras 147, 148, 152, 153 e 154.

O padre Heredia, analisando as fotografias das "ecto-colo-plasmias" de Eva, foi levado a suspeitar, também, de três grandes pentes ornamentais, que Eva levava sobre os cabelos: Veem-se dois grandes pentes na figura 29 do livro de Schrenck-Notzing e um deles nas figuras 52, 54, 55 e 56.

E com efeito, Heredia demonstrou, com um dedo idêntico e um pente bem menor, que nêles se podiam esconder vários metros de gaze ou substâncias afins para fingir ectoplasmas. Num pente

pequeno, escondeu mais de um metro de gaze de quatro centímetros de largura. E em outro pente, também *pequeno*, na parte ôca escondeu um desenho em papel de sêda, de 20 por 30 centímetros. Servindo-se de um grampo, fazia desaparecer todo êste material, dentro dos referidos objetos, em menos de 10 segundos.²⁰

Cumplicidade — Inclusive parece que se deve pôr em questão a honestidade da senhora Bisson, que seria, além de protetora de Eva Carrière, cúmplice dos seus truques. Em Eva Carrière, quando se realizaram exames corporais, antes ou depois das sessões, nunca se encontrou o material dos truques. Mas era a senhora Bisson que fazia tais exames: Eva receberia e devolveria os materiais à senhora Bisson? Tal acusação foi lançada pelo conde Perevski no III Congresso Internacional de Investigações Psíquicas, celebrado em Paris e publicado no "XX.^e Siècle". A mesma acusação, mais violenta porém, foi feita, por escrito, pelo conde Klinckowstroden, cm, "Zeitschrift fur Kritischen Okkultismus".

Também o Dr. Osty concluiu que havia colaboração fraudulenta da senhora Bisson, pelo que a excluiu da representação francesa ao Congresso Internacional de Investigações Psíquicas.²¹

O grande mágico Houdini, escreveu: "Não fiquei absolutamente convencido com a demonstração que presenciei. Penso que os fenômenos de Eva são simplesmente produto de regurgitação... e ainda um truque com parceiro. Lamento ter que dizer que não se pode acreditar na honestidade de sua companheira, senhora Bisson... Achei astuta e hábil a companheira de Eva, e não aceito que seja honrada. Pelo contrário, não duvido um momento em afirmar que as duas simplesmente se aproveitaram da credulidade e honestidade das pessoas com que tratavam".²²

Estas acusações são muito lógicas, embora a senhora Bisson nunca fôsse pêga em flagrante na cumplicidade, porque, de fato, não foi controlada...

20. Herédia, S. J., Carlos Maria: "O espiritismo e o bom senso", Petrópolis, Vozes, 1958, págs. 173 s.

21. Citados por Besterman, Theodore: "Some modern médiums", Londres, Methuen, 1930, onde, além disso, se faz completa impugnação às qualidades parapsicológicas de Eva.

22. Houdini, Harry: "Magician among the spirits", New York, 1924, pág. 172.

Os sinais da fraude — Nas figuras 77, 102, 121, 149, e 157, da obra da senhora Bisson, com toda nitidez se percebe, em inúmeros pormenores, que as “ectoplasmias” são papéis pintados ou fotografias recortadas de revistas. As figuras foram pregadas, manuseadas e depois na sessão despregadas.

Notam-se clarissimamente rugas e até rupturas nos papéis, e inclusive vcm-sc, nas fotografias, partes dos papéis pregadas . ainda.

Note-se também que quando um mesmo rosto aparece duas ou mais vezes, em diversas fotografias, os olhos da “aparição” por exemplo, estão sempre exatamente na mesma posição.

Este fato demonstra que se trata de figuras perfeitamente imóveis, recortes de revistas ou jornais, pois é completamente inverossímil que, em se tratando de ecto-colo-plasmias reais (com aparência de vida, como se pretendem) tivessem sempre os olhos, etc., exatamente na mesma posição.

Como em outras ocasiões, também a este respeito Bozzano mente abertamente ou distorce a realidade, quando dá a entender que, fotografias diferentes do mesmo rosto apresentam diferenças na “expressão fisionômica”. Escreve Bozzano: “Quando se consegue fotografar sucessivamente, com intervalo de minutos, o mesmo semblante, há sempre diferenças muito sensíveis nas reproduções com relação à posição da cabeça, contornos do rosto, à expressão fisionômica”.²³

Isto não é verdade: há sim, às vezes, fotografias que apresentam um mesmo papel, recortes de revistas, em diversas fases de desamarrotamento: ainda amassado, mais estendido ..., fato que, como temos frisado, é contra a realidade da ecto-colo-plasmia. Mas não é verdade que pareça o mesmo rosto com diferenças intrínsecas “com relação à posição da cabeça, contornos do rosto e expressão fisionômica”, como poderá comprovar perfeitamente quem examine as obras originais de Bisson e Schrenck-Notzing...

23. Bozzano, Ernesto, tradução a partir da tradução francesa, por Quintão, M.: “Pensamento e vontade”, 3.^a ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1950 págs. 114 s.

Fotos estereoscópicas — Após a morte do Dr. Geley, o Dr. Osty, seu sucessor na direção do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, encontrou fotografias estereoscópicas que Geley deixara na sua mesa de trabalho. Geley só publicara estas fotografias na forma simples²¹ e algumas delas já mostravam claramente que as “ecto-colo-plasmias” de Eva eram recortes de revistas e de jornais ilustrados.^{24 25}

Mas, sob a forma estereoscópica, as fotografias mostram a fraude de maneira insofismável; os rostos “ectoplasmáticos” produzidos por Eva eram sem relevo, e estavam artificialmente fixados à cabeça da médium pelos próprios cabelos que deveriam passar como sendo a cabeleira do rosto “ectoplasmático”; outras eram fixadas ou pendiam de arames, fios, alfinetes ou dos pentes que Eva usava.

As fotografias vistas pelo estereoscópio convenceram Osty de que Eva tinha realizado um “truque ridículo”. Naquela época, porém, Osty, diretor do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, não publicou as fotografias estereoscópicas porque não o permitiu o Sr. Jean Meyer, espírita militante, que financiava o Instituto. Richet e Schrenck-Notzing também se opuseram à publicidade.²⁶ Atitude bem pouco científica !!

Jornais “colaborando” com os fenômenos — A Dra. Mathilde Kernitz mostrou, após exames meticolosos e microscópicos das fotografias que, as “ecto-colo-plasmias” de Eva Carrière são recortes de fotografias de jornais, regurgitadas com resíduos gástricos e saliva, vendendo-se através das imagens, as letras de imprensa do jornal.

Semelhantes objeções fez o Dr. von Gulatwcllenburg.

Inclusive a Sra. Barklay comprovou que a maioria dos rostos “ectoplasmáticos” apresentados por Eva foram recortados do jornal “Le Miroir”.

24. Cfr., Masse, François, em “Revue Métapsychique”, 1955, julho, pág. 54.

25. Vcja-se em Geley, Gustave: “L'Ectoplasmie”, o. c., as figuras 38, 40, 42, 43, 44.

26. Lambert, Rudolf: “Dr. Geley's report on the médium Eva C.”, em “Journal of Society for Psychical Research”, 1954, vol. XXXVII, novembro-dezembro, págs. 380 ss.

Em sete casos (dos trinta) a origem fotográfica dos rostos "ectoplasmáticos" foi fácil e incontestavelmente comprovada. Assim por exemplo, o rosto do presidente Poincaré apresentado por Eva Carrière, primeiro na sessão de 6 de março e ainda, com maiores retoques, a 7 de março de 1913 era, manifestamente, recorte da fotografia publicada por "Le Miroir" a 21 de abril do ano anterior.²⁷

Uma fotografia tirada sem prévio aviso, confirma indubitavelmente esta acusação:

Na sessão de 19 de janeiro de 1913, Eva Carrière exterioriza uma substância cinzenta. Abertas as cortinas, certa quantidade da substância se acumula sobre o peito de Eva; pouco a pouco se desenvolve e aparece o rosto de um homem com grossos bigodes. Tirar-se uma fotografia". *« Como em outros casos, identifica-se a fotografia: Durville mostrou que era o retrato do presidente W. Wilson que fôra impresso na capa do "Le Miroir" do dia 17 de novembro de 1912: 2 Eva se limitara a cortar a fotografia, suprimindo umas bandeiras do fundo e pintando uns grossos e rudimentares bigodes para dissimular a procedência e dificultar a identificação. Chega-se até a descobrir o traço de algumas linhas de jornal, em caracteres pequenos.

Ao mesmo tempo que se tirava esta fotografia pela frente, tirou-se outra por detrás da médium e nela aparecem as letras garrafais "MIRO" e parte da letra "I" título do jornal "LE MIROIR", donde fôra recortada a "ecto-colo-plasmia"...

A senhora Bisson afirma no seu livro que as letras da fotografia "são semelhantes às do jornal, mas que não estão dispostas do mesmo modo",^{27 28 29 30} o que é completamente errado. A diferença aparente pode depender de qualquer modificação causada pelo desdobramento do papel ou pode ser diferença meramente subjetiva na comparação da fotografia com o jornal original.

27. A Sra. Marklay publicou seus estudos em "Le Matin", 1913, dezembro, e 1914, janeiro.

28. Bisson, Juliette Alexandre: "Les phénomènes..." o. c., fig. da página 174.

29. Durville, Henry, em "Psychic Magazine", citado por Price, Harry, em "Revue Métapsychique", 1928, n.º 4, pág. 362.

30. IBisson, Juliette Alexandre: "Les phénomènes..." o. c., nota da página 280.

O Dr. Schrenck-Notzing dedica 20 páginas a defender que, como o controle foi rigoroso, isto só poderia ser explicado pelo transporte da fotografia do jornal mediante forças parapsicológicas, para dentro da sala das sessões.³¹

De fato, provavelmente não foi a própria Eva que transportou a fotografia. Mas a senhora Bisson, a cúmplice, não era controlada...³²

De passagem, note-se que o próprio Schrenck-Notzing refuta a afirmação de sua colega, Sra. Bisson, segundo a qual as letras seriam meramente semelhantes e dispostas de maneira diferente. Se de fato houvesse qualquer diferença objetiva, Schrenck-Notzing não poderia ter apelado para o transporte por forças parapsicológicas (!) da própria fôlha do jornal para dentro das salas das sessões.

Novos desmascaramentos — Eva Carrière, submetida a severo controle em 4 sessões realizadas de abril a julho de 1920 por experimentadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres (Fielding, Baggaly, Dingwall etc.) não realizou senão mínimas manifestações, o que, em si, não teria importância nem pró nem contra. Mas uma vez que conseguiram arrancar um pouco de ectoplasma, comprovaram, ao examiná-lo, que era papel mastigado.

Os investigadores concluíram que Eva Carrière tinha apelado para a regurgitação a fim de fingir suas ecto-colo-plasmias.³³

Em 1922, de março a junho, outras 15 sessões se celebraram no laboratório de Fisiologia da Sorbonne, com os Drs. Heuzé, Lapique, Dumas, Picron, Laughier etc. O controle foi rigoroso: despida, examinada, revestida, mãos controladas todo o tempo... Nessas condições, Eva não conseguiu ecto-colo-plasmia nenhuma (o que não seria argumento), mas "exteriorizou ectoplasma": "Uma substância que a médium fez sair da bôea após prolongados esforços que,

31. Schrenck-Notzing, A. F.: "Materialisations Phénomène. Ein Beitrag zur Erforschung der mediumnistischen teleplastie", Munich, Reinhardt, 1923, págs. 475-501.

32. Além da bibliografia já citada, veja-se Tocquet, Robert: "Tout L'occultisme dévoilé", Paris, Amiot-Dumont, 1953, págs. 133 s.; Palmés S. J., "Metapsíquica e espiritismo", 2.ª ed., Petrópolis, Vozes, 1961, capítulo XVI, ns. 152-157.

33. "Proceedings of Society for Psychical Research", 1922, vol. XXXII, págs. 209-363.

fisiologicamente, não podem ser interpretados senão como esforços para vomitar. A substância não tem mobilidade própria alguma e é reengulida quase que imediatamente”.³⁴

Evidentemente, a reabsorção imediata é para impedir a análise. . . que aliás nesta altura já é desnecessária.

Desafio oportuno — Além do grande mágico Houdini, a quem já nos referimos, outro grande mágico, Dickson, interveio no assunto das ecto-colo-plasmias.

A senhora Bisson desafiou, num **jornal**,³⁵ o famoso mágico amador Dickson, nome artístico do conde de A. de Saint Genois.

Bisson oferecia vinte mil francos se Dickson fôsse capaz de reproduzir, pelos truques de sua arte, as “ecto-colo-plasmias” realizadas por Eva. Dickson aceitou imediatamente, pelo jornal do dia seguinte, embora desinteressando-se pela recompensa, e pondo como única condição que se lhe permitisse assistir uma só vez os fenômenos realizados por Eva, já que, até então, nunca os presenciara e só os conhecia por fotografias e descrições da própria Bisson.

A desafiante parece que não esperava ser aceito o desafio pois não respondeu. De novo, Dickson insistiu, pelo mesmo jornal, M sendo êle agora o desafiante e continuou a repetir incessantemente o desafio nas suas conferências públicas.

A senhora Bisson, que fôr a iniciadora dos desafios, nunca os accitou.³⁷

Nada de extremos — Como em todo fenômeno parapsicológico, a freqüência da fraude tem levado muitos teóricos a afirmar que sempre e em todos os casos se trata de fraudes, negando a existência real da ecto-colo-plasmia.

31. O relatório completo foi publicado em “L'Opinion”, de 8 de julho de 1822; foi em parte reproduzido por Gemelli, A.: “Ancora in tema di spiritismo. Una recente esperienza di materializzazione”, em “Vita e Pensiero”, de Milano, ano VIII, 1922, setembro, págs. 520 ss. Cfr. também “Lucc e Ombra”, 1922, ns. 7 e 8, págs. 242 ss.; e Mondeil, Gaston Jean: “Le fluide Humain devant la physique révélatrice et la metapsychique objective”, Paris, Berguer-Levrault, 1927, pág. 268.

35. “Le Matin”, 10 de dezembro de 1913.

36. “Le Matin”, 8 de janeiro de 1914.

37. Além do Jornal, nas datas citadas, veja-se Dickson, Adolphe: “Médiums, fakirs et prestidigitateurs”, Paris, Albin Michel, 1927, pág. 33.

Na realidade, tão precipitado como afirmar demais, é negar e ridicularizar tudo, sem se tomar o trabalho de analisar as circunstâncias de todos os casos, para depois, sem apriorismos, tratar de examinar se existem ou não estes fenômenos. Ou talvez investigar só para saber duvidar: admitir uma certa possibilidade...

Inconsciente artífice — Nas próximas páginas pretendemos expor um resumo do que hoje se pode dizer a respeito da ecto-colo-plasmia, o que poderá servir de base para posteriores progressos na investigação. Ainda continuaremos servindo-nos dos casos Gazzera e Carrière, após umas considerações prévias para a formulação do problema.

A primeira consideração referente à possibilidade da ecto-colo-plasmia real é o fato da ideoplastia. Explicamos brevemente o conceito deste termo: o inconsciente moldaria o ectoplasma para a reprodução das imagens que o próprio inconsciente tem de rostos, membros, etc. Esta imagem ou idéia, quando objetivada, é o que chamamos ideoplastia. A ideoplastia é um fato real. O que pretendemos saber é se ela, servindo-se do ectoplasma pode plasmar rostos ou membros e moldá-los e até que grau de perfeição o faz.

O prof. Flournoy citando por sua vez a própria Eva Carrière, explica assim a ideoplastia na ecto-colo-plasmia: “As lembranças latentes no inconsciente do médium ou as elucubrações de sua imaginação tomam corpo literalmente no exterior, fazendo-se visíveis e fotografáveis, modelando, de acordo com a imagem, esta misteriosa substância que expele de seu organismo”.

“Aliás, essa é a explicação que a própria Eva Carrière dava durante o transe: no estado sonambúlico, a médium acha que a substância material e palpável não passa de um instrumento; o principal é uma força invisível que, juntamente com a substância, se desprende dela modelando a substância como massa nas mãos do escultor”.

Compreenderemos perfeitamente a frase, sabendo que a “substância material e palpável” é o ectoplasma; a “força invisível” é a força propriamente psíquica do inconsciente; esta é que dirige; é a psicobulia. Só que a força propriamente

psíquica não “se desprende”, como diz Eva Carrière (ou Flournoy), porque o psiquismo está onde atua, sem que se possa falar propriamente em desprendimento.

“E” como uma espécie de demiurgo que imagina os objetos e imprime, sobre a matéria amorfa, as idéias ou os sonhos da imaginação que lhe passam pelo cérebro”.³⁸

Posição extrema é falsa — Acontece porém, que alguns autores quiseram chegar longe demais com a ideoplastia. Assim, Schrenck-Notzing e após ele outros escritores (Richet, Bozzano, Sudre, etc.) queriam atribuir à ideoplastia o que evidentemente eram fraudes de Eva Carrière: “Com Eva Carrière as imagens óticas da memória são as que representam, evidentemente, o papel principal (tipo de imagem visual). Daí resulta que o principal de uma fotografia pode ter sido completamente esquecido, enquanto eram produzidos com precisão certos detalhes, como, por exemplo, o modelo de uma gravata, uma verruga, um pormenor que salta á vista numa gravura, certas linhas ou rugas do rosto...”³⁹

Como se vê, Schrenck-Notzing leva longe demais os efeitos da ideoplastia. No caso de Eva Carrière, em vários fenômenos concretos, é completamente absurda a explicação por ideoplastia: as “ecto-colo-plasmias” nos mínimos detalhes de forma, cor, tamanho etc., são iguais às fotografias originais dos jornais ilustrados, geralmente “Le Miroir”, salvo evidentes supressões fáceis (como a supressão das bandeiras que apareciam atrás da cabeça do presidente Wilson) ou claros acréscimos (como os rudes bigodes colocados na fotografia do mesmo), retoques feitos para desorientar, sem contudo o conseguir. As letras do título do jornal, várias linhas que aparecem, linhas do verso perceptíveis, ruptura do papel, dobras etc., são argumentos incluíveis. Não é ideoplastia por memória visual: quando não puro recorte, é desenho, ou decalque engenhoso da fotografia com seu mesmo tamanho, com pequenas variantes introduzidas com intenção de desorientar...

38. Citado por Schrenck-Notzing em “Annales des Sciences Psychiques”, 1914, pág. 149.

39. Schrenck-Notzing, artigo citado, na nota 38, págs. 141 s.

Sem defesa — Por outra parte as defesas apresentadas em prol da ideoplastia, no caso de Eva Carrière, ou, são meras disquisições discutíveis ou não correspondem à verdade.

Assim por exemplo, René Sudre diz: “primeiro: as condições de controle excluem totalmente a possibilidade da fraude”. Mas, como já indicamos, na realidade o controle foi pouquíssimo nestas experiências do mesmo Schrenck-Notzing; foi insuficiente com Geley e mais dubio ainda com a senhora Bisson. Quando houve controle (“Society for Psychical Research”, de Londres, e Comissão de Fisiólogos da Sorbonne) não houve ecto-colo-plasmias.

“Segundo: Eva teria sido muito estúpida se tivesse querido fraudar, ao fazer aparecer, por cima de sua cabeça, (o título) dum número de ‘Le Miroir’, sabendo que a fotografia revelaria a fraude”. Não discutimos a estupidez da médium que, aliás, poderia estar em transe e deixar-se levar pelo inconsciente à mais estúpida das fraudes sem disto cair na conta. O que queremos frisar é que, na realidade, a fotografia em que saíram as letras do título de “Le Miroir” foi tirada pelas costas: Eva ajeitou o desenho pela frente, onde apareceria o presidente Wilson. Não podia prever que o “ecto-plasma” não cobriria a parte posterior da folha do jornal, de forma que outra fotografia tirada por detrás sem que ela o esperasse conseguiria registrar o título. Como também não pôde evitar outras falhas na “mágica”, como o fato de que outras fotografias bem focalizadas, captassem até linhas em caracteres pequenos. Todas estas fotografias foram tiradas de surpresa, sem se prevenir a médium.

“Terceiro: a evolução mesma do fenômeno, consignado no processo verbal quase minuto por minuto, mostra que a aparência plana das figuras não é mais do que a face de uma materialização em relevo, como o confirma o aparelho estereoscópico”.⁴⁰ Na realidade não houve mais do que o dobrar de desenhos ou retratos, o que testemunham muito bem as fotografias que se tiraram, nas quais aparecem até rupturas e rugas. Nada de ir-se plasmando aos poucos a figura. E o aparelho estereoscópico testemunhou justamente

40. Sudre, René: “Traité de Parapsychologie”, Paris, 1956, pág. 315. Há tradução portuguesa.

o contrário do que se afirma: testemunhou que as “ecto-colo-plasmias” não tinham relevo e, além disso, que os cabelos das “ecto-colo-plasmias” eram, às vezes, os próprios cabelos de Eva, superpostos sobre os desenhos ou retratos; que estes estavam presos com alfinetes, grampos e pentes, etc.⁴⁰

Era a cabeça de “São João” — Idênticas considerações com respeito a Linda Gazzera no caso da “ecto-colo-plasmia” que se evidenciou ser a cabeça de São João do quadro de Rubens.

A médium, dias antes, contemplara o quadro no Museu do Louvre, ficando impressionada... Não há dúvida possível de que Gazzera reproduziu o quadro de Rubens, com pequenas diferenças lógicas de certos pormenores. Especialmente nos olhos. Os olhos do São João de Rubens, na atitude de alta contemplação, são uma maravilha de arte. A reprodução de Gazzera apresenta órbitas excessivamente dilatadas.

Bozzano, em vez de reconhecer que Gazzera, no seu desenho, não conseguiu imitar o Mestre, mais uma vez deturpa os fatos, querendo atribuir tudo à ideoplastia. “Compreensível... a causa dessa inexatidão ideoplástica: é o detalhe marcante dos olhos do santo que, olhando para o alto, tem as órbitas invadidas pela córnea branca, produzindo no observador superficial a impressão de serem demasiadamente grandes, impressão esta que a médium, evidentemente experimentara e acabou reproduzindo, ideoplásticamente exagerada”.⁴¹

E’ demais o que se quer atribuir à ideoplastia nas “ecto-colo-plasmias” de Linda Gazzera, sem poder apresentar nenhum argumento para excluir a fraude. O controle das experiências foi francamente deficiente, até ridículo em experiências desta classe. As “ecto-colo-plasmias” eram perfeitas demais, demasiado belas para serem autênticas. Gazzera era uma aficionada e muito hábil desenhista. As “ecto-colo-plasmias” eram planas, muitas vezes apresentam as sombras con-

41. Bozzano, Ernesto: tradução portuguesa: “Pensamento...”, o. c., pág. 313.

trárias à luz do magnésio do fotógrafo. As “ecto-colo-plasmias” não se iam formando aos poucos: simplesmente apareciam perfeitamente desenhadas...

Hipótese infundada — Schrenck-Notzing cai na conta de que é excessiva a perfeição das “ecto-colo-plasmias” de Eva Carrière e muito mais haveria de dizer das de Linda Gazzera. Tenta explicar esta perfeição por umas qualidades sublimes da ideoplastia, qualidades que, na realidade, nunca foram demonstradas em tal grau: “A ideoplastia dará melhores ou piores resultados segundo a vivência psíquica da pessoa em experimentação, a grandiosidade de suas lembranças, a intensidade das idéias dominantes em cada sessão”.⁴²

De acordo com essa hipótese gratuita, Schrenck-Notzing interpreta as ecto-colo-plasmias rudimentares, (as únicas possivelmente reais), como por exemplo as de Willy Schneider, com as seguintes palavras: “E’ bem possível que estes esboços primitivos correspondam à pobreza da imaginação plástica do médium”.⁴³ As “ecto-colo-plasmias” de Eva e de Linda seriam melhores pela riqueza de imaginação destas médiuns.

Se esta explicação fôsse verdadeira, as ecto-colo-plasmias de Eusápia Palladino, por exemplo, teriam que ser verdadeiras obras de arte, em vez de serem francamente rudimentares, deploráveis (as possivelmente reais; descontamos alguns truques evidentes, e mesmo estes não eram tão maravilhosos; não eram “ecto-colo-plasmias” tão belas, como as de Eva e de Linda).

Dela assegura o famoso psiquiatra Lombroso que a estudou detidamente.

“Tem memória visual bastante vivaz, a ponto de recordar de 5 a 10 testes mentais apresentados em três segundos; tem o dom de lembrar com grande vivacidade, especialmente fechando os olhos, os contornos das pessoas, numa visão exata, a ponto de poder desenhar os traços característicos”.⁴⁴

42. Schrenck-Notzing em “Annales des Sciences Psychiques”, 1914, pág. 141.

43. Schrenck-Notzing, A. F., tradução portuguesa: “Les phénomènes et s...”, o. c., pág. 212.

44. Lombroso, Cesare, tradução portuguesa: “Hipnotismo...”, o. c., pág. 157.

E apesar de ser grande fisionomista, a famosíssima dotada só produzia ecto-colo-plasmias sumamente pobres comparadas com as de Carrière e de Gazzera.

A diferença não está, pois, nas qualidades de memória visual, influenciando sobre a ideoplastia; o motivo é que, tanto Eva Carrière como Linda Gazzera podiam fazer desenhos muito artísticos e retoques nos retratos.

Com efeito, Eva se hospedava na casa de sua protetora, a senhora Bisson que, como já dissemos, era sua "controladora" e colaboradora. Que magnífica colaboração a desta senhora Bisson, que era artista, dedicada especialmente a modelagem em argila... Eva, por sua parte, testemunham seus controladores, era uma grande leitora das revistas e jornais ilustrados de sua protetora (especialmente "Le Miroir")...

Quanto a Linda Gazzera: teve uma excelente educação, vivia em ambiente muito distinto (as sessões se realizaram na casa da Marquesa de Ruspoli), possuía grande gosto pelas obras de arte e era excelente pintora.

Concluimos, pois: estas "ecto-colo-plasmias" artísticas, perfeitamente plasmadas, não têm argumento para serem defendidas como autênticas e pelo contrário há muitos argumentos incontestáveis a mostrarem que elas são truques. As únicas ecto-colo-plasmias que poderemos discutir ou considerar, devem ser, como requisito, rudimentares.

Confirma-se com este fato o que a lógica impunha. Já de início se previa que o ectoplasma, essa massa amorfa, pastosa, diríamos grosseira e rude, não poderia ser tão perfeitamente controlada pela ideoplastia...

Rudimentarismo necessário — Após os fenômenos já estudados, não será difícil aceitar a ecto-colo-plasmia, desde que ela se apresente assim, rudimentar. Ou "rudimentar" entre aspas, pois há graus. Mas a reprodução nunca poderá ser absolutamente idêntica ao modelo.

Com efeito, já vimos o ectoplasma moldar-se em alavancas grosseiras, em fios ou agrupamentos de fios, em espécies de nuvens ou sombras que serpeavam, em espécie de mãos ou pés rudimentares, prolongações ou pseudópodes embranquecidos, com aparência de paus, varinhas, pinças etc.

O ectoplasma moldava-se para passar entre os interstícios dos obstáculos, adaptava-se ao problema mecânico a resolver. . . Tudo isto nos faz compreender perfeitamente uma espécie de ecto-colo-plasmia como efeito da ideoplastia.

Alguma verdade em Eva — Com êsse rudimentarismo, podemos aceitar algumas ecto-colo-plasmias de Eva Carrière nas experiências de Schrenck-Notzing e Sra. Bisson dos primeiros anos.

Foi justamente nestes primeiros anos das apresentações de Eva, quando o controle foi mais rigoroso, quando muitas pessoas das mais céticas foram convidadas a observar os fenômenos, quando Eva até se despia para que se observasse a evolução dos fenômenos sobre seu corpo nu etc., foi nesta época (durante os dois primeiros anos das apresentações de Eva, 1909 e 1910) que não se descobriu nela a menor tentativa de fraude.

Nesses anos Carrière só produziu ectoplasma e pequenas ecto-colo-plasmias em forma de mãos ou de dedos. Essas mãos tocavam os assistentes, realizavam telecinesias. E o rudimentarismo é manifesto: as mãos quase nunca estão modeladas por inteiro, enquanto que o resto da mão parece mais com uma luva vazia; os braços rarissimamente se apresentavam modelados e, em todo caso, mais parecem "braços de esqueleto, recobertos de substância" amorfa. Segundo os observadores, tinha-se a impressão de que o ectoplasma era escasso, de forma que as ecto-colo-plasmias eram sempre incompletas e como simples esboços.

Já antes das observações de Schrenck-Notzing, e da senhora Bisson, Eva Carrière, que conservava ainda o nome de Martha Béraud, realizou ecto-colo-plasmias em perfeitas condições de observação, mas ecto-colo-plasmias rudimentares, evidentemente completamente diferentes dos desenhos posteriores. Richet observou as ecto-colo-plasmias de Martha Béraud durante os meses de setembro, outubro e novembro de 1906. Tinha Martha Béraud (Eva Carrière) então 19 anos e até seus maiores defensores reconhecem que, naquela época, estava no auge das suas qualidades parapsicológicas que, com o tempo, iriam diminuindo. Dissemos isto porque se no auge das suas qualidades só apresentava ecto-colo-plasmias rudimentares, não é de esperar que, justamente quando estas qualidades tinham diminuído, ela fôsse apresentar ecto-colo-plasmias artísticas e perfeitas.

Copiamos textualmente a relação da menos imperfeita ecto-colo-plasmia na sessão de 20 de outubro. Mas advertimos que são várias as relações de experiências semelhantes realizadas naquela época:

“Bastante boa luminosidade (mesmo dentro da cabina). As cortinas permanecem fechadas durante quase uma hora. Depois abro-as. Uma mancha branca, como um pano sôbre o chão, cresce rapidamente e há formação de duas saliências, como pés que permitam o caminhar da massa 'X', que emite saliências em todos os sentidos”.

“Então, a massa 'X'... desfaz-se pouco a pouco, em pedaços que lhe dão aparência de u'a mão; não é mais uma mancha meio informe, como ontem, é u'a mão cinzenta, com contornos indefinidos”.

“Esta mão está animada de movimentos, tem o aspecto de mão de múmia, que saísse de um pano. Levanta-se e abaixa-se como mão normal. As mãos de Martha, contidas por mim sôlidamente, estão sempre imóveis. As extremidades dos dedos do ectoplasma, afinados, alongados em fusos parecem terminar em nuvens. Eu pude olhá-los de muito perto. Toco um desses fusos: dá-me a impressão de um líquido frio. Pude fazer pressão: tive a sensação de um osso (falangeta) frio, recoberto de pele. A mão balança-se sôbre o *meu joelho e sinto como que uma leve fricção de um corpo pouco resistente. Então, a mão se eleva sôzinha, balançando-se sôbre a longa haste que a prende ao chão; depois recai no chão fazendo um pequeno barulho; permanece por terra, e eu *creio* ver os dois ossos do antebraço como envoltos em uma musselina nebulosa”.

“Depois a mão se reeleve, se inclina e avança em direção a mim. O punho está abaixado, os dedos pendentes, balançam e há como um movimento de torsão desse estranho antebraço. Eu *creio* sempre ver os ossos do corpo na musselina nebulosa”.

“A mão pousa sôbre meu joelho... sinto seu pêso, leve, muito leve. Faz, como lhe peço, alguns movimentos pequenos de deslocamentos sôbre meu joelho, movimentos que eu sinto bem. Então Martha me diz: Veja os músculos que se começam a formar, e eu vejo, ou *creio* ver, no espaço que separa os dois ossos, qualquer coisa negra. A mão se eleva, põe-se muito perto de meus olhos, não tendo quase mais raiz no chão, a não ser uma ligeira cauda branca, depois recai por terra, com um pequeno ruído. A seguir levanta-se de nôvo e desaparece repentinamente”.⁴⁵

45. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923. pág. 677 s.

Esta foi a ecto-colo-plasmia mais perfeita. As outras, embora semelhantes, foram mais rudimentares. Richet publica os desenhos: formas muito imperfeitas.

Outros experimentam — Outro experimentador veterano, Cesar de Vesme, apresenta um, testemunho de valor em prol das ecto-colo-plasmias (rudimentares, repetimos) de Eva Carrière. Trata-se de fenômeno idêntico ou muito semelhante ao que acaba de descrever Richet.

Cesar de Vesme afirma que, em ótimas condições de observação, viu e tocou com suas próprias mãos, u'a mão “certamente ectoplasmática”, produzida por Eva Carrière. Ao mesmo tempo que via e tocava a mão ectoplasmática, constatava a presença das duas mãos da médium, imóveis. Vesme conclui: “Esta médium da qual sempre tenho tido minhas dúvidas, forneceu-me, quatro vezes seguidas, o fenômeno mais seguro e mais maravilhoso que tenho encontrado na minha carreira de mais de cinquenta anos”.⁴⁶

Os rostos ECTOPLASMÁTICOS — Dos rostos, porém, que dizem ter aparecido nas sessões de Eva com Schrenck-Notzing e Sra. Bisson, nunca se obtiveram fotografias.

Será tudo imaginação? Ou devemos aceitar alguma ecto-colo-plasmia nestes rostos rudimentares sempre embranquecidos como o próprio ectoplasma?

Parece mesmo que havia uma certa participação da imaginação do observador na interpretação do ectoplasma móvel. Assim se compreende a afirmação destes mesmos observadores de que os rostos desapareciam com tanta rapidez, que a deflagração do magnésio sempre chegou tarde: na chapa só aparecem massas informes. Ectoplasma sim; Ecto-colo-plasmia de rostos talvez não, ou melhor, só muito rudimentar.

E* de se notar que os observadores reconheceram várias vezes os rostos de pessoas vivas e inclusive de personagens literárias inventadas. Nesses casos, supondo-se que fôssem ecto-colo-plasmas e não meros ectoplasmas, aquela identificação é mais um argumento contra a hipótese de aparição de mortos e a favor da explicação por ideoplastia: -plastificação a idéia, a imagem que o dotado tem no inconsciente. Tratando-se de um médium espírita, compreende-se que queira

46. Vesme, Cesar: “Mon témoignage”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1914. n.º 5, maio, págs. 151 ss.

apresentar como sendo mortos, os que na realidade ainda estão vivos, ou inclusive pessoas que jamais existiram, mas que foram desenhadas pela imaginação dos pintores.

O que aceitar? — Êstes ecto-colo-plasmas rudimentares, dos primeiros anos da carreira de Eva (ou dos últimos de Martha) podemos aceitá-los como autênticos.

Refrindo-sc à mão que quatro vezes presenciou De Vesmc, assim como a outros casos isolados e muito semelhantes aos de De Vesmc, presenciados por Sage e Jeanson, conclui muito sensatamente Robert Tocquet: "O mistério da mediunidade de Eva Carrière subsiste ainda. Salvo, bem entendido, se admitimos que os três autores tenham sido ludibriados. Mas esta hipótese é pouco verossímil, tendo-se em conta, de uma parte, a natureza dos fenômenos observados e, de outra, o fato de que os observadores em questão conheciam perfeitamente as fraudes mediúnicas. Nossa opinião particular é que, sendo truque a maior parte dos fenômenos apresentados por Eva, não obstante, algum fenômeno autenticamente parapsicológico terá podido surgir alguma vez, inopinadamente, no conjunto fraudulento das suas produções".⁴⁷ Quando a partir de 1911, Eva Carrière, não conformada com êsse rudimentarismo, quis apresentar ecto-colo-plasmas perfeitas, começaram as fraudes evidentes de que temos falado.

Analogia com a eletricidade — O ectoplasma é tclergia mais condensada. Já vimos a analogia da telergia com a eletricidade.

E' justamente em centrais elétricas onde, algumas vezes, se tem visto um fenômeno estranho espontâneo, que podemos comparar à ecto-colo-plasmia. Na Alemanha, na América, em Londres, durante alguns experimentos de corrente elétrica de alta tensão, já se observou algumas vezes, sobre o dínamo em funcionamento, uma esfera de luz azulada que pouco a pouco foi tomando o aspecto de mãos femininas e depois de rostos incompletos. Tiraram-se fotografias.⁴⁸

Claro está que êste fenômeno pode ser uma simples combinação do acaso e da imaginação, assim como rostos e ou-

47. Tocquet, Robert: "Les pouvoirs secrets de l'homme. Le bilan du paranormal", Paris, Les productions de Paris, 1963, pág. 430. Há tradução portuguesa.

48. "Metapsichica", 1916, julho-dezembro, págs. 268 ss.

I ras figuras que todos temos visto, formados por determinadas curvas e linhas na madeira; em certas formações de nuvens; etc. Mas o fenômeno pode ser mais do que uma simples analogia. Explica e faz compreender certas "ecto-colo-plasmas" que poderiam ser também uma simples combinação de casualidade e imaginação, nas formas apresentadas pelo ectoplasma. A imaginação pode também fazer que certas pessoas desprevenidas considerem perfeitas, ecto-colo-plasmas rudimentares. •.

Caso bíblico — Na Bíblia refere-se um caso típico de ecto-colo-plasmia:

"O rei Baltazar deu uma festa para os seus mil nobres... Eis que surgiram defronte do candelabro os dedos de u'a mão humana, escrevendo sobre o revestimento da parede do palácio real. O rei, à vista dessa extremidade de mão que escrevia, mudou de cor..."⁴⁹

Não entramos em discussão para saber se aqui se trata de uma página de história ou talvez de reprodução de uma lenda com fins instrutivos. Em todo caso, a passagem mostra-nos que naquela época a ecto-colo-plasmia era considerada possível, real e até talvez não rara, uma vez que havia até mesmo técnicos para a interpretação destes fenômenos: "o rei gritou violentamente que fizessem vir os magos, os caldeus e os astrólogos".^{49 50}

Incentivo — Com o aparecimento do espiritismo, êstes fenômenos tornaram-se procurados ou fomentados desde o início. Há referência do aparecimento de mãos, em plena luz, já desde fevereiro de 1850, dois anos apenas depois dos "raps" realizados pelas irmãs Fox em Hydesville e Rochester.⁵¹

Fenômenos "interessantes" — As ecto-colo-plasmas realizadas por Slade, embora não possam ser consideradas como

49. Danei, cap. V, versículos 1 e 5.

50. Daniel, cap. V, versículo 7. Neste trecho, como no anteriormente citado, seguimos a tradução do Centro Bíblico Católico de São Paulo, "Bíblia Sagrada", 2.^a edição, São Paulo, Editora "Ave Maria", 1960.

51. Bailou, Adin * "Experimental Investigation of the Spirit Manifestations", London, Stone, 3852, págs. 44, 192-202.

plenamente convincentes, dados os excessivos truques que foram descobertos em outros fenômenos deste médium, devem-se citar entretanto, "interessantes".

As condições de observação não eram plenamente satisfatórias, mas as sessões se realizavam em plena luz e várias testemunhas eram cientistas, experimentados nesta classe de observação. A respeito delas expressa-se assim um dos observadores:

"No dia doze do mês de maio de 1886, às 11 horas da manhã, tivemos uma sessão em casa de Slade. Enquanto ele conservava as mãos sobre a mesa, como também eu, vi distintamente, assim como o Sr. N., que assistia à mesma sessão, u'a mão (sendo visíveis somente os dedos e pouco mais) avançar duas vezes contra meu peito".

"Naquele momento não experimentei mais emoção do que em experiências de Patologia Experimental, às quais estou, desde muito, habituado, por conseguinte, não acredito que fosse vítima de alucinação. O Sr. N. e eu não esperávamos ver aquela mão, ou antes, aquela parte de mão".

"Slade convidou-me, então, a colocar a mão sob a mesa, para obter um contato, mas nada senti. Ele pegou então uma ardósia, por uma de suas extremidades convidou-me a segurá-la pela outra. Conservávamos a ardósia sob a mesa durante alguns instantes. Eu a segurava Xrouxamente, de sorte que ela teria caído ao chão se Slade não a estivesse segurando com firmeza. De súbito, senti meu punho seguro por u'a mão fria que, durante uns momentos, passou os dedos na parte anterior do meu antebraço direito. Soltei a ardósia que não caiu e agarrei a mão de Slade: certifiquei-me que ela estava com a temperatura normal e não fria, como a que acabava de sentir: ao mesmo tempo olhei por baixo da mesa, onde nada vi que pudesse explicar a sensação que havia recebido".

"Em diversas ocasiões presenciei fenômenos desse gênero e não menos surpreendentes, mas como me faltaram meios de rigorosa observação, não quero insistir nêles, nem garanto completamente a sua realidade".⁵²

52. Gibier, Paul: "Le Spiritisme ou le Fakirisme Occidental", 3.^a ed., Paris, Garnier, 1896 (1.^a ed., Doin, 1886; 2.^a ed., Doin, 1891; nouvelle ed., Durville, 1922). Citamos da tradução portuguesa por Traumer: "O Espiritismo ou Faquirismo Ocidental", Rio de Janeiro, F. E.B., 1906, págs. 248 s.

Home, insuspeito — Daniel D. Home, que é considerado como o melhor de todos os dotados, realizou muitas ecto-colo-plasmias, sem que jamais lhe pudessem imputar um truque. E é sintomático que as ecto-colo-plasmias do grande dotado Home sempre foram rudimentares.

Adare descreve as mãos vaporosas e imperfeitas que Home produzia, sendo inclusive pouco visíveis na sua transparência, mas deslocavam objetos.⁵³

Crookes faz uma perfeita descrição do fenômeno:

"Frequentemente se sentem toques de mãos em sessões na escuridão... Escolherei alguns dos numerosos casos em que tenho visto estas mãos em plena luz".

"Uma pequena mão de forma muito bela (o que não implica que seja perfeita, densa, corada, viva etc.) eleva-se de uma mesa da sala de jantar e me dá uma flor; apareceu e depois desapareceu em três ocasiões diferentes, proporcionando-me toda facilidade para convencer-me de que era uma aparição tão real como a existência de minha própria mão. Isso ocorreu à luz, na minha própria casa, estando os pés e mãos do médium seguros por mim durante este tempo".

"Numa outra circunstância, uma pequena mão e um pequeno braço semelhantes aos de um menino, apareceram brincando sobre uma senhora que estava sentada ao meu lado. Depois a aparição veio a mim, sacudiu-me pelo braço e várias vezes puxou minha roupa".

"Outra vez, um dedo e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que estava na lapela do Sr. Home e depositando-as diante de várias pessoas que estavam sentadas perto dêle".

"Numerosas vezes eu mesmo e outras pessoas temos visto u'a mão pressionando as teclas de um acordeão, enquanto observávamos as duas mãos do médium, que algumas vezes estavam seguras pelas pessoas vizinhas".

Mais pormenores — Mas como dizíamos, estes ecto-colo-plasmas eram "rudimentares". É muito difícil, e especialmente se não está o observador prevenido para isso, perceber se a ecto-colo-plasmia é plenamente sólida, viva, perfeita, de carne e osso... Mas às vezes o rudimentarismo da ecto-colo-plasmia se percebe abertamente. Escreve Crookes:

53. Adare, visconde de: "Experiences in Spiritualism with D. D. Home", s. 1. (Londres), Scott, s. d. (1896), passim.

"As mãos e os dedos não me têm parecido sempre sólidos nem vivos. Algumas vezes, é necessário dizê-lo, apresentam mais a aparência de uma nuvem vaporosa condensada, em parte, sob a forma de mão. Nem todos os que estão presentes a podem ver igualmente bem". "Por exemplo, se se fêz mover uma flor ou qualquer pequeno objeto, um dos assistentes verá um vapor luminoso pairar de baixo; um outro descobrirá u'a mão de aparência nebulosa, enquanto outros não verão mais do que a flor em movimento. Eu vi mais de uma vez, no início um objeto a mover-se, depois uma nuvem luminosa que me parecia formar-se ao seu redor e, enfim, condensar-se, tomar forma, e mudar-se em mão perfeitamente formada. Nesta ocasião tôdas as pessoas presentes puderam ver essa mão. Ela não é sempre uma simples forma, embora isto seja mais freqüente; algumas vezes *parece* perfeitamente animada e muito graciosa: os dedos se movem e a carne *parece* ser tão humana como a das pessoas presentes".

E, nas palavras finais, aparece bem como a ecto-colo-plasmia é simplesmente octoplasma modelado:

"No punho ou no braço, a mão se faz vaporosa e se perde numa nuvem luminosa... Já retive uma dessas mãos entre as minhas, decidido a não deixá-la escapar. Não houve nenhuma tentativa nem esforço para escapar, mas pouco a pouco ela pareceu transformar-se em vapor e foi assim que escapou de meu aperto" ^{A1}.

Rudimentarismo na grande Eusápia — Depois de Home, a mais famosa dotada apesar das muitas fraudes, foi sem espécie de dúvida, Eusápia Palladino. Suas ecto-colo-plasmias, quando não fraudulentas, eram evidentemente rudimentares o que, de novo, é um argumento contra as "ecto-colo-plasmias perfeitas" de Carrière e Gazzera.

Eusápia Palladino apresentava freqüentemente mãos ectoplasmáticas para realizar os toques ou as telecinesias que lhe pediam. A aparência dessas mãos, segundo descrição dos diversos espectadores, era geralmente de cor esbranquiçada e de contornos imprecisos. Muito freqüentemente davam a impressão de "pseudópodes" ou "membros supranumerários", como também têm sido chamados, saindo diretamente do corpo do dotado. *****

54. Crookes, William: "Experimental Investigations on psychic force", London, Burns, 1874. Nós citamos da tradução de ambos os livros num só tomo, por Alidel, I: "Nouvelles expériences sur la force psychique. Recherches sur les phénomènes du spiritualisme", Paris, Librairie des Sciences Psychiques, 1897, págs. 161-163.

Morselli comprovou com Eusápia o que já antes Crookes comprovava com, Home:

Quando se queria segurar estas mãos "elas deslizavam de vosso apêrto, como se fossem compostas de substâncias semifluídicas".

Produziam formas indefinidas, como globos, apêndices... E quando a ecto-colo-plasmia era mais definida, apresentando perfis de rostos, estes segundo a expressão de Morselli, se assemelhavam mais a "larvas enegrecidas, chatas, que pareciam quase transparentes e que gesticulavam de forma extravagante".

Manguin observou uma série de bustos pretos como se fossem sombras chinesas: representavam torsos de mulheres. Pareciam sair do corpo da dotada, chegando a dois terços da mesa, inclinavam-se e desapareciam.⁵⁵

Rudimentar também Willy Schneider — Igualmente, com respeito a Willy Schneider, o seu principal observador, Schrenck-Notzing faz uma observação importante:

As mãos ectoplasmáticas eram tão imprecisas e variadas que, às vezes, mais pareciam formas "não-humanas": eram apêndices *semelhantes* a braços mutilados, a patas de animais, a garras, a tentáculos de medusas, a mãos de marionetes, a ramos quebrados etc.

Mesmo quando a ecto-colo-plasmia representava melhor mãos humanas, mais que humanas pareciam luvas de couro ou de borraça, cheias, E com respeito aos melhores casos, adverte também Schrenck-Notzing que a produção de u'a mão humana perfeitamente organizada e com a ilusão de vida, é um fenômeno complexo e que só raramente se observa.

Mesmo tendo em conta que essa semelhança é relativa, nos melhores casos já sabemos que pode ser mesmo mão humana, isto é, puro truque.

"Sombras chinesas" — Como Eusápia, Willy Schneider realizava também "sombras chinesas" destacando-se sobre fundo branco. Tais ecto-colo-plasmias apresentavam sempre o mesmo rudimentarismo: só às vezes conseguiam interceptar completamente a luz; seus contornos não eram perfeitos, parecendo mais caricaturas do que, propriamente, figuras. Só em duas ocasiões apresentaram certa semelhança

55. Temo-nos servido, aqui, do resumo feito por Sudre, René: "Traité... ", o. c., págs. 311 s.

imperfeita com um rosto humano. O ectoplasma que as produzia tinha, a julgar pela aparência das formas, as três dimensões. As silhuetas eram perfeitamente móveis. 56

Inter-relação dos fenômenos — A relação entre ecto-colo-plasmia e telecinesia é tão estreita que, na realidade, podemos dizer que são dois aspectos de um só fenômeno. Após termos exposto a telecinesia e a ecto-colo-plasmia, agora podemos ver com clareza sua estreita relação.

Quando estudávamos a telergia, dizíamos que era a mesma energia orgânica exteriorizada e transformada para diversas funções. O mesmo afirmávamos ao falar do ectoplasma. Logicamente devemos dizer o mesmo a respeito do ecto-colo-plasma:

“Temos visto nas nossas experiências, escreve o Dr. Geley, primeiramente exteriorizar-se do corpo do médium uma substância única, amorfa, da qual se derivam, em seguida, as diversas formações ideoplásticas. Esta substância única nós a observamos algumas vezes, repetimos, organizando-se e transformando-se sob nossos olhos. Temos visto u’a mão sair de uma acumulação de substância; uma massa branca chegar a ser um rosto; temos visto, em poucos instantes, a representação de uma cabeça dar lugar à representação de u’a mão... Temos visto estas representações desaparecerem, fundirem-se na substância original, e depois, reabsorverem-se instantaneamente, no corpo do médium”.

“Por conseguinte, na Fisiologia supra-normal (parapsicológica) não há substâncias diversas como substrato das várias formações. ... substância óssea, muscular, visceral, nervosa, etc.; há simplesmente substância, substância-única, base...” 57

A “ciência” não viu a identidade — Aksakof expressa a mesma idéia de outro ponto de vista: “Se a ciência não tivesse desprezado os fatos... desde o começo, os seus estudos sobre a personalidade teriam dado um passo imenso e teriam entrado no domínio do saber comum... A ciência não teria tardado em ver nesses fenômenos superiores (de efeitos psi-

56. Schrenck-Notzing, A. F., tradução: “Les phénomènes..”, o. c., passim.

57. Geley, Gustave: “De rinoonsciente au conscient”, Paris, Alcan, 19.19, pág. 66.

quicos) um nôvo desenvolvimento da desagregação psicológica. .. Com certos retoques, (suas conclusões) teriam podido também aplicar-se a todos os outros gêneros de fenômenos mediúnicos; destarte, nos fenômenos superiores de ordem física, como os movimentos de objetos sem contato, teria visto um fenômeno de desagregação (da energia) com efeitos físicos, e nos fatos de materialização (nós diríamos de ccto-plasmia e seus derivados) um fenômeno de desagregação com efeito plástico” (dessa mesma energia única). 58 59 60

Home, Palladino e em geral, os dotados que realizam melhores telecinesias, são também os que realizam melhores ectoplasmias e ecto-colo-plasmias. Só por êsse fato já se depreende que há certa relação entre êsses dois tipos de fenômenos.

A telergia invisível (ectoplasma menos condensado) explicava as telecinesias que estudávamos. Em muitas ocasiões, essa telergia, que realizava as telecinesias, aparecia visível (primeiros graus da ectoplasmia) condensada em forma de fluidos, raios, sombras ou nuvens. Outras vezes aparecia uma espécie de pseudópode ou braço informe, ou uma espécie de alavanca para realizar as telecinesias: ectoplasma no mais estrito sentido do termo. A ecto-colo-plasmia é muitas vezes, só mais um passo para a explicação das telecinesias e assim vemos por exemplo, a Crookes descrevendo:

“Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliótrópio colocado sobre uma mesa, ao nosso lado, arrancar-lhe um ramo e o levar a uma senhora; e nalgumas circunstâncias tenho visto uma nuvem semelhante que se condensava sob nossos olhos, tomando a forma de u’a mão, e transportar pequenos objetos” 59

“Parece, em definitivo, quase estabelecido hoje em dia, escrevia Richet, que os movimentos de objetos sem contato devem-se explicar por expansões. . . que saem do corpo da médium. . . A teleemesia é a primeira fase da materialização”. 60 (Tomando a palavra materialização em sentido impreciso).

58. Aksakof, Alexandre de: “Animismus und Spiritismus; Versuch einer Kritischer Prüfung der mediumnistischen Phänomene”, 4.ª ed., Leipzig, Mutze, 1901, (1.ª ed. 1890). Tradução de C. S.: “Animismo e Espiritismo”, 2.ª ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1956, pág. 27.

59. Crookes, William, tradução: “Nouvelles..”, o. c., pág. 160.

60. Richet, Charles: “Traité.. o. c.”, pág. 578.

Ectoplasma base comum dos fenômenos — Mais ainda: todos os fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos, que possam ser considerados E.N. (excluimos, pois, os paranormais e mistos) se explicam totalmente ou, ao menos em parte, por essa força exteriorizada do corpo dos dotados.

Escreve Crawford, a propósito das suas alavancas: “Comparei essa substância esbranquiçada e com aparências de uma nuvem... às fotografias de fenômenos de materialização em vários estágios (cctoplasma, ccto-colo-plasma, fantasmogêncise) obtidos com muitos médiuns de todo o mundo. Cheguei à conclusão de que esta substância, se não idêntica, é muito semelhante à substância empregada nos fenômenos de materialização (ectoplasmáticos). Com efeito, parece-me lícito considerar esta substância esbranquiçada, transparente e nebulosa como a base de todos os fenômenos psíquicos de ordem física. Sem ela, em certo grau, não é possível algum fenômeno físico. É ela que dá consistência às estruturas... É ela que, convenientemente manipulada e aplicada, permite às estruturas entrar em contato com os objetos (telecinesias) ... ou materializações de mãos ou rostos. Além disso parece-me que esta substância será, eventualmente, a base de estruturas... para a manifestação... da voz direta; por outra parte, os fenômenos chamados ‘fotografias de espíritos’ também parecem ter a mesma base”.⁶¹

Fenômeno E. N. — Vimos, nos capítulos correspondentes, que a telecinesia e a cctoplasma são fenômenos extraordinário-normais. Não é necessário acrescentar que, sendo a ccto-colo-plasma uma modelagem do ectoplasma, é também fenômeno extraordinário-normal, isto é, com base física, material.

Com este preâmbulo, já podemos dar um nome específico ao dotado que realiza efeitos físicos, extraordinário-normais. Sendo todos esses fenômenos total ou ao menos parcialmente devidos ao ectoplasma ou energias afins (fluidos, telcrgia etc.) achamos acertados os nomes propostos por Sudre^{62 63} de “ectoplasta” ou “teleplasta”.⁶⁵

61. Crawford, William: “The Psychic Structure at the Goligher Circle”, London, J. Watkins, 1921, pág. 19.

62. Sudre, René: “Traité...”, o. c., pág. 308, nota.

63. Temos, pois, para os fenômenos estudados nos dois primeiros livros, os nomes *sensitivo* (manifesta efeitos psíquicos E. N., isto é,

Não do “além” — Sendo a ecto-colo-plasma, na realidade, um aspecto da cctoplasma, não precisamos deter-n<>:i para repetir que a ecto-colo-plasma, como a ectoplasma, depende totalmente do ectoplasta.

Como na ectoplasma, também, logicamente, na ecto-colo-plasma, têm-se verificado numerosas vezes que o ectoplasta perde peso durante a aparição dos membros se estes não se mantêm integralmente sobre o próprio dotado, mas se apóiam em algum objeto externo.

Assim, por exemplo, Lombroso confirmando sua afirmação com verificações semelhantes de Morselli afirma que Eusápia Palladino, durante a exteriorização de membros suplementares ou rostos, perdia quatro quilos de peso, para os recuperar após a reabsorção das ecto-colo-plasmas; em Milão, 1892, chegou a perder até 10 quilos, durante o tempo que duravam as manifestações de ectoplasmas e ecto-colo-plasma/*-!

Outro fato freqüentemente observado e que mostra também que a ecto-colo-plasma é uma exteriorização, sem perda de vinculação, da substância do próprio ectoplasta, é o da reação experimentada pelo dotado quando se toca ou se fere o membro exteriorizado.

Um exemplo muito significativo recolhia já um dos pioneiros na investigação, o espírita Sr. Sargent: “Em certa ocasião, um cavalheiro presente sacou do bolso um canivete de longa e afinada lâmina e, sem consultar ninguém, aproveitando a oportunidade, deu violento golpe numa das mãos psíquicas (!). O médium sentiu uma dor forte como se um canivete lhe tivesse realmente atravessado a mão. O cavalheiro levantou-se exultante, julgando ter desmascarado completamente o embuste, e esperando encontrar a mão do médium transpassada e sangrando. Com grande desgosto, porém, e cheio de pasmo, não encontrou nela nem um simples arranhão, apesar de

extraordinário-normais); *mctafpwm* (manifesta efeitos psíquicos P. N., isto é, paranormais); *teleplasta* ou *ectoplasta* (manifesta efeitos físicos E. N.). E para designar o dotado que manifestasse efeitos físicos P. N., que estudaremos em outro volume, propomos o neologismo *psicocinista*. A faculdade paranormal de efeitos físicos, Psi-kappa, está formada pelas iniciais gregas de “psike” e “kinesis”. Inclusive está consagrada pelo uso a palavra psicocinesia para designar os fenômenos que realiza esta faculdade. Portanto, parece-nos o mais justo clmuiar /»./-CM.inesistih ao dotado que manifestasse essa faculdade ou ivulr/usuo esse fenômenos.

64. Lombroso, Cesare, tradução: “Hipnotismo...”, o. «, pøj-?ti*.

ter o médium sofrido a sensação de um canivete através de seus músculos e tendões, sensação dolorosa que permaneceu por algumas horas”/»*

Do mesmo modo que a matéria das ecto-colo-plasmias é tirada do organismo do próprio ectoplasta também a mente diretora é a própria mente do dotado. Os “fundadores” e teóricos do espiritismo (Allan Kardec, Aksakof, Lombroso, Bozzano, etc.) ou não conheciam absolutamente o inconsciente ou nada sabiam, naquela época, da enorme capacidade e alcance da mente inconsciente. Daí o fato de terem sido levados a atribuir todos os fatos, ou grande parte deles, à mente diretora de algum desencarnado, como antigamente os teóricos da bruxaria, pelo mesmo motivo, os atribuíram ao demônio c, dantes disso, a fadas, gênios, pitões, musas, etc.

Na realidade se tivessem refletido um pouco, teriam visto manifestos sinais da idcoplastia. Por exemplo, Crawford, que ficou tão indeciso perante os problemas da mente diretora dos fenômenos, com um pouco de reflexão psicológica poderia ter compreendido a lição que encerrava o tipo de pseudópode que a Sita. Goligher exteriorizava. Crawford pensou que estava descobrindo leis de uma mecânica de além-túmulo com seus diversos tipos de alavanca, seus diversos pontos de apoio, seus diversos modos de ação etc. Na realidade, tudo isso, tão diferente das mãos, pés, braços ou fios, nuvens, paus, exteriorizados por outros ectoplastas para realizar os mesmos fenômenos, mostra que o inconsciente de Goligher simplesmente captava e reproduzia, mais ou menos perfeitamente, as idéias de Crawford, professor de Mecânica Aplicada no Instituto Técnico Municipal e na Universidade de Belfast.

E não podem ser do “além” — O que neste capítulo dissemos sobre a idcoplastia achamos que é suficiente aqui. Em outro livro deveremos demonstrar expressamente, com abundância de argumentos, que os fenômenos parapsicológicos não são nem podem ser do “além” (a não ser raramente, por fôr-

65. Sargent, Epes: “The Scientific Basis of Spiritualism”, Boston, 1881, pág. 198, tradução portuguesa de Ewerton Quadros, F. R.: “Bases Científicas do Espiritismo”, 2.^a cd., Rio de Janeiro, F. E. B., 1962, pág. 209.

ça divina unicamente). Por ora, basta-nos a comprovação de que os mesmos fatos que advogam a possibilidade ou existência real da ecto-colo-plasmia, reclamam também sua explicação natural.

Falando ao mesmo tempo da telecinesia e ecto-colo-plasmia, com a linguagem da época, já o grande filósofo Hartmann acertava em cheio, nos primórdios da investigação: “A verificação, após a sessão, dos objetos deslocados, pode servir de prova de que êsse deslocamento foi real e objetivo. Mas o fato de êsses deslocamentos não se produzirem fora do alcance da atividade nervosa do médium, isto é, o fato de não excederem, nem em qualidade nem em quantidade, os limites dos efeitos que essa força pode produzir, mostra que não há razão nenhuma para atribuí-los a outra causa. Nesses casos, o médium sonâmbulo (em transe) ... efetuou, êle próprio, sem oi perceber, êsses deslocamentos por meio de sua força nervosa, mediúnica (telurgia, ectoplasma), acreditando em boa fé que eram as imagens de sua fantasia (espíritos desencarnados) que realizaram êsses movimentos pelo poder deles”/»⁶⁶

Ecto-colo-plasmia é um fenômeno de moldagem do ectoplasma para formar, embora imperfeitamente, membros ou partes de pessoas, animais ou objetos.

Muitas fraudes se verificaram.

Mas a fraude não atinge todos os fatos, sendo alguns deles reais.

A imaginação dos presentes também pode “moldar” o ectoplasma.

Ê o inconsciente que dirige a moldagem do ectoplasma (ideoplastia). A ideoplastia não consegue a perfeição do modelô.

66. Hartman, K. R. Ed. von: “Der Spiritismus”, 1885, págs. 101 s.

Berlim, Friedrich

Continua no

T O M O I I

Nihil Obstat: Godeardo Baquero, S. J. — *Imprimi Potest:* Marcelo de Carvalho Azevedo, S. J., Provincial — Belo Horizonte, 7 de agosto de 1968. *Imprimatur:* Mons. José A. Dias Bicalho, Vigário Geral — Belo Horizonte, 14 de agosto de 1968.

Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA C A N I S I O
da
AÇÃO SOCIAL
Rua Vergueiro, 165 • Tel.: 31-1618 - São Paulo

Por Antônio Blay

O Hatha-Yoga é uma ciência milenar da Índia, com exercícios e técnicas precisas que demonstram surpreendente conhecimento das profundas forças e mecanismos do ser humano.

Não se trata meramente de uma ginástica no estilo ocidental. A semelhança é apenas aparente, pois enquanto a ginástica do Ocidente consiste apenas num treino sistemático do aparelho locomotor, ainda que indiretamente exerça uma ação benéfica sobre todo o organismo, o Hatha-Yoga, além de atuar sobre o aparelho locomotor, age de maneira direta sobre o sistema endócrino e estimula a conexão do sistema nervoso central com o sistema nervoso vegetativo produzindo uma ação profunda e geral sobre o organismo.

Mas, o Hatha-Yoga é mais. É uma ciência e uma técnica que visam uma educação integral do homem e um desenvolvimento de todas suas possibilidades naturais.

Além de desenvolver ao máximo as potencialidades físicas, tenta conseguir uma perfeição física e psicológica que sirva de base à construção de uma perfeição psicomental, a uma consciência e concentração mais profundas, ativando correntes nervosas habitualmente inativas.

Blay descreve minuciosamente os exercícios e discerne claramente as técnicas de sua interpretação filosófica. Mas é exclusivo dele a focalização das práticas do Hatha-Yoga sob o ângulo da psicologia ocidental.

Para Pierre Bastiou e outros, o livro de Blay provavelmente é o que de melhor foi escrito até hoje sobre o Hatha-Yoga por um ocidental.

AS FÔRCAS FÍSICAS DA MENTE

TOMO 2

OSCAR G.
QUEVEDO

Telergia

11,11 Luzes do 'além

Pancadas

misteriosas

Ectoplasmia

Movimento de

objetos

Fantasmas

Transfiguração

Materialização

EDICIONES
LOYOLA

OSCAR GONZÁLEZ-QUEVEDO



AS FÔRÇAS FÍSICAS DA MENTE

TOMO II

*n.sULuto (E/ncézòia.

São **Leopoldo**

— BIBLIOTECA —

Sfliaiaárie Concór
BIBLIOTECA



EDIÇÕES LOYOLA
SAO PAULO
1968

11^o nr.

Capítulo de
EDIÇÕES LOYOLA

Seminário Concórdia
Biblioteca

Sist. _____
Reg. _____
Proc. _____
Data ~~~~~

Cat a

(I ULLI IFjR M K VA LPfi TH RIS

TOMO II

Direitos reservados

EDIÇÕES LOYOLA
Rua Vergueiro, 165 — Caixa Postal, 12.958 — Tel.: 31-1648 — São Paulo

Impresso no Brasil

ÍNDICE DO TOMO II

11. FANTASMOOÊNESE
Existem os fantasmas 313
12. TRANSFIGURAÇÃO - - I
A chave esquecida do enigma de v Ari os lustros 361
13. TRANSFIGURAÇÃO II
Comprova<;íí(> científica e análise interna..... 405
14. MATÉRIA LIZ AÇA O ? I
Pode um homem prociixzJr in.stiuitftnea.mente um nóvo ser? 427
15. MATERIALIZA ÇA O ? — II
Perscrutando a história: nada positivo 455
16. MATÉRIA LIZ AÇA O ? — III
As “provas” pró-rnaterializacflo demonstram que elas não
existem 477

A P Ê N D I C E S

- Apêndice I — TRUQUES NA TELECINESIA 513
- Apêndice II — “APARIÇÕES” FRAUDULENTAS 527
- Apêndice III — FLUIDOS E FLUIDôMETROS 549

Fantasmogênese

EXISTEM OS FANTASMAS

Fantasmas reais. – Animais do além (!?) assumem forma e impressionam observadores. – Flocos esbranquiçados aglomeram-se em imagem de mulher. – Â própria médium analisa o fantasma.

Precisam-se os conceitos — Convém, antes de mais nada, precisar mais uma vez os conceitos, que, aliás, ficarão mais claros após a exposição dos fenômenos.

Entendemos por fantasmogênese a produção ectoplas-mática de um fantasma ao menos aparentemente inteiro, de pessoa, animal ou coisa. O verdadeiro fantasma não é uma aparição meramente subjetiva, mas é imperfeito na reprodução do “modelo”: o fantasma tem certa consistência material, porém é mais ou menos tênue, mais ou menos transparente, com pouquíssimo pêso, em comparação com o pêso do modelo reproduzido...

A fantasmogênese distingue-se da ecto-colo-plasmia que estudamos no capítulo anterior, porque esta é uma produção somente de um membro ou pequena parte do modelo. Distingue-se da transfiguração principalmente porque esta é o próprio corpo do dotado modificado ou com alguns disfarces acrescentados pelo ectoplasma.

A materialização se distingue da fantasmogênese principalmente porque a materialização seria a reprodução perfeita de um nôvo scr (diferente do médium) com tôdas as principais características de pêso, estrutura, calor, movimento, circulação sanguínea.

Sendo a fantasmogênese, transfiguração e materialização fenômenos com muitos pontos de contato e como a chave da análise e discussão consiste na perfeita distinção, trataremos êstes fenômenos, às vêzcs, conjuntamente, comparando-os e relacionando-os cm muitos pontos.

“Doutor” Monck — Como sempre em Parapsicologia, também na fantasmogênese deve-se ter muito em conta a fraude.

O pastor protestante, Sr. Monck, afirmava de si mesmo, que, desde a infância tinha manifestado fenômenos parapsicológicos que foram aumentando com a idade. Não sabendo explicá-los, em 1873, numa palestra pública que pronunciou em Cavendish Rooms declarou que atribuía os fenômenos à intervenção dos espíritos dos mortos, embora não aderisse à doutrina espírita, continuando a ser pastor protestante. Depois dessa conferência, passou a fazer demonstrações públicas. Em 1875, fêz um giro pela Inglaterra e Escócia, adquirindo grande fama. Em 1876, percorreu a Irlanda, dedicando-se com realce a realizar curas, pelo que foi reconhecido pelo nome de “doutor” Monck, com generalizados protestos da classe médica, como é lógico.

Pois bem, êste famoso médium, de quem voltaremos a nos ocupar, recorreu à fraude bastantes vêzes, o que não é de estranhar, aliás, por pretender reproduzir, com hora marcada, fenômenos parapsicológicos mesmo os mais raros.

Retirada estratégica — Limitando-nos agora às fraudes em fantasmogênese, citaremos o testemunho valioso de sir William Barret, um dos fundadores da “Society for Psychical Research”⁷⁵ de Londres:

“Surpreendi o ‘doutor’ em fraude clamorosa: um pedaço de musselina branca, numa armação de arame, tudo ligado a um parafuso prêto. Isto era empregado pelo médium para simular uma materialização” (fantasmogênese).¹

1. Barret, William. cm *Proceedmgs of Society for Psychical Research*, vol. IV, pág. 38, nota.

A musselina, com a sua transparência dá muito bem a ilusão de um fantasma...

Em 1876, um mágico, o Sr. Lodge, assistia a uma sessão que o “doutor” Monck dava em Huddersfield. O proceder do médium estava despertando suspeitas no mágico. Em determinado momento, o Sr. Lodge levantou-se, pedindo aos presentes que examinassem o “doutor”. Então Monck entrou em pânico e saiu da sala correndo. Alguns dos espectadores, decepcionados, correram atrás do médium, que se trancara em seu quarto. Forçaram a porta: o médium fugiu pulando a janela. Revistando o quarto, não encontraram mais do que umas luvas de lã.

Perante os tribunais, Monck teve de reconhecer que usava, de fato, essas luvas especiais, com outros materiais, para fingir fantasmas ou materializações, mas quis defender-se dizendo que era só para uma conferência cm que pretendia demonstrar a diferença entre fenômenos reais e fraudulentos. Na sua defesa precipitada, não percebeu quão suspeito haveria de parecer que êle, médium, apresentando-se continuamente em público, conhecesse tão profundamente a arte de fraudar... Monck foi condenado a três meses de prisão. Afirma-se que confessou suas fraudes ao mágico Lodge.

Eusápia Paladino numa sessão realizada cm Gênova em 1 de maio de 1902, apresentou uns “fantasmas” que se fizeram famosos na literatura posterior. Desta sessão publicaram relatórios independentes o prof. Enrique Morselli, o Dr. José Venzano e o sr. Ernesto Bozzano. Não obstante, tais fenômenos são desprovidos de qualquer valor científico. Escreve o Prof. Morselli:

“As cortinas pretas separaram-se uma da outra pelo meio... e a aparição se apresentou bem diante de mim. Era uma mulher jovem da qual eu percebia a cabeça, os ombros e a parte superior do tronco. Era de uma côr esbranquiçada; tive a impressão de que não recebia unicamente os raios luminosos do gás (que iluminava tênueamente a sala da sessão) mas possuía, além disso, certa luminosidade que se poderia comparar a um raio de luz muito pálido... A aparição permaneceu imóvel cêrca de quinze ou vinte segundos, mas tendo eu dito que não podia vê-la bem, por causa de umas faixas e dos cabelos, que me pareciam ocultá-la um pouco, ela levou ambas as mãos à altura das orelhas e, num gesto gracioso, descobriu um pouco o rosto; em seguida, inclinou ligeiramente a cabeça, cumprimentando amavelmente; depois, dissolveu-se muito rapidamente e desapareceu”.

“Discutia-se ainda sobre a figura aparecida... quando... uma segunda aparição se mostrou, sempre no canto onde estava a cabina... Desta vez foi a figura de um homem. As partes visíveis eram as mesmas que na materialização (!?) precedente...”

“Eu lhe percebia bem a forma externa: era um verdadeiro gigante, de talhe vigoroso, cabeça volumosa, rosto largo, com fortes zigomas, nariz grosso, curto e chato; a barba parecia densa, curta, cerrada; os ombros quadrados e robustos; o pescoço musculoso; o peito largo...”

“Pareceu-me que nos cumprimentava com movimentos expressivos da cabeça; em seguida ele também se desvaneceu rapidamente”.

“Depois, uma terceira e quarta aparições, desta vez novamente femininas e semelhantes à primeira, embora a terceira tivesse uma cor mais natural e a quarta estivesse coberta de tal quantidade de panos que parecia uma múmia. Ao inclinar-se fora da cabina, projetava uma sombra na parede iluminada. E esta sombra seguia seus movimentos”.

Logo surgiu uma quinta aparição, descrita assim pelo Dr. Venzano: “Apenas tínhamos nós retomado nossos lugares (depois de inspecionar a médium), quando vimos as cortinas se abrirem, a uma determinada altura do chão e vimos aparecer, através de um grande espaço oval (entre as cortinas), uma mulher com uma criança nos braços como que em atitude de niná-lo”.

“Esta senhora, que aparentava uns quarenta anos de idade, trazia na cabeça uma touca branca, guarnecida de brocados... a touca, tapava-lhe completamente os cabelos, deixando aparecer os traços de um rosto largo de testa alta. O resto do corpo não oculto pelas cortinas, estava coberto de panos brancos. Quanto à criança, poderia ter uns três anos, a julgar pelo desenvolvimento da cabeça e do corpo. A pequena cabeça estava descoberta, com os cabelos muito curtos... O corpo parecia envolto em faixas também de um tecido leve e muito branco...”

“A aparição durou mais de um minuto. Nós nos pusemos todos em pé, e nos aproximamos, o que nos permitiu seguir os menores movimentos. Antes que as cortinas se fechassem, a cabeça da mulher colocou-se um pouco adiante, enquanto que a do bebê, inclinando-se em diferentes rotações, da direita para a esquerda, deu sobre o rosto da mulher vários beijos. O som daqueles beijos infantil chegou aos nossos ouvidos de uma maneira muito nítida”.

Como dizíamos, não aceitamos a autenticidade destes fatos. Há diversos pontos escuros no conjunto;

Tratava-se de um círculo espírita organizado, “Círculo Minerva”, no qual todos os integrantes eram espíritas declarados e, como tais dotados de menos espírito crítico para julgar e evitar as fraudes da habilíssima Eusápia Palladino, deixando-se facilmente convencer pelo “espírito-guia”¹² e pelo entusiasmo contagioso.

As aparições não se deram em um laboratório ou na casa de um cientista, e sim na sala de jantar da casa de um dos membros do Círculo, o senhor Avelino, espírita declarado êle, como sua esposa e seus dois filhos.

E’ interessante: foi colocada a cabina espírita justamente onde estava a única janela da sala. Por ela poder-se-ia introduzir e retirar todo o necessário...

Nessas circunstâncias, de nada serve afirmar que Eusápia fôra atada de mãos e pés. Aliás, pouco depois se afirma expressamente:

“As ataduras de mãos e pés, muito apertadas, causavam dores a Eusápia, pelo que foram retiradas”!

Eusápia encontrou, em nome dos “espíritos-guias”, o modo de convencer aqueles espíritas. Sem ataduras ficava muito facilitado o trabalho da médium.

É sútomático que só neste Círculo Espírita, Eusápia tenha realizado, nesta e noutras ocasiões, “materializações completas” (!?), em vez das habituais mãos ou membros rudimentares em aparições rápidas, fugazes...

E’ muito suspeito também o cuidado que as aparições tinham de não se deixar ver abertamente. Temia-se que fosse reconhecida a pessoa real, bem deste mundo, que se disfarçava para representar as aparições? ^

“Um turbante feito de véus circundava a fronte e os cabelos, quase invisíveis sobre as orelhas; outra faixa de véus envolvia o pescoço e cobria também o queixo, um pouco à maneira das mulheres turcas”.

“Da face ficavam descobertos a arcada superciliar, o nariz, as maçãs do rosto”, e isto de maneira pouco discernível: “dir-se-ia que ela se apresentava através de um nevoeiro”. Assim se expressa Morrell a respeito da primeira aparição.

Pede-lhe para descobrir o rosto “porque não a podia discernir por causa das faixas e dos cabelos que me pareciam ocultá-la um

pouco". Então, ela "leva as mãos à altura das orelhas... e descobre um pouco a face", mas, ao mesmo tempo, "inclina ligeiramente a cabeça" e "dissolvendo-se muito rapidamente, desapareceu".

Inclinar a cabeça é claro que dificulta a observação da mesma; e desaparecer imediatamente é claro que não dá tempo para observação nenhuma. O narrador fica muito satisfeito, dizendo que aquêlo movimento fôra o "gesto gracioso" de um amável cumprimento...

Da segunda aparição Morselli diz:

"As partes visíveis eram as mesmas do que na materialização precedente".

Impossível pois, qualquer reconhecimento pessoal. Portanto, em caso de truque ou disface, ninguém poderia reconhecer o disfarçado. E além do mais aparece novamente o clássico disfarce, para figuras masculinas:

"A barba parecia densa, escura, cerrada".

Aliás, "parecia": nem dava para se ver a barba!

A terceira aparição é "análoga à primeira"; e o "peito e a cabeça da quarta aparição estavam envoltos numa quantidade tão inverossímil de faixas de pano, que a assemelhavam a uma múmia".

Impossível saber quem estava por debaixo dêste disfarce...

E por fim a quinta e última aparição: a mulher com a criança:

A mulher "trazia na cabeça uma touca branca... A touca tapava-lhe totalmente os cabelos... O resto do corpo que não estava oculto pelas cortinas, estava encoberto com panos brancos".

Nessas circunstâncias de nada servem as enfáticas afirmações de Morselli:

A luz era suficiente para êle poder "ler os caracteres menores de um jornal, ver a hora que marcava meu relógio e discernir nitidamente os claros-escuros das gravuras e fotografias que pendiam das paredes da sala de jantar".

De nada serve isso, uma vez que não se podiam ver as feições das aparições...

Tanto isso é verdade que os espíritas da família Avelino e particularmente a Sra. Avelino, nas aparições da mulher e do menino reconheceram a mãe e um dos filhos da própria Sra. Avelino, este último falecido com a idade de três anos apenas, tiveram que confessar que o reconhecimento não se baseava na observação do rosto das aparições, mas sim, como o próprio Morselli afirma expressamente: "graças a certos detalhes da vestimenta, em particular a touca adornada de renda".

Por estes e outros detalhes que se poderiam ainda acrescentar, não podemos considerar tais fenômenos como autênticos; seu valor científico é nulo. Muito estranha que Robert Tocquet, ponderado noutras ocasiões, os tenha considerado como "certamente os fatos mais extraordinários que se têm obtido com Eusápia, e talvez inclusive os fenômenos mais admiráveis de toda a Metapsíquica física".²

Mas, mesmo no caso em que tais aparições fôsem autênticas, não deveriam ser classificadas, como sempre se faz, entre as materializações (produções de seres completos com todas as características de vida), pois na realidade não passariam de fantasmogêneses.

Com efeito, expressamente se diz:

"Ela (a primeira aparição) parecia como que descorada; seus contornos eram um pouco vaporosos, com linhas mal definidas... A parte inferior do corpo se perdia numa espécie de nuvem".

O desaparecimento do segundo fantasma se descreve assim: "Primeiro seus contornos se tornaram vagos (mais do que já eram), depois dissolveram-se até serem substituídos pelo fundo negro da janela".

Evidentemente, todos esses detalhes podem ser truçados com facilidade. A gaze, por exemplo, pregueada ou simples,

2. Tocquet, Robert, "Les pouvoirs secrets de l'homme. Le bilan du puranormal", Paris, Les productions de Paris, 1963, pág. 260. Para todo o relato, seguimos o resumo ou seleção feito pelo próprio Tocquet, pág. 260-263, tendo em vista os relatórios originais publicados por Morselli, Enrico, "Psicologia e Spiritismo. Impressioni e note critiche sui fenomeni medianici di Eusapia Palladino", Torino, Bocca, 1908; e Bozzano, Ernesto, "Ipotesi spiritica e teorie scientifiche", Gênova, Donath, 1903.

pode perfeitamente dar, respectivamente, a sensação de solidez ou de vaporosidade. E com efeito, sempre se afirma que as partes aparentemente sólidas estavam envolvidas em muitos panos. Igualmente é claro que era a gaze simples que dava a sensação de vaporosidade, ou na expressão das atas: "dir-se-ia que ela se apresentava através de um nevoeiro".

Mas, em todo caso, importa frisá-lo bem, tais aparições, fraudulentas ou reais, seriam fraude ou realidade de fantasmogênese e não de materialização. Lamentavelmente aqueles observadores do Círculo Espírita não tomaram a precaução elementar de tocar as aparições para ver se eram mesmo sólidas ou mais ou menos vaporosas e inconsistentes.

Além do mais, nos próximos capítulos, compreenderemos melhor que tais fenômenos só seriam cabíveis dentro da fantasmogênese.

Com efeito, não poderiam ser transfigurações: nunca um só dotado poderia transfigurar-se em duas entidades, em mulher e menino simultaneamente e muito menos estando atado ou deitado em outro lugar, como os investigadores pretendiam.

Também não poderia ser materialização porque, mesmo dentro das teorias dos defensores da materialização, esta deveria se processar a expensas do organismo da médium: ora, a médium, nem desmaterializando-se completamente (!!) poderia desprender tal quantidade de matéria como para formar um ser real sólido, muito maior do que ela própria, como na segunda aparição: "era um verdadeiro gigante de um talhe vigoroso, a cabeça era muito volumosa".

A médium também não teria matéria suficiente para formar simultaneamente duas pessoas: a mulher e a criança. E muito menos ainda se consideramos que os investigadores pretendiam que ela, ao mesmo tempo, conservaria toda a sua matéria:

Permanecia "sempre estendida numa condição de semiletargo; ofegava e transpirava, mas estava sempre fortemente amarrada... A médium permanecia sempre atada nas barras do leito..."

"Durante esse tempo, os soluços de Eusápia (que continuaria, portanto, dentro da cabina) continuavam e aumentavam sempre; isto é, $i < \frac{1}{2}$, que entrássemos na cabina. Eusápia ocupava a posição na qual a deixamos e parecia fatigada e sofrendo".

Como se vê, tais fenômenos só poderiam ser classificados dentro da fantasmogênese. Porque, se não tivesse havido truque, só no caso de aparições tênues, não sólidas, mais ou menos vaporosas, e até possivelmente incompletas, se poderia admitir que o dotado proporcionasse matéria para formá-los, sem ficar desprovido de mais matéria do que era compatível com a própria sobrevivência. . .

Fantasmas são possíveis — Conhecemos já a ectoplasma, a produção de ectoplasma, matéria prima para moldar as imagens do inconsciente do dotado: ideoplastia. Com ectoplasma e ideoplastia se explica a ecto-colo-plasma. Bem considerada, a fantasmogênese não é um fenômeno essencialmente diferente. Da mesma maneira como se pode plasmar um rosto, um braço, etc. pode-se plasmar a imagem mais ou menos completa de um ser. Até se faz compreensível que a imagem mais ou menos inteira de um ser seja pouco densa, tênue, leve, transparente, mesmo que tóse só por motivo de economia de ectoplasma. O que aumenta em tamanho diminui em densidade.

Assim considerada, a fantasmogênese nem precisaria de nenhuma demonstração específica: é simplesmente uma modificação da ecto-colo-plasma, um outro aspecto da ideoplastia.

Ectoplasma, base da fantasmogênese — E de fato, muitas e muitas descrições insistem em que a fantasmogênese se formou a expensas do ectoplasma. Transcrevemos um apêndice realizado por Conan Doyle:

"Na incipiente literatura espírita encontram-se, centenas de vezes, descrições de um denso vapor semiluminoso que flui do lado ou da bôea do médium e é fracamente visível no escuro. Foram até mais longe: observaram como esse vapor, às vezes, se solidifica numa substância plástica de que são feitas as várias estruturas, na sala da sessão. Uma observação científica mais rigorosa só chegou a confirmar o que esses pioneiros haviam verificado".

"Para contar alguns exemplos: o juiz Peterson declara que em 1377 viu, com o médium W. Lawrence 'uma nuvem feita de flocos

que parecia sair do lado do médium e que gradativamente formava um corpo sólido'. Também fala de uma figura surgindo de 'uma bola de luz'³.

James Curtis viu com Slade, na Áustria, em 1378 'uma como que nuvem de vapor branco-acinzentado' formando-se e aumentando antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada*⁴.

"Alfred Russel Wallace descreve ter visto, com o 'doutor' Monck, primeiro 'uma mancha branca' que gradativamente se transformou numa 'coluna nevoenta'. Essa mesma expressão é usada por Mr. Alfred Smedley em relação a uma aparição com o médium Williams quando John King se manifestou; fala também de 'uma nuvem fracamente iluminada'".

"Com o médium D. D. Home, o Sr. William Crookes viu 'uma nuvem luminosa' que se condensou numa mão perfeita".

"A Sra. E. A. Braekett viu, com a médium Helena Barry, em 1885, nos Estados Unidos, 'uma pequena substância branca, como uma nuvem' que se expandiu até ficar com 4 ou 5 pés de altura 'quando, de súbito, dela saiu uma espécie de siliide, a forma total, sólida de Bertha'⁴".

"Mr. Edmund Dawson Rogers, descrevendo uma sessão com Eglinton, em 1885, diz ter visto surgir do lado do médium 'uma substância esbranquiçada e fumacenta' que oscilava e pulsava. Mr. Vicent Turvey, o conhecido sensitivo de Bournemouth, fala de 'urna substância vermelha, viscosa, saindo do médium'". ■>

"Particular interesse é ligado a uma descrição dada pela maravilhosa médium de materializações (iaitasmogênese), Mine. D'Esperance, que diz: 'Parecia-me sentir que fios muito finos me saíam pelos poros da pele'". <>

"Também encontramos em 'The Spiritualist' que, quando o espírito (!?) se manifestava através de Miss Florence Cook, sob a forma de Katie King, era ligado à médium por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos"^{3 4 5 6 7}.

3. "Essays from the Unseen". Nota de C. Doyle, que não completa a citação.

4. Embora C. Doyle não faça a citação completa, encontra-se em Braekett, E. A., "Materialised Apparitions", Boston, 1886, pág. 106.

5. C. Doyle põe só na nota: "Beginnings of Seership", pág. 55.

6. Apesar da citação incompleta de C. Doyle conseguimos comprovar que se trata de: D'Esperance, Elisabeth: "The shadow-land, or liglit from the other side", London, Redway, 1897, pág. 229.

7. "The Spiritualist", 1873, pág. 83.

Mas, concretizemos com mais detalhes,

O papagaio psíquico — A ideoplastia e a pouca densidade do fantasma, tão pouca que às vèzcs só é visível para os thiperestésicos, aparece muito clara em alguns casos. Citamos mu, muito esclarecedor, se autêntico.

A rica Sra. Everitt era uma médium que não foi cientificamente observada por especialistas; celebrava, porém, sessões gratuitas diante de espíritas (grupos escolhidos), que queriam em caráter privado, investigar os fenômenos "produzidos pelos espíritos dos mortos/" (!)

O senhor Joseph Brings publicou o seguinte fato, que teria su- «*i'(lido na sua própria casa: "Notável incidente veio misturar-se às manifestações. Um dos assistentes, o Sr. Aron Wilkinson, dotado de clarividência⁸ exclamou de repente: 'um papagaio pousa no meu uinbro a agitar as asas... Agora voou até a senhora Everitt'..."

"Ela afirma que sente o contato da avó".

E' possível que tudo não passasse de simples adivinhação, por parte do senhor Wilkinson, do pensamensto inconsciente ■da senhora Everitt. O narrador com efeito continua:

"Episódio incompreensível para todos, menos para a Sra. Everitt, a qual logo o explicou, contando que havia meses incumbira-se de guardar um papagaio que muito se lhe afeiçoara. Ainda na véspera recebera uma carta de casa, na qual lhe davam informações sobre o bicho..."

"Todos os assistentes ignoravam o fato e urge considerar que ;i Sra. Everitt reside numa província distante".*!

Mas se nem tudo fôsse mera alucinação subjetiva, provocada pela adivinhação do pensamento, se nesse episódio admitíssemos alguma objetividade externa, o caso seria muito nílil para a reta compreensão da fantasmogênese. E só como explicação utilizamos aqui êste caso sem pretender inclinar-nos mais para a fantasmogênese que para a alucinação.

s. Os espíritas os chamam "médiuns videntes": Não se tratando

■ K alucinações ou adivinhações do pensamento, seriam simplesmente do i a dos de hiperestesia visual.

9. "Light", 1903, pág. 492.

pelo tato (como no caso anterior, provavelmente, formas pouco condensadas); frequentemente era *cottlo utticl espécie* de pequeno esquilo que Osty sentia originar-se nas costas mesmo de Guzik e que passeava pelas costas de certos assistentes. Havia também um cachorro (igualmente invisível), mas que mordeu os joelhos do professor Leclairinche; um animal volumoso, *espécie* de urso ou pitecantropo (coisas tão diferentes! também invisíveis), cujos pelos e massa resistente eu senti, à altura do ombro...¹³

Não se precisa claramente, em nenhuma das atas que descrevem os animais produzidos por Guzik¹¹ se estas produções eram, em, toda sua extensão, consistentes e definidas. Ao contrário (como se pode ver nas linhas transcritas) tudo parece indicar que se tratava de formas em muitas partes, ao menos, pouco condensadas e mal definidas. O mesmo fato de que não se indique expressamente o contrário, está a indicar que, na realidade, uma massa, incompleta mais ou menos tênue e imprecisa, em várias partes.

A sala era fechada a chave e soladas as portas e janelas. Além de celebrarem-se as sessões no mesmo "Instituto Metapsíquico Internacional", determinou-se que um arquiteto diplomado revisasse a fundo muros, chão e teto. Além disso, para maior tranquilidade dos cépticos que não conhecessem bem a sala de experimentação do Instituto, em várias ocasiões se fez cobrir o chão todo com um tapeto para impedir o levantamento de qualquer alcapão etc. O controle era absoluto e, durante as sessões, Guzik conservava uma imobilidade total.

A hipótese da fraude nessas memoráveis sessões do "Instituto Metapsíquico Internacional" de Paris deve ser excluída completamente. Os experimentadores, habituados à investigação parapsicológica (além de nas suas várias profissões a diversos métodos de investigação), ficaram todos unânimes e completamente convencidos da realidade dos fatos.¹⁴

13. Sudre, René, "Traité de Parapsychologie", Paris, Payot, 1956, págs. 316 s. Existe tradução portuguesa.

14. Geley, Gustave, "L'Ectoplasmie et la clairvoyance. Observations et expériences personnelles", Paris, Alcan, 1924, recolhe praticamente tudo o que se escreveu sobre Guzik.

15. Quem não puder consultar as relações originais do Instituto Metapsíquico Internacional nem as outras fontes que citamos, encontrará facilmente uma reprodução do "manifesto dos 34", com outros detalhes, em Tocquet, Robert, "Les pouvoirs...", o. c., págs. 265-277.

Cães do "além" (!) — Eis, a modo de exemplo, os mesmos casos extraídos do "Manifesto dos 34". Nem nos mesmos casos se deixa de perceber tratar-se de formas mal < ir n iidas:

"Sessão de 11 de abril de 1923... Nota-se a presença de uma animal, provavelmente de um cachorro molhado. Ouve-se uma respiração ofegante, como é frequente nos cães. A entidade

Misteriosa roça o senhor Xavier Leclairinche, passa entre suas pernas,

■ Im >is sob a cadeira, em seguida por detrás dele. Nesse momento o médium acorda. O cheiro percebido desde o início da manifestação, desaparece instantaneamente".

"Sessão de 12 de abril de 1923... depois de uma curta expectativa manifesta-se uma forma animal com um cheiro característico... Tem-se a impressão muito nítida da presença de um pequeno cachorro que salta sobre as cadeiras dos presentes, depois sobre seus Mellios, roça-os e os acaricia; parece brincar com as cadeiras..."

"Sessão de 3 do maio... Uma luz se dirige para o Sr. Després ■ iuc vê assim os traços de um rosto, sente-se roçado e abraçado...u"

Como se vê, nada há que demonstre que a aparição era inpleta, perfeita, precisa... Tudo parece indicar que se trata de fantasmogêneses (como máximo ecto-colo-plasmia). E viho citando justamente os casos que pareceriam mais certos "I a (trilares, os que pareceriam mais perfeitos..."

Monstros peludos — O Dr. Osty, sucessor de Geley, realizou 41 sessões.

Mentiram o contato de monstros peludos lambendo os presentes, rondando ou arranhando vestidos.?

Osty, modelo de investigador, conclui que pessoalmente lá, convencido da realidade dos fenômenos de Guzik, em, reconheça que não pode apresentar provas que tenham valor incontestável para os que não presenciaram os fatos.^{13 14 15 ** 18}

A célebre adivinha Mme. Freya sentiu a presença de um animal bulo e mal cheiroso. Excepcionalmente, naquela ocasião tirou-se fotografia. A fotografia, porém, não captou absolutamente nada.

10. Tocquet, Robert, "Les pouvoirs...", o. c., págs. 271 s. e 275.

17. Osty, Eugène, "Le médium Jean Guzik à l'I.T.M.I. de Paris", em *Revue Métapsychique*, 1926, n.º 6, pág. 455.

18. Osty, Eugène, "Le médium...", art. citado, pág. 479.

Freya teria adivinhado o pensamento de Guzik, alucinando-se? Ou será que o testemunho concordante do tato e do olfato reclama a percepção real (hiperestésica, talvez) de uma fantasmogênese muito tênue?

Pitecantropo psíquico — Outro médium polonês, plasmador de animais, foi Franek Kluski.

O Dr. Geley, como também o Dr. Richct, refere que percebeu (a escuridão era geralmente total) um monstro, espécie de homem das selvas, a que chamaram pitecantropo, com abundante barba e pelo. Sentiram em suas duas pernas, um contato semelhante ao que produziria o roçar de um cachorro. Em outras ocasiões, os espectadores sentiram outras produções monstruosas. Numa ocasião, uma enorme e esquisita asa se plasmou sobre as costas de Kluski.

Trata-se, evidentemente, de ideoplastia. Franek Kluski tinha a imaginação cheia de monstros terríficos. Desde tenra idade, vivia entre temores e imagens eidéticas de fantasmas, cada vez mais freqüentes, até chegar à puberdade. Já um pouco amadurecido, deixou de prestar atenção e de temer estes fantasmas e suas visões cessaram. Quando, porém, aos quarenta anos, assistiu a uma sessão de Jean Guzik, seu inconsciente, liberando de novo as suas terríficas imaginações, começou a objetivá-las por ideoplastia.¹⁹

Densidade e forma — Tudo parece indicar que as produções de Kluski (como as de Guzik) eram pouco densas e mal definidas. As fotografias reproduzidas por Geley, de outro lado,²⁰ confirmam nossa interpretação. Só aparece nelas, ao lado do médium (sempre em transe, como que dormindo e com as mãos seguras pelos controladores) uma massa ectoplasmática branca, informe, como um pano grosseiro, sem semelhança nenhuma com animais ou com qualquer figura concreta..^{19 20 21}

19. Cfr., dados biográficos em "Revue Métapsychique", 1.921, págs. 116, 207, 221, 294; e Geley, Gustave: "L'Ectoplasmie..", o. c., págs. 214-224.

20. Geley, Gustave: "L'Ectoplasmie..", o. c. Neste mesmo livro se encontrarão inclusive transcritas, sem modificações, as atas e referências principais sobre Kluski.

21. Outros exemplos de fantasmas de animais poder-se-ão encontrar recolhidos em "Luce e Ombra", 1922, ns. 3 e 4, págs. 121 ss. e por Geley, Gustave: "L'Ectoplasmie.. o. c.", págs. 287, 296 e 336.

Fantasmas de coisas — Como há fantasmas de animais, há também fantasmas de coisas inanimadas. Nas chamadas coisas "mal-assombradas" são freqüentes as quedas de pedra, paus, pregos, frutas...

Às vezes, esse fenômeno pode ser devido à telecinesia desses mesmos objetos reais. Em outro livro deveremos discutir o "aporte", fenômeno análogo que também poderia ser invocado nesses casos.

Mas, muitas vezes essas pedras, paus e frutas que caem nas casas "mal-assombradas" explicam-se pela fantasmogênese. Tratando-se de objetos não muito grandes, o dotado não precisará exteriorizar muita energia para plasmá-los e eles podem alcançar certo grau de consistência e aparecem inteiros.

Não se trata, porém, nos casos agora visados, de objetos reais, de verdadeiras pedras de calcário ou granito, de verdadeiros pregos de metal, de paus ou frutas de matéria vegetal, etc., mas de objetos ectoplasmáticos.

Por estes motivos, classificamos este fenômeno como fantasmogênese e não como materialização nem como ecto-colo-plasmia. Mesmo quando se trata de ectoplasma bastante consistente e tendo, na aparência, uma perfeita reprodução do modelo, não seria lógico classificar tais casos dentro da materialização, porque esta por definição, deve ser de objetos ou seres que fiquem reais. Teríamos, pois, materializados a carne e o osso, vivos, quando se tratasse da materialização do Dr. Veloso ou da Irmã Josefa; um crucifixo estaria materializado quando se desse a materialização de verdadeiro metal e madeira, e assim por diante, tomando como exemplo as célebres materializações fraudulentas de Uberaba. E quanto à ecto-colo-plasmia, esta, por definição, é a reprodução ectoplasmática só de uma parte ou pedaços do modelo.

Claro está que não faltam fantasmogêneses de objetos, nos quais aparece claramente a "vaporosidade", transparência, etc., típica da fantasmogênese.

Algumas vezes é tão tênue o fantasma do objeto que só um hiperestésico o veria.

Ochorowicz, por exemplo, refere as experiências que levou a cabo com a médium Srta. Tomczyk. Na sessão de 22 de setembro de 1911 tiravam-se radiografias da mão da médium. Esta, mantinha

fixa em sua mente a idéia de que trazia no dedo o anel; êsfce, porém, naquele instante estava na mão de Ochorowicz. O pensamento, a ideoplastia, fêz que na chapa radiográfica aparecesse claramente o anel no dedo correspondente da mão esquerda da médium.

A radiografia mostrou o fantasma que, à simples vista, ao menos naquela penumbra, ninguém via.

Depois Ochorowicz escolheu um dedal de prata que a Srta. Tomczyk raramente utilizava e o colocou no dedo médio da sua própria mão esquerda. Com a mão direita, segurava a mão da médium, sobre cujos joelhos pusera uma chapa fotográfica "Elka" marcada a lápis. Os joelhos ficavam, logicamente, debaixo da mesa sobre a qual, à distância de 1 metro, estava a lâmpada acesa.

Durante o minuto de espera, afirma Ochorowicz, "sinto o dedal no dedo médio da mão esquerda e procuro controlar esta impressão, servindo-me constante e alternativamente do polegar e do próprio joelho".

Uma dor muito viva experimentada pela médium na sua mão esquerda terminou a experiência.

No clichê apareceu "o terceiro dedo aparentemente mais longo, isto é, prolongado por um dedal".

E posteriormente temos a ideoplastia da lua, de nuvens etc.

Ochorowicz analisa: "Tanto o dedal como o dedo aparecem afinados na fotografia, o que constitui detalhe normal em radiografias de objetos redondos, quando a luz está próxima. A parte inferior do dedal, salvo a borda dupla, é menos escura (no positivo) do que a parte superior, o que já deixa de corresponder a uma projeção radiográfica para tomar a aparência comum de um dedal, qual o vemos".

"Finalmente a cabeça (do dedal) de vidro abaulado mal se distingue, como se fôsse transparente demais para tornar-se visível".

"Numa palavra, essa imagem nos causa uma impressão mista, desconcertante... Contra o que se haveria de esperar numa radiografia Roentgen de um dedal normal, as partes igualmente espessas do metal (se é que se pode chamar metal a um dedal ectoplasmático) são atravessadas de modo desigual e a mão se mostra quase menos transparente que o metal".

E o próprio Ochorowicz acaba por compreender que se trata de radiografia não de um dedal comum, mas da idéia de um dedal, isto é, trata-se de um caso de ideoplastia, a idéia plastificada em forma de fantasma de um dedal.²²

A sombra MOVENTE — Mas passemos aos fantasmas "humanos".

William Crookes presenciou algumas fantasmogêneses realizadas pelo mais famoso de todos os dotados, D. D. Home. As qualidades típicas do fantasma (tênuo, vaporoso, não bem acabado...) são muito bem descritas:

"Ao declinar o dia, durante uma sessão do Sr. Home, na minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava a uns 15 metros de distância do Sr. Home. Uma espécie de sombra, meio transparente, semelhante a uma forma humana foi percebida, de pé, por todos os assistentes, perto dos caixilhos da janela. Esta forma agitava a cortina com a mão e, enquanto nós a olhávamos, ela se desvaneceu e as cortinas cessaram de se mover".

O FANTASMA ARTISTA — "O CILSO QUE SCGUC É AINDA HUIJIS surpreendente. Como no caso precedente, o sr. Home era o médium".

"Uma forma de fantasma avançou de um canto da sala, foi pegar meu acordeão e, em seguida, deslizou pelo apartamento tocando esse instrumento. Essa forma foi vista durante vários minutos, por todas as pessoas presentes e, ao mesmo tempo, via-se também o Sr. Home. < > fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a uma distância dos outros assistentes; a mulher deu um pequeno r. i i to, e logo a sombra desapareceu".-3

Como se vê, a fantasmogênese apresenta a forma de sombra, é meio transparente, porém sua densidade é suficiente para movimentar umas cortinas, carregar e tocar um acordeão. A fantasmogênese, como em geral todo fenômeno «Hoplasmático (e telérgico), explica as telecinesias.

32. "Annales des Sciences Psychiques", 191.2, págs. 164 ss.

23. Crookes, William: "Experimental Investigation on psychic force", in Gillman, 1871; e "Researches on the phenomena of: Spiritualism", in < > N > n, Burns, 1874. Servimo-nos da tradução num só volume por M. H. I.: "Nouvelles expériences sur la force psychique. Recherches sur les phénomènes du spiritualisme", Paris, L. S. P., 1897, págs. 165 s.

O “Dr. Monck” produz fantasmas — O “doutor” Monde, que freqüentemente recorria à fraude, realizou também algumas fantasmogêneses que parecem resistir a qualquer crítica. Por exemplo, numa ocasião, em presença dos Srs. Stainton Moses, Hcnslcigh Wedgewood e do famoso cientista Alfred Russi Wallace, que descreve a experiência, o “doutor” Monck fez aparecer progressivamente o fantasma de uma senhora.

“Era uma brilhante tarde de verão e tudo aconteceu em plena luz do dia. Após uma breve conversa, Monck, vestido com o traje negro habitual dos clérigos, pareceu cair em transe; ficou em pé, a alguns passos diante de nós e, após um instante, apontou para as suas costas e disse: Olhem”.

“Vimos uma tênue mancha no seu paletó, do lado esquerdo. Esta se fez mais brilhante, pareceu então ondular e aumentar para cima e para baixo, até que gradualmente tomou a forma de uma coluna de névoa que ia, junto ao seu corpo, do ombro até aos pés”.

“O ligeiro vapor esbranquiçado” aumenta em densidade. “Eram como flocos brancos que se agitavam no ar”. Depois, esta névoa se separa do corpo do médium tomando a “aparência de uma mulher vestida de gazes brancas, flutuantes”. Instantes depois, a “figura nevoenta” se reabsorve no corpo do médium.

“Todo o processo de formação da figura como que amortilhada, era visto em plena luz do dia”.

O senhor Wedgewood assegurou ao Dr. Wallace que o médium tivera várias outras manifestações semelhantes e inclusive melhores em outras circunstâncias, com transe mais profundo.²¹

Um juiz norte-americano, Sr. Dailey, refere o que ele próprio viu em uma sessão posterior, realizada pelo mesmo Monck, embora não em plena luz do sol.

“Dirigindo nosso olhar para as costas do ‘doutor’ Monck percebemos algo assim como uma massa opalescente de vapor compacto, que saía justamente de baixo do coração... Aumentou de volume, ciscendo para cima e para baixo, enquanto a parte superior tomava

24. Delanne, Gabriel: “Des apparitions matérialisées des vivants et Cies morts”, dois tomos, Paris, Leymarie, 1911. tomo II, pág. 044.

na forma da cabeça de uma criança e o rosto se distinguia como o de um filho que eu perdera fazia perto de 20 anos. Ficou assim instantes somente e, de repente, desapareceu, parecendo ter sido instantaneamente absorvida no lado do ‘doutor’.

“Esse notável fenômeno repetiu-se quatro ou cinco vezes, em cada uma das quais o fantasma se tornava mais nítido do que nas anteriores. Todos na sala viram isso, com o gás bastante claro para que todas as coisas fôssem bem visíveis”.

“Trata-se de um fenômeno visto raramente, pelo que todos quantos o ouviram... testemunham o notável dom do ‘doutor’ Monck como médium de materializações” (fantasmogênese).²⁵

Durante as experiências de moldagens em parafina que durante alguns anos realizou o Dr. Reimers, de Manchester, com o “doutor” Monck, algumas vezes surgiram bonitos casos de fantasmogênese. Copiamos algumas frases da relação do conhecido escritor espírita. W. Oxley que, com o Sr. Lightfoot, foi testemunha. As experiências se realizavam na própria casa do Dr. Reimers:

“A aparição que reconheci ser invariávelmente a mesma Lili, variava de tamanho: umas vezes a sua estatura não excedia a de uma menina hem desenvolvida; outras apresentava as dimensões de uma senhora; até acredito que ela não apareceu duas vezes de maneira absolutamente idêntica, mas eu a reconhecia sempre e nunca a confundia com outras aparições... Algumas vezes as figuras não se formavam completamente: não se distinguia mais do que a cabeça e o busto; outras vezes mostrava-se de pé... Succeu-me, freqüentemente, ver o espírito (!?) que eu conhecia com o nome de Lili em outras casas e entre amigos, mas somente com os mesmos médiuns: quer com a Sra. Firman, quer com o “doutor” Monck. Na casa do meu amigo, o Sr. Gaskell, sucedeu-me uma vez ver aquela figura materializar-se (só como fantasma) e desmaterializar-se perante nossos olhos com uma claridade muito intensa (fotogênese);

- Ela se mantinha durante todo o tempo suspensa no espaço, sem tocar
- > assoalho uma só vez. Toquei com a mão em seu corpo e em suas vestes (que consequentemente tinham alguma consistência, apesar de serem tão leves que se mantinham no ar). O médium era o Sr.

25. “Banner of Light”, 15 de dezembro de 1881.

26. Cfr. os relatórios do próprio Dr. Reimers em “Psychische Studien”, 1877 e anos subsequentes, passim.

Monck. Daquela vez, a sua estatura (de Lili) não excedia a um metro mais ou menos... A autenticidade do fenômeno está provada para nós de maneira positiva".^{27 28 **}

Mais fantasmas — Em 1905, o arcediogo de Canterbury, Colley, realizou uma série de experiências com o "doutor" Monck.

O gás estava aceso ao máximo, de modo que a luz era magnífica. O próprio arcediogo se conservava sempre ao lado do "doutor" para, se preciso, mantê-lo em pé durante o transe e para melhor observar todos os detalhes. Colley descreve com precisão a ligação ectoplasmática entre o "doutor" e o fantasma; como se formavam e desapareciam os fantasmas em plena luz.

Um vapor saía dos vestidos pretos do pastor protestante, para transformar-se numa nuvem que, por sua vez, adquiria a forma do fantasma envolvido numa espécie de musselina ou trapos brancos. Assim apareceu uma menina que passeou pelo quarto, abraçando os assistentes e depois voltou ao médium e "foi gradualmente absorvida por êle e desapareceu, fundindo-se no seu corpo".

No mesmo dia apareceu uma forma de senhora muito bonita, que se originou de um filamento ectoplasmático que saía do médium e depois reentrou no seu corpo.

Em outra sessão apareceu uma personagem de aspecto oriental, o Mahdi. Expressamente se afirma o aspecto vaporoso do fantasma: "o Mahdi levava um capacete metálico, que pude tocar. Senti uma resistência débil. Parecia que êste objeto se fundia como a neve, a meu contato, para retomar sua forma primitiva um instante depois".

"Estas são as coisas que eu publiei... Afirmando que é a verdade, interpondo minha palavra de clérigo em afirmações pelas quais ponho em perigo minha posição eclesiástica e meu porvir profissional".²⁸

27. Da carta do 17 de maio de ISSO de W. Oxley a Aksakof e publicada por êste em Aksakof, Alexandor Nikolaievich: "Animismus und Spiritismus, Versuch einer Kritischen Prüfung der mediumnistischen Phänomene", 2 vols., 4.^{ta} ed., Leipzig, Mutze, 1901, (1.^a ed. 1892). Usamos a tradução de C. S. (sie), "Animismo e Espiritismo", Rio de Janeiro, F. E. B., págs. 186 s.

28. A tradução das relações das experiências do arcediogo Colley foi publicada em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 26 ss. Cfr. um resumo das mesmas em Delanne, Gabriel: "Apparitions. . .", o. c., vol. II, pág. 521 ss.

NÃO HAVIA truque! — Estas fantasmogêneses de Monck, mesmo reconhecendo que Monck truçou em outras ocasiões, sempre superaram qualquer objeção séria e desapaixorada.

Após algumas das publicações do arcediogo, um famoso mágico, o Sr. J. N. Maskeline, afirmou que êle seria capaz de repetir os mesmos fenômenos com os recursos da sua arte. O arcediogo Colley desafiou-o, então, apostando uma grande soma de dinheiro. —

O Sr. Maskeline aceitou o desafio. Perante numeroso público, num teatro, com um tribunal escolhido de comum acordo, entre pessoas idôneas e competentes, o mágico fez aparecer uma coluna de fumaça, que comeu uma maçã e desapareceu. Mas o "fantasma" apresentado pelo mágico era algo completamente diferente da fantasmogênese de Monck. O tribunal se pronunciou contra o mágico, que perdeu o desafio... e o dinheiro.^{3»}

Com efeito, pessoal mente conhecemos as diversas técnicas para produzir diversos tipos de fantasmas com grande pasmo do público. Mas as fantasmogêneses do "doutor" Monck, que acabamos de citar e outras semelhantes, nas circunstâncias em que êle as produziu, não me parecem poderem honestamente ser atribuídas a truque. Às afirmações em contrário de muitos autores, que não conhecem mágicas, não duvidamos em apresentar nossa, réplica, do mágico, com muitos anos de estudo profundo e alguns anos de prática nessa arte.

JUNG FORMULA A CONCLUSÃO — O famoso psicólogo C. G. Jung assistiu a uma experiência de fantasmogênese realizada com o médium Oscar S. na casa do Prof. Bernoulli. No prólogo do livro de F. Moser³¹ onde, entre outras experiências, se refere esta a que aludíamos, Jung anima esta expe-

29. "Lc <lefi de FArchidiaore Colley au preskligitateur Maskeline", em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 714 ss.

30. "Journal des Débats", 19 de outubro de 1906. Cfr. também "Lc Prestidigitateur Maskeline et ses démasquements", em "Annales des Sciences Psychiques", 1907, págs. 127 ss. O curioso é que alguns autores modernos (Castellán, Alfano, Julio Maria, etc.), citando-se uns aos outros em vez de informar-se nas fontes, estendem o erro do primeiro que inverteu os fatos, e apresentou Maskeline como ganhador da aposta!!

31. Moser, B. F.: "Spuk, Irrglaube oder Wahrglaube" (Fantasmas, verdade ou erro). Zurich, Baden, 1950.

rimentadora a pesquisar a questão dos fantasmas e acrescenta, manifestando sua certeza na existência dos fantasmas: "A prevenção que reina em muitos lugares contra os fatos verdadeiros que aqui apresentamos mostra todos os sintomas de primitivos medos de fantasmas. Mesmo pessoas estudiosas que deveriam ter melhores conhecimentos a este respeito, usam ocasionalmente argumentos sem sentido, tornam-se ilógicos e negam o testemunho dos seus próprios sentidos".

Aparecimento gradativo — Começamos a análise interna da fantasmogêncse. Ternos visto várias vezes, nos casos citados de fantasmogênese (corno antes, no fenômeno análogo do ecto-colo-plasma), que o fantasma, aparece e desaparece de maneira gradual. Este fato pode ser considerado típico nesta classe de fenômenos. E apresenta maior dificuldade à fraude, por permitir a observação melhor do que numa aparição súbita e não menos súbita desapareção. Por outra parte, mostra-nos muito bem que a fantasmogênese se origina do ectoplasma, e que o fantasma é de constituição "vaporosa".

Como exemplo, escolhemos uma relação do Dr. Gibier, referente a umas experiências com a ectoplasta Sra. Salmon (revistada, atada na cadeira, revistada novamente logo após as manifestações etc.)

"Um ponto branco aparece sobre o assoalho, por baixo (das cortinas) da cabina. De onde estou colocado, vejo que este objeto se encontra a uns 25 centímetros da porta, do lado de fora (da cabina). Em dois ou três segundos, avoluma-se como um ovo e se agita, lembrando a casca vazia, que nas salas de tiro dança sobre um jato de água".

"Rapidamente então, o objeto se alonga e chega a ser uma coluna de um metro de altura por uns 10 centímetros de diâmetro e depois de 1 Va metro".

"Dois prolongamentos transversais aparecem no seu cimo, dando a forma de um T; parece névoa ou nevoeiro espesso de vapor d'água. Os dois braços do T se agitam e uma espécie de véu emana dessa substância; o objeto se alarga e toma gradualmente a forma alvacentada de uma senhora coberta com véus: a princípio vagamente e depois distintamente dois braços brancos saem de baixo do véu, removendo-o para trás".

"O véu desaparece e vemos a bela face de uma jovem, graciosa, delicada e de talhe esbelto... Ela desmorona aos nossos pés (do Dr. Gibier e dos outros dois observadores que se aproximaram) como um castelo de cartas, quando eu avançava minhas mãos para tocá-la e desaparece progressivamente, em dois segundos no máximo, como viera..."

"No momento em que o último ponto branco, resto final desta forma, estava para desaparecer sobre o tapete, agachei-me para pôr a mão em cima, mas não pude sentir traço algum; não havia nada". 32

A constituição vaporosa, tênue, às vezes tenuíssima dos fantasmas é reconhecida por todos os autores de alguma seriedade e competência científica que investigaram o fenômeno. Assim, por exemplo, Lombroso afirma:

"Palpando-os, raramente e por pouquíssimo tempo nós verificamos o estado sólido; porém, mais frequentemente, sentimos partir da cortina ou da saia da médium um corpo fluídico que se infla e se desvanece sob a nossa pressão sem que, por isso, o possamos declarar não existente e, exatamente por isso, devemos afirmar que é formado por alguma substância".^

A PRÓPRIA MÉDIUM ANALISA O FANTASMA-----O trailSC da famosa médium ívesperancc era tão superficial que cia conservava, durante o fenômeno, quase completa consciência do que se passava. Sondo, por outra parte, inteligente e culta, pôde fazer magníficas análises da constituição dos fantasmas:

"O começo das manifestações é uma sensação de teias de aranha. .. Quando um ponto de luz atravessa as cortinas, posso ver a massa branca e vaporosa mover-se' como o vapor de uma locomotiva".

"Várias vezes introduzi a mão no vapor, para senti-lo e examiná-lo, mas não poderei dizer que tive a sensação de tocar alguma coisa". 3i

"Quando procuro tocar Iolanda (o nome do fantasma) é sempre no começo da sessão; mais tarde não tenho para isso nenhuma curiosidade, nenhum interesse" (imersa numa espécie de modorra do transe).

32. Gibier, Paul: "Recherches sur les matérialisations de fantômes, la pénétration de la matière et autres phénomènes psychiques", em "Annales des Sciences Psychiques", 1901, págs. 77 ss.

33. Dombroski, Césaire: "Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici", Torino, Um. Tip. Ed. Torino, 1914. Usamos a tradução por Martins de Castro, Almenndo: "Hipnotismo e Mediunklade", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1951), pág. 280.

34. Aksakof, Alexandre: "Un cas de dématérialisation partielle du corps d'un médium", Paris, Libv. de l'art Indép., 1896. Usamos a tradução por Souza, João Lourenço de: "Um caso de desmaterialização parcial do corpo dum médium", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., (1951), pág. 76.

"Quando estendo a mão para tocá-la, não sinto coisa alguma, isto é, sinto como se aí nada houvesse. Entretanto, bem vejo que há alguma coisa ou alguém, quando as cortinas estão abertas... Quando ela me toca, em posso senti-la".

"Não me lembro de jamais ter achado Iolanda sobre meus joelhos; na maior parte das vezes ela se senta no chão aos meus pés e deita a cabeça nos meus joelhos; depois, levanta-se diante de mim e parece caminhar entre mim e as cortinas; embora não haja mais que um espaço de três ou quatro polegadas ela pode passar por aí; entretanto não sinto coisa alguma. Quando se coloca aos meus pés ou junto aos meus joelhos, eu não sinto pêso algum".

"Não obstante isto, sábado, 5 de julho, senti o pêso completo do seu corpo (talvez por auto-sugestão, ou em última hipótese por eleito telecinético); habitualmente, porém, ela parece não ter pêso algum".

"Não me lembro se Iolanda passou por trás de mim, porém Nínia (nome de outro fantasma representando uma menina) fazia-o muitas vezes o, então, ela como que se entranhava na parede do gabinete, o que parecia não lho fazer mal..."

"Uma pessoa viva do porte de Iolanda não poderia ter-se movido assim, entre mim e as cortinas, sem que eu percebesse".³⁵

E' à luz dessas análises, feitas pela própria D'Esprance, que se compreendem e se devem interpretar outros fantasmas produzidos pela mesma médium, não obstante o fato de que muitas vezes (o entusiasmo) das testemunhas não proporcionam descrições bastante precisas a respeito da "vaporosidade" dos mesmos.

Bergen, por exemplo, no seu livro "Harperi Luften" referindo-se ao fantasma Nepenthes, mais parece um namorado romântico do que um observador científico.

"Era a mesma personagem, mais cheia de vida, de juventude e de uma beleza sôbre-humana que tínhamos diante de nós (a ideoplastia na fantasmogênese pode apresentar belezas ideais, perfeitas, irreais...). A pele era de um rico colorido escuro; os olhos grandes e castanho-escuros eram inteligentes e animados. O talhe era alto, desembaraçado, bem reto e as pregas do tecido que o cobriam bri-

35. Aksakof, Alexandre, tradução por Souza, João Lourenço de: "Um caso...", o. c., págs. 85 s.

lha vam com o resplendor de um belo luar. Abundante cabeleira negra encimada de brilhante diadema, completavam um quadro que nenhum de nós, renomados doutores, filósofos, e homens de letras, jamais poderemos esquecer".

"A médium, voltando-se sôbre sua cadeira, olha a aparição tão atentamente como nós, e grita com emoção, compartilhada por todos: que incomparável beleza!"

Não obstante, a própria realidade, já que não suas qualidades de investigador, obrigam Bergen a referir-se à "vaporosidade" do fantasma:

O fantasma Nepenthes, "adorável beleza, mostrava-se à luz juntamente com a médium (D'Esperance) que se achava sentada com as outras pessoas ao redor da cabina... Estava envolvida da cabeça aos pés por uma substância de um branco acinzentado, tênue como uma teia de aranha, que encobria suas formas, excetuando a mão que segurava a da médium e os olhos, que com dificuldade suportavam o brilho da luz... Parecia tão material como a médium, colocada perto dela, mas desde a primeira aparição, e com grande Surpresa, nossa, ela era tão transparente que os Srs. H. B. c cu mesmo pudemos ver a luz das lâmpadas através do seu corpo. Pensei, de início, que eu (ira vítima do uma ilusão, mas meus dois vizinhos mais próximos do que eu confirmaram minhas observações quando os interpelei com um aceno".

"...Enquanto a luz foi intensa, Nepenthes se mantinha perto da médium; ao diminuir-se a claridade, aproximou-se de nós. Caminha, ou melhor flutua, baila, permitindo-nos pegar sua mão, inclinando a cabeça majestosamente. Ela se mantém assim no meio de nós, cumprimentando-nos delicadamente com a cabeça, sôbre a qual brilha o diadema. Ao cabo de alguns minutos esta Nepenthes sôbre-humana, viva, inteligente e móvel, foi pouco a pouco, sem algum barulho, transformando-se numa nuvenzinha vaporosa e brilhante, tendo apenas o volume de uma cabeça humana, mas no meio da qual se distinguia ainda o brilho do diadema. Depois êsse brilho se eclipsa, se desvanece e desaparece totalmente. Sem provas materiais que ela nos tinha deixado, Nepenthes *teria podido passar pela criação de um sonho*".

O teste elétrico — Existe um método experimental de controle elétrico, que nos demonstra a pouca densidade dos fantasmas. É de lamentar que tal método tenha sido empregado com pouca frequência.

O método foi utilizado pelo conhecido sábio, Dr. Cromwell Varley:

"Os pólos opostos de uma bateria foram ligados a vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium (Srta. Cook) foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King (nome do fantasma) mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou em força".

O contrário acontecia, introduzindo-se o corpo humano: "mas quando a Srta. Cook saiu do gabinete e introduziu os dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou um desvio considerável".³⁶

Como se vê, a introdução do ectoplasma de que se com punha o fantasma, no circuito, apesar de se tratar de um fantasma que parecia à vista completamente sólido, não oferece qualquer alteração; é como se nada tivesse sido introduzido.

Aliás, ser a de desejar que não se metesse no circuito somente a ponta dos dedos da aparição, mas que se fizesse passar por ele todo o corpo, estabelecendo para isto vários pontos de contato. Do contrário, é difícil tirar conclusões. Com efeito, no caso concreto de Katie King, que acabamos de citar, o fato de o galvanômetro não reagir ou ter ficado como se nada tivesse sido introduzido no circuito, não está a indicar que Katie King toda inteira fosse um caso de fantasmogênese, um fantasma sutil, vaporoso. .. Katie King, como veremos no próximo capítulo, era a própria médium, ligeiramente transfigurada, bem sólida, completamente real, de carne e osso. A falta de reação do galvanômetro poder-se-ia explicar pela vaporosidade unicamente das pontas dos dedos, um pequeno acréscimo ectoplasmático como detalhe da transfiguração para alongar um pouco os dedos da médium.

Talvez Katie King fosse mesmo, algumas vezes, fantasmogênese, no início das suas aparições, anteriores às experiências de Crookes, nas "experiências" que se levavam a cabo no Círculo Espírita na casa do espírita Sr. Luxmore. Entre as fraudes, talvez surgisse alguma fantasmogênese.

Assim se explicaria, por exemplo, se as descrições correspondessem à realidade, o caso em que Katie King apareceu com a cabeça

36. "The Spiritualist", 1877, pág. 176.

de forma obtusa, embora não deixasse de conservar as feições da médium, mas de tamanho duas vezes menor.³⁷

Eis outra descrição a título informativo, sem garantirmos que se tratasse de um fenômeno objetivo.

E' a própria médium Florence Cook que, afirmando estar consciente durante o transe, descreve assim a primeira vez que Katie King se fez visível:

"Ontem depois do meio dia, Katie King nos disse que tentaria produzir alguns fenômenos..."

"Encantada com a idéia fiz os preparativos necessários; tudo ficou pronto às oito e meia da noite de ontem; minha mãe, minha tia, meus irmãos e a criada tomaram lugar pelo lado de fora... Deixaram-me sozinha na sala de refeições... Katie mostrou-se pela abertura das cortinas. Seus lábios se agitaram e por fim puderam falar. Conversou com mamãe durante alguns minutos e todos lhe puderam ver o movimento dos lábios".

"Como eu não podia vê-la muito bom do lugar em que estava, pedi-lhe que se virasse para mim. O espírito (?) respondeu-me: certamente, eu também o quero. E então vi que a parte superior do seu corpo somente estava formada até o busto, sendo o resto da aparição como um nevoeiro, vagamente luminoso..."

"Mamãe declarou que a face de Katie King lhe pareceu pálida e pouco viva. Seus olhos estavam fixos, sem expressão, como se fossem olhos de vidro?"³⁸

Fantasma completo é raro! — O fato da quase intangibilidade, imponderabilidade e sutileza, às vezes extrema, da fantasmogênese, constitui uma espécie de introdução a outro fato: nem sempre os fantasmas que parecem completos o são em realidade. Isto constituiria uma espécie de fenômeno intermédio entre a ecto-colo-plasmia e a fantasmogênese. E' também Lombroso, para citar um exemplo, que nos adverte: "Nós, assim como humanizamos os instintos dos animais, assim também, errando freqüentemente na interpretação, aceitamos como pessoas completas, como seres vivos, esses fantasmas que são quase sempre fragmentários e incompletos, que se atavam com os objetos que se acham a seu redor,

37. "The Spiritualist", 1874, pág. 206.

38. Carta de 22 de abril de 1872 de Florence Cook ao Sr. Harrison e publicada por este em "The Spiritualist".

além do véu mediúnico, para tomar forma que seja mais acessível aos nossos olhos, quando não assumem o aspecto de luzes errantes, que talvez seja a sua imagem mais autêntica”.³⁹

Em comparação com a ecto-colo-plasmia, claro está que a fantasmogênese é muito mais rara: requer-se maior ideoplastia e mais ectoplasma para a produção de um corpo inteiro do que para a produção de um só membro, como é evidente. Daí o fato de que Crookes, apesar de ter investigado com dois dos maiores médiuns que já existiram, Kathy Fox e D. Home, vê-se obrigado a reconhecer: “Formas e figuras de fantasmas. Esses fenômenos são os mais raros de todos quantos testemunhei. As condições necessárias para a sua aparição parecem ser tão delicadas e necessária tão pouca coisa para contrariar sua aparição, que tive muito raras ocasiões de vê-los em condições satisfatórias de controle”.⁴⁰

E' do médium, Não do além — Como todo fenômeno parapsicológico em geral e ectoplasmático em particular, também a fantasmogênese, evidentemente, depende do ectoplasta.

Tudo o que com um pouquinho mais de detalhe vamos explicar a seguir, já o resumia admiravelmente Geley: “Durante todo fenômeno de materialização (isto é, fantasmogênese e fenômenos ectoplasmáticos em geral) o produto formado está em óbvia conexão fisiológica e psíquica com a médium. A ligação fisiológica por vezes é perceptível sob a forma de um fino cordão ligando a imagem à médium, o que pode ser comparado ao cordão umbilical que liga o feto à mãe. Mesmo quando esse cordão não é visível, a relação fisiológica é sempre estreita. Cada impressão recebida do ectoplasma, reage sobre a médium e vice-versa. A sensação reflexa da estrutura coexiste com a da médium. Numa palavra, tudo prova que o ectoplasma é uma parte exteriorizada da própria médium”.⁴¹

39. Lombroso, Cesare, tradução portuguesa: “Hipnotismo...”, o. c., pág. 307.

40. Crookes, William, tradução por Alidel, I.: “Nouvelles...”, o. c., pág. 165.

41. Geley, Gustave: “L'Ectoplasmie...”, o. c., pág. 232.

Relações de peso — Embora de difícil interpretação, existe relação de peso entre o fantasma e o ectoplasta, o que confirma que o ectoplasma, para a formação do fantasma, é exteriorizado do corpo do dotado (sendo possível também a colaboração dos assistentes, em efeito polipsíquico).

Por exemplo, entre outras muitas experiências que se poderiam citar, a médium, Srta. Fairlamb, foi envolvida numa rede e assim pendurada em aparelhos que permitiam registrar as oscilações de seu peso. Em poucos minutos, depois de entrar em transe, seu peso começou a diminuir gradativamente e, quando apareceu o fantasma, os aparelhos assinalavam que a médium tinha perdido vinte e sete quilos: quando o fantasma começou a reabsorver-se o corpo da médium foi gradativamente aumentando de peso, de modo que, no fim da sessão, a perda de peso da médium era de somente 1 ou 2 quilos.⁴²

Evidentemente, essas experiências de pesagem do dotado se prestam facilmente a exageros na interpretação; por exemplo, uma pequena quantidade de ectoplasma, de pouco peso, e mesmo invisível, apoiando-se no chão, pode fazer bastante força para cima; assim há perigo de se pensar que a médium perdeu muito peso, quando, na realidade, se trata principalmente de uma ação telecinética.

Esta contra-hipótese (entre outras) é sempre possível. Às vezes tem-se confirmado diretamente (como por exemplo, em experiências com Falladino, que descrevemos no capítulo 4). E é tanto mais para se ter em conta quanto a psicobulia do médium facilmente está dirigida a provocar variações do peso, pelo caráter mesmo das experiências.

Consequentemente, sem negar que a pesagem indica que o corpo do ectoplasta perde peso para emprestar ectoplasma ao fantasma, não devemos, porém, cair no erro, frequente entre os experimentadores, de considerar que o número de quilos perdidos pelo dotado corresponde exatamente ao peso do fantasma.

A perda de 1 e até 2 quilos de peso do dotado, no fim da sessão, não indica que parte do ectoplasta não se tenha

42. “Psychisch Studien”, 1881, págs. 52 s.

reabsorvido: a evaporação do suor, energia radiante, etc. explicam isso perfeitamente: após uma partida de futebol, os jogadores perdem 3, 4 e até mais quilos.

O Cel. Olcott refere no seu 1.º v.º diversas experiências do pesagem do fantasma.

Por exemplo: trouxe de Nova Iorque uma balança devidamente examinada e autenticada com certificado público (dado o ambiente de polêmica). Numa ocasião, pediu à aparição que se apresentava como sendo a índia Honto, que ficasse em pé sobre a balança. Da verificação do peso se encarregou o Sr. Pritchard, cavalheiro respeitável e sem interesse na polêmica. Nos relatórios apresentados por Olcott inclui-se um certificado do Pritchard, como de jurado perante o juiz.

Honto foi pesada 4 vezes, em pé sobre a balança. A aparição representava uma mulher de um metro e sessenta centímetros de altura, e era de esperar que registrasse um peso de uns sessenta quilos. O fantasma, porém, pesou respectivamente nas quatro ocasiões 39,9; 26,3; 26,3; e 29,5 quilos.

Devemos deduzir que não era tão densa e sólida, como à simples vista pareceria ser. Não se tratava de um corpo plenamente denso: era tênue, era um fantasma.

Em sessões com a Srta. Wood, o peso do fantasma variava entre 15 e 80 quilos/1

Os 80 quilos que chegou a pesar o fantasma correspondem exatamente ao peso da médium: se nisto não houve fraude, o que é possível, seria um caso de transfiguração (a própria médium modificada: veja-se o próximo capítulo) e não de fantasmogênese. Os outros casos em que o fantasma chegava a pesar só 15 quilos, mostrariam sua falta de solidez.

Mas, também não se deve deduzir que a médium Eddy, apesar de corpulenta, de 82 quilos, perdera entre 26 a quase 40 quilos, ou que a também corpulenta Wood, perdera 15 * * *

43. Olcott, Henry S.: "People from the other world", Hartford, American Publishing Co. 1875.

44. Psychische Studien, 1881, VIII, pág. 52.

quilos ou mais. Nem devemos esperar tanta colaboração do efeito polipsíquico, da perda de matéria por parte dos assistentes, inclusive do meio ambiente.

Influências externas — Mesmo quando os aparelhos atribuem ao fantasma menos peso do que ao dotado, mas ainda assim um peso bastante considerável, não devemos pensar que, de fato, o fantasma possua tanta matéria, porque sempre há várias possibilidades do que os números não indiquem o seu peso real. O registro da balança podia atribuir-se a uma ação telcinética, atuando dirolamento sobre ela. Tudo indica que o fantasma, tênue, vaporoso, às vezes suspenso no ar e intangível, na realidade possui um peso reduzido.

Sede exagerada — A relação da dependência fantasma-ectoplasma deduz-se também da enorme sede que alguns ectoplastas experimentam durante as sessões de fantasmogênese. Este fato é mais uma confirmação de que a substância para plasma: o fantasma é tirada, do corpo do dotado. Pois é lógico que a perda de substância é o principal responsável por essa sede insaciável. Outros fatores secundários responsáveis pela sede, são o próprio esforço realizado para exteriorizar e o rig.º do ectoplasma, com a consoquente transpiração, as modificações estruturais ou fisiológicas experimentadas pelo organismo, etc.

Como exemplo, transcrevemos uma passagem de Aksakof:

"Não posso passar em silêncio uma observação pessoal, mas que é para mim de grande importância".

"Por mais extraordinário que isso pareça, é certo que a senhora D'Esperance nunca bebe água, nem durante nem depois das refeições. Só a bebe nas sessões de materialização (fantasmogênese) e muita, então".

"Eu sabia disso não só porque ela me avisara, mas também em virtude das minhas observações, quando ela esteve morando em minha casa. Muitas pessoas sabem que é necessário uma moringa cheia de água para essas sessões. Sabem também que precisamente quando a sessão é boa, quando as materializações (fantasmogêneses) so estão realizando, a senhora D'Esperance bebe muito e, em geral, depois da aparição de cada figura inteiramente formada; mas poucos sabem que fora destas circunstâncias ela nunca bebe água".

“Para mim... é certo... que essa sede imensa, precisamente durante o fenômeno, é motivada pela enorme perda de fluido vital que, provavelmente, se verifica em seu corpo”.⁴⁵*

Sou EU AINDA EU mesma? — Outro fator importante para compreendermos que o fantasma depende do ectoplasta é a constatação da relação ectoplasta-fantasma nas funções sensoriais, motoras, psíquicas em geral.

As faculdades no fantasma são, na realidade, as do ectoplasta. Este fato confirma o que dissemos da psicobulia e idcoplastia; concomitantemente mostra também, embora isto deverá ser tratado dmtamente em outro livro, que o agente psíquico das fantasmogêneses é o inconsciente do próprio dotado. Seria errado procurá-lo no além.

p'Espcrance, entre as magníficas auto-análises que seu peculiar tipo de transe lhe permitiam, apresentou a seguinte:

“Quando Iolanda está fora e toca alguém, ou alguém a toca, eu o sinto sempre... Quando ela modelou a mão na parafina derretida, experimentei uma sensação de queimadura... Percebi que, nesse momento, Iolanda deu com o pé num cavalete de pintura, porque senti imediatamente uma dor no pé; Iolanda, porém, nada sentiu. Mais tarde, a dor passou e só voltou no fim da sessão... Ela (Iolanda), o fantasma, tinha uma rosa na mão, e um espinho lhe entrou no dedo; no mesmo momento, senti a picada no meu dedo”.

“Quando toco Iolanda, sinto como se tocasse a mim mesma”.

“Quando ela me toca, a sensação é toda semelhante à que eu experimente) tocando-me a mim mesma. Não me sinto como se fôsse parte dela; ao contrário, como se ela fôsse uma parte do mim”.⁴⁶

“...Então, aparece outra figura, pequena e delicada, com os braços abertos. Algum (dos assistentes) se levanta na extremidade do círculo; vem, e os dois se abraçam. (A pessoa que se levantou) dá gritos inarticulados: ‘Ana! ó Ana! Minha filha! Minha cara filha!’ Então uma outra pessoa se levanta e lança aos braços em torno do espírito (isto é, do fantasma); em breve, sucedem-se soluços, exclamações, entremeados de bênçãos. Sinto meu corpo (isto é, a exteriorização, o fantasma) mover-se daqui e dali (apesar da

45. Aksakof, Alexandre, tradução portuguesa: “Um caso...”, o. c., págs. 70 s.

46. O. c., págs. 81, 84 e 88.

perfeita imobilidade que o corpo real tem na cadeira); tudo se torna negro diante dos meus olhos (cobertos os olhos do fantasma pelo abraço dos assistentes, a médium, na cadeira, dentro do gabinete, tem a sensação de escuridão). Sinto o abraço de alguém em volta do meu corpo. Um coração bate de encontro ao meu peito. Tenho a sensação do que alguma coisa acontece. Não¹ obstante (no gabinete) ninguém está junto de mim; ninguém me dá atenção. Os meus olhos (do corpo real) se fixam nessa figura branca e deliciosa (o fantasma), nos braços de duas mulheres enternecidas”.

“Deve ser o meu coração que ouço bater tão nitidamente; mas há braços que me rodeiam; jamais senti um contato tão nítido. Começo a espantar-me. Quem sou eu? Sou a branca aparição ou a que está sentada na cadeira? Serão minhas as mãos que estão em torno do pescoço da senhora idosa? Serão minhas as mãos na minha frente, no meu joelho? Serei eu o fantasma, ou como deverei chamar aquela que está sentada na cadeira? Certamente os meus lábios foram beijados; o meu rosto me dá a impressão de que está todo molhado pelas lágrimas que correm abundantemente pelas faces das duas mulheres. Mas como pode ser isso? É um sentimento terrível perder sua própria identidade. Desejo apertar uma das suas mãos que estão esloeadas sobre os meus joelhos; é inútil (a motricidade está exteriorizada, está no fantasma). Desejo tocar alguém para saber exatamente se eu sou eu ou somente um sonho; se Ana sou eu ou se, de algum modo, me perdi na sua personalidade”.

“Sinto os braços trêmulos da senhora idosa, seus beijos, suas lágrimas, as carícias da irmã e acho-me em mortal angústia. Quanto tempo durará isto? Quanto tempo aí ficaremos juntas? Que sucederá no fim? Eu serei Ana ou Ana será eu?”⁴⁷

Os impulsos e esforços motores são também os da médium.

“Quando ela agarra alguma coisa, sinto os meus músculos se contraírem como se minhas mãos tivessem agarrado esse objeto”.

“Todo movimento um pouco rápido da parte de Iolanda me faz transpirar com facilidade. Não sei onde ela se move (a psicobulia é~ agora completamente inconsciente), sinto somente que ela o faz e sei agora, por experiência, que todo esforço de sua parte me esgota muito mais do que se eu o fizesse por mim mesma”.

“Sucede muitas vezes ser o meu suor tão abundante que, depois das sessões, eu preciso mudar de roupa. No meu estado normal,

47. “The Médium”, 18^o3, pág. 146.

ao contrário, eu, por assim dizer, nunca transpiro; quando tomo um banho turco, é preciso grande calor para provocar a transpiração”.

“Segundo a formação dos fantasmas, sua disposição e seus movimentos, tenho impressões corporais como, por exemplo, um sentimento de vácuo e paralisia”.⁴⁸

O inconsciente à mostra — Comprcndc-sc claramente, no caso seguinte, a influência das faculdades inconscientes de conhecimento nas ideoplastias dos médiuns:

“Oorto dia disse Eusápia ao Sr. R.: ‘este fantasma vem por tua causa’. E imediatamente caiu em profundo letargo. Apareceu então uma mulher muito bela, tendo os braços e espádua cobertos com as bordas da cortina, mas deixando entrever suas formas. Cobria-lhe a cabeça um véu finíssimo; bafejou seu hálito quente na mão de R., levou-lhe a mão aos cabelos e lhe mordeu levemente os dedos... Voltou mais vezes”.

Foi-lhe pedido que se deixasse fotografar, mas o fantasma, aceitando com a cabeça e as mãos, se opôs e quebrou por duas vezes a chapa fotográfica”.⁴⁹

“Tratava-se, soubemos depois, de uma mulher ainda viva... outrora amante de R., residindo na mesma cidade, e que tinha grande interesse em não deixar prova da sua identidade”.

E’ provável que o fantasma fôsse incompleto recobrimdo-se com as cortinas como é aliás, o parecer de Lombroso que refere este caso. Assim ele opina a respeito de todas as aparições. E por isso citamos este exemplo entre os de fantasmogêncsc. (Mas talvez esta aparição possa ser classificada entre os casos de transfiguração, que estudaremos nos próximos capítulos. Em prol da transfiguração estaria talvez o fato de a aparição bafejar cálidamente, morder os dedos de R., quebrar as chapas fotográficas. . .).

Mas não é a questão de classificação que nos interessa aqui, mas sim a ideoplastia, a pkistificação de um conhecimento parapsicológico inconsciente. Eusápia não conhecia a mulher que plastificou: foi o seu inconsciente que captou por

48. Aksakof, Alexandre, tradução portuguesa: “Um caso...”, o. c., págs. 81, 79 e 83.

49. Lombroso, Cesare, tradução portuguesa: “Hipnotismo...”, o. c., págs. 252 s.

telepatia ou por hiperestesia indireta sobre o pensamento do senhor R. a respeito da mulher. Do mesmo modo, o inconsciente de Eusápia captou que aquela senhora não desejava deixar comprovantes da sua identidade; por isto o fantasma não se deixava fotografar e quebrou as chapas quando as fotografias foram tiradas.

A mesma influência dos conhecimentos captados parapsicológicamente pelo inconsciente do médium, pode-se também deduzir do fato de que nunca haja existido um ectoplasma que tenha plasmado perfeitamente a forma física de alguma pessoa que não lhe fôsse conhecida. Se a pessoa que se reproduz no fantasma foi conhecida pelo dotado, a reprodução pode ser muito melhor; mas claro está que um conhecimento parapsicológico não pode facilmente evitar outras interferências do inconsciente, misturas, associações de imagens, etc., nem se pode manifestar sem lacunas. A semelhança do fantasma com o modelo é tanto maior quanto mais o dotado conheça a pessoa reproduzida.

Com respeito à exteriorização das faculdades psíquicas inconscientes, pode-se estudar perfeitamente o seu processo em D’Esperance.

Em estado normal, as faculdades parapsicológicas de ordem psíquica, como a hiperestesia, a xcuoglossia⁵⁰ permanecem exclusivamente no inconsciente. Quando começa o transe, liberam-se, de forma que o consciente, a auto-análise de D’Esperance as percebe. Pouco depois, provém a excisão da personalidade, e exteriorização das faculdades psíquicas, de forma que o consciente, meio obnubilado fica como espectador e as faculdades psíquicas inconscientes animam o fantasma exteriorizado. D’Esperance, logicamente, não soube compreender bem esta excisão psíquica, mas descobre-se claramente nas suas descrições:

“Antes da sessão, eu podia sempre, quanto recorde, ver, sentir e ouvir, ou melhor, deverei dizer que quando estou no gabinete* (antes dos fenômenos) meu ouvido é muito mais apurado do que em qualquer outra ocasião, porque então, percebo o tique-taque de um pêndulo numa sala ao lado, ou no pavimento inferior... e ouço^{50 51}

50. Cfr. Suclre, René: “Traité...”, pág. 333.

51. Veja-se o nosso “A Face Oculta da Mente”, capítulos 5, 8 e 10.

o tique-taque dos relógios de bolso dos assistentes. É certo que os meus sentidos ficam mais apurados que habitualmente. Posso sentir os pensamentos ou, antes, tenho a sensação de percebê-los"⁵²

"O poder das minhas impressões é muito mais vivo na primeira fase do que quando estou no meu estado normal... Sei e sinto tudo o que se passa fora do círculo. Vi que estáveis ausente, sei quando uma pessoa transita em qualquer parte da casa e mesmo mais nitidamente do que nas circunstâncias ordinárias. Ouvi soar o relógio da torre da igreja, pude ouvir o apito dos navios no pôrto bem como o ruído dos trens que subiam e desciam, o que me seria impossível no meu estado normal".

"Entendo os assistentes e me parece também saber o que pensam: quando alguém fala com Iolanda, seja em que língua for, parece-me saber o que se quer dizer. Não o conheço pelo que eles falam, mas pelo que pensam".⁵³

Parêntese explicativo — Note-se também de passagem, que estas faculdades psíquicas inconscientes podem explicar as revelações feitas pelos ecto-colo-plasmas ou fantasmas apresentados pelos médiuns. Os teóricos do espiritismo atribuem ao além estas revelações "porque o médium não o conhecia".

Assim, por exemplo, Bozzano o teórico mais considerado pelos espíritas acerta, vacila e, por fim, erra nos seguintes trechos: "Tudo contribui para demonstrar que a substância viva, exteriorizada, obedece à vontade do subconsciente do médium".

"Daí importa inferir que, da mesma forma pela qual, graças à vontade do médium, esta substância consegue moldar-se (por exemplo) à forma do réptil para colocar-se em balanças e deixar-se posar, assim também, em outras circunstâncias, ela consegue moldar-se em semblantes humanos, conhecidos do médium, como a demonstrar que o pensamento e a vontade inconsciente são, preeisamente, forças plásticas e organizadoras". Até aqui está certo.

Bozzano, porém, fica oscilando entre o erro e a verdade quando, a seguir, escreve: "Mas isto não é tudo, porquanto outras experiências nos ensinam que, muitas vezes, os sem-

52. Aksakof, Alexandre, tradução: "Um caso...", o. c., pág. 92.

53. O. c., págs. 92 e 83 s.

blantes materializados são desconhecidos do médium, embora conhecidos dos assistentes; conclui-se portanto que a substância (que aparece) viva, é capaz de obedecer à vontade inconsciente de terceiras pessoas presentes, ou de lhes sofrer a influência através do médium".

Na realidade, esse segundo caso é idêntico ao primeiro: o próprio inconsciente do médium é responsável por tudo, pois capta, como sabemos com D'Esperance nos acaba de confirmar, o pensamento dos assistentes.

E, por fim, Bozzano erra completamente, no passo ulterior que pretende dar: "Finalmente, como ocorrem outras circunstâncias, nas quais as formas materializadas (ecto-colo-plasmas com fantasmogêncs)... são pessoas já falecidas e desconhecidas do médium e dos assistentes, devemos deduzir que a substância viva, exteriorizada, é susceptível de obedecer a entidades espirituais de desencarnados ou, o que vem a dar no mesmo, de sofrer-lhes a influência através do médium".⁵⁴

Como se observa, o argumento apresentado por Bozzano é completamente falho: "por serem... pessoas já falecidas e desconhecidas do médium e dos assistentes". Bozzano e os outros teóricos do espiritismo ignoravam que, como a Parapsicologia moderna tem demonstrado amplamente, o inconsciente não só adivinha o pensamento consciente dos assistentes, mas também o pensamento inconsciente e ainda mais: os pensamentos conscientes e inconscientes de pessoas ausentes, assim como a realidade externa. Tudo isso tanto do presente como do passado e do futuro.⁵⁵ O inconsciente humano e suas faculdades parapsicológicas são muito mais capazes do que acreditavam os teóricos do espiritismo (como antes os da bruxaria, pitonismo etc.) E aqui fechamos o parêntese explicativo.

O CONSCIENTE DESCONHECE O INCONSCIENTE -----NotC-SC que, nas últimas passagens citadas de D'Esperance, nas quais se descrevem faculdades inconscientes do conhecimento parapsicológico, como a hiperestesia indireta do pensamento e a

54. Bozzano, Ernesto, tradução portuguesa: "Pensamento...", o. c., págs. 107 s.

55. Veja-se o nosso "A Face Oculta da Mente".

xenoglossia imprópria (entender línguas), a médium emprega a fórmula de insegurança “parece-me saber”. E’ que estas faculdades são inconscientes. O consciente está obnubilado, de modo que não percebe bem e até mesmo pode não perceber o que se passa. O argumento “porque o médium não o conhecia” nada vale, pois, para atribuir os fatos ao “além”.

Nas experiências antes citadas de Ochorowicz com a Sr ta. Tomczyk, uma vez tratava-se de fazer e fotografar a ideoplastia de uma mãozinha, mas não se produziu o fantasma da idéia consciente mas sim, repetidas vezes, o da idéia inconsciente excitada: Tomczyk ficou impressionada pela contemplação do céu estrelado e particularmente da lua cheia. Em várias experiências posteriores aparecia sempre nas fotografias a imagem da lua cheia, um pouco coberta por uma nuvem, tal como impressionara a imaginação da médium.

E’ que, como já sabemos, a Parapsicologia atua preferentemente ou mais facilmente no âmbito do inconsciente.

As faculdades inconscientes aparecem como pertencentes a Iolanda, exteriorizadas na excisão psíquica, enquanto que o próprio consciente, salvo no início da liberação do inconsciente, vai-se sumindo no torpor, na obnubilação.

D’Esperance dizia:

“Sinto-me distraída e indiferente... eu me acho demasiado fraca e sem força para poder inquietar-me com qualquer coisa. Quando me interpelam, é-me preciso, em primeiro lugar, reunir meus pensamentos e minhas forças, a fim de poder responder. Sinto e penso de um modo vago, como se estivesse sonhando... não posso mexer-me, pois tenho a sensação de estar paralisada”.

Às vezes, a excisão da personalidade, ou dupla personalidade simultânea, a “oficial” e consciente por um lado, e a “nova” e inconsciente por outro, apresentam-se como estranhas e até opostas uma a outra. Teremos ocasião de estudar profundamente este fenómeno chamado prosopopéia. D’Esperance, sem poder compreendê-lo, na sua falta absoluta de conhecimentos psicológicos, constatava:

“Quando Iolanda saía da cabina, eu a forçava a voltar, pela influência da minha vontade (a vontade consciente pode, às vezes, influir na vontade inconsciente). Isto a punha de muito mau humor; ela queria que eu a deixasse voltar para lá” X>

56. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., pág. 79.

Outras variantes — Em todos esses casos que estamos citando, havia certa comiuvção entre consciente e inconsciente de D’Esperance, de forma que o consciente percebia mais ou menos o que se passava. Outras vezes, a excisão é muito mais profunda, ou completa, de forma que o consciente, personalidade “oficial”, ignora completamente o que se passa na “outra” personalidade. Isto torna impossível a auto-análise, ou análise da “outra” personalidade, por parte da personalidade “oficial” (embora a “outra” personalidade possa auto-analisar-se).

E’ por isso que os dotados freqüentemente não admitem como próprias as faculdades inconscientes. Pela excisão da personalidade, pelas personificações ou prosopopéias, o inconsciente cria e atribui á personalidade, diferente da sua, as próprias faculdades inconscientes.

As faculdades motoras, sensitivas, volitivas e intelectuais, as faculdades psíquicas em geral, têm-se como que desprendido do dotado para exteriorizar-se nos movimentos, sensações, desejos, pensamentos, adivinhações etc., do fantasma.

O fantasma 6 parte do dotado física e psiquicamente exteriorizado, inclusive com as suas maravilhosas faculdades inconscientes. O próprio dotado fica na cabina como se estivesse desprovido das suas faculdades ou parte delas.

Ao Dr. Ochorowicz, o próprio inconsciente da médium lhe disse, com a sua característica linguagem figurada, que era o inconsciente da médium e não alguma entidade do a7ém que dirigia os fenómenos. A dramatização do inconsciente neste caso não era como de um espírito desencarnado, mas como do “duplo” da própria médium. Inclusive Ochorowicz procurava as explicações teóricas, interrogando ao “duplo” da própria médium, que se apresentava como falando no corpo dela. Por exemplo:

“Ochorowicz: — ‘Pois bem, explique-me o caso do dedal’ ”.

“Duplo: — ‘Destaquei a parte fluídica e transporte-i para o meu dedo’ ” (Note-se que o “duplo” atribui a si mesmo a direção do fenómeno: o agente intelectual é, pois, o “duplo”, o inconsciente da própria médium).

— “Mas, o dedal também estava no dedo da médium?”

— “Não”.

— “E a sensação que a médium acusou?”

— “E¹ natural, porque ficamos unidos (“duplo” e médium, inconsciente e corpo da médium), e quando sinto alguma coisa também ela deve senti-la”.⁵⁷

Reabsorção do fantasma — Com o desaparecimento do fantasma, as faculdades, como o ectoplasma, são reabsorvidos ou recuperados pelo dotado:

“Quando ela se desmaterializa, fora da cabina, sinto que me torno mais forte e concluo daí que cia partiu; não posso porém, dizer que ou sei, como se isso fosse uma certeza... Jamais vi Iolanda desmaterializar-se; mas eu suspeitava disso após a sensação que tinha da volta de minhas forças. Quando eu estava em Cristiania, lembro-me do ter tido a sensação de falta de ar respirável na câmara; e por duas ou três vezes, como eu aspirasse fortemente, ouvi os assistentes exclamarem: ‘Agora ela (a aparição) se esvaiu’. Uma vez, eu o fiz nessa intenção, e ouvi a senhora Fiddler dizer: ‘Neste momento ela se esvaiu de novo...’ Numa ocasião, tentei levantar-me e fugir para fora da cabina; mas percebi que não podia mover-me. Os assistentes observaram o espírito (o fantasma)... e o viam dissipar-se pouco a pouco; ao mesmo tempo, eu sentia que me voltavam as forças e a sensibilidade”.⁵⁸

Reabsorção gradativa — Nas primeiras aparições de Katie King, anteriores às experiências de Crookes, já dissemos que algumas vezes houve talvez fantasmogênese, sem poder-mos garantir plenamente a autenticidade dos fatos, devido ao ambiente nada científico, às freqüentes fraudes, ao «entusiasmo» e até às contradições dos diversos depoimentos. A título, pois, unicamente informativo, citamos uma descrição, feita pela senhora Rosschurch (Florence Marriat), do desaparecimento gradativo de Katie King. O fenômeno, se fôr autêntico, confirma muito claramente o que já afirmamos: entre aquelas primeiras aparições, excluídas as fraudes, haveria casos de fantasmogênese.

“Perguntou-se uma noite a Katie King, por que ela não podia mostrar-se com uma luz mais forte... A questão pareceu irritá-la enormemente, mas deu-nos a seguinte resposta: declarei-vos muitas vezes que eu não podia suportar grande intensidade de luz. Não sei por que isso me é impossível; mas se duvidais das minhas pa-

57. “Annales des Sciences Psychiques”, 1912, pág. 235.

58. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., págs. 80, 86 e 93.

lavras, acendei toda a luz e vereis o que sucederá. Previno-vos, entretanto, que se fizerdes tal experiência, a sessão terminará imediatamente, e eu não poderei reaparecer diante de vós (nesse mesmo dia); escolhei, pois”.

“As pessoas presentes consultaram-se umas às outras e ficou decidido que se tentaria a experiência... Soubemos mais tarde que lhe causamos um grande sofrimento”.

“O espírito (!?) Katie pôs-se de pé, encostado à parede do salão e estendeu seus braços em cruz, esperando a dissolução. Acenderam-se os três bicos de gás...”

“O efeito produzido sobre Katie foi extraordinário. Ela resistiu somente por um instante; depois vimo-la fundir-se aos nossos olhos como uma boneca de cera diante de um fogo forte. Primeiramente seus braços se desvaneceram e não mais podiam ser distinguidos. Os olhos afundaram-se nas órbitas, o nariz desapareceu, o rosto pareceu entrar na cabeça. Depois os membros cederam e todo o seu corpo se apagou como um edifício que caía. Não restava mais sobre o tapete senão (o que corresponderia a) sua cabeça. Depois, (o que parecia) um pouco de tecido branco, que desapareceu como se o tirassem dali subitamente. Ficamos alguns instantes com os olhos fixos no lugar onde Katie cessara de ser vista. Assim terminou a sessão memorável”. v>

Como se vê (se os fatos são autênticos) a desmaterialização progressiva de Katie que antes se descrevera como incompleta e vaporosa, mostraria perfeitamente que se tratava de uma aparição à base de ectoplasma e uma aparição tênue e vaporosa: fantasmogênese.

Aprofundar mais? — Não é possível, no estado atual da ciência, determinar mais em que consiste a fantasmogênese (e a ectoplasma em geral). Não podemos dizer mais do que já dissemos: a energia orgânica do dotado se exterioriza e molda, dirigida e acompanhada pelas faculdades psíquicas inconscientes do próprio dotado.

O Dr. Gclely, como todos os bons teóricos, apresenta a mesma explicação inicial a que acabamos de aludir. «O ec-

59. Incluído pelo F. E. B., em Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., págs. 195 s. Para compreender a possibilidade de o fato originário ter sido truque, entusiasticamente interpretado pela Sra. Marriat, bastará comparar esta descrição com o descrito no capítulo 12.º sob o epígrafe “Palco preparado”.

toplasma é um prolongamento fisiológico do dotado, é o próprio dotado parcialmente exteriorizado. Esta substância que se exterioriza, considerada em si mesma, é indiferenciada: não é nem um tecido muscular, nem um tecido nervoso nem um tecido conjuntivo, nem mesmo um aglomerado celular: é a substância única capaz de se organizar e tomar (aparentemente) todas as formas de vida”.

Mas o Dr. Gelcy, pretendendo aprofundar mais, quis equiparar a fantasmogênese à metamorfose das borboletas: a lagarta se transforma em crisálida e desta nasce depois a borboleta, inseto da mesma espécie mas diferente do seu “progenitor”.⁶⁰

É justamente neste “aprofundamento” que não é possível seguir, do ponto de vista científico, a teoria de Gelcy. A ectoplasmia em geral e a fantasmogênese em particular, nada tem a ver com nenhum outro processo de biologia normal. Trata-se de um processo diferente, próprio, exclusivo do homem em transe, de um processo parapsicológico, de um outro processo fisiológico...⁶¹

GO. Gelcy, Gustavo: “De l'inconscient au conscient”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1921 (1.^a ed., 1919).

61. No Brasil, o meu amigo engenheiro Hernani Guimarães Andrade tomou publicado um livro sob o título “A teoria corpuscular do espírito”, 2.^{ta} ed., São Paulo, Autor, 1959 (1.^a ed., 1959). Este livro se complementa com outro do mesmo autor: “Novos Rumos à experimentação espírita. Uma nova metodologia para a experimentação espírita, em laboratório e com base nos princípios da teoria corpuscular do espírito”, São Paulo, Autor, 1960. O Dr. Guimarães pretende nesses livros “aprofundar” na explicação da ectoplasmia em geral. A partir da teoria quântica e atômica da matéria pretende explicar a ectoplasmia e suas classificações, de modo análogo à eletrólise. Tratar-se-ia de uma clcctrostática humana. Mas lamentavelmente a fascinante teoria, que contraditoriamente o próprio Dr. Guimarães apresenta como “hipótese de trabalho”, não passa de uma analogia, de uma comparação. Além de não explicar os fatos reais (!), baseia-se em falsos pressupostos, como, por exemplo, a existência da materialização de um organismo vivo perfeito (Cfr. nossos capítulos 14, 15 e 16); baseia-se na existência do perispírito, uma substância semimaterial ou semi-espírita, o que é apriorístico, absurdo e contraditório; e ainda se fundamenta na intervenção dos espíritos dos mortos, ação realmente inexistente. E ainda a “teoria-hipótese de trabalho” exige uma diferença do potencial entre dotado e perispírito do além (!!!), exige também uma alta concentração de cargas biotônicas (?) como força desagregadora e agregadora, além de outras exigências todas em grau incompatível com as

“Confirmação” e explicação — Fora da ciência, na lenda ou observação extracientífica, podemos encontrar uma “confirmação” de certos aspectos da fantasmogênese. Tratamos de explicar o fundo de verdade que há na lenda. Referimo-nos agora a certas teorias ocultistas, hindus, teosóficas, espíritas, etc. a respeito do “corpo astral”. Nela se encontram algumas realidades, freqüentemente mal interpretadas e até misturadas com erros crassos, disparates absolutamente anti-científicos. .. Mas alguma coisa é aproveitável.

Na realidade não há tal corpo astral, mas em muitos casos há um fenômeno de fantasmogênese. Assim como o ectoplasma, pela idcoplastia, pode reproduzir o fantasma de outra pessoa, animal ou coisa, também se pode reproduzir o fantasma do próprio dotado, do ectoplasma. Este caso particular de fantasmogênese tem sido um dos maiores responsáveis pela lenda do “corpo astral” ou “duplo etérico”, ou “perspírito”, etc.

Dizem que o “iniciado” está ligado ao “duplo” por um “cordão astral”: na realidade não é mais do que a conhecida ligação ectoplasmática entre o ectoplasma e seu fantasma. Afirmando que o “iniciado” sente os contatos que se estabelecem com o “duplo” e de fato já o observamos com qualquer projeção ectoplasmática.

Os “duplos” como qualquer outra projeção ectoplasmática realizam telecinesias, tiptologias, etc.

O fato de ser o “duplo” quem realiza as telecinesias é, na realidade, um forte argumento em prol da psicobulia, a

exigências vitais do organismo do dotado, além de inexistentes, apriorísticas e inclusive contrárias a tudo o que sabemos de biologia científica. Enfim, nem agora nem em outro livro dedicaremos mais tempo a analisar a “teoria-hipótese de trabalho” do nosso amigo Dr. Guimarães, porque lamentavelmente discordamos profundamente e não encontramos base científica para a discussão. Até o próprio título do livro inclui uma primária contradição. “Teoria corpuscular do espírito”: se é espírito não pode ser corpuscular e se é corpuscular não pode ser espírito por força dos conceitos mesmos. O Dr. Guimarães mostra, isso sim, uma grande capacidade intelectual e profundos conhecimentos nos campos específicos da Física e Química.

vontade inconsciente do dotado, tanto que aparece ele mesmo projetado para realizá-la. Nada tem isso a ver com o além.

Algo semelhante temos a dizer a respeito da idéia ou mente diretora na ideoplastia. O fato de que as aparições sejam muitas vezes o próprio dotado, mostra que a mente diretora das aparições é a própria mente inconsciente do dotado, tanto que o seu desejo de ir ele mesmo até à porta, à janela, àquela mesa, etc. se realiza mediante a projeção ectoplasmática de si mesmo: o chamado “duplo”.

A teoria espírita — Alguns espíritas querem deduzir da possibilidade do “duplo”, a possibilidade das aparições dos mortos.

Eis um exemplo de argumentação, colhida ao acaso entre centenas de outros que poderíamos apresentar. Cícero Valério argumenta assim: “Trata-se de materialização do perispírito (!) ou do duplo da médium: daí a semelhança que ela apresenta com o fantasma. .. Este fenômeno vem reforçar a tese doutrinária da materialização do espírito, uma vez que, admitida a possibilidade da materialização do perispírito (!) ou do duplo da médium, com maior razão se tem que admitir a materialização do perispírito(!) dos mortos”.

Prescindimos agora do falso pressuposto do “perispírito”. O perispírito é inadmissível. Trata-se só de ectoplasma, energia do corpo e nunca de “matéria no espírito” ou espírito “semi-material” ou matéria “semi-espiritual”, o que implicaria uma contradição de termos!

Mas prescindindo da inexistência do suposto perispírito, não se pode argumentar com o fenômeno parapsicológico do “duplo” em prol de um suposto fenômeno espírita semelhante.

Na realidade é tudo ao contrário. A possibilidade do “duplo”, dispensa completamente recorrer aos espíritos dos mortos para explicar os fatos da fantasmogênese: basta o médium; trata-se de ideoplastia; é o próprio médium que plasma o próprio fantasma ou o de um morto.

62. Valério, Cícero (pseudônimo) : “Fenômenos parapsicológicos e espíritas”, São Paulo, Piratininga, s. d., pág. 132,

Acontece o mesmo noutros casos em que aparecem pessoas vivas, ou personagens fictícias, ou monstros inexistentes ou coisas inanimadas... O que então se manifesta não é o espírito ou o “perispírito” do próprio ser ainda vivo, que evidentemente continua ausente e vivo, nem o espírito ou “perispírito” da personagem fictícia, nem o “perispírito” do monstro (!), nem o “perispírito” das coisas que não têm espírito (!). A ideoplastia nada tem a ver com os espíritos ou os “perispíritos” dos mortos. Pelo contrário, ela explica como o inconsciente do dotado pode também plasmar a imagem de um morto; não é, pois, o próprio espírito do morto que “baixa”.

Classificação do fenômeno — Por tudo quanto foi visto, é evidente que a fantasmogênese é um fenômeno dos que chamamos extraordinário-normais, em contraposição com os paranormais. Os fenômenos extraordinário-normais se devem à energia material, física, como o ectoplasma na fantasmogênese; os paranormais se explicariam pela atuação de uma energia imaterial, não física, “diferente de toda energia física conhecida ou concebível”.

Sendo a fantasmogênese um fenômeno extraordinário-normal, compreende-se perfeitamente que a densidade do fantasma seja inversamente proporcional ao afastamento do organismo que o produz. Num efeito paranormal não teria sentido a influência da distância.

Mas não estamos aqui discutindo se existe ou não um outro fenômeno análogo, chamado “projeção da ESP”, que consistiria na produção de um fantasma, mesmo a qualquer distância e mesmo através de quaisquer obstáculos físicos. Expusemos um tipo de produção de fantasmas: a fantasmogênese; não falamos aqui da “projeção da ESP” fenômeno diferente que seria paranormal, não físico. Discuti-lo-emos em outro livro. Também ao estudarmos as “casas infestadas” (diferentes das “assombradas”) deveremos analisar outras diversas possibilidades parapsicológicas de aparições ou visões de fantasmas.

Fantasmogênese é o fenômeno da produção ectoplasmática de um fantasma, ao menos aparentemente inteiro, de pessoa, animal ou coisa. O fantasma tem certa consistência material, porém, é mais ou menos tênue, transparente, com pouquíssimo peso em relação ao modelo reproduzido.

Dispensável é dizer que ocorreram fraudes e tentativas de engano, o que deu maior mérito à comprovação dos fenômenos autênticos.

A formação do fantasma é um fenômeno de ideoplastia, plastificação externa da imagem inconsciente que tem o médium, e dependente deste em tudo: movimento, peso, energia, matéria, etc.

Este fenômeno está, portanto, classificado entre os extra ordinário-normais.

12

Transfiguração-I

A CHAVE ESQUECIDA DO ENIGMA DE VÁRIOS LUSTROS

Alçapões e quartos para fraudes. — Grande físico arquiteta ótimas jiesquisas. — Uma discussão de vários lustros. — Algumas "aparições" de Katie King são inegáveis. — Ótimas experiências, mas mal interpretadas.

Conceito — A transfiguração consiste na transformação do próprio corpo do dotado. Não é uma pessoa nova que é materializada, é o próprio dotado externamente modificado e revestido de ectoplasma, de modo a representar outra pessoa, real ou fictícia. Conviém ter bem presente o conceito de transfiguração para não só aplicar a outros fenômenos semelhantes o que aqui se disser sobre ela.

Na transfiguração é o próprio corpo do dotado que aparece; em contraposição à materialização que seria uma "nova pessoa", um corpo diferente. A transfiguração e a materialização são frequentemente confundidas, dando origem a afirmações as mais desencontradas e mesmo erradas. O problema, porém, tem grande transcendência. Necessariamente deveremos tratar estes temas com vagar e conjuntamente, em alguns pontos, embora lhes dediquemos capítulos por separado.

A transfiguração se presta muitíssimo ao truque, consciente ou inconsciente e é um fenômeno que, pela sua própria essência, mesmo quando real, tem tanta aparência de fraude que a investigação a respeito é sumamente difícil. Deixamos para o apêndice II a apresentação de alguns casos indiscutivelmente fraudulentos, que podem orientar os teóricos e observadores destes temas muito explorados.

Dotados notórios — Os grandes dotados, genuínos e dignos de estudo, são muito raros, e mais raros ainda os dotados para efeitos físicos. Ora, entre os efeitos físicos, os menos encontrados são os de aparições objetivas.

Após o nascimento do movimento espírita (1848: irmãs Fox), as primeiras referências a fenômenos de aparições datam de 1871:

A médium irlandesa Sra. Andrews, empregada doméstica de 31 anos de idade começou a dar sessões de aparições na casa de seus patrões, Srs. Keeler, em Morávia (EE.UU.).

As sessões se estenderam por quatro ou cinco anos. Primeiramente houve fenômenos de tiptologia, fotogênese e telecinesia. Quando já havia decorrido bastante tempo de sessão em plena escuridão, acendia-se uma lâmpada de luz fraca. A médium escondia-se atrás das cortinas e, entre estas, começaram a surgir aparições.

Logo surgiram, na própria América do Norte, outros médiuns de aparições, sempre em sessões às escuras ou com luz sumamente fraca: Daniel Dunglas Home, Bastian, Taylor, as Sras. Mary Hardy, Maud Pord, Jennie Lord Webb. .. Uma das fundadoras do movimento espírita, Katie Fox, também se acrescentou então às produtoras do novo tipo de fenômenos.

Ao chegar a notícia desses fatos, que se realizavam na América do Norte, também na Inglaterra os médiuns começaram a querer reproduzi-los. Assim, sempre em salas escuras, foram surgindo aparições nas sessões da Sra. Guppy, de Hemc, de Charles E. Williams, etc.

Essas aparições, porém, formam um conjunto impreciso, pouco controlado, duvidoso...

As sessões de espiritismo multiplicaram logo as aparições.

Claro está, tais experiências não apresentam garantias científicas de observação: são “experiências de salão” e não experiências científicas realizadas por sábios conhecidos..

Antes e depois de Crookes — O mais famoso caso de aparições (sem distinguirmos por enquanto entre transfiguração, fantasmogênese e materialização) é, o de Katie King com a médium Florence Cook, em experiências dirigidas pelo Dr. William Crookes.

Deveremos analisar, em todos os pormenores, essas importantes experiências de que todos falam, e poucos com suficiente conhecimento. Inicialmente, porém, a modo de introdução necessária, algumas referências, com um intuito concreto: mostrar que antes e depois das experiências de Crookes, a médium Cook apresentou algumas “transfigurações” claramente fraudulentas.

Crookes conheceu a Srta. Florence Cook justamente quando ela foi escandalosamente surpreendida, em flagrante truque.

Era então Cook uma adolescente de 16 anos. Numa sessão realizada a nove de dezembro de 1873, sob a direção do Sr. Luxmore, um dos espectadores, Sr. Volckman, que já vinha suspeitando da médium por causa das observações anteriores, levantou-se e agarrou a aparição pela cintura. Estando tão perto, apesar da semi-escuridão, reconheceu a “aparição” e gritou: “É a médium!” e exigiu mais luz. Lamentavelmente, o público era composto de adeptos que, em vez de acenderem as luzes, as apagaram completamente, com o que a médium conseguiu escapar. Uma daquelas pessoas, o Sr. Henry Dunphy, escreveria meses depois ¹ que a aparição se desprendera do abraço desmaterializando os braços e as pernas. Mas tal “desmaterialização” foi com a ajuda de outros dois senhores, que obrigaram Volckman a soltar a aparição!!

Na realidade, o próprio Sr. Volckman descreve o que sucedeu de maneira bem diferente: houve uma luta com braços e pernas bem materiais, luta demorada e dura, até que a médium conseguiu escapar. Quando, por fim, se acenderam as luzes, a médium estava na sua poltrona, atada como se nada tivesse acontecido.²

1. Em fevereiro de 1873 no “London Society”.

2. Veja-se a excelente análise feita por Toeucht, Robert: “Tout l'occultisme dévoilé”, Paris, Amiot-Dumont, 1953, págs. 250 ss. Tradução espanhola: “La revelación del ocultismo. Médiuns, fakires, videntes”, Buenos Aires, La Isla, 1955.

Pensar que neste caso houve transfiguração, seria precipitado. Não se apresenta aqui prova nenhuma de ectoplasma. . . O fato de a médium ter sido encontrada, depois, atada como no início da sessão, nada vale em prol da materialização, porque várias vezes se comprovou que Cook, como outros médiuns, conheciam bem as técnicas de atar-se e desatar-se. .. Em se tratando de transfiguração, seria contraditório pretender que a médium tivesse ficado todo o tempo na cabina..

“Palco” preparado — Na casa do espírita Sr. Luxmore, a fraude era organizada. Havia inclusive alçapão no assoalho da cabina e ao menos um homem como comparsa. E* do adrnrrar o modo como depois aqueles espíritas se referem a alguns episódios evidentemente fraudulentos.

Tratava-se um dia, de tirar uma fotografia. “Quando Katie estava sentada na entrada da cabina, esperando o momento de fazer a pòse, viu-se aparecer, na abertura superior, um grande braço de homem, nu até o ombro e agitando os dedos”.

Mas “Katie” não perde a serenidade por isso. Decide ali mesmo que o braço fraudulento é de um espírito do além e está tudo resolvido:

“Katie voltou-se, repreendeu o intruso, dizendo-lhe que era um mau procedimento vir um outro espírito atrapalhar tudo, quando ela fazia pòse para seu retrato e ordenou-lhe que se retirasse”.^

O alçapão por onde iam e vinham tais “espíritos” e por onde se passavam os materiais necessários para os truques foi descoberto, uma vez, exatamente quando era utilizado.

“A luz, penetrando na cabina, para onde ela se tinha retirado, parecia dissolvê-la (!!). Viu-se que ela se diluía toda, de modo que, não tendo mais corpo, seu pescoço tocava no chão”!! Ou, segundo a descrição do próprio Luxmore: “Seu pescoço tocava o assoalho, sustentando a cabeça que emergia da roupagem branca que a vestia”.

3. Aksakof, Alexandre: “Un cas de dématérialisation partielle du corjv» d'un médium”, Paris, Libr. de l'Art Indép., 1896. Usamos a tradução por Souza, João Lourenço de: “Um caso de desmaterialização parcial do corpo dum médium”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1951), págs. 152 s.

Assim queria ela explicar o uso do alçapão! “Katie¹” é surpreendida quando está descendo pelo alçapão, só aparecendo a cabeça, a parte superior do seu corpo e vestido (tudo bem “materializado” e sólido) mas os espectadores estão bem convencidos :

“a luz... parecia dissolvê-la, viu-se que cia se diluía toda”!!

Observemos que a “desmaterialização” foi progressiva, a partir do chão! A parte superior do corpo e a roupa de “Katie” está ainda plcnamntc “materializada”, quando a parte inferior já se desmaterializou complctamntc!

E Florcnc Cook ou “Katie”, conhecedora dos seus espectadores, apressa-se em dar instruções com voz bem sonora e material apesar de estar dissolvida ou diluída:

“Suas últimas palavras foram para pedir que cantássemos”.

Assim se evita que se ouçam os barulhos da poria. E, para que ninguém caia na tentação de ir ver o que se passa:

Ordena dc nôvo que “ficássemos sentados tranqüilamente”. E “Katie”, com toda a desfaçatez, acrescenta o motivo dessas ordens: “Pois era bem triste não ter mais pernas para sustentar-se”.¹

Nós, porém, não podemos compreender a relação que possa haver entre a tristeza de “Katie” e a ordem dc que os espectadores permaneçam tranqüilamente sentados. . .

Enfim, acreditamos que não é necessário insistir.

K significativo que nas experiências dirigidas pelo Dr. Crookcs não se tenha dado nunca, nem a “materialização” do braço do colaborador, nem a singular “desmaterialização” de Katie King a partir do chão. E a razão é bem clara: as sessões se realizavam na própria casa do Dr. Crookcs, onde Cook ia sòzinha. Não eram pois, possíveis naquela casa, nem alçapões nem colaboradores.

Onde estava a médium? — Após as sessões realizadas com William Crookcs, a médium Cook dc nôvo haveria de ser apanhada em flagrante fraude. Nesta ocasião, impedindo-se a fuga da médium para a cabina, apareceu vazia sua cadeira,

4. Aksakof, Alexandre, trad. por Souza, João Lourenço de: “Um caso...”, o. c., págs. 152, 153 e 155.

apesar de ela ter sido antes “bem” atada. Este novo caso de truque esclarece e confirma o que acabamos de descrever.

Com efeito: na “British National Association of Spiritualists” estavam-se celebrando sessões com a médium Cook. Os senhores George R. Sitwol e Cari von Bueh já tinham assistido às outras duas sessões anteriores com a mesma médium e não tinham ficado muito convencidos... Na primeira dessas sessões, a médium foi cuidadosamente atada por um dos convidados, que não era da Associação... As ligaduras foram tais que a grande Cook não realizou nenhum fenômeno.

Na segunda ocasião, a médium foi também atada, mas desta vez, de acordo com as indicações do diretor da Associação dos espíritos. É assim mais explicável que, nesta sessão, Florence Cook realizasse um prodigioso fenômeno: apareceu um “espírito materializado”. Depois de explicações apropriadas ficou-se sabendo ser o espírito de uma menina chamada Maria, que falecera com a idade de 12 anos. A aparição, além do pouco visível na penumbra, estava com o rosto encoberto por um fino véu. O talhe, a voz e os gestos pareciam muito aos da médium, que deveria estar, nesse momento, por detrás das cortinas, atada na poltrona. Havia, além disso, outras circunstâncias menos precisas, formando um conjunto muito suspeito para os senhores Sitwol e von Buch, observadores imparciais,

Decidiram voltar a uma terceira sessão, acompanhados de mais dois amigos para, entre quatro, poderem pôr em prática um plano que esclarecesse tudo.

Foi no dia 9 de janeiro de 1889. Florence Cook, como de costume, é atada na poltrona, dentro da cabina, segundo as instruções dos diretores da sessão “por serem peritos em questões espíritas”. Faz-se certa escuridão. Uns minutos de espera... e aparece um “espírito materializado”.

A um sinal convencionado, os quatro amigos entram em ação. Um deles se coloca entre a aparição e a cabina para impedir a retirada do “espírito”. Outro acende a luz, enquanto um terceiro abre a cabine mostrando a todos os enfurecidos assistentes a poltrona vazia, apesar das ataduras e, sobre ela, os vestidos que a médium lá tinha deixado. Agarrada pelo “policial” n.º 4, aparece em carne e osso, a médium Florence Cook (então já senhora Corner) sem vestígios nenhum de ectoplasma transfigurador, disfarçada com roupas bem deste mundo, que não se reabsorveriam nunca... 5

5. Sitwol, S. — George R. e Von Buch, Cari, “The capture of a Spirit”, em “Times”, 10 e 12 de janeiro de 1880. Também no mesmo jornal outros detalhes foram apresentados por Burke no dia 15 do mesmo mês e ano. Cfr. também a revista “La controverse et le contem-

Enfim, ao estudar o caso Katie King não insistiremos nas aparições que se deram durante as experiências realizadas pelos espíritos reunidos na casa do Sr. Luxmore ou na própria casa da médium Florence Cook, a não ser nos casos que tenham confirmação pelas experiências de Crookes, ou em alguns casos bem escolhidos e de maior confiança.

As circunstâncias das sessões e de várias das pessoas assistentes, tiram muitas vezes todo valor científico ao conjunto dessas experiências anteriores e posteriores às dirigidas pelo Dr. Crookes, tornando-se, com frequência impossível poder determinar-se com garantia que não tenha havido fraude em certos casos concretos.

Algumas descrições, especialmente de senhoras são, em muitos pontos, fantásticas, totalmente destituídas de provas objetivas e nunca confirmadas por nenhum cientista... Aliás, todos os autores sérios negam valor científico a muitas ou ao conjunto das experiências anteriores e posteriores às dirigidas por W. Crookes ou às do próprio Crookes, quando descritas por outras pessoas. K’ preciso nelas uma seleção muito cuidadosa das testemunhas.¹ Os mesmos autores espíritos, inclusive os menos sérios, consideram de escasso valor essas experiências ou descrições, em geral, pelo fato mesmo de insistirem com marcadíssima preferência nas experiências e relações do mesmo Crookes. Inclusive foram apresentadas ao mundo de fora das sociedades espíritas, sob pseudônimo.^{5*7}

porain”, 1885, junho, pág.s. 2(51 ss. Heuzé, Paul: “On en est la môtapsychique”, Paris, Cauthier-Villars, 1926, pág. 111, apresenta um bom resumo.

6. O caso, por exemplo da descrição feita pela Sra. Ross-Church, acrescentada pelo editor à tradução dos livros de Crookes, William: “Experimental Investigations on psychio force”, London, Gillman, 1871, “Researches on the phenomena of Spiritualism”, London, Burns, 1874. Tradução num só tomo por Alidel, I.: “Nouvelles expériences sur la force psychique. Recherches sur les phénomènes du spiritualisme”, Paris, Lcymarie e Libr. des Sciences Psychiques, 1897. A descrição feita pela Sra. Ross-Church, foi incluída nas pág. 197 ss.

7. Um adepto (sic): “Katie King, histoire de ses apparitions”, Paris, Leymarie, 1899. O adepto provavelmente foi o mesmo B. de Laversay que anteriormente foi publicando os mesmos capítulos em “Revue Spirite”, 1897.

Nas experiências e descrições de Crookes faltam absolutamente as lendas, crendices e exageros que se encontram freqüentemente nas outras relações.

Já com referência às próprias experiências de Crookes, de vital importância, devemos fazer uns esclarecimentos prévios.

Cook e Katie — A Srta. Florence Eliza Cook, começou suas experiências aos 15 anos, já em fins de 1871, quando surgiu, nas sessões de espiritismo, o novo fenômeno das aparições. Mas somente um ano mais tarde, a aparição que dizia chamar-se Katie King saiu da cabina mediúnica, permitindo a meia claridade de uma vela e uma lâmpada semicoberta. E somente a 7 de maio de 1873, quando Cook já tinha 17 anos, Katie King permitiu que se tirasse a primeira fotografia, à luz do magnésio. Porém, dizendo não suportar essa luz intensa, que contrastava tanto com a meia escuridão em que se celebravam as sessões, aparecia, para as fotografias, entre as cortinas, e desaparecia imediatamente.

Katie King seria o nome que, no mundo dos espíritos, teria recebido uma jovem inglesa, Annie Morgan, morta aos 23 anos, sob o reinado de Carlos II.

Neste começo as sessões se realizavam na própria residência da médium, a casa de seu pai, Sr. Henry Cook, e tiveram o grande valor de constituírem quase três anos de treinamento.

Além disso, Florence Cook recebera lições de “mediunidade” fraudulenta de dois médiuns ingleses, Herne e Williams.^K Veremos no apêndice II algumas das fraudes da médium Williams...

Foi somente depois que a senhorita Cook se submeteu às investigações do Dr. William Crookes.

Tinha já 18 anos, além de muita experiência no ofício de médium. Não é pois exato quando Crookes fala da “ingênua colegial de 15 anos”, embora admitamos valor nas suas outras considerações: “Jamais vi coisa alguma que pudesse sugerir qualquer intenção de querer enganar. Verdadeira-

8. Tocquet, Robert: “Tout l’occultisme...”, o. c., pág. 24.7.

mente, não creio que ela pudesse levar uma fraude a bom termo, se o pretendesse; se o tentasse, seria imediatamente descoberta, porque tal maneira de agir era completamente estranha à sua natureza. E, quanto a imaginar que uma inocente colegial de 15 anos tenha sido capaz de conceber e realizar, durante três anos, com pleno êxito, uma tão gigantesca impostura como essa e que, por todo esse tempo se tenha submetido a quantas condições que dela se exigiram; que tenha suportado as pesquisas mais minuciosas, que tenha querido ser revistada a todo e qualquer momento, antes ou depois das sessões; que tenha obtido maior sucesso na minha própria casa do que na casa de seus pais, sabendo que vinha expressamente para submeter-se a rigorosas observações científicas; quanto a imaginar, dizia eu, que a Katie King destes três últimos anos seja o resultado de uma impostura, isto faz ainda mais violência à razão e ao bom-senso. ..”⁹

Expressões tendenciosas — Do passagem, queremos também esclarecer* certas expressões inexatas muito freqüentemente usadas: por alguns escritores. Querendo defender a materialização, costumam empregar frases ambíguas para que os leitores cheguem a pensar que o grande sábio inglês Crookes investigou o caso Katie King durante muito tempo.

Assim, Bozzano diz: “Durante três anos consecutivos, em sessões sucessivas e inúmeras, realizadas em grande parte na própria casa do Sr. Crookes”.¹⁰

Méris escrevia: “E’ mesmo uma das mais estranhas histórias deste século a daquela mulher que numerosas testemunhas viram ouviram e tocaram durante três anos, no quarto e na sala de um homem que hoje ocupa o primeiro lugar entre os sábios da Europa”.¹¹

9. Crookes, William, tradução por Alidel, I.: “Nouvelles...”, o. c., pág. 196.

10. Bozzano, Ernesto: “Per la difesa dello spiritismo. A proposito della Introduction à la Métapsychique humaine di René Sudre”, Napoli, Ed. Mondo Occulto, 1927. Utilizamos a tradução por Franco, Araújo: “A propósito da Introdução à metapsíquica humana. Refutação do livro de René Sudre”, 2.^a ed., Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1960), pág. 136.

11. Méris, Mgr., em “Revue du Monde Invisible”, 15 de fevereiro de 1900. pág. 513.

William Crookes somente experimentou com Florence Cook durante cinco meses, e com intervalo de dias, às vezes até de semanas. Só na última semana experimentava quase todos os dias.

Crookes — Contra a hipótese de uma impostura total (não excluimos alguma fraude eventual) deve-se também levar em consideração a grande categoria do investigador. O Dr. William Crookes, além de cientista dos mais conceituados da época moderna, tinha já notável experiência neste tipo de investigações, por ter antes estudado, durante o período 1869-1873, os fenômenos produzidos por Kathy Fox e Daniel Dunglas Home.

O Dr. William Crookes estudou assiduamente o caso Florence Cook durante os cinco primeiros meses de 1874. A 3 de fevereiro, escrevia em carta a um jornal:

“Neste momento, a senhorita Cook se consagra exclusivamente a uma série de sessões privadas, às quais não assistem mais do que um ou dois dos meus amigos, e eu. Estas sessões se prolongarão, provavelmente, durante alguns meses (foram até 21 de maio), o tenho a promessa de que me será fornecida toda prova de que eu necessitar. Estas sessões se vêm realizando desde algumas semanas”.^{12*}

Armada a polêmica — As polêmicas originadas pelas experiências de Crookes foram e continuam a ser acirradas. As posições são as mais extremas possíveis.

Assim, como representante dos defensores, citaremos Richet, que escreve: “As experiências, certamente as mais célebres, certamente as mais decisivas, são as de sir William Crookes das quais parece impossível duvidar”.^{12 13}

Em contrapartida, os impugnadores rejeitam essas experiências. Escolhemos como representante destes últimos, Robert Tocquet, grande conhecedor da fenomenologia parapsicológica e ponderado nos seus juízos: “Foi então que interveio William Crookes. Já dissemos o que pensamos das experiências do sábio com Florence Cook. Acreditamos que

12. Crookes, William, tradução: “Nouvelles...o. c.”, pág. 184.

13. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923.

se possam explicar em duas palavras: mistificação sempre, empadrio algumas vezes... Em resumo, nossa opinião a respeito de Florence Cook é esta: a médium de Katie King era uma cínica e hábil farsante”.¹⁴

Os defensores levam em conta, principalmente, as minuciosas provas e contra-provas, assim como as precauções tomadas por Crookes nas suas experiências, e não atendem tanto à interpretação das mesmas, o que pode ser uma notável falha.

O erro dos impugnadores pode consistir, pelo contrário, em não atenderem tanto às precauções e minuciosa experimentação, atendendo só à interpretação que dessas experiências fez o sábio inglês. Crookes, convicto de que a fraude, em geral, estava plenamente afastada, interpretava suas observações como sendo materialização no sentido estrito do termo: Cook materializaria o coipo de Katie King plenamente, em carne e osso, vivo, perfeito; produzia outro corpo: “Tenho a certeza mais absoluta de que a Sita. Cook e Katie são duas individualidades diferentes, pelo menos no que diz respeito a seus corpos”.¹³

Os impugnadores, analisando as inúmeras falhas dessa interpretação, são levados, erradamente, a pensar que em todos os casos houve fraude.

Estudando a fundo e com serenidade, os argumentos tanto dos defensores quanto dos impugnadores, e tendo sempre presentes os próprios escritos de Crookes, assim como outros muitos pormenores, muitas outras referências, diretas ou indiretas, acreditamos que a solução está no meio-termo: não houve fraude e não ser esporadicamente; também não houve, nunca, materialização; houve alguma fantasmogênese esporádica (cfr. cap. anterior) mas geralmente houve transfiguração. Tentaremos provar isto.

Acreditamos que essa solução intermediária, esta terceira posição de explicação, em geral por transfiguração, na qual não pensaram nem os defensores nem os impugnadores, re-

14. Tocquet, Robert: “Les pouvoirs secrets de l’homme. Le bilan du paranormal”, Paris, Les Productions de Paris, 1963, pág. 433. Existe tradução portuguesa.

15. Crookes, William, tradução: “Nouvelles... o. c.”, págs. 194 s.



solve tôdas as dificuldades e aproveita todos os dados de valor apresentados na polêmica, como iremos vendo. A teoria da transfiguração é uma teoria nova, inédita. Aqui a expomos ao juízo dos especialistas.

Tocquet escreveu, referindo-se à obra de Crookes: "Suas experiências com os célebres médiuns, Srta. Kathy Fox e Daniel Dunglas Home, são universalmente conhecidas e algumas dentre elas continuam sendo fundamentais... Em contraposição cremos que William Crookes foi menos feliz em suas investigações com a Srta. Florence Cook... Não obstante, eliminado o episódio Katie King, pode-se dizer, com Charles Richct, que os trabalhos mctapsíquicos de Crookes são de granito".¹⁶*

Com a interpretação dos fatos no sentido, em geral, da transfiguração, não haverá motivo para eliminar da magnífica obra de Crookes o episódio Katie King; defensores e adversários, Richct e Tocquet, estarão de acordo que a obra de Crookes é "de granito". Com esta interpretação nova, ficará resolvida uma questão de vários lustros e compaginados os argumentos de um e outro lado.

Exame ao vivo — Em primeiro lugar, a aparição Katie King era demasiado real, para não ser mesmo uma pessoa real, viva, deste mundo. Veja-se por exemplo, esta descrição:

"Passo agora á sessão tida ontem do noite, em Ilackney. Já mais Katie apareceu com uma tão grande perfeição; durante mais de duas horas passeou pela sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes pegou no meu braço, caminhando, e a impressão sentida por mim era mesmo de que eu tinha ao meu lado uma mulher viva, e não um visitante do outro mundo. Esta impressão, digo, foi tão forte que a tentação de repetir uma recente e curiosa experiência se fez quase irresistível".

"Pensando, pois, que se eu não tinha um espírito ao meu lado, havia lá certamente uma mulher, pedi permissão para pegá-la em meus braços a fim de verificar as interessantes observações que um experimentador ousado havia recentemente dado a conhecer de maneira um tanto prolixa. Esta permissão me foi outorgada graciosamente e por conseguinte, utilizei-me dela convenientemente, como todo homem bem educado teria feito nestas circunstâncias. O se-

16. Tocquet, Robert: "Les pouvoirs... o. c., págs. 484 s.

nhor Volckman ficará satisfeito de saber que posso corroborar sua afirmação de que o fantasma que, aliás, não ofereceu resistência alguma, era um ser tão material como a própria Srta. Cook".¹⁷

Concordamos plenamente com estas últimas palavras de Crookes: o fantasma era a própria Srta. Cook, que estava transfigurada.

A cena com o Sr. Volckman a que alude o Dr. Crookes succdu-sc em dezembro de 1873, e nós a temos descrito como fraudulenta no início deste capítulo. Mesmo quem não a considere tal, deverá ver no caso mais uma confirmação da tese da transfiguração, pois no "fantasma" que tocou, o senhor Volckman reconheceu a própria Srta. Cook.

Distinções necessárias — Numa transfiguração, evidentemente, deve haver alguma diferença entre o dotado e a aparição, do contrário não poderíamos falar em transfiguração. Não obstante, como tudo indica, a transfiguração não pode ser total, a aparição conserva bastantes traços, sob os quais se identifica o próprio dotado.

No caso Florence Cook-Katie King, todos os observadores estão de acordo sobre a grande semelhança entre ambas. E ainda, devemos ter em conta, para formarmos juízo mais acertado, que todos os testemunhos que citamos são de pessoas convencidas de que não podia haver fraude, pessoas que estavam interessadíssimas em destacar as diferenças entre Katie e a médium, pois achavam que só demonstrando serem a aparição e a médium pessoas totalmente diferentes, distintas, separadas, fugiam á impugnação de impostura que continuamente se lhes apresentava. Tendo isto presente, facilmente se compreenderá que nas diferenças apresentadas, há bastante exagero e inclusive, às vezes, algo de ilusão.

Semelhanças consideráveis — Já antes das experiências de Crookes, nas experiências que, sob a direção do Sr. Luxmore se celebravam na própria casa dos pais de Florence Cook, os espectadores notaram a semelhança entre a médium e a aparição. Diz, por exemplo, o príncipe Emílio de Sayn Wittgenstein, ofkrál do Imperador da Rússia, referindo-se a uma sessão celebrada a 16 de dezembro de 1873:

17. Crookes, William, tradução: "Nouvelles... o. c., pág." 187 s.

“Nessa aparição, que contemplei e analisei friamente, tudo era vivo; o tecido mesmo do seu véu era real ao tato. A uma certa distância tomá-la-iam por Florence Cook... Mas, em realidade, a aparição era alta, esbelta, cheia de distinção, ao passo que Florence Cook, apesar de muito bela, era menor. Suas mãos eram minúsculas (as mãos da aparição “eram um pouco grandes, tinham dedos longos”): nisso não pode haver confusão: são duas pessoas distintas”.’»

Não convence a diferença — O Sr. Georges H. Tapp, membro da Sociedade Espírita de Dalston, se esforça por salientar as diferenças entre Cook e Katie King para defender que se tratava de pessoas diferentes. Mas as diferenças concretas são tão pouco significativas e inclusive, às vezes, sujeitas a erro, que todo o esforço do Sr. Tapp contribui para confirmar que Katie King era mesmo a médium, mais ou menos transfigurada. E ainda devemos levar em conta que o testemunho Tapp nos é conhecido por relação de terceiro, do entrevistador, interessado justamente em destacar as diferenças :

“Os pontos de dissemelhança entre Katie e a médium eram quase sempre notáveis, não só pelos traços, mas também pelo tamanho e pela forma. A semelhança entre as duas era, às vezes, apenas perceptível. Quando viu a forma completa de Katie pela primeira vez, ela tinha a dimensão de 5 ou 6 pés, descalça sobre o assoalho. Era forte, de espáduas largas, contrastando bastante com a médium, que era muito mais delgada e pequena”. Nota também que o braço de Katie era redondo, bem formado e muito mais longo que o de Florence Cook. As mãos eram muito maiores. As unhas bem feitas, muito diferentes das da médium, que tinha o hábito de roê-las”.

O mesmo senhor Tapp nos apresenta dados que, bem analisados, explicam as diferenças justamente por um processo de transfiguração. Por exemplo:

“Enquanto sustentava o braço de Katie, com u’a mão, o senhor Tapp passou ligeiramente a outra pelo mesmo braço, começando por cima. A pele, disse ele, era excessivamente lisa, como cêra ou mármore; entretanto, o braço estava quente, sua temperatura era a mesma que em qualquer pessoa de boa saúde”.

18. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso de...”, o. c., pág. 136.

Perfeitamente: o braço era real, vivo, o mesmo da médium, na nossa interpretação; mas o braço da aparição era mais longo do que o braço da médium: nesse caso era preciso um acréscimo de ectoplasma para alongá-lo e, com efeito, o senhor Tapp notou a presença do ectoplasma transfigurador não bem condensado ainda:

“Não havia osso no pulso. Apertei-o ligeiramente de novo, depois, disse a Katie que os ossos faltavam”.

A transfiguração é simplesmente ecto-colo-plasmia ou inclusive fantasmogênese sobre o corpo real da médium. Daí que, sendo a aparição, no conjunto, completamente viva, sólida, etc. em alguns pontos pode ser vaporosa, tênue, correspondendo a diversos graus de densidade ectoplasmática.

Semelhança ou a mesma pessoa? — Testemunha o Sr. J. Enmore Jones, referindo-se à sessão do sábado, 16 de maio de 1874, uma das últimas sessões da série dirigida por Crookes:

“Ontem à noite... estávamos 24 pessoas (número alto, excepcional nas experiências de Ocrookes) reunidas num pequeno cômodo, contíguo à sala menor, que servia de gabinete à médium Florence Cook.. Durante toda a sessão, Katie somente se mostrou na abertura (das cortinas)... Quanto a Katie, notei muito, ontem à noite, a grande semelhança que existia entre ela e a médium; sua tez era semelhante, seus modos eram os mesmos e o timbre da voz parecia igual quando, por detrás da cortina, cantava conosco. As pessoas que não viram Katie sob rigorosas condições de exame, poderiam crer que ela fosse a própria Srta. Cook”. D

E as numerosas fotografias que se tiraram corroboram a transfiguração:

Aksakof viu toda a coleção de fotografias, mesmo as inéditas, que lhe mostrara o próprio Crookes: “Por ocasião de minha segunda

19. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso de...”, o. c., pág. 186 s.

20. Aksakof, Alexandre Nikolaevich: “Animismus und Spiritismus”; “Versuch einer kritischen Prüfung der mediumnistischen phänomene”, 4.^a ed., 2 tomos, Leipzig, Mutze, 1901 (1.^a ed., 1890). Utilizamos a tradução por C. S. (sic) : “Animismo e spiritismo, Ensaio de um exame crítico”, Rio de Janeiro, F. E. B., 1956, págs. 254 e 568.

entrevista com o Sr. Crookes, em 1875, êle me mostrou a série de fotografias que tinha obtido... Sabe-se que Katie King assemelhava-se de maneira notável à sua médium Florence Cook; os retratos que o Sr. Crookes obteve de Katie atestam o fato até a evidência".²²

O mesmo Crookes, por sua parte, se esforça por provar que Katie e Cook são pessoas diferentes, querendo provar a materialização, fenômeno que não existe. O modo de provar que eram pessoas diferentes seria mostrar incontestavelmente que ambas estavam, num mesmo e determinado momento, em lugares diferentes e apalpar a ambas para garantir que nenhuma delas era mera fantasmogênese. Crookes nunca conseguiu esta prova, apesar de procurá-la insistentemente. Pelo contrário, ao querer provar que se tratava de duas pessoas distintas, baseando-se nas diferenças entre as duas, o que Crookes prova, de fato, sem querer, é a transfiguração, fenômeno de cuja existência o sábio inglês não suspeitou.

"Uma noite contei as pulsações de Katie: seu pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois atingia 90, seu número habitual. Apoando meu ouvido sobre o peito de Katie, pude ouvir um coração bater no interior e suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook quando, depois da sessão, me permitiu a mesma verificação. Examinados da mesma maneira, os pulmões de Katie se mostraram mais sãos que os da sua médium, porque no momento em que eu fiz minha experiência, a senhorita Cook estava sob tratamento médico por forte resfriado".²³

Ninguém há que não saiba, porém, que essas diferenças se podem explicar perfeitamente, pela própria ação do transe, sem que impliquem tratar-se de diferentes pessoas. Nem sequer é preciso recorrer a uma ação parapsicológica sobre o organismo... E o que de interessante apresentam essas experiências, é mostrar que Katie era verdadeiramente um ser real, vivo, plenamente deste mundo...: a própria Florence Cook, como estamos a defender.

"Antes de terminar este artigo, desejo fazer conhecer algumas das diferenças que tenho observado entre a Srta. Cook e Katie. A

estatura de Katie é variável: em minha casa, tenho-a visto seis polegadas maior do que a senhorita Cook. Ontem à noite, tendo os pés nus e não se apoiando sobre as pontas dos dedos, ela tinha quatro polegadas e meia mais do que a Srta. Cook. Ontem à noite, Katie tinha o pescoço descoberto: a pele era completamente macia ao tato e à vista, enquanto que a Srta. Cook tem no pescoço uma cicatriz que, em semelhantes circunstâncias se vê claramente e é áspera ao tato. As orelhas de Katie não estão furadas, enquanto que a Srta. Cook usa brincos ordinariamente. A cor de Katie é muito branca, enquanto que a Srta. Cook é bem morena. Os dedos de Katie são muito mais longos que os da Srta. Cook, o seu rosto é também maior. Nas formas e maneiras de falar há também marcantes diferenças".²⁴

Como se vê, as diferenças são perfeitamente explicáveis pelos acréscimos ectoplasmáticos e modificações para a transfiguração e, no fundo de todas essas diferenças, destacam-se as semelhanças notáveis que os observadores perceberam.

Outros pareceres — Vimos como Aksakoff, analisando as fotografias tiradas por Crookes reconhece uma evidente semelhança entre Katie King e a Srta. Cook. Por sua parte Crookes se esforça por realçar as dissemelhanças encontradas numa fotografia tirada na última sessão por êle dirigida, na noite de despedida de Katie King:

"Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que eu estou de pé, ao lado de Katie; ela tem seu pé descalço sobre um ponto do assoalho. Preparei, em seguida, a Srta. Cook como Katie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas, colocadas exatamente como na outra experiência e iluminados pela mesma luz. Quando os dois clichês foram colocados um sobre o outro, as duas fotografias de mim tiradas coincidem perfeitamente na altura etc. Katie, porém, é meia cabeça mais alta do que a Srta. Cook que, ao seu lado, parece uma moça gorda. Em muitas provas, o comprimento do seu rosto e o volume do seu corpo diferem essencialmente da sua médium, e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dissemelhança".²⁵

1.ª conclusão — Já temos umas conseqüências: Katie era bem real. As dissemelhanças garantem que ela não era sim-

21. Crookes, William, tradução: "Nouvelles... o. c., pág. 194.

22. Crookes, William, tradução: "Nouvelles...", o. c., págs. 189 s.

23. O. c., pág. 193.

plesmente Cook, sem transfiguração alguma. Por outro lado, tratando-se de dissemelhanças observadas num rosto descoberto bem de perto, evidentemente, não podem atribuir ao fato de Cook estar usando alguma máscara ou disfarce feito com gazes ou proveniente de outros truques.

Se Katie não foi representada por uma comparsa; se Cook e sua comparsa nunca foram vistas e tocadas ao mesmo tempo; se depois se demonstrarem estas duas condições, evidentemente, devemos deduzir, de todo este conjunto, que Katie era a própria Florcncc Cook transfigurada. Mas devemos ir por partes.

Confirmação — Um argumento muito sugestivo em prol da explicação do caso Katie King por transfiguração é o fato de que algumas vezes a própria aparição Katie teria sofrido nova transfiguração.

Assim por exemplo, segundo afirmam os observadores anteriores a Crookes, “numa outra sessão, realizada no dia 20 de janeiro de 1873 em Hackney, sua figura se transformou e de branca que era, tornou-se negra, em alguns segundos; isto se operou diversas vezes, consecutivamente e, para mostrar que suas mãos não eram movidas mecanicamente, ela costurou uma cortina que estava rota”.^{24,25}

O Dr. Gully que acompanhou muitas das sessões com Florcncc Cook, no Círculo Espírita, presidido pelo senhor* Luxmore afirmava, referindo-se *a Katie King:

“Ela mudava seus cabelos, seus vestidos, a cor da pele conforme nosso desejo”.²⁵

Suspeitas e receios de Cook — O dotado geralmente não se lembra do que faz durante o transe. Há exceções, como no caso da Sra. D’Esperance que já estudamos. A mesma Florence Cook, no início da sua carreira, conservava também

24. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., págs. 124.

25. Carta do Dr. Gully ao Sr. Sargent Spes e publicada pela F.E.B., após o livro de Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., pág. 148.

26. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, pág. 191,

uma vaga noção do que acontecia, embora não tenhamos os dados para dizer se, mais adiante, continuaria a ter essa possibilidade de auto-análise.

Assim, numa confidência que fazia à Sra. Ross-Church (Florence Marryat), Florence Cook informou-lhe... “que ficava nervosa durante os transe e passeava adormecida, na sala. Pediu-me, portanto, que a repreendesse se tal coisa acontecesse e lhe ordenasse a voltar ao seu lugar, como se ela fosse apenas uma criança”.²⁶

Como se vê, esta declaração da própria Florcncc Cook é muito elucidativa: Florcncc Cook não sabia, ao menos no início da sua carreira, que se transfigurava quando, durante o transe, como sonâmbula, saía da cabine, mas conservava a lembrança de que era ela própria quem passeava pela sala, representando a aparição.

Assim se compreende o interesse que Cook tinha sempre em saber quais as pessoas que assistiriam às sessões e como seriam colocadas na sala.

“Perguntava freqüentemente a respeito das pessoas presentes às sessões e a disposição em que se colocariam, porque nos últimos tempos, tinha ficado nervosa em consequência de certas sugestões imprudentes que aconselhavam o emprego de força na procura de investigação mais científica”.²⁷

Sem dúvida, Cook compreendia, não sabemos se consciente ou inconscientemente que, se fosse empregada força para segurar Katie King, apareceria ela própria, Florcncc Cook, nas mãos dos investigadores. Pressentia que tal fato seria interpretado como fraude, precipitadamente. Isto explica a sua preocupação.

E confirma-se que o fenômeno, na realidade, era transfiguração: se o fenômeno fosse fantasmogênese ou materialização, seria absurdo e até contraditório esse medo de que se agarrasse a aparição, porque tal fato provaria, incontestavelmente, que não havia fraude: ver-se-ia a sutileza ou a plena solidez da aparição diferente da médium...

27. Crookes, William, tradução: “Nouvelles... o. c., págs. 192’s.

Claro está que não podemos admitir, por ser contraditória, a desculpa de que tocar o fantasma ou a materialização, se eles existissem, seria doloroso para a médium: Katie King, ou melhor, Florence Cook transfigurada, tocava continuamente os assistentes e até deixou que a levantassem nos braços... Com a mesma delicadeza, poder-se-ia segurar o fantasma ou a materialização, até comprovar-se que eram diferentes da médium. ..

A simultaneidade impossível — Importantíssimo argumento em prol da transfiguração é que, por mais que Crookes se tenha esforçado nunca conseguiu uma prova convincente da presença simultânea de Katie King e Florence Cook: quando podia ver Katie King, não podia ver a médium. Pelo contrário, logo que conseguia ver a médium, a aparição tinha desaparecido! Ou, noutras palavras, era quase instantânea a des transfiguração de Katie King em Florence Cook. Declara o mesmo Crookes:

"Há muito pouco tempo que Katie me permite lazer o que desejo: toca-la, entrar no gabinete e sair d'ele como mo apraz. Tenho-a seguido freqüentemente quando ela entra no gabinete... As mais das vèzes só encontrava a médium, em letargo e deitada no assoalho: Katie e sua veste branca tinham desaparecido instantâneamente".²⁸

Escreve Aksakof, com referência a urna sessão em que interveio, antes das investigações de Crookes, nas experiências dirigidas por Luxmorc:

"Durante tôda esta sessão, ela conversou com os membros do círculo; sua voz era fraca; não se percebia mais do que um ligeiro cochicho".

"Ela repetia de instante a instante:"

— "Façam-me perguntas sensatas".

"Então, eu lhe perguntei:"

— "Não podes mostrar-me a tua médium?"

"Ela me respondeu:"

28. Crookes, William, tradução: "Nouvelles", o. o., pág. 191.

— "Sim, vem depressa e olha".

"Imediatamente abri a cortina, da qual eu não distava mais de cinco passos: a forma branca (Katie) tinha desaparecido; e, diante de mim, num ângulo sombrio, divisei a médium, sempre sentada na cadeira; ela trajava um vestido de sêda preta e, por conseguinte, eu não a podia ver muito distintamente na sombra. Quando voltei ao meu lugar, Katie reapareceu perto da cortina e me perguntou:

— "Viste-me bem?"

— "Não muito bem, respondi, estava bastante escuro atrás da cortina".

— "Então leva a lâmpada e olha o mais depressa que pudes, respondeu Katie".

"Em menos de um segundo, de lâmpada em punho, passei para trás da cortina. Todo vestígio de Katie tinha desaparecido. Achei-me em presença da médium sentada na cadeira e imersa em sono profundo".²⁹

Consideramos do muita importância êste fato de que não se possa ver simultâneamente a médium e a aparição: tal impossibilidade decorre, evidentemente, de que Katie King é a mesma Florence Cook transfigurada.

Qual seria a prova crucial — De fato, Crookes compreendia que ver simultâneamente a médium e a aparição teria enorme importância teórica em prol da materialização, no seu sentido estrito (Cook formaria outra entidade diferente, sólida e viva).

Após entrevista com Crookes, antes que este investigasse Cook, escrevia Aksakof: "Era em 1873. O Sr. Crookes já tinha publicado seus artigos sobre a fôrça psíquica, mas não acreditava ainda nas materializações, acrescentando que só acreditaria nelas quando tivesse visto, ao mesmo tempo, a médium e a forma materializada. .. No decurso de uma conversa que tive com Crookes ... ele pediu minha opinião acêrca destas manifestações. Respondi-lhe que me julgava coagido a considerá-las autênticas. Êle replicou: 'Nenhuma ligadura (posta na médium) me fará acreditar neste fenômeno. Con-

29. Aksakof, Alexandre, tradução: "Animismo...", o. c., pág. 250.

forme posso julgar, a ligadura não oferece obstáculos à fôrça em atividade;³⁰ só me darei por convencido quando vir, ao mesmo tempo, a médium e a figura materializada”.³¹

E, com efeito, quando mais tarde o próprio Crookes viu muitas vezes Katie King, convencido de que não se tratava de nenhum disfarce fraudulento e não pensando na possibilidade da transfiguração, esforçou-se denodadamente por conseguir o que ele chamava “prova crucial”: ver médium e aparição simultaneamente.

Analisemos com algum vagar essas provas cruciais. Veremos que nunca foram obtidas, o que, portanto, constitui verdadeira prova crucial, mas em prol da transfiguração.

Antes de Crookes — As poucas vezes que, com referência às experiências anteriores a Crookes, se afirma que Katie King e Florence Cook foram vistas simultaneamente, estas declarações apresentam circunstâncias tais que não merecem nenhum crédito a respeito de se eram ou não dois seres diferentes.

Assim, o Sr. Sexton com referência à sessão do dia 25 do novembro de 1873, realizada na casa do Sr. Luxmore, afirma: “Quando se chegava ao fim da sessão, o espírito (!?)... pediu que eu

30. Estamos plenamente de acordo com Crookes em que não é lícito fiar-se, nem portanto basear a argumentação nas ataduras postas aos médiuns, querendo-se fazer uma investigação verdadeiramente científica. Há muitos e muitos modos de se desatar de quaisquer ataduras e de novo aparecer, numa fração de segundo, atado como se nada tivesse acontecido (Cfr. Apêndice I). E além disso deve ter-se em conta, como a experiência de muitos anos de investigação já têm demonstrado aos investigadores, que os médiuns têm muitos recursos psicológicos para se fazerem atar como lhes conyém, da maneira especial “exigida pelos espíritos-guias”. Não está certo quem como Aksakof (“Um caso...”, o. c., pág. 27) baseia toda a fôrça de sua argumentação em prol da materialização no fato de que Florence Cook estava atada... E atada segundo as normas do “entusiasta” Sr. Luxmore, presidente da Sociedade Espírita! Não atribuímos todo o conjunto das aparições de Katie King à fraude, como fazem alguns autores, mas também não se deve pretender que em nenhum aspecto, houvesse nada de fraudulento, especialmente nas experiências anteriores a Crookes...

31. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., págs. 249 e 253.

verificasse se a médium continuava presa à cadeira. O Sr. Luxmore ergueu a cortina e disse: ‘Ela está estendida no canto’. Depois baixou a cortina”.

“Como eu estivesse no fundo da sala não pude ver bem o interior do gabinete. Katie perguntou em seguida: ‘O Dr. Sexton viu bem?’ Respondi: ‘Não, nada vi’. Então disse ela: ‘Venha ver. Desejo que o senhor mesmo olhe”.

“Atravessei logo a sala e levantei a cortina que fechava o gabinete. Vi, então, Florence Cook sentada, ou antes, estendida em transe sobre a cadeira em que estava atada. Os nós e os selos estavam intatos. A sessão continuou ainda durante uma boa hora”.³²

Veremos em primeiro lugar que a aparição pede para que o Sr. Sexton olhe: pretendiam convencer a Sexton da materialização; entretanto, quem olha e afirma que a médium está no gabinete é precisamente o organizador das sessões, o espírita Sr. Luxmore...

O Sr. Sexton nesse primeiro momento nada viu. E como o Sr. Sexton não se deixou influenciar pela afirmação de Luxmore, é convidado então a olhar de novo. Mas não se lhe permite entrar no gabinete... O Sr. Sexton olha sem entrar no gabinete; olha da cortina da entrada, de longe, na escuridão, sem poder aproximar-se e tocar.

O depoimento por outra parte é tão impreciso que nem sequer diz se distinguiu o rosto na escuridão ou se foi simplesmente um vulto qualquer encoberto representando o papel da médium.

E para mais desacreditar essa descrição, temos ainda uma manifesta contradição afirmando, na primeira linha do depoimento que se “chegava ao fim da sessão” para, na última linha acrescentar: “a sessão continuou ainda durante uma hora”.

A Sra. Ross-Church afirma enfaticamente: “Na noite de 9 de maio de 1874, Katie King conduziu-me a pedido meu para trás da cortina, onde pude distinguir fracamente os objetos que me rodeavam. Aproximei-me da Sr. ta. Cook, cuja mão apertei, enquanto Katie King me segurava pela outra, apoiando-se em meu ombro. Fiquei

32. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso.. o. c., págs. 130”.

certa de que nessa noite duas inteligências diferentes estavam perto de mim e posso jurar solenemente que a personalidade de Katie King não era a da Srta. Cook”.

“Aos 13 de maio pude mais uma vez ver simultaneamente as duas formas; Katie permitiu que tôdas as pessoas presentes se aproximassem da cortina. Aumentou-se a luz e cada qual pôde ver a médium, com roupa azul, deitada no chão, e o espírito (!?) vestido de branco ao seu lado”.³³

Como se terá observado, a Sra. Ross-Church afirma e jura solenemente que King e Cook são pessoas diferentes, mas não tem argumento sólido para tal afirmação: só segurou u’a mão de não sabemos quem, porque não lhe viu o rosto (o que parecia médium geralmente tinha o “rosto” coberto com um xale) e Katie King estava segurando a outra mão, impedindo qualquer intento de maior observação. A escuridão ali, só permitia “distinguir vagamente os objetos que me rodeavam”.

E com respeito à sessão de 13 de maio, a única base para afirmar-se que King era diferente de Cook é o fato de King estar vestida de branco, enquanto se via algo parecido com “a médium, de roupa azul, deitada no chão”. Se tivessem levantado o xale, evidentemente o teriam dito.

São depoimentos, como se vê, que nada provam. E são os melhores, fora das experiências do Dr. Crookes

A interpretação de Crookes — Crookes resume assim tôdas as experiências anteriores às suas:

“Vejo afirmações muito fortes, muito exagero não intencional, muitas conjecturas e suposições; enfim, um pouco de insinuações de fraudes, um pouco de vanglória vulgar, mas não vejo ninguém se apresentar com a afirmação positiva, baseada sobre a evidência dos seus próprios sentidos que, quando a forma a que se dá o nome de Katie King está no quarto, o corpo da Srta. Cook esteja ao mesmo tempo no gabinete, ou que não esteja. Parece-me que toda a questão se encerra entre estes dois termos: que se prove como um ^{34 35}

33. Aksnoff, Alexandre, tradução: “Um caso. . . o. c., págs. 198 s.

fato esta ou aquela das alternativas... Mas a prova deve ser absoluta...”³¹ E Crookes passou a procurar a “prova absoluta”.

Crookes, repetimos, não conhecia e portanto nunca teve presente a possibilidade de transfiguração.

A “prova do soluço” — A primeira foi a “prova do soluço”: “Na falta das testemunhas que acompanhavam estes fenômenos desde a sua origem, há já uns três anos, seja-me permitido a mim que fui realmente admitido na undécima hora, expor um fato constatado numa sessão à qual fui convidado pela Srta. Cook...” A sessão foi anterior às experiências dirigidas pelo próprio Crookes. Este era então só espectador.

“Eu estava colocado a poucos pés, quase tocando as cortinas, detrás das quais a Srta. Cook estava sentada; quase tocando-a, eu podia freqüentemente ouvir seu choro e seus soluços, como de quem sofria. Esse mal-estar continuava, a intervalos, durante quase todo o decorrer da sessão, e uma vez, quando a forma de Katie estava diante de mim, na sala, ouvi distintamente o som de um soluço lamentoso, idêntico aos que a Srta. Cook fizera ouvir... durante o tempo da sessão, e que provinham de trás das cortinas, onde ela deveria estar sentada”.³²

Ninguém, sensatamente, terá este “argumento do soluço” como prova insofismável de que Katie King e Florence Cook eram pessoas diferentes. A sessão, em primeiro lugar, se realizava na casa de Luxmore, onde já vimos que houve truques. Qualquer comparsa poderia ter dado todos esses soluços.

E’ por demais significativo o fato de que, antes da aparição, se fizeram ouvir por detrás da cortina muitos soluços, sendo que outras vezes, não havia choramingos. Psicologicamente, pretendia-se chamar a atenção sobre esses soluços, para que depois se identificasse o soluço da prova, quando aparecesse Katie King, como sendo de pessoa diferente da médium.

34. Crookes, William, tradução: “Nouvelles. . . o. c., pág. 182.

35. O. c., pág. 183.

Se fôsse a própria Cook quem emitiu todos êsses soluços, bastaria, quando transfigurada em Katie King (fenômeno que Crookes não pensou), um mínimo de ventriloquismo para fazer ouvir um soluço como proveniente de trás das cortinas. Ninguém afirmaria sèriamente a possibilidade de uma materialização e a impossibilidade de ventriloquismo por parte de uma transfiguração. O ventriloquismo espontâneo, aliás, é observado nos dotados parapsicológicos inúmeras vezes.

Poderíamos até apelar, dentro do plano parapsicológico, para uma pequena fantasmogênese ou inversão do processo: estaria Cook transfigurada em Katie King e, detrás das cortinas, haveria o mínimo de fantasmogênese necessário para provocar um único soluço.

Ou ainda poderíamos invocar a voz direta, que os espíritos tanto invocam, etc. Nada, porém, mais infundado como querer ver neste falo do soluço uma prova absoluta de que Katie King e Florence Cook eram pessoas reais, vivas, diferentes, de que houve materialização.

Se Crookes tivesse conhecimento da transfiguração (ou da fantasmogênese, em último caso), sem dúvida não teria caído no absurdo de considerar o "episódio do soluço" como prova de materialização.

Se Crookes tivesse sabido que existe a transfiguração, sem dúvida teria compreendido o verdadeiro valor da, frase que ele mesmo acrescenta, ao narrar a prova do soluço:

"Confesso que a figura era surpreendente na sua aparência de vida e de realidade e, tanto quanto eu podia ver, á luz um pouco fraca, os traços assemelhavam-se aos da Srta. Cook".³⁶

Aliás, o próprio Crookes compreendeu a fraqueza da prova: "Meus leitores... espero, haverão de crer que eu não lhes pedirei que concordem comigo, após uma prova insuficiente. Pensar que o pequeno incidente que acabo de mencionar terá para eles o mesmo peso que teve para mim é talvez esperar demais. Mas eu lhes peço... que suspendam seu julgamento até que eu apresente uma prova certa".^{36 37}

36. Crookes, William, tradução: "Nouvelles.. o. c.", pág. 183.

37. O. C., págs. 183 s.

As "provas certas" — E quando a seguir, Crookes começou suas próprias experiências, esteve sempre com grande afinco à procura da prova absoluta. Mas, de novo, as provas que apresentou são, na realidade, bem mais claramente contra a materialização e em prol da transfiguração ou em última análise, da fantasmogênese, interpretações que Crookes não conhecia.

"Frequentemente levantei um lado das cortinas, quando Katie estava em pé, muito perto. E, então, não era raro que as 7 ou 8 pessoas presentes no laboratório pudessem ver, ao mesmo tempo, a Srta. Cook e Katie sob a plena claridade da luz elétrica. Nós não podíamos, então, perceber o rosto da médium, por causa do xale (que a cobria), mas percebíamos suas mãos e pés; nós a víamos mexer-se penosamente sob a influência desta luz intensa e por momentos ouvíamos seus gemidos. Tenho uma prova de Katie e sua médium fotografadas juntamente, mas Katie está colocada diante da cabeça da Srta. Cook".³⁸

Será isto uma prova decisiva de que Katie era uma entidade materializada, real, diferente de Cook? Não se viu o rosto da médium... Nem sequer se tocou para ver o que havia debaixo do chale ou detrás de Katie...

J. Maxwell insinua: "Sabemos o papel que os manequins, as máscaras, os cúmplices desempenham nas sessões de materializações". Tendo em conta o grande interesse que a médium (ou Katie King) e Crookes tinham de possuírem provas definitivas, a insinuação de truque não parece tão ilógica. Em todo caso, uma prova como esta tão obscura é mais um forte argumento contra...

Poder-se-ia admitir uma inversão do processo: a Srta. Cook, transfigurada, representava Katie King, e o que aparecia em baixo do chale, ou por detrás de Katie King na fotografia, era fantasmogênese. Assim se explicaria que Katie King pudesse ser tocada e suportasse a luz, enquanto o simples fantasma que representava a médium não podia suportar a luz, não mostrava o rosto, não podia ser tocado.. .: era tênue demais...

38. O. o., pág. 192.

39. Maxwell, Joseph: "Metapsychical Phenomena", London, Duckworth, 1905. Usamos a tradução francesa: "Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, méthodes", Paris, Alcan, 1914 (1.^a ed., 1905) pág. 259.

Aliás, com a sua linguagem imprecisa, resultado, como sempre nestes casos, da dramatização que o inconsciente faz dos acontecimentos mais ou menos deslumbrantes, a mesma Katie King (Florence Cook transfigurada) tinha já dado a entender a inversão do processo:

Era numa das sessões presididas pelo senhor Luxmorc, a 28 de novembro de 1873: “Katie pediu a um cavalheiro que estendesse a mão de modo que pudesse apertá-la o que ela fez. Depois, pediu que a interrogassem. Foi mais ou menos essa a conversação que se seguiu...”

— “Aonde ides quando desapareceis?”

— “Entro na médium, restituindo-lhe toda a vitalidade que lhe havia tomado. Quando lhe tiro uma grande força, ela fica quase sem nenhuma”.⁴⁰

Corno se vê, numa linguagem dramatizada, indica-se suficientemente que não passa de um fantasma o que parece ser a médium; enquanto a verdadeira médium, isto é, a maior parte do seu psiquismo e energia está representando Katie King.

PjESA-SK A “MATERIALIZAÇÃO” E O IUCSmO SC prova quando, em alguma daquelas primeiras experiências, se colocou um dinamômetro na poltrona que a médium deveria ocupar:

“Marcava uma diferença de peso muito sensível na médium, quando o espírito (!?) formado passeava pela sala e quando ele estava desmaterializado”.^{40 41}

Diferença tão sensível que, na realidade, na poltrona não havia nada, ou quase nada, um simples fantasma de peso completamente incompatível com as exigências vitais. Todos os órgãos vitais todo o organismo da médium estava, na realidade, transfigurado, representando Katie King; esta sim, achava-se verdadeiramente viva, com palpitações cardíacas, respiração, peso completo...

A “prova absoluta” É relativa — Escreve Crookes: “Tenho a felicidade de poder dizer que encontrei finalmente a prova absoluta...”

40. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, c., págs. 132 s.

41. Ibidem, pág. 161.

“Desde algum tempo venho experimentando com uma lâmpada fosforescente, feita com uma garrafa de 6 a 8 onças, contendo um pouco de óleo fosforado e hermeticamente fechada. Eu tinha razões para esperar que, à luz desta lâmpada, se pudessem tornar visíveis alguns dos misteriosos fenômenos da cabina e Katie também esperava obter o mesmo resultado”.

“A 12 de março, durante uma sessão em minha casa, Katie, depois de ter caminhado entre nós e nos ter falado durante algum tempo, retirou-se para trás das cortinas que separavam meu laboratório... da biblioteca a qual, temporariamente, servia de cabina. Um momento depois, ela reapareceu nas cortinas e chamou-me dizendo: ‘Entrei e levantai a cabeça de minha médium: ela caiu por terra’. Katie estava então de pé, diante de mim, vestida com seu vestido branco habitual, e coberta com seu turbante”.

“Imediatamente eu me dirigi à biblioteca, para levantar a Srta. Cook; Katie deu alguns passos para o lado, para deixar-me passar. Com efeito, a senhorita Cook tinha deslizado, em parte, para fora do sofá, e sua cabeça pendia numa posição muito penosa. Recoliquei-a sobre o sofá e, ao fazer isso, tive, apesar da escuridão, a viva satisfação do constatar que a Srta. Cook não vestia as mesmas roupas da Katie, mas lovava seu vestido habitual de veludo preto e estava num profundo letargo. Não havia passado mais de três segundos entre o momento em que vi Katie vestida de branco diante de mim e o momento em que levantei a Srta. Cook sobre o sofá, tirando-a da posição em que se encontrava”.⁴²

Ora, Crookes diz que tocou o que poderia ser a médium Cook, mas não a viu, não deu para reconhecer nenhum dos seus traços, somente pelo tato notou a posição em que estava e a roupa de veludo que vestia. Tudo se faz, como se afirma expressamente, na escuridão.

Além disso, diz que quando observava o que poderia ser a médium não viu nem sentiu, ao mesmo tempo, Katie King. Ora, era justamente isso que se procurava.

Entretanto o que se diz claramente é que passaram alguns segundos entre ver Katie e tocar o que poderia ser Cook. Onde está a prova absoluta?

Poderia ser até fraude, pois naquela escuridão qualquer máscara ou manequim poderia desempenhar, após os preparativos no interior da cabina, o papel de Katie King, sendo a própria Cook que falasse através dela. Crookes não verifi-

42. Crookes, William, tradução: “Noiwell...”, c., pág. 186.

cou o que era Katic King; limitou-se, na sua prova absoluta (!), a ver o que se dizia ser Katie King, a entrar e apalpar o que supunha ser Cook e a sair em seguida...

Mesmo excluindo aqui a fraude, basta a transfiguração para explicar os fatos. Crookes viu Katie King que seria Cook transfigurada; depois tocou Cook quando já tinha desaparecido Katie. Crookes procurava, com todo afinho, ver ou tocar as duas ao mesmo tempo e expressamente se afirma que não o fez... Onde, pois, a prova absoluta?

Mais uma tentativa — Mas os “espíritos do além” querem apresentar a Crookes a prova absoluta.

“Retornando ao meu pôsto de observação, Katic apareceu de novo e disse que pensava poder mostrar-se ao mesmo tempo que sua médium. A luz do gás apagada (mau cornôço), ela pediu minha lâmpada fosforescente. Depois de mostrar-se a essa luz, durante alguns segundos, devolveu-me a lâmpada, dizendo-me: ‘Agora entrai e vinde ver a minha médium’. Eu a segui de perto para dentro de minha biblioteca e, h luz de minha lâmpada, vi a Srta. Cook exatamente como a tinha deixado. Olhei a meu redor para ver Katie, mas ela *tinha desaparecido*. Chamei-a, mas não recebi resposta. Retomei meu lugar e Katie reapareceu em seguida e me disse que todo o tempo estivera de pé, diante da Srta. Cook^{M/3}

Esta prova absoluta (!) refuta-se por si mesma. Trata-se de ver, ao mesmo tempo, a aparição e a médium. A aparição prometo deixar-se ver ao mesmo tempo que a médium, mas não o consegue fazer. Crookes insiste e chama; nada sucede! Tomaremos isto como prova definitiva de que, de fato, estavam lá as duas ao mesmo tempo, como prova absoluta de materialização, só porque Katie King o afirma depois, talvez querendo suggestionar Crookes?

A “melhor” das provas... — Houve outro episódio, apresentado pelos defensores da materialização, como “a melhor das provas absolutas”. E, não obstante, êste episódio (o mais invocado) até prova o contrário se analisado serenamente. Descreve-o assim Crookes:

43. Crookes, William, tradução: “Nouvelles...”, c., págs. 186 s.

“Passo agora à sessão tida ontem de noite, em Hackney. Jamais Katie aparecera com perfeição tão grande... Katie, desta vez disse que seria capaz de aparecer ao mesmo tempo que a Srta. Cook. Eu apaguei o gás e, em seguida, com uma lâmpada fosforescente, penetrei no quarto que servia de cabina. Mas previamente, rogara a um dos meus amigos, hábil estenógrafo, que anotasse tôda a observação que eu fizesse dentro da cabina, pois conhecia a importância das primeiras impressões e não queria confiar na minha memória mais do que o necessário. Estas notas estão, neste momento, diante de mim”.

“Entrei no quarto com precaução. A escuridão era completa e isso fez com que, só às apalpadelas, eu encontrasse a Srta. Cook. Encontrei-a agachada no assoalho”.

“Ajoelhei-me, deixei entrar ar na minha lâmpada e, à sua luz, vi essa jovem vestida de veludo preto, como estava no início da sessão e com tôda a aparência de completa insensibilidade. Ela não se mexeu quando eu peguei sua mão e lhe cheguei a lâmpada bem perto do rosto; continuava a respirar impassivelmente”.

“Levantando a lâmpada, olhei a meu redor e vi Katie que estava muito perto da senhorita Cook e detrás dela. Estava vestida com um tecido branco e flutuante, como nós já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cook na minha, e estando ainda ajoelhado, eu elevava e abaixava a lâmpada, tanto para iluminar a figura inteira de Katie como para convencer-me plenamente de que eu via bem a verdadeira Katie, a mesma que eu tinha segurado nos meus braços minutos antes e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas movimentou a cabeça em sinal de reconhecimento. Por três vezes diferentes examinei cuidadosamente a senhorita Cook agachada diante de mim, para assegurar-me de que a mão que segurava era bem a de uma mulher viva, e em três momentos diferentes voltei a minha lâmpada para Katie, para observar com firme atenção até que não houvesse mais a menor dúvida de que ela estava mesmo diante de mim. No fim, a Srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Katie fez sinal para que eu me afastasse. Eu me retirei para a outra parte do quarto e deixei de ver Katie mas não abandonei o quarto até que a Srta. Cook acordou e até que dois dos assistentes penetraram com a luz”.¹

.. E’ insuficiente — Analisemos serenamente esta “prova absoluta”, a melhor de tôdas, que nós, porém, quali-

44. Crookes, William, tradução: “Nouvelles...”, págs. 187-189. -189.

ficamos de absolutamente insuficiente e, mais ainda, de argumento abertamente contra a materialização.

Começaremos por assinalar uma contradição¹ manifesta nos fatos, o que faz pensar de início que houve aqui fraude (inconsciente, é possível).

Primeiro se afirma e os fatos confirmam, que naquela noite havia uma grande força, uma notabilíssima facilidade para a realização dos fenômenos. Florence Cook transfigurada, como estamos defendendo, apresenta-se com uma perfeição absoluta:

“Jamais Katic apareceu com uma perfeição tão grande. Durante quase duas horas passeou pelo quarto, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes ela pesou no meu braço enquanto caminhava...” Foi nesta ocasião, quando Crookes, levantou Katic nos seus braços, como já descrevemos, comprovando que era uma jovem absolutamente sólida, viva, real, “um ser tão material como a própria Srta. Cook”.⁴⁵

Pois bem, imediatamente depois, quando se trata de apresentar a prova crucial, toda a força desaparece como por encanto. Aquêles alardes anteriores de força, de perfeição, passeando e conversando em plena luz, deixando-se tocar, agarrar, suspender nos braços... tudo cessa repentinamente.

Para a prova absoluta “eu apaguei o gás e, em seguida, penetrei no quarto que servia de cabina, com a lâmpada fosforescente” ainda apagada, de forma que a escuridão era absoluta: “Entrei no quarto com precaução, estava tudo negro, e isto fez com que só às apalpadelas encontrasse a Srta. Cook”.

Admitir-se-á que é de todo incompreensível uma tão marcada diferença. Para se ver e tocar a transfiguração, tudo é facilidade, tudo é luz. Para ver ao mesmo tempo a transfiguração e a médium tudo é dificuldade, tudo é treva. Sem dúvida, porque não é mesmo possível.

Mas houve um simulacro de apresentação simultânea da aparição e da médium. Quando, pouco depois, Crookes deixou penetrar ar na garrafa com óleo fosforescente e esta irradiou uma luz escassíssima, de curtíssimo alcance, que foi

45. Crookes, William, tradução: “Nouvelles.. págs. 187 s. .”,

que observou? Com a maior boa vontade possível suponhamos que não houve fraude nem sequer nesta única ocasião das experiências de Crookes. Que é que se poderia observar visando a uma prova absoluta da materialização, isto é, de que a médium e a aparição estavam em estado real e sólido simultaneamente?

Crookes tinha em uma das mãos a lâmpada fosforescente; com a outra afirma ter segurado, durante todo o tempo, a mão do que parecia ser a médium. Ora, nestas condições o próprio Crookes ficou impossibilitado de comprovar se o que aparecia como Katic King era mesmo um ser real, vivo, material, sólido como antes, ou simplesmente um fantasma, um fenômeno de fantasmogênese. Crookes não tocou nem sequer roçou levemente o que afirma ser Katic King; esta, inclusive, permaneceu no mais absoluto silêncio. .. contrastando plenamente com a atitude anterior. Esta é a prova absoluta da materialização? O que parecia Katic King não poderia ser um simples fantasma?

E note-se de passagem que Crookes, desconhecedor da transfiguração, ignorava também a existência real de outro fenômeno: a fantasmogênese parapsicológica: “...para me convencer de que via, realmente a verdadeira Katic King, e não o fantasma de um cérebro doentio”.⁴⁶

Teria recorrido à fraude? — Crookes, finalmente, apenas tocou na mão daquilo que parecia ser a médium... Como acabamos de dizer, aceitando ser a aparição de Katic King, fora do gabinete, um fenômeno autêntico, uma real transfiguração da médium Cook, contudo com referência à “prova absoluta” dentro do gabinete acreditamos que a fraude é a solução mais provável.

Katie King (Florence Cook) e Crookes, desde o início das experiências, havia já cinco meses, estavam à procura da prova definitiva. Katic King, i. é, Florence Cook em transe e transfigurada, muito provavelmente recorreu irresponsavelmente, no seu estado de inconsciência, à fraude.

E⁴ muito sintomático que a única vez em que se pôde ver, conjuntamente, o que se apresenta como sendo Katie

46. Crookes, William, tradução: “Nouvelles.. o. c., págs. 187”.

King é o que se apresenta como sendo Florencia Cook foi justamente em Hackney. Crookes o diz como de passagem: “Passo agora à sessão tida ontem de noite, em Hackney”. Não se trata de sessão realizada na casa e laboratório do próprio Crookes. Hackney era a própria casa de Florencia Cook!

E o quarto que servia de cabine era o próprio dormitório da senhorita Cook!^{47 48 49}

Isto 6 da maior importância. Após 5 meses de intentos frustrados da prova absoluta, a única vez que se viu médium e aparição conjuntamente foi precisamente na casa da médium ! Ora, isto é suspeito demais. Nos últimos 5 meses, continuamente Cook visitava a família de Crookes; chegava a viver semanas inteiras na casa de Crookes, sempre fazia as experiências na casa de Crookes.⁴ E agora, justamente agora, para a única vez em que se deixará ver simultaneamente com “Katie King”, Florence Cook leva Crookes para a casa dela!!!

A palavra, “aparição”, neste episódio, deve ser posta entre aspas... Até agora, sempre que se via a médium, Katie King desaparecia.. Agora, viu-se uma “Katie King”, entre aspas. Quem foi essa “Katie King”?

Por que achamos muito mais provável que essa “Katie King” não era nem sequer um fenômeno de fantasmogênesc? Porque, se fôsse fantasmogênesc, provavelmente o mesmo expediente se teria apresentado regularmente ou quase regularmente em bastantes ocasiões, dentre tantas em que se procurava a “prova absoluta” com o mais absoluto fracasso. Um fracasso tão absoluto, que obrigou a que se escrevessem as seguintes linhas:

Katie "perguntou então se ela poderia ensaiar uma experiência e tomando de minhas mãos a lâmpada fosforescente, passou-a para trás das cortinas, pedindo-me que não olhasse dentro da cabina por enquanto. Depois de alguns minutos, devolveu-me a lâmpada dizendo que não conseguira êxito, que ela tinha esgotado todo o fluido da médium, mas que ela ensaiaria de novo em outra ocasião".^{4?}

47. Tocquet, Robert: "Tout l'occultisme.. o. e., pág. 250.

48. Crookes, William, tradução: “Nouvelles..”, o. c., pág. 191.

49. Crookes, William, tradução: “Nouvelles...”, o. c., pág. 187.

Tôdas as circunstâncias indicam que, na experiência que estamos a analisar, houve fraude não fora, mas dentro da cabina, na “prova absoluta”. Após o desaparecimento de Katie King, isto é, depois que Katie King se destransfigurou de nôvo em Florence Cook, uma comparsa qualquer, escondida ou entrando cm plena escuridão, naquele quarto da casa da médium, representou o papel de Katie King a pedido, possivelmente irresponsável, da própria Florence Cook,

Psicologicamente, depois de a verdadeira Katie King (a transfiguração) se exibir mais abertamente do que nunca, pede-se para entrar na cabana, para examinar a médium; com isto se esperava (e em grande parte se conseguiu) impedir que fosse observada a falsa Katie King de dentro da cabana.

E' sintomático como se concedem tôdas as facilidades fora da cabina; mas dentro da cabina se consegue apenas, após meses de observação do seu modo de proceder, que Crookes segure, durante todo o tempo, uma das mãos da médium, enquanto que a outra, mão segura a lâmpada: com isto se impede qualquer tentativa, de tocar a falsa Katie King. Esta, por sua vez se coloca atrás da médium, para evitar que se descubram quaisquer diferenças anatômicas.

Sintomaticamente também, a médium, desta vez nem sequer estava deitada no sofá, como era costume, mas agachada ou deitada no chão, para obrigar Crookes a agachar-se, enquanto a falsa Katie King permanece de pé, atrás da médium. Desta forma, pode-se observar bem a médium, e até mesmo aproximar-se a lâmpada do seu rosto, como se consigna expressamente. A falsa Katie King, porém, nem se pode tocar, nem sequer se lhe pode observar o rosto, que fica bem distante do observador agachado:

"Ainda ajoelhado, levantei e abaixei a lâmpada, para iluminar a figura inteira de Katie".

O mais que Crookes consegue é ver que tem diante de si uma figura silenciosa: “Ela não falou”; vestida com roupas como as de Katie King: “Trazia uma roupa branca e flutuante, como já a tínhamos visto durante a sessão”. E a falsa Katie King “movimenta a cabeça em sinal de reconhecimento”, movimentos que, na realidade, dificultam a observação

do rosto à distância e naquela escuridão, inclinando-se para trás quando a lâmpada se aproximava, uma lâmpada que quase nada alumia.

E' significativo que quando a falsa Katie King se deve esconder do nôvo, com um gesto pede a Crookes que se afaste: a falsa Katie King nunca fala, em contraste com, a transfiguração de fora da cabina. . . Na escuridão ("Cessei então de ver Katie")⁵⁰ é muito fácil à cúmplice esconder-se ou ir-se embora...

A despedida de Katie — Invoca-sc, também, como "prova" (embora indireta e deduzida) um episódio semelhante à "prova do soluço". Trata-se da última sessão, a de despedida de Katie King.

Katie., antes de entrar na cabina., falou com todos os assistentes, um por um. De nôvo o ardil psicológico de exhibir-se bem para que todos pensassem que a voz que irão ouvir depois, falando com a médium, continuará a ser a voz da própria Katie King, tal como, pouco antes, todos acabavam de ver e ouvir. Na realidade, agora, ninguém vê nada. Crookes, embora entrasse na cabina, nada viu, porque a escuridão lá dentro era absoluta; teve de ficar afastado, no outro extremo da cabina, com o que se evitava o perigo de que usasse as mãos, como nos outros casos em que se fingiu estarem simultaneamente a médium e a aparição. Os outros assistentes nada viram, porque foram obrigados a ficar fora da cabina:

"Katie deu a todos os assistentes a instrução de ficarem sentados e se submeterem a essa condição. Sômente eu não fui incluído ..." ⁵⁰

"...Após ter fechado as cortinas (da cabina), conversou comigo durante algum tempo, depois ela atravessou o quarto (afastando-se de Crookes, que deveria ficar imóvel na escuridão absoluta) para ir à Srta. Cook".

E vem agora o diálogo: Katie fala, Cook responde, é justamente êsse o episódio que se apresenta como prova de que estavam simultaneamente na cabina Katie e Cook, embora ninguém as pudesse ver, mas ouviam conversar as duas:

50. Crookes, William, tradução: "Nouvelles. . . o. c.", pág. 191.

51. O. c., págs. 195 e 199.

— "Acorda, Florence, acorda! E' necessário que te deixe agora!"

"A senhorita Cook acordou e, tôda em prantos, suplicou a Katie que ficasse algum tempo ainda".

— " 'Não posso, minha querida. Está cumprida a minha missão, respondeu Katie. E continuou a falar á Srta. Cook".

"Conversaram durante alguns minutos, até que no fim, as lágrimas da Srta. Cook a impediram de falar... E nós ouvimos o som do beijo de despedida".⁵¹

Prova de que estavam lá, ao mesmo tempo, as duas? Não: prova de que, depois da destransfiguração de King em Cook, a Srta. Cook por ventriloquismo ou de outra maneira (falaremos em outro livro destas trocas de voz) continua a usar a voz que sempre emprestava a Katie King. Assim se dava a impressão de que estavam falando as duas, quando na realidade só estava lá a Srta. Cook.

Com efeito, pretender que lá estivessem as duas, seria incorrer em manifesta contradição. Porque conforme Katie King mesma afirmara, conforme a Srta. Cook, conforme tudo o que até então se tinha feito e declarado, sempre deveria suceder que, estando Katie King "materializada", sua médium devia, estar inerte; a própria Katie King dizia ver-se obrigada a desaparecer quando a médium começava a fazer o mínimo movimento, ou mais ainda, quando o transe não era absolutamente profundo. Afirmou-se por exemplo:

"A forma de Katie apareceu ao lado das cortinas, mas retirou-se em seguida, dizendo que sua médium, não pôde cair em um sono suficientemente profundo". ⁵²

Como, pois, poderia agora a própria Katie King despertar sua médium, e como poderia esta depois de acordada, conversar, chorar, beijar?..

Crookes acrescenta, em continuação:

"Seguindo as instruções de Katie (pois ele nada via de longe) apressei-me em segurar a Srta. Cook, que ia cair sobre o assoalho e que soluçava convulsivamente. Olhei ao meu redor, mas Katie e suas vestes brancas tinham desaparecido".⁵³

Ê claro. Ê impossível verem-se ao mesmo tempo Katie e Cook, pois não são mais do que uma mesma e única pessoa.

52. Crookes, William, tradução: "Nouvelles...", o. c., pág. 183.

53. O. c., pág. 195.

“Provas” de menos importância — Enfim, outras vezes, a pretensão de querer fazer acreditar aos assistentes que Cook e Katie são entidades diferentes, chega até à ingenuidade. Como no seguinte caso:

“No dia 12 de março, durante uma sessão, na minha casa, depois que Katie caminhara entre nós, e após termos falado durante algum tempo, ela se retirou, por detrás das cortinas que separavam meu laboratório, onde a assistência estava sentada... Um momento após ela reaparece e me diz: ‘Entra no quarto e levanta a cabeça da minha médium: ela caiu no chão’”.

Evidentemente, querem fazer-nos acreditar que, enquanto Katie falava, estava lá na cabina a Sita. Cook; não se nota, porém, a contradição de que esta mesma Katie King que acabava de se exibir, completamente material, já não estava agora suficientemente “materializada” para poder levantar a cabeça de sua médium...!

Trata-se de levar os ouvintes a pensarem que estão lá ao mesmo tempo, a médium e a aparição, mas é claro que Crookes só viu a médium. Não viu Katie King; ela desaparecera. ^M

Análise do próprio Crookes — Compreendemos os esforços de Crookes, convencido como estava de que os fenômenos que presenciou não eram fraude no seu conjunto. E* bem evidente que não o foram. São, pois, experiências excelentes de transfiguração... Para excluir a fraude, Crookes se esforça por demonstrar que Katie King não era a própria Cook: há algumas dissemelhanças; parece impossível trocar disfarces tão rapidamente. Muitas vezes êle viu bem de perto e tocou a aparição, convencendo-se de que nenhum disfarce havia sobre o pescoço ou o peito ou os braços nus... As experiências se faziam na sua própria casa, onde nenhum cúmplice podia haver, nenhuma tramóia...

Crookes não pode admitir a fraude em todo o conjunto; esforça-se, pois, por defender a materialização que êle pensava ser a única explicação, uma vez excluída a fraude.

Não conhecia a transfiguração: com ela se explicam as experiências, resolvem-se suas dificuldades, exclui-se a fraude no conjunto e, o que é mais, compreende-se porque Crookes

54. Crookes, William, tradução: “Nouvelles...”, o. c., pág. 186.

não conseguia a prova absoluta da materialização: simplesmente porque não se tratava de materialização.

E as provas absolutas que se procuravam, tal como honestamente as descreve Crookes, se convertem em provas absolutas contra a materialização e a favor da transfiguração. Sendo Katie a própria Florence Cook transfigurada, vendo-se uma, não se podia ver a outra, e vice-versa. Há sempre, ao menos, um intervalo mínimo entre a visão de King e a de Cook, para permitir a transfiguração.

A verdadeira prova crucial teria sido cortar a retirada de Katie King, o que se poderia fazer com toda delicadeza e cavalheirismo. E examinar ao mesmo tempo conscienciosamente o lugar onde se deveria achar a médium. Isto também se poderia fazer com delicadeza.

Mas Crookes nunca o tentou. E Kate tinha pavor de que tal coisa fôsse tentada, porque, no seu desconhecimento da possibilidade de transfiguração, pensava que tal proceder seria “prova absoluta” de fraude.

O retiro inesperado — De muitas diversas maneiras, inclusive maliciosas,[^] tem-se interpretado o posterior silêncio de Crookes. Acreditamos que analisando desapassionadamente todas as circunstâncias, podemos apresentar a verdadeira interpretação do silêncio em que se resguardou Crookes. Percebia que a explicação que êle dera — a materialização — era absolutamente infundada, o que lhe granjeou o riso dos cientistas da sua época, entre os quais, porém, alcançara enorme e merecido prestígio pelas investigações nos campos da Física e da Química.

55. Somente citaremos em nota, porque não merece ser inserida no texto, a impugnação que recentemente fez Hall (Hall, Trcnor H., em “The Spiritualist”, 1962). Insinua Hall que Crookes e Cook fingiram a excusa das sessões para se encontrarem freqüentemente num ilícito assunto amoroso. Tudo seria, conseqüentemente, uma ingente impostura, para imersão ou simulação de Crookes... Uma leitura atenta dos textos citados basta para rejeitar tal acusação. Aliás, o conhecido parapsicólogo, professor da Universidade de Cambridge, Dr. R. H. Thouless (“Journal of Parapsychology”, junho, 1963), sem negar um possível romance decorrente, ao longo do período de investigações, demonstra inapelavelmente, inclusive com fotocópias de documentos, que é absolutamente falsa a imputação de impostura, de fraude, de que o grande sábio Crookes teria arquitetado uma tal farsa no campo da ciência, em vista de um privado problema sexual.

A “prova absoluta” não fora dada. Mais ainda: era mesmo um forte argumento, uma prova absoluta contra a materialização. E Crookes, não podendo negar os fatos, não os sabendo interpretar, decidiu refugiar-se no mais absoluto silêncio.

Com efeito, de 1874 até 1898, durante 24 anos, o Dr. William Crookes nunca voltou a experimentar nem a falar de Cook nem de fenômenos parapsicológicos.

O fato é sumamente significativo. Dada a grande importância que teria o seu descobrimento, o natural, o lógico e o absolutamente necessário era que Crookes não parasse com as suas experiências; ao menos deveria fazer eco às discussões a que deu origem, com algum esclarecimento ou declaração...

Morselli pôde escrever: “Foi mesmo exagerado o modo como Crookes se desinteressou... do conto de Katic King, tanto que os espíritos mais ardentes, inquietos com essas obstinadas reticências, chamavam-no de ‘O Silenciário’ (V. Cavalli) e por pouco não o acusaram, nas entrelinhas, de haver atraído a causa, à qual, desde o princípio, tanta parte havia dado de si mesmo e do seu nome, altamente apreciado nas ciências”.⁵⁶

Quif.ũka-sk o silêncio — Mas houve, após 24 anos de mutismo, uma ocasião em que o ilustre sábio não pôde fugir a um pronunciamento. No discurso que fez como presidente do Congresso da Associação Britânica para o Progresso da Ciência, em 1898, Crookes teve de fazer um resumo de toda a sua atividade científica: “Nenhum incidente da minha carreira científica é mais conhecido do que a parte que, há anos, tomei em certas investigações psíquicas. Trinta anos se passaram desde que publiquei a relação das experiências, na qual eu pretendia demonstrar que, por fora de nossos conhecimentos científicos (tradicionais), existe uma força exercida por uma inteligência comum aos mortais... Não falta, talvez, entre os que me ouvem, quem se pergunte se eu vou falar corajosamente ou se guardarei silêncio. Quero falar, ainda que brevemente”.

56. Morselli, Enrico: “Psicologia e Spiritismo. Impressioni e mote critiche sui fenomeni meclanici di Eusapia Palladino”, dois volumes, Torino, Bocca, 1908, tomo II, pág. 256.

Em continuação, Crookes repreende discretamente os cientistas que fogem destas investigações e lembra-lhes “que prescindir de investigações que permitam alargar as portas da ciência, retroceder por medo das dificuldades ou das críticas adversas, seria repreensível do ponto de vista científico” e acrescenta com referência às suas experiências parapsicológicas: “Em nada tenho que me retratar. Sustento os relatos já publicados”.

Mas, com respeito à sua explicação, por materialização ou por transfiguração, continua sem pronunciar-se. Comenta Roure: “William Crookes sustenta os relatórios já publicados. Esses relatórios apresentam os dispositivos das experiências, referem as manifestações materiais que nelas se produziram. Nós mesmos nos temos servido desses relatórios, aceitando como autênticos os fatos nêles referidos. Mas, como devem ser interpretados?... Este é precisamente o ponto sobre o qual desejaríamos conhecer a opinião refletida e como que póstuma do sábio físico. E esta opinião é justamente a que ele não nos dá a conhecer”.

Mas sem dúvida, Crookes, como dizíamos, compreende que era prematuro para ele ou para os investigadores da época, poder dar uma interpretação dos fatos; conseqüentemente, recomenda começar por outro tipo mais fácil de investigação parapsicológica: “Se eu tivesse de apresentar, pela primeira vez, estas questões ao mundo científico, escolheria um ponto de partida diferente do que tomei. Conviria começar pela telepatia, com a seguinte lei fundamental, pelo menos assim o creio, que os pensamentos e imagens podem ser transmitidos de um psiquismo a outro sem a mediação dos órgãos dos sentidos conhecidos”.⁵⁷

E, de fato, a “Society for Psychical Research” de Londres, justamente a conselho de Crookes, abandonou outras investigações e se dedicou ao estudo da telepatia.

Tal proceder de Crookes não é o reconhecimento de que estava desconcertado na interpretação dos fenômenos realizados pela Srta. Cook? Não é, inclusive, o reconhecimento de que com os conhecimentos da época se julgava incapaz de interpretá-los? Os fatos eram inegáveis e Crookes os rea-

57. Roure, S. I., Lucien: “Le merveilleux spirite”, 7.^a ed., Paris, Beauchesne. 1931 (1.^{re} ed., 1917). págs. 44-47.

firma; a interpretação, porém, era desconhecida então. Tal proceder é, conseqüentemente, uma implícita refutação da "chamada prova absoluta" da materialização. Constitui-se numa confirmação valiosíssima da nossa interpretação: trata-se de transfiguração.

Crise religiosa — Antes de terminar, mais um detalhe: em religião Crookes também ficou desconcertado, sem dúvida. Antes das suas experiências sistemáticas, êle era espírita ou pelo menos atribuía os fenômenos aos espíritos dos mortos, o que provavelmente o levaria a aceitar ou simpatizar-se com algumas das pretendidas revelações de além-túmulo. Êle já participara, não como investigador mas só como assistente de um culto "religioso", em julho de 1869, nas sessões da conhecida médium, Sra. Marshall, e em dezembro nas do médium J. J. Morse.

O Prol. Crookes chegou mesmo a escrever no natal de 1370: "Não posso deixar de lembrar esta data do ano passado. Nelly (sua esposa) e eu estávamos em sessão comunicando-nos com queridos amigos mortos, e ao soarem as doze horas, eles nos desejaram feliz ano novo. Sinto que agora nos olham, e como o espaço não lhes é obstáculo, penso que ao mesmo tempo olham para Nelly... Minha humilde prece a Êle, o grande Deus... é que Elo também permita que continuemos a receber comunicações espíritas de meu irmão, que atravessou os umbrais..."⁵⁸

Compreende-se seu desencanto quando, após experiências sistemáticas Crookes teve que abandonar esta interpretação supersticiosa, tão emotiva como prematuramente abraçada., para explicar os fatos pela verdadeira explicação, por aquilo que êle chamou "fôrça psíquica", dirigida pela mente inconsciente dos próprios médiuns...

Essa sua interpretação errônea, anterior às experiências, pode ter influído também para que êle não chegasse a pensar na transfiguração, querendo atribuir os fatos à materialização, pois a materialização era e é teoria comum entre os espíritas que chegam a apresentá-la como revelada por seres do além-túmulo.

58. Carta escrita na Espanha aonde fôra como membro de uma expedição para observar o eclipse solar daquele ano. A carta foi datada a 31 de dezembro de 1870, e foi incluída em Fournier D'Albc, E. E.: "Life of Sir William Crookes", London, 1923.

Katie King, com a médium Srta. Cook, é o caso de "aparição" mais estudado e famoso.

Apesar de várias fraudes a pesquisa do notável físico Crookes garantiu a veracidade inegável das "aparições de Katie King". A polêmica deve centrar-se na interpretação do fato.

Tradicionalmente o caso Katie King foi considerado como fenômeno de materialização. Os argumentos apresntados em prol desta interpretação são claramente falhos.

Pelo contrário, são claramente válidos em prol da transfiguração. O próprio Crookes, certíssimo da realidade do fato, parece, porém, ter compreendido que sua interpretação, por materialização, não foi válida.

Transfiguração-II

COMPROVAÇÃO CIENTÍFICA E ANÁLISE INTERNA

O "telex" tibetano. — O coronel e a menina transfigurada. — Urna médium "desaparecida". — Os repórteres brasileiros. — Materialização, teoria contraditória. — Parapsicológicos e não espíritas.

Devemos citar alguns outros casos famosos que nós consideramos de transfiguração, embora menos célebres e menos comprovados que o de Katic King. Servem-nos de confirmação da existência c para a análise da "estrutura" interna do fenômeno.

Transfigurações parciais — A transfiguração, em todo caso, não precisaria ser do corpo inteiro. Bastaria ser, por exemplo, do rosto ou de alguma particularidade do mesmo para produzir, já com isso, a impressão de que o dotado se transformou em outra pessoa.

Um jornal espírita publicava, há muitos anos, uma carta interessante: "A senhora Crocker, médium muito estimada em Chicano... sob a direção de seu espírito-guia (!?), começou, há meses, uma série de sessões para o desenvolvimento de uma nova fase «la mediunidade. Suas sessões eram circunscritas à sua família, nina tarde, quando a lareira do quarto projetava um belo clarão, r <iuando a luz da lua também aí chegava, ela se transformou;

sua fisionomia mudou completamente de tamanho, forma e aspecto; apareceu-lhe espessa barba preta. Todos os que se achavam à mesa viram a mesma coisa”.

“Seu genro, sentado bem ao seu lado disse, quando ela lhe voltou a face:

‘Oh! Mas é meu pai’. Depois êle declarou que a imagem era exatamente a de seu pai, que estava morto”.

“Pouco depois, a senhora Crocker se transformou numa mulher de cabelos brancos. Essas metamorfoses operavam-se pouco a pouco, enquanto as testemunhas olhavam constantemente para a médium... Ela conservava a consciência de si própria, mas experimentava a sensação viva de picadas por todo o corpo, exatamente como se segurasse os pólos de uma forte pilha galvânica”.¹

Mera alucinação? Exagêro? Fraude? Não possuímos nenhum dado a respeito dos métodos de observação empregados, nem atas das experiências; nem a elas assistiu cientista algum de confiança...

Vimos que ó possível a ccto-colo-plasmia. Tenhamos, pois, presente, agora, que uma transfiguração como a descrita não é mais complexa ou difícil do que uma ccto-colo-plasmia c até menos que isso.

“Telex” tibetano — A conhecida orientalista Alejandra David-Neel escreveu um livro interessante sobre suas observações no Tibet.² Aí ela se refere a um caso semelhante ao que acabamos de descrever, embora em outro ambiente diferente. Aliás é mais digno de crédito por ser observação pessoal da conhecida cientista.

Um príncipe do Himalaia, antes de se casar, lamentava não ter consultado um célebre asceta. Assim o confessava a um lama, discípulo daquele asceta. A Dra. David-Neel estava presente. Então o lama entrou em profundo transe e, pouco a pouco, suas feições foram se transfigurando até representarem um rosto diferente, no qual o príncipe reconheceu o do célebre asceta. Êste porém, devia

1. Carta do Sr. Joy ao Jornal “The Spiritualist” c publicada a 17 de setembro de 1875.

2. David-Neel, Louis Eugène Alexandra Marie: “Mystiques et magiciens du Tibet”, Paris, 1919; “Magic and Mystery in Tibet”, New York, 1932; “Místicos y magos del Tibet”, Buenos Aires, Calpe Argentina, 1942. Cfr. também, da mesma autora: “Textes tibétains inédits”, Paris, La Colombe, 1952.

estar então, a muitos quilômetros de distância. O lama transfigurado, dirigindo-se ao príncipe, disse-lhe que não se preocupasse, pois seu casamento não se realizaria. E, com efeito, o príncipe morreu antes das núpcias.³

Temos um caso de “adivinhação” psi-gâmica que ao se manifestar aparece com prosopopéia (personificação feita pelo inconsciente) à base da transfiguração do lama no asceta.

O coronel e a menina — Passamos a estudar algumas experiências mais importantes ou mais citadas pelos teóricos.

O Coronel Olcott refere as seguintes experiências realizadas com a médium Elizabeth J. Compton:

“Minha primeira sessão com a médium realizou-se na noite de 20 de fevereiro de 1874. Os espectadores, em número de seis, estavam sentados em cadeiras em volta do quarto, à distância de quase 3 metros da cabina. A Sra. Compton sentou-se no interior desta... Abaixou-se muito a luz do gás... Enfim a porta abriu-se e a figura de um índio apareceu; dirigiu-nos uma pergunta e saudou-me cordialmente, porém não saiu mais para fora (da cabina)...”

“Na tarde seguinte, mostrou-se a menina Katie Bring. A menina andou em volta do quarto, tocou em diversas pessoas e acariciou-lhes as mãos e as laces... Senti seus braços firmes nos meus ombros e os lábios que me beijaram eram tão naturais como os lábios de uma pessoa viva...”

“Enfim, era plenamente real e viva, tanto como a própria médium... Era apenas meio visível na escuridão...”

Como se vê, o nome da menina, Katie Bring está muito pouco modificado com respeito ao de Katie King, cujas aparições terminaram nesse ano.

Para garantir que não houve fraude; mais ainda, para provar que se tratava de materialização, Olcott recorreu às ataduras, como se isso adiantasse alguma coisa, especialmente (piando as ataduras eram feitas e depois observadas por não-especialistas.

Muito menos ainda adiantaria pedir licença à médium, ou ao “espírito-guia” para estas e outras providências.

3. As precognições, ou conhecimento do futuro, já as explicamos • impiamente no nosso livro anterior, “A Face Oculta da Mente”, capítulos 16, 17 e 18.

"No dia seguinte, de noite, depois de ter obtido o assentimento da Sra. Compton, para que se submetesse às minhas investigações. Pouco depois, diz que o espírito-guia (!?) deu-me instruções completas e sugeriu-me medidas de prudência sobre o modo como eu devia continuar as minhas investigações".

"Ingenuidade" de Olcott — "...Retirei-lhe os brincos e coloquei-a numa cadeira, na cabina. Prendi-a bem aí, passando um fio de linha nº 50 nos orifícios das duas orelhas, lacrando e selando as pontas no espaldar da cadeira, sob a qual imprimi o meu sinete particular. Depois, fixei a cadeira no chão por meio de barbante, cujas pontas lacrei e selei de um modo completamente seguro".

Por causa destas providências, que o coronel Olcott diz ter tomado, suas experiências são citadas continuamente pelos defensores da materialização. Repetimos que tais providências não oferecem garantia suficiente, mesmo supondo (o que é supor muito) que o Sr. Olcott quisesse mesmo tomar providências e não somente pôr complicações meramente aparentes para dar maior prestígio à sua médium...

Em todo caso, seria compreensível, num investigador não bem a par das técnicas dos mágicos, a ingenuidade de acreditar que, com essas providências, se evitaria toda a possibilidade de fraude e que, depois da sessão, todos conseguiriam observar, sem possibilidades de erro, se o fio não fôra rasgado e recomposto em algum lugar estratégico ou se o lacre não servia até mesmo para segurar de novo a extremidade da linha, em caso de ter sido cortada, etc.

Tanto mais que esse exame se fez à luz de uma lanterna de bôlso; os assistentes deviam, pois, olhar somente para os lugares que o próprio Olcott iluminasse.

Mas o que importa frisar é que essas ingênuas providências contra o truque não valem absolutamente nada para provar que houve materialização: seria contraditório admitir que houve desprendimento de ectoplasma em quantidade suficiente para realizar u'a materialização, e ao mesmo tempo afirmar a impossibilidade de que o médium exteriorizasse ectoplasma em tão pequena quantidade que bastasse para recompor rapidamente um fio... Tanto mais que, quando se revistaram as ataduras desses fios, a médium estava imersa em profundo

transe, como se afirma expressamente, isto é, estava ainda em condições de realizar este pequeno fenômeno de ectoplasmia.

O peso da menina — Após estas providências mediócras, apareceu Katie Bring: "Tive a satisfação de ver, pela porta aberta, a menina de vestido branco, à qual já me referi. Ela avançou, percorreu o círculo, tocou em várias pessoas... Reapareceu ainda uma vez e percorreu todos os espectadores, acariciou a cabeça de um, a mão de outro, sentou-se sobre os joelhos da Sra. Hardy, pôs docemente a mão sobre a minha testa, acariciou-me as faces..."

Perfeitamente real, sólida, viva, tanto como a própria médium. Olcott recorreu então à balança, para garantir que a menina pesava menos do que a médium.

"Logo que ela subiu, tomei o seu peso... Li a marcação à luz de um fósforo. Ela pesava apenas 77 libras inglesas (35,7 quilos). Uma segunda vez, naquela mesma sessão, li no marcador o peso de 59 libras (27,3 quilos)... Ela reapareceu ainda uma vez... Desta vez, não pesava mais de 52 libras (23,5 quilos). Quando depois da sessão, se pesou a médium, seu peso foi de 121 libras" (55 quilos).

Ora, o expediente da balança, como já vimos no capítulo 4 não oferece garantias, pois um dotado pode muito bem fazer que a balança marque bastante menos do que na realidade deveria marcar, por exemplo, apoiando-se no chão com uma haste ou pseudópode ectoplasmático (se é que não se apóia fraudulentamente, com o pé mesmo, aproveitando a escuridão...). Note-se, além disso, que a pressão exercida não foi precisa, de forma que houve diferenças no registro do peso, o que está ainda mais contra essas experiências com balanças, confirmando as explicações "extrínsecas".

A pesagem oferece ainda menos garantia quando se considera que o "espírito-guia" (!?) queria justamente que se fizesse essa verificação: isto é, o médium, consciente ou inconscientemente, estava interessado neste assunto de peso. Compreende-se melhor que recorresse a diversos expedientes possíveis para alterar o peso a registrar pela balança.

Em prol da transfiguração — Como se terá observado, Olcott não era nenhum especialista na experimentação psicológica. Suas experiências estão muito mal arquitetadas,

apesar da enorme fama que adquiriram entre os defensores da materialização. Não provam, de maneira nenhuma, que Katie Bring (ou a figura de um índio) não fôsem a própria médium transfigurada (se não disfarçada).

E, pelo contrário, há argumentos muito mais positivos em prol da transfiguração (se não houve disfarces fraudulentos).

“Depois de combinar com os assistentes, entrei na cabina, enquanto a menina (a aparição) ficava do lado de fora; não achei a médium aí, apesar de ter procurado em todos os recantos; mas também, para melhor certificar-me de que não estava alucinado, examinei a cadeira, as paredes e todo o espaço em volta... O espírito (!?) tornou a sair e imediatamente penetrei na cabina; examinei tudo com o maior cuidado, mas como antes, não achei nenhum sinal da médium. A cadeira aí permanecia, mas nenhum corpo nela se apresentava”!

As transfigurações de D'Esperance — A senhora I'Esperance, como vimos no capítulo 1.1 umas vezes fazia fantasmogênese, outras vezes, porém, fôz transfiguração: “Em 1890, fui expressamente a Gottcnburgo para efetuar com a Sm. D'Esperance uma série de sessões de materialização”. Na realidade foram de transfiguração, como vamos ver. Quem escreve é Aksakof:

“Ela me autorizou a submetê-la a toda espécie de provas que eu considerasse necessárias para convencer-me dos fenômenos da materialização (?), privilégio este que ainda não havia concedido a ninguém”.

Estando Aksakof plenamente convencido de antemão, especialmente pelas experiências de Katie King que erradamente considerava materializações, não era perigoso conceder-lhe este privilégio: a médium não temia que, agarrando-a, confundissem suas manifestações (transfigurações) com os truques.

“Na sessão de 5 de junho, eu estava sentado, como de costume, muito perto da cabina onde se sentava a senhora D'Esperance ao meu lado; só nos separava a cortina, cuja abertura lateral se acha-

4. Olcott, Henry S.: “People from the other World”, Hartford, American Publishing Co., 1875, págs. 492-496.

va muito mais perto de meu ombro direito; eu não tinha mais a fazer do que puxá-la um pouco de lado para poder ver a médium”.

“A forma materializada (transfigurada, neste caso, como estamos a defender) que apareceu então, sob o nome de Iolanda, já se havia mostrado várias vezes. Apoiou-se no meu braço, tinha até feito a volta do círculo. Uma lâmpada ao fundo, coberta com várias folhas de papel vermelho, espalhava tênue claridade; mas enquanto eu estava com Iolanda, mesmo quando sob a lâmpada, a luz era bastante para que eu pudesse reconhecer indubitavelmente, os traços da médium”.

“Assim que voltamos à cabina, retomei o meu lugar e Iolanda se conservou com a metade do corpo do lado de fora, na abertura central da cortina”.

“Então, não cessando de observá-la, passei cautelosamente o braço direito, pela abertura lateral da cortina perto de mim. Nada mais tinha a fazer do que estender um pouco o braço para certificar-me se a médium se achava no lugar; foi o que fiz”.

“A médium deveria estar sentada numa cadeira de braços, muito baixa. Levantei a mão até a altura do encosto da cadeira e deixei-a, em seguida, deslizar do encosto até o assento: a médium não estava lá”.

“Mas, no próprio momento em que minha mão se achava já sobre o braço da cadeira, Iolanda entrou na cabina”.

Nessas circunstâncias, não há nada de misterioso quando se diz:

“U'a mão caiu sobre a minha e repeliu-a”.

Sem dúvida, a médium não gostou dessa verificação temendo que se tomasse como índice de fraude, o que podia ser transfiguração.

“Imediatamente depois, a médium pediu-me de beber; estendi-lhe um copo de água, pela mesma abertura da cortina por onde passara o braço; a médium estava no seu lugar, com o vestido vermelho de mangas apertadas. Iolanda, um instante antes fôra vista com um vestido branco, tendo os braços nus até os ombros, os pés também nus, com um véu branco que lhe caía da cabeça pelo corpo; entretanto, havia desaparecido exatamente como sucedia com Katie”. 5

5. Aksakof, Alexandre. Libr. de l'Art Indép-. 1896. Tradução por Souza, João Lourenço de: “Um caso de desmaterialização parcial do corpo dum médium”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1951), págs. 33 s.

Aqui a fraude é difícil — As operações de despir-se ou arregaçar totalmente as mangas apertadas, tirar os sapatos, vestir a roupa e o véu branco e, depois da aparição, inverter tôdas as operações e ainda esconder o material fraudulento que jamais se encontrou... e tudo isso quase instantaneamente, não parece fácil. ..

Mas se, neste caso, admitimos que se trata de transfiguração, tudo se torna bem mais compreensível: o ectoplasma recobre, onde necessário, o corpo e vestidos da médium, transfigurando-a como se estivesse com os pés e braços nus, com vestidos e véus brancos; a destransfiguração pode ser quase instantânea, desaparecendo tudo pela reabsorção do ectoplasma. ..

Casos curiosos — Podiam se multiplicar os exemplos. . . Há casos curiosos, em confirmação da transfiguração. Citamos um, supondo que tenha sido bem observado com exclusão certa de truque, pois não se dão particularidades suficientes sobre as condições de experimentação:

“Propuseram uma experiência única, isto é, que a forma bebesse um copo de água. O resultado foi que o... espírito materializado (o próprio médium transfigurado) bebeu diante de nós essa água, de modo visível, ouvindo-se-lhe até o ruído da deglutição... Depois, essa mesma quantidade de água era rejeitada pela bôca da médium”/»

Tudo isso é bom lógico tratando-se de uma transfiguração; difícilimo de explicar, porém, se fôsse, como os relatores pretendiam, uma materialização...

Defesa de nossa teoria — Argumentos em prol da transfiguração, nas aparições sólidas (isto é, quando não são fantasmogêneses) podemos tirá-los da impossibilidade de aplicar aos fatos a teoria da materialização, tradicionalmente apresentada antes da nossa teoria da transfiguração. Apliquemo-la aos casos citados.

No caso da senhora Crocker, na qual os seus parentes reconheciam diversas outras pessoas e no caso do Lama que se transformou num conhecido asceta perante a Dra. David-

6. “The Spiritualist”, 1877, II, pág. 287.

-Neel, evidentemente ninguém poderá invocar a materialização contra a transfiguração, pois esta se fazia visivelmente sobre o corpo dos dotados. É francamente excessivo pensar que primeiro se desmaterializaram totalmente os dotados, embora ninguém o notasse, para depois aparecer, não menos instantaneamente, um ser idêntico, materializado, que pouco a pouco, se modificaria para representar as aparições! í í

Desmaterialização completa?! — Com respeito ao caso Katie Bring, com a médium Sra. Compton, observado pelo Sr. Olcott, expressa-se assim Conan Doyle, um dos teóricos mais acreditados perante os seguidores da teoria da materialização: “Que fazer de tais resultados? Havia 11 testemunhas além de Olcott. Os fatos parecem acima de dúvidas (!). Mas que deduzir deles? O autor (Conan Doyle) viu uma fotografia... na qual todos os pormenores da sala tinham sido fixados, mas a médium havia desaparecido. O desaparecimento da médium tem alguma analogia com esses casos? (das variações de peso, que já analisamos). Se a figura ectoplasmática só pesava 35 quilos, e a médium 55, torna-se claro que eram deixados quando o fantasma estava fora (teria a médium sofrido uma desmaterialização quase total). Se 20 quilos não bastavam para continuar o processo de vida, não poderiam os seus guias (os espíritos do além!) ter usado a sua química oculta e sutil(!) afim de desmaterializá-la (desta vez totalmente) e assim salvá-la do perigo até que a volta do fantasma (materialização) permitisse a reabsorção?”⁷

Mas Doyle não nos explica como seria menos perigosa a desmaterialização total do que a parcial, nesse conjunto de afirmações tão inverossímil.

Outro grande defensor da materialização, Aksakof, começa coincidindo com Conan Doyle e seus seguidores no caso de Katie Bring, dizendo que se teria “desmaterializado a médium Compton de tal forma que era invisível aos olhos, assim como as suas roupas e os fios de linha”⁸ Aliás, em todos os casos que nós apresentamos como de transfiguração,

7. Conan Doyle, Arthur: “The History of Spiritism”, tradução por Abreu Filho, Julio: “História do Espiritismo”, São Paulo, O Pensamento, 1960, pág. 236.

8. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., pág. 32.

os defensores da materialização começam afirmando que o médium se desmaterializou com sapatos, roupas, objetos de metal e tudo mais...

E com respeito a D'Esperance, Aksakof julga que ela teria sido desmaterializada quase por completo para emprestar toda a energia do seu organismo a Iolanda. Como argumento principal de sua tese, diz que na cadeira ficava ainda o "duplo", ou "corpo astral" da médium, porque teria sido esse "duplo" remanescente, este mínimo resíduo do organismo desmaterializado de D'Esperance (c não a própria D'Esperance ou transfigurada em Iolanda), quem teria sentido e repellido a mão do próprio Aksakof quando inspecionava a cadeira.

Ora, este modo de argumentar em prol da materialização é contraditório: Se a mão do "duplo" tivesse tocado e repellido tão palpavelmente a mão de Aksakof, este teria tocado o "duplo" não menos palpavelmente, sobre a cadeira, quando a inspecionou. . . Não se pode duvidar de que foi mesmo D'Esperance (Iolanda), quando entrou, quem repeliu a mão de Aksakof.

(Na cadeira, aliás, poderia haver um fantasma, invertendo-se o processo, sem que tal fato corroborasse em nada a tese da materialização. Ficaria a médium transfigurada fora da cabina, o por fantasmogênese faria que um fantasma a substituisse na cadeira).

Os repórteres BRASILEIROS — Vimos que é típico da aparição conservar certos traços da médium, o que é muito lógico, porque a aparição é precisamente a própria médium transfigurada.

A hipótese da materialização não explica a semelhança.

Assim, por exemplo, na farsa de Uberaba, lá que assistiram destacados líderes do espiritismo brasileiro, a médium Otília Diogo se disfarçava para representar os espíritos do Dr. Veloso e da irmã Josefa. Ora, os repórteres de "O Cruzeiro" demonstraram incontestavelmente que na "aparição" apareciam todas as características da médium.

Aqueles líderes, evidentemente, não confessaram a fraude e, para defender o caso, nem sequer acudiram à transfiguração, que não era conhecida.

Afirmam que as semelhanças tinham explicação no fato de que as "materializações" se formavam às expensas do organismo da médium. .. Ora, a teoria da materialização não explica esta semelhança: é completamente apriorístico afirmar que a mão direita da "materialização" se forma precisamente da mão direita da médium, o pé esquerdo precisamente do pé esquerdo, etc.; até do nariz característico da médium, se formaria um nariz idêntico para representar um nariz com a forma que os "espíritos" não tinham quando ainda no mundo. Dos seios da médium se formariam os seios que o Dr. Veloso nunca teve e os calos dos pés da médium materializariam calos idênticos inexplicavelmente herdados pelos "espíritos do além"...⁹

Mesmo admitindo o absurdo de que cada membro da materialização se formasse do correspondente membro da médium, não se vê por que a matéria exteriorizada (ectoplasma) se deva plasmar na mesma forma que era sua quando não exteriorizada e constituía o organismo da médium.

A teoria da materialização, portanto, não explica as semelhanças entre aparição e médium, enquanto que na transfiguração e na fraude elas aparecem obviamente...

Quando se agarra o médium — Como é lógico, sempre que a transfiguração se agarra, ao acendê-la as luzes, se comprova que o agarrado foi o médium.

Para explicar este fato freqüentemente comprovado, os defensores da materialização caem numa manifesta contradição. Escreve por exemplo, Aksakof: "Pode qualquer pessoa agarrar a forma materializada, segurá-la e certificar-se de que apenas tem em seu poder o próprio médium, em carne e osso; e isto não é ainda uma prova de fraude".

Até aqui estamos de acordo. Poderia ser transfiguração.

Mas Aksakof explica o fato assim: "Efetivamente... Retemos à força o 'duplo' do médium (o ectoplasma que o médium teria liberado) materializado a tal ponto que não resta senão um simulacro invisível do corpo do médium, sentado atrás da cortina. E' evidente que este simulacro, esta partícula mínima, sutil e etérea será imediatamente absorvida pela forma já

9. Veja-se uma série de reportagens na revista "O Cruzeiro" a partir de 1 de fevereiro de 1964.

materializada, à qual não faltava mais do que êsse resto invisível ... E' claro que as duas formas devem reunir-se e a parte menor se precipitará sobre a maior... Se o médium estiver seguro, com os pés e as mãos solidamente atados..., êsses laços, com os nós perfeitamente feitos etc., deveriam conservar-se intatos e presos à cadeira... Mas não conheço caso semelhante, porque na prática espírita nunca se considerou necessário recorrer ao constrangimento quando se está certo de que a participação do médium é nula".¹⁰

A contradição é manifesta: se o médium, de carne e osso pode libertar-se das ataduras, passando à aparição quase toda sua matéria em forma "etérea", mais facilmente poderia a aparição libertar-se dos braços que a agarram! Se, pois a aparição, quando bem agarrada, não se pode libertar e aparece agarrado o próprio médium, não é porque o médium se tenha, desmaterializado completamente (! ?) e passado sua substância à aparição, mas porque a aparição é o próprio médium transfigurado (quando não truque, repelimos).

Como mostra Aksakof, a experiência demonstrara aos dirigentes espíritas que não se podia atar o médium (pois atado não pode sair fora para transfigurar-se), embora eles dêem como razão que "não se julgou necessário recorrer ao constrangimento, quando se está certo de que a participação do médium é nula": erro maiúsculo, em plena oposição aos fatos!

Os FATOS NÃO SE encaixam — Mas a teoria da materialização inclui mais contradições: o fato mesmo de o médium conseguir escapar já constitui outro contra-senso.

Por exemplo, no caso já referido (capítulo 12) em que Katie King (Florence Cook disfarçada) foi agarrada pelo senhor Volckman, nas experiências dirigidas pelo Sr. Luxmoore. Com a ajuda de dois de seus admiradores e após muito forcejar, a médium conseguiu escapar. Um destes admiradores, Sr. Henry Dunphy, diria depois que Katie King escapou desmaterializando-se.

Ora, na teoria da materialização, como se explicariam os fatos? Como é que se teria desmaterializado a parte mais materializada para unir-se ao simulacro que se teria mantido à espera na cabina? E se a médium na poltrona ainda não

10. Aksakof. Alexandre, tradução: "Um caso. . o. c., pág. 97.

estava muito desmaterializada, estando portanto a forma Katie King ainda muito pouco materializada, então como explicar que o Sr. Volckman conseguisse segurar a aparição bastante tempo apesar da ajuda que a "materialização" recebeu de dois admiradores?

Como se vê, a teoria da materialização não se encaixa nos fatos, é de difícil sustentação. Os defensores dos fatos devem reconhecer que, quando muito, quando não fosse truque, seria transfiguração.

Fraude ou transfiguração? — Como primeira consequência da existência da transfiguração, devemos citar um tipo de casos que é muitas vezes apresentado como fraude manifesta, quando, na realidade, o fato poderia ser autenticamente parapsicológico.

Com a mesma Eusápia Palladino, por exemplo, o Prof. Lombroso viu uma aparição que parecia perfeita. Com um rápido golpe de tesouras, cortou "qualquer coisa" da aparição. Quando se acendeu a luz, viu que tinha nas mãos um pedaço de fazenda da mesma cor e tecido que o vestido da médium. E, com eleito, examinada a médium, notou-se que lhe faltava nos vestidos exatamente o pedaço de fazenda cortado.

Noutra ocasião, o professor Blaserna ofereceu à aparição um copo de vinho do Marsala. No fim da sessão, uma senhora foi abraçar Eusápia, e comprovou que o hálito da médium cheirava a Marsala.¹¹

Ora, em muitos livros apresentam-se êstes fatos como prova, de fraude. Na realidade, não provam a fraude, embora também não são convincentes em prol da transfiguração.

Não provam por si mesmos a fraude, porque, se tivesse havido transfiguração é lógico que, cortando-se um pedaço dos vestidos da aparição, se pode cortar um pedaço do vestido da médium; e se a aparição bebe, é lógico que cheire a vinho a médium, uma vez que a aparição e a médium são uma só pessoa.

Não provam por si mesmos a transfiguração, porque seria mister provar esta independentemente, isto é, provar que houve ectoplasma transfigurando o médium ou modificação corporal do mesmo.

11. "Luce e Ombra", 1909, ns. 7-8, pág. 387.

12. "Luce e Ombra", ibidem.

A “dança das tachinhas” — O grande mágico Houdini, aproveitando-se da escuridão, espalhou, no início de uma sessão, uma boa quantidade de tachinhas. Pouco depois, surgia do gabinete uma aparição que, com grande satisfação dos assistentes, foi caminhando pela sala. Mas, de repente, o “espírito do além” soltou um ai!, seguido de muitos outros em sucessão desesperada.

A “aparição” estava descalça e tinha entrado no trecho minado. Quanto mais pulava, mais piorava a situação dolorosa. O incidente terminou em hilaridade para uns e, para outros em fúria contra a médium. Como de costume, houve também reações partidárias contra o próprio Houdini. 13

Repetimos as mesmas considerações de antes. Se a transfiguração 6, ao menos, uma hipótese suscetível de ser investigada, tais fatos não valem absolutamente nada nem pró nem contra ela.

O naiuz indtsfakçávjk — Contra o conhecido médium norueguês Ejner Nielsen, objeta-se muito que nas aparições por ele realizadas, se percebe regularmente o seu dente de ouro e também seu nariz característico, facilmente reconhecível, debaixo dos véus com que se cobrem as aparições.

Mas tais fatos em si mesmos, não significariam nada contra uma possível transfiguração.

O fato que na realidade é significativo para nos fazer suspeitar de fraude, ao menos nessas ocasiões, é outro:

Sob os véus das aparições, às vezes se distinguem as mangas arregaçadas da camisa de Nielsen... m

Com efeito, numa transfiguração, compreende-se que apareçam determinadas características do médium, embora seja esquisito que as diferenças sejam constituídas unicamente pelos véus... Se não se demonstrar incontestavelmente que esses véus são ectoplasmáticos, essas transfigurações são realmente suspeitas. E a suspeita aumenta grandemente

13. Houdini, Harry, em “The Litcrary Digcst”, de 21 de outubro de 1921.

14. Documentação abundante se encontrará em Cerloff, Hans: “Die Phantome von Kopenhagen, das Médium Ejner Nielsen”, Munich, Dr. G. VcrlagsbucihandUmgm 1954, e Büdingen-Gettenbach, Verlag Welt und Winsen, 1958.

ao distinguir-se o médium com as mangas arregaçadas, não estando antes assim, pois isto indica que, ao invés de um processo de transfiguração, houve um bom trabalho de disfarce...

Análise da transfiguração — O mesmo que dizíamos nos capítulos anteriores temos que repetir à propósito da reabsorção do ectoplasma transfigurador nos fenômenos de transfiguração. Assim como um verdadeiro ecto-colo-plasma (verdadeiro enquanto diferente de truques ou mesmo de outros fenômenos, como o aporte) não pode ser conservado, porque necessariamente será reabsorvido pelo médium, da mesma maneira não pode ser conservada nenhuma parte do ectoplasma transfigurador de uma verdadeira transfiguração.

Por exemplo, a Sra. Ross-Church (Florence Marryat) foi testemunha de muitíssimas aparições de Katie King, dentre as quais, claro está, consideramos principalmenc aquelas que foram dirigidas pelo Dr. William Crookes. Prescindimos das experiências anteriores dirigidas pelo Sr. Luxmore, no seu círculo Espírita, em tudo o que não foi confirmado por experiências de Crookes. Pois bem, escreve a Sra. Rosschurch:

“As pessoas que assistiam às sessões, pediam muitas vezes a Katie que lhes desse um pedaço do seu vestido, como lembrança. Ela distribuía de boa vontade esses pedaços que cada qual levava consigo. Algumas pessoas tiveram mesmo a precaução de colocar a fazenda num envelope fechado. Mas, ao entrarem em suas casas, a fazenda havia desaparecido com grande surpresa para elas”.

Noutras ocasiões, a reabsorção era feita à vista dos assistentes:

“Uma noite, quando Katie rasgara muito o seu vestido, eu lhe disse que o vestuário teria necessidade de grandes consertos. Ela replicou: ‘Vou mostrar-vos como trabalhamos no mundo dos espíritos’ (!?). Ergueu parte do seu vestido e retalhou-o bem com a tesoura, deixando-lhe cerca de quarenta buracos. Depois exclamou: ‘Não é uma bonita peneira?’”

“Estávamos muito perto dela. Vimo-la então sacudir a saia suavemente (outra testemunha diz “com força”) e logo todos os buracos desapareceram sem deixar o menor sinal”.

“Percebendo o nosso espanto, ela disse: ‘Cortai os meus cabelos’. Nessa noite Katie tinha bastas mechas de cabelo que lhe desciam até à cintura. Tomei a tesoura e pus-me a cortá-los seriamente, tão depressa quanto podia (exagero: na realidade quem cortou foi a

própria Katie, isto é, Cook transformada). Ela dizia: 'Cortai mais, cortai mais, não para vós, bem o sabeis, pois que não poderíeis guardá-lo'. Cortei então mecha por mecha (exagêro: não se cortou tudo, mas só a parte correspondente aos acréscimos ectoplasmáticos dos cabelos de Cook), e logo que caíram por terra, reformavam-se na cabeça de Katie".

"Disse-me então que lhe examinasse os cabelos no lugar onde os havia cortado. Procurei bastante, sem poder encontrar, todavia, nenhum corte aparente: as mechas de cabelo caídas no chão tinham desaparecido".*}

Mais um relato independente do mesmo fato, publicado por outra das testemunhas, o Sr. Harrison, nos descobre mais uma vez os notáveis exageros devidos á imaginação da Sra. Ross-Church, mas nos mostra também a veracidade do fato fundamental.

Foi na sessão de despedida de Katie King: "Durante toda a sessão a sala foi iluminada por uma luz bastante clara... Todas as pessoas presentes se aproximaram para muito perto do Katie King... Katie (a própria Katie, isto é, Floronee Cook transfigurada, não a Sra. Ross-Church) tomou então uma tesoura e cortou uma porção dos seus cabelos distribuindo-os por todos" (William Crookes, G. R. Tapp, Sras. Corner e Ross-Church, os pais e irmãos da médium Cook, a empregada Maria e o próprio Sr. Harrison).

"Depois tomou o braço do Sr. Crookes e deu uma volta pela sala, apertando a mão de cada um. Assentou-se novamente e cortou alguns pedaços do próprio véu e do vestido, distribuindo-os. Quando ela cortava assim vários pedaços grandes da roupa, perguntaram-lhe se os podia reparar como já fizera em outras ocasiões. Neste momento ela estava entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp; ergueu o tecido esburacado, em plena luz, sacudiu-o com força e num instante o vestido se apresentou como anteriormente; os buracos haviam desaparecido. As pessoas sentadas perto da porta da cabina escura tocaram e examinaram imediatamente o tecido do seu vestido com a sua permissão".^{15*}

Efeito polipsíquico — Ao falarmos da transfiguração, expressamo-nos como se o ectoplasma saísse sempre e todo

15. Marriat Ross-Church, Florence: "There is no death", New York, 1891 (editada também em alemão: Leipzig, Heinemann, 1892). O depoimento citado foi acrescentado pela F. E. B., a Aksakof, Alexandre, tradução: "Um caso...", o. c., págs. 196 s.

16. Carta publicada pelo Sr. Harrison em "The Spiritualist" e acrescentada pela F. E. B. a Aksakof, Alexandre, tradução: "Um caso...", o. c., págs. 164 s.

do próprio corpo do dotado. Nestas alturas não seria preciso dizer que, em alguns casos, pode haver efeito polipsíquico, isto é, que os espectadores colaborem com um pouco do próprio ectoplasma. O próprio Allan Kardec recolhe um caso que pode servir de esclarecimento, ainda que Allan Kardec o atribuisse ao além, e não soubesse aplicar às "materializações" a teoria da transfiguração que êle mesmo cita, embora de passagem:

"A transfiguração consiste na mudança de aspecto de um corpo vivo. Aqui está um fato dessa natureza cuja perfeita autenticidade podemos garantir, ocorrido durante os anos de 1857 e 1859, nos arredores de Saint-Etienne. Uma mocinha, de mais ou menos 15 anos, gozava de singular faculdade de transfigurar-se, isto é, de tomar, em dados momentos, todas as aparências de certas pessoas mortas (note-se que também poderia tomar a aparência de pessoas vivas se não estivesse em ambiente espirita). Tão completa era a ilusão, que as pessoas presentes ao fenômeno julgavam ter diante de si a própria pessoa, cuja aparência ela tomava; tal era a semelhança dos traços fisionômicos, do olhar, da voz e até da maneira particular (em outro tomo estudaremos a prosopopéia ou aparente troca de personalidade). Tomou, em várias ocasiões a aparência de seu irmão, que morrera alguns anos antes. Reproduziu-lhe não somente o semblante, mas também o porte e corpulência".

"Um médico do lugar, que fôra muitas vezes testemunha desses estranhos efeitos, querendo certificar-se de que não havia ilusão, fez a experiência que vamos relatar. Conhecemos os fatos pelo que nos foi referido pelo pai da môça, e diversas outras testemunhas oculares, muito honradas e dignas de crédito. Veio a êsse médico a idéia de pesar a môça no seu estado normal e de fazer-lhe o mesmo no estado de transfiguração, quando apresentava a aparência do irmão que contava, ao morrer, 20 e tantos anos e que era mais alto do que ela e de complexão mais forte".

"Pois hem, verificou que, no segundo estado, o peso da môça era quase o duplo do seu estado normal. A experiência se mostra concludente, tornando impossível atribuir-se o fato a uma simples ilusão de ótica".¹⁷

Já sabemos, contra o que Kardec supõe, que estas experiências de pesar o dotado ou a aparição se prestam a muitos

17. Kardec, Allan: "Le livre des médiums", Paris, Dentu, 1857. Nós citamos aqui da tradução portuguesa, a partir da 49.ª ed. francesa, por Ribeiro, Guillon: "O livro dos médiums", ou "Guia dos médiums e dos evocadores", 28.ª ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1964, págs. 132 s.

erros. O “dôbro do pêso” nos parece demais... O próprio Allan Kardec, não sem algo de inconsequência e até contradição, é exclusivista quando não admite nem a possibilidade de um aumento real de matéria provinda dos assistentes: “o pêso intrínseco do corpo não variou, pois que não aumentou nele a quantidade de matéria. Sofreu, porém a influência de um agente exterior (!?) que lhe pode aumentar ou diminuir o peço relativo”.^{18 19}

Supondo que, realmente, o pêso da transfiguração fôsse maior do que o normal da dotada, êsse fato “indicaria que houve efeito polipsíquico, com cctoplasma tirado também dos espectadores.

De passagem notemos que a dificuldade seria maior na teoria da materialização, pois todo o pêso da aparição, e não sómente o excedente, teria sido extraído do médium o dos assistentes. Mas, repitamos mais uma vez, essas experiências com resultados diferentes com respeito ao pêso real do médium, além de terem sido muito esporádicas, são muito suscetíveis de erros.

Parapsicológicos e não espíritas! — Não teremos necessidade de nos espriarmos agora para explicar que o fato da transfiguração é um fenômeno parapsicológico. Bastamos algumas palavras.

Segundo reconhece o compilador e comentarista dos testemunhos e experiências sobre Katic King, o próprio Crookcs não interpretou os fatos como vinculados aos espíritos dos mortos: “Apesar de todos êsses estudos tão sérios (ou pre-eisamente por isso), o Prof. Crookcs absteve-se de adotar a teoria espírita para explicar a causa dos fenômenos”.¹⁹

Aksakof, porém, e depois dêle muitos outros, foi levado a atribuir parte das “materializações” ao além. Mas o mesmo argumento que emprega a favor, torna-se argumento poderoso contra a tese espírita.

“Num caso de simples desdobramento (quer dizer: “materialização” na qual a aparição representa o próprio dotado) verifica-se um fenômeno de equilíbrio e distribuição da matéria orgânica de um corpo (o do médium) entre dois corpos

18. Kardec, Allan, tradução: “O livro...”, o. c., pág. 134.

19. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., pág. 160.

(médium quase desmaterializado e aparição materializada) conservando a identidade da aparência que deriva do princípio individual organizador” (a ideoplastia inconsciente).

“Quando êsse fenômeno se opera sem que o médium esteja em transe, temos a prova de que a nossa autoconsciência não esgota o conteúdo de nosso ser psíquico e que o *eu* organizador (a ideoplastia, pode fora do *eu* consciente agir e constituir um corpo”.

“Quando o desdobramento (‘materialização’) se produz com diversidade de aparência nalguns órgãos retendo completamente o tipo geral... temos a prova incontestável de que a força organizadora... não se atém ao modelo do corpo terrestre”

Até aqui vai bem Aksakof, se lermos transfiguração onde êle entende materialização. Mas Aksakof acrescenta: “E’ difícil supor que isto seja do mesmo *eu* individual, e se... essa forma (aparição), responde a todas as exigências formuladas para a verificação de uma individualidade, temos a prova evidente (!?) de que um *eu* individual, transcendente, que não é o médium, se apoderou somente da matéria orgânica dêste”.²⁰

Como se vê, só porque a aparição é, em parte, diferente do médium, física e psiquicamente, já se quer deduzir que o fenômeno se deve ao além. Como se a “fôrça organizadora inconsciente” (ideoplastia e prosopopéia) não fôsse capaz de produzir um aspecto e psicologia diferentes dos do próprio médium!

Êsse argumento não destoa dentro do conjunto de incongruências da teoria da materialização; mas um argumento sem base e tão fraco contraria os conhecimentos modernos das faculdades psíquicas: prova que na realidade não há argumento para a teoria espírita da materialização. Ou mais, prova que tudo está a favor da tese parapsicológica da transfiguração.

Porque do “além”? — Pressupor, aliás, que as materializações são extraídas dos médiuns por entidades do além,

20. Aksakof, Alexandre, tradução: “Um caso...”, o. c., págs.

102 s.

importa nova contradição. Dizem: o médium é desmaterializado plenamente, ou quase plenamente, para formar as materializações. Tal é a desmaterialização que até as roupas, sapatos, objetos de metal etc. desaparecem da cabina. Ora, se os espíritos fôsem capazes até de extraírem toda a matéria que constituía as roupas, sapatos etc. então, para que precisam desmaterializar o médium? Porque não fazem as materializações extraindo a matéria das coisas inorgânicas, das mesas, do próprio ar? Na teoria da transfiguração, compreende-se a necessidade do médium.

Classificação do fenômeno — De todo o exposto sobre a transfiguração aparece evidente também, que o fenômeno deve ser classificado, como o fizemos, entre os extraordinário-normais: na transfiguração, o corpo do médium é bem material; evidentemente também é material o ectoplasma transfigurador.

Eusápia PallacUno estava conseguindo glórias na América, em sessões organizadas pelo seu protetor financeiro, Hereward Carington. Mas um investigador alemão, Max Dessoir, recomendou que a porta da cabina de “materializações” fôsse fechada por meio de uma cortina fixa e transparente de gaze.

Bastou este obstáculo para que não surgissem mais aparições. Max Dessoir, aliás, já comprovara antes em Berlin, que a gaze, assim colocada, impedia as aparições.”

Na teoria da materialização, não se compreende bem qual a dificuldade que ofereceria a gaze. Os espíritos não podem fazer passar através da gaze a energia que desmaterializaram do médium? Compreende-se perfeitamente que a gaze impeça completamente a transfiguração, porque o próprio médium, bem material e sólido, não pode sair da cabina para se exhibir, transfigurado...

Estas contra-provas mostram que a transfiguração não deixa de ser um fenômeno material devendo, portanto, ser classificado entre os que chamamos extraordinário-normais.

21. Dessoir, Max: “Vom Jenseits der Seele”, Stuttgart, Encke, 1917.

Outra série de casos famosos confirmam a existência da transfiguração. E confirmam também as qualidades da transfiguração:

A “aparição” é o próprio médium transformado e disfarçado com ectoplasma.

É impossível na transfiguração ver simultaneamente médium e aparição.

Uma mesma “aparição” pode acidentalmente variar de aspecto corno efeito da ideoplastia, isto é, da diversa idéia inconsciente que se plasma externamente.

A teoria da materialização não se encaixa nos casos de “aparições” reais, sólidas, vivas. a transfiguração é a pista explicação dos casos não fraudulentos.

A transfiguração deve ser classificada entre os fenômenos extraordinário-normais.

Instituto Oncótoia

São Leopoldo

— BIBLIOTECA —

Materialização? - I

PODE UM HOMEM PRODUZIR INSTANTANEAMENTE UM NÔVO SER?

Fabulosas lendas. — Muito afirmam e nada provam. — As famosíssimas "aparições" de Bien Boa em Vila Carmen. — Os amôres dum cientista com a bela do "além". — Uma farsa bem montada.

Teorias da materialização — Nos capítulos precedentes estudamos as "aparições" que consistiam em mera transfiguração do dotado. Evidentemente essas aparições eram bem reais e vivas...

Dentro do espiritismo elas são explicadas pela desmaterialização de parte do médium. Com a matéria assim obtida, os espíritos dos mortos materializariam uma nova entidade, perfeita, também de carne e osso, com todos os órgãos perfeitos; entidade que animada por algum espírito do além, respiraria, teria pulsações, em suma, estaria completamente viva.

Sem admitir a interferência do além, alguns outros autores defendem também a materialização como produto, tanto material como anímico, do corpo e alma do dotado. Tratar-se-ia de uma transmutação: o dotado desmaterializar-se-ia num lugar para aparecer materializado, de diferente forma, em outro lugar. Nesta troca, também a personalidade se mo-

dificaria, afundando-se no inconsciente a personalidade oficial e emanando alguma das personificações que o inconsciente é capaz de representar (prosopopéia).

Para outros, a materialização não seria realmente viva, mas simplesmente teria aparência de vida, recebendo os impulsos psíquicos e físicos do dotado, que, tendo perdido muita substância, ainda continuaria a existir independentemente da aparição. A aparição seria resultado de uma fantasmogênese em maior grau de solidificação.

Questão de limites — Já falamos bastante, nos capítulos anteriores, a respeito das “materializações” que na realidade eram transfigurações. Nestes capítulos queremos estudar as experiências apresentadas, em prol da materialização.

Negaremos as materializações completas. São totalmente inexistente¹. Nem são animadas pelo além, nem são transmutações da matéria e do psiquismo do dotado, enquanto esta segunda classificação da materialização é diferente da transfiguração.

Na terceira classificação — um maior grau de fantasmogênese — é impossível precisar os limites com toda exatidão. Há uma zona intermédia entre fantasmogênese mais perfeita o menos perfeita materialização; entre rudimentarismo terminal e inicial perfeição; entre pouca sutileza e alguma solidificação; entre a irreabilidade fantasmagórica e aparência de vida real.

O veredicto é concludente nos extremos e cada vez mais indeciso à medida que se aproxima do centro.

Já estudamos e defendemos a fantasmogênese, sutil, sem vida, imperfeita. Negamos agora a materialização, sólida, com vida, perfeita.

Outros termos — A nomenclatura mais difundida e consagrada pelo uso é mesmo a palavra vernácula “materialização” e seu correspondente “desmaterialização”. É praxe, porém, que os nomes técnicos se formem do grego, e assim alguns autores introduziram os nomes “esteriose” (do grego esteréosis = ação de firmar, de solidificar) e “disteriose” (da mesma raiz grega, com o prefixo “dis” que indica inversão do processo).

Entre os poderes maravilhosos (aiçvaya) ou realizações (sinddhi) atribuídos aos yoguis, estão o “Içitrtva” ou “Içitâ” isto é, a faculdade de produzir, de fazer desaparecer e de transfigurar, à vontade, qualquer coisa, portanto também, o próprio homem; e ainda o “yatrakâmavasâyitva” ou faculdade de transformar as coisas ou o próprio homem, à vontade: por exemplo, um pássaro em néctar e vice-versa, ou o próprio yogui em outra pessoa.¹

A lenda — Além da lendária tradição oriental, também no ocidente há lendas antiquíssimas de materializações impressionantes, das quais se faz eco a fecunda imaginação de Homero, descrevendo, no século VIII antes de Cristo, uma cena impressionante:

“Chegamos ao lugar que nos indicara Circe. Lá, Perímedes e Eurílogo seguravam as vítimas e eu, tirando da bainha a cortante espada que levava à cintura, abri um buraco no chão de um côvado de lado...”

“Depois do ter rogado com votos e súplicas às gerações dos mortos, tomei as réses, degolei-as acima do buraco e correu o sangue escuro. E imediatamente se congregaram, saindo do Ércbro, as almas dos defuntos: mulheres jovens, mancebos, anciãos que noutra tempo padeceram males inumeráveis, ternas donzelas de alma angustiada por recente pesar, e muitos varões que morreram na guerra, feridos por brônzeas lanças, mostrando ainda ensanguentadas as armaduras. Agitavam-se todas com grandíssimo clamor ao redor do buraco, umas de um lado, outras de outro. Ao vê-las, apoderou-se de mim um pálido terror; em seguida, exortei aos companheiros e lhes dei ordem de que tirassem a pele das réses pegando-as do chão onde jaziam degoladas pelo cruel bronze e que imediatamente as queimassem, fazendo votos ao poderoso Hades, e à venerável Perséfone; e eu, tirando da bainha a aguda espada, que levava à cintura, sentei-me e não permiti que as vãs cabeças dos mortos se aproximassem do sangue antes de eu ter interrogado a Tirésias”.

“A primeira aparição foi a de meu companheiro Elpénor que ainda não recebera sepultura... Ao vê-lo, chorei... Ele exalou um suspiro... Sentados ambos, trocávamos tristes colóquios... Veio depois a aparição de minha defunta mãe Anticléia... Chorei ao vê-la... mas não permiti que se aproximasse do sangue, antes de interrogar a Tirésias... Veio depois o espírito de Tirésias... reco-

1. “Yogasutra”, III, 44 ou 45 segundo as edições.

nheceu-me e me falou desta maneira: ‘... Ulisses, fecundo em ardis... afasta-te do buraco e retira a aguda espada para que, tendo bebido o sangue, eu te revele a verdade que procuras...’”

“O exímio adivinho bebeu o sangue preto... Veio minha mãe e bebeu o sangue preto. Rêconheceu-me e falou-me entre soluços...”

“Vieram... quantas mulheres foram esposas e filhas de ilustres varões. Reuniram-se em tropel em redor do sangue preto... Desembainhei a aguda espada... e não permiti que bebessem a um tempo o denegrado sangue. Então foram se aproximando sucessivamente... e a todos fui interrogando...”

São inúmeras as lendas sobre materialização.

As experiências MODERNAS — Os defensores da materialização sempre estiveram à procura da prova decisiva: para garantir que a aparição não é o próprio médium (só se pensava no truque) procuravam fotografar, ou ao menos ver, ao mesmo tempo, a aparição e o médium.

Richet dizia: “Lamentavelmente a materialização é um fenômeno excepcional que bem poucos médiuns têm possibilidade de apresentar com suficiente nitidez e intensidade para que se possa, obter, sobre o mesmo clichê, o médium e seu fantasma, (materialização)”/

Analisaremos estes “bem poucos médiuns”.

Lombroso destaca, que as “materializações” são muito escassas em comparação com as ecto-colo-plasmias. E ainda devemos ter presente que Lombroso põe na conta de materializações as fantasmogêneses, as mesmas transfigurações e inclusive casos fraudulentos: “Salvo os casos excepcionais de Katie King, em Londres, e de Leonora em Barcelona (!?)..., raras vezes vemos rostos e corpos completos e mais frequentemente vemos alguns membros, a mão, um braço etc., que saem de alguma parte do médium ou entre as cortinas da cabina mediúnica... E apalpando-os, raramente e por pouquíssimo tempo verificamos seu estado sólido; ao contrário,

2. Homero: “Odisséia”, canto XI.

3. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 606. Existe tradução espanhola: “Tratado de Metapsíquica e nuestro sexto sentido” (correspondendo a dois livros de Richet), Barcelona, Araluca, 1923. Tradução portuguesa: “Tratado de Metapsíquica”, 3 tomos, São Paulo, Lake, s. d. (1964-5).

frequentemente sentimos sair dentre as cortinas ou da saia da médium um corpo fluídico que se infla e se desvanece sob a nossa pressão...”⁴

As melhores experiências — Deixamos para o apêndice III as fraudes e as orientações gerais a respeito da observação dos fenômenos da pretendida materialização. Aqui analisaremos, um por um, aqueles casos que os defensores da materialização apresentam como mais convincentes. Os que lerem livros espíritas encontrarão sempre citados e mal interpretados estes casos.

Como já sabemos, segundo a maioria dos defensores da materialização, a melhor prova seria constituída pelas experiências de Crookes, com a senhorita Florence Cook, nas quais se teria materializado Katie King. Assim, por exemplo, escrevia Petrovo-Solovovo: “E* certamente muito desanimador que, após mais de um quarto de século de intervalo (hoje já faz quase um século), sempre tenhamos que invocar as aparições de Katie King como a prova principal da realidade das materializações”.^{1*}

E, analisando o conjunto dos fenômenos da materialização, Róiirc escrevia: “De fato, Eusábia Palladino não tem podido eclipsar a Srta. Cook e seu espírito (Katie King) e é sempre a este que os espíritas gostam de enviar os céticos”/

Já vimos que o melhor caso de materialização, o caso predileto nas citações dos espíritas, na realidade, nada tem a ver com materialização (e evidentemente, muito menos com os espíritos dos mortos).

Depois do caso Katie King, as experiências dirigidas por Richet, em Vila Carmén, são sem dúvida os argumentos que os defensores da materialização consideram melhores. Das

4. Lombroso, Cesare: “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Torino, Un. Tip. Ed. Torino (Utet), 1909. Nós utilizamos a tradução portuguesa por Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo e Mediunidade”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 279 s.

5. “Annales des Sciences Psychiques”, 1900, janeiro-fevereiro.

6. Roure, S. J., Lucien: “Le Merveilleux Spirite”, 7.^a ed., Paris, Beauchesne, 1931 (1.^a ed. 1917), pág. 67. Possuímos também a tradução italiana por Masini: “Lo spiritismo davanti alla scienza e alla religione”, Milano, Vita e Pensiero, 1920.

fotografias que, nessa ocasião, se tiraram, um famoso espírita, o escritor sir Oliver Lodge^{7 8} dizia que eram, pelo seu conteúdo, as mais importantes de toda a história da investigação metapsíquica. E para De Vesme, eram um modelo de investigação científica; toda a investigação anterior, ao menos no que se refere ao tema da materialização, teria menos importância.

Dessas experiências, dizia o próprio Richet: “Tais são as experiências que eu fiz em 1906 com Martha (Braud). Parecem-me de uma importância extrema”.

Ora, como muito bem diz o Dr. Grassct, glosando o próprio Richet, se provarmos que estas experiências não demonstram a materialização, teríamos provado que não há argumento nenhum a favor da materialização: “É necessário concluir dos trabalhos contraditórios publicados, que esse facto (as experiências de Vila Carmén) não apresenta ainda a prova científica esperada da materialização. Como, por outra parte, o próprio Charles Richet diz, neste mesmo trabalho, que antes de Bien Boa (a materialização em Vila Carmén) ainda não tinha sido dada a prova da aparição (materializada) . . . estamos obrigados a concluir que esta prova não existe ainda hoje”.⁹

As nsKsoNAiêENS — Desde 1901, moravam em Vila Carmén, em Argel, o rico general Noel e sua esposa. Esta era espírita praticante. Desde 1394, vinha recebendo “visitas do além” (?) por intermédio de vários médiuns. As principais aparições eram as de Bien Boa e sua irmã Bergólia, sacerdote e sacerdotiza hindustanis, falecidos havia já 350 anos (outras vezes se diz 3 000 anos; e Bergólia teria sido rainha egípcia e é chamada Fígia; em todo caso, estes “espíritos” esqueceram-se da reencarnação tão defendida pelos mesmos espíritas que defendem a materialização).

Um filho do general Noel, morreu prematuramente no Congo. A esposa, desde então, se tornou uma espírita ainda mais convencida no anseio de ter notícias do filho.

7. Lodge, Sir Oliver: “Sur les photographies algériennes du professeur Richet”, em “Annalles des Sciences Psychiques”, 1905, págs. 713 ss.

8. Richet, Charles: “Traité...”, o. c., pág. 679.

9. Grassct, Joseph: “Le spiritisme devant la Science”, Montpellicr, Coulet, 1904, pág. 373. Tradução inglesa: “The Marvels Beyond Science”, New York and London, 1910.

Passou a ser a principal médium uma jovem de 16 anos, Martha Béraud, noiva do falecido filho do general e filha, por sua parte, também de um oficial superior.

Acompanha as sessões, como médium secundária, uma empregada negra, também muito jovem, Aischa.

Reatam-se agora, com mais frequência, as aparições de Bien Boa, que diz ter sido amante da esposa do general na reencarnação (!?) anterior.

A esposa fez publicar na “Rcvue Scientifique et Morale du Spiritisme” de Paris pormenores destas “materializações”¹⁰ e convidou a Charles Richet que viesse a Argel. Richet, com efeito, aceitou. Translada-se a Vila Carmén em companhia da médium inglesa, senhora Fink, e de Gabriel Delanne, naquele tempo diretor da citada revista e chefe do espiritismo francês.

Descrição do novo “vivo” — Perante Richet, continua a aparecer Bien Boa, perfeitamente “materializado”. Na primeira relação que fez dessas experiências, diz Richet, referindo-se a Bien Boa:

“Anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa força muscular. Não é uma figura de gesso, nem manequim, nem uma imagem refletida num espelho. É um ser vivo, é um homem vivo... Ele possui todos os atributos da vida. Eu o vi sair da cabina, caminhar, ir e vir pela sala. Ouvi o barulho dos seus passos, sua respiração e sua voz. Toquei sua mão diversas vezes. Esta mão era articulada, cálida, móvel”.¹¹

Anos mais tarde, no seu famoso “Tratado de Metapsíquica”, Richet insistiria:

“O fantasma (?) de Bien Boa apareceu várias vezes, 5 ou 6... Esse fantasma (?) ia, caminhava, movimentava-se; distinguam-se seus olhos que olhavam lentamente ao seu redor; via-se, quando tentava de falar, que seus lábios se agitavam”.

10. “Rcvue scientifique et morale du Spiritisme”, 1902 até 1905. Outras três testemunhas daquelas primeiras “materializações” publicaram, após as experiências de Richet, os relatórios que, até então, tinham mantido inéditos. Duas delas inclusive se refugiaram sob pseudônimo X e Y: “Les séances de matérialisation de la Villa Carmén”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 65 ss.; e Dr. Decréquy: “Les phénomènes de la Villa Carmen en 1902 et 1903”, ibidem, págs. 335 ss.

11. Richet, Charles: “De quelques phénomènes dits de matérialisation”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1905, pág. 649.

“De tal maneira tinha aparência de vida que imaginei a seguinte experiência: peguei um vidro cheio de água de varita e procurei saber se, respirando — porque se ouvia a sua respiração — o fantasma (?) produzia, como os seres vivos, gás carbônico de modo a turvar a água de varita. Ora, a experiência teve êxito. Bien Boa soprava dentro do tubo e ouvia-se o ‘glu-glu’ do ar que borbulhava... Vimos a varita branquear”.¹²

O que dizer destas “materializações” tão citadas, consideradas pelos defensores da materialização como decisivas? Na realidade, são experiências lamentáveis, péssimas, pura fraude...

Dentre as inúmeras críticas que os cientistas fizeram às experiências de Vila Carmén, extrairemos só algumas, incontáveis e arrasadoras.¹³

O cientista apaixonado ... — Em primeiro lugar, as disposições psíquicas de Riehet, nestas experiências, são as piores possíveis para uma investigação científica. Riehet fora a Vila Carmén com um angustioso desejo de ver uma rainha egípcia que, noutras ocasiões, lhe aparecera “materializada” e por cuja beleza ficara apaixonado. Para satisfazer este ardente desejo, Riehet empreendeu aquela fatigante viagem, em companhia da médium profissional senhora Fink que, em experiências anteriores, fôra quem lhe teria posto em comunicação com a princesa e que lhe dera esperança de novas comunicações em Argel.

Mais adiante, quando quiseram reter o enamorado Riehet em Vila Carmen, não precisaram mais do que prometer-lhe que veria a rainha egípcia! Escreve o próprio Riehet:

“Na véspera do dia em que eu deveria, após uma longa permanência, partir de Argel, Bien Boa, falando pela voz de Martha, disse-me, tentando reter-me: ‘Fica, verás aquela que desejas’. Compreende-se que fiquei”.

12. Riehet, Charles: “Traité...”, o. c., pág. 659 e nota da pág. 660.

13. Para uma visão geral da polémica que os cientistas mantiveram contra Riehet e seus seguidores, veja-se Maxwell, J.: “Les séances de la Villa Carmen et leurs critiques”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 197 ss., e “Les dernières séances de la Villa Carmen”, ibidem, págs. 252 ss.

No dia seguinte, apresentaram a “materialização” da rainha egípcia, e Riehet se refere a ela com palavras de enamorado:

“No dia seguinte, em muito pouco tempo, quase logo depois do fechamento das cortinas, estas se reabrem, e na pequena abertura entre os dois lados, apareceu uma figura de mulher jovem, extremamente bela ou melhor, a mesma beleza, com uma espécie de cinta dourada, de diadema, recobrando seus cabelos louros e o alto da cabeça”.

A impressão que a jovem beleza feminina causou a Riehet durou-lhe muitos anos, de forma que, 16 anos mais tarde, escrevia: “Creio estar lhe vendo ainda o riso e os dentes encantadores (èblouissants)”.¹⁴

Compreender-se-á que, neste estado de ânimo, Riehet só linha olhos para contemplar a aparição e não para investigar.

E o que dissemos com respeito à rainha egípcia, lamentavelmente devemos repeti-lo para as observações anteriores. Antes, na ausência da rainha egípcia, Riehet ficou apaixonado pela jovem Martha Béraud, que agia como médium.

Quando Riehet apresenta Martha Béraud, nos oferece dados que, do ponto de vista científico, nada interessam, a não ser para compreendermos que a jovem médium de 16 anos lhe fizera impressão:

“A médium era Martha Béraud, filha de um oficial superior, noiva do filho do general... E' uma mocinha de pequeno talhe, morena, olhos vivos, cabelos bastante curtos, muito inteligente e muito viva”.¹⁵

O sábio fisiólogo, que em laboratório é tão bom investigador de tecidos de mortos, perdia todas as suas qualidades de investigador, quando, fora do laboratório, tomava como objeto das suas experiências seres vivos, jovens, com belos atributos femininos.

O controle que o enamorado Riehet exercia era pouco convincente. Parece que só se interessava pelo controle da médium...

14. Riehet, Charles: “Traité...”, o. c., pág. 663.

15. O. c., pág. 657.

"Por causa da temperatura extremamente elevada ela (Martha) trazia apenas uma roupa muito fina e, como eu fazia alguns passes magnéticos para acordá-la do transe, podia assegurar-me, apalpando-lhe todo o corpo, que ela não tinha mais nada sobre si além desse vestido muito fino".¹⁶

Não há por que frisar que esses "passes magnéticos" eram completamente desnecessários.

Falta de precisão — Em contraste, os demais controles eram muito escassos, evidentemente insuficientes, o que, do início, desacredita a experiência, que tem por fim demonstrar nada menos que a materialização.

"A sala onde se realizavam as experiências estava num pequeno pavilhão isolado, em cima de uma estrebaria, embaixo de um celeiro: A janela fora eliminada e ficava sempre fechada. A única porta existente era fechada com chave, no início de cada sessão... No fundo do recinto, duas cortinas estendidas isolavam do rosto da sala uma espécie de cabina completamente escuras... A luz (fora da cabina) era fornecida por uma lâmpada vermelha, como essa que se emprega para revelar fotografias".

Não foi examinado nenhum dos assistentes (entre os quais se encontravam Maria e Paula, as duas irmãs menores de Martha). Nem Aischa, a ajudante de Martha, era examinada, agarrada ou submetida ao mínimo dos controles exigidos com qualquer experiência parapsicológica.

Richet diz: "Posso afirmar, com absoluta certeza, que nenhuma pessoa estranha poderia penetrar lá durante as experiências".¹⁷

Como pode afirmar isto? Como veremos a seguir, o papel dos empregados nas "materializações" foi importante. E as sessões se realizavam, sem que Richet se opusesse, justamente num pavilhão aonde continuamente tinham acesso os empregados. Estes o conheciam pois, melhor do que ninguém. Aí poderiam preparar qualquer tipo de entradas secretas. . . Nada mais oposto a um laboratório científico para experiências tão revolucionárias.^{18 19}

16. Richet, Charles : "Traité... ", o. c., pág. 659.

17. O. c., págs. 657 s.

18. A respeito do escasso controle, além do livro de Richet, veja-se o depoimento (a favor das experiências) que uma testemunha faz refugiando-se sob pseudônimo (aliás, o próprio Richet apresenta esta teste-

Como constatou o Dr. Rouby: "No pavilhão havia muitas coisas que não deveriam estar lá, se se quisesse fazer dele um laboratório sério. Por exemplo, para que uma banheira, um aparelho de calefação e um baú velho? Realmente, poder-se-ia brincar de esconderesque naquele aposento... Havia nele, além disso, uma grande mesa redonda... Tal como estava constituído (lembramos, além disso, a estrebaria embaixo e o celeiro em cima), era um ninho de fraudes. Podia servir para um homem que quisesse divertir-se, mas não para um homem que quisesse estudar..."²⁰

Tudo isto indica as poucas precauções que, de fato, se tomaram para experiências que requereriam o máximo de precaução.

A própria Martha disse ao advogado Marsault, no inquérito que este realizou:

"Aliás, o Sr. Richet não havia tomado nenhuma precaução. Era o Sr. Delanne (o chefe do espiritismo francês!) quem *mui ligeiramente* inspecionava a sala, e o Sr. Richet confiava na inspeção dele..."

"O Sr. Richet não era sério. Que interesse tinha, então, em propalar este assunto? Como podia ter semelhante credulidade um sábio como ele? Ele veio a Vila Carmén, convencido de antemão, não tanto para ver Bien Boa, quanto pela esperança de encontrar lá, materializada, uma amiga do além, Fígia, antiga sacerdotiza, com a qual ele já estivera em comunicação pelo seu médium ordinário, Sra. Fink".²⁰

Maria, a cozinheira da casa, declarou ao Dr. Rouby, entre outras coisas:

**niunha sob o mesmo pseudônimo*): Mademoiselle X: "A propos des recentes expériences d'Alger", em "Annales des Sciences Psychiques", 1905, págs. 724 ss.

Pelo demais, toda a bibliografia que citamos nesta análise serve para se fazer cargo do mínimo controle exercido.

19. Dr. Rouby na comunicação apresentada ao "XV Congresso Internacional de Medicina", celebrado em Lisboa em 1906, Lisboa, Tipografia Adolfo de Mendonça, 1907; o documento é reproduzido para maior facilidade de consulta por Heuzé, Paul: "L'Ectoplasme", Paris, La Renaissance du Livre, 1922, onde as palavras que citamos estão na pág. 60.

20. Carta aberta do Dr. Marsault à Sra. do General Noel, publicada em "Nouvelles d'Alger" a 17 de março de 1906, documento também reproduzido por Heuzé, Paul: "L'Ectoplasme", o. c., pág. 246.

"Martha não nos contou tudo (no começo). A princípio, tinha um pouco de medo, não precisamente do Sr. Delanne mas do outro (Richet) que, segundo parece, é um grande sábio. Ela não queria trazer Bien Boa diante dele: mas quando viu que o Dr. Richet não reparava em coisas pequenas, já não se inquietou mais".²¹

Fraudes com terreno "firme" — Com o escasso controle que Richet exercia, compreende-se que todas as classes de fraude eram fáceis. Houve fraudes até ofensivas.

A Sra. Portal, por exemplo, declarou ao Dr. Rouby que, em certo momento das sessões, soltaram um pombo no quarto, o que causou imenso sucesso como se tivesse sido uma materialização ou um aporte. Não obstante, o pombo estava em "mon pantalon"! declarou a Sra. Portal. Noutra ocasião, uns pássaros que foram "materializados" tinham sido escondidos previamente na banheira.. *...²²

Naquelas condições e naquele local, domínio dos empregados, compreende-se como teria sido também fácil a êlcs, comparsas de Martha, entrarem e sair por uma porta falsa. Há muitos indícios dessa porta falsa. O curioso é que o próprio Richet nos fornece alguns dados para suspeitarmos da existência duma porta falsa no assoalho, quando descreve o aparecimento o desaparecimento de Bien Boa como a partir de vapor.

"Depois de uma bem longa espera, vi, muito perto de mim, a menos de 40 centímetros, diante das cortinas, sem que estas se mexessem, um como vapor branco".

(Na escuridão, qualquer gaze ou fazenda branca parece vapor, mas o próprio Richet faz suspeitar que se trata de fazenda branca).

"Era como um véu branco, um lenço sobre o chão". ****

21. Dr. Rouby: no "XV Congresso...", reprodução por Hcuzé, Paul: "L'Ectoplasme", o. c., pág. 67.

22. Depoimento da Sra. Portal, junto com outros dados importantes contra o caso Bien-Boa, num primeiro inquérito realizado pelo Dr. Rouby: "IBien-Boa et Charles Richet", em "Bulletin médical d'Alger", 1906, págs. 662 ss. As frases citadas estão na pág. 668. O trabalho é também recolhido noutra das obras de Heuzé, Paul: "Ou en est la Métapsychique?", Collection des Mises au Point, Paris, Gauthier-Villars, 1926, págs. 122 ss.

E continua sua descrição nas seguintes linhas que claramente fazem suspeitar da porta falsa no assoalho:

"Esta brancura se eleva, se arredonda; já é uma cabeça que está ao rés do chão; eleva-se mais ainda, cresce, e chega a ser como uma forma humana, um homem de pequena estatura, vestido de turbante, de um manto branco e com barba. Vai claudicando ligeiramente da minha direita á minha esquerda, diante das cortinas".

"G. Delanne viu o mesmo fenômeno, mas como estava um pouco mais longe, não pôde distinguir, tão nitidamente como eu, o aparecimento do iantasma (?) debaixo do chão".

O próprio Richet, suspeitou do fato de uma porta falsa: "A única explicação possível, não metapsíquica, parece-me ser, de início, um alçapão, que se abria e fechava". Com isto nos confirma que os movimentos da aparição eram bem os de alguém que sai por um alçapão. E Richet se defende, dizendo: "Mas não havia alçapão como eu constatei, no dia seguinte de manhã, e como atesta um processo verbal do arquiteto".

Ora, é claro que um alçapão secreto não é facilmente descobrível e menos ainda com o desconhecimento de mágicas que tinha Richet e com as observações superficiais que sempre fez em todo o caso de Vila Carmen. E é evidente que o alçapão (ou mais de um, ou alçapão de grandes dimensões) não foi feito pelo arquiteto, mas pelos empregados que colaboravam com Martha nesta farsa.

E' até ridículo: em todo este caso fala muito alto contra a sagacidade de Richet, ao menos neste episódio da Vila Carmen, o fato de não saber interpretar nem sequer o barulho característico feito ao empregar-se o alçapão:

"Então, chegou (Bien Boa) perto do general; sumiu bruscamente sob o chão (evidentemente sumira no alçapão), com um som de 'clac-clac' (interessante pormenor!) achatando-se diante das cortinas. Três ou quatro minutos depois... a forma reaparece, elevando-se do chão, em linhas retas, nascendo do chão, por assim dizer e reentrando em seguida no chão, com o mesmo barulho de 'clac-clac' ²³".

Mais elementos significativos nos dera antes Richet, em outro trabalho no qual se referia ao mesmo episódio.

23. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pág. 660.

"Bien Boa... anda cocheando e hesitante... Em certa ocasião, escorregou e quase caiu, mancava como se a perna não o pudesse suportar... Subitamente mergulha, desaparecendo no chão; ao mesmo tempo ouve-se um 'clac-clac' como o ruído de um corpo atirado ao chão... Pouco depois... bem aos pés do general... sobe rapidamente, quase vertical, atinge a altura de um homem; então, de súbito, cai no chão, com o mesmo barulho 'clacdac' de um corpo que tomba".

E ninguém pense que se trata de uma desmaterialização: é mesmo uma queda no alçapão! Tanto que, ao perder o equilíbrio, abre os braços, instintivamente, e como expressamente diz Richet:

"O general sentiu o choque dos membros que, caindo, bateram violentamente em suas pernas".²⁴

Confissão dos cúmplices — Richet estava assistindo simplesmente à repetição de um truque; já antes muitas vezes repetido. Os motivos nos são dados pela própria, Martha Béraud, noutra das suas confissões, desta vez à Sra. Camila Cochet:

"A esposa do general é uma pobre degenerada (especialmente depois da morte do filho, como já indicamos) que tem absoluta necessidade de um fantasma. Quando Bien Boa não aparece, ela adocece, não come, e toma morfina em grande dose.

Por outro lado quando ela lançava mão do criados (aos quais obrigava a se fazerem médiuns), ou do médiuns assalariados, houve muitas chantagens de pessoas que exigiam dela dinheiro sob ameaça de difamação. Nessas circunstâncias, não era melhor operar eu mesma?"

²⁴Tudo se reduzia a isto: a uma fantasia de uma velha neurótica e rica. O general deixava o barco correr. Toda

24. "Annales des Sciences Psychiques", 1905, II, pág. 273. Servimo-nos aqui da reprodução feita por Conan Doyle, Sir Arthur: "The History of Spiritualism", na tradução por Abreu Filho, Júlio: "História do Espiritismo", São Paulo, O Pensamento, 1960, págs. 343 s., embora na nota que coloca ao pé da página o tradutor não cita corretamente a revista original que, corrigindo os erros, citamos nós no começo desta nota. Tradução espanhola: "El espiritismo. Historia, doctrina, hechos", Buenos Aires, Schaire, 1852; conhecemos também outra tradução espanhola por Dial Retg., E. (sic), Madrid, Biblioteca del Más Allá, 1927.

Argel ria.²⁵ Ninguém pode compreender como um homem com o nome de Richet possa ter-se deixado enganar..."^{25 26}

Um dos médiuns assalariados a que alude Martha, foi uma atriz de teatro, espanhola, conhecida como Madame Vegê, pseudônimo formado pelas iniciais do nome verdadeiro, Vicenta Garcia.

Madame Vegê trabalhava então no Teatro Municipal de Argel, donde tirava as vestes de grande gala, requeridos quando Bien Boa devia apresentar-se vestido de mago do Oriente.

O Dr. Rouby, numa série de documentadíssimos artigos num jornal de Argel, invalidou completamente as pretendidas materializações do Vila Carmen. As confissões dos próprios cúmplices da farsa, os pormenores do "modus operandi" e enfim, toda a documentação precisa do Dr. Rouby não admitem a mínima defesa em prol das materializações realizadas por Martha Béraud e seus comparsas.^{27 28}

O Dr. Rouby, que residia também em Argel, nos seus amplos inquéritos,²⁹ comprovou, entre outras muitas coisas, a seguinte:

"Foi a médium Vegê quem ensinam a Martha a arte das materializações. Foi ela quem lhe ensinou (a representar) Bien Boa e a maneira de se servir dele. Logo Martha se avantajou à sua mestra, que não apareceu mais senão em circunstâncias especiais. Cada dia, e várias vezes ao dia, Martha representava Bien Boa. Depois, ela mesma veio a ser professora de reencarnação (materializações) ensinando a arte psíquica a Arcski (o cocheiro da casa), a Luisa,

25. A respeito das sessões anteriores à vinda de Richet, a que várias vezes aludimos, e cujos relatórios foram publicados na principal revista espírita da França, veja-se a severa crítica que os especialistas ingleses fizeram em "Proceedings of Society for Psychical Research", XXVII, págs. 333-313.

26. Heuzé, Paul: "IVectoplasme", o. c., pág. 70.

27. Série de artigos aparecidos em "Des Nouvelles d'Alger" durante o mês de março de 1906: "Bien Boa, conférence du Dr. Rouby"; "Lettre ouverte de M. le Dr. Rouby à M. Delanne" (em contestação a "Une lettre de M. J. Delanne" aparecida no mesmo jornal); "Témoignages importants"; "Quelques commentaires au sujet d'un démenti".

28. Além das publicações já citadas, o Dr. Rouby publicou outros muitos dados importantes que refutam as materializações de Bien Boa, como "La Villa Carmen avant Richet" e "Les médiuns de la Villa Carmen du temps de Charles Richet", em "Les Nouveaux Horizons de la Science et de la Pensée", 1906, págs. 460 ss.; Mlle. Marta B. et une lettre de M. Delanne", ibidem, 1907, págs. 17 ss.

a Paula, a Maria e a bastantes outras, de modo que temos atualmente, em Argel, Bien Boas altos, pequenos, gordos, magros, de pele morena e de pele branca, de mão ossuda e de mão carnuda, de sexo masculino e de sexo feminino".²⁹

Quando não era ela própria quem representava Bien Boa, Martha não podia fazer outra coisa senão rir, vendo a representação que realizavam seus "discípulos". O general, que sabia de toda a farsa, interpreta genialmente o riso de Martha num comentário que, irônicamente, inclui nos relatórios para os espíritas franceses:

"Admitir Martha Béraud (na sala das sessões)? Nem sonhar! Porque ela, na sala, é tomada de um riso louco puramente nervoso... (!?) mas que perturba completamente a harmonia necessária para a obtenção de belos fenômenos", w

Como dizia Amada Beck, que também foi, quase de improviso, introduzida na cabina para representar, e com êxito, o papel de Bien Boa, "procurava-se apenas uma coisa: divertir-se, dando satisfação às manias doentias da generala".³⁰

Falsa argumentação — São muito ingênuos os dois argumentos empregados por Richet quando pretende provar que Bien Boa nunca era Martha disfarçada. Primeiro argumento :

"O fantasma de Bien Boa apareceu várias vezes, 5 ou fi, o isso em condições absolutamente satisfatórias, no sentido de que não se podia supor que era Martha disfarçada com um capacete e um pano. Teria sido necessário trazer várias vezes esse capacete, esse pano, esse albornoz".

Ora, nas circunstâncias que descrevemos, pelas indicações dos próprios artífices da farsa, nada teria custado introduzir na sala aquele material.

O segundo argumento que Richet apresenta é igualmente nulo:

29. Heuzé, Paul: "L'Ectoplasme", o. c., pág. 63.

30. "Revue Scientifique et morale du spiritisme" número de abril, de 1905.

31. Depoimento de Amada Beck a Heuzé, Paul: "UEetoplasme", o. c., pág. 72.

"Bien Boa... era mais alto e maior do que poderia ser Martha mesmo que ficasse em pé..."

Em primeiro lugar, poderia ser qualquer dos comparsas de Martha, mas poderia ser também a própria Martha, porque nada lhe seria mais fácil do que subir sobre qualquer coisa para enganar o já iludido Richet. O curioso é que o próprio Richet, pela descrição que faz da aparição, já nos dá a entender que Martha estava sobre alguma coisa:

"Bien Boa, no ângulo esquerdo da cortina, parecia flutuar no ar, mais alto e maior do que poderia ser Martha..."

Onde estava a médium? — E além do mais não se via Martha, aparecendo apenas lá onde ela deveria estar, por detrás de Bien Boa, uma forma que poderia ser qualquer disfarce vazio:

"Por minha parte, eu distinguia a forma de Martha muito bem".

"Muito bem"? Não; porque acrescenta:

"Mas não lhe pude ver nem a cabeça nem o ombro direito".

Claro está que não podemos tomar em consideração o testemunho de Delanne, que em todos os seus escritos se mostra defensor de qualquer teoria que favoreça o espiritismo mesmo que seja violentando a lógica:

"Eu dizia e repetia a Delanne: 'Estás vendo Martha?' Ele me dizia e me respondia: 'Vejo Martha toda inteira'".³²

Aliás, é bem esquisito este "toda inteira", que parece muito pouco natural. O mais que podia responder seria "sim, vejo Martha", considerando o disfarce vazio como se fosse Martha.

Em todo caso, todo esse "eu dizia e repetia", "êle me dizia e repetia", claramente indicam que Richet não estava nada certo de não ser a própria Martha que estava a representar Bien Boa...

Richet publicou uma fotografia do fato, que muito bem confirma esta suspeita de ser um disfarce vazio o que tomavam por Martha.

32. Richet, Charles: "Traité...o. c.", págs. 659 s.

O pintor Gabriel von Marx demonstrou que o vulto, ao lado de Bien Boa na fotografia, não era Martha, mas apenas roupas e mangas vazias.³³

Por sua parte, o cocheiro Areski, no interrogatório que lhe fez o Dr. Rouby, nos dá a mesma explicação:

— “Nesta fotografia, quem está sentado na cadeira?”

— “Ninguém. Isto é uma trouxa de roupa branca, coberta com uma camisola e uma fralda. A Srta. Martha tem talhe mais fino do que aí se vê”.³⁴

E esta é a única fotografia que Richet publica! Considerava-a a melhor!

Bien-boa era a médium — Antes da vinda do Dr. Ilchiet a Vila Carmen, assistiam às sessões, entre os espectadores, os irmãos Lucien e Charles Tanin. Este descreve assim a sessão:

“No fundo da sala, onde uma sugestão de luz vermelha estava quase afogada por espessas trevas, algo vaporoso, idealmente branco, impalpável (na escuridão, qualquer pessoa disfarçada de gaze ou musselina branca parece vaporosa e impalpável) surge do solo levanta-se e toma forma”.

“A minha emoção, como podes crer, era imensa!... Mas, nesse momento preciso, uma súbita chama: era Lucien que acabava de bater uma chapa com magnésio... Envio-to essa foto. Verás que essa brancura, proveniente do além, apresenta o aspecto enrugado de um véu de comunhão que esteve dobrado no bolso da médium. Com um pouco de atenção, reconhecerás o rosto da que o traz, na parte superior da figura, através do véu”.

Heuzé publica a fotografia: distinguem-se inconfundíveis as linhas do rosto de Martha Béraud, através do véu de aparência do gaze ou musselina, claramente enrugado com que se disfarça para representar Bien Boa.³⁵

O cocheiro Areski, nas explicações que deu ao Dr. Rouby, nos dá vários pormenores dos truques empregados na farsa:^{33 34 35}

33. O trabalho foi publicado, aliás, numa revista bem pouco suspeita de anti-espiritismo, “Psychische Studien”, 1906, onde se publicam também outras críticas. Cfr. também a reportagem do Paul Heuzé em “UV Opinion” de 1.º de dezembro de 1922.

34. Rouby no “XV Congresso...”, reprodução de Heuzé, Paul: “L’Ectoplasme”, o. c., pág. 65.

35. Heuzé, Paul: “L’Ectoplasme”, o. c., pág. 140 e gravura 3.

— “Que coisa era o capacete de Bien Boa?”¹

— “Bien Boa não trazia capacete nenhum. O que parecia capacete não era mais do que o meu turbante, envolvido num lenço de seda amarela, disposto à moda árabe e puxado para trás”.

“O fato de um lenço parecer metálico, era devido a efeitos de luz...”

— “E a veste, era de musselina?”

— “De maneira nenhuma. Era uma veste árabe chamada jai-que, semelhante à musselina que o senhor me mostra, porém se-

l dos a”.

— “Onde escondias a tua veste quando tinhas que representar o papel de Bien Boa?”

— “Eu tinha uma veste completa no quarto de banho da esposa do general. Era ali que eu me vestia quando trabalhava no aposento dela. Quando a sessão tinha de se verificar no pavilhão, eu o levava para lá algumas horas antes”.

— “Representaste Bien Boa em presença do Sr. Richet?”

— “Foi a Srta. Martha quem o representou quase sempre; porém, várias vezes, eu estava escondido enquanto ela operava e ajudava-a”.

— “.. Aischa dormia?”

— “Fingia que dormia”.

— “Areski, olha esta fotografia. Estás vendo esta barba? Que é isso?”

— “Isto, senhor, é o ‘crepe’ da Srta. Martha; usa um, como êste, no penteado, para aumentá-lo”.

“Se se olhar a fotografia com lente, ver-se-á que o grosso b:godc de Bien Boa é idêntico aos ‘crepes’ que as senhoritas, ordinariamente, usam”.³⁶

E, com efeito, Heuzé examinou com lupa a barba na fotografia original e percebeu que, evidentemente, não era barba, e sim “crepe”.³⁷

Alguns comentários — No texto que acabamos de citar, Areski descreve a barba de Bien Boa. O próprio Richet a descreve cuidadosamente:

36. Rouby no “XV Congresso...”, reprodução por Heuzé, Paul: “L’Ectoplasme”, o. c., pág. 65 s.

37. Heuzé, Paul: “Où en est...”, o. c., pág. 120.

"Uma espessa barba negra, como postiça, parece adaptada à boca e ao queixo".³⁸

E, efetivamente, o Dr. N. Vaschide, amigo particular de Richet, objetava-lhe que "a barba parece estar colada no fantasma".^{38 39 40 *}

Arcski diz também no texto citado, que escondia o disfarce no banheiro da mulher do general quando devia representar Bien Boa nos aposentos dela. O próprio Richet confirma o fato bem ingenuamente:

"No dia seguinte, no aposento da esposa do general Noel, que estava de cama, doente, eu entrevi vagamente, no banheiro, uma forma fugaz que desapareceu quando me aproximei. Mas esta última lembrança é muito confusa".⁴¹

Arcski surpreendido, não teve tempo, desta vez, de se preparar, e teve de se esconder...

E o que diz Arcski do disfarce escondido no pavilhão, foi confirmado noutra ocasião, com flagrante descoberta do truque. Escreve o Dr. Rouby:

"Martha, na sessão de 27 de agosto, estava de mau humor... saiu da cabina... mas se esqueceu de fechar as cortinas, dando uma prova concludente da fraude, prova verificada por todas as pessoas presentes, prova que foi consignada na página 189 da 'Revue du Spiritismo', mas que não foi publicada por Richet, como seria seu dever na qualidade de experimentador honesto. Eis o que sucedeu: através da abertura das cortinas da cabina da materializações, todos podiam ver, suspenso numa espécie de cabide, uma parte do 'jaque' que servia de vestuário a Bien Boa. E não foi só por alguns segundos que isto pôde ser visto, mas durante longo tempo... As cartas da senhora Marsault e do pai de Martha (falando da fraude), não foram publicadas por Richet. Ele as escondeu".⁴²

Mas a covardia de Richet de nada adiantou: foram depois publicadas, juntamente com outros muitos detalhes esmagadores da farsa de Vila Carmen, pelo advogado Sr. Marsault.⁴²

38. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pág. 662.

39. "Journal des Débats" de 17 de fevereiro, de 1906.

40. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pág. 664.

41. Heuzé, Paul: "Où en est...", o. c., pág. 122.

42. Dr. Marsault: "Mon témoignage concernant Bien Boa", em "Nouveaux Horizons de la Science et de la Pensée", novembro de 1906,

A falsa rainha — O cúmulo do atrevimento por parte dos farsantes de Vila Carmen, é a "materialização" da rainha egípcia, que Richet tanto desejava ver.

Não é preciso muito para refutar esta materialização. Bastava a ir comentando a própria descrição que oferece Richet.

"Eu pude ver, em Vila Carmen, uma outra materialização muito precisa".

E segue a descrição romântica que já citamos:

"Na véspera do dia em que eu deveria... voltar de Argel, Bien Boa falando pela voz de Martha, com intuito de me reter, disse-me: 'Fica! Verás aquela que desejas'. Compreende-se que eu fiquei".

"Ora, no dia seguinte, muito pouco tempo, quase em seguida após as cortinas se fecharem; voltaram a se abrir e, entre elas, apareceu uma figura de mocinha, extremamente bela, ou melhor, a mesma beleza..."

Evidentemente, era mais uma trapaça, mais um disfarce grosseiro de uma nova comparsa, arranjada à última hora, para representar o papel de rainha egípcia. Richet acreditava ingenuamente, sem nenhuma prova. A farsante, porém, como é lógico, ria entre nervosa e divertida:

"Ria de todo o coração, quase até às gargalhadas, e parecia divertir-se enormemente", anota Richet.

A comediante receava que a fraude pudesse ser descoberta e por isso, não se expunha muito à observação:

"Ela apareceu assim duas ou três vezes, mostrando a cabeça, depois ocultando-a, exatamente como fazem as crianças quando brincam de esconde-esconde".

O general, sabia de tudo e, em atenção à esposa, "deixava o barco correr", como disse a própria Martha. Ao menos nesta ocasião, até dirigiu o brinquedo. Continua Richet:

"De repente, ela (a rainha egípcia) não quis mais aparecer. Então, o general me disse: Meta a mão por detrás da cortina e lhe tocará os cabelos'. Isso fiz".

e ainda "Un autre témoignage" (Marsault, Ducasse), ibidem, 1907, págs. 82 ss.

E' fácil compreender que o general, a não ser por estar seguro da colaboração de seus empregados, não teria outro modo de saber se a "rainha egípcia" deixaria ou não que lhe tocassem os cabelos.

Mas o general foi mais longe e não sem certo matiz de burla, arriscou uma sugestão para o enlevado Richet:

"Então, o general acrescentou: 'São finos como a sêda, não é verdade?'"

— " 'Perdoe-me, meu general', respondi eu, 'mais se parecem com crina'. Era esta, com efeito, a sensação que me tinham dado os pretendidos cabelos".*1.*

Richet não se deixou levar pela sugestão do general. Percebeu que se tratava de uma crina, de ura. disfarce. A farsante, então, decide terminar:

"Em seguida, recebi uma pequena pancada no dorso da mão. A crina retirou-se".

Mas os farsantes decidem levar mais adiante o engano de Richet:

"E uma voz, por trás da cortina, me disse: 'Traz amanhã uma tesoura'... No dia seguinte, levei uma tesoura".

A rainha egípcia voltou mas, sendo agora uma outra moça loura, sem treino de bancar materialização não se pôde apresentar. Richet somente anota os fatos.

"Não mostrou nada mais do que a parte superior da cabeça, uma cabeleira muito loura, muito comprida e muito abundante".

A moça que mostrava agora sua cabeleira por entre as cortinas, representando o papel da rainha egípcia, não era exceção do apego juvenil feminino às bonitas cabeleiras:

"A sua grande preocupação era saber se eu tinha trazido as tesouras. Tomei, então, à mãos-cheias, um punhado daqueles longos cabelos. Distingui a figura que (é claro) se empenhava em esconder-se por detrás da cortina. No momento em que eu queria cortar

43. Sobre a participação do general na farsa, cfr. "Une lettre du général Noel", em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 103 ss.

uma comprida mecha de cabelo, bem no alto da cabeça, eis que u'a mão, através das cortinas, abaixou fortemente minha mão, de forma que não alcancei mais do que a extremidade dos cabelos".

E mesmo assim a experiência não se repetiria. Anota Richet:

"Parece que o fim dessa princesa egípcia era fazer-me cortar uma mecha de cabelos (!?), porque, a partir desse momento, não mais a vi".

O que ontem era crina, hoje são cabelos verdadeiros:

"Eu tenho conservado essa mecha de cabelos finos, sedosos, não tingidos, que a análise microscópica mostrou serem cabelos verdadeiros".

Mas Richet nem assim suspeita que está sendo vítima de um engano colossal e se entretém em descrições:

"Martha é muito morena e usava os cabelos bastante curtos".

E' claro que não era Martha.

"Parece que uma peruca semelhante custaria um milhão de francos".⁴⁴

Evidentemente não era uma peruca.

Todo o contexto mostra, incontestavelmente, que se tratava de mais uma colaboradora na farsa.

Aliás, conviria lembrar aos defensores da materialização que, segundo as suas próprias teorias, teria sido impossível a Richet conservar a mecha de cabelos sem que esta se tivesse desmaterializado após um período de tempo muito curto, quando o ectoplasma se reabsorveria no corpo da médium. . .

A defesa inútil — E' evidente que toda esta decantada série de observações de Vila Carmen, as mais importantes, as melhores, não são de modo nenhum materializações, e sim pura fraude.

Perante a refutação que se fez das materializações de Vila Carmen, Richet trata de salvar seu prestígio do ridículo em que caiu neste caso. Contra as declarações de Areski, afirma absurdamente:

44. Richet, Charles: "Traité..", o. c., págs. 663 s. e nota 2 da pág. 663.

"Com absoluta certeza, nenhuma pessoa estranha podia penetrar na cabina durante as sessões. Seja isto dito para que, sem que eu me digne voltar ao caso, se responda às asserções de Areski, um cocheiro árabe, despedido como ladrão, pelo general e que contou que fazia de fantasma".

Em primeiro lugar Areski contou muitas coisas mais. .. Em segundo lugar, acreditamos mesmo que Areski fôsse ladrão como foi também um trapaceiro... Que ninguém entrasse na sala das sessões, já vimos que é afirmação infundada. . .

Contra o Dr. Rouby, reage violentamente, dizendo:

"Um certo médico famélico de Argel, o Dr. R. (sic), para atrair sobre si mesmo a atenção do público, teve a infelicidade de apoiar esses propósitos (de Areski) e tem exibido perante o público de Argel o próprio Areski que se disfarçava do fantasma e enlevava os espectadores. Eis tudo o que se tem dito de mais sério contra as experiências de Vila Carmen. E o grande público, obcecado por jornais ignóbeis, pensou que a fraude tinha sido descoberta".

Mas acontece que o "famélico médico", Dr. Rouby, fez muito mais. Fêz um inquérito exaustivo entre muitas pessoas que entrevistaram na farsa; não só com o cocheiro Areski. Entrevistou entre outras pessoas também a cozinheira Mary, o Sr. e a Sra. Portal, Vicenta Garcia (Madamo Vegé), a Sra. Cochet, etc, e inclusive a própria Martha Béraud; êste inquérito não foi publicado somente em "ignóbeis jornais", mas também nas atas do "15º Congresso Internacional de Medicina", celebrado em Lisboa em 1907, onde foi muito bem apresentado e acolhido...

"Acrescentemos, continua Richet, que Martha teria confessado as chamadas fraudes a um advogado de Argel, que usou um pseudônimo. Mas se a afirmação desse anônimo é verdadeira, é sabido qual o caso que se deve fazer dessas revelações, as quais mostram sobretudo a instabilidade mental dos médiuns".

Em primeiro lugar não houve anonimato. Richet sabia muito bem que o autor da carta aberta à Sra. Noel e da relação dos atos que testemunhou foi o advogado, Sr. Marsault. Já vimos que Richet conhecia êstes documentos, assim como a carta do próprio pai de Marta, e não os publicou... Mas inutilmente, porque os "ignóbeis jornais" os publicaram, bem como o "famélico médico", Dr. Rouby, e também Paul Heuzé.

Quando o Dr. Rouby revelou o resultado de seus inquéritos, a polêmica estava em seu apogeu; os resultados eram a I lamente difundidos pelos jornais em Argel mesmo, onde oram conhecidas asi pessoas que testemunharam e que não desmentiram. Isto equivale a uma confirmação.

Anos mais tarde, Paul Heuzé publicava, por sua vez, a abundante documentação que recolheu. Viviam ainda as mesmas testemunhas, muitas das quais confirmaram mais uma vez os seus depoimentos anteriores e algumas acrescentaram novos dados contra a farsa das materializações de Vila Carmen.

Final do caso — Só podemos mesmo acreditar na "ins-I abilidade mental dos médiuns", que são compelidos a fraudar. Martha começou, talvez, com boas intenções, mas depois a veremos definitivamente enveredada na fraude, continuando suas sessões em Paris e Londres, com os pseudônimos de Eva Carrière e Rosa Dupont (cfr. capítulo 10).

E isto não é "tudo o que se tem dito de sério contra as experiências do Vila Carmen".⁴⁵ O próprio Richet o sabia e não teve coragem de citar a imensa bibliografia e multidão de críticas contra a ridícula "materialização" que presenciou.⁴⁶ Nós só fizemos um resumo insignificante ...

45. A essas poucas alusões inexas, postas numa nota, reduz Ivieth a sua defesa. Por medida de precaução, acreditamos, nem sequer repete as insulas e tímidas defesas que quinze anos antes apresentara «outra inúmeras críticas, defesas que pela sua vez seriam esmagadas. Kiehet, Charles e Vesme, Cesare de: "Les polémiques au sujet des 'dances de la Villa Carmen'", em "Annales des Sciences Psychiques", 1906, págs. 120 ss.; Bormann, Peter, Richet, Deinliard: "L'hypothèse du peintre G. von Max sur le vêtements de B. CB.", ibidem, págs. 348 ss.

46. Além dos autores já citados ao longo deste capítulo, vejamos, dentre os trabalhos publicados na época mesma das observações de Villa Carmen, os de Valentin: "La métapsychique et la psychologie possible. Lettre ouverte au Dr. Charles Richet", em "La vie normale" de 5 de novembro de 1905; "Apparitions et mystifications, les fantômes de la Villa Carmen", ibidem, 25 de dezembro de 1905; e "Dans quel esprit je désire aborder l'étude des esprits", ibidem, 5 de janeiro de 1906. Outro trabalho muito interessante refutando o que Richet escrevera no seu "Traité...", o. c., e escrito em seguida à publicação deste, encontra-se na "Fortnightly Review", número de julho de 1920. E também demolidor o trabalho de Mc. Cabe, José, em "Living Age", de Boston, número 3962, pág. 652 ss.

Os seus próprios amigos o enganaram, como o já citado Dr. Vaschide, que reconheceu ter havido fraude. A própria "Revue Scintifique et Morale de Spiritism", também já citada, publicou algumas das fraudes. A própria médium que Richet levou consigo para Vila Carmen, Sra. Fink, afirmou que tudo forá farsa!⁴⁷

Enfim, o próprio Dr. Richet não ficara convencido. Só quando Schrenck-Notzing e a Sra. Bisson publicaram as experiências posteriores de Martha em Paris, então sob o pseudônimo de Eva Carrière, experiências que depois se demonstrariam fraudulentas na imensa maioria (cfr. capítulo 10), só então é que Richet se animou a publicar suas observações em Vila Carmen, de 16 anos antes.

Antes, Richet só fizera ligeiros relatórios dessas experiências em revistas científicas e até com objeções d'ele mesmo. Assim, escrevia no mesmo ano das experiências em Argel:

"Por que as feições de Bien Boa são tão semelhantes à fisionomia que poderia ter Martha se ela colocasse no rosto uma espessa barba negra? Por que, Bien Boa, depois de prometer que sua mão se derreteria dentro da minha, não realizou sua promessa, embora eu houvesse declarado que essa experiência seria, então, o 'experimentum cruéis' fundamental?"

As duas respostas são fáceis. No último caso, os componentes do grupo esperavam preparar o clássico truque da desmaterialização das mãos, mas não sendo muito fácil, não o conseguiram ou lhes pareceu um pouco arriscado. . .

A seguir pergunta Richet: "Por que Bien Boa, ao caminhar, saindo da cabina e andando em torno de nós, na sala, não permite que o apalpemos?"⁴⁸

Esta pergunta é bem mais embaraçante para Richet, porque Bien Boa deu muitas mostras de estar perfeitamente "materializado", capaz portanto de tocar e ser tocado... Era claramente uma medida de prudência elementar...

C

47. "Annales des Sciences Psychiques", 1905, págs. 26 s.

48. "Annales des Sciences Psychiques", julho-agosto de 1906.

E todas estas objeções, feitas pelo próprio Richet, ele "se esqueceu" de transcrevê-las depois no seu "Traité de Méiapsychique" quando publicou e quis defender as materializações de Vila Carmen.

Quanto às "materializações" da rainha egípcia, manteve-as inéditas durante estes 16 anos, como ele mesmo confessa no "Traité de Méiapsychique"⁴⁹ E os espíritas que assistiram às "materializações", antes de Richet, só se atreveram a publicá-las em revistas não espíritas, depois que Richet levantou a polémica com suas primeiras publicações e, ainda assim refugiavam-se sob pseudônimos!⁵⁰

É difícil delimitar até que ponto pode ir uma fantasmogêuese perfeita, mas nunca será confundível com a "materialização" de um ser real, sólido, vivo, diferente do médium que o teria, produzido.

Após o caso de Katie King, analisamos outro famoso caso selecionado pelos defensores da "materialização": as "aparições" de Vila Carmen.

A médium, Martha Béraud, com uma equipe de comparsas, montem uma farsa privada para comprazer às tendências doentias de sua patroa. E a farsa terminou por difundir-se até atrair Richet, que, por motivos psicológicos, atravessava então uma fase de descuido científico.

Era pura fraude, sem maior mérito do que o de ser fraude mais organizada.^{49 50}

49. Richet, Charles: "Traité...", o. c., pág. 662, nota.

50. Cfr. nota 10 deste capítulo.

Materializaçãõ? - 11

PERSCRUTANDO A HISTÓRIA:
NADA POSITIVO

Depois de Katie King, Esteia Livermore. — Um “espírito” romântico e apaixonado. — Benjamin Franklin convertido em simples camareiro. — Para outros gostos, o médium Miller foi o melhor. — Miller com pânico dos controladores científicos.

O melhor depois de Katie King — Segundo Bozzano, o teórico mais considerado pelos espíritas, “entre os casos de materializações... o de Esteia Livermore é... o que melhor pode suportar confronto com o de Katie King, embora diferindo um do outro enormemente pelas modalidades dentro das quais se realizaram. Mas, de qualquer maneira, constituem eles os dois casos mais maravilhosos dessa espécie e os mais dignos de atenção, principalmente pelo excepcional período de duração do seu desenvolvimento”.¹

1. Bozzano, Ernesto: “Per la difesa dello spiritismo. A proposito della ‘Introduction à la métapsychique humaine’ di René Sudre”, Napoli, Md. Mondo Oculto, 1927. Nós usamos preferentemente a tradução por Franco, Araújo: “A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana. Refutação do livro de René Sudre”, 2 ed., Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1960), págs. 140 s.

O caso foi bastante divulgado,^{2 3} mas somente se tornou verdadeiramente famoso entre os partidários do espiritismo e da materialização, que o apresentam sempre como “prova crucial”, após a publicação feita por Bozzano. Este selecionou os pormenores mais favoráveis e “esqueceu”⁷⁷ muitos outros..³

Para rejeitar a materialização, escolhemos também este caso tão apreciado pelos seus defensores. Servir-nos-emos, aliás, da seleção feita por Bozzano. Há nela muitos pormenores que refutam as próprias materializações... À medida em que formos apresentando esta seleção, iremos fazendo nossos comentários. Destarte, no decurso da exposição, aparecerá mais justa nossa interpretação. Inclusive no começo deveremos fazer afirmações que só mais adiante se irão provando.

As a i w i u ç õ i s — O Sr. Charles F. Livermore era um rico banqueiro de Nova York. Em 1860 morreu sua esposa, Esteia, a quem muito amava e, a nosso ver o duro golpe “secou-lhe o cérebro”, como diria Cervantes. Um ano depois, no anseio do se comunicar com o espírito de sua amada, esposa, o riquíssimo Livermore adquiria uma enorme notoriedade, nada menos que com a famosa “fundadora” do espiritismo, Katie Fox. Com essa médium, viria a realizar nada menos que 388 sessões em 5 anos consecutivos.

As “materializações” eram empolgantes. Seres perfeitamente vivos, perfeitamente reais... “Logo que entramos no quarto, a forma de Esteia apareceu. Permaneceu imóvel no meio do aposento,

2. Foi difundido, além de por Bozzano, por outros muitos autores. Por exemplo: A. Sakof, Alexandre Nieolaevich: “*Animismus und Spiritismus; Versuch einer kritischen Untersuchung der mediumistischen Phänomene*”, 2 tom-os, 4.ª ed., Leipzig, Mutze, 11)01 (1.ª ed., 1.81)0); tradução francesa por Sandow: “*Animisme et Spiritisme*”, Paris, Leyrmarie e também Libr. des Sciences Psychiques, 1895; tradução italiana: “*Animismo e spiritismo*”, Torino, Utet, 1912; tradução espanhola: “*Animismo y Espiritismo*”, Barcelona, Carbonell y Esteve, s. d.; tradução portuguesa por C. S. (sic) : “*Animismo e espiritismo. Ensaio de um exame crítico, etc.*”, 2.ª ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1956. Sargant, Epes: “*Planchette. The Despair of Science*”, Boston, 1874. Owen, Roberto Dale: “*Debatable Land between this world and the next*”, New York, 1872; tradução portuguesa: “*Região em litígio entre este mundo e o outro*”, Pelotas, Echerrique, 1900. Coleman, Benjamim em “*Le Spiritisme en Amérique*”, ns. de 1862 até 1869. Etc.

3. Bozzano, Ernesto, tradução: “A propósito...”, o. c., págs. 140-157.

enquanto uma luz espírita girava rapidamente em torno dela e muito próxima, iluminando mais especialmente ora o rosto, ora o pescoço, ora a nuca, no intuito evidente de fazer-nos ver bem estas partes do corpo. Enquanto assim a contemplávamos, a onda dos seus cabelos cobriu-lhe o roscó e ela os afastou com as mãos, por diversas vezes. Tinha os cabelos ornados de rosas e de violetas...”⁴

Perfeição botânica — Noutra ocasião, descreve-se com precisão a “materialização” também perfeitíssima, dessas rosas:

“Perto dela (da luz ‘espírita’), apareceu uma haste com duas rosas abertas, um botão e folhas. Flores, botão, folhas e haste eram de rara perfeição. As rosas nos foram dadas a segurar. Achei-as perfumadas como as rosas naturais o são ao serem colhidas. O perfume era mesmo o mais suave e delicado. Foi-nos permitido tocá-las, aproveitando-me eu dessa oportunidade para delas fazer minucioso exame”.

“Vimos aparecer os fantasmas materializados de minha mulher e de Franklin (Benjamin Franklin). Ambos vieram a mim. Este dava-me pancadinhas amigáveis no ombro. Aquela, acariciava-me o rosto. Estávamos no escuro, mas as crepitações elétricas (da luz ‘espírita’) fizeram-se ouvir e imediatamente a luz brilhou de novo, permitindo-me ver, do pé, a figura de um homem alto e robusto. A meu pedido, esse fantasma passeou pelo quarto, apresentando-se a meus olhos em posições diferentes e muito nitidamente... Trazia roupa escura, talhada à antiga, e gravata branca. A cabeça era grande e alvos cabelos ornavam-lhe as têmporas... Apresentou-se por diversas vezes. Em duas delas aproximou-se de tal maneira que permitia se visse até dentro dos próprios olhos”/*

Troca de cumprimentos — E além de perfeitamente “materializados”, perfeitamente vivos, tinham também a força muscular correspondente.

“Como viesse a mim diversas vezes, tive ensejo de segurar e apalpar essa mão espírita em todo o seu tamanho... O filhinho falecido do meu irmão manifestou-se em seguida. Chegou-lhe a vez de me apertar a mão que foi segura, pouco depois, por uma outra de grande tamanho, verdadeira mão de homem, provavelmente a de Franklin, que apertou a minha e a sacudiu tão vigorosamente que todo o meu corpo foi abalado... Não devemos deixar de notar que

4. Bozzano, Ernesto, tradução: “A propósito...”, o. c., pág. 147,

5. O. o., pág. 153.

6. O. c., págs. 147-149.

no mesmo espaço de alguns minutos, três mãos diferentes, em forma e dimensão, vieram sucessivamente colocar-se nas nossas de modo a permitir-nos identificá-las: a primeira, de mulher; a segunda, de um menino; a terceira, de um homem adulto e robusto; cada uma respectivamente caracterizada pela delicadeza, pela fragilidade e pela força”.⁷⁸

Interpretação dos fatos — Enfim, não vamos por que insistir. São aparições completam ente reais, completamente vivas, perfeitas... E acreditamos mesmo que o sejam: perfeitamente dêste mundo, nada tendo a ver com o além nem sequer com uma suposta materialização parapsicológica: simplesmente comparsas disfarçados.

Seria mesmo de admirar: Quando os médiuns mais célebres, com os maiores esforços e os transe mais profundos e perigosos, não conseguiram obter nem sequer uma só materialização, é de admirar que conseguisse Katie Fox três e quatro materializações simultâneas.

“Começo por lembrar que, no decorrer da sessão de 10 de novembro de 1861, se apresentaram simultaneamente três fantasmas materializados e que na sessão imediata, dia 12, viram-se, simultaneamente, passear pelo quarto quatro fantasmas materializados”. E esta maravilha Katie Fox a teria obtido sem nem sequer entrar em transe, “dado que a médium, durante a materialização, não caía no sono mediúnico e conservava plena consciência de si”.

Parceira exageira. Só o pouco espírito crítico de Bozzano e seus seguidores pode admitir e ainda pretender defender tais materializações com tais “provas”!

Sem técnica de investigação — Estas experiências foram anteriores a qualquer método de investigação científica e também ao nascimento de qualquer sociedade científica para a investigação dos fenômenos parapsicológicos. Foram realizadas de 1861 até 1865; a “Sociedade de Investigações Psíquicas” de Londres foi fundada em 1882. Claro está que, com as “técnicas de investigação” que podia possuir o Sr. Livermore, poderia “provar” ainda mais, se tivesse querido...

7. Bozzano, trad.: “A propósito...”, o. c., pág. 150.

8. Bozzano, o. c., pág. 161.

“Desenvolvimento” da médium — Katie Fox teve tempo de estudar e preparar tudo o que fôsse necessário para representar as materializações:

“Só na 43.^a sessão estava ela (Esteia) em condições de se manifestar visivelmente”.⁹

E, evidentemente, usando de muita astúcia, Katie Fox não apresentou de chofre nesta 43.^a sessão a materialização de Esteia. Foi estudando lentamente os efeitos, primeiro deixando a “materialização” bem oculta, simulada entre gases (na escuridão. Pouco a pouco, nas sessões posteriores, ia-lhe descobrir mais as feições, permitindo mais luz, à medida que o extasiado Sr. Livermore ia convencendo a médium e seus colaboradores que já era possível “arriscar-se mais”. Bozzano interpreta assim:

“As materializações de Esteia tornaram-se de mais a mais perfeitas, até que a forma materializada atingiu consistência suficiente para poder suportar a luz intensa (?) de uma lanterna...”¹⁰

Era questão de se perguntar se o desenvolvimento é necessário para o médium ou para os espíritos. Todos os teóricos espíritas dirão que é absurdo atribuir aos espíritos a necessidade de desenvolvimento para que se possam manifestar. Ao contrário: afirmam que os espíritos dos mortos, quanto mais desenvolvidos, mais distantes ficam do nosso mundo material. Dirão que os espíritos dos mortos demoram em apresentar-se porque devem preparar o médium.

Ora, estas materializações que tanto tempo exigiram de “preparo do médium” se realizavam com Katie Fox, uma médium das mais “desenvolvidas”, das mais famosas, uma das “fundadoras” do espiritismo, cuja “mediunidade” vinha já desde a infância... E, pois, evidente que o tempo requerido liara aparecer a “materialização” e fazer-se mais visível, foi tempo mesmo de preparo da médium, mas de preparo e treino que ela e seus comparsas precisaram para ir testando Livermore, e irem criando mais e mais atrevimento na farsa. ..

9. Bozzano, o. c., pág. 142.

10. Bozzano, o. c., pág. 142.

Deficiências do “experimentador” — As condições psicológicas de Livermore eram as piores possíveis para uma investigação serena dos fatos. Livermore só desejava rever sua querida esposa, da qual estava até doentamente apaixonado. Os familiares que intervieram nesta farsa fizeram-no com a reta intenção de mitigar-lhe a dor e profunda saudade...

As sessões não foram realizadas com nenhum intuito de investigação científica, mas, como expressamente se diz, “deixou-se seduzir pelo desejo de comunicar-se, se possível, com o espírito de sua mulher”.¹¹

Já na primeira vez que esta apareceu, cumprimentou o angustiado esposo com estas palavras: — “Meu querido, estou presente em pessoa”.

Os organizadores da farsa sabiam que estas palavras deixariam enlevado o pobre Sr. Livermore, ainda que, para evitarem; perguntas comprometedoras, já na primeira manifestação exigiram imediatamente: “Não fale”.^{12*}

O próprio Livermore descreve:

“Com um estremecimento de alegria indescritível, sob o lado suspenso da gaze, vi aparecer o rosto de minha mulher, e mais precisamente a fronte e os olhos, cuja expressão era perfeita. Desaparecia e tornava a aparecer repetidas vezes, manifestando-se cada vez de modo mais completo, tomando uma expressão de serena beatitude. Perdi-lhe que me beijasse e, com grande surpresa minha, tive o prazer de ver e de sentir que ela me enlaçava o pescoço com os braços, dando-me sonoro beijo, palpável, material, não obstante a interposição de um tecido análogo à gaze. Aproximou depois a cabeça, até encostá-la em mim, envolvendo-me com sua rica cabeleira e dando-me ainda novos beijos... cujo rumor podia ser claramente ouvido”.¹³

“O rosto se mostrava espiritualmente tão belo como nunca me foi dado ver coisa alguma na terra. Olhava-me com uma expressão de radiante felicidade”.¹⁴

11. Bozzano, o. c., pág. 141 s.

12. Bozzano, o. c., pág. 143.

13. Bozzano, o. c., pág. 144.

li) Bozzano, o. c., pág. 145.

“Minha mulher apareceu três vezes vestida de branco e cercada de flôres. Sua figura, verdadeiramente angélica, traduzia uma expressão de calma e de felicidade celestiais”.¹⁵

Enfim, sempre que alude a sua esposa, Livermore manifesta-se enamorado em frases ao menos de ordem geral, como:

“Seguiu-se a vez de minha mulher, que se manifestou... em toda a sua beleza”.¹⁶

Ou lamenta quando teme que ela não vai aparecer:

“Tive o pressentimento de que essa sessão se destinava a fins especiais, privando-me, por conseguinte, de qualquer manifestação de parte de minha mulher”.¹⁷

Controle às avessas — E além das péssimas condições psicológicas, o “investigador” está só, como única testemunha das “materializações”, a não ser nalguns casos, em que um dos mesmos colaboradores da farsa fica com ôle para ver o efeito.

Bozzano se afasta da verdade quando escreve: “Não raro assistiam às sessões o irmão, o cunhado Sr. Gioute e o Dr. John E. Gray, que atestaram, por escrito, a autenticidade dessas manifestações prodigiosas, assim como a escrupulosa exatidão das atas”.¹⁸

São freqüentes nos escritos de Bozzano as frases tendenciosas e as interpretações distorcidas. Nesta frase, além de procurar dar a impressão de que houve um controle escrupuloso e rigoroso, o que não é verdade, pretende sugerir que, geralmente, todas essas três testemunhas controlavam também a sessão, o que inclui várias falsidades.

Em primeiro lugar, não era freqüente a presença de algum outro “controlador”. A praxe geral, com poucas exceções, era a presença exclusiva e única do Sr. Livermore como assistente. Isto é afirmado às vezes expressamente em frases como: “estou só com a médium”;¹⁹ ou implicitamente em frases como: “Na presença de Livermore” sem se acrescentar mais

15. Bozzano, o. c., pág. 149.

16. Bozzano, o. c., pág. 148.

17. Bozzano, o. c., pág. 146.

18. Bozzano, o. c., pág. 143 s.

19. Bozzano, o. c., pág. 146.

nada; ²⁰ ou também: “O maior número de sessões realizava-se na própria residência do banqueiro, que sistematicamente, guardava entre as suas mãos as mãos da médium”. Não se pode apresentar nestes casos evidência de alguma outra pessoa que o ajudasse no controle.²¹

Em segundo lugar, nos poucos casos em que alguma outra pessoa assistia, nunca eram várias pessoas: era só mais uma, sucessivamente, em rodízio. Isto consta expressamente de frases como: “Além da médium, assistia comigo à sessão o meu cunhado, Sr. Groute”.²² “Além da médium e de mim, meu irmão assistiu à sessão”.^{23 24}

Não nos devemos deixar enganar pelo fato de que Livermore use geralmente o plural, como me objetava um conhecido espírita, num debate pela televisão; o plural não indica, neste caso, que fossem vários os controladores, mas que Livermore se referia também à médium. Assim, dizia por exemplo: “Estou só com a médium” e acrescenta imediatamente, no plural: “Vimos surgir” ou “Pediram-nos que não observássemos com demasiada insistência...”²¹

Abundantes comparsas — Além do mais, essas pessoas que Bozzano cita como testemunhas em prol da veracidade da materialização, na realidade não são controladores, mas sim os próprios parentes de Livermore, que prepararam e realizaram toda a farsa, e alguma vez assistiram a ela, um de cada vez, para ver o efeito da comédia e inclusive com o intuito de corrigir possíveis defeitos de encenação. . .

Após as primeiras aparições de Esteia, os ajudantes, em vista da ingenuidade ou condições psicológicas doentias de Livermore, criaram coragem e já se apresentavam eles mesmos como mais aparições materializadas.

Katie Fox, a médium, estava sentada, consciente, com as mãos seguradas pelas de Livermore. Não obstante, aparece Esteia, o espírito materializado (?) da defunta esposa de Livermore e ainda: “informam-me, da parte de minha mulher, que um fantasma iria entregar a Franklin, também materializado, um bilhete para mim”.

20. Bozzano, o. c., pág. 142.

21. Bozzano, o. c., pág. 142.

22. Bozzano, o. c., pág. 152.

23. Bozzano, o. c., pág. 150.

24. Bozzano, o. c., pág. 146.

Este bilhete viria também materializado do além. E Livermore ainda nos esclarece: “Devo esclarecer que no decorrer das manifestações que estou descrevendo, dois outros fantasmas vestidos de tecido branco, concorriam de modo visível para a produção dos fenômenos. Um deles é o que trazia a luz”, também materializada por espíritos do além!!!²⁵

Todos esses ajudantes, que se apresentavam como se fossem também espíritos materializados podiam ir e vir pela sala sem o menor receio de que se descobrisse a fraude, porque o controle é até para fazer rir... Não era Livermore que controlava a médium ou os fenômenos; era a médium que, completam ente acordada, controlava a Livermore, tirando-lhe tócia a liberdade de examinar as “materializações” apresentadas pelos comparsas:

O banqueiro guardava “sistematicamente entre as suas as mãos da médium, durante o tempo das sessões...” “Eu apertava entre as minhas as mãos da médium”.²⁶

Quem controlava a quem? E ainda, num caso absolutamente excepcional, em que Livermore não foi controlado diretamente pela médium, os “espíritos do além” tomaram, sem nenhum comedimento, prudentes precauções:

“Presente ii sessão de 28 de fevereiro de 1863 (número 346) o Sr. Groute segurava as mãos da médium... Fechado o gás, Livermore sentiu-se empurrado para o sofá, por uma mão de grandes dimensões”.²⁷

Aí deveria ficar quietinho, obedecendo à vontade tão claramente manifestada dos “espíritos do além”.

Assim, é claro, os colaboradores da médium podiam tranquilamente preparar e apresentar tudo, sem perigo de que Livermore se levantasse da cadeira para examinar quanto se passava no ângulo que servia de “centro de operações”.

Eram as próprias “materializações” que, iluminavam o recinto quando e onde lhes parecesse mais oportuno e, para isso, dispunham das orientações da própria médium que era, na realidade, a observadora.

25. Bozzano, o. c., pág. 149.

26. Bozzano, o. c., págs. 142 e 147.

27. Bozzano, o. c., pág. 155.

"O lugar destinado ao estudo era, em dado momento, iluminado por grandes globos luminosos (de luz fraquíssima!) de origem supranormal (!?); deles se ocupava outro fantasma materializado que tinha por hábito acompanhar Esteia a fim de facilitar as materializações. Dizia ser o espírito de Benjamim Franklin".²⁸

Êste mesmo "espírito" tinha tôdas as facilidades para observar como estava ficando Esteia e qual o efeito que causava.

Os colaboradores podiam entrar e sair tranquilamente pela porta, enquanto a médium Katie Fox controlava Livermore. Êste diz, ingenuamente:

"É claro que, em tais circunstâncias, não havia qualquer possibilidade de fraude... A porta estava fechada e a chave no meu bolso".²⁹

O que é claro, na realidade, é isto: sendo as sessões na própria casa, do banqueiro, não era nada difícil que seus familiares, organizadores e realizadores das "materializações", possuíssem outra chave. () curioso é ouvir o próprio Livermore afirmar-, embora atribuindo o "fenômeno" aos mortos, que a porta podia, ser fácil mente aberta.

"A meu pedido, a porta de dois batentes abriu-se e plotamente o se fechou por diversas vezes, com extraordinária violência".³⁰

Evidentemente, em outras ocasiões, em que não se fez êste pedido, pôde-se também abrir a porta, mas com menos ruído. Ou disfarçando-se o barulho com outros ruídos mais fortes, "de origem transcendente"...

"Pancadas de rara violência no assoalho, estremecendo a casa até os alicerces. Quando cessaram, vimos aparecer os fantasmas materializados de minha mulher e de Franklin".³¹

Evidente uso de disfarces — Os disfarces de sêda ou de gaze eram evidentes.

"Por detrás de nós (é mais seguro esconder-se aí!) começou a formar-se (na realidade, a elevar-se) uma substância luminosa, semelhante à gaze".

28. Bozzano, o. c., pág. 142.

29. Bozzano, o. c., pág. 147.

30. Bozzano, o. c., pág. 150.

31. Bozzano, o. c., pág. 147.

E era mesmo um disfarce de gaze ou sêda:

"Ouvindo-se, ao mesmo tempo, o fru-fru próprio da sêda".³² "Desde que a luz foi apagada, ouviram-se passos semelhantes aos de uma pessoa descalça e o fru-fru próprio da sêda".³³

Era "visível u'a mão de mulher de aparência normal, ocupada em manejar a gaze... para tomar-lhe uma das pontas e suspender-lá".

Mas, apesar do disfarce de sêda, encobrindo em parte o rosto, quando êste poderia aparecer descoberto demais ou muito iluminado, tomava-se ainda, por vezes, a precaução de não o deixarem observar direito, para que não se descobrisse a pessoa, algum retoque ou algum disfarce.

"Dando maior intensidade à luz, de modo que iluminasse bem (relativamente) o canto do quarto e desvendasse, em toda a plenitude, a figura de minha mulher virada para a parede. Com o braço estendido, ela sustinha a lanterna no côncavo da mão agitando-a de vez em quando para avivar a luz que com freqüência se enfraquecia. Pronunciou, murmurando, mas de modo muito claro, o meu e o seu nome; aproximou-se do espelho, de maneira a fazer ver sua imagem, não refletida. Isso constitui, a meu ver, uma das mais maravilhosas provas da memorável sessão".³⁴

Compreende-se que aproximar-se do espelho é para a far-sante observar-se e não para fazer-se observar. A própria aparição maneja a luz, para evitar pormenores perigosos...

Além do péssimo controle que Livermore exercia, ou do magnífico controle que exerciam sobre Livermore, ainda exigiam dêlc que não observasse quando os fenômenos eram um pouco mais comprometedores.

"Pediram-nos que não observássemos com demasiada insistência o fenômeno, mas por pouco tempo de cada vez, a fim de não perturbarmos, com nossos olhares a força em ação".³⁵

Abusado perturbar com a vista essa enorme força que materializava até quatro pessoas e que fazia vibrar a casa até os alicerces!!

32. Bozzano, o. c., pág. 144.

33. Bozzano, o. c., pág. 143.

34. Bozzano, o. c., págs. 144 s.

Uma luz suspeita — A luz “do além” era mais uma prova de que tudo era deste mundo. Livermore, que nada examinou com rigor, também não examinou o foco luminoso.

“Feita a escuridão, vimos surgir do chão uma grande luz espírita (!?). Calcei uma luva e meu irmão fez outro tanto”.

Com o uso das luzes, exigidas pelos “cspíritosi do além” evitava-se que, pelo contato direto na pele, pudesse Livermore descobrir, mesmo sem o pretender, qual era o instrumento que produzia a tal luz.

“A luz, então, veio colocar-se no côncavo de minha mão enluvada”.

Mas este homem iludido não poderia descobrir mesmo nada. Em vez de aproveitar a claridade e averiguar o que era aquilo que êlc tão aprioristicamente qualifica de luz “espírita”, distrai-se com outra coisa, sempre no desejo doentio de ver sua esposa?

“Foi-me assim dado constatar que u’a mão de mulher, nela (na “luz espírita”) se encontrava. Como viesse a mim diversas vêzes, tive ensejo de segurar e apalpar atentamente essa mão espírita (!?) em todo o seu tamanho. Note-se que, com a outra, eu segurava as mãos da médium”.³⁵*

Mas, de exame ou provas para garantir que essa luz era espírita e não plenamente deste mundo, nada... E note-se como nos recomenda Livermore, que com a outra mão êlc segurava as mãos da médium. Desta forma a médium impedia que Livermore pudesse tocar onde não convinha aos organizadores da farsa.

Mas, mesmo as alusões que se fazem à luz indicam claramente que nada têm a ver com o além. Com efeito:

“Todo aparecimento da luz, era, em geral, precedido de uma série de crepitações”.³⁷ “Um barulho semelhante à crepitação elétri-

35. Bozzano, o. c., págs. 146 s.

36. Bozzano, o. c., pág. 150.

37. Bozzano, o. c., pág. 146.

ca tornava-se mais e mais intenso e vigoroso... A crepitação acentuou-se, dando maior intensidade à luz”.³⁸ “Um globo de luz brilhante... acompanhado de unia forte crepitação”.³⁹

A fonte luminosa era bem material, e nada espírita, não era nem sequer parapsicológica. Tanto que não podia sustentar-se por si mesma, precisando sempre de uma “materia-lização” (isto é, precisava de um dos comparsas da comédia) para a sustentar, como continuamente se afirma.

Enfim, não faltam na seleção de Bozzano, passagens que indicam tratar-se de uma antiga lanterna manual elétrica ou a gás, sempre disfarçada com véus:

“Depois de cêrca de meia hora de espera, uma luz cilíndrica e muito brilhante, envolvida em véus, como era de costume, veio pousar sobre a mesa”; 40 “meia hora de espera tranqüila, e vimos surgir do solo uma grande luz esférica, completamente envolta em véus”.⁴¹

“Poderia ceder-me um fósforo?” — Uma vez, a lanterna não funcionou:

“Feita a escuridão, ouviram-se logo pancadas fortes sobre a mesa, seguidas do crepitação elétrica, mas nenhuma luz apareceu”.

A lâmpada não funcionara. Mas nem por isso precisavam inquietar-se os comparsas daquela farsa, devido à manifestação boa-vontade do “investigador”. Os “espíritos materializados” tiveram até a ousadia de pedir fósforos...

“Em dado momento, pediram-me fósforos e nos convidaram a fechar os olhos. Tirei do meu bolso um fósforo de cêra e estendendo o braço depusitei-o sobre a mesa. Imeditamente u’a mão o tomou e, riscando-o três vêzes na mesa, conseguiu acendê-lo (os fósforos de cêra em geral não são de segurança e se podem acender em qualquer lugar onde se riscam). Abrimos os olhos: o fósforo descera e iluminava perfeitamente o quarto; diante de nós estava Franklin de joelhos, detrás da mesa”.⁴²

Parece muita megalomania ou então ironia, se não fôr ximploriedade dos organizadores da farsa: apresentarem nada

39. Bozzano, o. c., pág. 145.

40. Bozzano, o. c., pág. 153.

41. Bozzano, o. c., pág. 146.

38. Bozzano, o. c., pág. 144.

42. Bozzano, o. c., pág. 150.

menos que Benjamim Franklin como um simples empregado da Sra. Livermore. E Franklin põe-se de joelhos, atrás da mesa, como o mais indigno dos escravos, na ridícula função de segurar um fósforo!!

Mas, agora queremos frisar a manifesta contradição que existe em querer atribuir ao além qualquer aspecto desta farsa. Tudo foi truque, e truque manifesto. Como seria possível que uma força que materializava pessoas, flôres, lanterna etc. não fosse capaz de materializar um simples fósforo?

Se houve força para materializar Franklin inteirinho, com roupas e tudo, c ainda continuar a sessão com pancadas, com mensagens escritas... como c'que não há força para produzir esta mínima luz "espírita", no momento em que a lanterna, bem deste mundo, não funcionou?

Claro que "os espíritos do além", quando alguma coisa não sai como se planejara, logo encontram qualquer explicação "sobrenatural", com a qual facilmente convencem os que já estão convencidos:

"Entregaram-mo, em seguida, uma fêlha de papel em que estava escrito: 'Esta sessão é de tôdas, a mais importante (como seriam as outras!). Experimentamos muitas vezes e tivemos de renovar eonthmairiente nossos esforços antes de conseguir o que acabais de ver; íelizinente ôles foram coroados de êxito. Para demonstrar que sou uma criatura absolutamente como vós (acreditamos mesmo!) bastou-me, desta vez, riscar um fósforo; mas quantas tentativas houve antes de conseguir manifestar-me à luz terrestre! Enfim, as dificuldades foram vencidas! B. Franklin' ". 43

E' manifestamente absurdo c contraditório que se considere o máximo do êxito feliz apresentar-se à luz de um fósforo uma fôrça que se devia "ao que nos disseram, à intervenção de poderosos espíritos".⁴⁴ Os poderosos espíritos, que fariam tantos prodígios, que em outras ocasiões se apresentariam inclusive à luz do magnésio, agora não conseguiriam «apresentar-se, nem por uns instantes, à luz de um fósforo! E* evidente que tôda essa conversa não é mais do que puro pretexto para "explicar" o acender do fósforo quando fálhou a lanterna.

43. Bozzano, o. c., pág. 151.

44. Bozzano, o. c., pág. 144.

Mas a contradição é expressa. Primeiro afirmam que foi "só após muitas tentativas e com grande esforço que conseguiram manifestar-se à luz terrestre". Mas, umas linhas mais abaixo, na seleção de Bozzano, lemos: "Tinha-me munido de uma lanterna. . . à qual adaptara um obturador dotado de regulador, de modo a poder projetar sôbre a parede... à distância de quase dez metros um círculo de luz, com diâmetro aproximado ele um metro. Coloquei a lanterna acesa c aberta sôbre «a mesa, e tomei nas minhas as mãos da médium. Imediatamente a. lanterna foi suspensa. .. conduzida por um espírito (?!)... A lanterna projetava tôda a sua luz permitindo que vissemos a figura de Franklin sentado na poltrona. . . Durante 10 minutos e sem interrupção, o feixe de luz projetado pela lanterna iluminou-lhe a fisionomia e o corpo inteiro, de tal maneira que pudemos examiná-lo â vontade".

Nesta ocasião, não precisavam de explicações "espíritas" sôbre a influência, da luz terrestre â qual, "durante 10 minutos e sem interrupção" Franklin resistiu com "semblante que traduzia indizível contentamento c «a maior naturalidade".⁴⁵

Outras contradições — Outras contradições manifestas encontram-se facilmente apesar de só estarmos usando a seleção feita, por Bozzano. Por exemplo, numa das duas sessões a que assistiu o cunhado de Livermore, Sr. Groutc, diz-se:

"Quando Groutc estava no quarto contíguo, a luz brilhava como de costume, mas enfraquecia-se ii medida que êle se aproximava, do mesmo modo que readquiria o brilho habitual se êle novamente se afastava".

Um jôgo de cresce c decresce fácilimo de conseguir e que serve para sugerir a Livermore que êle não deve examinar nem controlar de perto os fenômenos.. . para que não descubra «as fraudes. Com essa manipulação realizada com Groute, os organizadores daquela farsa garantem suma prudência por parte do Sr. Livermore. Êsse efeito, aliás, se lhe explica claramente, de forma que êle aceite de boa-vontade: "Êste interessante fenômeno demonstra que a natureza de uma pessoa viva exerce influência direta sôbre essas criações do mundo invisível, influência que age às vezes, como

45. Bozzano, o. c., pág. 151.

elemento perturbador e neutralizante, sem que para tal seja necessário mais do que a sensação de surpresa, de receio ou outra emoção decorrente de uma insuficiente familiaridade com os fenômenos mediúnicos".⁴⁶

Essa argumentação é repetida sempre nas sessões de espiritismo; com isto dificultam a experimentação, facilitam a fraude e a escolha dos assistentes bem como sua colocação na sala, de maneira que só os organizadores podem ficar por perto ou em pontos "perigosos" donde a fraude possa ser percebida.

Não obstante, em flagrante contradição com todo este palavreado de influências perturbadoras e neutralizantes, na outra sessão, a que assistiu o mesmo Rr. Groute se faz o contrário:

"Além da médium, assistiu comigo a sessão o meu cunhado, Sr. Groute... Pedi demonstrações de força e sem demora recebemos a seguinte mensagem: 'Atenção! Ouçam: ele chega rapidamente. Retirai da mesa as vossas mãos'. E imediatamente ouvimos espantoso ruído metálico, fazendo estremecer a casa de lado a lado. Era como se um pesado monte de correntes fosse jogado do alto com enorme violência, sobre a mesa..."

"Depois disto, uma grande mesa do mármore, muito pesada, começou a bambolear pelo quarto. Uma grande caixa pôz outro tanto. Tinha guarda-chuva, colocado sobre a mesa, pôs-se a dar voltas, como que voando pelo recinto, tocando nas pessoas e parando finalmente nas mãos do Sr. Groute".

A sessão realizava-se na escuridão, onde todos os comparsas podiam; tranquilamente agir, especialmente vestindo-se de preto. Aliás, mesmo que fossem vistos, Livermore diria que eram espíritos materializados.

Mas o que importa é a contradição com as afirmações anteriores: para esta série de fenômenos de grande força, não houve inibição alguma, apesar de ser esta a primeira sessão a que assistia o Sr. Groute, que causaria nele mais surpresa (se não soubesse já de toda a farsa) apesar do ceticismo que fingia ter: "Tais manifestações tinham por

46. Bozzano, o. c., pág. 155.

fim convencer o incrédulo recém-vindo, da realidade da existência de um poder invisível. E o fim foi atingido".⁴⁷ Aqui a surpresa, o ceticismo não tinham efeitos inibitórios?

Veja-se, além do mais, que é o próprio "controlador" quem, em vez de controlar ou investigar, deseja convencer os que, real ou fingidamente, fossem incrédulos!

Outra contradição: diz-se que a surpresa de Groute ou a sua aproximação diminuía a luminosidade. Como se a força "espírita" fosse fraca. Não obstante, não se poupa força nenhuma, até o ponto de sobrar energia para uma materialização completa a fim de se levar a empresa a termo,

Mais: os "espíritos materializados" sempre se mantiveram; mudos (salvo numa ocasião, em que disseram uns nomes soltos, com voz murmurada), porque faltava força para a palavra. Não obstante sobra força para fazer mais "materializações", ruídos infernais, movimentos de objetos, aportes de flôres e, para suprir o mutismo expressando-se com um alfabeto convencional de golpes, ou por meio de escrita.

"Só raramente conseguia exprimir-se de viva voz, comunicando-se, em geral, por escrito, mas não por intermédio da médium. Escrevia diretamente com a própria mão e na presença de Livermore que, para esse fim, fornecia papel", quando também este não era materializado ou trazido do "além..."

E' muito contraditório admitir que não possam falar uns "espíritos materializados" perfeitamente vivos, que são e agem como qualquer ser deste mundo. Evidentemente, não falavam por medo de que Livermore os reconhecesse pela voz, dado que não se tratava de espíritos do além e sim de seus familiares e outros comparsas bem vivos. ..

Absoluta falta de seriedade — Todo o conjunto deste caso, apresentado por Bozzano como um dos melhores, é verdadeiramente ridículo. Mas há coisas que batem o recorde da ingenuidade e simplicidade no truque.

Numa ocasião, o "espírito materializado" de Franklin, tenta fingir uma levitação do seu próprio corpo. E, incontinenti, "pediu-nos que fechássemos os olhos um instante".

47. Bozzano, o. c., págs. 152 s.

48. Bozzano, o. c., pág. 142.

Com isso, Franklin poderia subir a uma cadeira, que seria invisível, coberta com pano preto. Assim dar-se-ia a impressão de que o "espírito materializado", estava levitado. Porém, o pano preto caiu ou houve qualquer outro imprevisto no truque:

"Quando de nôvo os ahrimos (os olhos) vimo-lo de pé sobre a cadeira donde êle nos dominava como uma estátua".

E não pensemos que a revelação da cadeira o tenha desconcertado :

Simplesmente "desceu dela, enquanto ruídos de toda sorte partiam de todos os pontos do quarto".⁴⁹

E o caso é escolhido, na seleção feita por Bozza, no, considerado pelos demais teóricos espíritas, como o melhor!

Enfim, cremos que não é necessário insistir. Jamais um caso destes poderá provar a materialização. Só prova., tanto este como os outros, que ela não existe.

Ou th O caso garantido — Segundo o conhecido historiador dos fenômenos da Parapsicologia, C. de Vesme, "os fenômenos produzidos pelo Sr. Miller se são autênticos, estão absolutamente fora de série no campo da Metapsíquica.. Aqui não é mais uma forma humana única que se materializa, com muita dificuldade, como o faziam as do Katio King e B. B. (Bien-Boa.); as aparições se sucedem e nunca desaparecem; vão e vêm, tocam os assistentes, falam, e até mesmo cantam às vezes. Quando alguns destes fenômenos se produziam, o médium ficava fora da cabina. Numa palavra, como dizia uma pessoa perita no assunto, Papus, os outros médiuns são crianças ao lado de Miller".

A opinião dos cientistas — Mas estas "formidáveis" experiências não convenceram os cientistas. Só alguns espíritas, destacando-se G. Delanne pelo seu prestígio entre os espíritas, terijariam defendê-las.

Gaston Méry, um dos principais investigadores do médium Miller, começou por demonstrar que os fenômenos que presenciou nada têm a ver com o demônio nem com os espíritos dos mortos. De acordo.*

49. Bozzano, o. c., pág. 149.

Depois, acrescenta uma série de críticas contra a autenticidade mesma dos fatos:

"As sessões parecem organizadas por um hábil empresário... O interesse é grande, como numa representação teatral..."

Contra o que Miller afirma, "o médium só parece dispor de um determinado número de aparições que apresenta sob nomes diferentes, hesitando sobre seu nome de família, isto quando não o ignora completamente".

Nos disfarces (ou transfigurações, quando muito) Miller esperava muito da boa vontade dos assistentes.

"Nenhuma das formas que nós vimos condensadas diante de nós deu qualquer prova da sua identidade... Tem-se dito que as formas, indecisas sobre os nomes a pronunciar, tentavam apanhá-los dos lábios dos assistentes. Pareciam querer fazer designar, pelos próprios espectadores, as personalidades de que elas se fantasiavam... Nenhuma das numerosas aparições que se apresentaram revelou algum fato ignorado pelo médium".

Pode-se perguntar se os cantos que se entoam nos intervalos, entre uma aparição e outra "não têm a finalidade de encobrir o barulho dos preparativos", e se "a corrente.. . mormente quando é exigida só nos momentos em que as formas saem da cabina e se aproximam dos assistentes, não teria outra finalidade inconfessável, como a de impedir os indiscretos de agarrarem os panos flutuantes ou mesmo as mãos das aparições".⁵⁰

50. A bibliografia sobre estas experiências é ampla:

Gaston Méry: "Nouvelles expériences de matérialisation. Le médium Miller. Ce que j'ai vu. Ce que je crois". L'Echo du Mervillcux, 1906, págs. 381, 401, 421 e 441;

Charles e Ellen Letort: "Nouvelles séances de Miller". ibidem, págs. 385, 406, 425, 446 et 463;

C. de Vesme: "Nouvelles séances de Miller à Paris". "Annales des Sciences psychiques, 1906, pág. 696 e "Toujours la polémique sur Miller. Lettres de G. Delanne et Ch. Letort. Réponse de C. de Vesme". Ibid. pág. 756;

Ver ainda: Jules Bouvier. "La Conférence Delanne" (de 17 fevereiro, 1907, sobre Miller). "Les nouveaux horizons de la Science et de la pensée", 1907, pág. 85;

O médium foge da ciência — Miller já antes se tornara muito suspeito a C. De Vesme, que descreveu uma série de truques que eram de se suspeitar, nas circunstâncias em que Miller apresentava suas sessões. Delanne, propôs então “uma sessão totalmente demonstrativa”, na qual De Vesme tomasse tôdas as precauções que julgasse úteis. Foi convocado também Charles Richet. De Vesme contratou o médium.

Mas Miller que, de início aceitara, conhecendo agora as precauções que de Vesme pensava tomar, recusou “porque não podia ser suspeito”, afirmou. E devolveu o dinheiro.

Já antes, em outra ocasião, recusara ser investigado por especialistas. E De Vesme comenta: “Depois da estranha decisão de Miller, como não nos sentiremos levados a interpretar desfavoravelmente também as suas tergiversações com respeito ao coronel de Rochas que... o julgara digno de ser submetido ao estudo de um grupo de sábios constituído para tal fim?”

Inclusive alguns dos assistentes, simpatizantes com o espiritismo e mesmo espíritas, não concordaram com as materializações do Miller, como ressalta. De Vesme: “Na, ‘Itevue Spirite’, o comandante M. (Léopold DauviJ) mostra-se um tanto mais severo com Miller; até mesmo fazendo notar que o tenente-general Fix, o Dr. Muotin; de Wateville, doutor em ciências; J. Gallard, ex-deputado por Vaucluse, todos espíritas, que assistiram às sessões em questão, não ficaram convencidos. Parece que, até entre as senhoras espíritas que assistiram às sessões em questão, há muitas que ficaram bem incrédulas a esse respeito”.⁵¹

De Vesme: “Un dernier mot sur Miller”, “Annales de Sciences psychiques”, 1907, pág. 35;

M. Delanne e Miller: Ibidem, pág. 128; Echo du Merveilleux, 1907, pág. 69.

51. Além da bibliografia já citada na nota anterior, vejam-se as críticas que se fazem contra Miller em:

Van der Naillen: “Les expériences de matérialisation du médium Miller. Lettre à M. de Rochas”, em “Revue spirite” e “Echo du merveilleux” 1905, pág. 276.

C. de Vesme: “Miller à Paris. Récit d’une séance de matérialisation”, em “Annales des Sciences psychiques”, 1906, pág. 501; “Miller et la

Como se vê, tudo indica que, nas materializações de Miller, não se pode excluir a fraude. Essas experiências, contra a opinião preconcebida de Delanne, não demonstram de nenhuma maneira a materialização.

Talvez, com a melhor boa vontade para com Delanne, possamos admitir que nem sempre houve fraude. Mas nem por isso há nada em prol da materialização. Em último caso, poder-se-ia admitir algum caso de transfiguração. Gaston Méry afirma categoricamente: “Só nos fica uma explicação possível: através das formas aparecidas é Miller que fala e que age”.

Segundo o melhor teórico do espiritismo, o caso de Esteia Livermore “c’... o que pode melhor suportar um confronto com o de Kaë King”. Segundo o historiador De Vesme e o ocultista Papus, o melhor caso seria o do médium Miller.

A análise objetiva, porém, prova que ambos os casos são fraudes. O caso Esteia, indiscutivelmente. Como atenuante, poder-se-ia considerar que possivelmente houve uma finalidade filantrópica: os parentes queriam acalmar as saudades doentias do viúvo Sr. Livermore. O Caso Miller, se não fosse fraude, não passaria de transfiguração.

presse spirite française”. Ibidem, pág. 591; “Miller”, em “Les nouveaux horizons de la Science et de la pensée”, 1906, pág. 457.

C. de Wateville em “Echo du Merveilleux”, 1906, págs. 33 s. Cfr. também: “Echo du Merveilleux”, 1906, 1 e 15 de agosto, 1 e 15 de setembro.

Materialização? - III

AS "PROVAS" PRÓ-MATERIALIZAÇÃO DEMONSTRAM QUE ELAS NÃO EXISTEM

Procura-se em vão a prova definitiva. — O grande médium Eglinton chega a exaustão não o consegue. — A fraude quase perfeita. — Os absurdos da materialização.

No capítulo 12 víamos que William Crookes procurava ardentemente, sem o conseguir, ver ao mesmo tempo a médium Florence Cook e a aparição Katie King.

Êste seria o "experimentum cruéis" de que não se tratava de truque nem sequer de transfiguração parapsicológica, e sim de materialização. Seria também "experimentum crucis" de que não se tratava, também não, de transfiguração (embora Crookes desconhecesse esta possibilidade).

A procura da prova decisiva — Tal prova decisiva, que Crookes não conseguiu, procurou-a denodadamente o russo Aksakof com o famoso médium inglês Eglinton.

As experiências foram organizadas em Londres, em casa de um homem muito rico, num prédio recentemente construído. Além do dono da casa e esposa, do próprio Aksakof e do médium Eglinton, assistiam mais dois senhores.

Eis o resumo da sessão em que se pretende apresentar a "prova decisiva":

Noite do dia 26 de julho de 1886. "Sentamo-nos na mesma ordem (preestabelecida na sessão anterior). Acendemos a lâmpada de álcool e apagamos o gás".

"Eglinton sentou-se numa poltrona, defronte da cortina, caiu logo em transe e começou a falar. Foi-nos comunicado, pelo seu órgão, que... nenhum esforço seria poupado para obter êxito".

"Às 9,55 hs. Eglinton retirou-se para trás da cortina... Saiu outra vez e sentou-se na poltrona, defronte da abertura da cortina, com o rosto voltado para o nosso lado. Ele fazia movimentos agitados, levantava e abaixava os braços. Alguma coisa branca apareceu acima de sua cabeça... O magnésio foi deflagrado e o anfitrião descobriu a objetiva (para que se impressionasse a chapa fotográfica)... Em seu ombro esquerdo via-se uma terceira mão e, sobre sua cabeça, muito perto da testa, apareceu a quarta mão. Essas mãos eram vivas: mãos naturais..."

Estudaremos logo mais estas primeiras manifestações que, em todo caso, não poderiam constituir ainda a prova procurada, pois o fenômeno não passaria de ecto-colo-plasmia autêntica ou fraudulenta.

Continua Aksakof: "As mãos não desapareceram no fim da exposição (fotográfica). As mãos, porém, atraíram Eglinton para detrás da cortina... Eu pensava que a sessão terminaria naquele ponto... Mas uma grande forma masculina, vestida de branco e de turbante também branco, emergiu de trás da cortina e deu três ou quatro passos no aposento".

— " 'Ê Abdullah', observei".

— " 'Não', observou meu anfitrião. 'Essa forma tem as duas mãos'. A forma Abdullah, que tinha aparecido nas sessões de Eglinton em São Petersburgo só tinha metade do braço esquerdo. Como para confirmar esta última observação, o fantasma fez um movimento com os dois braços e os cruzou sobre o peito e depois nos fez uma saudação e desapareceu por trás das cortinas".

Comentaremos isto logo mais. Tampouco este fato não pode constituir a prova decisiva da materialização, porque antes da aparição, Eglinton se escondera atrás das cortinas. Poderia ser simples transfiguração, fraudulenta ou não.

Mas, em seguida, conta-se a tão prometida e esperada prova definitiva da materialização (como diferente da fantasmogênese e transfiguração):

"Alguns segundos depois Eglinton mostrou-se acompanhado por uma figura vestida de branco, a mesma que acabávamos de ver. Am-

bos se colocaram diante da cortina e uma voz (não se diz se foi a do próprio Eglinton) pronunciou: 'Luz!' Pela segunda vez o magnésio se inflamou e eu olhei com estupefação para essa grande forma humana que envolvia e sustinha com o braço esquerdo a Eglinton, o qual, imerso em profundo transe, tinha dificuldade em manter-se em pé. Eu estava sentado a 5 passos de distância e podia ver perfeitamente o estranho visitante. Era um homem perfeitamente vivo; distingui nitidamente a pele animada do seu rosto, sua barba negra, absolutamente natural, suas sobrelhas espessas, seus olhos penetrantes e severos que fitavam a chama durante cerca de 5 segundos, enquanto ela brilhou".

"O fantasma desapareceu atrás da cortina, mas sem ter tido tempo de levar consigo o médium. Este caiu no chão, como um corpo inerte, diante da cortina... A cortina abriu-se imediatamente. A mesma figura apareceu ainda uma vez, aproximou-se de Eglinton e, inclinada por cima dele, começou a fazer-lhe passes. Silenciosos, olhávamos com admiração aquele espetáculo estranho. Eglinton começou a levantar-se lentamente. Quando ficou em pé, o fantasma envolveu-o com o braço e arrastou-o para a cabina... Eram 10 horas e 30 minutos. Ao todo a sessão tinha durado 35 minutos".¹

Falta de observação científica — Esses foram os¹ fatos. Não insistiremos em que se trata de uma só experiência e que a prova decisiva deveria ter sido mais repetida. . . E não insistimos porque, para provar a materialização, bastaria um só caso bem comprovado. Nos casos em que os efeitos pesquisados não se podem dever a fatores inobserváveis, se a experiência está bem conduzida, de forma que se excluam garantidamente todos os outros fatores diferentes do que é apresentado como causa do fenômeno, uma só experiência pode alcançar valor científico absoluto.²

1. As experiências foram, primeiramente publicadas no "Psychische Stükien", março, 1887, e no "Rebus", n.º 58, 1886; mas foram reproduzidas em extenso em Aksakof, Alexandre: "Anmrsrmis und Spiritismis; Versuch einer kritischen Prüfung der modiumnistischen Plänomene", 2 tomos, 4.ª ed., Leipzig, Mutze, 1901 (1.ª ed., 1890). Nós seguimos a tradução por C. S. (sic): "Animismo e Espiritismo. Ensaio de um exame crítico, etc.", 2.ª ed., Rio de Janeiro, F. E. B., 1956, págs. 269-278.

2. Dizemos isto para alertar contra o mito muito difundido de que toda tese deve ser baseada na estatística ou em inúmeras repetições. Teremos ocasião de provar em outro volume que esse modo de pensar é um mito, absolutamente anticientífico. Em Medicina, Astronomia, História, etc., podem ser estabelecidos cientificamente alguns fatos baseados num só caso, caso que inclusive pode ser essencialmente único ou

Mas, neste caso, trata-se mesmo de uma experiência cientificamente válida? Trata-se de “prova decisiva” de materialização?

Dc modo nenhum. E para refutar essa pretensa materialização, não precisaremos investigar demasiado; bastam alguns dos dados que o próprio Aksakof nos dá.

O controle exercido não oferece nenhuma garantia. Eglinton não foi submetido a controle de nenhuma ordem. Não foi examinado nem antes nem durante nem depois da sessão.

A luz, era fraca: “Unia pequena lâmpada do álcool com uma mocha espessa do algodão... Abrigada por um refletor... côncavo, do metal, do 7 polegadas de diâmetro... Um amplo anteparo de papelão. Para obter a escuridão, os postigos das janelas foram fechados e, no interior, cobriu-se a madeira desses postigos com um quadro negro e com cobertores de lã, seguros por pregos pequenos...”

Além das cadeiras e todo o material introduzido para as experiências, havia na sala cobertores de lã com o pretexto de cobrir a janela; havia ainda uma prateleira e um piano. 3

Nestes lugares, Eglinton, que ajudava, nos preparativos, poderia esconder quanto material quisesse para disfarces. Durante as sessões, Eglinton não era atado nem seguro por ninguém, nem obrigado a ficar à vista, como seria de rigor, querendo-se demonstrar que a aparição era diferente do médium. Pelo contrário, naquela enorme escuridão, Eglinton dispunha de um magnífico esconderijo detrás das cortinas. Com inteira liberdade, ia e vinha pela sala, por onde queria. Poderia pois pegar materiais escondidos e preparar-se à vontade.

E’ muito sintomático que, justamente antes de cada manifestação, ele aproveitava esta liberdade. Diz Aksakof:

“Eglinton retirou-se atrás da cortina... Em breve Eglinton saiu e começou a recolher força: aproximava-se de cada um de nós, fazendo passes de nossas cabeças para o seu corpo”.

essencialmente não repetível à vontade. Não deve estabelecer-se um método e acomodar os fatos ao método, mas são os métodos de observação científica que se devem acomodar às exigências dos fatos a investigar...

3. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., pág. 271.

Ora, não é preciso ter muitos conhecimentos de magia para compreender que este é um modo singelo, especialmente na escuridão, para recolher qualquer material de algum dos próprios espectadores ou de qualquer outro lugar (veremos, depois, que esses espectadores não eram de confiança).

“Depois disso, retirou-se de novo para trás das cortinas”.

Magnífico modo de preparar tranqüilamente o fenômeno com o material recolhido.

“Saiu outra vez e sentou-se na poltrona...”

Agora já não existe dificuldade nenhuma.

“Ele fazia movimentos agitados, levantava e abaixava os braços”.

Recurso fácil para tirar alguma coisa escondida entre suas roupas. E, com efeito, após toda esta pantomima:

“Alguma coisa branca aparccu-lhe acima da cabeça”.

Eetoplasma? Naquelas circunstâncias poderiam ser um simples lenço ou qualquer pano. E, com efeito, o próprio Aksakof ingenuamente confirma nossa explicação:

“O magnésio foi aceso... Em seu ombro esquerdo via-se... u’a mão, com um pedaço de fazenda branca”.

Onde está o mistério?

Truque clássico — Um outro daqueles fenômenos foi também de uma simplicidade alarmante, capaz de enlevar só mesmo o já convencido Aksakof:

“Em seu ombro esquerdo via-se uma terceira mão... E sobre sua cabeça, muito perto da testa, apareceu uma quarta mão”.

O próprio Aksakof nos dá de novo a explicação, sem compreender o “modus operandi”:

“O magnésio foi aceso... Divisei, nesse momento, a forma de Eglinton banhada em deslumbrante luz (da deflagração do magnésio); ele parecia dormir, tranqüilamente, com as mãos cruzadas no peito”.

Ora, este é um truque muito fácil e conhecido: cruzam-se os braços sobre o peito, deixando a descoberto e nus, unicamente os cotovelos: dá a impressão que os cotovelos são as mãos. E assim ficam livres as mãos para aparecerem como se fossem "uma terceira mão... sobre seu ombro esquerdo. . . e sobre sua cabeça, perto da testa... uma quarta mão". E outras soluções... Lógico que estas mãos "eram vivas, mãos naturais".⁴ Parece que a explicação é fácil.

Essas mãos "atraíram Eglinton para trás das cortinas".

E' um mistério como é que Aksakof sabe que essas mãos atraíram Eglinton em vez de serem conduzidas pelo próprio Eglinton. Mas o fato é que, de novo, temos a Eglinton atrás da cortina: agora pode preparar tranquilamente o truque seguinte. Aliás, os ânimos já estão conquistados pelo "prodígio" das quatro mãos que acabam de presenciar.. . E, com efeito:

"TTmii grande forma masculina, vestida do branco o com turbante branco, emergiu de trás da cortina e deu três ou quatro passos no aposento".

Os "investigadores" não tomaram providência nenhuma para averiguar quem era essa aparição. Se não se demonstrava o contrário convincentemente, o lógico seria supor que era o próprio Eglinton disfarçado que, aliás, teve ocasião nos seus passeios pela sala de pegar ainda algum material a mais para o "fenômeno" seguinte. Aksakof, além de não demonstrar que não se tratava do próprio Eglinton disfarçado, acaba por fornecer-nos, ao querer apresentar a "prova crucial" (!!!), os dados para provar que, de fato, se tratava do próprio Eglinton.

Com efeito: já estão os ânimos mais do que preparados; ou, poderíamos dizer, o astuto trapaceiro que era Eglinton (tantas vezes pego em todas as classes de fraudes), já tinha testado suficientemente a ingenuidade do pouco crítico Aksakof.

4. Aksakof, Alexandre, tradução: "Animismo...", o. c., págs.

"Desapareceu por detrás das cortinas": assim é mais fácil preparar a "prova crucial" (!). "Alguns segundos depois, Eglinton (!?) mostrou-se acompanhado por uma figura vestida de branco, a mesma que acabamos de ver".

O que não nos é demonstrado é que seja mesmo Eglinton o que agora aparece, segurado pela aparição. Aksakof, até este momento, nem uma vez agarrou, despiu ou examinou a aparição para ver quem era a "materialização". Deveria fazê-lo agora, ao menos, e examinar exaustivamente o que é apresentado como sendo Eglinton. Mas Aksakof nem olhou diretamente para "esse Eglinton". Contentou-se, em contemplar, extasiado, a "materialização", sem a menor intenção de investigar.

"Pela segunda vez, o magnésio se inflamou e olhei, com estupefação, essa grande forma humana... Podia contemplar perfeitamente o estranho visitante..."

A REALIDADE ERA BEM DIFERENTE ----- Ora, pela própria descrição de Aksakof, depreende-se facilmente que esse Eglinton não era mais do que um manequim vazio. Com efeito:

"...Essa grande forma humana... envolvia e sustinha com o braço esquerdo a Eglinton, o qual tinha dificuldade em manter-se de pé..."

E' preciso muito apriorismo para aceitar a explicação que Aksakof dá como causa de que "esse Eglinton" não se podia manter de pé: porque estava "sumido em profundo transe". Explicação completamente apriorística. Era justamente o que Aksakof deveria tratar de demonstrar. Não podia dar como provado que "esse Eglinton" não era um manequim, roupas vazias etc. A mais elementar lógica estava indicando, especialmente após os preparativos todos, que "esse Eglinton" que não caminha, que não se aguenta em pé, não era uma pessoa, e sim o resultado de um truque.

E isto se confirma mais: compreende-se perfeitamente o resto da cena se é o próprio Eglinton quem está representando a materialização, segurando o manequim. Porque a "materialização" leva um grande susto pelo medo que tem de que se descubra a fraude: é o próprio Aksakof que fornece a descrição seguinte e, no cúmulo do apriorismo, não percebe que aduz a prova evidente de fraude. — Intercalamos na descrição, nossos comentários.

“Quando o Sr. N. pronunciou ‘Agora!’ para advertir que era preciso fechar o obturador na deflagração do magnésio...”

Mas Eglinton não estava preparado ainda, ou condicionado; pensou que esse “Agora” fôsse o clássico sinal para se levantarem alguns espectadores e segurarem a “materialização” (o próprio Eglinton) e o pseudo-Eglinton (roupas vazias); pelo que, aterrando-se, a aparição...

“desapareceu atrás da cortina, mas sem tempo (quem lhe apressava senão o medo?) de levar consigo o médium. Este caiu no chão como um corpo inerte, diante da cortina”.

Lógico que o pseudo-Eglinton, roupa vazia, devia cair inerte ao chão. Mas, a seguir vem o cúmulo da falta de lógica e de espírito de observação científica:

“Nenhum de nós se moveu, porque sabíamos que o médium estava sob a influência de uma força que escapava à nossa fiscalização”.

Ora., ó evidente que Aksakof deveria examinar o que era esse vulto caído no chão, em vez de pressupor, com, apriorismo pouco científico, que era o médium submetido à influência de forças incontroláveis do além. . .

Eglinton, entretanto, vendo que ninguém se levantou para agarrá-lo e para examinar o manequim, conclui que o público é completamente seu. E assim pode levar a termo a fraude:

Então, “a cortina abriu-se imediatamente. A mesma figura apareceu ainda uma vez, aproximou-se de Eglinton (!?), e inclinada por cima dele, começou a fazer-lhe passes”.

Devemos reconhecer que Eglinton sabia como lidar com seus “controladores”. Outro qualquer médium mais afoito teria, tsem mais, recolhido o manequim. Eglinton tem a serenidade de fingir que está a fazer passes, inventando uma nova modalidade: até agora eram os assistentes que faziam passes para os médiuns a fim de fazê-los cair em transe, ou os médiuns faziam passes sobre os assistentes com o fim de curá-los. Agora, porém, seria o próprio espírito materializado quem faria passes sobre o médium!

Os “controladores”, como sempre, ficam enlevados:

“Silenciosos, olhávamos com admiração aquele espetáculo estranho”.

Enquadra-se bem a fraude — E’ evidente que nem após os passes “esse Eglinton” recuperou as forças. Os passes, porém, serviram para que o verdadeiro Eglinton, disfarçado de materialização, agarrasse o manequim:

A aparição “o envolveu com o braço e o arrastou para a cabina. Então, ouvimos a voz fraca de Joc, um dos guias do médium (é conhecida a habilidade de Eglinton para modificar a voz) que nos convidava a conduzir Eglinton para o ar livre e umedecer-lhe a fronte com água”.

Então, por que razão a “materialização” o conduziu para dentro das cortinas? E’ evidente que, dentro das cortinas, o verdadeiro Eglinton podia facilmente tirar o seu disfarce de “materialização” e recolocar-se na poltrona reservada ao médium, substituindo o manequim...

“A dona da casa apressou-se em ir buscar água e, encontrando a porta fechada, dirigiu-se a mim para receber a chave. Recusei, desculpando-me: as circunstâncias exigiam que eu mesmo abrisse a porta. Antes de o fazer, penetrei na cabina com uma lanterna e assegurei-me de que ela estava bem fechada”.*

E’ lamentável que só agora, quando todo o truque já está feito, despeite em Aksakof o espírito de investigador. Antes, porém, permitira à dona da casa para quem seria facilmente possuir outra chave, ir até a porta; assim poderia tê-la fechado se estivesse aberta...

Numa palavra, Aksakof não aplicou nenhum dos controles que deveria ter aplicado e apresenta como provas de controle os que nada interessam.

Será esta uma experiência científica? Será esta a prova definitiva da materialização? ⁶

5. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo. .”, o. c., págs. 274 s., de onde estão extraídos todos os textos citados desde a nota anterior.

6. Aliás, o mais que se poderia provar com este caso, na hipótese do que não tivesse havido truque, seria a fantasmogênese e a transfiguração; a aparição seria Eglinton transfigurado e por isso real, com vida; e o “manequim” seria um fantasma inerte, com pouquíssima matéria exteriorizada de Eglinton.

Mais detalhes — Mais alguns pormenores soltos: para a transformação em “materialização” ou de novo em médium, o disfarce era muito simples, de maneira que não exigia tempo nem esforço:

A aparição “trajava uma vestimenta branca que descia até o chão e uma espécie de turbante”.⁷

No que se refere ao manequim, ao pseudo-Eglinton, qualquer cabeça de boneco servia para representar a cabeça; até menos ainda: qualquer embrulho toscamente preparado; talvez até um desenho. Na escuridão o mais simples dos truques serve para enganar àqueles de quem se sabe que não farão nenhum exame. Para o momento em que se deflagrasse o magnésio, bastaria ocultar um pouco a “pseudo-cabeça” do manequim:

“a fotografia é, infelizmente, menos nítida”.

Infelicidade, porém, muito útil para Eglinton e muito fácil de ser conseguida:

“Isso resultou, evidentemente, do fato de estarem as duas formas em pé, e fazerem movimentos... Entretanto, para o fim que nos propúnhamos (apresentar, ao mesmo tempo, médium e materialização) essas fotografias são inteiramente suficientes: Eglinton (isto é, o manequim que representava Eglinton) é facilmente reconhecível”.

Ora, na fotografia só dá para ver que há uma forma ao lado da “materialização”, mas não dá para ver se de fato é Eglinton, porque o rosto não se pode reconhecer por estar tremida a fotografia, e porque além disso, astutamente se fez com que

“a sua cabeça estivesse um pouco voltada para trás”

e ainda coberta com a mão:

“apoiada contra a mão pela qual é sustentado”.

Para uma prova crucial, onde se deveria demonstrar que, ao lado da “materialização” estava o próprio Eglinton, nos

7. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., pág. 274.

apresentam uma fotografia que de nenhum modo exclui o manequim, antes o torna óbvio! Isso só prova que se trata mesmo de truque...

O rosto falso — Idêntica é a consideração com respeito ao rosto da “materialização”: se Eglinton quisesse utilizar um truque muito simples, que disfarce seria o primeiro a ocorrer-lhe como a qualquer outra pessoa? Martha Béraud, para representar Bien Boa, escolheu uma barba postiça e uma espécie de turbante que cobrisse os cabelos e parte da fronte: não há truque mais simples. E’ o truque clássico. Eglinton escolheu o mesmo disfarce:

“Ao lado, conservava-se a mesma grande forma de homem que todos tínhamos visto. A barba e as sombrancelhas estavam destacadas nitidamente”, tão exageradas estas, aliás, que parecem ser um ruivo disfarce, pois quase serviam de óculos escuros: “Os olhos estão velados”.

O único dado diferenciador que Aksakof apresenta não convence:

“Um dos traços particulares desse rosto é o seu nariz curto, completamente diferente do de Eglinton”.⁸

E não convence porque êsto pormenor pode muito bem ser aparente. Especialmente se levarmos em conta que a fotografia estava tremida e que Eglinton tinha posto uns grossos bigodes postiços.

Tudo estava controlado! — As condições exigidas “do além” eram as mais aptas para favorecer o truque: o astuto Eglinton tomou toda classe de providências para garantir o êxito:

“Sentamo-nos na mesma ordem” exigida na sessão anterior. “Eglinton, em transe, começou a falar. Foi-nos comunicado, pelo seu órgão, que os nossos preparativos estavam aprovados”.

E’ uma grande vantagem poder exigir dos “controladores” quaisquer condições em nome dos “espíritos do além”.

8. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., pág. 276.

Mas, ainda assim, se surgisse algum imprevisto, os “espíritos do além”, como é costume, preparariam a retirada estratégica:

“Foi-nos comunicado a promessa de que nenhum esforço seria poupado para obter êxito, sem que no entanto, nos fôsse permitido contar com êle infalivelmente”.

O problema mais delicado era o magnésio, que poderia surpreender o truque no momento mais comprometedor. Para isso, porém, tomam-sc também providências:

“Foi-nos comunicado pelo seu órgão, que... o momento de acender-se o magnésio seria indicado ao Sr. N. por via de sugestão”.

Precisamente o espírita Sr. N.! Mais ainda: para evitar qualquer erro na colaboração na fraude, que se esperava de-se espírita, tomam a providência de avisá-lo como seria possível evitar complicações:

“Ele (o Sr. N., antes de acender o magnésio) pronunciaria a palavra 'Agora'”.

O “êxito” e o ambiente — Os acompanhantes de Aksakof compunham um círculo espírita já constituído: “fâssc êxito (í ?) devo-o inteiramente ao círculo que se prestou às minhas experiências. Eu sabia que a condição essencial para obter bonrf resultados mediúnicos é um ambiente apropriado. Sabia que tudo depende do ambiente. Mas até então não tinha tido o ensejo de verificá-lo de maneira tão evidente”.

E’ claro: até então Aksakof tinha verificado que o ambiente importa um pouco, às vezes, para realizar fenômenos parapsicológicos que sejam possíveis, mas é “condição essencial” para realizar determinadas fraudes, apresentadas como fenômenos espíritos ou, ao menos, como um tipo de fenômeno parapsicológico que na realidade é impossível.

O círculo era já conhecido como muito parcial: “Independentemente da composição escolhida para o círculo, no qual eu tinha sido admitido, éramos favorecidos pela condição importante de que, nesse círculo, se tinham obtido fotografias

9. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., pág. 273.

transcendentes (!!)) e que, por conseguinte, a presença do elemento mediúnico necessário já tinha preparado o terreno precisamente para a experiência que eu tinha proposto”.¹⁰

Com TEMPO PARA preparar-se — Tinham também, como se acaba de ver, muita prática nos truques.

E ainda tiveram tempo de arquitetar os truques convenientes “para a experiência que eu (Aksakof) tinha proposto”.

Outros dados fornecidos por Aksakof confirmam que houve tempo para preparar tudo: Eglinton primeiro foi chamado por Aksakof a São Pterburgo, para tentar a materialização. Mas Eglinton não estava prevenido, nem havia um círculo que cumprisse a condição essencial. E fracassou.

“A despeito de todas as nossas fadigas, não pudemos, desta vez, obter resultado satisfatório”.

Mas dando teinjH> a Eglinton, o com um círculo que cumprisse a condição essencial, em Londres, então sim:

“Desta vez os resultados excederam as minhas esperanças”.^{*1}

Estas últimas são as experiências que acabamos de descrever. Aksakof contentou-se com tão pouca coisa... Mas também esta. sessão “triumfante” não foi logo realizada em Londres.

Primeiro houve outra sessão sem êxito, no dia 22 de julho. Nela Eglinton “começou a falar sob a direção de um dos seus guias (!?): ele exprimiu o pesar pelo insucesso da experiência”.

Eglinton teve algum contratempo, ou estava ainda prudentemente observando a capacidade de disposição de controlar que tinha Aksakof? Por medida de prudência, Eglinton, em nome dos mortos, reclama tempo folgado:

“Acrescentou que seriam necessárias nada menos que 10 sessões para obter o resultado desejado”.^{11*}

As coisas, porém, puderam ir muito mais rapidamente dado o pouco controle de Aksakof. E já na sessão seguinte

10. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. o., pág. 276.

11. O. c., pág. 270.

12. O. c., pág. 272.

com mais quatro dias para combinar direito o truque, Eglinton obtém êxito completo: os “espíritos guias” esqueceram-se de que seriam: necessárias mais de 10 sessões...

Motivos anti-científicos — Esse círculo escolhido, com muita prática em truques, com tempo para arquitetar a fraude da “prova crucial”, tinha motivos especiais para obter êxito. A experiência pretendia responder à justa observação que Ed. von Hartmann levantara contra a “prova crucial” de Crookes: “A fotografia tirada por Crookes, na qual se vê, ao mesmo tempo, a médium e o fantasma (“materialização”) deixa suspeitar, com fundamento, que, em lugar do pretenso fantasma, foi a médium quem foi reproduzida enquanto que, no lugar da médium, não se teria, visto mais do que os vestidos repousando meio disfarçados num. travesseiro”.¹³

Aksakof reproduz essa crítica.¹⁴ O torna., inutilmente como vimos, o papel de advogado defensor:

“Por meu lado, tomo a incumbência de provar a todas as pessoas que têm fé na palavra do Sr. Crookes que essa suspeita do Sr. Hartmann é sem fundamento”.

“Querendo obter a prova absoluta que o Sr. Hartmann exigia e decidido a submeter-me a todas as condições por ele impostas, com uma experiência que eu mesmo deveria dirigir, organizei duas séries de sessões com o médium Eglinton”.¹⁵

São a sério som êxito oni São Potorsburgo o a sério do sessões combinada, para Londres. Na primeira, destas experiências também não se obteve êxito e, logo na segunda, se fez o truque que descrevemos; destarte a segunda sessão ficou sendo a última.

Aksakof estava lamentando o fracasso inicial. Ele, como vimos, não foi com o espírito que deve ter um cientista: ver se existe o fenômeno. Mas queria ardentemente provar que

13. Hartmann, K. R. Ed. von: “Der Spiritismus”, Berlim, Friedrieh, 1885, págs. 97 ss. (Publicado, também, com alguns acréscimos em “Psychische Studien”, n.º 2, 1885).

14. Aksakof, Alexandre, tradução: “Airmismo.. o. c.”, pág. 255.

15. O. c., pág. 255. Não se trata de ter fé na palavra de Crookes. Ele era sem dúvida muito honesto nos seus depoimentos científicos; mas não soube interpretar suas experiências, tomando por materialização o que na realidade era transfiguração ...

16. O. c., pág. 270.

existia a materialização e como não conseguia “a prova crucial”, ficava apreensivo. Péssima disposição, completamente anti-científica.

“A segunda sessão dessa série, a última de todas, foi fixada para 26 de julho. O resultado negativo da sessão precedente confirmou minhas apreensões. Eu estava cada vez mais convencido de que nada se produziria”.¹⁶

Eglinton, por sua parte, tinha, como todo o círculo, vontade de se defender das fraudes anteriores com novas fraudes que pudessem ser aceitas por uma pessoa do prestígio de Aksakof, conselheiro de Estado da Rússia. Ao partidatismo de Eglinton e de todo o círculo, se acrescentava a ansiedade de saber se seu truque conseguiria enganar Aksakof:

“Eglinton manifestava grande impaciência por conhecer o resultado da sessão. Sabendo do êxito suas primeiras palavras foram: ‘Está bom. É suficiente para o Sr. Hartmann?’ Eu lhe respondi: ‘Ficam terminadas por ventura as alucinações’ ‘« ”.

Fraude consciente ou inconsciente? — Como demonstramos, o caso Eglinton com Aksakof não tem nada de prova crucial da materialização e indiretamente está a provar exatamente o contrário.

O caso é manifestamente de truque. Talvez, porém, não seja fraude consciente, embora a fraude consciente pareça mais verossímil analisando todo o conjunto.

Se a fraude foi consciente, todo o sofrimento que Eglinton manifestou no seu esforço para realizar a materialização não passou de pura simulação para impressionar Aksakof e adornar a fraude. Mas, no caso de ser fraude inconsciente, durante o transe, o sofrimento de Eglinton talvez fosse verdadeiro e estaria a provar como são difíceis os fenômenos de ectoplasma, de forma que até a tentativa de desprender ectoplasma, para procurar a impossível materialização, custaria grandes sacrifícios ao dotado.

17. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., págs. 272 s.

18. O. c., págs. 275 s.

Na sessão fracassada de 22 de julho, Eglinton disse, como se fôssem os "espíritos guias" que falavam por seu intermédio, que "êles estavam em dúvida se tinham o direito de impor ao médium semelhante esgotamento".¹⁹

No fim da sessão "bem sucedida", Eglinton estava exaustito. Ou fingia estar.

"Ouvimos a voz fraca de Joe, um dos guias do médium (!?) que nos convidava a conduzir Eglinton para o ar livre o umedeccr-lhe a fronte com água... Eglinton estava abatido em sua poltrona, em profundo transe. Não se podia pensar em mantê-lo de pé. Conduzimo-lo, pois, à sala de jantar e o instalamos em uma poltrona, perto de uma janela aberta. Apenas o tínhamos instalado nessa posição, ôle caiu no chão, em convulsões. Tinha sangue nos lábios. Começamos a iricioná-lo vigorosamente e fizemo-lo cheirar sais. Só no fim de um quarto de hora ôle pôde ser instalado de novo. Respirou profundamente e abriu os olhos".²⁰

Pouco depois, Aksakof comenta o "êxito" alcançado:

"Mas êsse triunfo custou muito a Eglinton. Decorreu mais de uma hora até que êle adquirisse bastante fôrça para dirigir-se penosamente à estação para tomar condução. O Sr. N. se incumbia de reconduzi-lo à casa e de pô-lo na cama. Chegando à casa Eglinton teve de novo acesso de convulsões acompanhadas de hemorragia pulmonar. Ele tinha insistido em que os incidentes da noite se conservassem ocultos de seus parentes. Mas, no dia seguinte, seu aspecto inpirou inquietações à família e vieram à minha casa para indagar o que se tinha feito com Eglinton na véspera, para o deixar naquele estado de esgotamento como nunca acontecera".²¹

Sem querermos decidir sobre o caso, só advertiríamos que, sem necessidade de pensar numa psicologia especial de hístico, bastante comum em muitos dotados, tudo o que se diz a respeito das conseqüências na saúde de Eglinton pode ser encaixada numa fraude consciente muito hábil, como fingir umas convulsões quando não está presente um médico ou psiquiatra que analise o estado psicofisiológico do paciente.

Por outro lado, ficar mais de uma hora para ouvir os comentários é muito conveniente para um trucador. ...

19. Aksakof, Alexandre, tradução: "Animismo...", o. c., pág. 272.

20. O. c., pág. 275.

21. O. c., pág. 276.

Ser acompanhado até a casa pelo Sr. N., o colaborador na farsa, encarregado de tirar as fotografias e dar os avisinhos antes de acender-se o magnésio, é também muito conveniente para os dois trucadores. Podem comentar os fatos, corrigir os erros e combinar atitudes.

Se houve ou não hemorragias pulmonares e prostração física, se ficou de cama ou não, se os familiares se assustaram ou não, são tôdas afirmações da camarilha de Eglinton, que nem Aksakof nem cientista algum pôde comprovar. Mas era muito conveniente que Aksakof se inteirasse de tudo isto, a fim de ter mais motivos para acreditar. E, com efeito:

" Vieram à minha casa indagar o que se tinha feito com Eglinton na véspera, para deixá-lo naquele estado de esgotamento que nunca lhe tinha observado antes".

Embora não se nos diga por que não foram às casas dos componentes do círculo espírita, conhecidos dos familiares de Eglinton, entre os quais ôle dava suas sessões...

E é também um pouco estranho, Eglinton realmente sendo tuberculoso, que os familiares nunca antes lhe tivessem observado uma hemoptise e prostração. ...

Onde o esgotamento? — Não é nada fácil, é esgotante, é perigoso para a saúde, até mesmo tentar a materialização. E sobretudo será sempre esforço inútil. Como é pois, que os médiuns, no Brasil, realizam com tanta facilidade e tão regularmente, materializações tão formidáveis?

Como já vimos Daniel Dunglas Home, o maior de todos os ectoplastas, o maior de todos os dotados (para fenômenos físicos), nunca passou de fantasmogêneses, fantasmas vaporosos que freqüentemente eram quase invisíveis. Só uma vez, com Adare, produziu um fantasma que dava a impressão de realidade, mas visto de longe. Com Crookes, só em duas ocasiões Home apresentou aparições de corpo inteiro. Uma delas era semitransparente; outra uma espécie de sombra: simples fantasmogêneses.

Algo parecido devemos dizer da mais famosa e possivelmente a maior dotada (para fenômenos físicos) de todos os médiuns femininos, Eusápia Palladino. Todos os investigadores! estão de acordo em que as aparições de formas completas eram raríssimas. Em Nápoles, Visani viu uma forma de ho-

mem muito grande, mas era muito vaga. Maxwell viu uma silhueta negra em Agnelas, projetando-se sobre o muro por efeito da luz que vinha da porta e ainda não tinha consistência visível por baixo: como máximo fantasmogênese.

Ora, se os maiores dotados, os melhores ectoplastas nunca realizaram materializações e até mesmo as fantasmogêneses, especialmente se um pouco mais densas, lhes custavam tanto, como é que os menos dotados conseguiram realizar materializações? Não é muita pretensão? Não é isto prova de que as supostas materializações não passam, em última análise, de fantasmogêneses? Quando não, menos ainda, de simples j transfigurações do próprio dotado? Nos casos em que não se queira admitir nem transfiguração nem fantasmogênese, devemos concluir que, quanto mais se estude o fenômeno mais se demonstrará que tudo foi fraude.

E no entanto, nossos médiuns e os teóricos do espiritismo brasileiro, querem fazer-nos crer na facilidade, frequência, e perfeição das materializações, como no caso de Uberaba, como em Vila, (Guilherne e em tantos outros lugares. ..

A FAMOSA EXPERIÊNCIA DE HARRY PRICE ----- A experiência realizada, por Harry Price alcançou grande fama e é citada muitas vezes pelos defensores da materialização. É o próprio Price dá a máxima importância a este caso, numa das suas obras." -

A médium era uma senhora que Price apresenta sob a inicial Z. Esta senhora perdera o marido na guerra, em 1910, e pouco depois, em 1921, perdeu uma joia da menina, Rosália, de seis anos.

Possivelmente, ao menos em grande parte, por efeito destes sofrimentos não superados, desde a primavera de 1925 até dezembro de 1928, a senhora Z. começou a ouvir freqüentemente, nas noites de insônia, a voz de sua filha que a chamava; depois começou a ouvir algumas vezes os seus passos sobre o pavimento, até que, por fim, uma vez, pareceu-lhe apertar um braço.

Tudo isto não teria tido importância e talvez a senhora Z. se ; teria curado. Mas ela comunicou suas alucinações a uma família espírita, o casal X., que a compeliu a realizar como médium, sessões de espiritismo na esperança de que, algum dia, aparecesse a *menina* completamente materializada. As sessões se realizavam na própria casa do Sr. X.

22. Price, Harry: "Fifty Years of Psychical Research. A Critical Survey", Londres, Longmans e Hurst, 1989.

No dia 15 de dezembro de 1937, Harry Price assistia a uma sessão da médium Z. na tal casa.

Tem-se dado grandíssima importância a este caso. Price era famoso como "caçador de espíritos". Como pesquisador científico dos fenômenos parapsicológicos tinha grandíssimo prestígio. Sua grande experiência como desmascarador de médiuns tornara-o sumamente desconfiado e cético. Era hábil mágico...

Fatos estabelecidos — Segundo refere o próprio Price, pesquisou cuidadosamente a estância das experiências e os quartos adjacentes. Revistou todos os divãs e poltronas, abriu as gavetas dos móveis, revistou atrás de todas as portas e debaixo dos tapetes, tampou todas as aberturas do quarto, fechou a chave, guardando-a consigo. Depois espalhou pólvora sobre todo o assoalho para descobrir as pegadas de alguém que caminhasse pelo chão.

"Fui convidado a sentar-me entre as senhoras X. e Z. Às 21 horas, começou a sessão. Depois do quase uma hora de espera, entre severas comunicações de música quase sacra, a mãe de Rosália exclamou: 'Rosália, meu anjo'. Também eu percebi alguém perto de mim, entre mim e a mãe de Rosália, a qual, já soluçando, acariciava sua filhinha. Então, senti um ruído de passos sobre o pavimento e fui tocado no dorso da mão que tinha sobre os joelhos. Era um toque mórbido de mãozinha ligeiramente cálida. A senhora Z. continuava a sussurrar com a sua criatura".

"Depois de alguns minutos, perguntei se podia tocar a menina. Foi respondido afirmativamente. Entrei então em contato com o corpinho de uma criança de sete anos presumíveis, sem vestidos. Toquei seu rosto, seus braços, seu peito, as costas, os joelhos; estavam tépidos. Senti distintamente a respiração da menina. Tinha cabelos compridos, que lhe caíam sobre as costas. Continuei tocando, centímetro por centímetro, com ambas as mãos; seu pulso batia com ritmo acelerado, notei as batidas do coração. Com os papelões fosforescentes de que dispunha, pude ver suas carnes, seus olhos azuis, luminosos, inteligentes. À pergunta sobre sua vida no além não respondeu. Disse-lhe:"

— "Queres bem à mamãe?"

— "Sim, sim". A mãe apertou-a no colo; alguns minutos depois Rosália tinha desaparecido".

"A sessão terminou. Estávamos presentes os onze. Eu me sentia sobremaneira comovido. Fez-se a luz. As senhoras X. e Z. não se moveram do meu lado e disto me assegurei tocando-lhes as mãos freqüentemente com permissão delas. Examinei todos os meus selos

na porta: estavam intatos. O polvilho não apresentava modificação. Agradei vivamente o convite mais interessante e embaraçoso para minhas idéias e presentes convicções".

"Voltando para casa, escrevi imediatamente a relação que referi e depois, perguntci-mc a mim mesmo: Mistificação? De 1925 até 1938, quando a mãe de Rosalia já a sentia e via cm sua casa e, depois nas sessões na casa dos X.? E donde veio aquela criança de carne e osso? E como teria feito para entrar naquele quarto fechado e selado? E aonde iria no fim da sessão? Assim pensava c assim escrevi".

Êste caso tem, sido considerado por muitos como o melhor, o mais indiscutível, por ser referido nada menos que pelo cético Harry Pricc, "o demolidor dos espíritos".

Questão de ciúmes — Harry Pricc, como já indicamos em outro capítulo, nesta, época da sua vida estava cm apaixonado recalque contra a "Society for Psychical Research" de Londres', fato que o impeliu a empanar, manchar, destruir sua, brilhante carreira anterior, com uma série de charlataniees e fraudes, tentando enganar e ridicularizar os investigadores ingleses. Foi o caso do presbitério "mal-assombrado", foi o caso da "materialização" de Rosália. . .

Pricc queria pôr á prova a sagacidade dos investigadores ingleses. . . Mas não os enganou. Só enganou os que já estavam enganados, como o espírito Bozzano.²³

Os investigadores não se deixaram iludir. Para Thorsen, por exemplo, tudo isso não passou de pura fantasia, invenção, charlataniee do próprio Harry Pricc.¹

Análise da relação — Nas mesmas expressões de Pricc se descobre a charlataniee. Em primeiro lugar, jamais um investigador sério poderia dar tanta importância a uma única sessão, naquelas circunstâncias. Price, se não estivesse mentindo, teria voltado dezenas e dezenas de vezes paia comprovar essa materialização fantástica...

Que valor teria uma única sessão, em casa de uns espíritos militantes, que tiveram anos de preparação, que con-

23. Bozzano, Ernesto: "Di una grande avventura toscata ad um duro a convincere", em "Luce e Ombra", março-abril, 1947, págs. 3 ss.

24. Thorsen, Paul, em "Luce e Ombra", 1951, n.º 6, págs. 353 ss.

vidam expressamente a Price com a intenção de convencê-lo? Sessão em plena escuridão! Price "convidado a sentar-se entre as senhoras X. e Z.", sem liberdade nenhuma de movimentos... Nenhuma fotografia, nenhum aparelho para registrar se entrou ou não alguém..., nem sequer os nomes de nenhum dos participantes...

Uma hora de preparativos. E ainda, para encobrir os possíveis barulhos, "música sacra..."

Price, o cético Pricc, sem dúvida sabia que a precaução do pó espalhado no chão de nada serviria, e que qualquer investigador medianamente conhecedor do seu ofício (todo parapsicólogo deve ser perito conhecedor de mágicas e truques) sabe que é fácil demais afastar esta dificuldade, mormente quando plcnamente conhecida (Price levava sua ironia até o ponto de espalhar o pó abertamente, diante de todos!) Bastaria o rudimentar expediente de passar a menina de braço em braço, ou de fazê-la caminhar sobre uma tábua estendida sobre cadeiras, ou sustentada por dois colaboradores de seus próprios lugares etc.

O cúmulo da fingida ingenuidade de Price é que insiste:

"As senhoras X. e Z. não se tinham movido do meu lado e eu mesmo, frçqñctmcntc... me assegurei disso, tocando-lhes as mãos".

Entretanto uma linha antes, afirmara que eram "onze pessoas", com o que, evidentemente, só para ridicularizar poderia ter insistido no controle de duas pessoas somente.

Primeiro vê que "estávamos presentes os onze"; só depois "foi acesa a luz".

E havia de ser ainda nada menos do que o cético Price quem iria escrever uma relação sob impacto emotivo, sem deixar tempo algum para reflexão! "Eu estava altamente comovido... Retornando à casa, imediatamente escrevi a relação que refiro".

O cético Price, poderia, a sério, fazer as perguntas que finje fazer a si mesmo? "Mistificação? de 1925 até 1938, quando a mãe de Rosalia já a sentia, a via na sua casa e depois, nas sessões dos senhores X. ? Price sabia de sobejo que, quando muito, só lhe poderia constar uma aparição e que as aparições à mãe, na sua própria casa, poderiam ser simples alucinações ...

Ou as outras perguntas fingidas: “Donde veio aquela menina de carne e osso? E como poderia ter entrado naquela estância fechada e selada? Aonde iria no fim da sessão?” Ora, Price conhecia de sobra e o tinha demonstrado em mil outras ocasiões que, numa casa particular e, além disso, com anos de preparação, há mil modos de esconder, trazer, tirar uma simples menina no escuro sem que o hóspede de umas horas possa descobrir o segredo sobretudo entre onze pessoas!

E’ possível que o cético Price, “o caçador de espíritos”, fôsse acreditar, só por causa de uma sessão em péssimas circunstâncias, que era mesmo real, parapsicológica, uma tão perfeita materialização, tão de carne e osso observada centímetro por centímetro, com longos cabelos, pulsação acelerada, sentindo-lhe a respiração, auscultando-lhe o ritmo cardíaco... ?

“O demolidor de espíritos” não haveria de suspeitar da impossibilidade que a menina, bem deste mundo, manifestou em dar-lhe qualquer idéia do que sucedia no além?:

“A pergunta sobre a sua vicia no além não respondeu...”

Price queria que os investigadores ingleses acreditassem só pela sua “autoridade”, sem um mínimo de requisito científico e fornecendo êle próprio os dados evidentes para a refutação. Assim queria demonstrar que êles não sabiam analisar as relações...

Contradições patentes *— Ainda mais; Price chega a arriscar contradições que qualquer investigador novato perceberia e que só podiam deixar de ver pessoas que estivessem previamente convictas, como Bozzano e seus seguidores.

Diz primeiro Price que colocara polvilho no assoalho para fixar as pegadas de qualquer pessoa que caminhasse na sala; depois afirma que aparece uma menina de carne e osso... e “senti um barulho de passos sobre o pavimento”. Não obstante, afirma depois que o pó ficara intato! Price, no seu recalque, exagerou pensando que poderia rir-se dos investigadores da Sociedade de Investigações Psíquicas.

Encontramos em Price outra contradição que só pode indicar segundas intenções. Afirma: “A mãe de Rosália... acariciava sua filhinha... fui tocado no dorso da mão”, para

acrescentar pouco depois, como se temesse machucar a formação ectoplasmática, e fingindo-se ingênuo: “perguntei se podia tocar a menina...”

Evidentemente Price pretendeu ridicularizar os investigadores da Sociedade de Investigações Psíquicas fornecendo êle mesmo os dados evidentes da refutação, esperando que os investigadores não o percebessem... Mas Price quis levar o ridículo longe demais...

Em todo caso, nunca uma única sessão, como a presente, tão contraditória, em tão péssimas condições de controle, referida por quem, naquela época, tinha caído na charlatanice, poderá ser tomada como argumento científico para provar um fenômeno tão incrível como a materialização. E êste caso é considerado por muitos espíritos como o melhor, ou um dos melhores e o mais incontestável...

A “**explicação**” teórica — Como temos visto nestes últimos capítulos, nenhum falo nem espontâneo nem experimental, pode ser invocado em prol da materialização. Pelo contrário, as experiências apresentadas pelos defensores da materialização provam, na realidade, que a materialização não existe. Deêstes casos se infere que nem os melhores dotados, nas melhores circunstâncias, nem cientistas conceituados com todos os seus esforços conseguiram jamais materialização alguma. Êstes são os fatos.

O próprio conceito teórico da materialização é inadmissível. Sem nos deter demais em teorias, não devemos terminar êste tema sem algumas considerações a respeito do conceito mesmo, ou da “explicação” teórica da materialização.

A teoria da materialização opõe-se a um princípio universal científico: a economia das hipóteses. Para explicar as aparições por materialização, devemos supor, primeiro, que todo o médium, ou quase todo, foi desmaterializado sem que isto lhe acarrete a morte definitivamente. E depois, “os espíritos do além” formariam um novo corpo completo, real, completamente materializado, de carne e osso sólidos, com sangue, leucócitos etc., com todos os órgãos tão instantaneamente solidificados ... E ainda, numa espécie de nova criação, lhe infundiriam a vida, a inteligência etc., ou um “espírito desencarnado”, por um poder inexplicável se uniria a êsse corpo, animando seus músculos, suas artérias, seus nervos, seu cérebro...

bro etc., animando um corpo que não fôra o seu. E isto se faria de forma que o novo ser não seria uma personalidade diferente, mas a mesma personalidade de que fôra parte o “espírito desencarnado” antes de “desencarnar-se”, mesmo que isto, filosoficamente, seja completamente inadmissível. E depois ainda, os “espíritos do além” haveriam de novamente desmaterializar a aparição e “ressuscitar” o médium. Muito complicado, muito difícil, muito inexplicável.

Em contraposição, a transfiguração é bem mais simples: o próprio médium se transfigura um pouco.

Os objetos materiais — Como vimos nos capítulos 12 e 13, compreende-se que uma aparição tenha vestidos, sapatos, relógios de pulso etc., perfeitamente reais, porque são os mesmos que usa o médium. Em certos pontos, a própria roupa do médium, pode também; estar recoberta de ectoplasma, dando a aparência de outra veste real, sem contudo sé-lo, como se pode comprovar pelo tato. É a transfiguração.

Ora, na teoria da materialização, os vestidos e objetos reais não têm cabimento. Por definição, os vestidos, sapatos, relógios etc. seriam também perfeitamente reais, mas teriam sido materializados...

A explicação que dão os teóricos espíritas é completamente apriorística e absurda. Diz Aksakof: “Fomos conduzidos logicamente (?) à hipótese de que o fenômeno da materialização poderia ser produzido à custa de um objeto dado, sem desmaterializá-lo completamente”.

Os objetos materiais teriam também perispírito? Porque os espíritas acham que a materialização se faz extraindo-se o perispírito (!?) das pessoas, e portanto, agora também dos objetos materiais... Evidente contradição: os objetos materiais teriam também perispírito e conseqüentemente espírito... Ou “partículas de espírito” como dizem outras vezes, o que é maior contradição, pois o espírito, pela sua mesma essência, não pode ter partes nem partículas...

E ainda foi “conduzido logicamente” (?) a afirmar que “os objetos não são desmaterializados completamente, porque então a médium e os espectadores ficariam nus...” Ora, isto é tanto como afirmar que as roupas e objetos grossos ficariam transparentes ou esburacados ou que diminuiriam de tamanho...

E então os objetos materializados seriam só parcialmente materializados e não perfeitamente reais como se afirma das materializações!

Enfim, esta teoria é um monte de disparates, que teria sido corroborado pelos próprios espíritos mais inteligentes do além: “É efetivamente o que sucede, conforme a observação e o dizer das forças inteligentes que produzem este fenômeno. A materialização de um tecido produzir-se-ia pois, à custa dos tecidos usados pelos assistentes; é o tecido que serviria de médium para a materialização de um tecido. Eis o que encontrei a esse respeito numa comunicação: “É impossível formar semelhante matéria a menos que um material correspondente esteja em posse do médium ou dos assistentes, visto que qualquer coisa no mundo da matéria tem a sua qualidade correspondente no mundo espiritual” (!!).

Côres no camaleão — E para nos fazer endossar essas afirmações contraditórias, os “espíritos inteligentes” (o inconsciente de médiuns influenciados por teorias absurdas) acrescentam mais razões e falsidades apriorísticas: “Geralmente é a cor branca a escolhida. Porém se na sala onde se realiza a sessão se colocam cores vegetais, então quase cada um de nós (os “espíritos materializados” dos mortos) poderia mudar a cor branca de sua roupa em um dos matizes representados na sala. Este fenômeno poderia depois de uma série de experiências, ser produzido sob os olhos dos assistentes quer com a fazenda fabricada por nós, quer com um tecido fabricado em vosso mundo”.²⁵

Outras inépcias — Tais contradições formam parte da teoria geral dos que admitem a materialização. Assim Lombroso, por exemplo, escreve, citando por sua vez, a revelação que teria trazido do além Katie King (o inconsciente de Florence Cook): “Os fantasmas vêm vestidos de um tecido branco finíssimo, às vezes duplo, triplo e também quádruplo (!), que segundo afirmam, tiram do traje do médium. Este tecido mediúnico, como disse Katie King a Crookes, é necessário para conter seu organismo fluídico e impedir que se dissolva à luz”.²⁶

25. Aksakof, Alexandre, tradução: “Animismo...”, o. c., pág. 126.

26. Lombroso, Cesare: “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Torino, T.Jet, 1914 (1.ª ed., 1909). Tradução francesa por Rossigneux:

Só que, neste caso, Lombroso e a própria "Katie King" não caíram na conta de que ela se apresentava com o rosto, braço, partes do tórax a descoberto c cm plena luz, c que o organismo não tinha nada de fluídico, sendo antes bem sólido, completamcne real (transfiguração) . . .

Por outra parte, se até tecidos quádruplos se extraem do médium, êste ficaria nu. . . Mas o que acontece, cm geral, é ver roupas sobrando que o médium deixa na cadeira...

Ignorância ou intenção de enganar — Após quanto fica dito, visto que não existe a materialização, notemos as contradições e sinais de desconhecimento de parapsicologia que mostram muito freqüentemente os dirigentes das sessões de "materialização".

Insistem em que o médium fica na cabina, devendo até ser atado ou ficar atrás de uma grade para maior garantia etc. Quando, porém, o médium é pego em flagrante, fora da cabina, desatado etc., objetam: não foi fraude, é que a aparição devolveu ao médium tãda a matéria que lhe tomara. Aquela, providência de atar para que o médium não saia. e esta defesa, do médium que está fora têm aspectos contraditórios.

Aliás, atando o médium não convencerão, uma vez que isto frqüentemente é feito por outro comparsa, obedecendo às normas dos "espíritos-guias". Em segundo lugar, porque nenhum verdadeiro conhecedor da história da investigação haveria de considerar suficiente esse controle de ataduras.

E muito menos quando se amarra (como na conhecida e clássica farsa de Uberaba) com correias de couro, tão aptas para impressionar os incautos, mas tão difíceis de dobrarem bem para formar um bom nó.²⁷ Estas correias eram pregadas de tal forma na pol-

"Hypnotisme et spiritisme", Paris, Flammarion, 1922 (1.^a ed., 1911). Tradução portuguesa por Imbassahy, Carlos: "Hipnotismo e Espiritismo. Pesquisa sobre os fenômenos hipnóticos e espiríticos", São Paulo, Lake, 1960. Nós usamos de preferência outra tradução portuguesa por Martins de Castro, Almerindo: "Hipnotismo e Mcdiunidadc", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., pág. 403.

27. Inclusive um experimentador simpatizante do Espiritismo, Hereward Carrington, num dos seus livros ("The physieal Phenomena of Spiritualism fraudulent and genuine", Boston, Turncr, 1907), insistia há já muito tempo na necessidade de se empregar, para atar os mé-

trona que, sendo impossível de se adaptarem ao corpo da médium, necessariamente ficavam folgadas; além disso, as fivelas eram grandes e a poltrona era de madeira, tão susceptível de truques, podendo até ser desmontada. Não se punham selos; não se permitia observar, nem sequer visualmente, a médium na cabina; etc. etc.

Não se pode chamar hoje de controle, tãda essa "técnica" de amarrar. No mínimo, hoje, se exigiria um controle automático, com raios infravermelhos. Mas nem sequer permitiam fotografias manuais com infravermelho naquela escuridão.

As ataduras não têm sentido na teoria espírita da materialização. Por que atá-lo? Nada tão inútil como amarrar a quem deve pouco depois "dcsmaterializar-sc" a fim de que, com sua matéria, se faça o "espírito".

Pressupõem eles, que a aparição e o médium são pessoas diferentes. Para prová-lo atam o médium. Mas... sc o médium vai se desmaterializar, a.s ataduras nunca poderão provar que êle ficou na. cadeira...

Os "espíritos-guias" nunca falaram aos dirigentes espíritas a respeito da transfiguração. Sc conhecessem a transfiguração, compreenderiam, por mais este motivo, que é absurdo atar o médium: ó o próprio médium que deve sair fora da cabina, transfigurado... Dever-se-ia dirigir todo o esforço para comprovar se, de fato, houve ou não houve ectoplasma transfigurador c modificação do aspecto externo do médium.

Falta o essencial: a prova — Em conclusão de quanto foi dito, além da cctoplasma e transfiguração admitimos a ecto-colo-plasma e a fantasmogênese, mas não a materialização.

O próprio Rcné Sudre, acérrimo defensor dos fenômenos derivados da cctoplasma, mostra-se muito mais prudente com respeito à materialização propriamente dita. Sem apresentar nenhuma prova direta, deseja que se admita só por dedução, esquecendo-se de que não se pode argumentar do menos ao mais: "estas efêmeras materializações (em sentido amplo) se fazem e desfazem com a rapidez do pensamento que

diunis, linhas de sêda ou muito finas, e não barbantes nem muito menos cordas. Os líderes do espiritismo de hoje empregam largas correias de couro..,

as criou. Elas são, o mais das vezes, incompletas, como se faltasse matéria para as terminar. Vêm-se então mãos, cabeças, que parecem suspensas no ar ou se desprendem de um ectoplasma amorfo (ecto-colo-plasmias). Enfim, estas formas apresentam... todos os graus de consistência desde o fantasma transparente e impalpável das lendas (fantasmogênese) até os seres completos que parecem organizados e vivem como nós (estes casos seriam materializações se não fôssem transfigurações). Estes últimos casos são bastante raros para justificar uma certa incredulidade. Porém mais ainda do que a autoridade dos seus observadores, é a existência de todas as formas intermediárias, tais, como nós mesmos pudemos perceber, em condições perfeitamente seguras, que estabelece a realidade destes casos extremos".²⁸

Como se vê, se Sudre tivesse presente a transfiguração, sua "certa incredulidade" se converteria em negação completa da materialização, dado que o raciocínio que faz para defender a materialização é inadmissível: não se pode argumentar de menos para mais, dos casos "intermediários" para os casos "extremos".

Só dentro do grupo — Os espíritas são acérrimos defensores da materialização. Fazem dela, entre todos os fenômenos derivados da ectoplasmia, o último baluarte da "intervenção dos mortos". Devemos confirmar isto e analisá-lo.

Assim o coronel Dc Rochas começa por conceder que é o próprio médium quem realiza e dirige as ecto-colo-plasmias e fantasmogêneses: "O duplo fluídico (ectoplasma) pode reformar-se fora do corpo... Assim exteriorizado, continua a ser dirigido pelo psiquismo e obedece-lhe com a maior facilidade (psicobulia) de modo que o sensitivo (ectoplasta) pode movê-lo e acumulá-lo de matéria até o ponto em que deseje torná-lo perceptível aos nossos sentidos. É assim que Eusápia forma as mãos que são vistas e tocadas pelos espectadores ... A matéria fluídica exteriorizada pode ser modelada sob a influência da vontade... Podemos supor que Eusápia

28. Sudre, René: "Traité de Parapsychologie", Paris, Payot, 1956. pág. 309. (Este livro é uma ampliação e "aggiornamento" do seu antigo "Introduction à la Métapsychique humaine", Paris, Payot, 1926). Tradução inglesa por Green, Celia: "A treatise of Parapsychology", Londres, Há também tradução portuguesa.

conceba em sua imaginação, uma figura de feições bem características e que dê à sua voz o timbre próprio dessa personagem, John King, como também modele a figura dele com seu corpo fluídico, que ela nos faz sentir como dotado de uma larga mão de homem; imprime-lhe, à distância, como no gesso, a forma de uma cabeça de homem" (fantasmogênese).²⁹

Até aqui Rochas vai bem, atribuindo os fenômenos às próprias forças do médium, fenômeno parapsicológico. Mas depois, recorrendo-se à materialização, faz dela o último recurso para defender a intervenção de espíritos do além: "Além disso não estamos isolados no mundo. Há pessoas de meu conhecimento pessoal, nas quais deposito a maior confiança, que narrem fatos só explicáveis por meio da posse temporária do corpo fluídico exteriorizado por uma entidade inteligente de origem desconhecida. Tais são as materializações de corpos humanos inteiros, observadas pelo senhor William Crookes..." e outros.²⁹

Bozzano diz a mesma coisa: "Os fenômenos de materialização (em sentido amplo) dividem-se em duas categorias especiais, sendo uma complementar da outra. A primeira, compreendendo os provocados por uma força plastificante (ideoplastia) a serviço do pensamento subconsciente do médium (psicobulia) e que pode ser utilizada indiferentemente para materializar objetos inanimados, como também para reproduzir em efígie cabeças humanas chatas ou em relevo" (ecto-colo-plasmia).

Até aqui também Bozzano se vê forçado, pelos fatos, a admitir a explicação parapsicológica. E é justamente na ecto-colo-plasmia perfeita, — que não existe — e na materialização propriamente dita, — que também não existe — onde Bozzano põe o último recurso para defender a intervenção dos espíritos dos mortos: "A segunda categoria se refere aos fenômenos provenientes de uma força organizadora, como as materializações de membros, de cabeças normalmente formadas e de organismos humanos mais ou menos integra-

29. Rochas D'Aiglun, Eugène Auguste-Albert de: "Recueil de documents relatifs à lévitation du corps humain", Paris, Chamuel, 1885 e Leymarie, 1897 (com acréscimos em "Annales des Sciences Psychiques", n.º 1, 1901). Nós citamos da tradução portuguesa: "A Levitação", 2.ª ed., Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1953), pág. 114.

mente constituídos. . . Tudo concorre para demonstrar que as formas completamente materializadas não são meras criações plásticas, mas criações organizadas e que os processos de análise comparada forçam a conclusão de que muitas vezes a idéia diretora, ou a vontade na ação de que provém, é completamente estranha ao médium e aos assistentes, o que, exclui por completo as hipóteses combinadas da ideoplastia e da prosopopéia...”

E, como comprovação, cita o caso que já analisamos, de Katie King, que qualifica de “caso clássico” e “...um dos mais eloquentes a favor da existência independente desta personalidade, porque se trata de uma entidade de posse de todos os atributos intelectuais capazes de caracterizar uma individualidade psíquica independente”.³⁰

O baluarte ruído — Ora, este último baluarte do espiritismo de nada vale. Em primeiro lugar, porque a materialização não existe.

Em segundo lugar, porque, se existisse, o mesmo “argumento” pró-materialização, como sendo uma exaltação da ecto-colo-plasmia, serviria também para a explicação parapsicológica da materialização como sendo exaltação da ideoplastia.

Em terceiro lugar, porque o fenômeno fraudulento (prescindimos da transfiguração e fantasmogênese) que apresentam como materialização, mostra que, de fato, é o próprio inconsciente do médium o responsável por tudo, sem que tenham a ver com isso os espíritos dos mortos. Expliquemos isto antes de passar adiante.

A lição da fraude — O terceiro argumento noutras palavras: a fraude prova a psicobulia. O inconsciente do ectoplasta quer fazer uma materialização; não o conseguindo, recorre à fraude (referimo-nos às fraudes inconscientes).

E de nada serve a escapatória de afirmar que a fraude é realizada por espíritos de mortos brincalhões, frau-

30. Bozzano, Ernesto: “Per la difesa dello spiritismo. A propósito della “Introduction à la métapsychique humaine” di René Sudre”, Napoli, Mondo Occulto, 1927. Nós citamos da tradução por Franco Araújo: “A propósito da Introdução à Metapsíquica Humana. Refutação do livro de René Sudre”, 2.^a ed., Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1960), págs. 135 a.

dulentos ou perversos... Tal subterfúgio é evidentemente apriorístico. Pressupõe a materialização, que é precisamente o que se trata de demonstrar. Além do mais, se o truque se devesse aos espíritos dos mortos, lógico seria que se tivesse descoberto alguma fraude espiritual, transcendente, e não fraudes tão materiais, com disfarces e instrumentos bem deste mundo, realizadas pelos próprios médiuns. Não são os espíritos que fraudam, são os médiuns que têm sido apanhados em flagrantes truques inúmeras vezes.

Sendo a materialização mera fraude, embora inconsciente e irresponsável, compreende-se perfeitamente que os “espíritos do além” com frequência, façam reparos ao controle. De todos é sabido como os “espíritos-guias” continuamente excluem, das sessões os especialistas em Parapsicologia e os especialistas em mágicas; proíbem a aparelhagem moderna de controle etc. O pseudocontrole é determinado pelo próprio “espírito-guia” sob a desculpa de que o médium se inibiria.

Entende-se a inibição do inconsciente — Inibir-se? Claro: o inconsciente teme que se lhe descubra a fraude. Se de fato se tratasse da presença dos espíritos dos mortos, estes estariam muito interessados em que a experiência fosse o mais convincente e científica possível, para que se comprovasse a sua intervenção.

Nem sequer os irmãos Eddy, a cujas fraudes nos referiremos no apêndice II, podiam ser submetidos a verdadeiro controle, apesar do fato de que a mediunidade dos irmãos Eddy, em frase de Conan Doyle “talvez jamais tenha sido superada no terreno da materialização”. O próprio Conan Doyle transcreve as palavras com que se queixa o coronel Olcott, diretor das experiências: “Muito embora a importância de meu trabalho tenha sido reconhecida e todas as facilidades razoáveis me tenham sido concedidas (contanto que não compromettesse a segurança da fraude), eu era constantemente mantido à distância, como se fosse um inimigo, em vez de observador sem preconceitos”.³¹

31. Conan Doyle, Sir Arthur: “The History of Spiritualism”. Nós citamos da tradução por Abreu Filho, Júlio: “História do Espiritismo”, São Paulo, O Pensamento, 1960, págs. 217 e 228.

Tais precauções compreendem-se perfeitamente em se tratando de fraudes conscientes ou inconscientes. As materializações inconscientemente fraudulentas mostram a psicobulia. Mas tornam-se completamente incompreensíveis tais precauções se o fenômeno se devesse a espíritos desencarnados ...

A "outra" personalidade — Segundo os espíritas, o fato de as "materializações" possuírem "todos os atributos intelectuais capazes de caracterizar uma individualidade psíquica", "só pode ser explicado por meio da possessão temporária (do médium)... por uma entidade inteligente, de origem desconhecida", como dizia Rochas. Ou, como dizia Bozzano, "força a conclusão de que a idéia diretora ou a vontade na ação. ... é completamente estranha ao médium ou aos assistentes".

Ora, então quando se "materializam" pessoas ainda vivas, serão as próprias pessoas vivas que tomam posse do corpo do médium? E quando se "materializam" pessoas inexistentes, fictícias, essas pessoas imaginárias tomam posse do corpo do médium?

"Os *espíritos* correspondem exuamente ao que pode ser obtido pela sugestão hipnótica quando o indivíduo representa o papel que lhe é atribuído. Quando se lhe diz: 'Você é um homem, um orador, um ator, um velho, uma criança etc.' muda o indivíduo de atitude e imita tão bem como qualquer médium (mormente se o hipnotizado é bem dotado das qualidades parapsicológicas e está suficientemente "desenvolvido", isto é, em igualdade de condições com os médiuns) imita a personalidade; que lhe foi sugerida para interpretar. ... A própria escrita pode modificar-se de acordo com a sugestão. Os *espíritos* podem ser criados diretamente por sugestão, mesmo quando não passam de simples fantasia".

Charles Richet diz expressamente: "Tem-se podido impor à médium personalidades fantásticas que persistiram, parecendo provar a sua existência real, tal a impressionante coerência que se prolongava através de longas sessões".

"O Dr. E. Pascal relata a observação de um médium ao qual revelou o desejo de entrar em comunicação com uma irmã morta recentemente mas que na verdade, não havia existido: deu-lhe o nome de Yvonne e, pouco tempo depois, guiado pelo espírito de um médico hindu (?!), o médium anunciou a presença de um novo espírito, que falou com voz feminina, apresentando-se como Yvonne, a qual, referindo-se a seus pais, relatou particularidades interessantes da vida da família que Pascal já havia esquecido. Este autor:

que se tem ocupado especialmente de fenômenos metapsíquicos, mostra que todos estes fatos põem em evidência a origem sugestiva das personalidades mediúnicas (vinda do inconsciente do médium que capta parapsicológicamente os dados, mesmo de pessoas e lugares distantes). E acrescenta que a extraordinária objetividade e a intensa realidade dessas personalidades que puderam enganar mesmo bons observadores quanto à sua exata natureza, são prova da força que pode ter a sugestão inconsciente (ou, em geral, prosopopéia) no transe mediúnico".

"E. Sidgwick relata que Stanley Hall imaginou um espírito ao qual deu o nome de Bessie Beals, que se portou nas sessões como um espírito comum. O mesmo aconteceu com Ochorowicz, que por sugestão involuntária, criou uma personalidade fantástica, que apareceu por diversas vezes em sessões espíritas realizadas com um mesmo médium. Phinuit, o célebre espírito que guiava a senhora Piper e que, pretensamente, devia ser o de um médico que existira em Metz, não passava de uma criação da própria médium, pois investigações minuciosas, feitas naquela cidade, demonstraram que tal médico nunca existira ali. Charles Richet diz expressamente: 'Não houve em Metz médico francês chamado Phinuit. Não existiu jamais Phinuit. Phinuit é a senhora Piper'".³²

Falta de conhecimentos — Poderíamos, inclusive, acrescentar que indica muito desconhecimento das capacidades psíquicas e possibilidades de personificações inconscientes, a afirmação de Bozzano, referindo-se às "materializações" e sobretudo ao caso Katie King: "Quem sensatamente, poderia imaginar que as duas metades de uma mesma personalidade tenham o poder de se desdobrarem e de se transformarem em duas individualidades completas, independentes, munidas de traços intelectuais e característicos, e cada uma a seu modo? Quem ousaria sustentar que a personalidade subconsciente da médium, exteriorizando-se, possa transformar-se, como por encanto, em uma personalidade que ignore completamente pertencer a esta outra metade da vida dela mesma, que está diante dela? E que, dentro dessa inconcebível ignorância, também partilhada fatalmente pela outra metade, possam as duas infelizes secções da mesma alma, ambas deploravelmente iludidas, serem levadas a se imaginar, não se sabe bem por que recôndito mistério da *

32. Servimo-nos do resumo realizado por Silva Mello, A. da: "Mistérios e realidades deste e do outro mundo", Rio de Janeiro, J. Olympio, 1949, págs. 553 s.

prosopopéia, na iminência de uma separação definitiva, a ponto de trocarem frases afetuosas e palavras comoventes de despedida?"³³

Tais perguntas de Bozzano implicam um pleno desconhecimento do inconsciente humano. Não queremos nos desviar do tema da materialização, aprofundando agora a explicação da prosopopéia e do desdobramento da personalidade que deveremos estudar em outro tomo. E nem é necessário, pois aqui bastará lembrar que, quando um dotado numa materialização inconscientemente trucada (ou numa transfiguração) apresenta com precisão a personalidade de um morto, o caso é igual ao da personificação de um vivo ou de uma figura fictícia, lendária, literária, fantástica. E nestes casos nem Bozzano pretenderá afirmar que tais personalidades tomaram posse do corpo do médium e realizaram os truques.

Êstes casos esclarecem suficientemente o papel da ideoplastia e da prosopopéia nas transfigurações e nos truques que foram tomados por materializações.

A literatura dos espíritos como último argumento em prol da intervenção dos espíritos dos mortos nos fenômenos de ectoplasma, procurou determinados casos de "materialização".

Neste capítulo e nos anteriores estudamos os "melhores" casos na opinião dos próprios espíritos.

A análise de todos os casos mostra inapelavelmente que não houve nenhum caso, nem espontâneo nem experimental, que se deva classificar como materialização e muito menos como fenômeno do "aXém".

O próprio conceito de materialização, além de não explicar os casos reais no seu todo, inclui incoerências e até contradições evidentes.

Apêndices

33. Bozzano, Ernesto, tradução portuguesa: "A propósito..", o. c., págs. 137 s.

APÊNDICE I

TRUQUES NA TELECINESIA

Agarrou a mão do “espírito” — Uma adolescente tinha um “tique” com a força de catapulta — A famosa habilidade de Eusápia Paladino. — O médium que manchou as mãos de tinta porque os “espíritos” tocaram nelas.

Dizíamos no capítulo 5, que, sendo a telccinesia fraudulenta muito usada pelos médiuns, é necessário fazer uma exposição relativamente ampla para prevenir os observadores. Dizíamos também que muitos casos se tomaram como se fossem casos reais de telccinesia, e eram, entretanto, verdadeiras fraudes. Daí a necessidade de uma análise relativamente pormenorizada delas para restabelecer a verdade.

Isso pretendemos fazer neste apêndice I.

Levantamentos de mesas — São inumeráveis os truques para telccinesia em geral, e para levantamento de mesas em particular, modalidade muito freqüente nas sessões de espiritismo.

“Não convém esquecer que nada é mais fácil de fraudar do que o levantamento de uma mesa... Após a diminuição da luminosidade, é impossível assegurar o controle recíproco que é indis-

pensável exercer... Quando as mãos se apoiam com um pouco de força sobre a superfície da mesa, é muito fácil enfiar a ponta do sapato sob um dos pés desta mesa e levantá-la do assoalho. Esta manobra é mais fácil, visto que o balanço da mesa cujos pés deixam o chão alternadamente, permite realizá-la sem que ninguém o perceba".¹

Já se descobriu que para êste fim, alguns médiuns têm usado sapatos com reforço metálico muito resistente. O reforço metálico é muito útil também, como se têm comprovado, para burlar o controle exercido por investigadores convencidos de que basta colocar o próprio pé sobre o do médium. Êste, no momento oportuno retira o pé do sapato; o controlador nada nota, porque o sapato continua parecendo "cheio" graças ao resistente reforço metálico; e o médium, com o pé descalço, empurra a cadeira dos assistentes, e realiza outras maravilhosas "tolecinesias".²

"Não tenho necessidade de acrescentar que ganchos amarrados ao punho, braceletes de forma especial, permitem também levantar o manter elevada a mesa das experiências..."

"O médium coloca-se num dos lados estreitos da mesa, provoca oscilações diversas, e quando conseguiu levantar o lado diante do qual está sentado, separa os joelhos do forma a exercer uma forte pressão sobre os pés da mesa, entre os quais está colocado. Uma vez exercida esta pressão, não tem mais a fazer do que apoiar fortemente as mãos do cima para baixo, sobre a superfície da mesa do lado onde se encontra, para obter um levantamento. E' fácil de ver que a mesa, mantida pelos joelhos do truoador, executa um movimento de rotação ao redor de um eixo que passa pelos pontos fixados pela pressão dos joelhos e que sua superfície venha a ficar paralela ao chão. A mesa parece estar então suspensa. Pode-se realizar esta fraude colocando-se sobre a mesa uma pessoa sentada numa cadeira. Com o pretexto de controle (exercido sobre ôle) o médium segura as mãos dessa pessoa e encontra nelas o ponto de apoio necessário para provocar a rotação da mesa em redor do eixo... Mormente na escuridão, esta trapaça é fácil de ser realizada".*

É sintomático : no caso de Eusápia Palladino "é dispensável dizer que não conseguimos levantamento completo com os quatro" ^{1 2 *}

1. Maxwell, Joseph: "Metapsychical Phenomena", Londres, Duckworth, 1905. Nós citamos da tradução francesa: "Les phénomènes psychiques. Recherches, observations, méthodes", Paris, Alcan, 1914, págs. 88 iss.

2. Alfano, Giovanni Battista: "Lo Spiritismo... questo mistero!", Nápoles, Adriana.

8. Maxwell, Joseph: "Les phénomènes...", o. c., págs. 89 ss.

pés da mesa livres de todo contato (outros investigadores o conseguiram, como vimos), e há motivos para suspeitar análogas objeções na elevação dos dois pés situados do lado da médium". Propuseram a Eusápia Palladino "provocar o levantamento da mesa, ficando ela e os assistentes de pé; mas o resultado foi nulo. Pensamos em colocar a médium num dos lados compridos da mesa, mas ela se opôs, alegando que dêste modo, o fenômeno era impossível"/!

Como se vê, o "espírito-guia" exigia aqui as condições precisas; para a fraude...

Seria longo enumerar aqui outros truques na base de fios, barbatanas, e até pinças que se desdobram para movimentar objetos um tanto mais distantes etc.

Mãos rápidas — O famoso médium espírita Caranzini foi estudado tanto pelo barão 1>. Von Erhardt, como pela Sociedade de Estudos Psíquicos do Roma; pelos Drs. De Vesme, Lemerle e pelo Sr. Mangin, de Paris; pelos Drs. Claparède, Flournoy, Battelli, em Gênova etc.

As precauções de controle pareciam minuciosas: Caranzini era atado fortemente. No fim das sessões era sempre encontrado atado da mesma maneira. Tiraram-se numerosas fotografias. Os fenômenos da "telecinesia" se produziam tão pouco tempo depois de o médium ter sido atado, que parecia impossível qualquer fraude... A leitura dos relatórios das experiências impressiona em prol da autenticidade dos fenômenos.*

Não obstante, vários ilusionistas demonstraram que ó decididamente fácil desligar-se de ataduras, inclusive das realizadas com a maior complexidade técnica, bem mais complicadas que as de Caranzini.⁶ As fotografias não são grande dificuldade no caso, porque só deflagravam o magnésio no momento em que o médium o permitia.

4. Lombroso, Cesare: "Riccerche sui fenomeni ipnotici e spiritici", Torino, Utet, 1914 (L<> ed., 1909), pág. 52. Ou tradução portuguesa por Martins de Castro, Almerindo: "Hipnotismo e Mediunidade", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 123 s.

5. "Annales des Sciences Psychiques", 1911-1913, passim: "Luce e Ombra", 1908-1913, passim; e mormente Erhardt: "Étude sur la médiumnité de Caranzini", em "Annales des Sciences Psychiques", abril de 1912.

6. Veja-se, por exemplo, Who? (pseudônimo): "La magia de las cuerdas", Biblioteca de Juegos, Prestidigitación, Ilusionismo, tomo XI. Barcelona, Sintet, 1951.

Os investigadores de Gênova concluíram que o médium conseguia libertar um dos pés ou uma das mãos, produzindo assim na escuridão mais ou menos completa, aparentes telecinesias.⁷

À mesma conclusão chegaram os investigadores de Paris.⁸

Richet teve de reconhecer que a “realidade das fraudes, incluindo as conscientes, tira muito da autoridade das experiências que pareceram autênticas”.⁹

Um dos investigadores, o doutor Claparede, o mais severo: segundo ele, todos os fenômenos realizados por Caranzini, sem exceção, foram fraudes.¹⁰

Stanislawa P. (não a confundir, como muitos autores fazem frequentemente, com Stanislaw Tomezyk de que tanto falamos neste livro) em uma famosa médium polonesa. E na realidade, parece que a sua qualidade ora a notável habilidade para se soltar das ataduras sem que, na análise posterior das mesmas, se notasse a fraude. “Telecinesias” e inclusive “materializações” de toda classe eram por ela produzidas com ao menos uma das mãos e oplotamento sói ta, apesar das mais rigorosas ataduras com que proviamente a amarravam. Aparecia, no fim da sessão, com todos os nós em perfeito estado...

Sigismund Nizki e o Pr. P. Iebod-Zinski, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Varsóvia foram os grandes ludibriados pela habilidade de Stanislaw P. até que em 1930, o Pr. Osty descobriu e fotografou o seu “modus operandi”. Osty, no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris estabeleceu um engenhoso dispositivo de controle, de forma que quando Stanislaw soltava das ataduras qualquer uma das mãos, automaticamente se deflagrava uma fotografia no infravermelho, sem que Stanislaw o soubesse. Desta maneira Osty pôde concluir que “sua fraude tem sido constante e perfeitamente organizada; seu procedimento consiste em dar a ilusão de um impecável controle, enquanto é capaz de soltar a mão das ataduras e de reatá-la sem modificação aparente da situação. Com esse procedimento, é-lhe muito fácil deslocar os objetos...”.¹¹

7. “Luce e Ombra”, 1910, setembro, págs. 487 ss.

8. De Vesnic, Cesare: “La triste aventure du médium Caranzini à Paris”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1913, outubro, págs. 243 ss.

9. Riellet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2.^a ed., Paris, Alcan, 1923, págs. 688 s.

10. “Archives de Psychologie”, T. IX págs., 370-385.

11. Osty, Eugène: “Le médium polonais à T. M. I. de Paris. Communication médiumnique”, em “Revue Métapsychique”, 1930, n.º 6, págs. 515 ss.

Agarre a “mão” do espírito! — A ação direta do médium é típica...

Lombroso faz notar que os objetos transportados telecineticamente por Eusápia Palladino se movimentam como se fossem transportados pela própria mão da médium. Por exemplo: “O bandolim conservou sempre o braço voltado para o lado da médium”.

“No movimento de todos os objetos transportados, há uma espécie de orientação, ou seja, não giram nunca... avançam, recuam, vão à direita e à esquerda, mantendo a mesma posição... As cadeirinhas que sobem à mesa, apresentam-se como se fossem levantadas pelo espaldar”.¹²

Mas claro está que, muitas vezes, a observação de Lombroso corresponde exatamente demais à realidade.

Para isso basta pegar a “mão materializada do espírito” como fez por exemplo, o Profr. Bionnini, na célebre sessão espírita de setembro de 1918. Agarrou a mão que fazia prodígios de “telecinesia”: era a mão do médium!¹³

Músculos ou catapultas? — Às vezes, o truque telecinético precisa de condições ou qualidades especiais, possibilidades às que dificilmente dão importância os não-especialistas.

Veja-se por exemplo, o célebre caso da adolescente estudada por Babinet. Ninguém dava importância alguma a um pequeno movimento que ela sabia fazer com os músculos do joelho. Porém, esta contração dos músculos tinha tal força e tais características que “podia lançar cadeiras com uma velocidade terrível”. Durante muito tempo ninguém suspeitou que a estranha “telecinesia” tivesse origem daquele pequeno movimento, que parecia espontâneo e tão sem importância.¹⁴

Dois grandes — No tema da fraude em telecinesia, devemos estudar dois dos maiores entre os chamados “grandes médiuns”: Eusápia Palladino e Jean Guzik. São justamente eles, apesar de suas fraudes, os que proporcionaram alguns dos principais argumentos em prol da telecinesia autêntica.

12. Lombroso, Cesare: “Ricercate...”, o. c., pág. 64, ou tradução: “Hipnotismo...”, o. c., pág. 138.

13. Bionnini, Giuseppe: “I fenomeni medianici”, Cottignola, Tip. dei Ricercatori, 1929, pág. 31.

14. Babinet: “J2tudes et lectures sur les Sciences d'observation”, em “Revue Deux Mondes”, 1856.

Eusápia é exigente — Nas experiências realizadas no “Institut Général Psychologique” de Paris, as exigências do “espírito-guia” de Eusápia Palladino eram muito grandes. “No caso do levantamento completo da mesa, por exemplo, só se constata de maneira fragmentária e muito limitada, as condições do levantamento... Eusápia alegou que os clarões (para as fotografias) lhe causavam um incômodo muito grande... era necessário que ela estivesse preparada para suportá-lo; portanto, só se poderia produzir o clarão no momento em que ela mesma desse o sinal, gritando Togo”.

“Acederam ao seu desejo, mas é evidente que dêste modo, se renunciava a usar a ‘fotografia detetive* que teria apresentado tanto interesse e teria permitido confirmar ou eliminar todas as dúvidas...”

Fotografar-se o “kspírito” — Mas os controladores uma vez, só uma vez, recorreram à astúcia,;

“Uma só fotografia foi tirada do improviso... o a rmosa está sòmome com dois pós levantados. Aparece manifesto, além disso, pelo exame da posição das mãos de Eusápia, que este levantamento parcial é totalmente normal: a palma de sua mão esquerda toca o ângulo da superfície da mesa que parece levantar; quatro dedos da sua mão direita estão fortemente apoiados perto do bordo oposto. A cinergia das mãos, para produzir em manter o levantamento, é visível. A fisionomia de Eusápia é das mais expressivas: vigiando o sorrindo ligetramente, parece perscrutar o giau de atenção que se presta ao controle”.¹

Diz o mesmo documento, em continuação:

“Não obtivemos nenhuma fotografia, na qual os quatro pós da mesa sejam intei; amente visíveis”.

Eusápia soube comandar perfeitamente o fotógrafo para impedir que se visse o clássico truque de levantamento da mesa por ação conjunta das mãos e dos pés.

Nesta “fotografia-detetive” vê-se a ação das mãos. Em outra a própria mesa oculta as mãos, mas percebe-se a ação dos pés.¹⁶ A in-

15. “Bulletin de l’Institut Général Psychologique”, 1908, todo o volume XIII; ou em separata sob o título de “Documents sur Eusapia Palladino”, Paris, I. G. P., s. d. (1908). Será mais fácil consultar a reprodução feita por Amadou, Robert: “Les grands médiums”, Paris, Denoël, 1957, págs. 69 s. e 77 s. Há tradução portuguesa publicada pelas Edições Loyola de São Paulo.

da outra fotografia percebe-se o clássico balançamento prévio (de que nos falava Maxwell) para introduzir os pés ou para colocar os joelhos na altura conveniente, vendo-se aliás, a mão de Eusápia levantando a mesa por um ângulo, apesar de ainda segura pela mão do Dr. Yourievitch. n

Este truque de empregar os pés nas teleeinesias fraudulentas, foi muito empregado por Eusápia Palladino, a mais famosa das médiuns. Uma vez foi pêga em flagrante em Palermo, quando entre outras fraudes levantava a mesa com os pésJ»

Muita habilidade — Em janeiro de 1908, na casa da senhora Bosset, Eusápia Palladino dava umas sessões de espiritismo. Na última sessão da série houve um sério contratempo para o prestígio da médium. Os pés da mesa que ficavam mais perto de Eusápia estavam levantados. Courtier exerceu uma forte pressão sobre a superfície da mesa, mas esta não desceu. “Neste momento, o controlador da direita, Sr. De Fleurières, passou a mãos sob a mesa e encontrou o joelho de Eusápia contra o rebordo”.

“Julgou que ela havia colocado seu pé direito sob a articulação do joelho esquerdo, do maneira a conseguir um ponto de apoio que lhe permitisse resistir a pressão exercida pelo senhor Courtier sobre a superfície da mesa”, aproveitando-se para todas estas manobras, da escuridão em que se celebrava a sessão.^{15 *** 19}

Eusápia tinha verdadeira habilidade para soltar um dos pés do controle. Eis a ocasião na qual lhe descobriram a técnica.

Era numa experiência controlada pelos Drs. Richet e Ochorowicz. Cada um deles tinha a mão e um pé da médium sob um dos

16. Veja-se esta fotografia no original (Cfr. nota anterior) ou na reprodução por Amadou, Robert: “Les grands...”, o. c., pág. 120. A tradução portuguesa não publica as fotografias.

17. Esta fotografia, para os que não possam consultar o original, pode-se ver reproduzida, para os leitores brasileiros, em Ribeiro, Leonídio e Campos, Murillo de: “O Espiritismo no Brasil”, São Paulo, Nacional, 1931, pág. 48 (a legenda que os autores colocaram à fotografia está errada: não foi na Itália, mas em Paris).

18. Samonà, Caimelo: “Psiche misteriosa. I fenomeni detti spiritici”, Palermo, Reber, 1910, pág. 287.

19. Incluído no documento do Institut Général Psychologique, (veja-se nota 15) ou Amadeu, Robert: “Les grands...”, o. c., págs. 75; tradução portuguesa por Alcântara Silveira, Horvanir: “Os grandes médiums”, São Paulo, Ed. Loyola, 1966, pág. 76.

próprios pés e mãos. Eusápia anunciou que os espíritos (!) iam levantar uma mesa. Em determinado momento, Ochorowicz, que desta vez não se concentrou nos gestos dispersivos de Eusápia nem no fenômeno que se esperava, mas sim no contról que ele devia exercer, notou que o pé esquerdo da médium que ele tinha sob o próprio pé, deslizava suavemente, ao mesmo tempo que Eusápia girava o pé direito, que tinha sob um dos pés de Richet, de forma a apoiá-lo simultaneamente sobre o pé de Richet e sobre o pé de Ochorowicz. Liberado assim do contróle, um dos pés de Eusápia estava tentando levantar um dos pés da mesa. Ochorowicz, neste momento, movimentou o próprio pé para indicar que tinha sentido o deslizamento fraudulento do pé de Eusápia; este voltou imediatamente a seu lugar, e o levantamento da mesa não se realizou.

O próprio Dr. Ochorowicz realizou o mesmo truque em outro dia, controlado pelos Drs. Richet e Bellier. Burlou o controle substituindo um pé pelo outro e, com o pé livre, levantou uma mesa. O Dr. Bellier não queria de nenhum jeito acreditar na fraude.²⁰

Muita esperteza — A espcitcza trucadora de Eusápia (ira variadíssima).

Prometeu realizar uma telcoinesia. Num gesto muito natural, como mais um movimento nervoso de tantos que ela fazia, Eusápia passa a mão pela cabeça e arranca um fio do cabelo, sem que ninguém perceba. Aproxima-se de uma planta de borracha, posta para enfeite da sala de jantar do Dr. Yourievich, onde se celebrava a sessão (5.ª sessão da série de 1907, organizada pelo "Institut; Général Psychologique"). Pede ao Dr. Debierne que se aproxime dela para melhor controlar. Mas, astutamente, dá as costas para o lustre que ilumina a sala: evita assim o brilho do fio de cabelo. Passa catão suas mãos separadas, á direita e á esquerda de uma das largas folhas da planta. Para melhor desviar a atenção dos controladores do "corpo de delito", ela inclina a cabeça para trás, indicando que não é com o hálito que vai movimentar a planta! Pede então que lhe soltem as mãos e, por várias vezes, faz com que uma folha da planta oscile sincrônica ao movimento que ela fazia com as mãos. Sem contato! Telecinesia!

Eusápia repetiu o mesmo fenômeno na sessão do dia seguinte. Mas desta vez, o Dr. Perrin viu um cabelo pendendo de sua mão, embora não o tivesse notado durante a experiência, por estar em ângulo desfavorável. O conde de Budna, porém, colocou-se em ângulo favorável podendo perceber o cabelo distintamente, entre as

20. Ochorowicz, Julien: "La question de la fraude dans les expériences avec Eusapia Palladino", em "Annales des Sciences Psychiques", 1896, janeiro, págs. 79 ss.

mãos de Eusápia e notou claramente que era com ele que realizava o movimento da folha da planta. O conde avisou em segredo o Dr. Branly.

Os "espíritos-guias" da célebre médium ainda nem suspeitavam que os experimentadores já conheciam o truque.

Noutro dia, entusiasmada com o êxito, antes que os observadores tivessem terminado de jantar, Eusápia já queria começar a sessão. Levanta-se e dirige-se a uma pequena balança de precisão e a faz oscilar. O Sr. Otto Lund que estava muito perto, viu, em determinado momento, um como raio luminoso saindo da extremidade dos dedos da médium. Sem dizer nada, observou com maior atenção, percebendo que se tratava simplesmente de um fio de cabelo refletindo a luz e notou nitidamente que era justamente com esse cabelo que Eusápia movimentava o prato da balança. Não disseram nada à médium. ?i

"Um dia, ela se gaba de que conseguirá abaixar o prato da balança de precisão, sem contato e em plena luz. Os experimentadores perguntam se não o faria com a ajuda de um cabelo preso entre os dedos. Fecha-se a balança numa vitrine prismática: não se produz nada. Coloca-se, então (verticalmente) diante da balança, um fio de arame (o que evidentemente impediria a passagem horizontal do cabelo, mas não impediria a telergia): nada! Eusápia diz que está cansada".

"Diante do prato livre, ela tom êxito; recobre-se o mesmo de fuligem como também o travessão o o indicador da balança (à vista da médium, que claro está, compreendeu a finalidade): Eusápia não conseguiu nada nem sequer uma vez".²²

Até pregos ajudam — O Dr. Courtier inventa um aparelho especial, em forma de vasos comunicantes: qualquer pressão exercida na "pranchinha" da extremidade de um dos braços, era visível e registrado automaticamente, no outro braço, que estava em mãos dos controladores.²³

21. Documento do: "Institut Général Psychologique", o. c.; Amaciou Robert: "Les grands...", o. o., pág. 71 s.; Flammarion, Camille: "Les forces natmelloes inconnues", 2 tomos, Paris, Flammarion, 1921, (1.ª ed. 1907). Nós aqui citamos da tradução italiana: "Le forze naturali sconosciute", Milano, Conzago, 1923, (1.ª ed., Milano, Sonsogno, 1906), págs. 175 s.

22. Um dispositivo manométrico... consistia numa pranchinha de são o resumo feito por Roure S. J., Lucien: "Le merveilleux Spirite", 7.ª ed., Paris, Beauchesne, 1931, (1.ª ed., 1917), pág. 81.

23. Um dispositivo manométrico... consistia numa pranchinha de 30 x 20 cms. de superfície, colocada sobre três ampolas de borracha,

Numa sessão (a oitava da série de 1907), colocou seu aparelho na mesa, diante de Eusápia e pediu-lhe que agisse sobre a pranchinha à distância. "A pranchinha estava inteiramente coberta de fuligem sobre a qual todo contato direto deixaria uma marca".

Havia suficiente luz. A Dra. Madame Curie observava o outro extremo registrador. Eusápia exige que se diminua a luz. Mais ainda: exige que a cubram, com uma cortina, tanto ela como o aparelho. O Dr. Courtier, encarregado dessa incumbência, nota porém e avisa, que Eusápia avança as mãos repetidas vezes. Correspondendo a estes movimentos, Madame Curie anuncia que houve registros de pressões sobre a pranchinha. Agindo com rapidez, os experimentadores pegam o aparelho e o levam ao quarto vizinho, para examinar, longe da médium, o papel enfiado. Ao mesmo tempo e para evitar que Eusápia limpe as mãos se é que estavam manchadas, o Dr. Courtier pega-lhe imediatamente a mão direita (ela avançara alternadamente as duas mãos; bastava pois segurar uma para ver se ficara a mancha). Mas o corpo de delito era mais engenhoso: "Um pequeno prego de seis a sete milímetros de comprimento rolou sobre a superfície da mesa, como se tivesse caído da mão esquerda de Eusápia. Esta ficou aparentemente surpresa. .. Ao Dr. Courtier pareceu bem claramente que o prego caiu da mão esquerda do Eusápia".

Entrementes, no quarto vizinho, os Drs. Perrin, Youricvitch e Madame Curie comprovam que na peça de papel enfiado há alguns traços ligeiros. O Dr. Perrin consegue movimentar o manómetro apertando ligeiramente a pranchinha com a unha. O Dr. Courtier vem com o prego: "Este prego, apoiado com a ponta sobre o papel enfumado, deixara traços pontilhados análogos a alguns do que se tinham observado". Havia ainda "o traço deixado pela sua unha (do doutor Courtier) sobre o papel negro, semelhante aos observados precedentemente".²⁴

O MÉTODO DA "SUBSTITUIÇÃO DAS MÃOS" ----- Depois de anos de investigação chegou-se a conhecer bem a apurada técnica usada por Eusápia Palladino para soltar uma das ****

ligadas a um tubo de vidro em forma de U, em cujo interior oscilava um líquido colorido. Uma ligeira pressão exercida sobre a pranchinha era suficiente para fazer mover o líquido dentro do tubo em U. O segundo orifício do tubo em U odia ser ligado por um tubo de borracha a um tambor de Marey, que escrevia sobre um cilindro.

24. Documento citado na nota 15: Amadou, Robert: "Les grands... b, c., págs. 72 ss.; trad. portuguesa: "Os grandes...", o. e., págs. 72 ss.

mãos do controle a que a submetiam os investigadores, sem que esses o percebessem. Assim realiza fraudulentamente toda a classe de "telecinesias" ou outros fenômenos.

O método é conhecido sob o nome de "substituição das mãos" por que dá uma idéia do sistema empregado.

O médium exige, que, se se quiser controlar suas mãos, só se pode fazê-lo pegando-as pelo pulso de modo que o polegar esteja livre; deste modo o controlador não poderá facilmente saber, na escuridão, se está a segurar a mão direita ou a esquerda. Ou, também, o próprio médium agarra com a sua direita a mão de um controlador, enquanto sua esquerda é agarrada pelo outro controlador, deixando fora o polegar. Esta condição inicial é a habitual;²⁵ com ela, a "substituição de mãos" é mais fácil, como o demonstrou, por exemplo, o Dr. Morselli, em várias ocasiões.²⁶

Durante a sessão, com movimentos inquietos e irregulares, o médium vai juntando as suas mãos, arrastando com elas a mão de cada um dos controladores que o seguram à direita e à esquerda. No momento mais oportuno quando, os controladores estão atentos ao fenômeno que se espera, noutro lugar, o médium faz novos movimentos, aparentemente iguais aos anteriores, até conseguir com a mão segura por um controlador, agarrar a mão do outro controlador. Este dificilmente nota que está sendo tocado pela outra mão, diferente daquela que lhe fora dada antes para controlar.

Mas Eusápia tem mais técnica — - Palladino não precisava exigir que os polegares estivessem livres. Inclusive podia chamar a atenção para esses dedos, a fim de fazer acreditar que não houve "substituição de mãos". Eis um exemplo:

Foi na última sessão da série realizada na casa da Sra. Bosset, em janeiro de 1908. Eusápia tinha exigido a escuridão como de costume. O Dr. Courtier controlava sua mão direita. O Dr. Mecic controlava a esquerda. Pelo seu procedimento ordinário, Eusápia libertou a mão direita. O Dr. Meck nada disse, intencionalmente. Ela apoiou fortemente a mão esquerda sobre a mão esquerda do Sr. Courtier e dobrou, sem dúvida de uma maneira muito hábil, o dedo

25. A mesma supertécnica Palladino reclamou esta condição, às vezes. Cfr. por exemplo: "Luce e Ombra", 1907. fevereiro, pág. 85.

26. Morselli, Enrico: "Psicologia e Spiritismo. Impressioni e note critiche sui fenomeni medianici di Eusapia Palladino", dois tomos, Torino, Bocca, 1908 t. II, pág. 350.

mínimo de sua mão esquerda e o introduziu entre o anular e o auricular do Sr. Courtier, de forma a dar-lhe a ilusão de que controlava sempre o polegar direito". 27

Courtier de fato nada notou. Mas contra a esperança de Eusápia, Meck sem nada dizer, estava atento e percebeu toda a astuta manobra...

O truque era já conhecido há 2(1 anos, quando em Nápoles também sem nada lhe dizer, o Dr. Bracco e seus colaboradores surpreenderam Eusápia em flagrante na "substituição de mãos" para todos os fenômenos de três sessões seguidas. >H

A intervenção das mãos de Palladino se constata também indiretamente:

"Tínhamos observado que a ação de Eusápia se exercia facilmente nas cabinas de uma profundidade do 30 centímetros. Em 1907, constatamos com uma cabina do um metro de profundidade, que os objetos colocados além de 75 ou 80 centímetros do encosto da cadeira da médium não foram postos em movimento diretamente. Um feixe de tubos metálicos sonoros suspensos por cordões a 20 centímetros do fundo da cabina, durante toda a série do sessões (quatorze sessões) só foram agitados uma vez; mas notamos que haviam sido batidos então por outros objetos. Sem querer prejudicar nada, a ação de Eusápia não pareceu ultrapassar a distância aonde suas mãos podiam chegar".**

O advogado Júlio Gioradana, assistindo as sessões de Eusápia em Milão de 19 a 21 de novembro de 1906 descreve maravilhas de destreza das mãos de Eusápia 27 28 29 30 e o mesmo faz a Sra. Laura Finch.³¹

Outro "grande": Guzik — Outro dos chamados "grandes médiuns", apresentado também como prova da telecinesia, é Jean Guzik. Este médium foi muito menos famoso e conseqüentemente muito menos investigado que Eusápia.

27. Veja-se documento citado na nota 15; Amadou, Robert: "Los grands...b.", c., pág. 76.

28. Bracco, Roberto (Baby): "Lo Spiritismo a Napoli n.º 1 1886", Napoli. Perrella, 1907, págs. 89 ss.

29. Veja-se documento citado na nota 15; Amadou, li.: "Los grands...", o. c., pág. 75.

30. "Luce e Ombra", 1907, fevereiro, págs. 85-90.

31. "Luce e Ombra", 1909, setembro e outubro, págs. 464 ss.

Mas também foi pego em flagrante truque para simular a telecinesia. Após ter aceito que os investigadores lhe segurassem as mãos foi surpreendido levantando a mesa com os joelhos.³²

Guzik foi também pego em flagrante no truque da "substituição das mãos", numa das sessões que deu no mês de março de 1925 em Cracóvia. O truque foi fotografado.³³

Fraude com garrafas — Escrevendo no Brasil, é necessário aludir a Mirabelli.

O professor Carmine Mirabelli foi considerado como o mais notável médium de efeitos físicos que surgiu entre nós. Contavam-se maravilhas. Sua fama conseguiu que uma senhora norte-americana, May C. Walker, viesse estudar o caso. Mirabelli fez, para benefício dela, que uma dúzia de garrafas cheias de água, colocadas convenientemente sobre uma mesa, se agitassem e se entrecocassem com certa violência.

A observadora americana ficou completamente convencida não só da autenticidade da telecinesia, mas também pensou que os espíritos dos mortos teriam vindo à terra para sacudir garrafas! Comunicou o importantíssimo fato ao "Journal of American S.P.R."

Mas a faina de Mirabelli também atraiu ao Brasil o grande investigador, Dr. Hans Driosh, da Universidade de Leipzig. Este reconheceu, como conclusão dos seus estudos, que perdera seu dinheiro e seu tempo na viagem: os fenômenos realizados por Mirabelli eram extremamente duvidosos.³⁴

Nem suspeitava a observadora americana que a "dança" das garrafas fora realizada com vulgares fios e outras mais vulgares mágicas pela própria esposa do médium!

Outras fraudes — Escreve o ilustre Dr. Everardo Baekheuser: "Outro caso espírita digno de narração é o do médium José, do Rio de Janeiro... teve um grande renome nos meios espíritas cariocas... Por intermédio dele, os espíritos compareciam com regularidade a um sobradinho da rua do Mercado... Logo que eu soube

32. Momcil, Gaston Jean: "Le fluide humain devant la physique rovélatrice et la métapsychique objective", Paris, Berguer-Levrault, 1927, pág. 352. O autor inclusive ilustra com figura este truque.

33. "Revue Métapsychique", 1955, n.º 4, pág. 265. Cfr. também Schrenck-Notzing, em "Psychische Studien", 1925, n.º 6.

34. "Luce e Ombra", 1930, dezembro, págs. 571 ss.

35. Silva Mello, A. da: "Mistérios e realidades, deste e do outro mundo", Rio de Janeiro, J. Olympio, 1949, pág. 468.

disto, quis também ser um dos venturosos que assistiam a esta fenomenologia extraordinária. O guia ("espírito" diretor das sessões) relutou bastante. Afinal, um dia abriu-me a porta da jaula. Posso dizer, da jaula, porque o local da sessão onde se manifestavam os espíritos através do médium José era, 'para maior garantia científica' cercado de robustas barras de ferro e José, lá dentro, amarrado numa poltrona por uma forte correia que, por excesso de segurança, era ligada por arames, lacrados com essas rodela de chumbo usadas nas malas postais... Havia uma assembléia de escol. Estava o Dr. Américo Werneck, Coelho Neto e senhora, o Prof. Oiticica, o meu amigo Ferdinando Laboriau, e muitas outras pessoas ilustres, cujos nomes seria longo enumerar".

"Os espíritos, neste dia, tiveram manifestações esplêndidas. Amarrado José na sua poltrona, e feita absoluta escuridão — esse médium só agia em tais condições — começaram os objetos a se mexerem. Um rádio-relógio, que estava sobre uma mesa, levantou-se sozinho; uma moringa, sozinha, derramou água num copo conforme o vimos, na escuridão... Deu-me de beber a mim em pessoa, com habilidade cativante, porque, metido ^{naquele} no forno, eu ardia em sôde. Distribuíram-se pela assistência flôres tiradas de um vaso muito afastado do lugar onde estava a poltrona".

"Finda a sessão, imo foi difícil a mim, e a Laboriau também, descobrirmos o truque da amarração da cadeira. Para sair dela o se mover livremente, apanhando o relógio, derramando água na moringa retirando as flôres do vaso distante, bastaria que o paletó do médium fosse bastante folgado. Graças a isso, êle podia fazer, em mangas de camisa, o que os espíritos fizeram".

"Desafiaram-me a reproduzir a experiência. Está bem visto que por causa do corpo, claudiquei. Mas Laboriau, esguio e ágil, com o volume igual ao de José, realizou em poucos segundos a grande habilidade de entrar e sair do paletó de José".

"Esta descoberta valeu-me uma zanga com o presidente desse centro espírita, cego de confiança no José. E' bom ver que, daí em diante, os guias se mostraram assaz violentos para comigo. Nunca mais as portas das sessões espíritas se abriram para mim".

Só queremos acrescentar que, para realizar êstes e outros fenômenos, os ajudantes do médium, repartidos entre os assistentes, não precisavam sequer sair do paletó...

66. Júlio Maria: "Os segredos do Espiritismo", 4.^a cd., págs. 194 sc., Retrôpolis, Vozes, 1950.

APÊNDICE II

"APARIÇÕES" FRAUDULENTAS

"Espíritos dos mortos" escondidos num sofá. — O Criador de Sherlock Holmes foi enganado. — Jornalistas desvendam "mistérios do além". — Uma morta que estava viva. — O espírito está fraco: é mister atá-lo numa cadeira. — Perante os tribunais por não pagar o empregado, um "espírito materializado". — Recorde brasileiro.

O fenômeno da transfiguração (ou, sob o nome da impossível materialização), é um fenômeno muitas vezes apresentado nas sessões espíritas com as maiores pretensões. E a fraude é regra.

Apresentamos aqui algumas das fraudes mais características e "empolgantes", realizadas pelos médiuns mais famosos.

Veremos na primeira parte, casos classificáveis como fraudes de transfiguração, por ser o próprio médium disfarçado que representa o papel de aparição. Na segunda parte, veremos casos classificáveis como fraudes de materialização por não ser o próprio médium quem representa o papel de "aparição".

Ê claro que são fraudes todos os casos apresentados como materializações, quando não se trata de fantasmogênese ou transfiguração.

PARTE I: FRAUDES NA TRANSMUTUAÇÃO

Charles Eldred foi um médium espírita famosíssimo. Fingia oferecer toda classe de garantias para que ninguém pudesse admitir possibilidade de truque, quando os “espíritos” apareciam nas suas sessões, falando, passeando, sendo tocados e reconhecidos pelos parentes... Tiravam-se fotografias.¹

E para mais “garantir a sinceridade”, o grande Eldred não cobrava nada pelas suas exhibições. Contentava-se com as gratificações espontâneas dos parentes dos “espíritos” que apareciam.

Assim, em Clowne, segundo publicaram os investigadores, Sr. o Sra. Letort, em todas as sessões “Arthur, o irmão do médium, que morrera havia já muito tempo e que agora era seu principal guia (!) ia e vinha da sala ii cabina, na nossa presença, completamente materializado. Permanecia entre nós, cada tarde, durante uns quinze minutos: mostrou-nos seus braços nus, deu-nos (a tocar) os punhos da mão, iôz nos tocar seus magníficos vestidos brancos e passeou pelo quarto”. E para maior encenação, despreendeu “duas luzes espirituais..., discos luminosos que pareciam luz de alabastro”. Trouxe também, do além (!) “uma substância dura mais ou menos do tamanho de urna moeda de cinco francos”. Quando Arthur ia embora, parecia “sumir no assoalho”.

“Etn cada sessão, materializavam-se oito ou nove espíritos”, tendo a Sra. Bossct reconhecido num deles sua mãe já falecida. O Sr. Detort reconheceu, em outra aparição, sua antiga aia e noutra ocasião um filho que perdera...”

Em Nottingham, o contra-almirante W. Usborne Moore reconheceu uma das suas parentes próximas, recentemente falecida o que anteriormente manifestara o desejo de aparecer.

Ninguém poderia fazer a mínima incriminação de truque.²

Descobre-se o material — Perante tantas maravilhas, um investigador da S. P. R., o conhecido Dr. Abraham Wallace, decidiu investigar o caso. Não descobriu fraude nenhuma, mas decidiu pedir a colaboração de um clarividente, Sr. Brailey. O clarividente pediu a Wallace que examinasse o interior da poltrona em que Eldred se sentava durante as sessões.

3. Uma delas, inclusive, obteve a publicação na capa de “ficho du Mervilleux”, de 1 de outubro de 1905.

2. “Une séance de matérialisation avec le médium Eldred en Angleterre”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 558 ss.; “Séances de matérialisation”, ibidem, 1906, págs. 73 ss.; “Photographies de séances”, em “ficho du Merveilleux”, 1905, págs. 362 ss.

E, com efeito, encontrou-se “na parte posterior, um pequeno buraco de fechadura profundamente encaixado e escondido no meio do estofado... Mandou-se fazer uma chave que abriu a fechadura e tirou-se uma fotografia que mostra um compartimento secreto medindo umas 5 polegadas por dez” (uns 12x25 centímetros).

Não se disse nada a Eldred e assim, após outra sessão “encontrou-se o pequeno armário repleto dos artigos necessários para simular as formas dos espíritos. Encontrou-se uma cabeça de malha, com uma máscara cor de carne; seis peças de bela seda branca da China, de um comprimento total de 13 metros; duas peças de fazenda preta e muito fina, destinadas, sem dúvida, às pretendidas desmaterializações (cobrindo-se com pano preto, “desaparece” tudo na escuridão); três barbas de formas diferentes; duas perucas, uma branca e outra cinzenta; uma espécie de estrutura de metal que se podia estender em todas as direções que, coberta de estopa, devia representar urna segunda forma humana; uma pequena lâmpada elétrica com 4 metros de fio, que permitia ao médium produzir luzes espíritas dentro da cabina, enquanto ôle estava fora; um vidro de perfume; agulhas etc.”.*

Como se vê, os materiais para as transfigurações de Eldred não eram nada parecidos com um disfarce parapsicológico por meio do ectoplasma. . . Além dos materiais para a própria “transfiguração”, Eldred empregava outros instrumentos para simular fantasmogênese, fotogênese etc.

Difícil enganar a ciência — As aparições que realizava Eusapia Palladino eram impressionantes. Mas sua suprema habilidade para trugar era ainda mais impressionante. Várias vezes já citamos as experiências que um grupo de sábios de primeira ordem realizaram com Eusapia Palladino no “Institut: Général Psychologique” de Paris, nos anos de 1905 a 1908.^{3 4}

Nas atas descreve-se, a respeito de uma sessão em 1907, que “a escuridão fora pedida logo. Apagaram-se todas as luzes, tendo-se unicamente entreaberto as cortinas de uma janela para iluminar um pouco a sala das sessões apenas com o reflexo da iluminação da rua.

3. Wallace, Abraham: “Le démasquement du médium Eldred”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 184 ss.; Letort, Ellen e Vesme, C. de: “Les fraudes des médiums”. “A propos du démasquement d'Eldred”, ibidem, págs. 292 ss.; “Les trucs de M. Eldred”, ibidem, págs. 124 ss.; “A propos du médium Eldred”, ibidem, págs. 147 ss.

4. Cfr. pág. 100, tomo I, onde citamos os principais nomes desses sábios.

O Sr. Courtier controlava a direita de Eusapia, dando as costas à janela. O Sr. Meck controlava a esquerda (ficando defronte à janela...) O Sr. Courtier viu um braço branco, do seu lado, levantar e afastar a cortina (do gabinete mediúnico). Uma cabeça apareceu bruscamente e se inclinou sobre ele, lançando um gemido. E o que é mais, o Sr. Courtier sentiu-se preso pelas costas por dois braços, enquanto que uma cabeça, desta vez coberta com a cortina, se apoiava contra a sua".

Para o Sr. Courtier, o fato deveria parecer formidável: ninguém podia entrar na sala, a médium estava controlada...

O Sr. Meck, porém, que era um dos controladores, faz constar o seguinte nas atas: notou que Eusápia soltava primeiro uma das mãos, sem que ele nada dissesse para continuar a observar tudo. E, enquanto o Sr. Courtier via o braço e a cabeça misteriosa, o Sr. Meck que estava sentado do Lonte à janela, nesse mesmo instante via, destacando-se sobre a faixa de luz que vinha da rua, a silhueta de Eusápia inclinando-se na direção do Sr. Courtier".

Quando dois braços seguravam pelas costas o Sr. Courtier e uma cabeça se apoiava através da cortina sobre a sua cabeça, o Sr. Meck, que acompanhava todo o processo, comprovou perfeitamente que "Eusápia acabava de libertar-se de ambos os controladores: os movimentos tinham sido tão rápidos que, após a impressão de choque, o Sr. Courtier reencontrava, na sua mão esquerda, a mão direita de Eusápia", sem ter percebido nada das hábeis manobras. * >

Aqui, a médium não foi agarrada, mas o truque foi visto.

Ligaduras recompostas — A fraude na transfiguração foi também descoberta indiretamente, noutras ocasiões, como em experiências de Morselli.

Eusapia Palladino vinha realizando notáveis aparições em quatro sessões. Como em outros casos, para melhor controle dos fenômenos, a médium, ou melhor diríamos "o espírito-guia", permitiu que o Dr. Morselli atasse a médium numa rede, na quinta sessão. Apesar de tudo, houve magníficas aparições. Após a sessão, a médium foi encontrada ainda atada na rede, como se nada tivesse acontecido. Mas o Dr. Morselli comprovou que a médium se desatara e que novamente se atara de modo diferente.

5. "Bulletin de l'Institut Général Psychologique", de Paris, 1908, vol. XIII, pp. 528 s., ou em separata com a mesma paginação: "Documents sur Eusapia Palladino", Paris, I. G. P., s. d. (1908), ou ainda na reprodução por Amadou. Robert: "Les Grands Médiuns", pág. 76 s.

O caso é reconhecido também por Lombroso, embora em poucas palavras e sem comentários, como para tirar-lhe a importância.⁶

Mas, é evidente que o pormenor das ligaduras recompostas mostra a fraude sem apelação, além do reconhecimento e contradição que antes frisáramos. Por que atar? E é inútil, além de apriorístico, pretender que, nestes casos, tivesse havido desmaterialização, ao menos parcial, da médium (!), para libertar-se das ataduras: por que, então, os nós haveriam de aparecer reatados de maneira diferente?

Enganam a Conan Doyle mas não a Sherlock Holmes — Grande arsenal fraudulento foi encontrado com os esposos Thompson, médiuns que se tornaram famosíssimos e que enganaram o conhecido novelista Sir Arthur Conan Doyle.

Numa sessão, os médiuns apresentaram uma "aparição" como sendo a mãe, já falecida, de Conan Doyle. A aparição saiu da cabina, saudou afetuosamente o filho que estava presente e beijou-lhe a mão. Conan Doyle ficou profundamente comovido.

Com a publicidade dessa aparição do além-túmulo a um homem tão conhecido, um detetive de Nova York ficou interessadíssimo em conhecer os médiuns Thompson, E, assim, três dias depois, apresentou-se a uma sessão, acompanhado de um policial. As sessões realizavam-se na casa do Sr. Leonard Hartman, presidente da primeira "Igreja Espírita" de Nova York.

O detetive pediu que aparecesse a "tia Ema", parente que só existia na sua imaginação. Mas nem por isso a imaginária tia Ema deixou de aparecer. Os representantes da lei saltaram então, um sobre o médium e outro sobre a aparição. Fêz-se a luz. O polícia agarrara o médium Thompson, impedindo-o de ajudar a esposa, enquanto a Sra. Eva Thompson, de carne e osso, disfarçada para representar a "tia Ema", foi agarrada pelo detetive.

Em poder dos médiuns encontraram abundante material bem sólido e em nada ectoplasmático. Além das próprias vestes, eles tinham uma roupa de seda preta que, bem dobrada, ocupava pouquíssimo lugar e que, ao ser estendida, transfigurava perfeitamente as feições e roupas subjacentes, dando-lhes uma aparência etérea de além-túmulo... Havia também alguns botões fosforescentes; uma corneta e um aparelho especial com música de piano. Diziam que

6. Lombroso: "Hipnotismo...", o. c., pág. 138.

era música “tocada por mãos do além”, mas na realidade funcionava a corda, com um mecanismo secreto. Os Thompson foram condenados e obrigados a pagar uma multa. ⁷

Nesta ocasião, Conan Doyle, que nos últimos anos se fizera grande corifeu do espiritismo, foi muito ridicularizado pela imprensa norte-americana, por ter-se deixado enganar. O fato ficou, aliás, relacionado com o livro que Doyle acabava de publicar, cheio de fadas, de incongruências, fantasias e coisas ridículas. Tudo isso mostrava que a imaginação fantástica ia tomando conta do grande novelista...

Dois reverendos. . . — No capítulo 11 apresentamos, como muito possivelmente autênticas, algumas fantasmogêneses que o reverendo Monck realizou perante o arcebispo de Canterbury, reverendo Colley. Isto não tira que o “doutor” Monck fraudasse grosseiramente outras vezes como na seguinte falsa transfiguração:

Um dia, o Rev. Colley quis agarrar o fantasma, como de outras vezes. Mas, desta vez, “uma força irresistível me levantou então e fui levado a uma distância de uns seis metros, até ao lugar onde o médium estava de pé (ou melhor, deveria estar). Aí encontrei entre os meus braços, o médium, com musselina branca sobre seu casaco preto. Eu o tinha nos meus braços da mesma maneira que acreditava ter tido o Mahdi” (a aparição).⁸

A musselina branca, musselina mesmo, que não se reabsorve no organismo do médium, como aconteceria se fosse ectoplasma, constitui, neste caso, o corpo de delito.

Espírito harijudo — A Sra. Williams foi um dos mais famosos médiuns norte-americanos de sua época. Numa tournée programada pelos espíritos franceses, chegou a Paris, coroada de glórias. Numa sessão, em 1894, apareceu o espírito materializado de um doutor com barba grande acompanhado de outro espírito, que seria sua filha, vestida de branco.

Uns investigadores que, nas sessões anteriores já suspeitavam da fraude, estavam prevenidos e, no momento oportuno, “o Sr. Ley Marie... deu o sinal. Enquanto um espectador segurava o dirigente (da sessão), outros dois (um deles o próprio Ley Marie) agarraram as aparições. Um quarto acendeu a luz... Então viu-se

7. VJ*New-York Simday American”, de 3 de setembro de 1922.

8. “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 26 ss.

o Sr. Paul Ley Marie lutando com a Sra. Williams (a médium) que lançava gritos selvagens e se debatia furiosamente: era ela mesma que, com maiô preto, ridiculamente disfarçada, com uma peruca e uma falsa barba, representava a aparição do doutor. A filha jovem que o acompanhava, era simplesmente uma máscara da qual pendia um véu e que era suspensa pela senhora Williams com a sua mão esquerda, enquanto que, com a mão direita, puxava um cordão que correspondia a um aparelho luminoso, permitindo-lhe obter fogos de cores diferentes para acompanhar as aparições”.

Agarrados outros espíritos — “Nos Estados Unidos, Miss Cadwef, médium não menos célebre que esta Sra. Williams, foi desmascarada em circunstâncias idênticas pelos redatores do jornal “The World”.⁹)

O famoso médium Firman representava perante Davis a aparição do um indiano: agarraram-no e descobriu-se que era o próprio Firman com o rosto coberto com uma máscara e a cabeça envolvida num véu. Nem máscara nem véu tinham nada de ectoplas-mático...

Catarina Grahm, outra famosa médium, foi pega em flagrante quando representava um “espírito materializado”: era ela própria coberta com gases, salpicadas de substâncias fosforescentes que causavam uma aparência de maior mistério.¹⁰ <>

A médium Albertini foi surpreendida no Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, enquanto “materializava espíritos”, com todo o corpo recoberto de estopa branca e véus de seda.¹¹

K muitíssimos outros casos. ..

Véus e disfarces — É já de início muito suspeito que tantos “espíritos do além*” precisem usar véus até para encobrir o rosto. Serão todas beduínas ou muçulmanas as mulheres do além-túmulo?

Vemos que, no caso Williams houve também fantasmogê-nesc simulada por uma máscara e um véu e fotogênese si-

9. Mathiex, Paul: “Les Faux médiums”, em “Écho du Merveilleux”, 1906, págs. 249 ss. Cfr. Dariex: “Le flagrant délit de la célèbre Mrs. Williams”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1894, págs. 333 ss.

10. Morselli, Enrico: “Psicologia e Spiritismo. Impressioni e note critiche sui fenomeni medianici di Eusapia Palladino”, 2 tomos, Torino, Bocca, 1908, t. II, pág. 431.

11. Mondeil, Gaston Jean: “Le fluide humain devant la physique révélatrice et la métapsychique objective”, Paris, Berguer-Levrault, 1927, pág. 561.

mulada com luzes de côres de uma lâmpada elétrica. Fora isso, o fenômeno da "transfiguração", em todos estes casos, não tinha nada de parapsicológico, como demonstram, evidentemente, a peruca, a barba, o maio etc."

O que em tudo isto é muito interessante é o fato de serem feitas estas fraudes inconscientemente, muitíssimas vezes. Isto nos deve alertar para não nos fiarmos dos médiuns pelo fato de, na vida consciente, serem honestos, uma vez que o inconsciente pode fraudar até na pessoa mais honesta do mundo.

Truque sem material — Há, porém, outros muitos casos em que a aparição é agarrada, acende-se a luz e descobre-se que é o próprio médium que está fingindo de aparição, sem que, porém, tenha consigo material especial. Às vezes pode-se dizer, com base no que seria mesmo a definição de transfiguração, que não houve fraude; aconteceu que o médium, transfigurado, representava a aparição.

Mas outras vezes, o material fraudulento pode não ter sido encontrado porque não foi procurado; outras vezes ainda, o médium terá conseguido escondê-lo...

Por exemplo: Os médiuns Sr. e Sra. Ilalmes tornaram-se famosos pelos "estudos" que dêles fez o teórico do espiritismo Roberto •Halo Owen. Faziam aparecer um fantasma com o clássico norno do Katic King. As experiências se realizavam na própria casa de Owen. Êsto ficou tão entusiasmado que doou ao "espírito" algumas jóias do valor. Não precisamos dizer que as jóias também "se desmaterializavam" no fim da sessão.

Um repórter muito cético e apaixonado pela beleza de Katie King, descobriu que se tratava da Srta. White. Esta jovem saía de um esconderijo a um sinal dado pelos médiuns.

A Srta. Elisa White confessou seus truques e tiveram que devolver as jóias. Algum tempo depois White casava-se com o repórter que lhe descobrira as fraudes... 12

A famosa médium Vitória Mac Farlane foi descoberta quando ainda estava tentando esconder o material. Prometeu à Srta. Maule que faria aparecer sua irmã Peggy, pelo "módico" pagamento de quatro libras esterlinas. No quarto escuro, apareceu uma forma bran-

12. Bechofer, R., tradução do inglês por Korak: "La verità sullo spirijismo", Milano, Mondadori, 1935, pag. 126, nota.

ca e ouviu-se uma voz dizendo: "Eu sou Peggy". Maule pediu que se aproximasse. "Peguei-a depressa, conta a vítima, e senti entre os dedos um tecido de lã. Neste momento, o espírito puxou com força, mas eu segurei (o tecido) até êle se rasgar, e gritei: 'A senhora está desmascarada'. Quando se acendeu a luz, Farlane ainda estava escondendo o vestido de lã".

O tribunal de Edimburgo condenou a médium a uma multa avultada, o

Quando os gatos são pardos ... — Na escuridão em que se realizam as sessões, o médium fraudulento não precisa, em muitos casos, disfarçar-se com material complicado. Qualquer coisa serve, podendo até mesmo cobrir-se um pouco com as suas próprias roupas. Na escuridão, os espectadores reconhecerão as mais diversas pessoas:

O médium Craddock que "é outro dos médiuns de materializações mais conhecidos na Inglaterra", produzia fantásticas aparições perante numerosa assistência, "em ótimas condições de observação" (!?).

O tenente-coronel Mark Mayhew, tinha já fundada suspeita de que o médium arriscava bastante para ver se acertava.

"Uma ou duas formas se aproximaram do Sr. Mayhew pretendendo ser parentes que êle jamais tivera; uma criança dirige-se à sua esposa, chamando-a mãe, mas ela nunca perdera um filho".

Os espectadores, já convencidos de antemão sempre viam nestas aparições o que queriam, mesmo que para tal houvesse uma grande dose de subjetivismo.

"Em determinado momento, uma senhora, vendo uma forma vir em sua direção, gritou dirigindo-se a seu marido: 'Olha, aí está seu pai'. O marido respondeu: 'É, é êle mesmo'. Mas depois corrigiu: 'Não, é minha mãe'" (!!).

Mas o cúmulo mesmo foi a última sessão da série.

Anuncia-se que vai aparecer materializado o espírito de uma senhora; a tal senhora, porém, não somente não falecera mas estava lá, presente, assistindo à sessão.

13. Júlio Maria: "Os segredos do espiritismo", 4.ª ed., Petrópolis, Vozes, 1950, pag. 197.

Êrro tão crasso do médium levou ao máximo o descontentamento do tenente-coronel Mark Mayhew.

Pouco depois, "em determinado momento, uma forma que tinha sobre o lábio superior um bigode branco, aproximou-se do tenente-coronel, e êste a agarrou fortemente pelo braço. O fantasma debata-se violentamente e, não podendo desprender-se arrasta seu agressor para dentro da cabina. O Sr. Mayhew, sabendo que o Sr. Carleton estava munido de uma pequena lâmpada elétrica, grita-lhe que a acenda; e foi assim que comprovaram que o pretendido fantasma era o próprio Craddock", apesar de "o espírito guia" ter antes afirmado que o médium não sairia da cabina.

A 21 de junho de 1900, o Tribunal de Edgware, em Londres, condenou Craddock a um mês de prisão ou à multa correspondente, "porque, servindo-se de estratagemas sutis... pretendia invocar os espíritos dos mortos".^M

Os pequenos disfarces, como um bigode postiço, não são o que chama, a atenção neste caso, mas a enorme facilidade com que os espectadores identificam, na escuridão, qualquer pessoa que se lhe proponha, menino ou adulto, ou mesmo tanto o pai como a mãe. Não tivesse sido o médium tão descuidado em certificar-se quais eram mesmo as pessoas que realmente tinham falecido, sua farsa teria continuado anos a fio, com o mesmo prestígio que já tinha, ou cada vez maior...

Esperteza imperial — Harry Bastian foi um celeberrimo médium. Os arquidukes João e Rodolfo da Áustria, desejando conhecer pessoalmente as maravilhas que dele se diziam, conseguiram, por intermédio de um corifeu do espiritismo, o barão Lázaro de Hellenbaoh, que Bastian viesse a Viena para realizar suas sessões no Palácio Imperial.

Em 1886, a 17 e 30 de janeiro, Bastian deu suas duas primeiras sessões perante os arquidukes e uma seletíssima assembléia.

João e Rodolfo de Áustria ficaram um tanto desconfiados daquelas maravilhas. Decidiram fazer uma experiência definitiva, na terceira sessão.

14. Após Eldred, Craddock, em "Annals des Sciences Psychiques", 1906, págs. 320 ss.; "Le procès du médium Craddock, ibidem, pag. 448 ss.* "Découverte d'un autre fraudeur", em "L'Écho du Merveilleux", 1906, págs. 125 ss.; "Le procès Craddock", ibidem, págs. 249 ss.

Bastian escolheu duas salas intercomunicáveis. Numa, se realizavam as aparições e demais prodígios. A outra lhe servia de cabina mediúnica, ficando de portas abertas e só separada por uma cortina. Os arquidukes, porém, para esta terceira sessão, mandaram colocar um mecanismo secreto, sem que o médium o soubesse. Ao ser acionado por eles mesmos, mediante uns cordões, o mecanismo fechava as sólidas portas que separavam as duas salas.

Na terceira sessão, celebrada a 11 de fevereiro, Bastian, como sempre, afirma que permanecerá imóvel todo o tempo, dentro da cabina. Deita-se num sofá e entra em transe. Como de costume, os assistentes comprovam que Bastian está imóvel, em letargo profundo. Depois da sessão, deverão de novo vir a comprovar que Bastian continuava imóvel no sofá...

Sentam-se todos nos seus postos. Na cabina, fica sozinho o médium. Apagam-se as luzes, como se fosse fotogênese, e após este prelúdio começam a aparecer os "espíritos materializados", fenómeno que constituía a especialidade de Bastian.

Maravilhoso... Em determinado momento, porém, os arquidukes acionam o mecanismo secreto, e as portas se fecham ruidosamente, cortando a retirada à aparição. Acendem-se as luzes, e vê-se a aparição, por domais materializada, forcejando inutilmente para abrir as portas. Os arquidukes saltam sobre o fantasma e retiram-lhe os vestidos, nada ectoplasmáticos, com que se encobria. Todos os presentes vêem o próprio Bastian, de carne e osso, que não conseguira voltar à cabina da qual, segundo afirmava, não deveria sair.

Bastian era, segundo parece, realmente dotado de qualidades parapsicológicas de conhecimento, surpreendendo os assistentes com as suas revelações a respeito das famílias e dos antepassados dos ilustres assistentes. Êste fato e mesmo o tremor convulsivo de que foi tomado, quando tão inesperadamente o despertaram do transe, sugere que as fraudes das suas "transfigurações" talvez fossem inconscientes. Mas nem por isso seriam menos fraudes. O mesmo inconsciente que realizava as vinhações reais fazia fraudes, também reais, em "transfiguração".

15. Laponi, José: "Ipnotismo e spiritismo", Roma, 1906. Usamos a tradução da 2.^a ed. italiana, por Vieira, Batista Manoel: "Hipnotismo e Espiritismo", São Paulo, Falcão, 1907, págs. 250 ss. Há outra edição portuguesa: Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. Tradução inglesa: "Hypnotism and Spiritism", Longmans, 1907.

PARTE II: FRAUDES NA MATERIALIZAÇÃO

^ Devido às circunstâncias em que se realizam as sessões espíritas, é muito difícil uma observação e controle perfeitos dos numerosos truques, alguns deles bem fáceis, apresentados como materializações.

Pouco ajuda o fato de serem muitos os que observaram o mesmo fenômeno. Nem adianta terem-se tirado fotografias. A fotografia revelará o fenômeno, mas inúmeras vezes não descobrirá a fraude, como sucede nas fotografias ou filmes tirados durante as exibições de um mágico: filma-se o prodígio mas não se descobre o segredo operacional...

Excessiva realidade — Repetimos que segundo a definição, a característica das “materializações” seria sua perfeita realidade, não como transfiguração do médium, o que seria compreensível, mas como entidade diferente.

Richet escreve: “A materialização. . . de um corpo, tendo aparência de vida..., é-nos mais difícil de compreender, porque este corpo parece ter todas as características da vida. As formas materializadas são inteligentes, são, ao menos na aparência, uma personalidade. A mão é quente, viva, os olhos olham, rolam dentro das órbitas, a voz fala, a respiração desprende gás carbônico, os joelhos se movem, as mãos agarram, os objetos”.¹⁶

E é de fato mesmo uma verdadeira realidade bem humana, bem normal, bem deste mundo, sem nada de sobrenatural nem de parapsicológico.

E, entre outros casos, concretiza suas afirmações com as observações do Dr. Hirschmann, presidente da Sociedade de Antropologia de Liverpool, realizadas com um médico particular (do qual não se declina o nome, mas só a inicial: Sr. B.).

Foram tiradas numerosas fotografias, das diversas materializações. Mediu-se-lhes a altura, tomou-se-lhes o peso, até lhes foram contadas as pulsações cardíacas; tinham todas as características da vida.^{17 16 17}

16. Richet, Charles: “Traité de Métapsychique”, 2ª ed., Paris, Alcan, 1923, pág. 638.

17. Richet, Charles: “Traité...”, o. c., pág. 707.

E Lombroso conta que aos 18 de fevereiro de 1907 colocaram no gabinete mediúnico onde trabalhava Eusápia Palladino, um cardiógrafo de Marey.¹⁸

Obtiveram-se marcações a partir de u'a mão que Lombroso atribui à materialização de John, o “espírito guia” (!?), ou, no final das contas, a qualquer outra materialização.

O argumento apresentado por Lombroso para garantir que não se tratava da mão da mesma Eusápia: “certamente não dela porque estavam seguras as suas mãos”, não poderá ser aceito, por ninguém que saiba a facilidade com que Eusápia Palladino realizava a substituição do mãos.

Tenha-se, aliás, presente, que a escuridão era absoluta. Não se viu naquela ocasião aparição alguma. Até se poderia ter feito o registro em qualquer um dos presentes. . . Qualquer um deles poderia ter pôsto a mão no aparelho registrador.

Poderiam ter sido efeitos meramente telecinéticos que, como é lógico, “por sua dissemelhança e brevidade diferem dos traçados normais”.¹⁹

Mesmo que os traçados não tivessem, sido obtidos por truque ou telecinesia, de maneira alguma isto demonstraria que se tratasse de uma materialização e não de simples transfiguração. . .

Fraudes pequenas — Quando estudávamos a ecto-coloplasmia, víamos que um material fraudulento, muito freqüente, eram os quadros, desenhos, máscaras etc. O mesmo material, quando representa pessoas de corpo inteiro é usado para fingir materializações.

18. O cardiógrafo “comunicava-se com o gabinete por meio de um tubo que atravessava a parede, e dispunha de uma pena sobre um cilindro enfumado. A pena catava situada a 51 cms. da parte lateral esquerda do gabinete mediúnico e cerca de 1,50 m. da médium”. Pôsto a funcionar o aparelho, obtiveram-se “dois grupos de curvas que decresciam rapidamente. O primeiro grupo correspondia, segundo o sinal Desprez, a cerca de 23 segundos e o outro a cerca de 18 segundos”.

19. Lombroso, Cesare: “Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici”, Torino, Utet, 1914 (1.ª ed. 1909). Citamos da tradução por Martins de Castro, Almerindo: “Hipnotismo e Mediunidade”, Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., pág. 270.

Assim, por exemplo, o Dr. Walter Franklin Prince, da Sociedade de Investigações Psíquicas de Boston analisando uma fotografia de um grupo de "espíritos materializados", comprovou que se tratava unicamente de uma reprodução, um pouco mutilada, do quadro da Sagrada Família de Murillo.²⁰ E' uma fraude da pessoa que publicou a "materialização".

O famoso médium norte-americano Ebstcin, "estava prestes a fazer aparecer os espíritos dos mortos, num hotel bem conhecido, perante berlinenses cheios de boa fé e simpatia... A assistência estava à espera, sumida em espessas trevas, quando, de repente, se acendeu a luz elétrica. Apareceu então, perante os espectadores, o material que serviria para representar o espírito: um manequim pintado com tinta luminosa".²¹

Nestes casos muito freqüentes, o material não tem vida própria (a não ser na imaginação dos assistentes) tendo-se observado por isso, muitas vezes, que estas "materializações" estão imóveis, cataléticas; com o olhar fixo; frequentemente se upóiam no médium, como se estivessem fracas (!?): na realidade, o médium está segurando o manequim...

Cumplicidade — Más a praxe mais freqüente nas "materializações" (enquanto truque diferente da. "transfiguração" do próprio médium) é servir-se de um cúmplice. Este mesmo fato favorece a fraude, pois se há assistentes atentos, estes controlam e observam o médium e se esquecem de que o prodígio pode ser assim realizado mais facilmente por um cúmplice, que freqüentemente será, inclusive, um dos dirigentes da sessão.

Conan Doyle foi um dos mais destacados corifeus espíritas. Além de ter caído em tantas e absurdas crendices, freqüentemente foi fragorosamente enganado.

Um médium espírita foi levado ao tribunal pelo próprio empregado. O empregado alegava que o médium o contratara para desempenhar o papel de "espírito materializado" nas sessões mais solenes e que não lhe pagara o salário combinado.

— "As sessões, então, eram puro embuste? — indagou o juiz".

— "Acaso não o são sempre? respondeu o médium".

20. "Scienza per tutti", Milano, 1926, vol. II. págs. 22-24, com reprodução da fotografia.

21. "Daily Telegraph", 14 de novembro de 1905.

— "Mas isso é enganar o povo .."

— "Oh! Sr. juiz, se V. S. soubesse o contentamento que isso proporciona aos clientes e quão facilmente se deixam enganar... Não há muito, pediu-me o grande escritor Conan Doyle que eu evocasse seu filho falecido. Apareceu a materialização, que era exatamente êsse meu empregado que agora me indicia e Conan Doyle, chorando, reconheceu seu filho sem vacilar..."

Rcalmentc o célebre escritor, posteriormente se referia enternecido a esta "materialização".— "

A fraude de Ofélia — Mais um exemplo, escolhido ao acaso, entre os inúmeros que poderíamos citar:

Realizavam-se experiências em São José da Costa Rica, na casa do comerciante senhor Corrales. Os observadores eram numerosos. Houve muitas sessões a que assistiram as pessoas mais notáveis de São José.

Apareciam regularmente as formas materializadas de Don Constantini e Mary Brown; esta expressava-se corretamente em inglês, língua que a médium não conhecia... Durante as aparições a médium, senhorita Ofélia, era vigiada. Às vezes a luminosidade era bastante boa. As "materializações" podiam ser fotografadas e tocadas ... "Mary Brown foi vista claramente emanando de Ofélia e depois incorporando-se nela" etc.

Os fenômenos do "materialização" eram empolgantes, o que, já de si mesmo, deveria despertar a suspeita dos mais sensatos. Todos, entretanto, absolutamente todos, caíram no engano. A fraude havia de parecer, mais tarde, muito grosseira e elemental; mas quem a teria descoberto se não fôsse a revelação do próprio pai da médium?

Foi ele quem pôs os investigadores na pista da fraude e hoje se sabe que tudo era truque grosseiro:

Ofélia Corrales servia-se de uma jovem desconhecida, que dominava o inglês. A moça era introduzida na sala subrepticiamente, quando tôdas as atenções estavam concentradas na médium. Era esta "hóspede" quem representava as "materializações" de Don Constantini e de Maria Brown.²² 3

22. Júlio Maria: "Os segredos...", o. c., págs. 143 s.

23. Reichel, Willy, em "Annales des Sciences Psychiques", 1910, vol. XX, págs. 324 ss.; ibidem, 1911, vol. XXI, págs. 140 ss. e 214 ss.

A imaginação dos assistentes cobria as deficiências e melhorava notavelmente os fatos.

Experiência "científica" — O Dr. Hodgson, entre outras "fraudes" realizadas pelos próprios cientistas para alertar os investigadores novatos, descreve uma sessão bem instrutiva, na qual êle próprio se fez de cúmplice.

Entrou cie pés nus na sala da sessão, levantou no ar uma vitrola numa demonstração maravilhosa de "telecinesia"; golpeou o teto com um pau comprido e fez soar um gongo, como exemplo de "tiptologia transcendente"; tocou os assistentes com as próprias mãos, previamente refrigeradas em água fria, simulando contatos do além... Fez ainda aparecer um "espírito materializado", disfarçando-se êle próprio com musselina recoberta de pintura luminosa e modificando seu rosto com uma máscara. Pouco depois trouxe á cena um segundo "espírito materializado" pondo no próprio rosto uma barba falsa e na cabeça um turbante que se iluminava com luz "transcendente" projetada do um livro com letras fosforescentes.

ITodgson publica o relatório de um culto espectador que saiu convencido de que tinha assistido a uma sessão espírita de materialização, realizada nas melhores condições científicas... ** >

O comparsa. . . horripilante — O cúmplice pode ser a pessoa que menos possamos imaginar. Nas circunstâncias de mistério o credence em que se realizam estes fenômenos, não é difícil fazer o papel de "aparição materializada".

Nas proximidades de Genebra, havia uma mansão senhorial que ia adquirindo fama de mal-assombrada. Tudo começou quando uma mocinha, tendo uma vez agitado, por acaso, uma lâmpada diante de uma janela viu aparecer-lhe um "espírito materializado" de rosto horripilante.

Os habitantes da região, depois de ouvida a descrição da aparição, logo reconheceram nela um antigo habitante da mansão, morto havia já vários anos em circunstâncias trágicas. As visitas do "morto" repetiam-se regularmente.

Os mais entendidos pensariam logo que se tratava de alguma projeção psíquica da mocinha assustadica. Mas o cúmplice desta farsa era quem menos se podia esperar. A Polícia, desconfiada,

²⁴• Hodgson, Richard, tradução por Mangin, Marcei: "Comment j'ai vu à l'imitation par la prestidigitation les prétendus phénomènes spirites", em "Annales des Sciences Psychiques". 1893, págs. 235 ss.

investigou o caso e acabou por prender o "espírito materializado"; era uma velha (quem suspeitaria de uma velha?) animada de ódio e malevolência.²⁵

Negócio rendoso — Fazer "materialização" é fácil e geralmente rendoso para o médium, embora possa ser muito caro para os consulentes.

Em 1950, para citar um exemplo, a vontade de ver o "espírito materializado" do seu defunto espóso custou à senhora Wilson quatro mil libras esterlinas. O médium era Gérald Dodson. Nas suas sessões fazia aparecer "materializado" o espírito de Lord Wilson.

O "Lord" aconselha vivamente sua esposa a deixar, dentro de uma caixinha, diversas quantidades de dinheiro. Dizia que estas somas seriam desmaterializadas e, depois novamente materializadas pelos espíritos nos cofres das "Instituições de Caridade para aliviar a humanidade sofredora".

E, efetivamente, o dinheiro era "desmaterializado", sessão após sessão, até que a polícia descobriu que se costumava "rematerializar" sob a forma de conta bancária em nome do médium Gerald Dodson. O médium teve que devolver o dinheiro e cumprir 21 meses de cadeia.^{25 26 27}

Não crer no que se pensa ver — A alucinação subjetiva é muito fácil nas sessões espíritas pela expectativa do fenômeno, convicção de muitos dos assistentes e pela influência que poderíamos chamar hipnótica do médium e do ambiente. . .

Na sessão do dia 7 de janeiro de 1902, com a famosa Eusápia Palladino, cria Barcini ver uma cabeça; Borisso acreditou ver uma velha; Morselli não viu nada.²⁷

Tal divergência bem mostra o influxo da alucinação.

O mesmo Morselli, querendo fazer uma experiência a êste respeito, sugeriu certa vez a um assistente, que veria qualquer coisa. E com efeito, imediatamente o assistente viu aparecer um "espírito materializado" e a médium concordou. Não obstante, Morselli mesmo não viu nada nem os aparelhos revelaram nada.²⁸

25. Neubourg, Cyrille de: "Fantômes et maisons hantées", Collection Bilan du mystère, n.º 3, Paris, Grasset, 1957, pág. 112.

26. Neubourg, Cyrille de: "Fantômes...", o. c., págs. 17 s.

27. Morselli, Enrico: "Psicologia...", o. c., tomo II, pág. 419.

28. Morselli, Enrico: "Psicologia...", o. c., tomo II, pág. 164.

O excelente parapsicólogo, Dr. Dingwall, dedica um magnífico trabalho a advertir aos não-especializados que não se fiem no que acreditaram ter visto. ..

Entre outros muitos exemplos de valor, descreve urna sessão espírita a que êle assistira em Massachussets: todos os assistentes concordaram que tinham visto, ao som de música do além, espíritos materializados. Só o Dr. Dingwall não viu nada.

Êle não entrou na sessão já convencido de que veria alguma materialização. E, veterano na observação, não se deixou suggestionar pelos anúncios, sugestões hipnóticas que o médium, ou melhor, o espírito-guia" ia fazendo. Nada viu.

Os outros assistentes não tinham a experiência c os conhecimentos parapsicológicos de Dingwall e, além disso, entraram na sessão convencidos de que presenciariam fenômenos maravilhosos. Com efeito, "presenciaram" todos os fenômenos de efeitos físicos que o médium lhes sugeriu.²⁶

A sugestão pode ser feita parapsicologicamente. Mas não deixa, de ser sugestão.

Já referimos o caso da »Sra. Freya. Numa sessão do Instituto Metapsíquico Internacional de Paris, sentiu na própria pele o contato com um animal felpudo, percebeu-lhe o cheiro, ouviu-lhe a respiração... Era um animal perfeitamente "materializado": tal como o médium Guzik imaginava. Mas nesse mesmo momento, o Dr. Osly bateu uma fotografia: a fotografia não se deixou alucinar e não revelou animal algum... * < »

Experiências da alucinação — Durante vários anos, o Dr. Emilio Jung fez, na Universidade de Genebra, uma experiência que demonstra o poder alucinante da cspcctativa.

Nas primeiras lições de técnica microscópica descrevia minuciosamente a seus alunos as diatomias e infusórios que haveriam de observar depois. Jung, porém, proporcionava-lhes microscópios totalmente desprovidos de preparados bacteriológicos. Não obstante, todos os anos, numerosos universitários desenhavam o que só teoricamente conheciam, completamente convencidos de que o estavam observando no microscópio.³¹

29. Dingwall, Eric John: "Some human addities", London, 1947.

30. "Revue Métapsychique", 1926, pág. 455.

31. Yung, Emilio: "Contribution à l'étude de la suggestibilité à l'état de veille", em "Archives de Psychologie", t. VIII, págs. 262 ss.

O Dr. Slosson fez experiências semelhantes a respeito da alucinação olfativa:

Apresentou-se, um dia, na aula, com um pequeno vidro para fazer uma das freqüentes experiências. Disse aos universitários que estava certo de que jamais tinham percebido o cheiro do líquido que levava no vidro. Era um cheiro muito forte, mas apesar de muito forte e sumamente desagradável, não faria mal à saúde de ninguém, a não ser, quando muito, um rápido desmaio aos mais sensíveis... Trata-se, acrescentou, de averiguar a rapidez da difusão das partículas olfativas. Pediu pois aos alunos que tão logo percebessem o cheiro, fizessem o favor de levantar a mão.

O professor, afastando cuidadosamente a cabeça, destapa o vidro, deixa cair umas gotas do conteúdo sobre um algodão e rapidamente retapa o vidro. Tira o cronômetro e tapa o nariz com o lenço.

Só quinze segundos tinham transcorrido quando os assistentes das primeiras fileiras já começavam a levantar o braço. Antes de um minuto, três quartas partes dos assistentes anunciavam perceber o cheiro. Pouco depois, já alguns se dispunham a abandonar a aula, momentaneamente, queixando-se de cheiro insuportável.

O professor suspende a experiência para anunciar aos universitários (não se tratava de pessoas incultas c "suggestionáveis") que o conteúdo do vidro era pura e simplesmente água destilada.³²

Se estas alucinações da vista e do olfato, são provocadas pela autoridade de professores, no ambiente tranqüilo de uma aula universitária, que alucinação não será possível provocar pelo influxo de um médium famoso no contágio psíquico durante o transe, no ambiente de uma sessão de espiritismo c na escuridão. . . ?

Observação difícil — S. J. Davey, membro da "Society for Psychological Research" de Londres, queria saber se êle próprio seria capaz de empregar, sem ser descoberto, algumas das fraudes que, consciente ou inconscientemente, empregam os médiuns.

Convidou quatro eminentes espíritas, habituados às sessões de espiritismo, para assistirem a uma sessão especial. Momentos antes de começar a sessão, chegaram mais outros dois especialistas espíritas e foram igualmente convidados.

32. Slosson, E.: "A lecture experiment in hallucinations", em "Psychological Review", págs. 407 ss.

Começou por avisar que o médium era êle próprio; que descobrira em si qualidades mediúnicas. Insiste e volta a insistir desde o começo que é preciso pôr muita atenção e tomar todas as precauções. Só deverá tomar em consideração o testemunho dos seis observadores. Não queria, de nenhum modo, utilizar o próprio testemunho. Quer que a sessão seja absolutamente científica, incontestável.

Postos assim de sobreaviso os controladores, Davey se levanta, uirige-se à porta de entrada da sala, dá uma volta à chave c, com todo descaramento, dá outra volta em sentido contrário, ficando, pois a porta aberta...!

Mais uma vez, roga enfadonhamente aos controladores que examinem de novo a sala, a fundo, até ao excesso. Num momento dado, Davey, para distrair um controlador, esvazia os próprios bolsos e os revira, a fim de que ninguém suspeite, disse, de que tenha escondido algo.

Com este simples gesto para atrair a atenção sobre si, Davey consegue fazer com que um controlador volte atrás no momento perigoso em que ia examinar um recipiente na estante da biblioteca. Ai eslava, a descoberto, o material completo para simular materializações... Tudo isso depois de ter exigido severíssimo controle...

Faz-se a escuridão. Um cúmplice penetra na sala, enquanto suave música abafa o ruído dos seus passos, Este cúmplice toma os materiais, maneja-os tranqüilamente. Logo, como que se condensando pouco a pouco, aparece um “espírito materializado”: é uma máscara e pescoço de papelão, ligeiramente fosforescente, tudo coberto com musselina. A “materialização” se esfuma, e pouco depois aparece uma outra diferente, detrás da cadeira onde Davey, o “médium”, estava sentado “em transe”. Esta nova “materialização” é o próprio cúmplice, imóvel, e o resplendor que permite ver os traços de sua fisionomia emana de um livro de letras fosforescentes, que Davey tem nas mãos, dirigindo a luminosidade para o lado de seu amigo. Maravilhoso: médium e materialização são vistos ao mesmo tempo!!

Para “desmaterializar-se”, o cúmplice, contra todo o previsto, deu um passo em falso, tropeçou... e a “desmaterialização” se fôz ao som de um verdadeiro estrépito.

Termina aqui a sessão. Acendem-se as luzes. Descaradamente, Davey apressa-se em levantar do chão e em recolocar no seu lugar a fita gomada que selava a porta e que caíra. Depois, faz com que os controladores constatem que a fita gomada estava intata!

Os senhores Hohn Rait, Johnson e Wilson redigem a ata da sessão. Por incrível que pareça, Johnson e Wilson mostram-se fortemente satisfeitos com as medidas de controle tomadas. Dizem, por exemplo, que “Davey fechou a porta à chave e que isto foi verificado

antes e depois da sessão”. Johnson viu voar pelos ares a vitrola e assegura que a “última aparição desapareceu com um barulho *bem característico*” da sua sobrenaturalidade. Rait assegura que a sessão se desenrolou “exatamente igual às outras sessões habituais” de espiritismo científico. Êle também comprovava que a porta tinha sido fechada à chave c selada, “estando intato o sêlo gomado, como verifiquei no fim”. U'a mão fria o havia tocado e havia ouvido muito claramente raps “transcendentes”. “Um halo tinha-se eonconíxv do e solidificado pouco a pouco até formar uma materialização. A segunda aparição era, evidentemente, a materialização do espírito de um oriental, com o olhar fixo e longínquo”. Para os seis controladores, “os fenômenos tinham-se realizado em condições que excluem tôcla fraude”. 33

Quantas c quantas sessões tenho visto, com fraudes mais grosseiras ainda, com controladores clarissimamente suspeitos, onde o diretor da sessão fica rondando o lugar dos “prodígios”, obrigando-me sempre a ficar longe, entre vizinhos predeterminados. ..

33. “Proceeding-s of S. P. R.”, 1887, págs. 381 s. e 1S92, i 253 ss.

APÊNDICE III

FLUIDOS E FLUIDÔMETROS

Muitos c engenhosos aparelhos, e discussão mais engenhosa ainda. — Nem tudo falso, nem tudo verdadeiro. — A ciência demonstra a irradiação humana. — Anestesia à distância. — “Fotografias de almas”⁹. — Dedos imprimem auréolas luminosas.

PARTE X: APARELHOS DE RESULTADO DUVIDOSO

Èste apêndice constitui um ligeiro e resumido aprofundamento do capítulo I, a telergia, a modo de diretrizes gerais para pessoas mais interessadas na especialidade.

Muitos aparelhos foram construídos para revelar a existência ou inexistência do “fluido” humano (telergia). Começaremos por aludir aos aparelhos de *resultado duvidoso*. Sublinhamos a expressão “resultado duvidoso”: os defensores do “fluido” pretendiam tê-lo provado incontestavelmente com êsses aparelhos. Na realidade, podiam-se fazer alguns reparos.

Ora, perante as objeções apresentáveis, os adversários do “fluido” foram insensivelmente levados a concluir que se tinha provado a sua inexistência. Na realidade, o fato de não se ter provado incontestavelmente a existência de alguma coisa não implica que, por isso mesmo, se prove sua

inexistência. Mais ainda: o fato de que a demonstração não tenha sido apodítica, não anula algum grau maior ou menor de probabilidade.

Um dos primeiros aparelhos é o do Dr. Plamat, cujas experiências cita e aprova o Dr. Baréty, de quem já falamos.¹²

O complicado aparelho do Dr. Plamat demonstrou ações consideradas como provindas dos "fluidos", que só se exercem pelos seres vivos, através da campânula que protege o aparelho. Apresentando um ou vários dedos por fora da campânula de vidro, na frente de uma asa da agulha registradora, e seguindo muito lentamente o contorno da campânula, pode-se fazer com que a agulha descreva um ângulo de 90 graus. Ao passo que, tratando-se de metais, madeiras, cristais etc. só se obtém efeito apresentando-as diretamente às pequenas asas da agulha registradora, mas nunca através da campânula.

TRORE E SUA "EMIÇÃO IRRADIANTE" — No IUCSmO ÍUIO, 1887, o Sr. Troro publicava numa revista científica as suas experiências sobre a "emissão irradiante de uma nova força" revelada por um aparelho de sua invenção.³

Tro.ro comprovou que o sentido da rotação que se imprimia a seu aparelho quando dele se aproximava um cilindro de marfim, dependia da posição do observador em relação ao aparelho: rotação à direita quando o observador se colocava à esquerda; rotação à esquerda quando o observador se colocava à direita. Isto parece indicar que a origem da força motora está no mesmo observador. O autor conclui que é inútil procurar a causa destas rotações e do sentido das mesmas nas forças físicas conhecidas, embora esta "força especial" tenha analogias com elas. Trata-se, segundo Trorc, de uma propriedade especial inerente ao organismo humano, ou talvez uma propriedade geral dos seres vivos.

1. Baréty, A.: "Le magnétisme animal étuclé sons lo nom de force neurique rayonnante et circulante dans ses propriétés physiques, physiologiques et thérapeutiques, Paris, Doin, 1887.

2. "Bulletin de la Société Scientifique", Borda, 1887.

3. Esse aparelho compõe-se dum cilindro de marfim com 24 milímetros de comprimento e 5 de diâmetro, suspenso por um simples fio de seda, de tal maneira que seu eixo fica bem no prolongamento do fio de suspensão, que se fixa pela outra extremidade num suporte que tem uma junta permitindo levantar ou abaixar o cilindro sem imprimir-lhe abalos bruscos.

A julgar pelas discussões e críticas feitas, tanto a Plamat como a Trore, parece que nem fôdas as pessoas obtinham êxito. Isto seria, realmente, uma poderosa objeção contra a teoria do "fluido universal". Mas poder-se-ia concluir também que tal força seria manifestada só pelos mais dotados. Mesmo que se tratasse de uma misteriosa força comum, embora desconhecida, somente os dotados conseguiriam ampliá-la e dirigi-la. . . Tratar-se-ia de um fenômeno parapsicológico. Mas esses aspectos que mais interessam, não ficam suficientemente claros em tais experiências.

O MAGNETÔMETRO DE FORTIN — O padre Fortin, fabricou um magnetômetro especial.^{4*}

Eis os resultados obtidos em trezentas pessoas diferentes: apresentando a mão direita, a agulha foi atraída 227 vezes, ficando imóvel só 42 vezes; apresentando, porém, a mão esquerda, a atração e o repouso foram em igual número (exatamente 109 e 107 vezes respectivamente). O grau de atração varia com a disposição fisiológica e mesmo com as disposições psicológicas das pessoas submetidas à experimentação. Mais ainda: sob o império da vontade, uma mesma pessoa pode atrair a agulha ou deixá-la em repouso apresentando sempre a mesma mão. O Padre Fortin insiste em que o calor, a luz, a eletricidade, o magnetismo etc. atuam sobre a agulha sempre da mesma maneira, como se comprovou com o seu aparelho, inúmeras vezes. É necessário admitir, portanto, segundo o padre, que nos encontramos em presença de uma força especial que ele chama "força vital" ou "fluido vital".⁵

Os adversários dos fluidos objetaram contra o padre Fortin o fato de construir um magnetômetro para revelar uma

4. Na base do aparelho, repousando no pedestal, está o condensador diretamente em comunicação com o assoalho. O condensador consiste em folhas de estanho, separadas por uma substância isolante e enroladas sobre si mesmas. Mais acima, há um multiplicador metálico formado por um longo fio isolado e enrolado em redor de um pequeno cilindro de vidro. Na parte alta do cilindro, está uma agulha magnética, mas não imantada, de cobre, suspensa por um fio de seda, muito fino, sobre um quadrante dividido em 360 graus.

5. O relatório das experiências do Padre Fortin foi publicado por Foveau de Courmelles em "Revue Universelle des Inventions Nouvelles", 1890, págs. 104 ss.

fôrça que se defende como diferente do magnetismo, mas se esquecem de que essa "fôrça vital" é apresentada como análoga ao magnetismo.

Objetam também a instabilidade do aparelho, que o torna suscetível de registrar quaisquer fôrças mecânicas ou físicas exercidas na sua vizinhança; esquecem, porém, o singular proceder da "fôrça vital", diferente do proceder de qualquer outra fôrça conhecida, como foi constatado expressamente com o mesmo aparelho.

Fortin, aliás, teria constatado a influência do maior ou menor "dom para psicológico" entre as centenas de pessoas que entrevistaram na experiência, embora quase tôdas elas manifestassem o chamado "fluido vital", ao menos em grau mínimo, especialmente quando tristes e doentes... Os mais dotados obtêm êxito mais notável. Tudo isto concorda com um fundo comum de todâ. a questão do "fluido".

Modificações nu Baraduc - - Posteriormente, perante tantas objeções, às vezes um pouco precipitadas ou apaixonadas, mas que mostravam que as experiências de Fortin não chegaram a convencer todos os cientistas, outro investigador, o Dr. Baraduc, reatou as experiências com o mesmo aparelho um tanto modificado.^{67*}

Baraduc trabalhou denodadamente. No seu primeiro livro, 7 defendendo que, em alguns "dotados" (ou, em tôdas as pessoas em grau mínimo) há manifestação, às vezes espontânea, às vezes sob o império da vontade, de um "dinamismo humano".

As experiências e observações que se referem só a isso, são as que se devem ter em consideração. Lamentavelmente, parece que Baraduc vai além do que lhe permitem suas experiências, ao querer determinar a natureza do "fluido", suas propriedades, e as leis biométricas que o governam.

6. O biômetro de Baraduc é o mesmo magnetômetro de Fortin, salvo a inclusão de um eletro-ímã sobre o quadrante, visando impedir, de alguma maneira, a ação magnética do ambiente. Com finalidade semelhante, inclinou-se o fio da bobina. Além disso, o fio do sôda foi distorcido quando necessário para pô-lo no grau zero de torsão, a fim de evitar qualquer influência decorrente da torsão mesma do fio.

7. Baraduc, Hippolyte Ferdinand: "La force vitale, notre corps vital fluide, sa formule biométrique", Paris, Carré, 1893.

Após três anos mais de experiências, publicou um novo livro 8 reforçando as conclusões anteriores. Para estas experiências, introduziu novas modificações no aparelho do padre Fortin, tratando de eliminar a influência do calor, da eletricidade, do magnetismo... 9

Sem negar que essas modificações tenham alguma vantagem, não parece, porém, serem suficientes. O seu principal valor, que os adversários dos fluidos parecem não perceber, é que os resultados deveriam ter diminuído notavelmente com as modificações introduzidas no aparelho, o que não sucedeu. Portanto, parece que se deve conceder algum valor às experiências do Dr. Baraduc, no que se refere, repetimos, exclusivamente à existência do "fluido".

Incidem dados físicos — Em 1901, o Dr. Baraduc, se submete com seu aparelho, a quantas observações queiram fazer outros cientistas, inclusive entre os mais destacados adversários do "fluido". Durante quatro meses, fizeram experiências os Drs. Baclé, Roure e Branly (além do mesmo Baraduc e além das pessoas submetidas à experiência) no laboratório do Dr. Branly, no "Instituto Católico" de Paris.¹⁰

8. Baratine, Hippolyte Ferdinand: "T'âme limrvaine, h<ls mouvements, ses lumières, et rieonographio de rinvisiblc fluidique", Paris, Carré, IXiXi.

9. Para eliminar o calor, colocou o aparelho numa campânula de vidro, na qual se tinha feito vácuo. O calor, porém, também se transmite por radiação, o não só por condutibilidade. A precaução, portanto, não é de *indo*, suficiente, embora *alijo* consiga. Também revestiu a campânula de uma camada de alúmen (pedra-hume) de meio milímetro de espessura. A camada é muito fina, mas não se pode negar que oferece alguma defesa contra o calor e, por outra, parte, os adversários dos "fluidos" não podem exigir camadas mais "convincentes" sob pena de impedirem também a transmissão do fluido que é também uma força física. . . . Para eliminar a eletricidade, Baraduc envolveu o aparelho numa "couraça" de mica, corpo adia-alétrico. A mica impede a passagem da eletricidade por condutibilidade, não porém por influência, mas é necessário admitir que *alijo* faz esta couraça. . . . E todo o conjunto de precauções faz muito contra o calor, o que os adversários parecem esquecer.

10. O mesmo Padre Roure fez um resumo detalhado destas experiências. Roure, S. J., Lucien: "Le Merveilleux Spiritc", 7.¹¹ ed. Paris, Beauchesne, 1931, (1.^a ed., 1917) págs. 114-122. Tradução por Masini: "Lo spiritismo davant alia scienza e alia religionc", Milano, Vita e Pensiero, 1920.

Introduziram novas modificações no aparelho R e tomaram toda classe de precauções nas experiências. ¹²

Constatou-se que à aproximação da mão ocasionava indubitavelmente deslocamentos de diferentes graus na agulha, segundo as diversas pessoas, sempre no sentido de atração, exceto com o Dr. Branly, que a repelia. Esta singularidade foi atribuída ao estado igrométrico do ambiente, aos diferentes graus de calor das mãos etc. A mão do Dr. Branly “estava nesse momento, realmente gelada”. D Não obstante, o Dr. Baraduc (talvez mais dotado) consegue que a agulha “marque, por exemplo, 30 graus, quando outra pessoa consegue 10 graus, colocando a mão da mesma forma, à mesma distância, sem que as mãos oferecessem ao serem tocadas, qualquer sensação especial”. O Sr. Decormier, relativamente famoso como “leitor do pensamento” é submetido a experiências com o aparelho, e êsse dotado “obtem os resultados mais notáveis de toda a série”. ^{11 12 13 14}

Em conclusão: há muitos exageros e erros nas afirmações de Baraduc, como nas dos outros fluidistas, mas há também alguns fatos que não se encaixam nas explicações dos adversários do “fluido”. Mais uma vez, no fundo da questão, há algo que parece confirmar que certos dotados podem manifestar em maior grau, uma força, chamada “fluido vital”, entre outros nomes, diferente das forças conhecidas, embora análoga a elas (ou talvez, em parte, servindo-se de alguma delas...).

Estenômetro de Joire — Parecido com o biômetro de Baraduc, é o chamado “estenômetro” do Dr. Paul Joire, de Lille, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de França. ¹⁵

11. A agulha é circundada por um arco de estanho. Para não se lerem as indicações da agulha diretamente, isto é, para não se aproximar dela, colocou-se, sobre a parte superior da campânula de vidro, que protegia o aparelho, uma lupa horizontal focalizada em direção e um espelhinho em inclinação de 45 graus, com respeito à agulha registradora. Sobre o vidro protetor do aparelho, colocou-se um suporte independente do suporte do biômetro. Como suporte do biômetro empregou-se uma consola fixada a um muro sólido. Tudo isto para evitar vibrações que pudessem influenciar.

12. Para as precauções tomadas nas experiências, Cfr. “Bulletin de l'Institut Général Psychologique”, 1905, págs. 106-111 e 222-224.

13. Roure, S. J., Lucien: “Le Merveilleux...”, o. c., pág. 118.

14. Roure, S. J., Lucien: “Le Merveilleux...”, o. c., págs. 118 s.

15. “Meu aparelho se compõe de uma agulha, em cujo centro se encontra um pivô de aço, muito afiado. A ponta deste pivô repousa

Com êle, o Dr. Joire afirmou a demonstração de uma força ainda não descrita, emanando do corpo humano (de algumas pessoas), diferente de todas as forças físicas capazes de agir sobre o instrumento ... Atribuía esta força ao sistema nervoso, e chamou-a, provisoriamente, “força nervosa”.

O grau desta “força” depende muito do estado de saúde física, pelo que o Dr. Joire quis fazer do seu estenômetro um auxiliar da medicina. Por exemplo, o lado paralisado dos hemiplégicos, dava um desvio da agulha três ou quatro vezes maior do que o lado sã. Isso depende também da “disposição pessoal de quem se submete à experiência”. Uma pessoa obtém atração da agulha, o que é mais freqüente; outras, porém, repulsão.

“Tenho constatado que nenhuma força conhecida produz o desvio da agulha (ao menos com características e no grau em que o conseguem os dotados). Nem o ímã, nem a eletricidade, nem, a luz do sol, nem o calor dos corpos quentes... e pouco importa que a mão dos dotados esteja quente ou gelada; o desvio provém de uma força nervosa, emanando da pessoa em experiência, e que lhe é própria”.

sobre a extremidade plana de uma pequena coluna de vidro, colocada no centro do instrumento. Sob a agulha, um quadrante graduado. O conjunto está encerrado dentro de uma campânula de vidro hermética-Biento fechada. .. Tenho empregado agulha; de madeira, de papelão, de palha, de vidro, de diferentes metais... Para provar que não havia tremor do suporte do instrumento nem ação -cio peso do corpo sobre o assaolho, etc.. . ., suspendi o instrumento, por meio de cordas, de paredes afastadas da pessoa de experimentação.. . Como não há resistência, não se pode medir a intensidade da força. Para obter essa medição, que me permita comparar as diferentes forças, emprego um instrumento do mesmo gênero, no qual a agulha, em vez de estar colocada sobre um pivô, está suspensa por um cabelo.. . serve-me de medida para comparar as forças”. Carta do Dr. Joire, Paul ao Dr. Jules Bois, em “Le Matin”, 14 de setembro de 1901.

Mais alguns detalhes complementares: o pedestal é de qualquer matéria apropriada, em cuja superfície superior está o quadrante graduado em 360 graus. Um dos braços da agulha, muito mais curto do que o outro, está carregado de um contrapeso, suspenso por um fio rígido, para manter a agulha em posição horizontal. O pedestal está marcado, em todo o seu redor, com uma ranhura anular, cujo fundo está guarnecido de uma correia de pano para receber a borda do globo de vidro, a fim de pôr a agulha ao abrigo dos movimentos de ar”. Journet, Albert: “Résurrection”, em “Écho du Merveilleux”, 1905, págs. 379 &s.; Joire, Paul; “Les phénomènes psychiques supranormaux”, Paris, Vigot, 1909 (2.ª ed. 1912), págs. 371 s. e 539 s.

Por exemplo, “uma vela colocada diante da agulha do estenômetro não produz uma ação apreciável... O estenômetro é insensível ao calor de uma chapa de ferro incandescente...”¹⁶

Os adversários objetaram: “Mas, uma chapa de ferro ou uma chama de vela é sempre um calor seco. Precisaríamos saber se um calor úmido, e portanto mais análogo ao de um ser vivo, não teria uma ação maior sobre os instrumentos-”.

“A experiência confirma esta idéia: aproximando do estenômetro uma bôlsa cheia de água quente, a agulha foi atraída 20 graus”, n

Mas em defesa de Joire pode-se dizer que este também experimentou com calor úmido, obtendo resultados diferentes e muito inferiores aos obtidos com os dotados. A atração exercida pela bôlsa de água quente sobre a agulha não pode ser comparada em intensidade pela, obtida pela mão de certos dotados apesar de esta ser muito menos quente e muito menos úmida...

Outras objeções são muito gerais e nem precisam de resposta., como por exemplo: “O estenômetro difere do biômetro do Baradue apenas nos detalhes. Conserva todos os inconvenientes, todas as causas de erro. Quanto mais instável se mostrar a agulha., tanto mais sujeita se torna. a. todas as influências físicas que se produzem, na. sua vizinhança, a todas as perturbações atmosféricas, que são incessantes. Como pretender que um tal instrumento tenha descartado, com certeza, toda. a ação das forças físicas comuns?” Estas objeções gerais, repetimos, não precisam ser respondidas pois não têm em conta as precauções tomadas por Joire.¹⁸

Podemos talvez concluir, como sempre, dizendo que o estenômetro, sem deixar de captar outras forças físicas conhecidas,

16. Joire, Paul: “Étude d'un force exteriorisée par l'organisme vivant et observations faites au moyen du sthénomètre”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1904, págs. 240-253. Cfr. ibidem. 1906, pág. 752. “De l'emmagasinement de la force nerveuse extériorisée dans différents corps”, em “Écho du Merveilleux”, 1906, págs. 267 s.; além da bibliografia já citada na nota anterior.

17. Journet, Albert: “Résurrection”, em “Écho du Merveilleux”, 1905, pág. 379.

18. Vejam-se outros ataques feitos ao estenômetro e as respostas dadas pelo Dr. Joire em “Annales des Sciences Psychiques”, 1906, págs. 752 ss.

cidas, parece que revela também uma força especial que emitem, em certas circunstâncias, os dotados parapsicológicos. Tenhamos presente que o Dr. Joire trabalhou muito com dotados; aliás, a ele devemos trabalhos interessantes sobre transmissão do pensamento e vários outros temas parapsicológicos.^{16 17 18 19 *}

Gasc-Desfossés e Courtier — Um rico mecenas trabalhava no mesmo sentido.

O conde de Puyfontaine erigiu, com grandes despesas, um laboratório de magnetismo, onde instalou um galvanômetro estático, fabricado a seu pedido, por Ruhmkorff.²⁰ Lá experimentaram alguns especialistas sob a direção abalada do Dr. Gasc-Desfossés, desde 1874 até 1907, ano em que se publicou o segundo livro com a relação das experiências feitas e resultados obtidos.²¹

Gasc-Desfossés e Courtier trataram de tomar toda classe de precauções para evitar as causas de erro, como calor, estado igométrico, ação mecânica, eletricidade etc. causas de erro que os autores reconhecem lealmente serem muito difíceis de evitar.

Em experiências que Puyfontaine aceitou fazer diante do padre Rouro, especialista nestas matérias, e um dos mais cétricos, constatou que os diversos graus de pressão nos eletrodos eram de uma influência incontestável nos deslocamentos da agulha registradora, sem necessidade de apelar para fluidos de nenhuma classe: “Queriu obter um leve desvio? Pegava suavemente o eletrodo. Queriu um desvio forte? Apertava, comprimia, torturava o eletrodo. Quando a agulha tinha chegado ao grau pedido, soltava o fio... Eu mesmo

19. Joire, Paul: “Les phénomènes..”, o. c.; “Traité de l'hypnotisme expérimental et thérapeutique”, Paris, Vigot, 1908.

20. Trata-se de um galvanômetro comum, exceto na longitude e qualidade do filamento. Em vez de um fio de cobre de 300 a 500 metros, que costumam ter os galvanômetros comuns, Puyfontaine fez com que Ruhmkorff colocasse um fio de prata de 30 quilômetros. Logo depois, fez construir outro galvanômetro com fio de prata de 80 quilômetros. A natureza do metal e a sua longitude dariam maior sensibilidade ao galvanômetro. Os eletrodos ou alças de 3 a 4 centímetros de diâmetro, nas quais termina o fio de prata, foram de diferentes materiais intercambiáveis: cilindro ôco de cobre prateado, cilindro maciço de ferro, de cobre, de latão, lâminas de carvão de pedra ou carvão de retorta.

21. Gasc-Desfossés, E.: “Magnétisme vital. Contributions expérimentales à l'étude par le galvanomètre de l'électromagnétisme vital”, Paris, Rudenat, 1907. “Le magnétisme vital. Expériences récentes d'enregistrement, suivies d'inductions scientifiques et philosophiques”. Paris, Société d'Éditions Scientifiques, 1897.

(padre Rouire) sozinho, com o aparelho, obteve resultados análogos aos do Sr. Puyfontaine. Creio que, com algum treino, teria também eu alcançado a sua precisão. Fiz a contra-prova: vontade forte e pressão leve, vontade leve e pressão forte, vontade de corrente positiva e pressão no elétrodo de sentido negativo; sempre a agulha obedeceu à pressão, sem ter em conta o comando da vontade".²²

Não há dúvida que a natureza das substâncias empregadas na construção dos elétrodos não impedem uma ação física ou química da mão sobre essas mesmas substâncias, ação que se pode traduzir na produção de uma energia elétrica capaz de influenciar o sensível galvanômetro. Mas, a objeção de Roure e de outros, sem deixar de ser válida em grande parte, deixa sem resposta vários pormenores:

Os experimentadores, Drs. Courtier e Gasc-Desfossés eram técnicos; quiseram, expressamente, enfrentar essas objeções que Roure formula e outras semelhantes. Experimentaram sistematicamente durante várias dezenas de anos com toda classe de provas e contra-provas...

E' muito significativo que somente duas pessoas (Puyfontaine era uma delas) entre várias dezenas submetidas a experimentação, foram capazes de conseguir voluntariamente os característicos desvios da agulha. As conseguidas por Roure são somente análogas para não dizer muito diferentes. Desvios como os de Roure, também outros os conseguiram. Ninguém negou que o aparelho revelava também outras forças.

E parece talvez incorreto apelar para a falta de treino que o Pe. Roure tinha, pois vários outros investigadores tiveram tempo folgado para treinar; por exemplo, o mesmo Gasc-Desfossés que desejava ardentemente obter os mesmos resultados. Os dois dotados obtiveram êxito desde o primeiro dia, embora (e isto é mais um dado a favor) nem sempre com absoluta regularidade. Se as causas que produzem a corrente fossem causas comuns, estariam à disposição de todo o mundo. Compreende-se, argumentam os experimentadores, que "o fluido vital"²³ não se manifeste a não ser em pessoas privilegiadas e treinadas suficientemente (hoje diríamos "dotados e desenvolvidos").²²

22. Roure, S. I., Lucien: "Le merveilleux...", o. c., págs. 129 s.

Citemos como predecessores de Puyfontaine os Drs. Lucas, e Audollent.

O Dr. Luis Lucas parece ter sido o primeiro (estudou desde 1834 até 1860) a construir um biômetro modificando um galvanômetro, que ele chamava de "balança da vida", para revelar e medir o "fluido vital radiante", dependendo da vontade e mais notável nos dotados;²³ o Dr. Audollent empregara também um biômetro-galvanômetro com grande enrolamento de fio.²⁴

Zoomagnetômetro — O célebre "magnetizador" La Fontaine, entre muitos outros que se poderiam citar, confirma:

"Toma-se uma agulha de cobre, de platina, de ouro ou de prata; depois de atravessá-la pelo meio com um fio de seda não trançado, suspende-se esta agulha dentro de um vaso de vidro de 20 a 30 centímetros de altura, hermeticamente fechado. Se, através do vidro, a uma distância de 5 a 10 centímetros, apresentamos a uma das extremidades da agulha as pontas dos dedos, poderemos agir sobre ela se fizermos um pequeno esforço de vontade. Sob a influência magnética, se verá a agulha girar à direita ou à esquerda, segundo a vontade do experimentador".

Mais adiante, acrescenta: "Querendo provar de uma maneira peremptória... a existência do fluido, tenho feito, desde 1840, experiências sobre a agulha de um galvanômetro e constatei a ação do fluido magnético animal".²⁵

La Fontaine chamou o seu aparelho, zoomagnetômetro.

Notemos que os resultados obtidos por La Fontaine voluntariamente, não são conseguidos por todos; excluímos, portanto, a ação independente da vontade, devida ao calor ou causas semelhantes, comuns a todos.

Mais três aparelhos — Devemos também citar o chamado "zoomagnetoscópio" de Wall, de Estrasburgo;²⁶ assim

23. Lucas, Louis: "La médecine nouvelle basée sur les principes de physique et de chimie transcendentes", Paris, 1862.

24. Cfr. "Échos du Merveilleux", 1904, pág. 119.

25. La Fontaine: "L'art de magnétiser ou le magnétisme animal considéré sous le point de vue théorique, pratique et thérapeutique", 5.ª ed., Paris, Baillière, 1886 (1.ª ed. 1847), págs. 35 ss.

26. Anônimo: "Manuale de Magnetisme Animale", Milano, 1860, pág. 287.

como o “motor a fluido” de Tromelin e a “ventoinha” de Geofriault, famosos por dar ocasião a estudos conscienciosos pró e contra.^{27 28 29 * 31}

Seus inventores pretendiam provar que somente os seres vivos eram capazes de agir sobre seus aparelhos.²⁸ Mas um pano exposto ao sol realizaria os mesmos efeitos. Enfim, Archat e Warcollier, independentemente um do outro, demonstraram que o calor é suficiente para movimentar o aparelho.²⁹

Como sempre, porém, talvez também nestes casos se possa perguntar se o calor ou causas semelhantes explicariam alguns casos excepcionais e típicos...

De fato, rocentemente, com um aparelho fundamentalmente idêntico, a “ventoinha de papel” (“Mulinello di carta”), o Dr. Aleardo Ccrioli de Donato (Brescia) afirma ter demonstrado que o “fluido” existe e que *depende da ação da vontade*, pois é capaz de fazer girar a ventoinha para a direita ou para a esquerda, segundo a escolha. Todos os homens manifestam em quantidade mínima essa faculdade. Mas os dotados a manifestariam melhor.³⁰

Os «Aios “N” — Após árduos trabalhos, em 1903, o professor Blondot, de Naney, comunicava à Academia de Ciências que tinha demonstrado a existência de radiações especiais que chamou “raios N”, emitidas pelos metais em certo estado de equilíbrio molecular, pelos vegetais, pelas reações químicas... O que mais nos interessa é que, aprofundando esses estudos, o Dr. Charpentier chegou à conclusão de que é preciso mente a atividade muscular e nervosa do homem que fornecerá a maior fonte desses “raios N”. <

27. Os apure! hos de Tronielin o de (leoffriault, como também o do W;iil, são muito parecidos: oquip:umento ligeiro ou palhetas, móveis sobre um eixo vertical; aproximando-sc-lhe a. mão ou o corpo, giram num sentido ou noutro alguns graus ou adquirem uma rotação contínua.

28. Cfr., a relação das experiências em “Annales des Sciences Psychiques”, 1901, págs. 311 ss.

29. Cfr., a relação destas críticas e experiências em “Annales des Sciences Psychiques”, 1908, págs. 198 ss.

30. Cfr., um resumo das experiências em “Metapsdeliiea”. abril-setembro, 1917, págs. 113 ss.; assim como outro resumo feito por Sghepis, S.: “I poteri magici c Tuomo nomnilc”, em “Ulisse”, outubro, 1948, págs. 50 s.

31. O principal meio de demonstração seria a ação desses raios sobre os corpos fosforescentes. Os “raios N” aumentariam a luminosidade de um painel do súllur de cálcio insolado.

As experiências de Blondot foram repetidas em muitos laboratórios. Em geral, fracassaram. Mas com algumas pessoas se obteve êxito. Essa diferença nos parece muito significativa.

Os raios “N”, porém, por não se manifestarem em todos e sempre, caíram aprioristicamente no descrédito.^{32 *}

Um engenheiro experimenta — Poderíamos acrescentar aos investigadores com fluidômetros duvidosos, o engenheiro de Zürich, Dr. E. K. Müller.

Estudando a resistência elétrica do corpo humano, a fim de evitar, quanto possível, os acidentes na eletrotécnica industrial, Müller descobriu uma emanção humana especial, a que o Dr. Farny deu o nome (já empregado antes, como vimos) de “antropoflux”. Quando uma pessoa se aproxima dos aparelhos medidores 33 constata-se a passagem de corrente, ioniza-se o ar, aumenta a condutibilidade elétrica dos isolantes etc. O “antropoflux” é emitido mormente pelas pontas dos dedos. E’ emitido também com o hálito.

Parece que as experiências de Müller foram conduzidas de modo a evitar todas as interferências das causas físicas comuns. Se o “antropoflux” fosse idêntico em todos, pouco ou nada interessaria do ponto de vista da Parapsicologia. Mas os resultados de Müller variavam notavelmente com as diversas pessoas submetidas a essas experiências: uns não obtinham êxito, outros só algumas vezes, outros regularmente. Variava também a rapidez em alcançar resultado, a condutibi-

32. Vejam-se numerosos artigos pró e contra em “Comptes rendus de l’Academie des Sciences”, 1901.

33. Müller serviu-se de um pequeno condensador consistente de duas lâminas de prata de 5 x 30 milímetros e separadas por um espaço de ar de 2 a 3 décimos de milímetro. As lâminas estão intercaladas no circuito de uma bateria de 10 volts, onde está incluído um eletrômetro muito sensível. O eletrômetro carrega-se sozinho muito lentamente, dada a sua extrema sensibilidade e quase nula capacidade e também porque as duas colunas que servem de suporte ao aparelho são perfeitamente isolantes. Quando se aproximam as pontas dos dedos, porém, o condensador se carrega bruscamente. Experimentou também a corrente alternada de uma bobina de Ruhm-Korff, inclusive intercalando uma delgada lâmina de mica entre o condensador e o dedo da pessoa de experimentação. Pode-se conseguir que o “antropoflux” circule num tubo de ebonita.

lidade diminuía consideravelmente nas pessoas doentes e nas pessoas hipnotizadas. Dependia do estado do sistema nervoso, e muito especialmente da emotividade etc.³⁴

Conclusão — Dos aparelhos “duvidosos” parece que podemos concluir, por conseguinte, que algo há no fundo de toda esta questão dos fluidos: que esse algo se manifesta mais ou menos segundo seja mais ou menos dotada a pessoa experimentada, e que esse algo parece dever-se considerar na mesma linha das forças bem maiores que manifestam os grandes dotados parapsicológicos.

Esse algo especial é o que nos interessa. Que todos os homens tenham tipos de irradiações de magnetismo físico comum, eletricidade, calor, umidade etc. hoje é inegável. Mas o que nos interessa, do ponto de vista da Parapsicologia, é esse “fluido” especial mais notável nos dotados, seja ele diferente dessas emanções comuns, seja constituído por transformações e aumento dessas emanções comuns, e dirigidas pelo psiquismo; não estudaremos agora a natureza do “fluido” mas sua existência.

Nos aparelhos “duvidosos” houve exaustão de ambas as partes. De fato, não demonstravam tanto como os seus autores sustentavam. Mas no fundo dessas experiências, tudo indica que há algo verdadeiro.

PARTE II: A CIÊNCIA DEMONSTRA A IRRADIAÇÃO HUMANA

Existem aparelhos que devemos considerar eficientes para demonstrar a existência do “fluido”, sem querermos analisar a sua natureza. A principal prova que fornecem estes fluidômetros eficientes é patentearem que o “fluido” depende da vontade do dotado.

Processo inverso — Estas experiências não podem ser confundidas com as análogas, mas inferiores, do método psio-galvanométrico da Psicologia Experimental:

34. Cfr. resumos destas experiências em “Ricerca Psychica”, vol. XXXIII, 1933, maio, págs. 303 ss., e em “Risanamento Medico”, de 15 de dezembro de 1933.

A partir de 1907, em Psicologia Experimental, usa-se a psicogalvanometria segundo os princípios do doutor Veraguth,³⁵ para constatar certos fenômenos inconscientes.³⁶ A pessoa submetida à experimentação, pega com as mãos os eletrodos do psio-galvanômetro. Provocam-se então diversos fenômenos de percepção ou ideação na pessoa experimentada. Observam-se desvios na agulha bastante diferentes, segundo os diversos indivíduos. O esforço mental, ou a atenção perceptora não seriam suficientes para provocar nenhum desvio da agulha.

O desvio da agulha se deve exclusivamente, segundo defende o Dr. Abramowski, aos processos emocionais conscientes ou inconscientes, inclusive paranormais, como a telepatia, que diminuem a resistência elétrica do organismo.^{35 36 37 ****}

Mas, neste caso, trata-se da diversa resistência ou condutibilidade que o organismo oferece à eletricidade proveniente de uma pilha que existe no psio-galvanômetro. E o que nos interessa é, justamente, o processo contrário: medir o “fluido” que emana do organismo. O psio-galvanômetro, porém, tem um aspecto interessante: os dotados, quanto mais dotados, regularmente ou em determinados momentos do seu transe parapsicológico, são melhores condutores. Se existir o “fluido” interno do organismo humano, os dotados, no transe, poderiam exteriorizá-lo melhor dada a sua maior condutibilidade.

Esta exteriorização “fluidica” dos dotados aparece clara nas experiências e aparelhos seguintes, que, por sua vez, confirmam as experiências e observações com os aparelhos antes descritos. Sendo estes aparelhos de agora de por si claramente mais convincentes, não precisaremos determo-nos muito em sua análise.

35. Veraguth, O.: “Des psychogalvanische Reflexphänomen”, Berlin, 1907.

36. No circuito de um galvanômetro intercala-se um acumulador de pilha de forma que há uma desviação permanente da agulha, correspondendo este desvio permanente ao zero da graduação.

37. Abramowski: “Le subconscient normal”, Paris, Alcan, 1918. Posteriormente, no Congresso Internacional de Psicologia, celebrado em Paris, em 1920, o doutor Waller demonstraria incontestavelmente que de fato as emoções se traduzem numa imediata troca de condutibilidade elétrica nos tecidos da mão.

A médium Tomczyk — Com um galvanômetro comum (sem electricidade própria), o Dr. Ochorowicz constatou que a famosíssima dotada, senhorita Stanisława Tomczyk, desviava a agulha com regularidade de 20 a 50 graus. O sentido da corrente *dependia da vontade dela*: Ochorowicz trocava as conexões com um comutador invisível, e o desvio da agulha continuava no mesmo sentido, porque a dotada ignorava a mudança. Reciprocamente dizia-se à Srta. Tomczyk que se trocariam as conexões, mas não se trocavam; ela fazia desviar a agulha em sentido contrário. Nenhum tipo de electricidade ou outra força física comum obedeceria assim, não só na intensidade, mas também no sentido da corrente. Trata-se, portanto, de um “fluido” especial; ou ao menos o psiquismo, e isso nos basta, pode governar os fluidos comuns. 3«

Com o RÊNDULO do hadiestesista — O Sr. I. De Briche, estudioso do “magnetismo”, inventou um aparelho para manter fixo o ponto de suspensão de um pêndulo de radiestesista. 3v O Sr. Briche concluiu, após muitas experiências, que os movimentos do pêndulo eram obtidos de acôrdo com a vontade dos dotados e não por qualquer impulso manual ou fôrças físicas comuns. 40

Magnetoscópio — O Sr. Rutter inventou outro aparelho, que chamou magnetoscópio.⁴¹

58. Ochorowicz, JuJicn: “Les Rayons Rigides et les Rayons Xx”, em “Annales des Sciences Psychiques”, 1910, pág.s. 4 ss.

59. Sobre uma mesa sólida, a fim de dar estabilidade ao conjunto e servir de apoio á mão tio operador, colocou um pequeno banco ou escabelo de carvalho, fixava, no meio da parte horizontal do banquinho, a extremidade dum fio de sêda, cânhamo, linho, algodão ou lã e, no outro extremo, pendia um anel, uma bolinha ou um pòzinho metálico de ouro, prata, cobre ou chumbo.

40. Briche, J. de: “Be pendule ou indication et examen d’un phénomène physiologique dépendant de la volonté”, 1838.

41. O suporte do aparelho era de acaju, bem sêco e envernizado. Sobre o suporte havia um disco ou plataforma que no seu centro tinha uma saliência, introduzida no suporte e segura com um parafuso. O disco sustentava uma campânula de vidro para proteger o interior das correntes atmosféricas, respiração dos assistentes, etc. Fora da campânula havia uma coluna (de acaju, como o disco e o suporte). No centro da coluna, saía, em forma de meio-arco, uma haste de cobre que atravessava uma bola do mesmo metal e ia adelgaçando-se até terminar numa extremidade em forma de pinça que se fechava ou abria por meio de um anel corrediço. Das pontas da pinça e já dentro da campânula, pendia de um fio de sêda extremamente fino, um pião de lacre. Este pêndulo especial assinalava o diagrama da rosa dos ventos, desenhada sobre o disco. O aparelho colocava-se sobre uma mesa bem horizontal, numa sala onde não houvesse vibrações do assoalho.

A pessoa da experiência tocava com o anular e o indicador a bola de cobre, e olhava o pêndulo. Rutter comprovou que, desta maneira, as “irradiações magnéticas” do homem, ou melhor, de algumas pessoas, podiam dirigir à vontade, os movimentos do pêndulo com maior ou menor perfeição.⁴²

As críticas foram as tradicionais, dando origem a demonstrada polémica, com os exageros clássicos de ambas as partes.⁴³

O aparelho de Léger — A conclusão geral de Rutter a respeito da existência do “fluido”, foi confirmada abundantemente pelo Dr. Léger, com um novo aparelho, que tinha em conta todas as críticas.⁴⁴

O aparelho tinha três pêndulos, um dos quais recebia o influxo do operador diretamente; outro, indiretamente, chamado repetidor; e o terceiro pêndulo, chamado testemunha, seria vítima de qualquer influxo mecânico como os outros dois, mas permaneceria imóvel se o influxo fôsse só o “fluido humano”, pois a haste que o sustentava era de matéria que, em experiências independentes, fôra considerada isolante, não condutora do “fluido”.

Em numerosas e variadíssimas experiências com este aparelho, o Dr. Léger confirmou que a vontade do homem (ou de alguns homens) pode influenciar os objetos. Algumas pessoas, pela vontade firme e continuada, e sem auxílio de força alguma mecânica, movimentavam o pêndulo na direção exigida.

Como só os dotados, e nem sempre, obtinham resultado, como os fluidistas, no clássico exagero, queriam atribuir a todo o mundo os mesmos resultados, muitos estudiosos duvidaram da autenticidade do fenómeno. A demonstração por este meio, fêz pouco progresso, apesar de que as objeções

42. Rutter, J. O. N.: “Rocherehes sur les courants et les propriétés magnétiques des corps”, Brighton, Publicação do Instituto Literário e Científico, 1851.

43. Cfr. “Hocceptic Times”, jornal científico da época, passim.

44. Uma armadura de cobre terminava numa mola do mesmo metal. Dela partiam, em direções opostas, duas hastes. A bola e os extremos livres de cada uma das hastes sustentavam, dentro de uma campânula de vidro, três pêndulos: piões de lacre pendendo de fios de sêda. Os três pêndulos eram idênticos, não assim os suportes dos mesmos: a bola e uma das hastes eram de cobre; a outra haste era de osso, marfim ou barbatana.

não tinham valor, se temos em conta a distinção entre dotados e não-dotados, e se prescindimos também de outros efeitos e teorias que, como em toda a questão dos "fluidos", também aqui se imiscuíram.

Confirmações — Com o mesmo aparelho, outros experimentadores conscientes obtiveram posteriormente e inúmeras vezes, resultados concordantes, como por exemplo, o Dr. Durand De Gros, que designou o fluido com o nome de "eletrodinamismo".*⁴⁵

Deve-se também destacar o Sr. Buc⁴⁶, que estudou a questão do "fluido" com método e perseverança excepcionais. Primeiramente experimentara com outros tipos de aparelhos/⁴⁵ Mas, alguns membros da Academia de Ciências de Paris, quando as experiências foram apresentadas pelo Dr. Crevicul, reataram a clássica objeção dos movimentos involuntários.

Pivra enfrentar a objeção, o Dr. Bu⁴⁵ reconstruiu o aparelho do Dr. Léger, servindo-se de documentos conservados na Biblioteca Real de Londres. Confirmou as experiências dos predecessores e imaginou outras novas, obtendo também resultado positivo. E ainda comparou o seu resultado com outros obtidos também com bons dotados, pelos Srs. Déele e Chazarain em experiências independentes, e por outros métodos e aparelhos: os resultados, referindo-nos só à questão concreta do "fluido", eram concordantes, sendo que as experiências se faziam quando ainda se ignoraram os resultados obtidos pelos outros experimentadores.*¹⁷

O bioscópio — Em 1006, o Dr. Pettinelli, do Instituto Técnico de Savona, defendia a existência de uma força originada no organismo humano e capaz de agir sobre seu aparelho, chamado "bioscópio", à distância de 6 ou 7 metros. A força era maior na escuridão. Alguns do-

45. Durand De Gros, Philips: "Electrodynamisme vital, ou les relations physiologiques de Tesprit et de la matière démontrées par des expériences entièrement nouvelles et par rhistoire raisonnée du système nerveux", Paris, Bailliére, 1855.

46. Bué, A.: "Magnetisme Curatif", Paris, 1887.

47. Estas últimas pesquisas do Sr. René Bué não foram publicadas pelo autor, mas fez um resumo delas Rochas d'Aiglun, Eugène Auguste-Albert de: "Recueil de documents relatifs à la lévitation du corps humain", Paris, Chamuel, 1885 e Leymaric, 1897. Nós usamos a tradução: "A levitação", 2.^a ed., Rio de Janeiro, F. E. B., s. d. (1953), págs. 184-193.

tados, inclusive, só obtinham êxito, na escuridão.*¹⁸ Este fato concorda com uma exigência freqüente dos dotados, para a manifestação da telergia.

O cilindro de Fayol — Em 1913, no II Congresso de Psicologia Experimental, celebrado em Paris, o Sr. Fayol apresentou as conclusões das suas experiências, realizadas com um novo aparelho: 45 46 47 * 49 ***

O aparelho "põe em evidência... a exteriorização de uma certa força emanante do corpo humano, diferente do calor e da eletricidade".

As experiências parecem incontestáveis se, como sempre, prescindimos de outros aspectos acrescentados ao tema específico da existência do "fluido".

A mais forte objeção seria a de que a vontade não tem influência no sentido nem na intensidade da rotação, sendo que sua influência é típica na manifestação do "fluido". Mas é que essa dependência da vontade não é susceptível de registro com o aparelho de Fayol. Pela peculiar construção do aparelho, logicamente o sentido da rotação será para a esquerda se o dotado apresenta a mão direita, e para a direita quando se apresenta a mão esquerda; e a intensidade do movimento é imensurável por não oferecer o cilindro giratório, ao influxo motor, resistência quase nenhuma constante.

Um recipiente de ferro, encerrado, cheio de água quente, um grande ímã, barras imantadas, solenóides submetidos a corrente elétrica poderosa, não manifestaram efeito nenhum sobre o cilindro giratório. O "magnetismo" humano é uma força diferente das outras forças físicas.⁵⁰

48. Morselli, Enrico: "Psicologia e Spiritismo. Impressioni e note critiche sui fenomeni medianici de Eusapia Palladino", 2 tomos, Torino, Bocca, 1908, vol. II, págs. 365 ss.

49. Um cilindro está suspenso, perpendicularmente suspenso por um pivô, cujas duas extremidades podem girar facilmente em suporte de safira. Uma pequena armação completa o aparelho.

50. Mangin, Marcei: "Compte rendu du II Congrès de Psychologie Expérimentale", Paris, Durville, 1914, págs. 16-18 e 139-150.

As outras críticas apresentadas, se bem analisadas são mais uma confirmação do que uma negação do "fluido". Assim, por exemplo, um dos mais decididos adversários do "fluido", o padre Roure, escrevia: "Vê-se que nem toda gente consegue pôr em movimento o cilindro e até bem poucas pessoas o conseguem; vê-se que nas experiências apresentadas só o Sr. Fayol parece alcançar resultado um pouco constante; afirma-se com segurança o movimento, mas emprega-se menos clareza (na análise) das particularidades do movimento".⁵¹ Como se vê, a crítica na realidade confirma a existência do "fluido", pois só os dotados conseguem êxito, ao menos apreciável, e nem sempre. Tratando-se de uma força física comum, idêntica às pessoas, em igualdade de circunstâncias, obteriam êxito. Concedemos, porém, razão ao padre Roure no fato de serem imprecisas e discutíveis outras afirmações laterais de Fayol, como a polarização do fluido etc.

Emanações "F" — As experiências de Fayol foram aperfeiçoadas em 11)23, pelo conhecido vulcanólogo americano, Dr. Ferrei:^w

Demonstrou mais uma vez que a causa do movimento do cilindro não era o calor da mão, pelo simples fato de que, interpondo um papelão entre a mão e o cilindro, o movimento continuava exatamente igual. Não citamos outros argumentos mais complicados. Outras forças físicas diferentes do "fluido" humano foram excluídas com contraprovas conscienciosas: não influíram lâmpadas acesas, lâminas quentes de metal etc.

Perret chamou a força por ele demonstrada "força vital efluente", mas os amigos a chamaram emanções "P", ou seja, emanções "Perret".

Com um dispositivo especial, Perret obteve numerosos diagramas das variações desta "força efluente", de acordo com as condições físicas e psíquicas da pessoa.

51. Roure, S. J., Lucien: "Le merveilleux. . .", o. c., págs. 131 s.

52. O aparelho Perret fundamentalmente é o mesmo de Fayol: um cilindro giratório. Mas Perret acrescentou bastantes detalhes especialmente um aparelho para fotodiagramas dos resultados.

Nisto podemos descobrir mais uma vez que a manifestação do fenômeno guarda proporção com as qualidades, que podemos chamar parapsicológicas, das pessoas normais ou mais ou menos dotadas.⁵³

Grunewald apresentou ao Congresso Internacional de Copenhague os resultados das suas experiências:^{54 55 ****}

Dentre 100 voluntários, só um era dotado. Só o dotado provocava, com certa regularidade, um campo magnético passageiro bastante notável, aproximando a mão de um galvanômetro.⁵⁵ O campo era aumentado ou diminuído sob a influência da vontade. Quando, ao mesmo tempo, o dotado realizava telecinesias, a "força magnética", era desviada para este trabalho, registrando-se uma ação mínima sobre o galvanômetro.

Este último fato indica, como deduzira o mesmo Grunewald, que o "fluido magnético" e a força parapsicológica de efeitos físicos (telecinesia) eram uma mesma coisa, e possivelmente também uma mesma coisa com respeito à energia fisiológica. O "fluido magnético" não se manifesta somente pela ação da mão, mas pela de todo o corpo.

O mesmo Dr. Grunewald apresentou no Congresso de Varsóvia "ações telecineéticas exercidas sobre uma balança, fechada numa caixa de vidro". Mais do que medição do "fluido", tratava-se de determinar a sua existência pelo efeito conseguido.

O dotado sentava-se diante da balança, protegida dentro do vidro, em plena luz, e perante numerosas testemunhas. Concentrava-se, olhando para a balança a oscilar. A oscilação ia aumentando até determinada amplitude (variável nas diversas sessões) e permanecia oscilando até quando o dotado queria. Todos viam clarissimamente as oscilações. Não obstante, eram registradas eletricamente.

53. Citamos da tradução italiana de um resumo das experiências feito pelo autor, Perret, Frank: "Sn di una emanazione o forza vitale e fonte fin oggi non dimostrata", em "Bollcttino della Società di Studi Naturali", de Nápoles, vol. XXXV, 1923, págs. 256-262.

54. "Compte rendu du Congrès de Copenhague...", págs. 287 ss.

55. Trata-se de um galvanômetro com espelho que dá um desvio de 1 mm., sobre a escala para um campo 14/10 milésimos de gauss. O dotado conseguia, em média, um campo de 5/100 gauss. Numa ocasião obteve um campo de 2/10 gauss. Conseguiu inclusive, um espectro magnético da mão em limalhas de ferro, que mostra linhas de força saindo de 14 pólos diferentes.

te por meio de um contato feito com o mercúrio que servia de amortecedor e por meio de um galvanômetro de espelho. A mesa, sobre a qual repousava a balança, recebia também pequenas oscilações que foram registradas separadamente. As oscilações da mesa eram independentes das oscilações da balançaX»

Experiência contemporânea — Recentemente o Dr. J. Wust, médico e físico, comprovou experimentalmente a existência do “fluido” humano.

O dotado era o senhor J. Wimmer, rdbomante famoso, com quem o doutor Wust, em longas séries de experiências, demonstrou que o homem emite radiações típicas. (Certas substâncias eram mais opacas a tais radiações, como o celulóide, papelão, mata-borrão, mica, cautchout endurecido). As experiências demoradas e muito bem arquitetadas chegaram inclusive a medir a longitude do onda das radiações do dotado Sr. Wimmer, entre 1 e 70 cms.

Com seu aparelho especial 57 Wust fez toda a classe de experiências comparativas, excluindo-se no caso a explicação por calor, eletricidade, vibrações comuns...

As radiações foram denominadas “raios W” em honra a seu descobridor (?!), embora o próprio Sr. Wust os chamasse “raios magnetóides” pela sua analogia com as radiações eletromagnéticas.TM

Estas experiências foram confirmadas ulteriormente pelo Dr. Wendler. E o conhecido parapsicólogo alemão Dr. Tischner, após experimentar com o aparelho de Wust, confessa ter ficado convencido da existência das “radiações W”.⁵⁶

Só os dotados — Como já sugerimos antes, são justamente os dotados que manifestam o “fluido” em grau notável

56. “Compte rendu du Congres de Varsóvia...”, pags. 267 sft.

57. O aparelho de Wust, aparelho que foi chamado “contador de pontas”, é essencialmente um detonador de descargas silenciosas. Um dos “eletrodos” é uma ponta fina; o outro “eletrodo” está em comunicação com terra. As descargas do “fluido humano” podem ser estudadas graças a um amplificador de extrema sensibilidade tanto na intensidade como na qualidade.

58. Wust, J. e Wimmer, J. em “Roux*Archiv für Entoxic-Kelungsmechanik”, 1931, vol. 131.

59. Tischner, Rudolf: “Eiführung in den Okkultismus und Spiritismus”, Munique, Bergmann, 1923, (1.^a ed., 1921). Tradução por Lammorlette: “Introduction à la Parapsychologie. Bilan actuel des Sciences occultes”, Paris, Payot, 1951. Nós usamos a tradução por Cortada, Nuria: “Introducción al estudio de la Parapsicología. Balance actual de las Ciencias Ocultas”, Buenos Aires, Oberón. s. d., (1957), pág. 155.

e dependente da vontade, seja o fluido de energia comum, ou seja um tipo de energia especial.

Tal diferença entre dotados e não dotados, foi muitas vezes comprovada.

Assim, em 1905, os investigadores do Instituto Psicológico de Paris pediram à famosa dotada Eusápia Palladino que aproximasse os dedos de um aparelho medidor de eletricidade; ⁶⁰ ninguém conseguira influenciar o aparelho. Eusápia, porém, consegue uma influência rápida e muito notável. O mesmo duplo fato (não influência dos não-dotados e notável influência de Eusápia) constatou-se no ano seguinte, 1906, em experiências dirigidas pelo Dr. Branly. ⁶¹

No ano seguinte, 1907, com outro aparelho semelhante, ^{62 63 64} o Dr. Youricvitch confirma os resultados com a mesma dotada. ^M E ainda no outro ano, 1908, nova confirmação. ^{<A}

Para realizar o fenômeno, Eusápia declarava que fazia um esforço de vontade e que sentia um formigueiro nas pontas dos dedos.

A mesma Eusápia, em estado normal, não exercia influência alguma, sobre o eletroscópio. Precisa entrar em transe mais ou menos profundo.

Influência em outros corpos — O Dr. Emílio Boirac, reitor da Universidade de Grenoble, fez durante muitos anos, experiências sistemáticas que, de outro ponto de vista, demonstram o “fluido magnético”.

Uma pessoa (n. 1), não escolhida e que pode ser trocada à vontade (embora sejam melhores os sensitivos e em hipnose) é avisada que deverá anunciar, sem que se lhe pergunte, todas as sensações que virá a sentir durante a experiência. Venda-se-lhe hermeticamente os olhos. Em silêncio, um dotado, pessoa escolhida (n. 2), apresenta a mão estendida a uns cinco, ou mesmo dez centímetros de distância. Uma terceira pessoa, também em silêncio, percute o corpo da

60. Trata-se ele um eletroscópio comum Curie, de folha de platina.

61. Desta vez, experimentou-se com um eletroscópio comum Geitel, de cilindro.

62. Estas experiências se fizeram com eletroscópio comum Branly de folhas de ouro.

63. Courtier, J.: “Rapport sur les séances d'Eusapia Palladino à l'Institut Général Psychologique”, Paris, 1909.

64. “Annales des Sciences Psychiques”, 1908, pags. 196 ss.

primeira pessoa em numerosos pontos, incluindo o lugar visado pela mão do dotado. Pois bem, a pessoa n. 1 será capaz de determinar todos os pontos em que foi tocada, menos o ponto visado pela mão do dotado. Só os dotados conseguem “anestesiá-lo” um ponto determinado do organismo de outra pessoa.

Destas experiências realizadas com notável método e constância, Boirac deduziu que as pontas dos dedos da mão de alguns dotados, irradiam uma influência capaz de agir a alguma distância. Nem todas as pessoas, repetimos, mas só os dotados emitem esse “fluido”, ao menos com força suficiente para produzir um efeito observável.

Caberia a possibilidade de que esse eleito se devesse a uma influência sugestiva. Boirac estudou particularmente esse ponto, e concluiu que a sugestão não tinha participação nos resultados. fô

Contra o resultado dessas experiências, fizeram-se algumas objeções que não parecem justificadas, dado que tinham sido expressamente rejeitadas por Boirac com contraprovas experimentais. Nem sugestão, nem hiperestesia auditiva dos movimentos realizados pelos experimentadores, nem hiperestesia visual (os olhos, aliás, estavam vendados), nem visão paraóptica, nem hiperestesia indireta do pensamento, nem telepatia etc: unicamente percepção tátil, por parte de qualquer pessoa, do “fluido” que só emitiam os dotados.

Mas evidentemente, esta defesa que fazemos de Boirac, refere-se unicamente ao tema de que tratamos: o influxo geral do “fluido” ou a sua existência demonstrada pela ação sobre o organismo de outras pessoas. Não julgamos aqui outras conclusões que Boirac pretendia tirar dos seus trabalhos, como a polarização do corpo humano, a ação dos medicamentos à distância etc.

Casos semelhantes — As experiências de Boirac confirmam assim as mesmas experiências, ou muito parecidas, cm- **

65. Boirac, Émile: “Compte rendu du X Congrès du Psychologic Expérimentale”, Paris, 1913, págs. 115 ss.; “Écho du Merveilleux”, 15 de fevereiro de 1914; “La Psychologic inconnue, Introduction et contribution à l'étude expérimentale des Sciences psychiques”, 3.^a ed., Paris, Alcan, 1920, Passim; “L'avenir des Sciences psychiques”, Paris, Alcan, 1917, passim.

bora menos sistemáticas, que já antes tinham sido realizadas com idênticos resultados por Laurent de Jussieu e posteriormente por Gurney.

As pessoas experimentadas pelo Dr. Laurent De Jussieu sentiam como que um vento ligeiro, às vezes quente, às vezes frio, que formava uma espécie de traço quando um dotado aproximava o dedo. O Dr. Gurney, um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, verificou depois os mesmos fatos.

Mais recentemente, o professor sueco Alrutz relata experiências semelhantes.

As pessoas submetidas à experimentação tinham os olhos (toda a cabeça) vendados, e as orelhas cobertas de cêra. As experiências parecem muito boas no que se refere aos efeitos anestésicos, ou melhor, à existência do “fluido magnético” emitido pelos dedos dos dotados. Prescindimos, também aqui, de outros temas, como os diversos efeitos dos passes, ou direção dos mesmos, polarização *etct**

O fluido fotografado — Outro método para comprovar a existência do fluido, é a chapa ou papel fotográfico. Este que, evidentemente, não se deixa sugerir, substitui as pessoas para captar o “fluido” dos dotados.

Muitos foram os investigadores por este “método fotográfico”: Chaigneau, Colomfès, Majewski, Dargetz, Brandt, Girod, Bonnet, Lefranc, Lancelm, Durville... Não podemos analisá-los um por um. Veremos, depois, outros mais importantes.

Muitos dos investigadores citados empregaram o chamado “método seco” imitando, com pequenas variantes, o empregado pelo comandante Darget em 1882.

Darget punha um papel fotográfico num envelope de papel impresso ou manuscrito. Depois metia isto num segundo envelope preto para evitar a penetração da luz e ainda colocava o conjunto num terceiro envelope. Durante uma hora ou duas, encostava o papel fotográfico assim preparado sobre a fronte, ou sobre o estômago. Revelada a fotografia com revelador comum via-se fotografado o que estava escrito no primeiro envelope.

66. Alrutz, S.: “Une nouvelle espèce de rayonnement de l'organisme humain”, em “Archives de neurologie et psychiatrie”, Zurique, 1922.

Houve muitas objeções (G. de Fontenay, Saint-Albin, Warcollier...).

Inclusive demonstrou-se experimentalmente que o fenômeno se devia a um simples decalque, pelo efeito do calor, umidade, suor do experimentador...

Tais objeções talvez possam ser revisadas, porque com o “método seco”, a fotografia às vezes saía em positivo, às vezes em negativo e até colorida em vermelho, azul, violeta etc. acomodando-se, mais ou menos, aos desejos do dotado. Será que o dotado previa parapsicológicamente a cor em que sairia o decalque? A experiência mais típica nesse sentido serve-se da eletricidade de uma bobina Ruhmkorff/⁶⁷

O Dr. Rochas comprovou inúmeras vezes, com dotados, que “quando o dedo está suficientemente perto da placa, se desprende um fluido... que se grava sobre a película sensível e que se assemelha em tudo aos eflúvios que os sensitivos veem desprender-se dos dedos...”⁶⁸

Os adversários do “fluido” logo objetaram: “É necessário sobrecarregar o organismo, e para consegui-lo, se serve da eletricidade. É a confissão do réu... numa experiência para demonstrar o “fluido vital ou psíquico”, se apela para a eletricidade: naturalmente, é a eletricidade da bobina Ruhmkorff que opera e produz sobre a placa a imagem fotográfica. Onde está a maravilha?”⁶⁹

Mas a objeção não parece deva ser aceita: as coisas não são tão simples!

67. Instala-se num quarto um pequeno aparelho munido de uma pilha, cuja corrente o aciona e é transformada por uma bobina Ruhmkorff. Um dos fios induzidos se deixa em comunicação com a eletricidade ambiente, podendo-se servir de uma alta antena; o outro fio, bem mais longo, passa a um quarto vizinho, terminando numa pequena placa metálica fixada dentro de uma proveta de vidro, fechada e cheia de água; neste quarto completamente escuro, uma pessoa pega com uma das mãos a proveta de vidro e aproxima um dedo da outra mão de uma placa fotográfica.

68. Rochas D'Aiglum, Eugène, Auguste-Albert de: “L'extériorization de la sensibilité”, 6.^a ed., Paris, Charconac, 1906 (1.^a ed., Chagniel, 1894).

69. Surbled, Georges: “Spirites et Médiums. Choses du Tautre monde”, 2.^a ed., Paris, Vic et Amat, 1901, pág. 57.

Em milhares de experiências, Rochas e, já antes o inventor do método, o físico russo Narkiewicz-Iodko, comprovaram que a impressão na placa fotográfica não dependia da eletricidade, pois esta era sempre a mesma, e a fotografia muito diferente em intensidade, segundo os diversos indivíduos. E somente os dotados conseguiam impressionar a placa de modo notável.

Mais: os dotados conseguiam impressionar a placa imediatamente, enquanto as outras pessoas demoravam até meia hora para conseguir algum efeito por pequeno que fosse.

A efluviografia dependia muito do estado de saúde da pessoa experimentada. A mão de um cadáver não dava efeito nenhum.

Dêstcs e de outros fatos mil vezes comprovados e que, segundo ele, não se explicam com a objeção um tanto simplista dos adversários dos “eflúvios”, Iodko defendeu a tese de que o campo magnético formado pela corrente elétrica extraía do organismo dos dotados “fluido vital” para impressionar a placa.

Trata-se, pois, de um método indireto de demonstrar a existência do “fluido”. Pouco importa se esse “fluido” é uma condensação e condução da eletricidade ambiente ou da força cósmica (!?) ou... Trata-se de um “fluido” que os dotados podem manifestar.

Baraduc “fotografia almas” — O Dr. Baraduc com suas “fotografias de almas” (pois da intensidade e características do “fluido” se deduzia o estado de almas de uma pessoa) confirmaria estas experiências de Narkiewicz-Iodko e de Rochas.

Prescindimos, mais uma vez em todas estas experiências, de outras muitas afirmações como seria dizer que a “força cósmica” é uma “força curva”, que o “fluido” se forma na “atmosfera fluidica periférica” ao corpo humano, “quando e da maneira que nós a liberamos na nossa vibração íntima” etc.^{67 68 69 70}

O sábio acadêmico, Dr. Luys, do “Hospital de la Charité”, de Paris, com a colaboração do especialista Dr. David, fotografou também, centenas de vezes os fluidos dos dotados, mas sem se servir da eletricidade.

70. Baraduc, Hyppolite Ferdinand: “L'âme...”, o. c.

Aplicando a mão sobre uma chapa fotográfica imersa no revelador, os dotados obtinham magníficas fotografias de irradiações digitais, impressões do contorno da mão e, inclusive, a seu redor, uma auréola mais ou menos extensa.

Ghebhard, o incrédulo — Como sempre, veio da parte dos antifluidistas, junto com uma parcela de verdade, a ironia contra certos exageros dos fluidistas, com perigo assim de arruinar tudo, inclusive o que havia de verdadeiro na obra dos “fotógrafos de fluidos”.

O doutor Ghebhard, por exemplo, professor agregado da Faculdade de Medicina de Paris, apresentava uma objeção que obteve êxito assombroso entre os adversários dos fluidos, mas que não derruba tudo, se considerarmos as coisas seronamente.

“Quereis obter som dedos nem mão nem nada de humano os eflúvios digitais ou fluido humano...? Pegai uma chapa fotográfica com um tubo de borracha. Enchei-o do que queirais, menos de sir: areia, água, cascalho, até dar-lhe a consistência e forma do dedo humano. Colocai a chapa fotográfica sob uns milímetros de revelador, capaz de a enegrecer e instalai o dedo de borracha montado sobre o bordo da euveta, uma ponta pousando sobre a gelatina, a outra ponta, curvada para fora, sob a ação de um contra-pêso nela amarrado: imitação completa de um dedo vivo... Vereis, após 4 ou 5 minutos, cobrir-se com uma série de manchas inioalmente, depois com verdadeiros raios que parecerão todos emitir belíssimas auréolas luminosas, cortadas em dois por um estreito nimbo escuro, ao redor da impressão do dedo artificial”.⁷²

Mas outros investigadores como, por exemplo, Baraduc, e Dargct obtiveram fotografias do fluido fazendo com que os dotados aproximassem a mão ou a frente da chapa em seco...

O Dr. Ghébbard acrescenta:

“Esqueceram-se, unicamente, de agitar o revelador; todos os reveladores, ou quase todos, abandonados sobre uma chapa capaz de enegrecer-se, apresentam, sem a menor necessidade de fluidos,^{71 72 *}

71. Imergiam cüretamente a mão num banho de hidroquinina, apoiando a face palmar sobre uma plana de gelatino-bromuro e prata, durante 15 a 20 minutos, na escuridão.

72. Guébbard, A.: “La photographie pour tous”, Paris, 1897-1898, pág. 65.

desde que o banho não ultrapasse alguns milímetros de altura, uma mancha não luminosa, apesar das aparências; mas totalmente química, orientada segundo as linhas, não dos eflúvios elétricos, mas do fluido líquido, e simulando, por sua ação sobre a gelatina nas sucessivas fases, todos estes aspectos que temos visto agora ornados maravilhosamente com belos nomes de fluidos”.⁷³

Não se pode negar que êsses e outros efeitos químicos e físicos (calor, suor do corpo etc.) tenham sido às vezes tomados por resultados dos “fluidos”: urge estar prevenido “contra as tradições da chapa fotográfica”, em frase de Fontenay.⁷⁴ Mas querer, com semelhantes objeções, explicar todas essas questões das fotografias de “fluidos”...

Nos trabalhos de Baraduc, Luys, David, podemos ver que os resultados são muito diferentes, segundo os diversos estados da hipnose com histéricos; e concordantes dentro de cada estado: o estado letárgico, cataléptico, sonambúlico tinham seus eflúvios especiais. A mão de uma anestesiada não produz efeito. Depende do estado de saúde, emotividade e também da vontade. Só os bons dotados conseguem efeitos notáveis.

Outros argumentos contra Giebhard — Se os efeitos fôssem devidos a causas físicas ou químicas comuns como defendem os adversários do “fluido”, ou se se tratasse de um fluido humano especial mas manifestado por todos os homens, segundo o evidente exagêro de alguns fluidistas, todas as chapas fotográficas seriam veladas na sua fabricação,

73. Além cia. bibliografia citada na nota anterior, veja-se Guébbard, A.: “Sur los prétendus enregistrements photographiques du fluide vital”, cm “Rcvuc «cientifique”, ns¹. 106, 108 e 110 de 1897; “Le vrai fluide vital”, ibidem n.º 111, janeiro, 1898; “Sur les phénomènes de ségrégation moléculaire observables dans les liquides troubles abandonnés au repôs”, em “Bulletin de la Société de Physique”, 18 de junho e 16 de julho cie 1897; cfr. também a brochura do mesmo autor: “Photographie sans lumière”, 1898; e as comunicações inseridas cm “Comptes rendus de l’Académie des Sciences”, principalmente 1897, segundo semestre, págs. 814 ss. e 1898, 1.º semestre, págs. 589 ss.

74. De Fontenay, G.: “Le rôle de la plaque sensible dans l’étude des phénomènes psychiques”, em “Annales des Sciences Psychiques”, ns. 1. 4, 11 e 12 de 1912. Cfr., também, sobre as “traduções da placa”. Mondeil, Gaston Jean: “Le fluide humain devant la physique révélatrice et la métapsychique objective”, Paris, Berguer-Levrault, 1927.

dadas as numerosas manipulações que sofrem. Mas este é um efeito parapsicológico, que só os dotados conseguem. Os adversários não explicam este fato peculiar. Só explicam os exageros dos que querem generalizar o fluido como sendo comum a todos os homens.^{75 76 ***}

No começo do século, o engenheiro G. Delanne fôz experiências para responder às objeções de Ghebhard e às outras apresentadas na polêmica anterior, especialmente à objeção do calor.

Com efeito, Bertholet, por exemplo, enchendo de água quente a 38°C um tubo de borracha imitando um dedo, ou uma luva também de borracha, para substituir a mão, e colocando em seco estes objetos sobre uma chapa fotográfica, obteve efluviografias embora um pouco fracas. O tubinho ou a luva, frios, não obtinham resultados.

Yvon apresentou sobre a chapa, uma mão viva, e uma de um morto. Aquela deu uma pequena efluviografia; a do morto, nada. Esquentando, porém, a mão morta 35°C produz-se a efluviografia etc.

Mas, ainda uma vez, isto não invalida efluviografias típicas:

O Dr. Delanne (como também o Pr. Chaigneau etc.) oh teve efluviografias, apesar de interpor entre a mão do dotado e a chapa fotográfica um vidro e uma camada adiatérmica de alumínio de 15 milímetros.⁷⁶ Em contra-experiência colocou, nas mesmas condições anteriores, uma luva ou recipiente com água quente, tendo uma temperatura exterior de 40°C (a mão não poderia superar esta temperatura). Pois, hem, nenhuma efluviografia foi produzida.

75. Neste sentido, e só neste sentido, é válido o negativista trabalho do Dr. Ménéger, em "Revue Métapsychique", 1926, n.º 2, o 1928, n.º 3. Além do mais, esta crítica do Dr. Ménéger refere-se também às chamadas "fotografias do pensamento", e não unicamente às "fotografias do fluido". Também com respeito às "fotografias do pensamento", teremos ocasião de ver que as coisas não são tão simples como pensa o Dr. Ménéger no seu artigo, excelente, porém, no aspecto de evitar exagerados otimismo.

76. Tratava-se de uma cuveta menor, contendo alumínio. A placa fotográfica ficava no banho revelador como parte sensível para cima. Diretamente sobre o líquido, colocava outra cuveta, um pouco menor, mas perfeitamente ajustada à primeira. Esta segunda cuveta continha a espessa camada de alumínio completamente impenetrável pelo calor, mas penetrável, como as experiências demonstraram, pelo fluido dos dotados.

Noutras experiências, tomou providências para evitar o acúmulo de calor na cuveta e para descartar também os efeitos luminosos.⁷⁷ As mãos dos dotados deram boas efluviografias, enquanto as experiências repetidas com recipientes de água quente, tendo temperatura exterior de 40°C, continuaram não impressionando a chapa fotográfica nem com calor, nem com pessoas não dotadas, nem com mãos de cadáveres. A chapa só se impressionava com os dotados.

Tratando-se de efeitos do próprio revelador não movimentado, ou de outros efeitos químicos ou físicos comuns, teriam dado resultados em todas as experiências, e não só com os dotados.⁷⁸

Dois famosos médiuns — Um dia fizeram a famosa dotada Eusábia Palladino segurar uma chapa fotográfica em plena luz, durante 4 minutos. A chapa estava envolvida em três folhas de papel escuro. Ela entrou em transe: sentiu nas pontas dos dedos uma sensação de frêmito elétrico. "Quando tenho esse sinal, dizia ela, posso obter coisas maravilhosas". Revelada a chapa no ponto correspondente ao lugar onde ficara o dedo indicador, ficou um sulco informe, da extensão do dedo.⁷⁹

Em 1910, evitando cuidadosamente toda possibilidade das objeções anteriormente feitas,⁸⁰ o Dr. Ochorowicz constatou o influxo dos que ele chamava raios "X" e raios "Xx" sobre a chapa fotográfica.

77. Substituiu a segunda cuveta por um recipiente de vidro, em forma do paralelepípedo retangular plano, com dois orifícios que permitiam a uma corrente de ar frio circular continuamente no interior da primeira cuveta onde se achava a placa. Passou ainda uma folha de papel de estanho sobre o recipiente, com o que o conjunto ficou sumido em completa escuridão, além de trabalhar em câmara escura.

78. Servimo-nos do resumo elaborado por Ambéry, Edouard, tradução do alemão: "Le téléhypnotisme" ("Le téléhypnotisme et le téléhypnomagnétisme").

79. Lombroso, Cesare: "Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici", Torino, Utet, 1914. Usamos a tradução por Martins de Castro, Almeida: "Hipnotismo e Mediunidade", Rio de Janeiro, F. E. B., s. d., págs. 154 s.

80. Para as objeções apresentadas contra as fotografias de fluidos, e em geral contra os fluidos consultar-se-á, com interesse, além da bibliografia já indicada; Santini, E. N.: "Photographie des effluves humains", Paris, Mendel, s. d. (1900); Bossavy, M. J.: "Les photographies des prétendus effluves humains", Le Mans, 1900; Fontenay, Guillaume de: "La photographie et l'étude des phénomènes psychiques."

Ochorowicz trabalhou com a famosa dotada Stanislaw Tomczyk. No primeiro estágio da emissão dos raios "Xx", formaram-se sobre as mãos da dotada certas manchas que, na chapa apareciam depois, como uma aglomeração de pontos claros. Num segundo estágio, uma espécie de fosforescência claramente perceptível iluminava os espaços interdigitais. No terceiro estágio, a fosforescência abandona a pele e formava entre as mãos um núcleo luminoso. A imagem destes globos luminosos era perceptível depois de colocadas as mãos sobre uma chapa envolvida em papel preto e colocada no chassi: revelada a chapa, viam-se nela várias manchas luminosas em torno de um núcleo central mais escuro e de forma irregular. Estas manchas pareciam ter sido impressas quando estavam em rotação.*⁸¹

Tôda objeção de possíveis causas físicas ou químicas comuns deve ser, ncslc caso, completamente rejeitada. Os raios "Xx" estavam, aliás, em estreita dependência da vontade inconsciente ou consciente da Srta. Tomczyk, como vimos mais expressamente ao estudarmos os fenômenos produzidos pela telcrgia.

Assim, por exemplo: além de produzir a sombra dos dedos da dotada, produziam também a assinatura de Ochorowicz, ou "radiografias" de mãos em diversos tamanhos, e com características que demonstravam a influência da ideoplastia, isto é, do pensamento dirigindo a operação.

Fotografias no pensamento — Modernamente o Dr. La Warr, engenheiro eletrônico, de Oxford, confirmou a existência do fluido.

La Warr inventou um engenhoso aparelho para fotografar as radiações ou fluidos. Essas radiações, segundo La Warr, estão vinculadas à vida e ao pensamento. Explicam (como autêntica telcrgia que são) muitos dos fenômenos parapsicológicos de efeitos físicos.

É possível que, como sempre ao longo da história dos fluidos, também La Warr tenha caído em exageros como o de

Abrégé de trois conférences données par l'auteur à la Société Universelle d'Études Psychiques en 1910 et 1911", Paris, Gauthier-Villars, 1912; e a comunicação do mesmo autor: "Mémoire sur quelques réactions au contact de la plaque photographique", inserida nas atas do 2c Congrès International de Psychologie Expérimentale", Paris, Durville, 1913.

81. Ochorowicz, J.: "Les rayons rigides et les rayons Xx", em "Annales des Sciences Psychiques", ns. 4 a 12 de 1910.

afirmar que, com seu aparelho, se podem fazer diagnósticos de análises clínicas em tôdas as pessoas. Na realidade as "imagens mentais" ou "fluidos humanos" só aparecem fotografados em experiências com um determinado ajudante do Dr. La Warr e não com o próprio La Warr ou sua espôsa.

Por este motivo têm-se feito muitas críticas ao invento (!?). Inclusive os compradores da máquina (industrializada) promoveram numerosos processos contra La Warr, dos quais, porém, ele saiu incólume, porque ao menos é indiscutível sua boa fé.

Mas concedendo que tenha havido otimismo demais por parte do Dr. La Warr; concedendo que é exagerado afirmar que "fotografias do fluido" poderiam ser obtidas com quaisquer pessoas, até o ponto de industrializar a máquina; contudo parccc dever admitir-se que, com alguma determinada pessoa, como o ajudante de La Warr, com certos dotados, é possível fotografar os "fluidos mentais" (e inclusive imagens dos objetos em que se pense: uma garrafa, um carro.. .).

Uma pesquisa imparcial obrigou a constatar a existência da realidade da fotografia do "fluido" com máquina La Warr.

Havia uns investigadores com tendência a negar a priori c abertamente antifluidistas, como o prof. Baranger, da Politécnica de Paris, e o conhecido divulgador da Parapsicologia, Bergier. Este cita o caso para rejeitá-lo. Seu apriorismo, porém, é evidente, pois confessa que "feita uma pesquisa imparcial. . . está obrigado a constatar a existência de um fenômeno. Mas este fenômeno é de tal maneira fora do comum, de tal maneira singular c só realizável em condições tão particulares, que no fundo, ninguém pode vê-lo de perto".

Ora, quem se viu "obrigado a constatar a existência de um fenômeno", acaso pode negá-lo simplesmente porque é "fora do comum e singular..."? Tal atitude tem sido muito freqüente em face dos fenômenos parapsicológicos, mas é desacertada...⁸²

82. Servimo-nos do resumo destas experiências feito pelo mesmo Bergier, Jacques e Duval, Pierre: "Nos pouvoirs inconnus. Les mystères de la psychologie", Paris, "Revue Planète", e. d. (1965), págs. 67 ss.

E ainda poderíamos citar outras muitas experiências. Por exemplo, as do Dr. Dargct, com os chamados por êle “raios V”, de propriedades fotográficas (além de mecânicas); os do professor Flayersgates, americano, que nos fala de raios invisíveis, porém capazes também de influir nas chapas fotográficas quando emanando de bons sensitivos.^{83 84} O Dr. Czerny, da Universidade de Hildebeig, demonstrou em inúmeras experiências as “radiações do corpo humano”⁸⁵ ou, mais recentemente, com nome quase idêntico, as “radiações humanas” de Montandon.⁸⁵ Os “raios Y”, assim chamados pela inicial do nome do experimentador, o Dr. Yourievitch, raios que também influenciam as chapas fotográficas etc. etc.

83. Morselli, Enrico: “La psicologia...”, o. c., vol. II. págs. 164 ss.

84. Czerny publicou um resumo das experiências em “*Chemische Zeitung*”, 1912, págs. 649 ss.

85. Montandon, Raoul: “*Les radiations humaines*”, Paris, Alcan, 1927.

Epílogo

Acabamos recapitulando o que dizíamos na Introdução. Expusemos unicamente alguns dos fenômenos extraordinário-normais de efeitos físicos. Ficam ainda para outras oportunidades, outros fenômenos também de efeitos físicos extraordinário-normais e os paranormais; além das “maneias”, como a escrita automática, o copo ou mesa que se movimenta, a bola de cristal etc., que mais do que propriamente fenômenos parapsicológicos, são técnicas parapsicológicas de manifestação dos conhecimentos do inconsciente. E ficam ainda as teorias, aplicações...

Estudamos os fenômenos fundamentais. Sobre eles se baseiam outros fenômenos mais complexos, como as chamadas “casas mal-assombradas”, “possessões” etc. Analisamos fenômenos que, desde a época da Metapsíquica, foram mais estudados do que os aportes, levitações, bilocações e tantos outros.

Ainda é, porém, de desejar maior aprofundamento e inclusive confirmação, antes de pensarmos em possíveis aplicações práticas dessas maravilhosas faculdades humanas.

Com êste trabalho de revisão, classificação e análise do que foi feito até agora, esperamos, além de esclarecer os conceitos a respeito dos fenômenos estudados, ter também proporcionado o “estado da questão” para as modernas pesquisas e experiências confirmativas.

Tivemos sempre em vista os trabalhos que se programam no “Instituto de Parapsicologia das Faculdades Anchieta”, no Brasil, país onde possivelmente a “matéria prima” seja mais abundante e talvez melhor do que a de outros países.